



interligados

Aden Stone contra o Reino das Bruxas

GENA SHOWALTER

Autora best-seller do The New York Times

UNIVERSO DOS LIVROS



interligados

Aden Stone contra o Reino das Bruxas

Sinopse

Aden Stone finalmente conseguiu o que sempre desejou: um lar, amigos e a namorada dos seus sonhos... Agora ele também é o Rei dos Vampiros. O único problema é que um feitiço de morte foi lançado sobre Aden e seus amigos. E se ele não conseguir reverter essa maldição. Tudo o que conquistou ficará para trás e só lhe restará a dor e a solidão.

As três almas que ainda vivem em sua cabeça continuam a ajudá-lo com as habilidades sobrenaturais: possuindo corpos, ressuscitando os mortos e prevendo o futuro. Essas premonições dizem que o destino de Aden será sangrento e cabe a ele evitar isso. Fazendo as escolhas certas...

A batalha contras as sombras continua. Espécies inimigas se aliam com o objetivo de destruir a força que emana de Aden, a princesa vampira Victoria, o fiel lobo Riley e Mary Ann - que além de neutralizar poderes especiais descobre que pode ter outras habilidades. Muitos desafios foram lançados, alguns enigmas descobertos, mas nada será capaz de desviar Aden e seus amigos de lutarem para continuarem vivos e juntos...

Prólogo



ADEN STONE SE DEBATIA na cama, lençóis estavam caindo no chão.

Quente demais. O suor respingava, fazendo sua samba canção, a única peça que vestia, ficar colada em suas coxas. *Demais.* Sua mente... Ah, sua pobre e arruinadamente. Tantas imagens piscavam e se misturavam com a escuridão intensa, com o caos horrível, com a dor brutal.

Não posso aguentar... Muito mais... Ele era humano, embora o sangue ardente dos vampiros agora corresse em suas veias, o sangue poderoso dos vampiros que permitia que o garoto visse o mundo pelos olhos do doador, mesmo que apenas por um breve intervalo. Aquilo era tão horrível! Aden já tinha vivenciado esse tipo de situação antes. No entanto, naquela noite, ele tinha ingerido sangue de *duas* fontes distintas. Acidentalmente, é claro, mas essa condição não era relevante para aquela dor avassaladora.

Uma das fontes era sua namorada, a Princesa Victoria. A outra, Dmitri, o ex-noivo da vampira que havia falecido. *Enfim.*

Agora os sangues se enfrentavam em um cabo de guerra pela atenção do garoto. Idas e vindas tóxicas. Nada demais, certo? Durante os anos de sua vida, Aden tinha lutado contra zumbis, viajado no tempo e conversado com fantasmas. Ele devia ser capaz de rir dessa nova condição. Errado! Ele sentia como se tivesse ingerido uma garrafa de ácido e cacos de vidro como aperitivo. Um desses o queimava enquanto o outro o cortava em pedaços.

E agora ele estava...

Mudando o foco novamente.

— Ah, Pai. — Aden subitamente ouviu Victoria sussurrar.

Aden recuou. Ela tinha sussurrado, sim, mas alto demais. Os ouvidos do garoto estavam tão sensíveis quanto o restante de seu corpo.

De alguma forma, ele encontrou forças para afastar a dor e focar seu olhar. Um grande erro. Claro demais. A forte melancolia dos arredores de Dmitri tinha aberto caminho para as cores vibrantes de Victoria. Aden agora enxergava pelos olhos dela, incapaz de sequer piscar sozinho.

— Você foi o homem mais forte que já existiu. — Ela continuou em um tom solene. Para Aden, aquilo era como se ele estivesse falando, sua garganta raspava como se estivesse em carne viva. — Como você pôde ter sido derrotado tão rapidamente? — *Como eu pude não saber que isso estava acontecendo?* — Pensou Victoria.

Ela, seu guarda-costas Riley e sua amiga Mary Ann tinham levado Aden para casa na noite anterior. Victoria queria ficar com o garoto, mas ele a dispensara. Aden não sabia como iria reagir a dois tipos diferentes de sangue em seu corpo e Victoria precisava estar com os vampiros durante o período de luto. Por algum tempo, ele tinha tentado dormir, agitando-se e revirando-se, seu corpo se recuperava das agressões que tinha causado... E recebido. Então, aproximadamente, uma hora atrás, aquele cabo de guerra tinha começado. Graças a Deus, Victoria tinha se retirado. Que pesadelo terrível teria sido para Aden ver, pelos olhos da vampira, a si mesmo, naquela situação patética, e saber o que ela estava pensando dele.

Quando Victoria pensasse nele, ele queria que ela se apegasse à palavra *invencível*. Ou, se isso não fosse possível, que ela, pelo menos, se apegasse à palavra *lindo*. Qualquer outro termo, não, obrigado. Porque ele pensava que ela era perfeita, de todas as formas.

Perfeita e doce, e linda. E dele. A imagem da vampira invadiu a mente de Aden. Ela tinha cabelos longos e escuros que se derramavam sobre aqueles ombros pálidos; olhos azuis que brilhavam como cristais; lábios tão vermelhos quanto cerejas. Para beijar. Para lamber.

Ele a tinha conhecido há poucas semanas, embora tivesse a impressão de que a conhecia desde sempre. O que, de uma forma confusa, era verdade. Bem, ele conhecia Victoria há pelo menos seis meses, graças às informações fornecidas por uma das almas que viviam em sua cabeça. Sim, como se vampiros e sangues telepáticos não fossem estranhos o suficiente, Aden dividia sua cabeça, agora, com três outras almas humanas. Mais que isso, cada uma dessas almas possuía uma habilidade sobrenatural.

Julian era capaz de levantar os mortos.

Caleb podia possuir outros corpos.

E Elijah tinha o dom de prever o futuro.

Por meio de Elijah, Aden tinha descoberto que encontraria Victoria antes mesmo de ela chegar a Crossroads, Oklahoma. Um lugar que, no passado, Aden considerava a filial do inferno na Terra, mas que agora ele pensava ser o Paraíso, muito embora aquele fosse um solo extremamente fértil para criaturas supostamente míticas. Bruxas, duendes, fadas, elfos (todos inimigos de Victoria) e, é claro, vampiros. Ah, e lobisomens, os protetores dos vampiros.

E tudo bem. Isso era um monte de criaturas esquisitas. No entanto, se um mito fosse verdadeiro, de certa forma fazia sentido que todos os mitos *também* se tornassem verdadeiros.

— O que vou fazer com... — Victoria começou a falar novamente, trazendo a atenção de Aden para o presente.

Ele realmente queria ouvi-la completar a sentença. Entretanto, antes que a vampira pudesse pronunciar outra palavra, o foco do garoto mudou. Mais uma vez. A escuridão subitamente o envolveu, consumindo-o, fazendo sua ligação com Victoria desaparecer. Aden voltou a se debater na cama, a dor explodia por todo o corpo antes de se ligar ao outro vampiro. Dmitri. O Dmitri morto.

O garoto queria abrir os olhos, ver alguma coisa, qualquer coisa, mas suas pálpebras estavam, de alguma forma, coladas. Em meio a uma respiração trêmula, ele sentia o cheiro de terra e de... Fumaça. Sim. Fumaça. Espessa e nauseante, fazendo sua garganta coçar. Ele tossiu e tossiu. Ou aquilo era Dmitri tossindo? Dmitri ainda estava vivo? Ou aquele corpo apenas reagia porque os pensamentos de Aden corriam por uma mente compartilhada?

Ele tentou movimentar os lábios de Dmitri, forçar para que palavras saíssem para chamar a atenção de alguém. No entanto, os pulmões se apertaram, rejeitando o ar poluído. E, de repente, ele já não conseguia respirar.

— Queime-o. — disse friamente alguém. — Vamos nos assegurar de que o traidor esteja realmente morto.

— Será um prazer. — respondeu outro, com um tom ligeiramente eufórico.

Em meio à escuridão, Aden não conseguia enxergar os falantes. Não sabia se eles eram humanos ou vampiros. Não sabia onde ele estava ou... As palavras do primeiro homem finalmente foram absorvidas, consumindo os pensamentos de Aden. Queime-o...

Não. Não, não, não. Não enquanto Aden estivesse ali. E se ele sentisse cada labareda das chamas?

Não! O garoto tentou gritar. Novamente, nenhum som saiu.

O corpo de Dmitri foi erguido. Aden sentia como se estivesse suspenso, preso a um fio, com a cabeça caindo para trás e os membros esquecidos. Próximo dali, ele ouviu o estalar daquelas chamas assustadoras. O calor passava por ele, girando em volta dele, envolvendo-o.

Não! Ele tentava se debater, lutar, mas o corpo continuava sem nenhum movimento. Não!

Um momento depois, houve um contato. E, ah, sim. Ele sentiu. As primeiras chamas tocaram os pés antes de incendiarem... De espalharem-se. Agonia. Agora maior que qualquer agonia que ele já tinha sentido. A pele estava derretendo. Músculos e ossos, liquefazendo-se. O sangue, desintegrando-se. Meu Deus.

Ainda assim, ele tentava lutar, afastar-se e correr. Entretanto, o corpo sem vida se recusava a obedecer. *Não! Ajuda!* Embora parecesse impossível, a agonia se intensificou... Ardendo por todo o corpo, devorando-o, pedaço por pedaço. O que aconteceria se ele continuasse ligado a Dmitri até o fim? O que aconteceria se ele...

Pontos de luz piscaram em meio à escuridão, pontos que cresciam até se juntarem, e, novamente, ele passou a ver o mundo pelos olhos de Victoria. Mais uma mudança. *Graças a Deus.* Aden tremia, tão ensopado de suor que poderia praticamente nadar. No entanto, apesar da mudança, a dor residual, muito maior que o ácido que ainda raspava nas veias, escorregava dos pés até o cérebro. Ele queria gritar.

Aden estava... Tremendo, ele se deu conta. Não, Victoria estava tremendo.

Uma mão suave e aquecida encostou-se em seu ombro. No ombro dela. Victoria olhou para cima, a visão se embaçava em consequência das lágrimas. A luz da lua brilhava no céu, ele percebeu, assim como as estrelas. Alguns pássaros da noite voavam, gritando uns para os outros... Com medo? Provavelmente. Eles deviam sentir o perigo que estava logo abaixo deles.

Victoria baixou o olhar e Aden observou os vampiros ao redor dela.

Todos eram altos, pálidos, lindos. Vivos. A maior parte deles não estava de acordo com a imagem retratada nos romances. Eles apenas eram diferentes; os humanos eram uma fonte de comida da qual eles não podiam se importar. Afinal, vampiros viviam séculos, enquanto os humanos se debilitavam e morriam rapidamente. Exatamente como Aden logo morreria.

Elijah já tinha previsto a morte do garoto. Essa previsão era um saco, sim, mas o pior dos problemas era como a morte ocorreria: uma faca afiada atravessaria o tão necessário coração de Aden.

O garoto sempre rezava para que esse como mudasse milagrosamente. Até mesmo agora. Uma faca enfiada em um coração queimando até a morte dentro de um corpo que não pertencia somente a ele em nenhum dia da semana. E quando ele teria uma folga, hein? Nada de torturas, nada de lutar contra criaturas, nada de esperar pelo fim, mas apenas desafios, como ser aprovado no colégio e beijar sua namorada.

Aden se esforçou para se concentrar antes de se enfurecer de uma forma que ele esperava ser incapaz de amenizar. A mansão dos vampiros, escura e misteriosa, se elevava atrás da multidão como uma mistura de casa mal—assombrada com catedral romana. Victoria lhe tinha contado que aquela casa estava aqui, em Oklahoma, há quatrocentos anos e que os vampiros a tinham “tomado emprestada” do dono quando chegaram. Aden entendeu que isso significava que o antigo dono tinha servido um excelente bufê de almoço para os vampiros... Usando seus próprios órgãos como prato principal.

— Ele era poderoso, você está certa quanto a isso. — disse uma garota que parecia ter a idade de Victoria. Ela tinha o cabelo da cor da neve recém-caída, olhos verdes como um campo e o rosto de um anjo. Ela usava uma toga negra que deixava o ombro pálido à mostra, a vestimenta tradicional das vampiras, mas aquilo, de alguma forma, parecia... Fora do lugar. Talvez porque ela tenha estourado uma bola de chiclete.

— Um excelente rei. — acrescentou outra garota, colocando a mão do outro lado do corpo de Victoria. Outra loura, mas dessa vez com olhos cristalinos como os de Victoria e com o rosto de um anjo caído. Diferentemente das outras garotas, ela usava um top de couro preto e calças também de couro preto. Havia armas presas à cintura e arame farpado em volta dos pulsos. E não, o arame não era uma tatuagem.

— Sim. — respondeu Victoria com uma voz suave. — Queridas irmãs.

Irmãs? Sim, ele sabia que Victoria tinha irmãs, mas nunca as tinha conhecido. Elas estavam trancafiadas em seus respectivos quartos durante o Baile dos Vampiros, cerimônia que tinha como propósito celebrar o despertar oficial de Vlad, o Empalador, depois de um século de sono. Aden se perguntava se a mãe de Victoria também estaria aqui. Aparentemente, ela tinha sido presa na Romênia por ter contado segredos dos vampiros a humanos. Ordens de Vlad. Que cara legal esse Vlad.

Aden era humano e sabia muito mais do que devia saber. Alguns vampiros (como Victoria) eram capazes de se teletransportar, viajar de um local a outro usando apenas o pensamento. Portanto, se a informação da morte do rei já tivesse chegado à Romênia, a mamãe vampira podia ter chegado a Crossroads em questão de segundos.

— Mas ele era um pai terrível, não era? — Continuou a primeira garota enquanto mascava o chiclete.

As três compartilharam um sorriso pesaroso.

— De fato, ele era. — disse Victoria. — Inflexível, exigente. Brutal com seus inimigos e, às vezes, também conosco. E, ainda assim, é tão difícil dizer adeus.

Ela olhou para baixo, encarando os restos mortais carbonizados de Vlad. Ele foi o primeiro a transformar humanos em vampiros. Bem, o primeiro de que se teve conhecimento. Seu corpo estava inteiro, embora queimado a ponto de não ser reconhecível. Uma coroa se pendurava negligentemente no topo da cabeça calva de Vlad.

Vários anéis decoravam os dedos do vampiro; um tecido de veludo preto envolvia o peito e as pernas.

O corpo morto ainda estava onde Dmitri o tinha deixado. Havia algum tipo de protocolo sobre mover o cadáver real? Ou aquele povo ainda estava chocado demais para tocar em Vlad?

Eles perderam o rei exatamente na mesma noite em que deviam se reunir novamente com ele. Dmitri o tinha queimado até a morte antes de a cerimônia começar e afirmado que o trono agora era seu. Depois, Aden matou Dmitri, o que significava que o garoto agora deveria liderar os chupadores de sangue. De todas as pessoas do mundo, de todos os humanos, Aden. Isso era realmente uma loucura. Ele seria um péssimo rei. Não que ele quisesse tentar ser o soberano.

Aden queria Victoria. Nada mais, nada menos.

— Apesar de nossos sentimentos, ele terá um lugar de honra, mesmo depois da morte. — afirmou Victoria. Seu olhar passou por suas irmãs, chegando aos vampiros que ainda se aproximavam delas. — O funeral dele deve acontecer...

— Em alguns meses. — interrompeu a segunda irmã.

Victoria piscou uma vez, duas vezes, como se tentasse dar partida em seus pensamentos. — Por quê?

— Ele é nosso rei. Ele sempre foi nosso rei. Mais que isso, ele é o mais forte de nós. E se ele ainda estiver vivo sob toda essa fuligem? Precisamos esperar e observar. Precisamos ter certeza.

— Não. — Aden sentiu o deslizar dos cabelos de Victoria, que tocavam nos ombros da vampira, enquanto ela sacudia a cabeça violentamente. — Isso só vai nos dar falsas esperanças.

— Alguns meses é uma espera longa demais, sim. — disse a vampira de olhos verdes que mascava chiclete. Se Aden estava lendo os pensamentos de Victoria corretamente, o nome dessa garota era Stephanie. — Mas concordo que esperar um pouco antes de cremá-lo é uma escolha inteligente. Assim podemos fazer todos se acostumarem com a idéia de que vamos ter um rei humano. Então, por que não chegamos a esse acordo, hein? Vamos esperar, ah, não sei, um mês. Podemos manter nosso pai em uma cripta subterrânea.

— Em primeiro lugar, a cripta é para nossos humanos mortos. E, em segundo lugar, um mês ainda é tempo demais. — Victoria rangeu os dentes. — Se temos que esperar... — Ela fez uma pausa até que suas irmãs acenassem com a cabeça, concordando. — Então vamos esperar... Metade de um mês. — Ela queria dizer um dia, talvez dois, mas sabia que essa sugestão seria recebida com resistência. E, assim, Aden teria tempo para se acostumar com a idéia de ser rei.

A outra irmã passou a língua sobre os dentes muito brancos, muito afiados.

— Muito bem. Concordo. Esperaremos quatorze dias. E, sim, nós vamos mantê-lo na cripta. Ele ficará preso lá dentro, o que vai evitar que qualquer rebelde que ainda exista por aí, o machuque ainda mais.

Victoria suspirou.

— Sim. Tudo bem. Você concordou com a minha condição, portanto, vou concordar com a sua.

— Nossa! Ninguém precisou partir para a violência para ganhar a discussão. A mudança de governo já está funcionando a seu favor. — Stephanie estourou outra bola de chiclete. — Então, enfim, de volta ao nosso querido pai. Ele tem sorte, vocês sabem. Ele morreu aqui, então vai poder ficar aqui. Se isso tivesse acontecido na Romênia, o resto da família cuspiria na cripta.

Houve um momento de silêncio intenso antes que suspiros de indignação preenchessem o local.

— O que foi? — Stephanie abriu os braços, toda inocente. — Vocês sabem que estão pensando a mesma coisa.

Graças a Deus! Victoria não teria de ir para sua terra natal para participar do funeral, Aden não conseguiria viajar com ela, afinal, ele vivia no Rancho D&M, uma casa de recuperação para jovens “rebeldes”, também conhecidos como delinquentes indesejados, onde todas as suas ações eram monitoradas.

Todos acreditavam que Aden era esquizofrênico, afinal, ele conversava com as almas que “moravam” dentro da própria cabeça. E isso lhe havia rendido uma vida de remédios e hospitais. Esse rancho era a tentativa final do sistema para tentar salvá-lo e, se ele estragasse essa chance, seria transferido. Boom. Feito. Adeus. Em outras palavras, Aden teria uma vida de confinamento em um quarto acolchoado.

Ele perderia Victoria para sempre.

— Cale a boca, Stephanie, antes que eu tenha de forçá-la a fazer isso. Vlad nos ensinou a sobreviver e a fazer que os humanos não saibam que nós existimos. Ele nos tornou uma lenda, um mito. Também ensinou nossos inimigos a nos temerem. Só por isso, ele já tem meu respeito. — disse a irmã de olhos azuis, Lauren... Lauren, esse era o nome dela. Lauren virou a cabeça para o lado, subitamente tornando-se pensativa.

— E o que você vai fazer com relação ao mortal enquanto o prazo de quatorze dias já está correndo?

— O Aden... Da Victoria? — Stephanie apertou a sobrancelha. — Esse é o nome dele, certo?

— Haden Stone, conhecido pelo povo dele como Aden, sim. — respondeu Victoria. — Mas eu...

— Seguiremos o governo dele. — disse uma voz masculina, interrompendo a vampira. — Porque, e me diga se você já ouviu isso, ele é nosso governante. — Era Riley, o lobo e segurança de extrema confiança de Victoria, falando enquanto se aproximava do meio círculo que as garotas formaram. Riley olhou para Lauren. — Se você não entende isso, avise-me que desenho. Aden matou Dmitri, Aden está no comando. Ponto final.

Lauren fez uma carranca para ele. As presas da vampira estavam mais afiadas que antes.

— Veja lá como você fala comigo, cachorrinho. Eu sou uma princesa. Você não passa de um funcionário contratado para nos servir.

Mais suspiros reverberaram.

Aden continuava sem conseguir visualizar a multidão, mas ela subitamente preencheria sua linha de visão enquanto Victoria os estudava, pronta para agir se alguém atacasse sua irmã. Eles claramente não gostavam de ver o lobo receber insultos. Nem ela. Os lobos mereciam respeito, muito mais respeito do que era exigido até mesmo para Vlad. Os lobos podiam...

Aden pestanejou quando Victoria limpou a mente. A vampira fazia esforços para se concentrar no que estava acontecendo à sua volta. “Os lobos eram mais importantes que os vampiros?”, Aden se perguntava. “Mais importante que a *realeza* dos vampiros? Por quê?”

Riley deu risada, um humor genuíno.

— Seu ressentimento está aparecendo, Lore. Se eu fosse você, tomaria cuidado.

Dessa vez, Lauren ignorou Riley, voltando os olhos cristalinos para Victoria e esbravejando. — Traga Aden aqui amanhã à noite. Todos vão conhecê-lo. Oficialmente.

E matá-lo antes mesmo de terem se passado quatorze dias?

— Sim. — Victoria consentiu com a cabeça, mas não revelou, nem por palavras, nem por ações, seu temor repentino. — Está bem. Amanhã você conhecerá seu novo rei. Enquanto isso, devemos ficar de luto.

A conversa terminou com todos devidamente castigados.

Victoria suspirou e olhou para o corpo de seu pai. O que significava que *Aden* estava olhando para o pai da vampira. Ele refletiu sobre os restos mortais carbonizados, pensando sobre qual teria sido a aparência do rei antes do ocorrido. Alto e forte, certamente. Teria ele olhos azuis como os de Victoria? Ou verdes como os de Stephanie?

Os dedos de Vlad se moveram, fechando a mão.

Aden ficou paralisado. Ele certamente estava tendo alucinações. Devia mesmo estar tendo alucinações, ele pensou, porque Victoria não parecia ter notado o fato estranhíssimo enquanto Aden observava pelos olhos dela.

Os dedos de Vlad se desenrolaram.

Mais uma vez, Aden ficou paralisado, esperando, avaliando, com o coração espancando as costelas. Não era imaginação. Ele não podia ter imaginado aquilo porque, mesmo enquanto o pensamento se formava, aqueles dedos se debateram como se quisessem se enrolar novamente. Movimento, movimento verdadeiro. E movimento era sinônimo de vida. Certo?

Por que Victoria não tinha notado? Por que ninguém notou? Talvez eles estivessem perdidos demais em meio ao sofrimento. Ou talvez o corpo de Vlad, que no passado fora considerado imortal, estivesse apenas expelindo seus últimos sinais de existência. De qualquer forma, Victoria precisava saber daquilo que o garoto tinha visto.

Victoria, Aden tentou projetar a voz, desesperado para conseguir a atenção da vampira.

Nada. Nenhuma resposta.

Victoria!

Ela acariciou o braço de Vlad, antes de se levantar para instruir o maior dos vampiros a levar o corpo de seu pai para dentro, para os preparativos do funeral. Victoria claramente não ouvia Aden.

E então era tarde demais. O mundo de Aden mudou, realinou-se, a escuridão o envolvia novamente. Não, não era escuridão. Era luz. Tanta luz! Chamas azul-esbranquiçadas cobriam todo o corpo de Dimitri e, por consequência, o corpo de Aden. Queimando, causticando o que sobrava dele.

Dessa vez, Aden gritou. E se debateu.
Ele também morreu.

Um



MARY ANN GRAY ESTUDAVA cuidadosamente seu reflexo no grande espelho de corpo inteiro que havia em seu quarto.

Maquiagem: leve e perfeita. Cabelos: escuros e sem um nó sequer. Cabelos: uniformes, ela ousaria pensar? Sedosos. Roupas: uma impecável camiseta com detalhes em renda e calças *jeans skinny*. Sapatos: botas para caminhada. Ela havia trocado o cadarço branco e fino por um mais grosso e cor-de-rosa, o que dava um toque de feminilidade.

Certo. Ótimo. Mary Ann estava oficialmente pronta.

Respirando fundo e um pouco trêmula, a garota juntou os livros, colocou-os na mochila, jogou-a sobre o ombro e caminhou até o andar inferior, em direção à cozinha. Seu pai a esperava com o café da manhã preparado.

O estômago de Mary Ann se revirou em protesto. Ela teria de fingir comer porque duvidava que conseguisse engolir uma única garfada que fosse. A garota simplesmente estava uma pilha de nervos.

Da sala de estar ela ouviu o barulho das panelas batendo umas contra as outras, da água estalando contra a pia e um suspiro de homem... Derrotado?

Pouco antes de dobrar o último canto do corredor, Mary Ann parou e apoiou o ombro contra a parede, perdendo-se em pensamentos. Algumas semanas atrás, ela e o pai haviam entrado em território desconhecido — um território horrível e incerto. *Seremos sempre sinceros um com o outro*, ele costuma dizer a ela. O-tempo-todo. Obviamente, ao mesmo tempo, ele alimentava as mentiras sobre a mãe biológica dela. A mulher que a criara não lhe dera a luz, mas era, sim, sua tia.

Na verdade, sua mãe biológica tinha a habilidade de viajar no tempo, de se transformar em versões mais jovens dela mesma e, ainda assim, seu pai se recusava a acreditar nela, considerava-a instável. A mulher tampouco podia provar o contrário, pois estava morta e seu espírito havia seguido seu caminho. Ela havia deixado Mary Ann para sempre.

Deus, a perda ainda doía.

A garota teve a oportunidade de passar um dia com ela. Um dia maravilhoso, perfeito, porque Eve, sua mãe, era uma das almas presas dentro da cabeça de Aden, amigo de Mary Ann. Mas logo depois, boom. Eve se fora.

Lágrimas queimaram os olhos enquanto ela se lembrava da despedida, mas Mary Ann as conteve. Ela não poderia se permitir chorar. Seu rímel borraria e ela acabaria parecendo uma vítima de abuso doméstico quando Riley passasse para pegá-la.

Riley.

Meu namorado. Sim. Mary Ann pensaria em Riley e se concentraria no futuro em vez de se prender ao passado. Os lábios até se curvaram levemente, esboçando um sorriso, enquanto o coração acelerava descontroladamente. Ela não o vira desde que foram juntos ao Baile dos Vampiros, quando o rei do povo de Riley havia sido morto e Aden nomeado o novo soberano dos vampiros. Não que Aden quisesse ter esse título — ou as responsabilidades que isso certamente acarretava.

Claro, aquilo tudo havia acontecido no sábado anterior. Porém, um intervalo de dois dias parecia à eternidade quando o assunto era Riley. Ela estava acostumada a vê-lo todos os dias no colégio, além de todas as noites, quando ele entrava escondido em seu quarto.

E, sinceramente, Mary Ann nunca havia gostado de ninguém como gostava dele. Talvez porque não houvesse ninguém como Riley. Ele era intenso e inteligente, doce (com ela) e protetor. E sexy. Todos aqueles músculos... Fortes depois de tantos anos correndo como um lobisomem mutante e lutando como o guardião de uma vampira. Esses dois fatos eram o que forjava as muitas facetas da personalidade de Riley.

Como guardião, ele era frio e distante (com todos, exceto com ela). Precisava ser. Essa era a única forma de realizar um trabalho tão violento. Porém, como lobisomem, era suave, caloroso e aconchegante. *Mal posso esperar para abraçá-lo outra vez*, ela pensou, abrindo o sorriso.

— Você vai ficar de pé aí o dia todo? — Gritou seu pai.

A garota voltou ao mundo real; seu sorriso desapareceu. Como ele sabia que ela estava ali?

Acabe com o massacre emocional matutino. Levantando a cabeça, ela marchou pelo restante do caminho até a cozinha e sentou-se à mesa, deixando a mochila cair nos pés. Seu pai colocou um prato com panquecas diante dela. Os aromas de blueberry e melaço revestiam o ar. Os favoritos de Mary Ann. Seu estômago tinha melhorado consideravelmente enquanto ela pensava em Riley, mas, mesmo assim, a garota não acreditava que conseguiria comer. Ou melhor, não queria arriscar as possíveis consequências — por exemplo, vomitar na frente de seu novo namorado.

O pai de Mary Ann relaxou o corpo na cadeira do outro lado da mesa. Os cabelos louros estavam arrepiados, como se ele os tivesse puxado algumas centenas de vezes. Os olhos cor do céu estavam opacos e circulados por grandes olheiras. Linhas de tensão brotavam da boca, dando-lhe um aspecto de alguém que não dormia há semanas. Talvez fosse verdade.

Apesar de tudo, Mary Ann detestava vê-lo assim. Ele a amava, ela sabia disso. Porém, esse era o motivo pelo qual a traição havia se transformado em um evento tão doloroso. E por “doloroso”, ela entendia “enfiar a cabeça em um moedor de carne e usar o produto como isca de pescaria”.

— Pai. — disse a garota no exato momento em que ele disse: — Mary Ann.

Eles se encararam por um momento e então sorriram. Aquele era o primeiro momento afetuoso que eles compartilhavam há semanas. E aquilo era... Bom.

— Você primeiro. — disse a garota. Ele era médico, um psicólogo clínico, e, portanto, extremamente ardiloso. Com apenas algumas palavras, era capaz de fazê-la expressar seus sentimentos, sem que ela sequer percebesse que havia aberto a maldita boca. No entanto, hoje ela arriscaria deixar os sentimentos escapar porque não fazia idéia de como dar início à conversa.

Ele puxou algumas panquecas para seu prato.

— Eu só queria dizer que sinto muito. Por cada mentira. Por tudo. E eu fiz isso para proteger você, Mary Ann.

Um bom começo. Ela seguiu o exemplo e encheu seu prato. Depois, continuou mexendo na comida, fingindo comer.

— Me proteger de...?

—Do estigma de pensar que sua mãe era uma desequilibrada. Do pensamento de que você teria, de alguma forma... De que você teria...

— Matado minha mãe?

As palavras raspavam na garganta repentinamente apertada de Mary Ann.

— Sim. — ele sussurrou. — Você não fez isso, você sabe. Não foi culpa sua.

Sua verdadeira mãe, Anne (que Aden conhecia como Eve) morrera durante o parto. Esse tipo de coisa acontece às vezes, não é mesmo? Não havia motivos para o pai culpá-la. Mas ele também não sabia de toda a verdade. Ele não sabia que Mary Ann neutralizava habilidades paranormais.

Ela mesma havia descoberto isso há pouco tempo e tudo o que sabia a respeito era que sua mera presença evitava que as pessoas (e as criaturas) empregassem seus “dons”

Se não fosse por Aden, Mary Ann jamais teria descoberto nem mesmo isso. Esse seu amigo era o maior apoio de atividade paranormal de todos os tempos. (E tomara mesmo que fosse. Porque qualquer pessoa mais forte... *Calafrios.*)

Durante a gravidez, a mãe da garota enfraquecia mais e mais. A pequena Mary Ann literalmente sugava a vida de sua mãe. E então, assim que ela nasceu, Anne/Eve simplesmente se foi. Direto para Aden, pensou Mary Ann, suspirando. Aden, que nascera no mesmo dia, no mesmo hospital. Aden, que também havia atraído três outras almas humanas (ou fantasmas) para dentro da cabeça.

Porém, Anne/Eve não se lembrou de Mary Ann logo no primeiro momento — suas memórias se perderam quando ela entrou na cabeça do garoto. Quando eles entenderam o que havia acontecido, sua mãe teve acesso a tudo o que mais queria na vida, àquilo que lhe tinha sido negado quando ela morreu: um único dia com Mary Ann.

E quando o desejo foi realizado, Anne/Eve desapareceu. E nunca mais foi vista. E nunca mais disse nada.

Estômago... Revirando... Outra vez...

Seu pai não sabia de nada disso, e Mary Ann tampouco estava disposta a lhe contar. De qualquer forma, ele não acreditaria. Acharia que era “desequilibrada” como a mãe.

— Mary Ann. — sussurrou o pai da garota. — Por favor, diga como você está se sentindo. Diga o que pensou quando eu...

O som da campainha salvou o pai do tormento de terminar aquela frase, e a filha, da angústia de ter de criar uma resposta. Com o coração palpitando intensamente, a garota pulou. Riley. Ele estava aqui.

— Eu atendo. — disse ela, apressando-se.

— Mary Ann...

Mas ela já atravessava a cozinha, correndo em direção à porta da frente. No momento em que a espessa porta de cerejeira se abriu, a garota pôde ver Riley do outro lado tela. Seu estômago se acalmou completamente.

Ele abriu aquele sorriso de *bad boy*, meio malvado, meio *realmente* malvado.

— Oi.

— Oi.

Sim. Sexy. Ele tinha os cabelos negros e os olhos verde-claros. Era alto, tinha o corpo de um jogador de futebol dedicado que também se interessa por levantar pesos. Os ombros eram largos; a barriga, trincada. Infelizmente, ela não podia ver aquele tanquinho, de dar água na boca, por debaixo da camiseta. A calça jeans estava um pouco larga em volta daquelas pernas fortes, e os sapatos sujos de terra.

Espere aí. Ela havia feito um exame corporal completo? Sim. Com as bochechas esquentando, ela voltou o olhar para o rosto de Riley, que claramente segurava o riso.

— Aprovado? — Perguntou ele.

O calor se intensificava.

— Sim, mas eu ainda não tinha terminado. — respondeu Mary Ann. Ele não tinha o tipo de beleza de um modelo masculino, mas era vigorosamente interessante, com um nariz ligeiramente torto (talvez por ter sido quebrado tantas vezes) e um maxilar quadrado. E ela havia beijado aqueles lábios maravilhosos apenas uma vez.

Quando nos beijaremos outra vez?

Mary Ann estava pronta. Mais que pronta. Aquele beijo tinha sido o ápice da diversão que sua língua já experimentara.

Ele abriu a boca para dizer algo e então a fechou rapidamente. Passos ecoaram atrás da garota, e ela então se virou. Seu pai se aproximava balançando a mochila no braço. Ela se aproximou, pegou a mochila e se apoiou na ponta dos pés, beijando a bochecha do pai antes de se despedir.

— A gente se vê mais tarde, pai. Obrigada pelo café da manhã.

A tensão no rosto do homem diminuiu ligeiramente.

— Até mais tarde, querida. Espero que você tenha um ótimo dia.

— Você também, pai.

Ele encarou o garoto ainda parado na entrada.

— Riley. — cumprimentou severamente o pai de Mary Ann.

Eles haviam se conhecido apenas brevemente. O pai da garota não sabia, mas Riley era mais velho que ele. Algo do tipo... Cem anos mais velho. Sendo um mutante, Riley envelhecia lentamente. Muito, muito lentamente.

— Dr. Gray. — respondeu Riley, respeitoso como sempre.

— Mary Ann. — disse o pai da garota, voltando-se para ela. — Talvez seja melhor você levar uma jaqueta.

Era 1º de novembro e a cada dia fazia mais frio. No entanto...

— Eu vou ficar bem.

Riley a manteria aquecida.

— Prometo.

Simpatias terminadas, Mary Ann voltou até a porta, abriu a tela com o ombro e segurou a mão quente e calejada de Riley. A garota estremeceu. Ela adorava tocá-lo. Como humano e como lobo.

Enquanto andavam, ele tomou a mochila com a mão livre.

— Obrigada.

— De nada.

A manhã estava agitada, embora o sol se escondesse atrás das nuvens e o céu estivesse cinza escuro. Os melros cantavam ininterruptamente (eles ficavam em Crossroads durante todo o ano) e o ar estava fresco e revigorante. Ainda de mãos dadas, eles passaram pelas casas vizinhas à de Mary Ann.

Cada uma delas tinha a forma de uma estação de trem antiga, com pilares, deques, madeira colorida e telhados inclinados sobre dois andares. Ao passarem pela última das casas, aproximaram-se de uma muralha de tijolos que se estendia por quase um quilômetro, fazendo divisa com a densa floresta que se erguia logo atrás. As árvores enormes ostentavam agora folhas amarelas e vermelhas.

O pai de Mary Ann supôs que ela e Riley tomariam o caminho mais longo até a escola, seguindo pelas ruas seguras e pavimentadas, evitando cortar o caminho pela floresta. Mas ele estava errado. Tem horas que uma garota precisa ficar sozinha com seu namorado, longe de olhos espreitando. Ou de ouvidos. A caminhada até Crossroads High era um desses momentos.

— Não acredito que tanto tempo se passou desde a última vez em que nos vimos. — disse Mary Ann.

— Eu sei. Sinto muito. Para mim também pareceu uma eternidade. Eu queria ver você, acredite, mas muitos vampiros têm aparecido em casa para os preparativos do funeral de Vlad.

— Sinto muito. — disse a garota suavemente, enquanto apertava a mão de Riley. — Pela morte. Sei que você o respeitava.

— Obrigado. Precisamos esperar quatorze dias antes de realizarmos o funeral... Não, agora são mais treze dias, eu acho. Depois disso, Aden será oficialmente coroado rei.

— Por que esperar quatorze dias? — Mary Ann não queria nem imaginar o aspecto do cadáver depois de duas semanas.

Riley encolheu os ombros.

— Ele era um rei. As pessoas querem estar realmente certas de que ele morreu.

— Espere aí. Pode ser que ele esteja vivo?

— Não.

— Mas você acabou de dizer que...

— Que as pessoas querem estar certas de que ele morreu, eu sei, mas ainda estão impressionadas, esperançosas. Nada desse tipo aconteceu antes aquele povo.

Mary Ann conseguia entender. Ela ficou bastante confusa depois que suas duas mães morreram.

— Pelo menos Aden ficará feliz com esse adiamento. Acho que ele não está muito entusiasmado com essa história de ser rei.

— Ah, ele já é rei. Não há dúvidas quanto a isso. Nem mesmo Vlad conseguiria se recuperar de queimaduras tão severas.

E Mary Ann se viu novamente dizendo:

— Mas você acabou de dizer que...

— Eu sei, eu sei. A questão é que, vivo ou morto, Vlad não está os governando e alguém precisa governar. Do contrário, haverá caos, desertores e tentativas de tomada de poder.

De qualquer forma, com um humano no controle, provavelmente haveria caos, desertores e tentativas de tomada de poder.

— Além do mais, todos estão... Ansiosos para conhecer Aden, para conhecer os planos que ele tem para o clã. — Continuou Riley.

Ansiosos. Claro. Até parece. Sinto muito, Aden, ela pensou, suspeitando que o garoto ficaria frustrado ao ouvir aquilo. *Parece que você vai ter que se sacrificar pelo grupo.*

— Agora que as questões de vida ou morte estão fora do caminho, você precisa me dizer. Você está bem? — Riley lançou um olhar preocupado para ela. — Depois de tudo o que você presenciou, ando um pouco preocupado.

— Estou bem, eu juro.

E ela estava. Sim, no baile ela tinha visto humanos serem reduzidos a nada além de refeição viva para os chupadores de sangue. Sim, ela tinha visto Aden lutar e, finalmente, matar um dos sanguessugas, queimando-o da mesma forma que o vampiro havia queimado Vlad e depois o apunhalando em seu ponto mais vulnerável: o olho. E, sim, pode ser que aquelas imagens sangrentas a assombrassem por toda a vida.

Apesar de tudo, graças a Aden e Riley, ela estava viva, e todo o resto parecia não importar quando comparado com isso.

— E você? *Você* está bem? — Perguntou Mary Ann. Ele era um guerreiro e provavelmente o simples fato de ousar fazer essa pergunta o tivesse insultado. Ainda assim, ela precisava ouvir a resposta da boca dele.

— Agora estou. — ele respondeu e então sorriu. Um sorriso que a derreteu como um sorvete sob o sol.

Certo. *Lembre-o das outras “questões de vida ou morte”, para que você consiga se concentrar em outra coisa.* Como em limpar as amídalas de Riley.

— Acredito que seja bom saber que nada acontecerá com os vampiros por duas semanas. Temos de ir a uma reunião com as bruxas. Ou melhor, Aden tem de ir.

Ugh! Ela odiava até mesmo pensar naquelas bruxas. Em como elas podiam ser tão poderosas. Em como conseguiam ser tão indiferentes. Em como ela literalmente morreria se Aden não aparecesse naquele encontro.

Algumas semanas atrás, aquelas bruxas haviam lançado um feitiço sobre eles. Um maldito feitiço da morte. Se, em cinco dias, Aden não fosse a uma reunião com elas, Mary Ann, Riley e Victoria, a namorada de Aden, morreriam.

Simples assim. E complicado assim.

Ninguém sabia onde o encontro aconteceria, nem mesmo onde as bruxas ficavam. O que impossibilitava um encontro com elas.

Talvez essa fosse a intenção delas desde o início.

Estômago queimando outra vez.

E, no entanto, aquilo não parecia real. Elas haviam amaldiçoado Mary Ann com a morte se Aden não fosse ao encontro e, ainda assim, a garota se sentia bem. Saudável, completa, como se ainda tivesse décadas, e não dias, de vida pela frente.

Seu coração simplesmente deixaria de funcionar? Ou ela estava se enganando? Nada aconteceria e o feitiço seria apenas uma brincadeira? Uma forma de aterrorizá-la?

Mary Ann tinha passado toda a noite anterior pesquisando sobre bruxas e feitiços, e formas de quebrá-los. As informações mudavam de acordo com a fonte.

A fonte em que ela mais confiava, no entanto, era Riley, e ele disse que feitiços, uma vez proferidos, são inquebráveis.

Os músculos da mão de Riley estremeceram, trazendo Mary Ann de volta ao presente.

— Acredite, não me esqueci do encontro. — A voz do mutante agora soava inexpressiva.

Uma tentativa de não assustá-la? Agora era tarde demais. Embora a perspectiva não parecesse real, Mary Ann ainda estava muito assustada. Riley acreditava piamente no poder das bruxas, o que significava que, no fundo, ele acreditava que todos daquele grupo logo morreriam.

—Você tem idéia de onde ocorrerá esse encontro? — Perguntou a garota, embora já soubesse a resposta.

— Ainda não, mas estou tentando descobrir.

Que frustrante! Não que ela estivesse frustrada com ele, claro que não, mas com toda aquela situação.

— Tudo vai ficar bem. — disse Riley, como se sentisse que ela ficava mais incomodada a cada minuto. Ele provavelmente sentia isso. Ele podia ler auras e, portanto, emoções. — Nós vamos dar um jeito nisso. Prometo. Eu jamais deixaria algo de ruim acontecer a você.

Mary Ann confiava nele. Ah, como ela confiava. Mais que em qualquer outra pessoa. Ele nunca mentia para ela. Mostrava os fatos, de forma direta, de forma nua e crua, independentemente de quão duros eles pudessem ser.

Finalmente, os dois chegaram ao muro e, embora não estivessem nem um pouco próximos do portão, pararam. Sem dizer uma palavra, Riley pulou sobre a estrutura de mais de dois metros. Seus movimentos cheios de charme faziam o pulo parecer perfeito. Sorrindo, ele reclinou o corpo e ofereceu ajuda a Mary Ann.

Mesmo assim, ela precisava usar toda a sua força para alcançar a mão de Riley. Provavelmente, ela parecia um coelho convulsivo, pulando enquanto esticava a mão para conseguir alcançá-lo. No entanto, assim que os dedos se entrelaçaram, ele a puxou sem esforço algum.

— Obrigada. Por tudo. — disse ela enquanto se equilibrava. — E não quero mudar de assunto, mas você acha que Tucker ficará bem?

Tucker. Ex-namorado de Mary Ann. Eles o haviam resgatado no Baile dos Vampiros, evento em que ele fora escolhido como cardápio da noite.

Riley pulou no chão do outro lado do muro. Novamente, o movimento foi perfeito e o impacto do pouso, quase inaudível.

— Ele sobreviverá. Infelizmente. — Ela pensou ouvir uma pontada de ciúmes. — Ele é parte demônio, lembra? — Riley levantou os braços, esperando por ela. — Os demônios se recuperam mais rápido que os humanos.

Ela tinha feito isso tantas vezes que sequer hesitou; ela também pulou. O garoto a segurou e a ajudou enquanto ela deslizava por seu belo corpo, até os olhares finalmente se encontrarem. As palmas das mãos de Mary Ann se ergueram e se apoiaram no peito de Riley. O coração dele batia forte. E o dela também.

— Demônio. Como se eu pudesse esquecer.

Aquele sangue de demônio era o único motivo pelo qual Tucker a tinha namorado. Mary Ann o “acalmava”, como ele havia confessado após o fim do namoro. Um fim que aconteceu sem brigas. Não porque ele a amava, mas porque ele precisava de mais daquele calmante, como se Mary Ann fosse um sedativo. E talvez ela fosse.

Às vezes ela se perguntava se esse seria o motivo de Riley estar com ela. Porque ela também o acalmava. Afinal, ele também era uma criatura sobrenatural, e a presença de Mary Ann devia acalmar o animal selvagem e feroz que havia dentro dele.

Mesmo que fosse isso, ela ainda iria querer ficar com ele. Mary Ann estava viciada em Riley e adorava aquele seu lado selvagem. No entanto, ela ainda queria que ele a desejasse por quem ela era, e não pelo que ela podia fazer. De qualquer forma, Mary Ann sempre poderia ficar contente em saber que agora ela acalmava e não sugava as energias, como fizera com sua própria mãe.

— Você parece triste. — disse Riley, inclinando-se para o lado enquanto a observava. — Por quê?

Pensar em sua mãe sempre a deixava melancólica, mas esse não era motivo da emoção que brotava em seu ser.

— Estou...

O que ela poderia dizer? Ela não queria mentir para ele, mas tampouco queria confessar seus medos. Seu medo de talvez não ser tão interessante quanto a habilidade que possuía. Ela pareceria carente e sua auto-estima pareceria baixa. *Essa é você? Você é isso?*

Sem avisar, Riley a empurrou para a esquerda. Mary Ann gritou enquanto todo o mundo parecia girar. De repente, ela se viu com as costas pressionadas contra o tronco de uma árvore. O choque não foi intenso. Mãos fortes amorteceram a pancada e a garota nem sequer sabia que havia algo atrás dela, se não fosse por sua incapacidade de mover. Não que ela quisesse se mover.

No momento seguinte, Riley a imobilizou completamente, prendendo-a ali, colocando as mãos sobre suas têmporas.

— Estamos sendo atacados? — Ela conseguiu dizer. Algo (ou alguém) os estaria ameaçando? Haveria...

—Você é linda, sabia? — Disse Riley, com a voz rouca. Nenhuma ameaça, então. Ela se derreteu.

— O... Obrigada.

De qualquer forma, Mary Ann não sabia se concordava com o elogio. Talvez ela pudesse ser chamada de “graciosa” em seus melhores dias. Ela apenas... Bem, tinha um rostinho de bebê. Um pouco arredondado, com covinhas. Pele bronzeada, como a de sua mãe (o único atributo do qual ela realmente gostava) e olhos castanho-claros.

— Você também. Quero dizer... Você também é uma graça.

— Não sou, não. — disse ele, contrariado, embora seus olhos brilhassem como esmeraldas. — Sou másculo.

Mary Ann deixou uma risada escapar.

— Definitivamente másculo. Não sei o que eu estava pensando para dizer que você é uma “graça”.

Perfeição seria uma palavra melhor para definir aqueles traços fortes.

— Você me perdoa?

— Sempre.

Riley se inclinou, encostando o nariz no pescoço de Mary Ann, e inspirou.

— Eu já falei que você tem um cheiro maravilhoso? Algo como cookies com açúcar e baunilha.

— É o creme que uso.

Aquela voz sem fôlego era realmente dela?

— Bem, seu creme vai me fazer morder você.

E esse era o plano.

— Ah, é?

— É!

Riley levantou a cabeça, mas apenas ligeiramente, e a ponta do nariz deles se tocaram. Ele estava ofegante, assim como ela. Portanto, toda vez inspirava, ela sentia o cheiro dele. Ela poderia ter cheiro de cookies, mas ele tinha o cheiro da floresta que os cercava. Selvagem e natural, e *necessário*.

Mary Ann cobriu a nuca de Riley com uma mão, enquanto apoiava a outra sobre o coração dele. Os batimentos agora estavam mais rápidos, tão rápidos que ela nem sequer conseguia contar. O calor dele a envolvia como um casaco de inverno, mantendo-a bem aquecida, exatamente como ela esperava.

— Riley?

— Sim. — Essa palavra única foi um rosnado baixo e tremido.

— Por que você se sentiu atraído por mim?

Por Deus! Ela tinha *mesmo* perguntado isso? E, sim, ela soava carente.

— Querendo receber elogios, querida? Tudo bem. Estou com você porque você é corajosa. Porque você é doce. Porque se importa com seus amigos. Porque toda vez que olho para você, meu coração bate freneticamente, como provavelmente pode sentir agora, e eu consigo pensar em passar mais tempo com você.

— Ah! Que lindo!

Uma resposta boba, mas ela não sabia o que mais poderia dizer. Ele tinha acabado de abalar o mundo dela. E agora ela queria abalar o mundo dele.

— Me beije.

Pouco a pouco, ela se aproximou, e a boca deles estava cada vez mais perto.

— Com todo o prazer.

E então os lábios se encontraram.

Mary Ann automaticamente abriu a boca, deixando a língua de Riley atravessar, e aquilo era como ser atingida por um raio. Elettrizante. *Tão bom!* O gosto de Riley era tão bom, tão selvagem, tão natural quanto seu cheiro. Tão necessário quanto seu cheiro.

Os dedos do garoto deslizaram sob a barra da camiseta de Mary Ann e se apoiaram no quadril, esquentando a pele sensível daquela região. Ele a puxou para longe da árvore e para junto de seu corpo. Ela apaixonadamente o seguiu. Tão bom, pensou Mary Ann novamente.

Aquele era o segundo beijo, e estava sendo muito melhor que o primeiro. O que Mary Ann pensava ser impossível. O primeiro beijo a havia consumido, mas esse a acendeu e a queimou até a alma.

E assim eles ficaram, perdidos um no outro, por vários minutos, saboreando um ao outro, com as mãos passeando (embora de forma não muito atrevida) e desfrutando-se mutuamente.

— Adoro beijar você. — ele sussurrou.

— Eu também. Quer dizer, eu também adoro beijar você. Não eu mesma.

A risada de Riley fez um ar quente bater levemente contra a bochecha da garota, fazendo arrepios brotar no pescoço.

— Enquanto estivermos na escola, não vou conseguir pensar em nada mais. Só nisso. Só em você.

Gemendo, Mary Ann o puxou, pedindo por mais. O entrelaçar da língua deles a excitava como nada jamais a excitara. A sensação de tê-lo contra o corpo, tão forte e tão certo, causava-lhe arrepios. Talvez outras garotas o olhassem e o desejassem, mas era para ela que ele olhava com desejo.

Está bem, mas por que ele realmente quer você? Por que você acalma o lobo que existe dentro dele?

Medo idiota.

Ela enrijeceu e Riley se afastou. Ele estava ofegante. Gotículas de suor se formavam na testa.

— O que há de errado? — Perguntou o garoto.

— Nada.

— Não acredito, mas você me dirá a verdade depois, depois que as chamas se acalmarem e eu conseguir pensar direito, certo?

Ele não conseguia pensar direito? Ela quase sorriu.

— Sim.

Talvez.

— E, de qualquer forma, nós precisávamos parar.

As mesmas palavras que ele tinha dito da última vez.

Se Mary Ann não estivesse tendo dificuldades para recuperar o fôlego, teria suspirado.

— É, eu sei.

Decepcionante, mas indiscutível.

— Se não pararmos, vamos nos atrasar para a escola.

— Ou simplesmente não vamos à escola.

Além do mais, ela não queria que sua primeira vez acontecesse em local aberto. Não que ela contaria isso para ele.

Relutantes, eles se afastaram e seguiram caminho em direção a Crossroads High. Ela não se conteve. Levantou a mão e passou a ponta dos dedos sobre os lábios. Eles estavam inchados. Provavelmente vermelhos. Definitivamente úmidos. Alguém saberia, só de olhar, o que ela Riley estavam fazendo?

Vinte minutos depois, eles chegaram ao limite da floresta e pisaram na propriedade da escola. O enorme prédio entrou no campo de visão, formando uma meia-lua de três andares. Em vários pontos, o telhado apontava na direção do céu. Os tijolos salmões estavam decorados com várias faixas pretas e douradas em que se lia *“Go Jaguars”*.

O gramado estava bem cuidado, lentamente passando de verde para amarelo e depois para quase branco. Os carros avançavam pelo estacionamento e os jovens corriam pelos degraus de concreto, passando pelo mastro sem sequer olhar para a bandeira.

Diante das portas mais próximas, estava Victoria. Sozinha. Ela marchava, retorcendo as mãos, agitada. Vestia uma camiseta preta que combinava com a minissaia e os cabelos negros se derramavam sobre as costas. Um feixe de luz solar a banhava, como se fosse atraído por ela, fazendo o azul dos olhos praticamente brilhar.

Quanto mais jovem fosse o vampiro, mais tempo poderia passar sob o sol. Mary Ann sabia disso. Porém, quanto mais envelheciam, mais o sol queimava e feria. A pele se tornava surpreendentemente sensível, já que, nos vampiros jovens, era tão espessa e resistente quanto mármore, a ponto de nem mesmo uma lâmina conseguir cortá-la.

Victoria, porém, ainda estava em uma idade (oitenta e um ou alguma coisa próxima disso) em que o sol não a incomodava. Assim como os lobos, os vampiros envelheciam lentamente.

Pela primeira vez, esse pensamento chateou Mary Ann. Victoria e Riley envelheceriam no mesmo ritmo, enquanto Mary Ann perderia o vigor e se tomaria uma baranga. Ai, Deus. Que humilhante! E agora ela queria dar algumas pancadas na vampira, só por uma questão de princípios.

— Vocês viram Aden? — Perguntou Victoria assim que eles chegaram. Se ela já era normalmente pálida, hoje estava mais branca que um giz.

— Não. — responderam Mary Ann e Riley em uníssono. Nesse momento, a garota se lembrou da última vez em que o tinha visto. Eles o tinham ajudado a entrar escondido no quarto no rancho e ele caíra na cama. Aden estava pálido, tremendo, suando e respirando com dificuldades.

Mary Ann pensou que Aden descansaria e que o descanso faria ele se recuperar. E se...

— Bem, ele não estava no rancho hoje de manhã. — Victoria se apressou em dizer. — Mas ele deveria estar lá, porque combinamos que viríamos caminhando juntos até a escola.

— Talvez ele já esteja lá dentro. — disse Riley.

A preocupação da vampira não diminuiu. Na verdade, ela passou a mexer as mãos de forma ainda mais agitada.

— Não está. Já verifiquei. O segundo sinal já está prestes a tocar. Vocês sabem que ele não pode se atrasar. Ele vai arrumar confusão, vai ser expulso. E vocês sabem que ele faz qualquer coisa para não ser expulso.

— Talvez ele esteja doente. — disse Mary Ann, sem acreditar em suas próprias palavras. Se esse fosse o caso, ele estaria no rancho, ainda na cama.

Além do mais, Victoria estava certa. Aden nunca se atrasava. Não por temer uma expulsão, mas porque nunca perdia uma oportunidade sequer de passar algum tempo com sua princesa. Ele adorava aquela garota.

— Vou procurar por ele. — Riley olhou para Mary Ann e, antes que ela pudesse dizer que iria com ele... — Fique aqui com Victoria.

— Não, eu...

— Sou mais veloz sem você.

Constrangedor, mas verdadeiro.

— Está bem. Está certo. Mas seja cuidadoso.

— Riley... — começou a dizer Victoria. — Eu...

— Você também fica. — ele reiterou.

Com as muitas criaturas que agora rondavam as ruas daquela pequena cidade, ele não deixaria Mary Ann sem segurança. Seu instinto de defesa era uma propriedade tão definida quanto seu abdômen.

Victoria concordou, embora um pouco contrariada.

— Você é meu soldado, sabia? Teoricamente, você deve obedecer às minhas ordens. — esclareceu a vampira.

— Eu sei, mas é o rei do meu povo que está em pauta. Desculpe-me por dizer isso, minha querida, mas agora ele está em primeiro lugar.

Lançando um último olhar para Mary Ann, Riley deu meia volta e seguiu logo desaparecendo em meio às árvores.

Dois



ADEN ACORDOU COM UM SOLAVANCO, um grito de dor preso na garganta, um olhar selvagem catalogando tudo o que estava à sua volta. Quarto. Escrivaninha. Cômoda. Paredes brancas. Assoalho.

Seu quarto no alojamento do rancho, então.

Vivo. Ele estava vivo, e não queimado como um churrasco. Graças a Deus. Mas...

Ele estava intacto? O garoto passava a mão pelo corpo enquanto se observava. Pele? Confere. Suave e aquecida, bronzada, mas não frita. Dois braços? Confere. Duas pernas? Confere. E mais importante: agora ele era uma garota? Não. Graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus. Aden suspirou aliviado, afundou sobre o colchão e relaxou todo o corpo.

Ele estava ensopado de suor. Os cabelos estavam grudados sobre a cabeça e a sambacação fazia parecer que ele... Dava a impressão de que ele... Suas bochechas enrubesceram e esquentaram. Se Shannon, seu colega de quarto, o visse assim, faria brincadeiras sobre um sonho molhado.

Embora fosse uma brincadeira bem-humorada. Amigos faziam isso. Ainda assim... Não, obrigado. Ele...

Olhou para o estrado da parte de cima do beliche, onde Shannon dormia, e arregalou os olhos. Havia sulcos profundos nas ripas de madeira, como se ele tivesse arranhado e chutado a cama do amigo. Repetidas vezes. Aden olhou para as unhas e, como era de se esperar, elas estavam esfoladas e cheias de sangue, com farpas de madeira debaixo delas.

Ótimo. O que mais ele teria feito quando estava sob o efeito do sangue de vampiro?

Preocupe-se com isso depois.

— Elijah? — Chamou. Hora da chamada.

Presente, disse o sensitivo, sabendo o que estava prestes a acontecer.

Tudo bem com um deles.

— Julian? — O despertador de cadáveres, como eles o chamavam. Um simples passo no cemitério e, olá, mortos-vivos.

Aqui.

Legal. Tudo bem com dois. Só falta um.

— Caleb? — O possuidor de corpos.

Fala, mano.

Ótimo. Todos estavam ali.

No passado, Aden queria que eles desaparecessem. O garoto os amava, mas, por favor! Um pouquinho de privacidade não faz mal a ninguém. Aden, porém, havia perdido Eve. O nome dela durante a “vida real” pode ter sido Anne, mas, de qualquer forma, ela sempre foi e sempre será Eve para ele.

E ele sentia falta dela, sua viajante do tempo com instinto maternal. Sentia muita, muita saudade. Agora ele já não estava certo de que conseguiria suportar a possibilidade de perder os outros. Eles eram parte dele. Seus melhores amigos. Seus companheiros constantes. Aden precisava deles.

Como de costume, essa linha de raciocínio fez o garoto se sentir culpado. Eles mereciam a liberdade. Queriam a liberdade. Talvez. Desde que Eve partira, eles não haviam pedido a

Aden para descobrir quem tinham sido antes de se mudarem para sua cabeça. Era como se tivessem medo de o garoto encontrar a resposta e eles também terem de partir rumo ao desconhecido.

Para onde Eve tinha ido, isso nenhum deles sabia. Tudo o que sabiam é que ela havia desaparecido e nunca mais voltado.

Então, o que está acontecendo? Perguntou Caleb.

O que ele quer dizer, respondeu Caleb, *é que tivemos sonhos quentes. E não estou falando de quente no bom sentido. Nós queimamos, cara. Queimamos.*

E a maioria de nós não costuma dividir os sonhos, acrescentou Julian.

Bem, Elijah compartilhava os sonhos, mas só porque era sensetivo e suas visões eram visões de Aden. Porém, essa noite, a noite passada, *seja lá quando foi aquilo*, não se tratava de uma visão. Tinha sido real, uma fusão das mentes.

No entanto, agora faltavam pedaços na memória de Aden. Ele se lembrava de ter visto Victoria, sentido aquelas chamas e também de ter conhecido. . . As irmãs da vampira? Sim, as irmãs. Mas nada mais parecia claro. Todo o resto do que tinha acontecido parecia borrado, como se sua mente não conseguisse processar o que tinha visto. No entanto, se isso fosse verdade, por que então ele se lembrava de ter sido queimado vivo? Por que todos eles se lembravam disso? Isso não deveria ser a parte que eles esquecem? Algo doloroso demais para ser lembrado?

E aí? Disse Julian. *Seria bom receber uma explicação.*

— Sangue de vampiro. — Aden os lembrou. O garoto não podia simplesmente pensar em suas respostas porque seus amigos não conseguiram ouvir sua voz interna em meio ao caos. — Nós vimos por dois olhos diferentes.

Ah, claro. E por falar em vampiros, onde está a nossa vampira? Perguntou Caleb.

A alma estava falando de Victoria. *Ela é minha*, Aden sentiu vontade de gritar, mas permaneceu em silêncio. Caleb, o pervertido, não pôde se conter. Ele vivia pelas garotas e talvez nunca tivesse tido uma transa.

— Ela deve passar por aqui para caminhar com a gente até a escola.

Que horas seriam?

Antes que ele conseguisse olhar o relógio na escrivaninha, a porta do quarto se abriu e Seth e Ryder entraram.

— Shannon não vai se importar. — dizia Seth. Seth Tsang. Um sobrenome asiático, embora fosse impossível distinguir sua etnia simplesmente olhando para ele. Seth tinha mechas vermelhas nos cabelos negros, os olhos azuis e a pele clara.

Ryder Jones, que vinha logo atrás de Seth, franziu a testa. Ele também tinha cabelos negros, mas seus olhos eram castanhos.

— Tem certeza? Você sabe como esse cara é possessivo com as coisas dele.

Aden agarrou o lençol e o jogou sobre a parte inferior do corpo ensopado.

— Ei, pessoal. Não sabem bater na porta?

Eles ignoraram.

— O que vocês estão procurando? — Resmungou Aden.

Mais uma vez, eles ignoraram. Aliás, eles nem sequer olharam na direção do garoto.

— Procure na escrivaninha. — disse Seth a Ryder, que se arrastou adiante, obedecendo.

Aden franziu a testa. No passado, esses dois o odiavam. No passado, mas não mais. Eles tinham dado uma trégua depois que seu ídolo “*tratem-todos-como-idiotas*”, Ozzie, tinha sido expulso do rancho (e, no último final de semana, sugado por vampiros). Não que eles soubessem dessa parte. Eles sabiam tanto a respeito do “outro” mundo quanto Aden sabia do passado.

Então por que a rejeição agora?

— Onde está? — Murmurou Seth, agachando na frente do armário e vasculhando as roupas no chão, ostentando no pulso a tatuagem de cobra.

— Onde está o quê? — Insistiu Aden, sentando-se.

Mais uma vez, eles o ignoraram.

Camisas e calças *jeans* foram arremessadas sobre o ombro de Seth, seguidas por sapatos. Na escrivaninha, papéis eram amassados sob as mãos de Ryder. Vários minutos se passaram. Aden tagarelava constantemente.

— Essa piada não é engraçada, tentem algo original, vocês vão falar comigo ou não?

Sem sucesso. Ele finalmente se levantou, deixando os lençóis caírem, esquecidos, e então caminhou até a escrivaninha.

Na tentativa de provocar alguma reação em Ryder, Aden esticou o braço. No entanto, a mão passou através do corpo do garoto.

Não! Impossível! Não mesmo!

O coração de Aden golpeou as costelas enquanto ele tentava novamente, dessa vez tremendo. Mais uma vez, sua pele passou através da pele de Ryder, e tudo o que Aden conseguiu fazer foi ficar ali, cambaleando com os olhos arregalados.

Inferno! Como aquilo era possível? Ele tinha queimado até a morte, sim, mas no corpo de outra pessoa. Ele pensou que... Ele supôs que... Será que ele também estava morto? Realmente morto?

Não. Não, mesmo. Mas...

Com o sangue gelando nas veias, Aden seguiu na direção de Seth.

— Encontrei. — disse Seth, levantando-se. Triunfante, o garoto levantou um livro. Um livro sobre vampiros. Em qualquer outro momento, Aden teria se debatido com a escolha de Shannon.

— Shannon é estranho, cara. Ele sempre lê essas porcarias. Isso nos poupa do trabalho de ir até a biblioteca, mas, caramba, nunca escrevi um relatório sobre loucos com presas antes, e não é agora que quero fazer isso.

— O Sr. Thomas é que é o esquisito, cara. Temos de escrever sobre quão malvados são esses sanguessugas. Como se eles realmente existissem, não é mesmo? Não consigo levar isso a sério. É provável que eu tome bomba, mas veja a minha cara de quem se importa com isso.

Aden, tremendo ainda mais intensamente, tentou segurar o pulso de Seth com os dedos. Nada. Nenhum contato sólido. A bile o queimava até a garganta. Ele bateu o braço com força na lateral do corpo e cambaleou para trás, a visão estava embaçando, e uma vertigem invadindo a cabeça.

A resposta para sua pergunta? Morto, Aden realmente estava morto.

Essa era a única resposta que fazia sentido.

Os garotos se apressaram para fora do quarto, resmungando sobre os novos tutores idiotas e sobre os trabalhos escolares sem sentido. Aden apenas ficou ali. Condenado a viver o resto da eternidade como fantasma?

Deus, era assim que as almas se sentiam? Em uma armadilha? Sem controle? Perdas?

— Pessoal. — sussurrou Aden, sem saber como começar. Se fosse um fantasma, o garoto não poderia ajudá-los a descobrir quem eles foram na outra vida. E se ele não conseguisse ajudá-los a descobrir quem foram em outras vidas, eles jamais conseguiriam se libertar. Se é que eles ainda queriam isso. — Acho que... Eu... Isso é...

— Olá, Aden.

A voz masculina veio de trás e, então, o garoto deu meia volta. Lá, na entrada, estava o novo tutor do D&M. Não de Aden ou de Shannon, uma vez que os dois frequentavam a Crossroads High, mas de todos os outros rapazes. O Sr. Thomas apareceu no dia do Baile dos Vampiros, e Dan o contratou logo de cara. O que era completamente diferente das atitudes

que Dan costumava tomar. Nada de verificar antecedentes, nada de longas entrevistas. Apenas “você é perfeito!”.

O mais estranho era que os garotos agiam como se o conhecessem há muito tempo e até já se sentiam à vontade para reclamar dele. Aden não tinha oficialmente conhecido aquele homem, mas Victoria havia secretamente chamado a atenção do garoto para aquilo. O Sr. Thomas era, ou pelo menos se mostrava ser, um desses tutores no estilo “vamos todos aprender e crescer”. Na verdade, entretanto, ele era um elfo, inimigo de Victoria e cuja missão era descobrir quem estava ajudando a vampira.

O homem não se parecia com a imagem que Aden tinha de fadas e elfos, aquela imagem de seres pequenos e alados. Em vez disso, ele era alto, magro, de pele dourada e até mesmo levemente brilhante (está bem, isso sim era típico de fadas e de elfos).

Aden nunca tinha visto um rosto tão perfeito. Não havia uma falha sequer. Olhos azuis perfeitamente espaçados, um nariz perfeitamente inclinado, lábios perfeitos, nem grossos demais, nem finos demais.

E o fato de Aden ter notado isso era bastante constrangedor. Se alguém descobrisse, já iria logo fazer piadinhas sobre sua masculinidade ou algo assim.

— Você consegue me ver? — Aden engoliu em seco. — Consegue ouvir?

— Sim. — E eu estou... Morto? — Dizer essa palavra era mais difícil que pensar nela. E como o elfo conseguia ver e ouvir o que Seth e Ryder não conseguiam?

O Sr. Thomas soltou uma gargalhada, quase como uma nota saindo de uma harpa.

— Não exatamente. Você está... Em outro lugar.

Aden gostaria de poder se confortar com isso.

— Em outro lugar? — E tudo era igual? — Está bem. Onde estou? Como vim parar aqui?

— Aden passou os dedos pelos cabelos — O que está acontecendo?

Aden, disse Elijah, com um tom de advertência em sua voz. Tenho um mau pressentimento a respeito disso.

O temor o invadiu. Os maus pressentimentos de Elijah eram... Maus.

— Tantas perguntas. — O homem estalou a língua, apontando para a cadeira próxima à escrivaninha. — Sente-se, por favor, e tentarei responder. Depois que você me responder algumas perguntas, é claro.

O que poderia ter sido apenas um pedido atingiu Aden como uma ameaça. E com a advertência de Elijah, o garoto suspeitou que uma briga logo explodiria. Aden verificou a existência de armas. Ele não tinha nada ali com ele, mas as adagas estavam escondidas nos sapatos. Sapatos que ele não estava usando e nos quais talvez sequer conseguisse tocar. Sapatos que estavam... Perfeitamente colocados ao lado da cama, ele notou.

— Sente-se, Aden. — Ambas as palavras foram expressas com autoridade.

Dessa vez, Aden se sentou. Sem tentar alcançar as adagas. Ele não queria demonstrar seus (provavelmente) melhores golpes, a não ser que isso fosse absolutamente necessário.

Antes de essa reunião terminar, vai rolar sangue, disse Elijah.

O nosso? Perguntou Caleb, irritado e com medo. Porque gosto do nosso sangue e não estou afim de perder uma gota sequer dele.

— Meu nome é Thomas, Sr. Thomas. — disse o homem antes que Elijah pudesse responder, andando até parar a poucos centímetros da cadeira em que Aden estava sentado. O homem, então, cruzou as mãos nas costas, deixando as pernas separadas. Posição de guerra.

Aden conhecia essa posição muito bem. Ele havia permanecido nela muitas vezes — justamente antes de se lançar contra a pessoa que o ameaçava. Concentre-se. Aquele nome comum não combinava com as características perfeitas daquele homem, de forma alguma. Certamente era um pseudônimo. Aden tascaria um beijo mega molhado bem na boca daquele homem se ele realmente se chamasse Thomas.

— Você quer respostas. — disse Aden, enquanto se perguntava: respostas de quê? — Então você terá que me dizer o que quero saber. Em primeiro lugar, como estamos aqui sem estarmos aqui? Como estou vivo e invisível?

Um pesado silêncio se instalou por alguns instantes. Inicialmente, Aden pensou que Thomas poderia querer atacá-lo por usar suas táticas contra ele. A cada segundo que passava, a fúria naqueles olhos azuis aumentava. Fúria e indignação.

Por fim, o elfo disse: — Seu povo chamaria esse lugar de “outra dimensão”, embora esse seja o verdadeiro reino de Fae.

Apesar da expressão no rosto de Thomas, suas palavras foram ditas calmamente.

Fae devia ter algo a ver com fadas. Mas... Outra dimensão? Isso era realmente possível? Assim que se deu conta de que estava se fazendo essa última pergunta, Aden queria se esconder de si mesmo, tamanha sua estupidez. Depois de tudo o que ele tinha visto e feito recentemente, *tudo* era possível.

— Então, só para esclarecer, não estou morto?

— Essa necessidade constante de garantias é algo realmente cansativo. Portanto, ouça com atenção. Eu não vou repetir. Você está bem vivo. *Mas*, você está em outra dimensão e, por isso, os humanos não conseguem vê-lo ou ouvi-lo.

Se Thomas pudesse ser considerado digno de confiança, então Aden não era um fantasma. Ele poderia voltar a ver Victoria e seus amigos.

— E foi você quem me trouxe até aqui? — Ele resmungou.

— Sim.

— Por quê?

Mais uma pausa carregada de tensão se instalou entre eles. Parecia claro que conseguir respostas seria tão difícil quanto arrancar dentes.

— Por que... — Finalmente disse Thomas, suspirando. — Eu já tinha conhecido todos os alunos, todos menos você.

Ao final da frase, a fúria havia tomado novamente os olhos daquele homem, mas, dessa vez, a fúria se misturava com repulsa.

É. Vai rolar sangue, disse Elijah, com a respiração trêmula.

— De uma faca? — Perguntou Aden. *Por favor, por favor, diga que não será de uma faca.*

Não sei, respondeu Elijah. *Só consigo ver um rio vermelho.*

— Como assim, de uma faca? — Perguntou Thomas.

O elfo provavelmente não conhecia a reputação de Aden, o garoto que sempre falava “sozinho”.

— Desculpe, não estava falando com você.

— Então estava falando com quem?

Uma pergunta que já lhe tinha sido feita milhares de vezes, por milhares de pessoas diferentes.

Talvez devêssemos... Correr. Quer dizer.... Disse Caleb sem ousadia alguma. . . . *Antes de começarmos a sangrar.*

Concordo com o Caleb. E não sabemos lutar contra um elfo.

De repente, Caleb abafou o riso e a distração momentaneamente suprimiu a angústia.

Lutar contra um elfo. Você ouviu o que disse, Jules?

— Silêncio, por favor. — gritou Aden.

Thomas sibilou enquanto inspirava.

— Não fale comigo nesse tom, meu jovem.

Em vez de se explicar, Aden massageou as têmporas para desviar a dor que logo chegaria.

— Não há motivo algum para você me conhecer. Você não vai ser meu tutor.

Aden não poderia correr, como Caleb sugerira. Para onde ele iria? Além do mais, ele não estava ansioso. Ainda. Ele tinha aquelas adagas. Talvez.

— Não. — Thomas começou a caminhar. Um passo. Dois. E em seguida parou, absorto. — Mas serei seu assassino.

Certo. Agora o garoto estava ansioso.

Em um salto, Aden se levantou. Se Thomas emitisse mais uma ameaça ou fizesse outro movimento, mínimo que fosse, em sua direção, Aden estenderia as mãos na direção dos sapatos. Se não conseguisse pegar as adagas que estavam dentro deles, correria como louco, apesar de não saber para onde.

— Nem pense em escapulir, Haden Stone.

— Ninguém me chama assim. — Pelo menos desde quando ele sacrificara o próprio nome, ainda criança, e passara a se chamar de Aden. Todas as outras pessoas seguiram o exemplo. — Eu matei o último cara que me chamou assim.

E isso é verdade.

Longe de se sentir intimidado, Thomas gritou: — Sente-se. Eu respondi às suas perguntas. Agora é a sua vez de responder à minha.

Ah, a resposta seria um “não” em alto e bom som. Aden decidiu que não ficaria ali esperando pela segunda ameaça de morte. O nível de fúria do elfo tinha ultrapassado todos os níveis.

— Certamente.

Aden fingiu que sairia pela esquerda e Thomas o seguiu. Foi então que o garoto virou para a direita, esquivando-se do tutor e alcançando os sapatos. Sua mão passou através do couro.

O garoto esbravejou em voz baixa enquanto corria a toda velocidade na direção da porta, não se permitindo tropeçar em decepções ou em medos. Porém, algum tipo de muralha invisível o bloqueou. Aden bateu contra ela fortemente e o impacto do choque reverberou pelo corpo, arremessando-o para trás. Um segundo depois, Thomas já estava em sua frente, empurrando-o até o chão e espremendo um de seus sapatos contra o pescoço do garoto.

Instintivamente, Aden passou a mão em volta do tornozelo do homem e empurrou. O pé continuava plantado em seu pescoço.

Os olhos azuis brilhantes se direcionaram para baixo, na direção de Aden. Se aqueles olhos fossem armas, o garoto certamente já estaria em pedaços.

— Há algumas semanas, um choque elétrico atingiu meu mundo, abrindo uma passagem para o seu. Uma passagem que não conseguimos fechar. A fonte daquele choque foi investigada e chegamos a esse rancho. E agora a você. Sinto a energia emanando de você até mesmo agora... Essa energia me puxa, me atrai. E chega a aumentar meu poder.

A última frase foi dita como o sussurro de um drogado. O sussurro de uma pessoa necessitada.

A energia aumentava o poder de Thomas? Por que, então, o elfo queria acabar com Aden?

O garoto tentou formular uma resposta, mas o único som que conseguiu emitir foi uma arfada, pedindo por ar. Ele continuou lutando, arranhando a perna do homem, empurrando. *Respirar, preciso respirar...*

Aden não poderia morrer aqui, nessa... Dimensão? Ele não podia.

Ninguém saberia o que teria acontecido com ele. Não mesmo. Eles acabariam supondo que o Aden Louco teve uma recaída e fugiu.

Asfixia não causa derramamento de sangue, disse Elijah. *Fique calmo. Não é assim que você vai morrer. Você sabe disso.*

Acabe com ele! Gritou Caleb.

Acabe com ele de uma vez! Concordou Julian.

Eles precisavam de Eve, a voz racional. No entanto, parte do que Elijah disse conseguiu atravessar a névoa do pânico. Asfixia não era o fim previsto para Aden. Thomas estava apenas tentando assustá-lo.

— Esperávamos mantê-lo vivo e usá-lo para finalmente fechar essa passagem. — continuou Thomas. — E veja só o que encontrei quando entrei no seu quarto para me apresentar. O fedor de um vampiro. Nosso maior inimigo. A raça que certa vez tentou nos aniquilar.

—Tenho certeza... De que... Eles tiveram... Bons motivos.

O músculo do maxilar do elfo se repuxou.

— Agora, conte para mim, Haden Stone. Você está ajudando esses vampiros? Planejando ajudá-los a entrar nessa dimensão para nos atacar?

No entanto, como Aden ajudaria os vampiros a chegarem aqui se ele não tinha idéia de como ele tinha vindo parar aqui?

—Não consigo... Mais... Falar.

A pressão no pescoço do garoto diminuiu.

—Você não precisa responder às minhas perguntas. Eu conheço a verdade. Você está ajudando aqueles vampiros, e é por isso que você deve morrer.

Aden manteve as mãos no tornozelo de Thomas, levando um momento para recuperar o fôlego, ainda muito ofegante enquanto discretamente procurava por alguma arma que pudesse usar.

Tudo o que o garoto encontrou foi à própria determinação. Ao longo dos anos, ele havia lutado contra mais cadáveres do que conseguia se lembrar, o veneno desses cadáveres entrava em seu corpo, deixava-o fraco, doente. E, mesmo assim, Aden sempre vencera. Todas às vezes. Ele não permitiria que um elfo o derrotasse.

Use suas mãos. Sugeriu Elijah. *Faça esse cara perder o equilíbrio.*

Aden dobrou os dedos em volta do sapato de Thomas e sacudiu com toda a força que tinha, desequilibrando o grandalhão, que finalmente desmoronou.

Um momento depois, Aden estava de pé, adotando a mesma postura de “agora é guerra” que o elfo ostentara antes.

— Isso não foi inteligente da sua parte, garoto.

Embora não tivesse visto Thomas se levantar, a voz veio de suas costas. Diretamente atrás dele. O ar quente passou pela nuca, fazendo-o se contrair, assustado.

Lentamente, Aden se virou, sabendo que qualquer movimento brusco faria o elfo atacar. Os dois se encararam. Aden era alto para sua idade, pouco mais de um metro e oitenta. Ainda assim, Thomas se elevava sobre ele.

— Não gosto de ver humanos sofrerem e eu poderia ter acabado com você sem que sentisse dores. Porém... — Os lábios do elfo arquearam, formando um sorriso assustador — Eu disse para você não brigar comigo, Você desobedeceu. Agora não terei piedade.

Sangue, ofegou Elijah.

Então era o fim. *O grand finale.*

— Isso é o que veremos. — disse Aden.

De repente, a única janela do quarto se despedaçou e uma gigante mancha preta voou para dentro do cômodo. Aquela enorme mancha (Riley na forma de lobo, percebeu Aden) pousou, com olhos verdes brilhando, lábios entreabertos e dentes brancos e pontiagudos à mostra. Um rosnado furioso ecoou das paredes.

Para trás, Aden.

Um comando de Riley, projetado diretamente na cabeça de Aden, misturando-se às vozes de seus companheiros. Ainda assim, o garoto conseguiu ouvi-lo.

—Você consegue me ver? — Perguntou, mesmo sabendo que o lobo estava ocupado demais para responder. Se a resposta fosse sim, será que Riley conseguia ver Thomas? Será que Thomas conseguia ver Riley?

—Você cometeu um erro, lobo. — disse Thomas, virando-se para encarar Riley. Havia, naquela expressão do elfo, ameaça suficiente para matar.

Aparentemente, a resposta para todas as perguntas de Aden era a mesma: *Claro que sim.*

Sem qualquer outra ameaça, os dois pularam um contra o outro, encontrando-se no meio do quarto em um emaranhado de garras, dentes, estranhas luzes brilhantes e lâminas cintilantes que apareceram do nada.

Agora não restava dúvida alguma. Como Elijah *havia* dito, rolaria sangue.

Essa luta acabaria em morte.

Três



SIM. EXATAMENTE COMO ELIJAH tinha previsto, exatamente como Aden tinha suspeitado, rolou sangue.

Riley mastigou o pescoço de Thomas e suas garras afiadas golpearam o peito do elfo. O cheiro de algodão e carne queimando invadiu o ar. Da camisa de Thomas, saía fumaça, e gritos surgiram enquanto ele, trêmulo, puxou tufo de pelo do lobo e o jogou para o outro lado com força. Riley voou na direção de Aden que, por sua vez, voou na direção da parede.

O gesso rachou e lascas de tinta voaram para todos os lados. O ar saiu com força dos pulmões de Aden.

Riley se levantou logo em seguida e saltou novamente na direção de Thomas; os dois corpos pareciam se misturar enquanto saíam. Quando as unhas do lobo voltaram a cortar o elfo, o cheiro de carne chamuscando se tornou mais intenso e mais sangue jorrou, atingindo o rosto de Aden. E aquelas gotas de sangue eram estranhamente frias, como se fossem raspas de gelo. Quando as adagas do elfo se moveram na velocidade da luz, o sangue de Riley jorrou. Quente, como espinhos de fogo.

Ajude-o, gritou Julian.

É por isso que sou um amante e não um lutador, disse Caleb, novamente com coragem, agora que um lobo os defendia.

Respirar poderia ter se tornado impossível, mas Aden conseguiu encher os pulmões com algumas lufadas de ar enquanto se levantava com dificuldade. A tontura o acometeu, e ele cambaleou.

Elijah?

Obviamente, o sensitivo sabia o que o garoto estava silenciosamente perguntando. O que fazer para ajudar? Ele não tinha armas e não podia sair do quarto para consegui-las.

Não sei, disse Elijah, angustiado.

— Riley vencerá no final? — Murmurou Aden. Ele não queria distrair o lobo e *causar* uma derrota.

Não sei, repetiu o sensitivo, com o mesmo tom de agonia. *Eu vejo sangue, sangue lavando essa casa, banhando tudo e todos.*

Tanto assim? Com essa briga? Ou havia algo pior?

Thomas arremessou Riley várias vezes e, a cada vez que o lobo voltava a se aproximar, havia outro golpe de ódio e dentes. Por algum motivo, Riley deixou de usar suas garras. A mobília estava em pedaços e, a essa altura, outras paredes tinham sido destruídas, incluindo a parede invisível, o que permitia que os combatentes saíssem do quarto em direção ao corredor.

A briga então invadiu outro quarto. A porta foi destruída como um quebra-cabeça que jamais voltaria a ser montado. Aden os seguiu. Em algum ponto no meio do caminho, Thomas deixou as adagas de Aden cair. O garoto tentou pegá-las para colocá-las em ação — diversas vezes. No entanto, ele não conseguiu tocá-las e, em seguida, elas acabaram desaparecendo. Além do mais, o lobo e o elfo se moviam com tanta agilidade que apareciam em outro lugar antes que Aden sequer percebesse o que tinha acabado de acontecer.

E por que eles conseguiam destruir paredes, portas e móveis sem que ninguém percebesse?

Os garotos que viviam no Rancho D&M — Seth, Ryder, RJ, Terry e Brian — estavam no hall de entrada, cada um com um livro nas mãos. Alguns estavam lendo, outros fingiam ler. Ninguém, entretanto, percebia a briga violenta que se desdobrava por ali.

Nem mesmo quando suas cadeiras aparentemente foram reviradas destruídas. Eles continuavam sentados ali. Sobre o ar. Riley e Thomas Passavam por eles como fantasmas, sem que fossem percebidos, sem que fossem sentidos, sem que fossem ouvidos. O sangue esguichava também sobre os garotos, mas, novamente, eles não percebiam. Talvez sequer pudessem ver.

Tudo era muito estranho. Tudo muito estranho. Thomas tinha feridas abertas que sangravam abundantemente e, ainda assim, parecia mais forte que nunca. Riley, por outro lado, demonstrava abatimento. Seus saltos se tornavam lentos e seus rosnados, arrastados, apesar de as feridas terem cicatrizado e estarem curadas.

O que o estava enfraquecendo?

Aden percebeu que Thomas apenas dava socos para soltar o maxilar de Riley de qualquer que fosse a parte do corpo que o lobo decidisse mastigar. Então, o elfo empurrava a cabeça para trás e praticamente oferecia seu pescoço para o lobo, em vez de permitir apenas que o animal mordesse sua mão. Por quê?

E em vez de imediatamente golpear Riley para longe, Thomas apenas encostava a mão no animal por vários segundos, permitindo que o lobo fizesse o que quisesse fazer. Aquilo era idiota. Aquilo era... Necessário?

As mãos de Thomas tinham o poder de enfraquecer Riley? Isso explicaria a determinação do elfo em mantê-las livres. Isso também explicaria sua despreocupação com seus próprios ferimentos. Que mal fariam alguns cortes quando seu combatente logo se tornaria fraco demais para lutar contra você?

— O que posso... Fazer? — Dessa vez, a pergunta silenciosa de Aden saiu em voz alta. Ele sabia. A resposta já o tinha acertado. Fria.

Dura. Dolorosa.

Você sabe, disse Elijah, e, se antes ele soava angustiado, agora soava estilhaçado. O companheiro de Aden claramente também tinha encontrado a resposta.

O quê? Perguntou Julian. *O que nós vamos fazer?*

Aden engoliu em seco.

— Caleb. Você está acordado.

Eu estou acordado... Do... Ah, caramba, não!

Não precisava explicar. Quando Aden pediu a ajuda de Caleb, ficou claro para todos o que o garoto tinha em mente. Eles invadiriam o corpo de Thomas.

Não. Não! Deve haver outra saída. Se tivesse um corpo próprio, Julian estaria sacudindo a cabeça em negação e se afastando.

— Desculpe, pessoal.

Aquilo tinha de ser feito. Por Riley. E também por ele mesmo. Que inferno!

A dor. Gemeu Julian. *Já enfrentamos o suficiente. Isso vai nos destruir.*

Essa é a única saída, contestou Elijah. *Esse elfo precisa ser destruído.*

— Já passamos por situações piores. — Como ser queimados vivos. Nada poderia ser pior que aquilo, Aden tinha certeza. — E se eu quiser beijar Victoria outra vez, preciso salvar o guarda-costas dela.

Odeio funcionar como prenúncio de más notícias. Porém, Aden está certo, disse Caleb, repentinamente concordando com o “Plano para Salvar o Dia”. Ele faria qualquer coisa por outro beijo. *Sobreviveremos a isso — mesmo se Thomas não sobreviver. E isso é o que importa.*

Aden se focou nos dois combatentes. Riley estava deitado no chão, distante de Thomas, mas se aproximava da melhor forma que conseguia, ainda determinado a vencer. Após ser arremessado como uma boneca de pano, Thomas retirou grandes raspas de gesso que cobriam seu peito e se levantou. Sua camisa não passava de pedaços de trapo; a pele, esfolada. No entanto, aquela pele logo voltou a se entrelaçar, como se de alguma forma, o elfo tivesse absorvido a capacidade que Riley tinha de se curar rapidamente.

Thomas sorria com orgulho enquanto se aproximou do lobo e agachou.

— Diga para a sua princesa não mandar um garoto fazer o trabalho de um homem. Ah, não... Espere. Como você não vai sair dessa sala, não vai poder dizer nada para ela.

Os olhos de Riley brilhavam como chamas verdes, cheios de ódio.

O elfo suspirou.

—Admiro sua coragem, lobo. Por isso, você não vai morrer de forma vergonhosa. Saiba que não sou apenas um mero servo de Fae, mas um príncipe. Indestrutível. No instante em que entrou em meu reino, você estava destinado a morrer. Mas não há vergonha nenhuma em morrer. Você deveria ver essa situação como o favor que ela é.

Um favor? Não mesmo!

Ecoando os sentimentos de Aden, Riley rosnou.

Franzindo a testa, Thomas estendeu a mão.

— E repito: admiro sua coragem. É uma pena o fato de você servir os vampiros. Você estaria, por acaso, interessado em mudar de lado?

Outro rosnado. Um “não” bastante claro.

— Bem, então sinto muito, mas isso precisa ser feito. Serei breve, lobo.

O que você está esperando? Se a pergunta tinha vindo de si mesmo ou das almas, isso Aden não sabia. Riley era seu amigo (na maior parte do tempo) e Aden não poderia permitir que um amigo fosse ferido. Independentemente da dor que isso implicasse.

Pouco antes de a palma do elfo tocar a pelagem do lobo, Aden (que obviamente havia sido esquecido em meio àquela guerra) correu a toda velocidade. O garoto não parou quando alcançou o elfo. Ele só parou quando estava *dentro* do elfo.

Um toque de pele contra pele e, graças a Caleb, Aden podia mesclar seu corpo ao de outra pessoa. Transmutar-se de massa sólida em névoa insubstancial era doloroso, conforme Julian havia dito. E isso sem mencionar a loucura, o terror e o choque. Mas Aden fez isso. Ele entrou em Thomas. Um grito de agonia rasgava sua garganta.

A voz que ele ouviu, entretanto, não era sua. Essa voz era mais profunda, mais rouca. A voz era de Thomas.

Tremendo, embebido em um suor frio, Aden caiu de joelhos. Lanças passavam através de seu corpo e ele queria golpear o peito, rasgar a pele — fazer qualquer coisa para detê-las. Cada um de seus ossos era agora uma lâmina contra os músculos, rasgando-os mais e mais. E o pior é que essa dor era apenas o começo.

Thomas gritou dentro da cabeça de Aden: *o que você está fazendo? Como você fez isso? Saia!*

Normalmente, Aden conseguia bloquear os pensamentos da outra pessoa. Conseguia invadir tão completamente os corpos que os donos nunca sabiam o que tinha acontecido. Porém, criaturas mitológicas e lendárias, como ele estava descobrindo, eram bastante diferentes dos humanos. Elas sabiam. E elas odiavam.

— Riley. — disse ele com aquela voz profunda.— Sou eu, Aden. Estou dentro do elfo e tenho controle do corpo dele.

Os olhos verdes do lobo pareciam perfurá-lo em busca de alguma prova de que aquilo era verdade.

Aden podia sentir o poder se acumulando, Tanto poder. O poder de Riley também, como se o elfo não apenas tivesse enfraquecido o lobo, mas também atraído sua energia. Pulsações animais e selvagens aqueciam a frieza de seu sangue, cantando em sua mente, de forma mais bonita que um coro de anjos, entorpecendo-o.

Isso pode viciar. Novamente, Aden não conseguia reconhecer se quem falava era ele mesmo ou as almas. Talvez todos estivessem falando juntos. Parte dele queria permanecer para sempre no corpo do elfo, perdendo-se naquele calor e naquele poder, esquecendo-se do que precisava ser feito.

Aja rápido, disse Elijah, repentinamente. *Ou você nunca vai sair desse corpo.*

Ele sairia. Logo. Alguns minutinhos a mais não fariam mal a ninguém. Aquela música... Tanta paz...

Quanto mais cedo você sair, mais cedo poderá ver Victoria, acrescentou Caleb.

Victoria. Sim. Estar com ela era ainda melhor que isso, ele pensou, finalmente conseguindo se concentrar na tarefa que tinha em mãos.

— Riley, diga o que devo fazer para que você consiga derrotar Thomas.

O lobo o estudou, então assentiu com a cabeça, como se estivesse satisfeito com o fato de Aden ter realmente possuído aquele corpo.

— Diga e eu farei. Seja lá o que for.

Um momento se passou. O lobo franziu a testa, rosnou. Esperou. Seja qual fosse a reação que esperava receber ela não veio. No fim das contas, ele mancou até um guarda-roupa próximo e desapareceu lá dentro.

— Riley. — gritou Aden. Ele sabia que o lobo não o abandonaria ali, mas não tinha idéia do que estava acontecendo.

O garoto devia segui-lo?

Uma luz brilhante, vários gemidos e então o farfalhar das roupas. Exatamente quando Aden deu um passo adiante, Riley surgiu usando suas calças *jeans*. Nada de camiseta, nada de sapatos — apenas aquele *jeans* mal-ajustado, largo.

Como Riley teria conseguido tocar no tecido? Sua mão não deveria sofrer daquele mesmo efeito fantasmagórico que Aden experimentava?

A pele de Riley, normalmente bronzeada, agora estava pálida; as veias azuis, visíveis. Suas bochechas profundas, seus olhos ligeiramente afundados e feridos. Havia alguns cortes no peito, como se sua habilidade de se curar instantaneamente tivesse desaparecido.

— Fadas e elfos não conseguem ouvir os pensamentos de lobos. — Até a voz do mutante estava fragilizada — Isso só pode significar que você também não consegue enquanto está aí. Bem, eu estava dizendo o que você devia fazer, mas você não reagia.

Então. Riley estava esperando uma reação. Será que ele trazia más notícias?

— Diga novamente.

Não ajude esse cara, rugiu Thomas dentro daquela cabeça. *Ele é o inimigo. Os mestres dele destruirão seu mundo e todos os humanos que o habitam. Está me ouvindo? Mate esse cara!*

Aden o ignorou o máximo que conseguia.

— Preciso cravar uma faca no coração dele. — anunciou Riley.

Não! O protesto partiu simultaneamente de Thomas e de Aden.

Que ótimo. Disse Caleb.

Jesus amado. Disse Julian.

Sangue. Disse Elijah.

— E não há outra saída? — Aden conseguiu perguntar, embora tivesse um nó na garganta. — Algo como... Uma forma de deixá-lo preso aqui e evitar que ele cause mais danos?

— Não. Não há outra saída. Ele é um elfo. Como todos dessa espécie, Thomas tem a habilidade de tomar emprestada a força dos imortais, possuindo temporariamente as

habilidades deles. E, além disso, ele é um príncipe. Se sobreviver, reunirá um exército e eles virão atrás de nós.

— Não gosto da idéia de matá-lo. — Embora Elijah também tivesse dito que essa seria a única saída. — Ele protege os humanos. — Victoria tinha contado ao garoto. Ainda assim. Se ele não soubesse, teria percebido a verdade logo que entrou no corpo do elfo. O conhecimento estava lá, flutuando naquela mente com a mesma intensidade daquele calor. Humanos eram como crianças. Crianças irresponsáveis e instintivas, mas, de qualquer forma, amadas pelos Fae.

— Ele vai matar você se você der outra chance a ele. — disse Riley.

— Eu sei. — Essa informação também estava lá. — Mas não me importo. — Aden era capaz de se cuidar. Bem, pelo menos esperava ser.

— Ele vai matar Victoria. — acrescentou Riley friamente.

Golpe baixo, O lobo sabia que Aden faria *qualquer coisa* para proteger a princesa vampira. O garoto fechou as mãos e os olhos. Seu coração batia em *staccato* enquanto ele condenava outra criatura à morte.

— Está bem. Meu Deus. Vamos fazer isso.

— Tem certeza?

Certeza de que queria sentir uma faca atravessar seu coração? Não.

— Sim.

Ele se perguntava se iria morrer com o elfo da mesma forma como tinha morrido com Dmitri. Se fosse isso, ele voltaria a viver?

Sim, você vai morrer; mas, sim, você vai voltar, esclareceu Elijah, acalmando-o. *De qualquer forma, você vai desejar que tivesse continuado morto. Você vai sentir o golpe como se ele fosse desferido em seu próprio corpo.*

Está bem. Hora de dar adeus à calma. Aí estava a dor que Aden temia antes de possuir o corpo daquele príncipe. Ele já sabia que Thomas teria de ser ferido e vencido de alguma forma que envolvesse violência. Mas mesmo assim, apunhalá-lo...

Por Victoria.

— Está bem, então. — disse Riley, decidido.

Aden abriu os olhos e balançou a cabeça, consentindo.

— Estou pronto.

Riley também balançou a cabeça, devolvendo o consentimento, e sacou uma adaga do bolso de trás da calça. Uma adaga que pertencia a Aden.

Não faça isso! Ordenou Thomas.

— Você não chegou aqui com isso. — disse Aden, tentando desviar a atenção da afiada e fatal arma que logo estaria fincada no peito.

— Enquanto estava no guarda-roupa, voltei à dimensão humana e peguei o que precisava. — Riley sacudiu aqueles ombros largos. — E, logo depois, voltei para cá.

— Simples assim?

— Simples assim.

Toda a indiferença e a confiança de Riley desapareceram enquanto ele pesadamente se arrastou para frente, parou e franziu a testa:

— Você não vai, mesmo, sair ferido quando eu fizer isso?

— Não. Já tive a garantia de que vou sobreviver.

De modo geral.

— Majestade...

— Não me chame assim. — ele repreendeu. Thomas arfou, surpreso.

Majestade?

Mais uma vez, Aden o ignorou.

— Se ao menos houvesse outra saída... — continuou Riley.

— Pois é.

Aden estava surpreso com quão triste se sentiu ao perceber que o ódio e a intolerância os haviam levado àquela situação.

Durante alguns minutos, nenhum deles se moveu ou pronunciou uma palavra sequer.

— Talvez você devesse se deitar para isso. — sugeriu Riley, agora trêmulo.

— Está bem.

Aden observou sua volta. A luta havia terminado dentro do quarto. O beliche tinha sido entortado e um dos colchões estava no chão. O garoto forçou o corpo do príncipe feérico a caminhar até lá e a se deitar. Quando finalmente ajeitou o corpo, Aden tremia mais que Riley.

O que era um golpe de uma adaga quando comparado com ser queimado vivo? Ele conseguiria enfrentar aquilo.

Você se arrepende de ter feito isso, rosnou o príncipe.

— Se você pelo menos promettesse que não causaria mal a Victoria...

Riley já tinha diminuído a distância entre eles e agora piscava os olhos, claramente ofendido.

— Eu jamais causaria mal a Victoria.

— Não você, Riley. Estou falando com Thomas.

Isso eu jamais poderia prometer. A sua Victoria... Ah, sim, eu a conheço muito bem. Ela é filha de Vlad. E a irmã dela, Lauren, seria a noiva do meu irmão. Uma oferta de paz, uma união das raças. Porém, Lauren o matou antes da cerimônia e admitiu que nunca quis se casar com ele. Uma cuspidinha ácida suficiente para queimar. Se eu continuar vivo, Victoria morrerá. Um irmão por um irmão. Não negarei minha vingança.

Pelo menos o elfo não tinha mentido.

— Mesmo se o preço disso for sua própria vida? — Perguntou Aden dessa vez, Riley o ignorou, sabendo que o garoto estava conversando com o príncipe.

Escute com atenção. Já matei três membros da família dela. Os demais seguirão o mesmo caminho.

— Três? — Ele rangeu os dentes. — Isso não é exatamente “um irmão por um irmão”, não é mesmo? Quem você matou?

Primos. Isso é apenas o começo. Quero todos eles. Toda a família real.

— Então você é um assassino que causou sua própria ruína.

Sou um assassino? E você, o que é?

Hesitante, Riley levantou a adaga.

— Pronto?

— Eu...

Ela é uma vampira, disse Thomas, interrompendo Aden. *Você é um humano. Para ela, você nunca passará de um escravo de sangue, viciado nas mordidas dela. E, ainda assim, você mata para defender Victoria?*

Lampejos de fúria queimaram no peito de Aden. Ele era mais que um escravo de sangue de Victoria. E não acreditaria no contrário.

— Sim. Eu faria qualquer coisa por ela.

E por meu irmão, eu vou fazer qualquer coisa. Talvez você até me mate, mas você nunca vai me impedir de fazer isso. E, Haden... De algum jeito, vou fazer você pagar por isso. Mesmo que seja depois de morto.

— Pronto? — Repetiu Riley. A determinação pulsava no mutante, mas essa determinação começava a desaparecer. — Quero fazer isso logo, antes que eu acabe mudando de idéia.

Inspire profundamente, segure, segure, solte aos poucos. Aden estava tenso. O que causaria mais dor, mas não alteraria o resultado.

— Pronto? — Riley repetiu mais uma vez, O suor pingava da mão.

— Pronto. — Aden conseguiria fazer isso. Ele não seria covarde. — Agora.Vamos, agora!

— Desculpe.

A adaga desceu, formando uma mancha no ar, e foi enterrada profundamente. Atravessou os ossos, os músculos e o órgão vital. Queimando, ardendo... Destruindo. Aden gritou, alta e demoradamente, e sua voz logo irrompeu em meio àquela tensão.

Todavia, o coração continuou a bater. Inicialmente. Cada batimento fazia a adaga entrar mais fundo, cortar ainda mais, queimar ainda mais. O sangue fluía através do ferimento, ensopando o peito, o colchão. Gotículas chegavam a borbulhar na garganta, afogando-o antes de subir até a boca e transbordar, aquecendo as maçãs do rosto.

Rios, disse Elijah, como se estivesse em transe. *Rios fluindo*. Caleb, Julian e Thomas vociferavam. Eles não sentiam a agonia de Aden. O garoto sabia disso por experiência e estava feliz por poupá-los. Porém, *eles sentiam, sim*, os efeitos residuais da angústia mental de Aden.

Acalme-se, ele disse a si mesmo. Por eles.

Porém, a dor não diminuía. Não diminuía quando parecia que cada gota de vida lhe era tirada. Não diminuía quando os membros esfriavam, esfriavam tanto que ele já não conseguia levantá-los. Aden podia ter abandonado o corpo a qualquer momento, mas ele queria poupar Thomas de todas as possíveis dores. Além disso, o garoto precisava descobrir. Em nome de sua paz de espírito, ele precisava descobrir quando aquilo acabaria. Precisava saber o que teria de encarar um dia.

Alguns momentos depois, pela segunda vez naquele dia, Aden morreu.

Quatro



*Alguns minutos antes
Crossroads High*

MARY ANN JOGOU A BANDEJA na mesa do almoço e se sentou na frente da bela Victoria, que também acabara de se sentar. Shannon, o amigo de Aden do rancho D&M, estava ao lado da vampira. Um negro lindo com olhos verdes que faziam Mary Ann se lembrar dos olhos de Riley. Certa vez, ela chegou a pensar que Shannon era o lobo que seguia seus passos.

Do lado de Mary Ann estava Penny Parks, sua vizinha e melhor amiga, a garota com os cabelos platinados, com olhos azuis mais belos que safiras e a pele branca e sardenta que alimentavam os sonhos *calientes* de muitos alunos da Crossroads High.

Uma garota (comum) poderia se tornar complexada ao estar cercada por tanta perfeição.

Victoria fixou os olhos azuis em Shannon.

— Uma pergunta. Você viu Aden hoje de manhã?

Shannon tinha acabado de dar uma mordida na fatia de pizza. Ele mastigava enquanto, com a cabeça, negava ter visto o amigo.

— Ele saiu antes de eu acordar. — afirmou, após ter engolido.

— Mas você o viu ontem à noite? — Perguntou Mary Ann.

Shannon novamente negou.

Por onde andaria Aden, então? O que estaria fazendo?

— Tipo... Qual é a sua? — Penny repentinamente questionou Victoria, mudando de assunto. — Você nem finge que está comendo. E nem bebendo. Você é anoréxica? É por isso que você é tão magra?

— Penny! — Exclamou Mary Ann, boquiaberta. Em outras palavras: grossa!

— O quê? — Perguntou Penny, toda inocente. — Só estou curiosa. Pergunte a qualquer professor aqui. A curiosidade é a chave daqueles que querem aprender.

Victoria deu uma olhadela entre elas.

— A comida americana é insossa. — Traduzindo: não tem sangue no cardápio. — Prefiro comer em casa.

— Entendo. — consentiu Penny, claramente convencida com a explicação. — De onde você é?

— Da Romênia.

— Que medo. Mas seu sotaque não é tão carregado. Você viaja muito? Ou um de seus pais é de outro lugar?

Victoria concordou com a cabeça, sem se comprometer.

Penny alegremente continuou: — Então, por que de todos os lugares do mundo, você acabou se mudando para Oklahoma? Isso aqui não é tipo... Uma Caipirópolis para alguém como você?

— Chega de perguntas. — disse Mary Ann, suspirando. Victoria estava na escola há poucas semanas, mas a vampira sempre se mantinha afastada de todos, com exceção de Aden,

Mary Ann e Riley. Afinal, não sabia quanto tempo estaria por ali ou o que seu pai, Vlad, ordenaria que ela fizesse. E, na verdade, Victoria considerava os humanos uma fonte de alimento, não um grupo de possíveis amigos. Embora Mary Ann gostasse de pensar que a vampira estava se tomando mais branda por causa de Aden.

Aden. *Onde você está?* Riley já o teria encontrado?

Riley. *Vai logo!* A cada minuto, a preocupação que Mary Ann sentia por ele aumentava. E também a preocupação que ela sentia por Aden, obviamente. Com aquela maldita possibilidade de morte pairando sobre eles... Meu Deus! Ela realmente não precisava se lembrar disso. O que estava acontecendo já era suficiente. *Impossível... Respirar...*

Ela estava o dia todo no limite. Além de distraída. Como era de se esperar, a garota não tinha sequer idéia dos assuntos que tinham sido abordados nas três primeiras aulas.

O olhar de Victoria encontrou o de Mary Ann e as duas compartilharam momento de comunicação silenciosa.

Faça eu me distrair, balbuciou Mary Ann.

Impossível. Faça você eu me distrair, Victoria balbuciou de volta.

Que foda!

Eu sei. E nem é no bom sentido.

Uma brincadeira. A primeira que ela ouvira sair da boca de Victoria, embora ela duvidasse que a vampira tivesse percebido o humor naquela declaração. Os lábios de Mary Ann se abriram, formando um sorriso. Diversão alcançada. Propositalmente ou não.

— Quando esse dia vai acabar? — Uma Victoria exasperada perguntou a todos que estavam à mesa.

— Não logo o suficiente. — murmurou Penny.

Por que Penny estava murmurando agora? Ela parecia tão despreocupada apenas um minuto atrás.

— E-eu gosto daqui. — disse Shannon, gaguejando levemente. Ele tinha sido importunado a vida toda pelo fato de ser gago, mas essa sua característica parecia estar menos perceptível a cada dia. — Vocês têm idéia de como é di-difícil conhecer alguém que aceita vo-você como você é?

Agora Mary Ann tinha idéia. Agora que ela sabia que podia apenas neutralizar as pessoas que tinham poderes sobrenaturais. Agora que ela sabia que essas pessoas, na verdade, não eram enfeitiçadas por ela. Mas isso não importava. Riley gostava dela por quem ela era. Ah, as coisas que ele tinha dito para Mary Ann essa manhã. Lindas. Maravilhosas. Carinhosas. Ela continuaria encantada com aqueles elogios por semanas.

Mary Ann moveu o olhar pela sala. Os alunos caminhavam por todos os lados, ou correndo para formar filas (tacos e fatias de pizza eram parte do cardápio de hoje), ou tentando encontrar seus amigos na enorme caverna cheia de bancos que era aquele refeitório. As paredes brancas lisas que envolviam o lugar eram decoradas (ou estragadas, dependendo da sua perspectiva) por um ou outro pôster proclamando o espírito da escola. O nível de ruído hoje era alto e parecia raspar os nervos de Mary Ann.

— Ei, Penny. Quer visitar minha casa mais tarde? — Perguntou um atleta que passava pavoneando perto da mesa. Os garotos que o acompanhavam caíram na risada. — Podemos estudar anatomia.

As bochechas de Penny ficaram coradas.

— Idiota! — Gritou Mary Ann, fechando e apertando as mãos. Algumas das conversas ao redor dela cessaram e vários olhares se fixaram em sua direção. Xingar não era típico daquela garota, mas a palavra simplesmente deslizou para fora da boca, incontrolável.

Penny estava grávida. Um filho do ex-namorado de Mary Ann. Foi difícil superar aquilo, uma vez que os dois a tinham traído. E, na verdade, ela ainda estava superando os

sentimentos persistentes de dor e desconfiança. Mas a garota amava Penny e estava desenvolvendo uma forma de perdoar. Ainda. Porém, aquilo não fazia sua amiga uma vadia, nem significava que aqueles garotos tinham o direito de provocá-la.

Os atletas pararam, encarando Mary Ann como se ela fosse à única pessoa por ali. Shane Weston, com a sobrelanceira franzida, deu um passo adiante, grande e forte e claramente zangado.

— É melhor você calar a boca, Gray. Tucker não está mais aqui para defender você.

Mary Ann abriu a boca para responder, mas nenhuma palavra saiu. *Covarde. Diga alguma coisa. Qualquer coisa.* A garota nunca tinha sido boa de briga e agora, quando precisava da coragem que Riley elogiara, ela lhe faltava. A vergonha tomou conta dela.

— Foi o que eu pensei. — disse Shane, rindo.

— Sa-saia da-daqui — Shannon rugiu, de repente.

— O quê? Estamos deixando você nervoso? Não gostamos de você quando está nervosinho. Cale a boca, Gaguinho.

Caindo na risada novamente, Shane e seu grupo deixaram o local.

— Posso matar esse garoto para você? — Perguntou Victoria sem modular o volume da voz.

— Sim. — disse Penny, ao mesmo tempo em que Mary Ann se apressou em dizer:

— Não.

Penny não tinha idéia de que Victoria realmente poderia fazer aquilo. As presas da vampira estavam escondidas agora, mas ela poderia fazer Shane Weston secar em questão de segundos.

Victoria deu de ombros:

— Bem, se você mudar de idéia...

— Precisamos fazer Mary Ann mudar de idéia. Sou totalmente a favor de *atleticídio*. Penny se levantou, como se não se importasse, mas a dor ainda estava nos olhos. — Bem, preciso entregar um trabalho dentro de uma hora e ainda nem comecei a fazê-lo.

— Pre-precisa de ajuda? — Perguntou Shannon, levantando-se antes que Penny conseguisse responder.

Ele queria protegê-la, percebeu Mary Ann, no caso de outra pessoa querer insultá-la. Isso fez lágrimas brotarem nos olhos porque, caramba, a garota estava com saudade de seu protetor.

Penny piscou, surpresa, deu a volta na mesa e segurou no braço de Shannon.

— Claro! Você manja de Sylvia Plath?

— Não.

— Ótimo. Então você pode me ajudar a inventar um monte de coisas.

Eles riram enquanto se distanciavam. Penny, já de costas para Mary Ann, olhou para trás, sorriu e acenou para a amiga.

Sozinhas, finalmente.

Mary Ann apoiou os cotovelos sobre a mesa e se inclinou na direção de Victoria.

— Precisamos trabalhar sua... Humaneza.

Essa palavra existe?

A vampira franziu a testa.

— Como assim?

— Você não pode andar por aí se oferecendo para matar as pessoas. Isso vai acabar causando problemas para você.

Victoria levantou a cabeça e Mary Ann pôde perceber um tom de teimosia na vampira.

— Eu adoro problemas.

— Ótimo. Mas Aden não gosta. — Mary Ann fez questão de lembrá-la.

Aos poucos, Victoria foi baixando a cabeça.

— Você está certa. — disse a vampira, suspirando. — Às vezes, me pergunto se sou a garota certa para ele. Às vezes me pergunto se... — Ela passou a ponta do dedo sobre a mesa, formando uma espécie de desenho. — Se você não combinaria melhor com ele.

—Você não pode estar falando sério. — Em primeiro lugar, pode ser que Victoria estivesse sugerindo algo, mas sua voz estava carregada de fúria. E, em segundo lugar, Mary Ann adorava Aden, mas não o desejava da mesma forma que desejava Riley. — Aquele garoto venera você, Victoria.

Parte da tensão deixou os ombros de Victoria.

— Sim, mas às vezes, quando estamos todos juntos, você ri e ele fica olhando para você, e há uma espécie de... Saudade no rosto de Aden. Quando isso acontece, quero rasgar a sua traquéia. Desculpe, mas é verdade.

Está bem, ela estava próxima da morte antes do surgimento daquele feitiço e nunca tinha sequer imaginado isso. Perfeito.

— Posso garantir que ele não gosta de mim como namorada. Aden e eu... Só seremos amigos. Nossas diferentes... — Ela olhou em volta para assegurar-se de que ninguém estava ouvindo. Todos pareciam cuidar da própria vida, comendo e conversando, sem se preocupar com ela e com o que ela estava dizendo. — Nossas diferentes habilidades fazem termos vontade de correr um do outro na maior parte do tempo. Até mesmo o fato de sermos amigos é um milagre. Além disso, você consegue se imaginar querendo beijar o cara que hospedou sua mãe na cabeça?

Victoria negou, mas ainda não parecia completamente convencida.

— Talvez essa saudade apareça porque ele quer fazer você rir daquela forma. Encaremos os fatos, eu a conheço há semanas e até agora só vi você sorrir uma vez. Talvez você esteja séria demais o tempo todo.

Agora Victoria piscou os olhos para Mary Ann.

— Você está dizendo que sou... Depressiva?

— Você vai querer rasgar minha traquéia se disser que sim?

Olhos cristalinos se apertaram.

— Talvez, mas não me darei esse luxo.

— Obrigada. Então, sim, estou. Só... Esclarecendo, talvez. Faça uma piada de vez em quando. Aden já passou por situações muito sérias durante a vida, sabe? Muitas coisas ruins. Agora ele precisa de coisas boas.

Como assim? Você é médica agora? Bem, ela sempre *queria* ajudar as pessoas.

— Eu... Eu... Bem, odeio essa coisa de os garotos acharem que podem nos deixar para trás. — O assunto “humor” havia claramente terminado. — Eles nos tratam como se fôssemos donzelas em perigo. — disse Victoria, seguindo os passos de Mary Ann e também apoiando os cotovelos sobre a mesa. E o queixo na mão erguida.

Mary Ann não sabia se aquela garota aceitaria ou não seu conselho. Só o tempo diria.

— Eu concordo. — ela respondeu, permitindo a mudança de assunto sem comentar. — E isso é irritante. — Mas você é uma donzela em perigo e esse é o motivo pelo qual você acha isso irritante. A prova: ela não tinha dado um soco no nariz de Shane, embora ele merecesse.

Sentindo nojo de si mesma, Mary Ann empurrou a bandeja para o lado. De repente, até mesmo o cheiro da pizza de pepperoni passou a lhe causar dor de estômago. Ela já devia estar morrendo de fome agora, pensou. Primeiro, ela não tinha tomado café da manhã... E agora o almoço. No entanto, Mary Ann não conseguia pensar em dar uma mordida sequer sem botar tudo para fora.

— Quer dizer... Eu entendo que posso fazer muitas coisas boas aqui. — continuou Victoria, sem notar a agitação interna que tomava conta de Mary Ann. — Posso protegê-la, é

claro. E convenci todos os professores de Aden de que ele está aqui hoje, para que ele não tenha problemas e seja expulso do rancho.

Victoria era capaz de fazer qualquer pessoa fazer ou acreditar em qualquer coisa que ela quisesse, usando apenas sua voz. Em segredo, Mary Ann chamava a habilidade de “voz de vodu” e quase molhava as calças toda vez que pensava naquilo. Fazer um *strip-tease* em público simplesmente porque uma vampira mandou? Claro que isso podia acontecer! Isso e coisas muito piores. Mas elas estavam do mesmo lado. Graças a Deus.

A ladainha das habilidades da vampira continuou.

— Também sou uma lutadora bem treinada. E, além disso, não posso ser ferida. Também sou uma vampira indestrutível, oras!

Mary Ann não perdeu tempo esclarecendo que o pai de Victoria (um vampiro indestrutível) tinha sido morto pouco tempo antes. Ou que o noivo da vampira (outro vampiro indestrutível) tinha sido enterrado junto com Vlad, o Empalador.

— Em primeiro lugar, você não precisa me proteger. Não estou desamparada — esclareceu Mary Ann, claramente irritada. *Você não acabou de admitir para si mesma que, de fato, é uma donzela em perigo? E uma donzela em perigo é uma donzela o quê? Desamparada.* — Não precisa agir como uma babá.

Victoria suspirou desanimada.

— Minha intenção não é ofender você. Sou principiante nessa coisa de interagir com humanos. Vocês sempre foram uma fonte de alimento para mim, nada, além disso. Ou, melhor dizendo, minha fonte delicada e facilmente destrutível de alimento.

Os lábios de Victoria se repuxaram ao final da frase.

Um sorriso? Agora?

A vampira estava tentando ser bem-humorada, exatamente como a amiga havia instruído. No entanto, os ombros de Mary Ann se afundaram por conta do nervosismo, e não da diversão. Aí estava mais um lembrete da morte e da destruição que podia estar por perto. Uma vampira seria capaz de secar um humano em segundos. Um lobisomem seria capaz de transformar a pele de um humano em farrapos. Porém...

Talvez houvesse outra forma de lutar.

O pensamento perdido fez Mary Ann inclinar a cabeça, considerando opções. Ela não queria lutar contra Victoria ou contra Riley, obviamente, mas queria, sim, aprender como se defender. Assim, talvez eles a veriam mais como uma fonte de ajuda, e não como um obstáculo.

— E se... — Ela começou a dizer exatamente no momento em que Victoria disse: — Riley falou para nós...

Mary Ann riu.

— Você primeiro.

— Eu dizia que Riley falou para nós ficarmos aqui, mas isso não significa que temos que obedecer. Tipo... Pode ser que ele e Aden estejam precisando da nossa ajuda. E, se nós os salvarmos, eles terão de nos agradecer por termos feito o resgate.

Lentamente, Mary Ann sorriu.

— É verdade. Mas, aonde devemos ir? Como nós os encontraríamos?

— Eu iria... — Victoria enrijeceu o corpo, franziu a testa e então piscou os olhos. — Você ouviu isso?

Atenta, Mary Ann percorreu o olhar pelo refeitório. Alguns alunos, o mesmo barulho insano de conversas.

— Ouviu o quê?

— Um grito. — A vampira massageou a garganta com a mão. — Um grito tão dolorido... Eu nunca tinha ouvido algo assim. — Dando um pulo, Victoria se levantou, arrastando a cadeira para trás. — E eu acho que... Eu acho que era de Aden.

Um segundo depois, Mary Ann também já estava em pé, com coração acelerado e o sangue resfriando. Alguma coisa quente e dura envolvia o pulso, e então uma forte brisa bagunçou os cabelos. Os pés da garota pareciam não mais se apoiar em uma base sólida e, de repente, ela se sentiu flutuando, voando. Em estado de choque, Mary Ann gritou.

Os alunos, as mesas e até mesmo as paredes em volta dela desapareceram. Em um piscar de olhos, troncos grossos de árvore e folhas alaranjadas apareceram. A luz do sol brilhava no céu acinzentado, fúnebre e, ainda assim, claro demais para os olhos assustados de Mary Ann.

Uma Victoria serena estava ao seu lado.

— O que foi isso? — Perguntou Mary Ann com a voz rouca. E por que ela sentia que ia desmoronar e vomitar? Pontos negros substituíam a luz enquanto o estômago queimava sem piedade.

— Eu nos teletransportei para a floresta. Só consigo viajar distâncias curtas, então precisaremos fazer isso algumas outras vezes até chegarmos ao rancho.

Espere aí. Elas tinham acabado de ser teletransportadas? Para fora da escola?

— Alguém viu a gente? — Deus! Agora Mary Ann não conseguia respirar, o ar congelava no nariz antes de chegar aos pulmões.

— Não sei. Descobriremos amanhã.

Ótimo, pensou a garota, cambaleando com uma tontura repentina.

— Da próxima vez me... Avise. Está bem?

Mary Ann se curvou, suando em bicas apesar de uma tempestade de inverno passar por dentro das veias.

— Mary Ann?

— Oi?

— Aqui está seu aviso.

Mais uma vez, algo quente envolveu os pulsos da garota. Mais uma vez, o chão desapareceu. Mais uma vez, ela estava flutuando, voando, como se o vento a rasgasse, a estilhaçasse em milhares de pedaços. Então, em um instante, esses pedaços se reuniram novamente.

Dessa vez, quando se recompôs, Mary Ann percebeu que elas estavam em uma vizinhança. Casas pequenas, um pouco degradadas, espalhavam-se em volta. Aqueles desagradáveis pássaros negros gritavam e voavam em todas as direções, como se algo os tivesse assustado. Próximo a Mary Ann havia uma rua — por onde passava um carro, O motorista virou a cabeça, curioso, tentando as observar durante o máximo de tempo que pudesse. Ele teria visto as duas garotas aparecerem do nada?

Ele vai pensar que se confundiu. Não se preocupe com isso agora.

— Não... Parada... Aí...

Palavras, entrem em ordem, caramba!

Mais um palavrão. Ótimo. Se continuasse assim, logo ela estaria falando como qualquer outro aluno daquela escola.

No entanto, não havia tempo para lamentar esse desenvolvimento. Os pontos escuros se dilatavam diante dos olhos da garota, tornando-se mais grossos até que alguns dos círculos se encontrassem. A tempestade dentro dela saiu de controle, transformando-se em uma nevasca. Mary Ann tremia. Gelo. Tudo o que ela mais odiava.

— Falta pouco. — esclareceu Victoria. Sua voz não trazia solidariedade, mas apenas preocupação. — Tudo bem? Vamos?

Por Aden. Por Riley. Mary Ann conseguiria fazer aquilo. Ela se endireitou. Consentiu.

Victoria não perdeu tempo. Calor no pulso, e o chão desapareceu. Vento forte. Frio indesejado. Mary Ann estava em pedaços. Em pedaços que poderiam se perder para sempre. E se eles não se recombinassem da forma certa? E se... Deus, ela realmente era dependente. Ela realmente era a ligação frágil do círculo de amigos. Uma garota que nem mesmo aguentava ser teletransportada.

Isso vai mudar. Vou aprender a lutar, não importa o que isso venha a exigir de mim, ela disse a si mesma enquanto se materializava em... Mary Ann olhou em volta. Tudo o que pôde observar foi fragmentos dos arredores e manchas escuras crescendo continuamente. Uma linha de trem; grama, muito alta, amarelada; pedras. Uma cobra deslizava e sibilava sobre o metal enferrujado. Aquele animal não devia estar hibernando?

— Mary Ann?

Ela sabia o que Victoria estava perguntando. Ela estava pronta para partir outra vez.

—Vamos. — disse Mary Ann. — Acabe logo com isso.

Calor. Vento. Frio. Chão. Parada.

Calor. Vento. Frio. Chão. Parada.

— Estamos aqui.

Finalmente. As pernas de Mary Ann bambearam e ela caiu, inspirando o máximo de ar que podia. O que, por sinal, não era muito. Aturdida, muito aturdida. O ar pesava demais, ainda gelado demais. Apenas um pensamento fazia sentido naquela hora: teletransporte é um saco!

— O rancho é logo ali na frente. Quando conseguir, fique de pé e ande até lá. Está bem? Vou entrar agora.

Victoria não esperou resposta (não que Mary Ann fosse conseguir responder, de qualquer forma) e logo escapuliu. Tudo o que o movimento da vampira deixava para trás era uma mancha. *Lute. Lute agora!* Se Mary Ann não lutasse e Riley estivesse lá dentro, ele viria atrás dela, querendo ajudá-la. Ele a veria assim. Ele a veria como mais fraca que nunca.

Um minuto se passou. Talvez uma hora. Afastando aqueles pensamentos da mente, Mary Ann finalmente conseguiu ficar de pé e se arrastar para fora da escuridão. O ar se tornava mais leve, e ela voltava a conseguir respirar. Os joelhos batiam um contra o outro, mas a garota não permitiria que isso a impedisse de seguir adiante. Ela ainda precisava se aquecer, portanto, cada passo era como empurrar as pernas sobre o lodo.

Mary Ann finalmente chegou ao alojamento do rancho onde Aden vivia, uma estrutura que parecia um chalé próximo de um celeiro vermelho-claro. Ela localizou a janela do quarto de Aden, viu que o vidro estava aberto, empurrado para cima. A garota escalou e jogou o corpo para dentro. Foi quando, sem cerimônia alguma, largou o corpo no chão.

— Mary Ann!

A voz profunda de Riley penetrou a névoa que ainda persistia na mente da garota.

Alívio e pavor, foi isso o que ela sentiu. Se Riley dissesse algo sobre a presença ou a condição dela, ela iria... O quê? Nada, provavelmente. *Covarde.*

Não por muito mais tempo.

— Eu vim ver como você está, querida. Você está bem? — Os braços dele envolveram o corpo da garota e delicadamente colocaram-na de pé.

— Estou bem. Você pode me soltar se quiser. — *Não solte.* — Onde está Aden? Como ele está?

Mary Ann ergueu a cabeça. O olhar da garota se encontrou com o olhar de Riley. Como sempre, o coração dela disparou. Ele era tão lindo. Um guerreiro. No entanto, naquele momento, apesar de tudo isso, ele parecia um morto-vivo. Riley estava sem camisa e por todo corpo havia sangue ressecado.

— O que aconteceu aqui?

—Venha. Venha ver com os próprios olhos.

Cinco



MARY ANN ESPERAVA TRAGÉDIA. Até mesmo morte. Ela estava preparada para o impacto emocional, independentemente do que estivesse por vir. Dor, remorso, arrependimento. Uma combinação dos três. O que a garota viu a surpreendeu e ela logo foi preenchida por felicidade e alívio.

O quarto de Aden estava arrumado. Limpo. Os papéis na escrivaninha estavam organizados e o ar maravilhosamente doce, cheirava a uma mistura de rosas e madressilva. Aden estava deitado na cama, enterrado nas cobertas. Ele parecia um pouco mais pálido que o normal, bolsas escuras emolduravam os olhos fechados. No couro cabeludo, os cabelos negros, com raízes loiras, estavam bagunçados e emaranhados. Apesar de o corpo tremer, o garoto parecia saudável e perfeito. Mary Ann levou a mão ao peito acelerado e sorriu.

Com lágrimas escorrendo pelo rosto, Victoria estava ao lado de Aden, acariciando-lhe a mão. Por que as lágrimas? Ele estava vivo.

— Não entendi o que está acontecendo. — disse Mary Ann, apoiando-se ainda mais no corpo de Riley.

— Ele cheira a Fae. — Victoria deslizou sob as cobertas e se aninhou ao lado de Aden. — Meu garoto. — ela murmurou. — Você está tão frio. Como gelo. Deixe-me aquecer você.

Aden, dormindo ou não, deve ter reconhecido a namorada, pois se virou na direção dela, deslizou os braços em volta da cintura da vampira e a abraçou forte. Aos poucos, o garoto parou de tremer.

— Qual é o problema em se ter cheiro de Fae? — Perguntou Mary Ann. Tudo o que ela sentia era o cheiro de rosas e de madressilva. E era bom. Feliz, ela inalava, saboreando, querendo poder levar para casa o aroma em uma garrafa para se banhar com aquilo.

Aliás, quando ela fechava os olhos, podia se imaginar rodopiando em um campo, cercada por arbustos com rosas formando um arco-íris de pé- talas suaves e cheirosas. Temperatura amena. Pássaros cantando. Céu de um azul turvo, nuvens brancas como algodão. As imagens a tranquilizavam e, pela primeira vez naquele dia, seu estômago se acalmou.

— O fedor permanece e nosso povo nunca o seguirá assim. Eles vão se rebelar. Eles vão exigir um novo líder. Mas, para conseguir um novo líder, eles terão de matar Aden. — Lágrimas caíam dos olhos de Victoria.

— E Aden deve aparecer diante deles. Esta noite.

A última frase foi expressa em um grito.

— E isso não é o pior. — disse Riley, seriamente. — Ainda não lhes contei como ele veio parar nessas condições.

As pálpebras de Mary Ann se distanciaram rapidamente; o campo e as cores desapareceram. Tão... Estranho. Por um segundo, ela poderia jurar que realmente estava naquele campo.

Riley disse algo em uma língua que Mary Ann desconhecia e Victoria logo ficou pálida.

— O Sr. Thomas para os humanos. — ele terminou, em inglês.

— Quem? — Perguntou Mary Ann. — E o que você disse? Tipo... Antes?

— Eu disse o nome do príncipe dos Fae, que levou Aden para Fairy Tale. — explicou Riley. — Os humanos não são capazes de pronunciar nomes feéricos, por isso eles usam

versões adaptadas do nome enquanto estão aqui. De qualquer forma, ele fez, no passado, um juramento de sangue para destruir todos os membros da família de Victoria, por terem participado da morte do irmão dele.

— Aden agora é parte da família real. — ofegou Victoria.

— Como vocês podem ver, ele está, em geral, bem, mas... Uma luta aconteceu. — continuou Riley. — Eu estava perdendo. Aden possuiu o corpo dele, permitindo que eu matasse-o... Que eu o vencesse.

Espere. Fairy Tale... Conto de... Fadas?

— Fairy Tale é...

— Uma dimensão que coexiste próxima à nossa, de onde é possível enxergar a nossa dimensão. Em outras palavras, enquanto eles estão lá, nos ver; apesar de nós não conseguirmos vê-los. E é por isso que todos eles desenvolveram esse complexo de Deus e de se consideram mestre e protetores desse mundo.

Outra dimensão? Sério?

Por que você está tão surpresa? Mary Ann estava descobrindo que todas criaturas que, no passado, ela pensava pertencerem a apenas, digamos, contos de fadas, na verdade existiam. Elas coexistiam em segredo. Ou não tão em segredo agora.

Victoria levantou o olhar na direção de Riley com uma expressão tão grave quanto à voz do mutante.

— Onde está o príncipe agora?

— Ainda em Fairy Tale. Aden tem o poder de acordar os mortos e eu não queria um príncipe feérico zumbi solto por aí. Foi por isso que eu trouxe Aden para cá o mais rápido que pude. Há muitas coisas que precisam ser organizadas agora, e preciso fazer isso antes que outro elfo descubra os restos... — O olhar de Riley correu até Mary Ann. — Quer dizer... Ah, deixa pra lá. Só preciso me retirar por alguns minutos.

Mary Ann sabia que Riley temia sua reação à violência que era própria da natureza do mutante, temia todas as coisas que ele tinha feito — e todas aquelas que um dia viria a fazer. Ela também sabia que uma guerra estouraria se “os restos” fossem encontrados. Uma guerra maior que aquela que já tinha começado.

Portanto, era impossível contrariar. Independentemente do que Riley precisasse fazer para sobreviver, Mary Ann queria que ele fizesse. Ela o soltou.

— Então vá. Nós vamos cuidar de Aden enquanto você estiver fora.

Riley permanecia tenso enquanto esperava pela resposta da garota. Agora, entretanto, estava mais relaxado.

— Obrigado.

Depois de um beijo rápido e firme, um sussurro:

— Tome cuidado.

Riley caminhou na direção do guarda-roupa, desaparecendo logo em seguida. Houve alguns ruídos de roupas caindo e, depois... Nada mais. Franzindo a testa, Mary Ann caminhou até o móvel e olhou do lado de dentro. Riley já tinha se retirado. Desaparecido. Cambaleando, a garota foi até a única cadeira existente no quarto e se sentou. Os pés agora estavam aliviados, embora a mente continuasse girando.

Será que Riley estava em Fairy Tale agora? Será que havia uma passagem no guarda-roupa? Se houvesse... Nossa! Isso sim seria estranho!

— Ele vai ficar bem, não vai? — Mary Ann perguntou a Victoria?

A atenção da vampira estava completamente concentrada em Aden enquanto ela passava as pontas dos dedos sobre a face do garoto e lhe beijava o queixo. O anel de opala que ela sempre usava brilhava contra a luz, como se presos dentro dele estivessem cacos de arco-íris.

— Ele vai precisar abrir uma passagem. É por isso que está fora de vista. E, depois, vai...

A porta do quarto abriu subitamente. Um garoto entrou, um garoto que Mary Ann não conhecia. Ele parou quando viu Victoria na cama com Aden e Mary Ann sentada na cadeira da escrivaninha. O garoto apertou os olhos, claramente avaliando a situação. Ele tinha exatamente a mesma satisfação de Riley, como se tivesse feito coisas... Coisas difíceis, coisas perigosas.

— Em primeiro lugar, alguém pode me explicar como Aden pega todas essas gatas? — Disse o garoto com uma voz áspera. — Em segundo lugar, quem são vocês e que diabos querem aqui?

Uh-oh! Eles tinham sido pegos. Aden devia estar na escola. Se Dan, homem que cuidava dos adolescentes, descobrisse que o garoto estava matando aula, Aden poderia ser expulso do rancho. Em segundo lugar, não era permitido levar garotas para lá. Se Dan descobrisse que Mary Ann estava por ali, Aden definitivamente seria expulso do rancho.

De uma forma ou de outra, Aden estava ferrado.

Victoria se sentou, com o olhar sem deixar de acompanhar o recém-chegado.

—Você vai sair deste quarto vazio e fechar a porta. Você não viu nada.

A voz emanava poder. Tanto poder que Mary Ann teve de massagear os braços para lembrar que não era ela que estava recebendo o comando. — E você não vai voltar aqui hoje.

— Nada. Sair. Não voltar.

O garoto balançou a cabeça, consentindo. Os olhos estavam vidrados. Ele caminhou, se virou e fechou a porta.

Depois do pequeno intervalo, Victoria, assim como Mary Ann, voltou o olhar para Aden. Ele parecia mais tranquilo, com a cor menos pálida, e as feridas desaparecendo.

— Ele está se curando. — disse Mary Ann. O alívio da garota era palpável.

— Sim. — respondeu a vampira sem olhar para ela. Apesar do progresso, a preocupação parecia não tê-la deixado.

Mary Ann precisava de uma distração.

— Sou uma neutralizadora de poderes. Como, então, você conseguiu usar seu comando de... Uh, voz de vodu enquanto estou aqui?

— Você não impede Riley de se transformar, impede?

— Não.

— Porque essa habilidade é natural, é parte de quem ele é. O mesmo vale para mim. A maioria dos meus poderes é natural, eu já nasci com eles. Como teletransportar, por exemplo. Você também não me impediu de nos teletransportar.

Infelizmente ela não impediu o teletransporte.

E a *maioria* dos poderes de Victoria? Maioria como... Muitos? Quantas coisas esquisitas ela podia fazer? E, além disso, o que não seria natural? Não que Mary Ann fosse perguntar. Ela e Victoria agiam, na maior parte do tempo, de forma amigável, mas os garotos eram o elo que as mantinha juntas. Não era uma questão de afeição. Ainda não. Talvez isso viesse a surgir com o tempo.

— Que semana terrível essa. — murmurou Victoria. — Meu pai foi morto, a maldição de morte de uma bruxa foi lançada e Aden acabou sendo ferido pelo Fae.

As bruxas. Saco! Como Mary Ann tinha conseguido se esquecer, mesmo por um segundo?

— Você já foi convocada para uma reunião de bruxas antes?

— Não. Em geral, as bruxas e os vampiros se evitam. Eles são... Bem, o sangue das bruxas é o nosso maior vício. — Victoria fechou os olhos e lambeu os lábios, como se imaginasse bebendo o sangue de uma bruxa. — O gosto é... Eu não consigo nem descrever. Não há nada como aquilo, e com apenas um gole pode nos escravizar.

Que ótimo. Então nenhuma delas sabia o que esperar.

— Sempre mantivemos distância uns dos outros e temos uma espécie de pacto não declarado. — continuou Victoria — Não as utilizamos para nosso sustento e elas não nos amaldiçoam. Ou pelo menos era assim até recentemente.

— Então você não se sente à vontade quando elas estão por perto?

— Certamente não.

— E vocês também estão em guerra com os Fae?

— Sim.

— E vocês odeiam duendes?

— Qualquer um que tenha bom senso detesta duendes.

Os vampiros eram aliados de alguém? Bem, alguém além dos lobisomens, seus protetores fiéis?

Talvez você tenha entrado para o time errado.

O pensamento perdido atingiu Mary Ann, fazendo-a piscar. Errado! Ela tinha entrado para o time certo. Ela tinha entrado para o time de Riley. Como sua mente poderia considerar o contrário?

Você está mesmo enfurecida com o próprio cérebro?

Mary Ann detestava essa voz cínica que falava dentro dela. Além do mais, em qual outro time ela teria entrado? O das bruxas? Claro, isso teria sido ótimo. As bruxas não poderiam amaldiçoá-la toda vez que a garota se sentisse furiosa com relação a elas.

Ah espere. *Elas poderiam.*

Mas Deus, se ela ao menos pudesse conversar com uma bruxa. Fazer algumas perguntas, entender as coisas. Mas como? As bruxas não usavam letreiros no pescoço anunciando o que eram, nem apareciam na escola ou ali, no rancho, perguntando o que poderiam fazer por ela. Porém, Victoria e Riley poderiam reconhecê-las apenas com o olhar. E se os dois fossem até a cidade (onde a maioria das criaturas estavam se reunindo, tentando descobrir como tinham sido convocadas até Crossroads, saber que Aden era a fonte) e seqüestrassem uma bruxa?

Os olhos de Mary Ann arregalaram. É claro! Seqüestrar uma bruxa, fazer perguntas, obter respostas e boom. Sucesso. Feitiço de morte revertido.

Ela poderia ter dançado.

Obviamente Mary Ann nunca tinha seqüestrado ninguém e não tinha a mínima idéia de como fazer isso. No entanto, ela acabaria encontrando uma forma.

Quem é você?

A antiga Mary Ann nunca sequer consideraria um plano tão arriscado. Porém, aquele era um novo mundo e ela precisava se adaptar. Ou morrer. Ela não estava pronta para morrer.

— Voltemos às bruxas...

Depois que a garota esboçou seu plano para Victoria, a vampira a olhou pela primeira vez desde que elas tinham entrado no quarto e acenou com a cabeça, pensativa.

— Excelente.

— Eu não imaginava que você pudesse ser tão mercenária, Mary Ann.

Lentamente, o “brilho” da garota diminuiu.

— O que você quer dizer com isso?

— Só quero dizer que aprovo seu plano. Seqüestro e tortura por informações. E, após o encontro, podemos até mesmo barganhar pela libertação de nossa prisioneira. Se as bruxas jurarem nunca mais nos amaldiçoar, ela sobrevive.

E se elas se recusassem a fazer esse juramento?

Mary Ann sentiu um buraco no estômago. Ela jamais cometeria um assassinado. E tortura? Não! Na cabeça dela, ela esperava que a bruxa simplesmente oferecesse respostas em troca de liberdade. Simples. Simples assim. Era óbvio que Victoria pensava diferente. E era

óbvio que a vampira poderia recorrer à brutalidade tão facilmente e sem um pinga de remorso...

Em primeiro lugar, você não se importou de Riley agir como se fosse o Super-homem. Em segundo lugar, Victoria é uma vampira, lembra? Criada por um dos homens mais cruéis da história. Portanto, durante oitenta anos, conforme havia confessado, a vampira enxergava os humanos como alimento. Nada mais e nada menos que alimento. A vida não tinha valor algum para ela. Além do mais, bruxas não eram humanas. Mary Ann não sabia, mas elas eram uma fonte de irritação para os vampiros. E irritações provavelmente deviam ser destruídas imediatamente.

Dolorosamente.

Era isso que Vlad, o Empalador, muito provavelmente fazia, e era isso que Victoria supunha ter de fazer. Alguém teria de ensinar à vampira que as coisas não funcionavam assim.

Pronto. Nova tarefa para a lista cada vez maior de afazeres de Mary Ann. Ensinar Victoria a respeitar outras espécies. A garota esperava que Riley não precisasse receber a mesma lição. Caso fosse necessário, entretanto, Mary Ann o ensinaria. Não haveria mortes, a não ser quando elas fossem estritamente necessárias.

A não ser quando elas fossem estritamente necessárias? *Quem é você?* Ela se perguntou novamente. E como ela ensinaria a uma vampira e a um lobisomem qualquer coisa que fosse, considerando que eles eram muito mais velhos que ela e tinham toda uma vida de experiências que nem sequer podia imaginar?

— Quando ele vai acordar? — Victoria perguntou repentinamente.

Mary Ann se afastou dos pensamentos.

— Acredito que quando o corpo dele estiver pronto. Descansar é forma de se curar.

— Eu queria... Eu queria poder transformá-lo em vampiro. Assim, a pele dele seria indestrutível.

Ela realmente precisa eliminar essa palavra de seu vocabulário. A pele dos vampiros podia ser queimada com *je la nune*; pelo menos era assim que Mary Ann pensava que Aden chamava aquilo. Ele já havia dito que *je la nune* era fogo mergulhado em ácido, embrulhado em veneno e polvilhado com radiação. Ou algo assim. Era isso que estava escondido dentro do anel de Victoria.

Que forma mais dolorosa de morrer. Mary Ann não estava certa de que Aden preferiria isso aos cortes e ferimentos que agora tinha.

— Ele vai morrer, sabia? — Disse Victoria, suavemente. Ela descansou a cabeça no peito de Aden, como se estivesse ouvindo o palpar do coração do garoto. Com os cabelos negros e sedosos espalhados em volta dos ombros, caindo como uma cortina sobre o braço com o qual ela envolvia a barriga de Aden. Juntos, eles pareciam o anúncio de um perfume requintado em uma revista. — Ele já contou para você?

— Contou o quê? Todos os humanos morrem.

— Não. Ele vai morrer... Logo.

Em um primeiro momento, tudo o que Mary Ann conseguiu fazer foi piscar os olhos para Victoria, certa de que tinha entendido errado. No entanto, conforme as palavras entravam na cabeça da garota, elas se tornavam reais. Ele vai morrer... Logo. Toda a saliva que havia na boca de Mary Ann secou, as pernas tremeram e o coração voltou a martelar.

— Como ele sabe que vai morrer?

— Uma das almas que vivem na cabeça dele é um vidente. Um profeta da morte.

— Quan... Quando isso vai acontecer? Como isso vai acontecer?

— Uma punhalada no coração. A outra pergunta, quando... Isso, bem... Isso ele não sabe. Só sabe que será logo, corno eu disse.

Logo. Mas o que era logo? Um dia? Uma semana? Um ano? Caramba... Uma faca atravessando o coração? Meu Deus! Uma morte ainda pior que com *je la nune*. Ele realmente precisava da pele dura dos vampiros.

Por que ele não tinha contado para ela?

— Por que você não o transforma em vampiro?

— Já tentaram transformar humanos no passado. Sem sucesso.

— Nós não podemos...?

— Impedir que isso aconteça agora que sabemos que vai acontecer? — Victoria riu ironicamente. — Não. Aparentemente, isso só vai piorar a coisas para ele. Ele me disse que impedir uma morte quando ela foi profetizada não altera o resultado, mas apenas a forma como o resultado é alcançado. E, quando modificado, esse resultado se torna muito mais doloroso.

Aden. Morto. Em breve. Não! Lágrimas queimaram os olhos de Mary Ann, cortando as maçãs do rosto.

— Como ele consegue viver sabendo disso?

Não fale assim. Alguma coisa pode ser feita. Certamente algo pode ser feito.

— Não sei. Mas acho que eu não conseguiria. Ele é humano, mas é mais forte que eu conseguiria ser.

Victoria passou o dedo sobre o coração, formando uma figura, mas Mary Ann estava longe demais para conseguir perceber o que era. Porém se a garota pudesse tentar adivinhar, diria que era a mesma coisa que desenhara sobre a mesa do refeitório.

— E você tem certeza de que não pode transformá-lo em vampiro?

Tinha de existir outra forma de salvá-lo.

— Tenho certeza. Nosso sangue é... Diferente do seu e, em grandes doses, o que seria o necessário para transformar alguém, leva os humanos à loucura e à morte. Às vezes, o vampiro, tentando fazer a transformação também morre, embora ninguém saiba o motivo.

Aden jamais arriscaria a vida de Victoria. Disso, Mary Ann estava certa.

— Como, então, você se tornou vampira? — Perguntou Mary Ann com a voz rouca, sem se conter.

— Eu nasci assim. Meu pai foi o primeiro a se transformar. Ele bebia sangue, mesmo enquanto era humano, e lentamente se viu mudando. Sua pele se tornou mais espessa, a fome por todo o resto desaparecia. Seu corpo parou de envelhecer. Ele fez seus homens de maior confiança e as mulheres desses homens beberem sangue, como ele, e eles também se transformaram. Então, ele fez seus adorados animais de estimação, os lobos, beberem. Eles também se transformaram e se tornaram agressivos. É a descendência desses animais, como Riley, que você vê agora. Eles conseguem se transformar em humanos.

— Por que Aden não pode beber aquele sangue? O mesmo sangue que seu pai e o povo dele beberam?

— Ele bebeu sangue de pessoas, Mary Ann, e essas pessoas morreram há muito tempo. Descansam em paz.

— Mas se Aden bebesse sangue de pessoas... Talvez...

— Já tentaram isso também. E isso também não funcionou.

Então não havia saída? Elas deviam desistir e assistir à morte de Aden? Logo? Não. Certamente que não. Mary Ann se recusava. Devia haver uma forma de salvá-lo, ela pensou novamente. Por favor, que haja uma, qualquer forma de salvá-lo.

De repente, Riley saiu do guarda-roupa, esfregando as mãos e pedindo que as duas lhe dessem atenção. Ele estava totalmente vestido agora. Suas roupas estavam amarrotadas, rasgadas e manchadas de sangue e havia manchas de terra no rosto e nos braços.

— Feito. — disse Riley, sem emoção alguma na voz. — Ninguém vai saber que o príncipe foi morto na casa de Aden. — O olhar do mutante estudava Mary Ann, assegurando-se de que ela estava bem antes de, finalmente, encarar Aden e Victoria. — Como ele está?

— Melhor.

Como se tivesse ouvido a pergunta, Aden gemeu.

Ambos, Mary Ann e Riley, se calaram antes de correr em direção à cama e se agacharem ao lado dele. Mary Ann segurou a mão de Riley e a apertou.

De joelhos, Victoria subiu sobre o garoto e acariciou-lhe as bochechas.

— Aden, você consegue nos ouvir?

Lentamente, ele abriu os olhos. Houve uma inspiração coletiva enquanto o grupo esperava... Esperava... Ele focou o olhar, embora as íris multicoloridas, uma mistura de marrom, azul e verde, estivessem opacas.

— Victoria? — Ele perguntou, instável.

— Estou aqui. Como você está? Posso fazer alguma coisa por você?

Aden franziu a testa, inclinando a cabeça para o lado. Ele piscou novamente e o franzir se intensificou. Então, impressionou todos quando resmungou um “Não!”, agarrando Victoria pelos ombros e jogando-a para trás dele enquanto ajoelhava.

— Não se atreva a tocar nela!

Assustada, Mary Ann seguiu a linha do olhar do garoto. Ela não viu ninguém.

— Aden?

— Como você se atreve a continuar vivo? — Perguntou. — Você foi morto por Riley. Eu senti a sua morte!

— Aden? — Victoria se aproximou novamente e envolveu os antebraços do garoto nos dedos, forçando-o para baixo. — Com quem você está conversando?

— Com o príncipe. — O garoto continuou onde estava, fechou os olhos e os levantou, pronto para atacar. — Com o príncipe que já devia estar bem longe daqui.

— Ele está aqui? — Perguntou Riley.

— Sim.

— Mas isso é impossível. Quer dizer... Realmente impossível. Eu acabei de enterrar o maldito corpo dele!

Seis



ENTERRAR O MALDITO CORPO DELE.

As palavras penetraram a névoa que passava pela cabeça de Aden e ele esfregou a mão trêmula no rosto. Não estava acontecendo. Aquilo não podia estar acontecendo.

Enterrar o maldito corpo dele.

Novamente, Aden empurrou Victoria para trás dele, mas Thomas se aproximava em ritmo contínuo, tentando tocá-la. Matá-la. Havia ódio nos olhos do elfo. A única boa notícia era que, em todas as tentativas, a mão de Thomas passava como a de um fantasma por Aden e por Victoria.

Riley já tinha agarrado Mary Ann e a empurrado contra a parede, cobrindo-a com o corpo, como se ele fosse um escudo. O olhar de predador de Riley correu o quarto, examinando, com o corpo querendo reagir.

Enterrar o maldito corpo dele.

O ódio no olhar de Thomas era compreensível. Afinal, Aden tinha recebido o golpe de morte no corpo do elfo. O garoto encolheu os ombros, lembrando. A dor... Ele nunca tinha sentido algo como aquilo. Aliás, Aden nem sequer tinha palavras para descrever. Excruciante seria uma massagem leve, em comparação.

E Aden morreria assim.

O que significava que ele teria que passar outra vez por aquilo. Com o peito se abrindo, os órgãos rasgando e o sangue jorrando. O frio o consumiria, transformando os ossos em pedras de gelo. Não. Não, não, não. Ele se recusava. Ninguém merecia encarar aquele tipo de morte. E duas vezes? Não. Não! Inferno! Não! Ele pensaria em algo, faria algo, qualquer coisa, para evitar.

Sim, Aden tentara salvar pessoas no passado, esperando contornar as mortes que Elijah mostrava. E, sim, essas pessoas morreram de outras formas, de formas ainda mais dolorosas. Porém, para o garoto, não havia nada mais doloroso que uma faca atravessando o coração. Ele aceitaria qualquer coisa. De coração. Que trocadilho idiota!

— Por que não posso tocar na vampira? — Rosnou Thomas.

— Afaste-se. Ou... — Que tipo de ameaça assustaria um elfo? — Você vai se arrepender. — Está bem, essa não era a melhor, mas era tudo o que a mente confusa de Aden podia criar naquele momento.

Finalmente, ofegante e com a pele brilhando de suor, o príncipe parou.

— O que vocês fizeram comigo?

Boa pergunta.

— Apenas deixe Victoria em paz. — Lentamente, Aden saiu da cama... Era melhor que as pernas cooperassem... Sim! Ele continuava de pé, com os braços abertos para tentar impedir qualquer nova tentativa. — Aliás, vá embora.

Aden enrijeceu o corpo quando um pensamento passou por ele. *Vou fazer você pagar por isso. Mesmo que seja depois de morto.* Thomas tinha dito isso antes de receber o golpe. Pagar. Depois de morto.

Depois de morto. Ah... Caramba. O garoto tinha ganhado um elfo-fantasma-companheiro?

—Aden, o que está acontecendo? — Perguntou Victoria enquanto o príncipe gritava: — Eu não consigo! Eu tentei.

Ela correu para entrar na frente de Aden, antes que o garoto conseguisse detê-la, pronta para assumir para si a luta contra o inimigo.

— Diga o que devo fazer e será feito.

— Victoria. — disse. Ele não conseguiria suportar a idéia de ela se ferir. E, além de tudo, aquilo poderia ser um truque. O que Aden sabia sobre elfos e sobre a vida após a morte desses elfos? Thomas podia estar esperando a hora certa de atacar. Podia, mesmo.

— Não tem ninguém aqui, Aden. Só a gente. O príncipe está morto. Riley enterrou o corpo, conforme ele disse. E, ainda assim, você consegue ver Thomas?

— Sim. Mas vocês não conseguem vê-lo? Não conseguem ouvi-lo?

Um coro entoou um “Não”

Está bem. Ninguém além de Aden conseguia ver ou ouvir Thomas, Thomas já não conseguia tocar em ninguém. Talvez, então, aquilo não fosse um truque. Além disso, o príncipe queria matar Victoria e toda a família da vampira (motivo suficiente para justificar sua morte) e não esperaria pela hora certa de atacar. Ele simplesmente teria desferido um golpe. Aden devia ter pensando nisso antes.

O príncipe realmente era um fantasma.

Pelo menos você não o sugou para dentro da cabeça, disse Julian, tentando ajudar.

Cara, disse Caleb. *Como se isso fosse um raio de esperança.*

As almas tinham estado quietas desde que ele fora atingido no peito. Ouvi-las agora, como se nada tivesse acontecido, era tanto um alívio quanto uma maldição. Elas estavam vivas e bem, mas Aden não precisava se distrair agora.

Thomas estava aqui para assombrá-lo.

O enjôo invadiu o estômago, que ameaçava se revoltar. Ele tinha se encontrado com fantasmas antes. Caramba, as almas dentro dele eram fantasmas sem corpo. E sim, ele agora sabia que Thomas não conseguiria ferir Victoria, mas aquilo não diminuía sua preocupação. Aquele fantasma não era apenas um humano que tinha morrido. Imagine o que Thomas seria capaz de fazer.

— Saia. — ele disse a Victoria. Aden a segurou pelo braço e a fez girar. Então, ele apoiou a mão na parte inferior das costas da vampira e a empurrou para trás, na direção de Riley.

— O-o quê?

Victoria estava tão em choque com as palavras e gestos de Aden que sequer ofereceu resistência.

—Você precisa sair. — esclareceu, sem tirar os olhos de Thomas. Só por precaução.

— Não estou entendendo.

— Você também, Riley. Pegue Victoria e vá. — Aden queria explicar, mas não queria que Thomas ouvisse que Mary Ann bloqueava as habilidades sobrenaturais; vai que outros elfos e fadas pudessem vê-lo e ouvi-lo. De qualquer forma, o que menos o garoto queria era que fadas e elfos soubessem que Mary Ann neutralizava seus poderes, que, quando ela estava por perto, ele não ouvia vozes. Que ele não via fantasmas ou acordava os monstros. Exceto quando Riley estava com ela. De alguma forma, Riley neutralizava a habilidade que Mary Ann tinha de... Bem, neutralizar. Um dia ele entenderia o motivo. Até lá... — Pelo amor de Deus, saiam!

Riley franziu as sobrancelhas, mas concordou.

— Sim, Majestade. Mantereí as duas garotas seguras.

— Achei que tivesse dito para você não me chamar assim. — Aden não era rei de ninguém. — E Mary Ann precisa ficar.

— Não. — os olhos verdes se estreitaram na direção dele. — Mary Ann vai comigo e ponto final.

Uma briga? Agora? Se fosse assim, Aden preferia ser reverenciado.

— Na verdade, Mary Ann fica. E isso é uma ordem.

A cabeça da garota, com aqueles cabelos escuros, espreitava por trás do ombro de Riley. Ela simulou um movimento cortante sobre a garganta, silenciosamente dizendo para que ele não fosse até lá. Thomas viu, avaliando. Decidindo o que fazer?

Uma pausa pesada e cheia de tensão instalou-se no quarto. Finalmente, Riley rosnou: — Sim, Majestade. Tudo deve ser como o senhor ordena.

Aden apertou os lábios para evitar uma resposta. Ele estava conseguindo o que queria; podia deixar o sarcasmo de lado.

— Aden? — Disse Victoria. E ele pode ouvir a pergunta (*por que você está fazendo isso?*) no tom de voz musical da vampira. Pior que isso: ele podia ouvir a dor.

O garoto subitamente passou a se detestar. Ela tinha enfrentado dores suficientes nos últimos tempos, e ele não queria acrescentar mais outras dores à mistura.

Não seja tão duro com ela, Aden. Caleb o repreendeu. *Você sabe que eu só quero que ela se divirta.*

Diversão. Sim. Isso era tudo que Aden também queria para ela. Sempre. Ela havia passado a vida toda protegida, obedecendo a regras e mais regras, sem poder dar risada. Ainda assim, Aden a estava afastando em vez de dar qualquer explicação.

Assim que eles estivessem seguros, o garoto explicaria à vampira seu motivo. E depois ele a provocaria até que ela caísse na risada. Aden só tinha ouvido Victoria rir duas vezes e ainda sonhava em ouvir aquele som delicioso outras vezes.

Por favor, não me diga que você está ouvindo o que Caleb diz, repreendeu Julian. *Temos trabalho afazer.*

Verdade, um trabalho sexy.

Você é um perverso.

Pessoal! Elijah suspirou. *Brigar é realmente necessário? Bem agora?*

Aparentemente, Elijah tinha assumido o papel de figura maternal depois que Eve se fora.

— Aden. — repetiu Victoria, trazendo-o de volta para o presente.

Ele rangeu os dentes, irritado consigo mesmo. Sua concentração era péssima, até mesmo em momentos de grande perigo.

— Me telefone mais tarde. — Foi tudo o que o garoto disse, ainda disposto a não explicar nada enquanto Thomas pudesse ouvi-lo.

— Farei mais que isso. Voltarei para você esta noite. — Victoria agarrou a mão de Riley antes que o lobo começasse a protestar. — Minha família quer conhecê-lo, e o desejo deles é algo que você não pode ignorar.

Com isso, os dois se foram.

Um segundo depois, Thomas também desapareceu. Um segundo depois, as almas dentro da cabeça de Aden suspiraram, como sempre faziam quando Mary Ann as silenciava, desaparecendo da mente do garoto, caindo no buraco negro sobre o qual elas já haviam contado para ele.

As almas desprezavam aquele buraco negro, mas não reclamaram.

Elas adoravam Aden. Elas queriam vê-lo feliz e sabiam que esses momentos de privacidade eram necessários.

Tão necessário quanto libertá-los, ele pensou, sentindo-se culpado novamente.

Aden se abaixou, deslizando as costas contra a parede. Sim, ele os libertaria, mesmo que pudesse querer mantê-los. No entanto, primeiro, precisava descobrir exatamente quem eles eram quando estavam vivos. Então o garoto precisaria ajudá-los a dar fim ao que os mantinha presos a Terra. A ele.

Foi assim que Aden perdera Eve. Quando ele ofereceu a ela o que ela mais queria, passar um dia com a filha, Eve desapareceu em um piscar de olhos.

Tantas coisas para fazer, ele pensou. Desgastante. Aparentemente, em primeiro lugar estava o encontro com a família de Victoria. As irmãs que ele já tinha visto durante uma visão. *Laurel e...* Não, não era esse o nome dela. Seu cérebro parecia bagunçado. Os nomes das irmãs pareciam inalcançáveis.

— O elfo... — Começou Mary Ann.

— Sim, ele já era.

No entanto, Thomas aparentemente voltaria assim que Mary Ann deixasse o rancho. O que Aden faria quando isso acontecesse? Ele não podia manter a garota aqui o dia e a noite toda.

— Ótimo. Agora não leve isso a mal, está bem? — Mary Ann caminhou até a cama e se jogou sobre o colchão, que ricocheteou para cima e para baixo. — Mas você realmente precisa de um banho.

Ele olhou para baixo, observando o próprio corpo, as bochechas estavam esquentando. Linhas de sangue se desenhavam no peito e o suor tinha secado, deixando a samba canção junto à pele.

— O banheiro fica no final do corredor. Você espera aqui? Não vou demorar.

— Espero. — disse Mary Ann, com um sorriso malvado. — Agora menos conversa e mais banho.

Fraco como estava, ele precisou se apoiar na parede para levantar o corpo e se sustentar em pé. E, enquanto procurava por roupas no armário, lutou contra ondas e mais ondas de tontura. Depois de muito se esforçar, Aden finalmente chegou ao banheiro, tendo conseguido atravessar o corredor sem cruzar com nenhum dos outros garotos.

A água quente corria pelo corpo, limpando-o por dentro e por fora.

Seu primeiro banho sozinho, ele brincou. Aden se perguntava até que distância a habilidade de Mary Ann se estendia — e gostaria de “desfrutar um pouco mais da solidão. Sim, realmente apreciar a solidão. No entanto, em vez disso, ele precisava se apressar, conforme havia prometido.

Quando terminou, vestiu uma camiseta e calças jeans, e caminhou de volta até o quarto. Pouco antes de chegar à porta, o aroma de sanduíches de manteiga de amendoim o atraiu até a cozinha. Havia uma bandeja com vários desses sanduíches, uns sobre os outros, e nenhum garoto por perto. Eles deviam estar aqui, estudando.

Você matou o professor deles, lembra?

Sentindo-se novamente entristecido e culpado, Aden pegou dois dos sanduíches e comeu cada um deles em duas mordidas. Em seguida, procurou pelos outros garotos do alojamento. Todas as tarefas haviam sido realizadas, portanto, os garotos só podiam estar por ali. O assoalho estava brilhando; a mesa de carvalho e as cadeiras, limpas. As paredes tinham sido lavadas e cheiravam a sabão.

Alguns meses atrás, aquelas paredes eram decoradas com ferraduras e fotos do rancho. As paredes tinham sido construídas há mais ou menos cem anos. No entanto, alguns dos rapazes se meteram em uma briga, e um deles usou uma das ferraduras para bater no outro. Ou pelo menos era isso que Aden tinha ouvido alguém dizer. Dan, o dono do rancho e o cara responsável por cuidar deles, retirou tudo o que estava pendurado.

Nenhum sinal dos garotos por ali. Eles estariam bem? Onde...

De repente, risadas surgiram.

Na janela próxima ao corredor de entrada, Aden puxou a cortina um pouco para o lado e olhou para fora. O céu nublado emoldurava o toldo cinza do rancho D&M enquanto os garotos jogavam futebol no campo que ficava entre a casa principal e o alojamento.

Momentaneamente, Aden sentiu uma pontada de inveja. No passado, aquilo era tudo o que ele queria. Amigos, jogos. Aceitação. Agora, ele finalmente tinha isso, ou a maior parte disso, mas, ao mesmo tempo, estava ocupado demais para desfrutar.

— Vocês vão se meter em problemas. — ele disse aos rapazes, embora eles não conseguissem ouvir. Dan não estava no rancho — sua caminhonete não estava lá —, mas Meg, esposa de Dan, raramente saía da casa principal e ela poderia relatar o que estava acontecendo.

Porém, Aden supôs que, sem tutor, não havia nada para estudar e então, sua sensação de culpa aumentou ainda mais. Dan precisaria encontrar um novo tutor, sem ter idéia de porque o Sr. Thomas tinha “largado tudo” de forma tão repentina quanto tinha aparecido por ali.

Aden gostava de Dan. Respeitava Dan. Muito. Aquele cara tinha honra e realmente queria oferecer uma vida melhor aos garotos. Ainda assim, de vez em quando Aden tornava a vida daquele homem mais difícil. *Não pense nisso agora.*

De volta ao quarto, ele encontrou Mary Ann ainda na cama, embora estivesse encostada contra a cabeceira e lendo um dos livros de Shannon

Aden fechou a porta (sem trancar, já que Dan tinha tirado a chave) e a garota olhou para ele.

— Muito melhor. — disse ela, demonstrando sua aprovação balançando a cabeça.

— Obrigado por ter ficado aqui.

— Foi um prazer. — Ela deixou o livro de lado e se ajeitou. — Como você está se sentindo?

— Tão bem quanto meu cheiro.

Ela riu exatamente como ele queria que Victoria risse.

— Então está ótimo, não é mesmo?

— Desculpe por ter feito você esperar.

— Não tem problema. De qualquer forma, eu queria conversar com você sobre uma coisa.

Aden se sentou à escrivaninha, admirando-se com o fato de o quarto estar tão perfeito, sem nada fora do lugar. Depois de Riley e Thomas terem destruído toda a casa naquela outra dimensão (tudo aquilo ainda o deixava louco), ele esperava ver algum sinal do que tinha acontecido. De qualquer forma, não havia nada de errado. Nem mesmo uma mancha de sangue.

— Você está me ouvindo? — Perguntou Mary Ann, rindo novamente.

— Eu pensei que as almas ficavam quietas na minha presença. Ele sorriu timidamente.

— Desculpe. Eu estou tão acostumado a estar dentro da minha própria cabeça, que às vezes acabo me perdendo lá.

— Bem, eu estava dizendo que você sabe lutar.

— Sim. — Ele devia saber, já que havia passado a vida toda lutando. Contra outros pacientes com problemas mentais, contra médicos, contra outros garotos nos abrigos. Contra zumbis que Julian, o despertador de cadáveres, acordava do sono eterno.

— Bem. — disse Mary Ann, ajeitando os ombros. — Eu quero que você me ensine.

Aden arqueou as sobrancelhas, incerto sobre se tinha entendido corretamente.

— Você quer que eu ensine você a chutar alguns traseiros... Uh, ensinar você a lutar?

— A me defender e a atacar, sim.

Havia uma grande diferença entre o que as pessoas precisavam fazer para se defender e aquilo que elas precisavam fazer para atacar. Uma diferença grande e *perigosa*.

— Riley não vai gostar nada disso.

Ela deu de ombros, contorcendo o edredom de algodão na mão.

— Ele vai ter de se acostumar. Eu preciso fazer isso. Não quero mais ser um empecilho.

Isso Aden entendia. Perfeitamente.

— Eu ensino.

Mary Ann bateu palmas como se Aden tivesse acabado de dizer que ela ganhou o prêmio da loteria.

— Obrigada.

— Será um prazer. — disse ele, refletindo as palavras ditas anteriormente por ela. —

Então, quando você quer começar?

Ela puxou o celular do bolso de trás da calça e olhou a hora.

— Ainda temos algumas horas antes do horário que normalmente chego do colégio. E, não sei como estou dizendo isso em vez de correr de volta para a escola, mas... Por que não agora?

Aqueles sanduíches tinham deixado o garoto mais fortalecido, embora ele ainda não se sentisse cem por cento pronto. Tudo bem. Ele concordou com a cabeça. Mary Ann tinha sido a primeira pessoa a aceitá-lo por quem e pelo que ele era; ele devia algo a ela.

— Teremos de sair por trás. Os garotos estão lá na frente e é melhor que eles não nos vejam.

— Por mim, está ótimo.

Do lado de fora, as nuvens estavam até mesmo mais espessas que momentos antes, quando Aden olhara pela janela. O ar estava frio e carregado com o orvalho. Um temporal estava a caminho.

Ele posicionou Mary Ann no gramado. Logo em seguida, ficou diante dela.

— Primeiro, defesa. E, para fazer isso, você precisa aprender como as pessoas atacam. O que quer dizer que vou ter de atacar você.

Determinada, ela consentiu.

— Tudo bem. Estou pronta.

As horas seguintes passaram rápido e, no final, eles estavam suados, sujos de grama e exaustos, mas, acima de tudo, molhados e enlameados. Uma garoa fina tinha começado quinze minutos atrás. Mary Ann estava bastante machucada. Tudo bem, Aden também estava. Ele tinha tomado golpes, socos, empurrões e tropeções. E, sim, tinha feito a mesma coisa com Mary Ann. A experiência era a única forma de aprender. Porque, se ela temesse a dor, acabaria se acovardado em vez de agir. Portanto, ele tinha de mostrar como ela podia resistir a qualquer coisa.

Surpreendentemente, Mary Ann resistiu. Melhor que o garoto esperava.

— Então, diga o que você aprendeu até agora. — pediu Aden, novamente de pé em frente a ela.

— Gritar funciona bem. E dar socos na garganta das pessoas é muito mais eficaz que dar socos no rosto ou no estômago. Além do mais, socar a garganta é algo que qualquer pessoa pode fazer, até mesmo garotas frágeis, já que não é necessário ter muita força para causar danos nessa região. — Essa última frase foi dita em uma voz profunda, mas em tom de brincadeira, imitando Aden. O único momento em que eles tinham parado de praticar foi quando ele foi buscar, em seu guarda-roupa, uma jaqueta para ela. — Devo usar os punhos como se fossem martelos, ou até mesmo bater com a mão aberta.

— Ótimo. O que mais?

— Qualquer coisa pode ser usada como arma. Pedras, chaves. Uma bolsa.

— Ele concordou. E o que mais?

— Não devo usar os dedos dos pés quando chutar. Não há muita força neles. Devo usar o peito do pé. Ah, e dar joelhadas na virilha de quem me atacar é aceitável. Até mesmo recomendável. Assim como enfiar o dedo no olho. Não devo ter medo de causar dor em uma pessoa cujo maior objetivo é me ferir. — Mary Ann falava como se estivesse recitando um

evangelho. — Se estiver de costas para ela, devo tentar dar uma cotovelada na cara. Isso causa muita dor e a deixa atordoada, permitindo que eu consiga me livrar dela.

— Ótimo. Agora vamos testar algumas dessas informações. Dessa vez, vou tentar atacar seu pescoço. — Aden a avisou. — Meu plano é sufocar você. Você lembra o que deve fazer?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Devo enfiar os braços entre os seus, o mais rápido possível, e atingir seus cotovelos com os meus.

— E aí?

— E aí dou uma joelhada em sua virilha.

— Certo, mas vamos apenas fingir esse último movimento. E, a propósito um agressor nunca lhe dará sinais de que está pronto para agredir.

Os cantos dos lábios de Mary Ann se curvaram.

— Embora eu preferisse que eles dessem sinais.

Da próxima vez, Aden não a avisaria daquilo que estava prestes a fazer. Ele simplesmente atacaria e ela teria de imaginar o que fazer sem pensar de antemão.

— Pronta?

— Pronta.

A alguns metros dali, folhas sacudiram. Os dois viraram.

— Aden? Mary Ann?

Shannon tinha acabado de chegar da floresta, a mochila balançava de um lado do corpo.

— Oi. — eles disseram em uníssono.

— Eu... Eu estava curioso para saber para onde você foi depois do almoço. — disse Shannon para Mary Ann.

A culpa dançava nos olhos da garota.

— Eu deveria ter dito que ia sair. Sinto muito. Mas, se você está em aqui, quer dizer que as aulas acabaram e que preciso me retirar vez agora. — Ela se aproximou de Aden e beijou a bochecha dele. — Você vai ficar bem? — Murmurou. — Porque aquele elfo vai voltar. Assim que eu for embora, ele vai voltar.

— Eu sei. E, sim, vou ficar bem. — ele mentiu. Aden não tinha idéia de como lidar com Thomas, ou até onde Thomas poderia chegar. Enfim. Aden empurrou Mary Ann suavemente em direção à floresta.

— Vá para casa antes que você arrume encrenca com seu pai.

— Vou telefonar para ele e dizer que vou ficar na biblioteca. O que é verdade. Quero ver se acho algum livro sobre feitiços e esse tipo de coisa. Vou mantê-lo atualizado.

— Obrigado.

— De nada. E obrigada pela aula. Não que minha gratidão irá salvá-lo da minha ira brutal durante nossa próxima aula.

— Essas são palavras de briga, garota. — disse Aden, rindo. — Mas talvez você devesse passar em casa para se trocar antes de ir para a biblioteca.

O garoto lançou um olhar pontiagudo na direção dos jeans cheios de lama.

— Farei isso. — Rindo, Mary Ann partiu, parando apenas para dar um beijo no rosto de Shannon. Quando chegou à fileira de árvores, um par de olhos verdes e dentes brancos pontiagudos brilharam através de um denso arbusto.

Animal... Escondido. Perceber isso fez Aden se sacudir e correr em direção à garota. No entanto, Mary Ann soltou outra risada, tão solta e feliz quanto a anterior.

Riley. Percebeu Aden, parando de correr.

Um Riley irritado. A carranca era para Aden, ele tinha certeza. Teria o lobo assistido à aula de defesa pessoal? Ou será que havia testemunhado o beijo que Mary Ann dera no rosto de Aden?

Ele descobriria. Mais tarde. O garoto sabia que, primeiro, Riley acompanharia Mary Ann até a casa dela.

Graças a Deus, disse Julian. *Voltamos.*

O que aconteceu enquanto não estávamos por aqui? Perguntou Caleb. *Por que estamos do lado de fora?*

Vocês estavam... Brigando? Perguntou Elijah.

— Pessoal. — murmurou Aden —. Vou ter de explicar mais tarde.

Shannon se aproximou, claramente preocupado.

— On-onde você estava ho-hoje? Eu disse a Dan que vo-você já tinha saído para a escola es—essa manhã, então, sua barra está limpa com ele.

— Obrigado. — Aden ainda estava impressionado com o fato de ele e Shannon terem se tornado amigos. As coisas não tinham começado bem assim, mas estavam ótimas agora. E isso era bom. Mesmo assim, Aden não podia contar a verdade a Shannon. Aquele garoto não sabia nada do mundo real e das criaturas que o habitavam, e era melhor que fosse assim.

—Vamos, vamos entrar. E depois que estivermos lá dentro, eu conto tudo. Tudo que, na verdade, era nada.

Eles seguiram para o alojamento, onde os outros garotos já tinham tomado banho e vestiam roupas limpas, assistindo à televisão na sala de estar como se tivessem terminado de fazer a lição de casa. Como se fossem garotos bonzinhos.

Aden acenou para os colegas e seguiu seu caminho. Ele e Shannon precisavam conversar, mas o que diria ao colega? Bem, isso Aden ainda não sabia. Depois, ele precisaria de um pouco mais de tempo sozinho para conversar com as almas. Aonde ele iria? Bem, isso ele também ainda não sabia.

— Bem, bem. — disse outra voz conhecida quando ele entrou no quarto. —Veja quem está de volta.

Que fantástico! Resmungou Caleb.

Isso não é nada bom, disse Elijah, suspirando.

Aden nem precisou olhar em volta para saber que o príncipe fantasma havia retornado. O garoto fechou os punhos enquanto se perguntava se algum dia ele teria uma vida normal.

‘— Aden? — Disse Shannon, ao seu lado. — Tudo bem? Os garotos perguntaram se vo—você quer assistir ao canal de esportes com eles.

Ao mesmo tempo, Thomas disse: — Conte para mim o que você fez comigo. Conte por que estou aqui, por que meu povo não consegue me ver, nem me ouvir. Por que ninguém além de você consegue. Vamos! Diga!

As vozes se misturaram, fazendo as palavras se tornarem ininteligíveis. Ele sabia que não poderia conversar com Shannon tão cedo. Também sabia que não teria um momento a sós com as almas.

Sem saber o que fazer, Aden cobriu os ouvidos e se jogou no colchão, esperando pelo temporal.

Sete



TUCKER HARBOR SE ENCOLHIA no canto de uma cripta turva e úmida, cercado pela escuridão e pelo pavor absoluto. Uma aranha parecia ter acabado de se arrastar pela mão e... Seria aquele barulho o chiado de um rato? Ele teria feito qualquer coisa para ver.

Tucker não queria ter vindo parar aqui. Ele estivera em uma maca de hospital, ligado a todos os tipos de monitores e com drogas sendo injetadas diretamente nas veias, mantendo a dor distante. Ainda assim, a voz o havia chamado, espalhando-se pela cabeça. Foi então que ele se viu se desprendendo dos fios, levantando, caminhando, finalmente correndo, desesperado para chegar onde a voz queria que ele fosse.

Infelizmente, chegar aqui não tinha sido tão difícil. Ninguém tentou detê-lo e seu “dom” não estava funcionando como devia. Tucker tinha a habilidade de forjar ilusões — algo que ele fora capaz de fazer durante toda a vida. Ele podia criar, à sua volta, tudo aquilo que imaginava. Ou melhor, fazer as pessoas acreditarem que aquilo que ele imaginava realmente existia.

Se imaginasse uma calha de água, uma calha de água simplesmente aparecia. Se imaginasse um circo, um circo pareceria surgir, com ele no meio do picadeiro. No caminho para fora do hospital, Tucker se imaginou como sendo a parede que estava ao seu lado. Do lado de fora, ele se imaginou vestindo camiseta e calças jeans em vez daquele avental tão fino quanto uma folha de papel.

O fato é que agora aqui estava ele. Ainda sentindo dores, ainda enfraquecido pelas mordidas que recebera dos vampiros alguns dias atrás. Ou talvez algumas horas atrás, ele já não sabia mais. O tempo era somente... O tempo. Ele passava, mas não fazia mais parte da consciência. Talvez porque ele não se importasse.

E isso Tucker não entendia. Ele fora amarrado a uma mesa como se fosse sobremesa e vampiros (sanguessugas reais) tinham permissão para simplesmente reclinar-se sobre seu corpo e mordê-lo. Em qualquer lugar que preferissem. Quando isso ocorreu, Tucker quis morrer. No entanto, depois, conforme o sangue ia embora, seu corpo esfriava, a mente consciente se turvava, e ele queria viver. Queria muito viver.

Foi nesse momento que Aden Stone e Mary Ann surgiram para resgatá-lo. Tucker se sentira agradecido. Demasiadamente. Ele chegou a pensar: vou mudar de vida. Não vou mais causar problemas. Vou ignorar meus impulsos quando quiser fazer coisas ruins, como triturar o máximo de rostos possível com socos, ver o sangue cair e ouvir o eco dos gritos; como roubar, brigar e ferir minha mãe com palavras terríveis apenas para ouvi-la chorar...

Mas agora, sem a ameaça de morte pairando sobre ele, sem o total desamparo, sem as drogas, Tucker queria fazer tudo isso outra vez. E ele não conseguia ignorar os impulsos. No caminho para cá, ele deu socos em um homem de meia idade que sequer conhecia, sentiu os dentes desse homem nos dedos. E Tucker ria. Ria. Porque ele gostava de causar dor.

Sou um monstro.

A única vez que esse tipo de impulso o deixou foi quando ele esteve com Mary Ann. Eles foram namorados durante vários meses e, durante esse tempo, Tucker tinha sido extremamente feliz. Entretanto, como era de se esperar quando o assunto é Tucker, ele conseguiu arruinar tudo.

Mary Ann tinha tirado uma noite para passar sozinha. Foi quando ele visitou Penny Parks, vizinha e melhor amiga de sua namorada. Ele e Penny tomaram algumas cervejas, fizeram sexo sem proteção (algo bastante idiota) e agora Penny estava esperando um filho de Tucker. Ou pelo menos foi o que ela disse.

Parte dele acreditava em Penny. A parte humana que detestava quando ele agia como um maníaco. Entretanto, o outro lado de Tucker, o lado em que todos esses impulsos ardiam, seu lado negro, não queria acreditar na garota.

Ele precisava ter Mary Ann outra vez. Não como namorada. Apenas como amiga. Tucker não tinha certeza de que gostava de Mary Ann de uma forma romântica. Ele apenas gostava de como ela o fazia se sentir. Ela o colocava no caminho certo, fazia ele se sentir melhor. E assim, talvez, ele pudesse ser um pai melhor que seu pai fora para ele.

Em algum lugar da escuridão, Tucker ouviu um farfalhar de tecido contra carne. Um ruído que, de alguma forma, parecia muito mais asqueroso que o chiado daquele rato. E então: — Você veio. — disse uma voz dura e apática, em meio àquele lugar escuro. — Bom garoto.

A voz. Só que, dessa vez, ela não estava dentro da cabeça dele.

Conforme o coração batia desenfreadamente, Tucker se ajeitou. Ele ainda não conseguia ver nada. Não havia um raio de luz sequer na cripta e a poeira se espalhava pelo ar. A poeira e a morte.

— Si-sim, eu tento ser. — Ele tentaria ser qualquer coisa que aquele homem quisesse. — Quem é você?

— Eu sou o seu rei.

Cinco palavras bem simples, mas elas mudaram a vida de Tucker. Irrevogavelmente. Sim, ele agora pertencia ao dono daquela voz. Uma voz forte, poderosa, quase como se magia flutuasse em cada sílaba, envolvendo-o, apertando... Apertando... Controlando. Mais do que ser o que aquele homem quisesse que Tucker fosse, o garoto faria qualquer coisa que lhe fosse pedido, quando fosse pedido. Com alegria.

—Vlad. — disse. Conhecendo aquele nome do fundo da alma, Tucker inclinou a cabeça em reverência, embora não pudesse ser visto. Ou seria o olhar de Vlad capaz de enxergar em meio à escuridão?

— Sim. Sou Vlad. E há outra pessoa que você conhece, Tucker. Você conhece alguém em quem estou profundamente interessado. Aden Stone.

Uma afirmação, não uma interrogação. Ainda assim, Tucker respondeu.

— Sim. — Ele não podia se conter. Precisava agradecer Vlad. Sempre agradecer Vlad. — Eu o conheço.

— Você irá observá-lo.

— Sim. — Sem hesitar.

— Você vai me contar tudo o que descobrir.

— Sim. — Tudo. Qualquer coisa.

— Isso é bom. Estou contando com você, Tucker. Não me decepcione. Porque, você sabe, ele tomou minha coroa e, quando chegar a hora certa, vou tomá-la de volta.



As horas que se seguiram na vida de Aden passaram voando. Shannon percebeu que algo estava errado com o amigo e tentou distraí-lo, contando sobre como tinha sido seu dia, como o Sr. Klein, o professor de química, o havia colocado para fazer exercícios de fortalecimento dos

dedos na frente da sala inteira, durante toda a aula, porque ele tinha derrubado um tubo de ensaio.

Ao mesmo tempo, Thomas continuava bombardeando Aden com uma série de perguntas rápidas.

— Por que meu povo não consegue mais me ver ou me ouvir? Por que fui parar em um buraco negro depois que a vampira e o lobisomem partiram?

Ao mesmo tempo, Elijah exigia que a reunião dos vampiros, que estava por vir, fosse discutida. Planos precisavam ser feitos. E se acontecesse uma rebelião e alguém tentasse destronar Aden?

Enquanto isso, Caleb esboçava o que Aden devia usar para impressionar Victoria a ponto de conseguir dar uns amassos nela. Couro preto estava no topo da lista. Chantili também.

Ao mesmo tempo, Julian escrevia um poema de arrependimento para que Aden entregasse a Victoria. *Oh, querida, meu coração sangra. Mas o sangue a encanta. E, sem você, eu não passo de lama. Perdão.*

Neste momento, Caleb começou a caçar e Elijah se irritou. Blá, blá, blá!

Em meio a tudo isso, Aden até mesmo pensou ter ouvido lobos uivando aos fundos. *Aff, aff, aff*, pensou ele, em tom de brincadeira.

A cabeça do garoto latejava. Ele não conseguia acompanhar a conversa. As palavras e os sons simplesmente se misturavam, criando um zunido cada vez mais alto que martelava o crânio.

Finalmente, Aden desistiu. Ele se virou, fechou os olhos e tentou bloquear todas aquelas vozes. Paz. Ele só precisava de um pouco de paz.

Logo a falta de sono e as duas mortes-por-procuração o acometeram, e ele entrava e saía de um sono agitado. Não, sono não era a palavra certa. Ele não estava dormindo, mas também não conseguia se mexer. Mesmo quando Shannon o sacudiu, ele simplesmente não conseguiu se movimentar ou responder. Era como se alguém tivesse amarrado seus braços e pernas na cama. Como se as pálpebras tivessem sido, de alguma forma, presas enquanto abertas. Ele não conseguia piscar, nem mesmo quando os olhos estavam ressecados e queimando.

O que havia de errado com ele?

Aden se lembrava vagamente de ter visto Shannon sair do quarto e voltar com Dan, que, preocupado, observou o garoto. Dan tentava conversar com Aden enquanto tirava as roupas do rapaz e o enfiava sob as cobertas, mas ele ainda não conseguia responder. Em primeiro lugar, seu maxilar estava tão inútil quanto o restante do corpo; e, em segundo lugar, o garoto simplesmente não conseguia deixar o mar de vozes para trás. A consciência ainda estava sendo levada em várias direções diferentes.

Além disso, Dan pensaria que ele era louco, como todos sempre o haviam chamado, se ele não respondesse às perguntas conforme esperado.

Finalmente, Dan saiu e Aden pôde suspirar aliviado. Um alívio curto. Cada vez mais, as almas tagarelavam. Cada vez mais, Thomas vomitava perguntas. Então, Dan voltou com o Dr. Hennessy, o novo terapeuta de Aden, o que apenas piorou ainda mais a situação.

O Dr. Hennessy também o analisou, franzindo a testa, mas sem demonstrar preocupação. O médico era um homem baixo, ligeiramente calvo, com óculos de armação de ferro e olhos castanhos e frios. Ele nunca demonstrava qualquer tipo de emoção. O médico era clínico, impessoal e sempre radiava uma consciência perspicaz.

Perguntas foram jogadas para Aden. Ele só conseguiu decifrar duas palavras: “catatônico” e “regrediu”.

Estavam falando sobre ele?

É óbvio que estavam. Comprimidos foram enfiados na boca de Aden. Ele tentou cuspi-los, mas o Dr. Hennessy tapou o nariz e segurou o maxilar do garoto. O objetivo era claro: se Aden quisesse respirar, ele teria de engolir.

— Tome o medicamento como um bom garoto, Aden. — disse o médico firmemente. — Você já tomou isso antes. Não estou dando nada diferente para você. — Um suspiro. — Ainda está determinado a resistir? Bem, se você não os tomar, eu simplesmente darei uma injeção. Você não prefere evitar agulhas?

Foi somente quando os pulmões do garoto gritaram em protesto e a garganta se agitou que ele finalmente engoliu. Um segundo depois, Aden conseguia respirar.

O garoto inspirava lufadas e mais lufadas de ar, mas sua felicidade no estilo “vou sobreviver” se desintegrou quando ele percebeu o que tinha engolido. Aqueles comprimidos sempre embaçavam o cérebro e deixavam as almas letárgicas, duas coisas que ele detestava. Duas coisas que eles detestavam. E, além de tudo, o garoto precisava estar com a mente limpa esta noite. Ele precisava... A barreira entre sangue e cérebro se desfez quase que imediatamente, e a tontura tomou conta dele.

A bruma que ele temia tomou conta da mente, cada vez mais espessa, mais esvaecida, distorcendo os pensamentos.

— Eu sinto... — ele conseguiu resmungar. O maxilar articulava novamente. — Sinto muito.

Julian foi o primeiro a se calar. Depois, Caleb. E então Elijah, o que mais lutou para continuar sendo ouvido. Você vai precisar de mim, Aden. *Esta noite é... Esta noite é...*

Até mesmo Thomas, de pé, ao lado do Dr. Hennessy, encarando Aden, passou a tremer, cintilar; lá, sem estar lá, um esboço sem conteúdo.

— A primeira coisa que ele deve fazer amanhã cedo é me visitar. — disse o médico a Dan enquanto se ajeitava, esfregando as mãos em uma demonstração de que tinha feito um bom trabalho.

Dan cruzou os braços sobre seu enorme peitoral. Ele era um fazendeiro, ex-jogador de futebol profissional, alto, largo, pura intimidação com cabelos claros e olhos escuros.

— Ele tem aula. Se estiver bem, e eu acho que vai estar. Aden sempre melhora rápido.

— Ele pode faltar um dia.

— Não, na verdade, ele não pode. Os estudos são tão importantes para ele quanto à terapia.

Obrigado, Aden queria dizer, mas não permitiu que as palavras saíssem dos lábios. Não havia motivo para estimular atenção ou admitir intencionalmente que ele estava entendendo o que estava sendo dito. Dan se importava com os garotos do rancho. Realmente se importava. Mesmo com Aden, conforme essa insistência provava.

— Vou levá-lo para a consulta imediatamente após as aulas. — continuou Dan. — Pode ser?

— Eu recomendo que você repense essa decisão. Esse garoto não precisa estar em uma escola, cercado de garotos normais. Eu poderia assumir o...

— Perdão, Dr. Hennessy. — disse Dan com firmeza. — Posso não ter uma formação de excelência, mas conheço Aden melhor que você. Ele é um garoto excelente, com um coração enorme, e está se saindo bem aqui. Está tendo um ótimo aproveitamento na escola com esses “garotos normais”. Ele até mesmo fez novos amigos e se tornou mais confiante. Aden está melhor que nunca, e eu não vou desfazer esse progresso.

— Sim, mas ele ainda conversa sozinho. E hoje, bem, ele se perdeu dentro da própria mente. Eu acho que não chamaria isso de “melhor que nunca”, Sr. Reeves. Você chamaria?

Dan enfiou as mãos nos bolsos, como se não se importasse com o que o médico dizia, um sinal que Aden percebeu como sendo de crescente irritação.

— Bem, todos nós temos algumas recaídas, como você mesmo disse, mas ele está melhorando.

— Por causa dos remédios.

— Por causa da força de vontade dele.

Lentamente, Aden relaxou, passou a mão sobre o rosto. Sua visão estava um pouco embaçada; seus movimentos, letárgicos. No entanto, pelo menos a mente estava silenciosa. Ainda assim. Pobres almas.

Os dois homens estenderam um pouco mais a conversa, até que finalmente ficou decidido que Aden assistiria às aulas e, imediatamente depois, seria levado ao consultório do Dr. Hennessy para uma sessão.

Ótimo. Aquelas sessões não faziam nada além de encher o saco. Aquele ótimo médico sempre queria tocar no garoto. Nada demais e nada assustador, apenas segurar a mão, encostar, esse tipo de coisa. Isso, além do próprio fato de ele ter de fazer terapia, aumentava o nível de irritação dele.

Finalmente, os homens saíram e, com cautela, o garoto se sentou na cama. O estômago queimava como se alguém tivesse colocado fogo por ali, e essa queimação subia até a garganta. Até o cérebro. Embaçando ainda mais, aumentando a vertigem. Aden fechou os olhos. Longe dali, um lobo uivava.

Então o uivo não era fruto de imaginação. Riley devia estar por perto.

— De-desculpa, cara. — ele ouviu Shannon dizer.

As pálpebras rapidamente se abriram e ele viu que Shannon estava ao seu lado na cama, agachado diante dele, com preocupação estampada no rosto.

— Nã-não queria trazer Dan aqui, mas eu não sa-sabia o que fazer. Você esta-estava inconsciente. Nunca vi vo-você assim.

— Não se preocupe com isso. — Aden piscou, fazendo seu melhor conseguir manter o foco. — Que horas são?

— Dez e me-meia, mais ou menos.

Tarde assim? Nossa! Riley chegaria a qualquer minuto. Como Aden faria para conseguir sair? Ele sabia que Dan o observaria durante toda a noite. Aparentemente, era isso que as pessoas que se importavam com outras faziam. Verificavam se estava tudo bem. Isso era novo e maravilhoso e, ainda assim, um inferno para a vida social de Aden.

Algo bateu contra a janela e tanto Aden quanto Shannon se viraram. O vidro foi levantado. Lá estava Riley, que discretamente pulou para dentro do quarto. Ele usava um terno preto, estava perfeitamente barbeado e com os cabelos impecáveis. Nos braços, trazia o que parecia ser uma mochila com roupas.

— Shannon. — Riley cumprimentou acenando firmemente com a cabeça.

Shannon, que estava acostumado com os visitantes noturnos de Aden, retornou o cumprimento.

— Riley.

— Preciso pegar nosso amigo emprestado um pouco.

Shannon franziu a testa.

— Ele e-está do-doente e precisa de-descansar.

Riley também franziu a testa, correndo o olhar para Aden.

— Doente? Outra vez? Como assim?

— Outra vez? — O olhar de Shannon voltou para Aden. — Quando vo-você esteve doente? O que vo-você teve?

Ah, sim. Aden não tinha explicado (ou mentido, como planejava), por isso Shannon não tinha idéia de quão incertas as coisas tinham sido para ele.

— Shannon. — disse uma voz feminina e musical do outro lado da janela. Victoria tinha chegado. — Você está cansado. Você precisa dormir agora.

— Dormir. — murmurou o garoto, bocejando. — Sim, estou muito, muito cansado. — Shannon subiu na parte de cima do beliche e se deitou. Em questão de segundos, o garoto já estava roncando.

Tanto poder em uma voz tão delicada, pensou Aden. Uma voz que ela usava abundantemente, mas sempre para ajudá-lo e, por isso, ele não queria reclamar. Embora parte dele, às vezes, temesse que algum dia ela usaria voz contra ele. Como Aden combateria a compulsão por fazer o que queria se, por exemplo, ele a irritasse e ela o mandasse fazer algo trágico.

Não pense assim. Ela gosta de você.

Aden culpou os remédios por aqueles pensamentos proibidos. Ainda do lado de fora, Victoria deu um, dois passos para trás, continuando sob o raio de luz que se derramava para fora do quarto. Os cabelos negros estavam presos sobre a cabeça, ele percebeu, e vários cachos caíam em volta do rosto pálido. Os olhos da vampira estavam contornados de preto, e uma sombra negra brilhava sobre as pálpebras. O visual preferido de Aden? Os lábios de dela estavam pintados de vermelho-sangue.

Pelo que ele podia ver, ela usava um vestido, uma espécie de toga de seda preta com alças finas em ambos os ombros e um decote enorme. Um novo visual preferido, ele pensou. Ele gostava até mesmo das faixas metálicas que envolviam o bíceps de Victoria — braceletes em formato de finas serpentes.

Ela estava de tirar o fôlego.

Minha. Ele podia pensar isso; ele e ninguém mais. Porque ela era. Dele.

— Aden. — disse Riley, pedindo atenção. — Você estava passando mal?

Aden afirmou com a cabeça e então precisou piscar os olhos em meio a um novo e súbito ataque de tontura. Malditos remédios. Ele explicou o que tinha acontecido, o que tinham feito com ele. E que agora estava dopado.

Riley sacudiu a cabeça.

— Eu realmente não sei como você consegue lidar com todas essas vozes. Mas não se culpe por isso. Um deslize em quanto tempo? Um ano ou mais? Isso é motivo de comemoração. Você entendeu... Em uma mansão de vampiros. Quando? Agora.

Pelo menos o lobo não estava rosnando para ele.

— Ajude Aden a se trocar e eu vou garantir que Dan ficará longe deste quarto durante o resto da noite. — disse Victoria, lá de fora. Em seguida, a vampira desapareceu.

Riley abriu a mochila e a segurou aberta.

— Eu realmente espero que você não queira que eu faça todo o trabalho.

— Ora, por favor! Eu precisaria estar morto para deixar você encostar as mãos em mim.

Aden se levantou e quase caiu de volta na cama. Os joelhos estavam muito fracos, mas ele conseguiu ficar em pé. Logo depois, estendeu a mão. Riley passou várias peças de roupa para Aden.

O garoto se vestiu rapidamente e percebeu que agora estava usando um terno quase idêntico ao de Riley. Preto. Seda. Caro. Escovou os cabelos e os dentes e, em seguida, abriu os braços, silenciosamente solicitando inspeção.

— Melhor. Mas ainda não está pronto.

Riley estendeu a mão.

Aden viu o que o lobisomem segurava.

— Não. Não, mesmo!

— Você precisa usar isso.

O anel. O anel de Vlad, refletindo um brilho luminoso sob a luz. Má idéia; péssima idéia.

— Sua cerimônia de coroação acontecerá em treze dias e...

— Treze dias. — ele interrompeu. De alguma forma, aquilo parecia algo relevante. Familiar. — Então por que devo usá-lo agora?

— Como símbolo do seu poder.

Poder? Ora, por favor! Ele não tinha poder algum. Nenhum poder que importasse.

— Precisamos ir. — disse subitamente Victoria de volta à janela. — Todos estão esperando.

Riley arqueou uma sobrancelha para ele e sacudiu o anel.

— Você é rei, com ou sem cerimônia, e o vampiro-rei deve usar este anel. Sempre. Seu povo não o levará a sério sem ele. E já vai ser difícil suficiente para você ser levado a sério, já que é um humano.

— Obrigado por me informar.

Eu não quero ser rei, ele pensou, mas, ainda relutante, pinçou o anel entre dois dedos e o deslizou para o lugar certo. Uma opala enorme o encarava, lançando feixes de várias tonalidades em todas as direções. A mente confusa poderia se perder, observando aqueles feixes durante horas.

Ele usaria o anel hoje porque, na cabeça dos vampiros, ele era rei. De acordo com as leis deles (das quais ele só conhecia uma), quem matasse o rei se tornava rei. Porém, Aden pretendia apontar outra pessoa, alguém que merecesse aquela posição, alguém competente e preparado. E logo. Sem precisar ser morto.

— Vamos. — após receber um empurrão de Riley, Aden caminhou na direção da janela, ainda cambaleando.

O ar frio o envolveu quando ele pulava para o lado de fora e andava direção ao sedan azul-escuro que Riley e Victoria tinham escondido a alguns metros do rancho. Roubado, sem dúvida. Eles não tinham carro, e, portanto, Victoria “tomava emprestado” um veículo quando era necessário dirigir até algum lugar. Ou, melhor dizendo, levar Aden até algum lugar. Durante todo esse tempo, os grilos cantavam e os lobos continuavam uivando.

— Os duendes estão por aí esta noite. — explicou Riley, enquanto se ajeitava no banco do motorista. — Embora eles estejam diminuindo e, em breve, devam ser contidos.

Duendes. Os pequenos monstros que gostavam de comer carne humana. Aden ainda não tinha visto uma dessas criaturas, mas tinha ouvido histórias de dentes afiados rasgando corpos humanos como faca entrando na manteiga. Não é de se espantar que ele quisesse postergar o máximo possível esse encontro.

Aden e Victoria se sentaram no banco de trás. Ela tinha tentado ficar na frente, no banco do passageiro, ao lado de Riley, mas Aden agarrou a mão da vampira e a puxou para trás com ele. Ela poderia ter lutado, mas silenciosamente permitiu que o garoto fizesse aquilo.

Quando estavam na estrada, Victoria pegou um vidro de colônia no console e passou por todo o corpo de Aden. Logo ele estava sufocando com a névoa perfumada que se espalhava pelo ar.

— Já deu. — disse ele, abanando a mão em frente ao rosto.

— Você precisa disso. Acredite, é melhor que você não esteja cheirando a Fae quando estiver diante do meu povo.

— Então ainda estou com o cheiro dele?

— Sim. — disseram Victoria e Riley em uníssono.

Ótimo. Ele não estava se sentindo bem e, como bônus, ainda cheirava mal. Que noite!

— E então, onde está Mary Ann?

— Na casa dela. — disse Riley, com todos os tipos de fúria em sua voz, o tipo de fúria que Aden estava esperando desde que o lobo havia chegado. O que significava que o garoto tinha acabado de abrir uma enorme lata de sujeira.

— Não há razão para envolvê-la nisso. Além do mais, ela pegou alguns livros na biblioteca e está lendo agora, tentando descobrir o máximo possível sobre as bruxas. E, por falar em Mary Ann... — o volume da voz de Riley se tornava mais alto a cada palavra — Por que diabos você a estava empurrando hoje?

É... Droga.

— Tenho certeza de que você já perguntou isso para ela e tenho certeza de que ela já explicou que eu a estava ensinando a se defender.

— Não, eu não perguntei. Eu imaginei mesmo que era autodefesa. Obrigado, mas queria conversar sobre isso com você antes. Você precisava ser tão durão? Ela é só uma humana.

— Eu sou só um humano. E, sim, eu precisava ser duro. É a única forma de ensinar.

— Não, não é. Aliás, pode deixar que de agora em diante eu assumo as aulas.

Não me diga.

— Desculpe, mas ela não pediu para você. Ela pediu para mim. Portanto, *eu* vou continuar dando as aulas.

Ele poderia ter demonstrado piedade. Não que ele se importasse com dar ou não dar as aulas. Mas permitir que Riley mandasse nele? Multiplique “lógico que não” por “vai sonhando” e divida por “engula e a resposta será “pode esquecer, lobo”

A resposta rendeu um silêncio pesado.

Aden suspirou e então deixou a cabeça cair sobre o encosto do banco. Ele precisava de Riley ao seu lado esta noite. Mais que isso, ele tinha mil perguntas para as quais precisava de resposta. Como seria essa reunião? O que era esperado dele? Havia algo que ele devia ou não devia dizer? Alguma coisa que devia ou não devia fazer? Porém, enquanto estava sentado ali, observando o teto do carro, com a mente viajando, queimando, Aden só conseguia se importar com Victoria.

Ela tinha observado a discussão com Riley, dura e bastante quieta, como se não se atrevesse a respirar para não perder nada. Será que Victoria estava com ciúme do tempo que ele tinha passado com Mary Ann, da mesma forma como Aden freqüentemente se sentia enciumado do tempo que ela passava com Riley? Ou ela ainda estava chateada com o que tinha acontecido mais cedo? Ou ambos?

De qualquer forma, Aden não gostava daquilo.

Ele tinha sonhado com ela durante seis meses antes de finalmente conhecê-la e, durante esse tempo, Victoria tinha se tornando a parte mais importante de sua vida. Uma parte que ele desejava, da qual ele precisava. Como Mary Ann, Victoria o havia aceitado por quem e pelo que ele era, desde o início, muito embora o povo de Victoria achasse Aden uma pessoa sem valor (isso para não mencionar o fato de que o povo dele também o achava sem valor). A vampira entendia o que era ser considerado diferente. Por ser uma princesa, ela sempre fora separada dos demais. E ele não tinha prometido ainda hoje sempre fazer essa princesa sorrir?

— Só para que você saiba... — Ameaçou Riley — Se você voltar a ferir Mary Ann...

—Você vai me xingar? — Aden retrucou. — Ou talvez dizer para o seus amigos não gostarem de mim?

Ele sabia que não devia provocar o lobo. As garras de Riley poderiam rasgá-lo até os ossos em um piscar de olhos. Mas, *agente essa, lobo, idiota.*

Riley rosnou do fundo da garganta. Como esperado. O que não era esperado? Victoria riu, uma risada muito sincera.

— Sinto muito. — disse ela quando Riley a olhou de forma repreensiva. — Mas foi engraçado. Você sabe que foi.

— Dane-se. — respondeu Riley, com um riso suprimido em sua voz.

O peito de Aden inflou. Ele tinha feito aquilo. Ele tinha causado aquela reação em Victoria sem sequer fazer esforço. No entanto, o riso de Victoria foi desaparecendo e ela então se recusou a olhar para ele.

Mais. Ele precisava de mais.

—Victoria. — ele começou a dizer —. Sobre o que aconteceu...

— Eu sei. — disse ela, com a respiração trêmula. —Já entendi seus motivos para me expulsar do rancho.

Meu Deus! Ela ia chorar?

— Eu não expulsei você, eu juro!

— Bem, eu também sei disso.

Ele sacudiu a cabeça, confuso. A voz dela não tremeu dessa vez.

— Espere aí. Você acabou de falar que eu, de fato, expulsei você. Então... Você não está chateada comigo?

— Eu fiquei no começo, mas depois passou. Não está vendo? — Sorrindo, ela bateu palmas, claramente orgulhosa de si mesma. — Estou provocando você desde que nós passamos para pegá-lo. Eu estava exagerando. Como um humano. E aí, como me saí? Enganei você?

Aden sorriu, aliviado e contente. Eles tinham muito trabalho a fazer no quesito humor, mas, mesmo assim, o garoto respondeu:

—Você se saiu muito bem. — E ela de fato tinha se saído muito bem. Victoria estava tentando se desfazer daquele ar de garota sempre sombria. Por ele. —E, a propósito, você está linda.

— Obrigada. Você também. Praticamente comestível.

Ele sorriu novamente. Comestível... O maior elogio que uma vampira poderia oferecer.

A mão de Victoria deslizou sobre a dele e os dedos dos dois se entrelaçaram. Como sempre, a pele dela estava quente, suave. Perfeita.

— Obrigada, mesmo. Por aquilo que você fez com o elfo. — disse ela, adotando repentinamente um ar sério.

— Não foi nada.

— Eu gostaria de poder recompensá-lo, mas, em vez disso, estou colocando você em uma possível zona de guerra. Você está com medo?

— Não. — Mas ele devia estar, e sabia disso. — Os remédios me deixaram um pouco distante.

—Talvez isso seja algo positivo. O medo tem um cheiro característicos e os vampiros realmente apreciam o sabor desse sentimento.

Aden bufou.

— Querida, mesmo se eu estivesse com medo, duvido que alguém consiga sentir qualquer cheiro além do meu perfume.

Ela caiu na risada novamente. Aden e Victoria estavam na mesma sintonia, o que fez o garoto sorrir. A vampira tinha dado risada duas vezes no mesmo dia. Aden não poderia estar mais orgulhoso.

— Como eu disse, minhas irmãs estarão lá. — completou Victoria, que então explicou novamente a questão do período de espera de quatorze dias.

Aden não disse à vampira que já conhecera suas irmãs em uma visão. Não que ele se lembrasse de muita coisa. Porém, com esse pensamento. Outro se formou. Havia algo que ele precisava dizer a Victoria. Algo urgente. No entanto, de forma alguma ele conseguia lembrar o que.

— Lauren é... — Continuou Victoria.

— Hardcore. — Riley terminou a frase para ela.

Victoria virou os olhos.

— Não, ela não é! Ele diz isso só porque eles namoravam e depois Lauren terminou com ele. Enfim. Lauren é forte, teimosa e está decidida a não gostar de você. Ela é uma guerreira e uma das mais ferozes entre nós. Mas ela acabará mudando de opinião. Stephanie, minha outra irmã é bastante parecida com os humanos. Ela costumava fugir de casa, o que deixava meu pai furioso, para se “socializar com a comida”, como ele costumava dizer. É provável que Stephanie seja sua maior defensora.

— É bom saber que terei uma defensora. E sua mãe, já chegou?

Aden sabia que a mãe de Victoria tinha sido isolada por Vlad como punição por revelar segredos dos vampiros aos humanos. No entanto, depois da morte do pai de Victoria, Aden tinha ordenado que ela fosse libertada. Seu primeiro ato como rei.

Pensar no título fez o garoto sacudir a cabeça. Estranho e, de forma alguma, adequado para ele. Aden mal conseguia administrar sua própria vida.

— Não. — respondeu Victoria. — Minha mãe não consegue se teletransportar como eu e, portanto, ela estaria viajando por métodos humanos se tivesse concordado em vir até Crossroads. Mas ela não quis, preferiu ficar na Romênia.

Em protesto contra sua decisão? Ele se perguntava.

— Nada desse tipo tinha acontecido antes, como você sabe. Meu pai *sempre* nos governou. Afinal de contas, ele foi o primeiro de nós e acreditava que os humanos serviam apenas como comida ou como escravos de sangue, e mais nada. — Victoria bateu um dedo contra o queixo de Aden. — Sinto muito, mas é diante desse tipo de mentalidade que você vai estar esta noite.

O carro diminuiu a velocidade quando um alto portão de ferro apareceu. As duas partes se abriram para dar-lhes as boas vindas. Dois lobos estavam sentados, um de cada lado, observando. Guardas? Um pouco adiante, uma mansão de cinco andares se espalhava por acres e mais acres Tijolos pretos e janelas acortinadas também de preto satisfaziam todos os estereótipos assustadores que existiam, mas talvez isso tivesse sido feito de propósito. Uma forma de manter os humanos aflitos.

O telhado tinha vários níveis diferentes, rebaixava-se aqui, projetava-se acolá, esfaqueando o céu nos pontos de que a lua parecia ter se afastado, desviado o olhar, como se tivesse medo de contemplar o interior da casa. Talvez fosse melhor assim.

Da última vez que Aden esteve aqui, um vampiro tentou matá-lo. O mesmo vampiro tinha matado um conhecido seu. O garoto se perguntava o que estaria à sua espera lá dentro *dessa vez*.

Oito



Quero que você fique em casa esta noite.

Mas eu quero ir com você. Estar com você. Quero ajudar Aden.

Prefiro que você fique segura.

E foi assim que Riley deixou a situação. Ele telefonou, jogou a bomba do “fique em casa” e desligou antes que ela pudesse voltar a insistir.

Agora, já quase onze da noite, Mary Ann caminhava em direção ao seu quarto. Cada parede de sua casa era pintada de uma cor diferente (rosa, azul, verde, vermelho — essas cores se misturavam). Metade do assoalho estava coberto por um tapete multicolorido que, de alguma forma, conseguia conflitar com as paredes. Um esquema de decoração que sua mãe — sua verdadeira mãe — amava e que sua tia — a mulher que tinha criado Mary Ann como uma filha — havia decidido manter.

O que estaria acontecendo na mansão dos vampiros? Estavam todos bem? Os vampiros tinham aceitado Aden sem protestar?

Estava claro que Riley a via como fraca. Um empecilho. Ela tinha suspeitado, mas aquilo... Aquilo era uma prova. E Mary Ann não gostava disso. Mas o que ela podia fazer?

Ela não conseguiria seqüestrar, sozinha, uma bruxa. Isso seria insanidade. Em primeiro lugar, ela não sabia quão poderosas aquelas criaturas eram e como elas utilizavam esse poder. Muito embora tivesse passado as últimas horas estudando todos os livros que tinha retirado na biblioteca, além das várias novas pesquisas na Internet em busca de detalhes obscuros, a garota ainda conhecia pouco sobre aquelas criaturas. Quase nada. Havia muitas informações circulando por aí, mas a maior parte delas era conflitante.

Bruxas buscavam seus poderes nos quatro elementos. Bruxas encontravam poderes dentro de si mesmas. Bruxas eram boas, benevolentes. Bruxas eram ruins, maldosas, servas do demônio. Bruxas gostavam de realizar sacrifícios em rituais. Bruxas eram apenas frutos de delírio.

Muitas informações, de fato.

Você está se desviando. Você estava pensando nos motivos que a impediriam de seqüestrar uma bruxa. Ah, e, em segundo lugar, Mary Ann duvidava de que já estivesse pronta para derrotar alguém em uma batalha física. E, em terceiro lugar, onde ela manteria a bruxa? No guarda-roupa? Seu pai nem acharia isso estranho. A-ham. É claro.

A garota ainda continuava esperando que Riley, Victoria e Aden dessem algum sinal de vida.

Mary Ann não era a melhor pessoa para avistar e reconhecer bruxas, mas ela conseguiria fazer isso. Riley a tinha ensinado. Algo assim. Talvez ela pudesse ir até a cidade e contar quantas daquelas criaturas existia por ali e, então, descobrir o que elas estavam fazendo e onde exatamente se reuniam. Ou até mesmo descobrir se elas não estavam por ali. No dia seguinte, então, poderia relatar suas descobertas, ajudando o grupo, em vez de ser um empecilho.

Vá em frente e de um tapinha nas costas. Porque, sim, aquele era um excelente plano. Mary Ann não sairia do carro, obviamente. Ela não era tão idiota. A garota simplesmente passaria por ali de carro, observaria as pessoas ou, melhor dizendo, observaria as criaturas, e

tomaria algumas notas. Ou ainda melhor, ela levaria Penny com ela, por uma questão de segurança.

Sim. Um excelente plano.

Mary Ann tirou a blusinha e os shorts jeans e vestiu uma camiseta de manga comprida, calças jeans e uma jaqueta. Prendeu o cabelo em um rabo de cavalo, deslizou o pé para dentro de um par de tênis, agarrou na qual, antes de pendurar no ombro ereto, jogou o celular, as chaves e um gravador de voz (um presente que seu pai lhe dera para ajudá-la a manter o controle dos pensamentos).

Animada, embora nervosa, a garota apagou a luz e, então, arrumou a cama para que parecesse que ela estava deitada ali. Abriu o vidro da única janela do quarto e olhou para baixo. O cômodo ficava no segundo andar e não havia árvores que pudessem ser escaladas. Papai criando obstáculos que pudessem impedir a filha de fugir. No entanto, ele não tinha sido capaz de alterar a forma do telhado. Se ela descesse só um pouquinho, logo estaria no primeiro andar. De lá, a garota poderia pular e rolar na grama macia logo abaixo.

Simples. Fácil. Por favor, que seja simples e fácil. Ela nunca tinha fugido antes. Nunca tinha quebrando nenhuma regra antes. Agora, todavia, quebrava todas.

Mas esse era um novo mundo, a garota se lembrou, e isso significava que novas regras eram necessárias. E a primeira dessas regras que ela estava instituindo era que a sobrevivência de sua turma era mais importante que o toque de recolher imposto pelo pai.

Seu pai não concordaria com isso, gritou a consciência de Mary Ann.

Bem, ele não conhecia todos os fatos.

As mãos estavam suando quando ela projetou o corpo para fora. De alguma forma, Mary Ann conseguiu segurar firme no peitoril, permitindo que as pernas balançassem. Inspiração profunda, expiração intensa, O ar já não se misturava com a neblina, mas, de qualquer forma. Fazia frio.

Ela se soltou. Um golpe. Os pés pousaram e os joelhos dobraram-se Mary Ann deslizou pelas telhas antes de chegar à calha, o corpo se esticou, arranhado e ferido. Bem, mais arranhado e mais ferido. A aula com Aden a tinha deixado incrivelmente dolorida. E em pontos do corpo que ela nem imaginava que existiam!

Mary Ann ofegou, grata pela escuridão, enquanto esperava que o pai acendesse a luz e colocasse a cabeça para fora da janela. Um minuto. Dois minutos se passaram. Ela sacudiu os braços. Não havia nada nenhum movimento.

A alguns metros dali, vários lobos uivavam.

Mary Ann engoliu em seco. Seria Riley? Ele a tinha visto?

Provavelmente não, logo concluiu. Ele teria ligado para o celular dela, enviado uma mensagem de texto, feito alguma coisa. Então, quem estaria uivando? Os irmãos de Riley? Mary Ann sabia que eles estavam por ali, patrulhando a área e lutando contra duendes, mas ela não os conhecia. E, caso a tivessem visto, eles entrariam em contato com Riley. Certo?

Certo. Então, ainda assim, ela teria recebido um telefonema ou uma mensagem de texto. O fato de isso não ter acontecido só podia significar que ninguém a observava.

Está bem. Você consegue. Lentamente, a garota avançou até a última beirada do telhado. O braço tremia ainda mais quando ela voltou a se pendurar. O telhado do primeiro andar sempre tinha sido tão alto assim? Impossível. Ela teria percebido. Vá em frente.

Mary Ann se soltou. E caiu.

Quando atingiu o chão, as pernas estavam agitadas, os joelhos tremeram antes de se dobrarem. Ela se virou para trás, rolando o corpo muito menos elegância que havia imaginado. O ar golpeava para fora dos pulmões. Terra e grama entravam na boca.

Graças a Deus, Mary Ann ainda não havia comido nada no jantar. Caso contrário, ela certamente estaria vomitando toda a refeição agora. No entanto, essa falta de apetite era algo

estranho. Cada vez mais ela sentia... Nojo da comida. Da idéia de comer, do cheiro da comida. *Éca*. Ainda mais estranho era o fato de ela não se sentir fraca por causa da falta de alimentação.

Dois dias havia se passado. Ela não devia estar fraca?

Pense nisso depois.

A garota correu e logo estava na frente da casa de Penny, ao lado do enorme carvalho próximo à janela do quarto da amiga. *Sortuda*.

Mary Ann viu as estrelas enquanto pegava algumas pedras bem pequenas e as atirava na janela de Penny. Ruído. Tinido. Um momento se passou. Nada. Que frustrante. As pessoas acordariam se ela gritasse “fogo”? Porque isso seria ridículo.

Foram necessárias três outras pedras antes que o vidro fosse levantado e Penny colocasse a cabeça loira para fora. A amiga de Mary Ann esfregou os olhos, afastando o sono, e bocejou enquanto procurava, em meio à noite, o que a teria acordado. Os cabelos, normalmente lisos e com um brilho extraordinário, pareciam um emaranhado de fios em volta do rosto.

Penny ficou boquiaberta ao ver Mary Ann.

— O que você está fazendo? — Ela sussurrou impetuosamente.

— Preciso da sua ajuda. Coloque uma roupa. E traga as chaves.

Elas usariam o Mustang GT de Penny. Mary Ann ainda estava economizando para comprar um carro.

Penny não fez pergunta alguma. Ela simplesmente sorriu, com olhos azuis brilhando, e acenou com a cabeça.

— Me dê cinco minutos. — disse, antes de fechar a janela.

Mary Ann usou esse momento para recuperar o fôlego. Os pulmões pareciam tão gratos que finalmente pararam de queimar. Então, outro uivo se espalhou pelo ar, dessa vez, mais próximo, fazendo a garota se esquecer da existência dos pulmões. Ela deu meia volta, estudando, nervo a estrada de pedras, as casas, as árvores. Folhas e arbustos se agitavam como se algo — ou alguém — estivesse por ali, esperando pela hora do lanche.

Rápido, Pen!

Alguns minutos depois, a porta da frente da casa se abriu e se fechou com um estalo, Mary Ann deu meia volta outra vez. E lá estava Penn, usando um dos *baby dolls* preferidos de Mary Ann (rosa, com um laço branco) chinelos de dedo, cabelos outra vez lisos e brilhantes, caminhando sem cuidado algum. Como se elas fossem para a escola. Como se não estivesse muito frio e como se não fosse quase meia-noite.

— O que você está fazendo? — Perguntou Mary Ann com discrição, correndo na direção da amiga. Uma nuvem de um perfume refinado envolvia Penny. — Seus pais...

— Não vão se importar, acredite. O choque que a minha nova “condição” gerou ficou no passado e eles me perdoaram. Já não estou de castigo para sempre. Além disso, ando dormindo muito pouco, então, eles me ouvem caminhando pela casa o tempo todo, Às vezes fico entediada e saio. — Penny deu de ombros. — Nada demais. Então, para onde vamos?

—Vamos nos aquecer e aí conversaremos.

Quando estavam dentro do carro, com os cintos apertados, Penny deu a partida no motor e Lady Gaga estourou nas caixas de som. A garota abaixou o volume e, em seguida, tirou o carro da garagem.

Mary Ann apressou-se para se justificar: — Sinto muito por tê-la acordado. Se soubesse que você estava tendo problemas para dormir, eu teria...

Penny riu.

— Não se preocupe, amiga. Eu venho tentando corromper você há anos. O fato de você ter me pedido para dar uma escapadinha é inestimável. Então, vou perguntar mais uma vez. Para onde estamos indo?

— Tri City.

— Tri City? Por quê? A essa hora da noite, a cidade vai estar morta.

Talvez. Talvez não.

— Só quero que você dê uma volta para observarmos se tem alguém por lá.

—Tente outra desculpa. Não acredito em você. Há algum outro motivo... Esperando que alguém em particular esteja lá? Alguém como... Ah não sei... Aquele gostosão do Riley? — A última frase foi dita com voz quase cantada. — Porque ele é a única pessoa que pode fazer *Mary Anti* finalmente sair para se divertir, acredito eu.

“ Mary Anti”. O apelido de infância que Penny havia colocado na amiga. E Mary Ann era assim. Bastante “anti”. Um pacote de energia que seus pais não tinham dado conta de domar, até que sua mãe... Tia... Morrera. E então Mary Ann tinha mudado. Um sorriso feliz? Ficou para trás. Risadas? Ficaram no passado. Espírito aventureiro? Esmagado. No lugar disso, uma necessidade de agradar seu pai crescia a cada dia. Ela tinha se tornado melancólica e um tanto quanto retraída. Mary chegou até mesmo a criar um plano de quinze anos para sua vida. Faculdade, doutorado, estágio, abrir seu próprio consultório. Como seu pai. Agora... Adeus, plano de quinze anos. Ela não tinha idéia nem do que faria amanhã, que dirá no ano que vem. E ela se sentia feliz com isso. Livre, finalmente.

— E então? — Insistiu Penny.

Mary Ann ignorou a pergunta. Ela não queria conversar sobre Riley com Penny. E não era porque Penny tinha dormido com seu último namorado. Para sua surpresa, esse era um assunto menos importante agora do que tinha sido na hora do almoço. Ela apenas, bem, seus sentimentos por Riley eram tão novos, tão... Intensos. A garota mal podia processá-los e não queria que outras pessoas tentassem fazer isso por ela.

— Você tem ficado acordada por causa do bebê? — Perguntou Mary Ann.

— Provavelmente. — respondeu Penny, permitindo a mudança de assunto sem fazer quaisquer comentários.

— Alguma notícia de Tucker?

Os olhos azuis de Penny se tornaram embaçados.

— Nada.

Tucker era um idiota.

Depois do Baile dos Vampiros, Mary Ann, Aden, Riley e Victoria levaram Tucker a um hospital próximo (embora não tão próximo) para uma transfusão de sangue extremamente necessária. Um pouco mais cedo, ela tinha telefonado para o hospital para ter informações e descobriu que ele havia partido. Agora Tucker estava por aí, em algum lugar. Munido de conhecimentos que poderiam ser perigosos para os amigos de Mary Ann.

Teria ele dito a alguém que os vampiros existiam de verdade? Riley fizera Tucker jurar que não diria. Victoria teria usado sua voz de vodu, mas aparentemente a coação da vampira não funcionava com demônios. No entanto, Tucker parecia bastante firme ao entrar em acordo com eles. Ainda assim, Mary Ann estava ciente de que Tucker sabia mentir muito bem. O que ele estaria fazendo? Aonde teria ido?

— E como Grant reagiu à notícia?

Grant era o namorado de idas e vindas de Penny. Atualmente, eles não estavam juntos. Provavelmente para sempre, agora que a garota estava esperando um filho de outro homem.

— Ele não fala mais comigo. Diferente de você, ele não consegue perdoar. — respondeu Penny.

— Sinto muito.

— Nada demais dessa vez. — Penny não conseguiu dissimular a dor sua voz.

Elas seguiram quietas o restante do caminho, cada uma perdida nos próprios pensamentos. Finalmente chegaram ao destino. Prédios de tijolos vermelhos e mais prédios de tijolos vermelhos surgiram, alguns se desintegrando, alguns bem novos, mas todos separados com espaço suficiente para acomodar estacionamento maiores que o necessário. As ruas eram curvas, lâmpadas brilhavam dos dois lados. Todos os semáforos estavam verdes.

Não que o trânsito estivesse bom. Aliás, a situação era exatamente o oposto.

— Uau. — disse Penny. — Preciso dizer que era impossível esperar isso. Impossível, mesmo. Aquele é o Sr. Hayward, meu professor de Trigonometria?

Provavelmente. Havia pessoas em todos os lugares. Humanos e não humanos, embora um olhar não treinado fosse incapaz de perceber a diferença.

Nenhuma das lojas estava aberta, mas isso não importava para os desocupados. Eles tinham cadeiras de jardim e isopores de cerveja e música tocando no volume máximo. Tudo isso evidentemente encorajava uma série de pecados, envolvendo tirar as roupas. Nas cadeiras de jardim, intensas demonstrações públicas de afeto. Os isopores serviam de plataformas para algumas garotas. A música criava o ambiente para danças que poderiam ser consideradas simulações de sexo.

Chocante. Mary Ann sacudiu a cabeça, esfregou os dedos nos olhos. Ela certamente estava imaginando coisas. Aquilo também não era o que esperava. Tudo era tão... Universitário. Bem, pelo menos a idéia que ela tinha do que seria o mundo universitário. Uma festa enorme, uma orgia esperando para acontecer. As criaturas mitológicas e lendárias não deveriam ser um pouco mais... Respeitáveis?

— O que aconteceu com todo mundo e quem são todas essas pessoas? — Perguntou Penny, aterrorizada.

Mary Ann ignorou a primeira pergunta e respondeu à segunda. — Não tenho idéia.

E, tecnicamente, ela realmente não tinha idéia. A garota nunca tinha sido propriamente apresentada às criaturas que escolhiam se infiltrar entre os humanos.

— Eu devo estacionar?

— Sim, mas estacione em um local onde possamos ter uma visão de todos sem que eles consigam nos ver.

Penny estacionou ao lado do Dairy Mart. Quando desligou os faróis, o carro submergiu na escuridão. Ela ficou parada enquanto Mary Ann observava atentamente as pessoas. À primeira vista, todos pareciam humanos, mas ela já começava a notar algumas pequenas diferenças.

Havia alguns vampiros, com pele pálida e lábios vermelho-sangue. Eles se moviam com uma graça etérea, como se cada movimento fosse um passo de balé. Havia também elfos, cuidadosos para manter distância dos vampiros. A pele deles brilhava ligeiramente sob a luz da lua. Além disso, todos eram tão lindos que chegava a dar água na boca. Os mutantes, como Riley, tinham um caminhar resolutivo, e uma expressão de caçadores, como se todo mundo fosse um delicioso jantar.

O outro mundo, ou seja, lá como aquilo era chamado, aparentemente tinha ido todo parar naquela região. E os humanos estavam adorando aquilo, embora não tivessem idéia do que realmente estava acontecendo. Mas...

Bruxas, bruxas, onde estavam as bruxas?

Você precisa tomar cuidado com as bruxas. Elas são capazes de sorrir enquanto a amaldiçoam, Victoria havia dito a Mary Ann em outra ocasião.

Elas também podiam se encobrir com magia, para que todos que olhassem elas vissem apenas uma garota comum, uma garota que seria facilmente esquecida. Você precisa treinar os olhos para que eles enxerguem além da superfície. Riley tinha explicado.

Mary Ann descobriu que não conseguia ver além da superfície, além da máscara de magia. Cinco minutos depois, ela percebeu que não precisava disso. A garota enxergou alguém que reconhecia e, então, arfou.

— O que foi? — Perguntou Penny.

— Nada, nada. — Uma mentira sem culpa. — Tudo é muito estranho, é isso. — Verdade.

— Eu sei. Muito estranho.

Uma das bruxas que tinha lançado o feitiço de morte contra o grupo estava sob um poste, com a luz dourada banhando o corpo. Longos cabelos louros se encaracolavam sobre o ombro, contrastando com o negro do casaco. De repente, uma brisa empurrou o capuz da garota para trás, revelando o rosto simpático e familiar. Ela não usava máscara, nem antes, nem agora. Os olhos escuros observavam com desdém o caos que ocorria ao redor.

— Você viu aquela garota? — Mary Ann perguntou a Penny, apontando.

— Legal, mas... Não. Você viu?

— Talvez. — ela se safou. Clareza total não era uma opção. Em primeiro lugar, Mary Ann precisava da permissão de Riley e de Victoria. Caso contrário, eles poderiam querer matar Penny para evitar que ela comentasse qualquer coisa. Apesar de quê... O segredo estava bastante divulgado. Como poderia não estar? O Sr. Klien, o enfadonho professor de Química, estava flertando com uma mulher vestindo pouca roupa e com o corpo coberto de tatuagens.

— Posso ser sincera com você? — Perguntou Penny, subitamente.

— Por favor.

Apenas não espere o mesmo de mim.

— Isso aqui está me assustando. Mas nós deveríamos, não sei, participar? Agir como detetives atraentes e descobrir o que está acontecendo?

— Não!

— Está bem, está bem. Péssima sugestão. — Penny esfregou a mão na barriga ligeiramente redonda. — É que parece que eles estão se divertindo tanto e eu sinto como se não me divertisse há muito tempo. — Seu tom de voz era melancólico. — Mas então, qual é o plano? Sentar aqui e observar?

— Sim. Quando a polícia chegar para prender todo esse povo por atentado ao pudor. — disse Mary Ann, pensando rápido — É menos provável que tenhamos problemas se estivermos no carro.

— Ah... Mary Ann? Detesto desapontá-la, mas a polícia já está aqui. Está vendo aquele homem barrigudinho girando a camisa no ar? Ele é o oficial Swanson.

— De qualquer forma, vamos ficar aqui.

A questão era que Mary Ann não colocaria sua amiga em perigo. As criaturas pareciam se comportar, não estavam ferindo ninguém, mas a situação poderia mudar em um piscar de olhos. E se alguém percebesse que o bebê de Penny tinha um pai demônio? E aí? Eles iriam querer derramar o sangue de Penny? Eles iriam querer destruir o bebê?

Mary Ann estremeceu. De uma coisa ela sabia: espécies "mitológicas" diferentes estavam em guerra. Como vampiros e elfos, por exemplo. E ela não tinha a menor idéia de quais espécies gostavam de demônios e de quais espécies não os suportavam.

— Está bem. Resolveremos o mistério daqui. — Disse Penny, sem conseguir esconder a decepção. — Detetive Hot Pants se apresenta para o dever.

— Ótimo. Bem-vinda ao time.

Mais ou menos.

Porém, poucos minutos depois, Penny resmungou:

— Isso é um saco. Eu estou oficialmente entediada. Eles continuam se divertindo e nós ainda estamos sentadas aqui, assistindo.

— Sinto muito. Cinco minutos, e aí voltamos para casa. Prometo. Até agora, Mary Ann não tinha descoberto nenhuma novidade. Droga! Será que a bruxa vinha para cá todas as noites? Será que havia festa todas as noites? Se sim, ela teria de surpreender a mulher diante de centenas de possíveis testemunhas.

Então, qual seria a melhor forma de raptar alguém em um local lotado? Mary Ann se perguntava. As respostas surgiam como se a garota tivesse sido uma criminosa durante toda a vida.

O primeiro item da lista deveria ser o controle de barulho. Um atrairia todos os tipos de atenção. O segundo seria carregar o corpo resistindo ou inconsciente, no meio de toda aquela gente. Mais vez, tudo teria de ser feito sem atrair todas as atenções. E o terceiro seria esconder a carga após o seqüestro.

Conforme a mente considerava as opções e as consequências subseqüentes, uma corrente de algo quente passou por Mary Ann. Sua pele formigou e o estômago roncou. Em questão de segundos, esse “algo” a acalmou, intensificando o formigamento ao mesmo tempo em que o estômago parava de resmungar. Foi então que ela experimentou as sensações, querendo mais, precisando de mais, quente, tão quente. Franzindo a testa, ela se distanciou dos pensamentos. Que...

Mary Ann percebeu que a bruxa caminhava em direção ao carro de Penny com passos firmes.

— Vá! — Ela gritou, dando um tapa no painel. — Vá, agora!

— O quê? Por quê?

— Rápido!

Penny engatou a ré e pisou no acelerador. Pneus cantaram. Pedras O carro serpenteou em uma esquina e Mary Ann bateu contra a janela. As garotas se ajeitaram, acelerando cada vez mais. A praça lotada logo se tornava um ponto distante no retrovisor.

O único problema? Dois lobos agora corriam ao lado do carro. E nenhum deles era Riley. Um tinha a pelagem branca como à neve e, outro, marrom-avermelhada. Amigos? Inimigos? Não havia tempo para pensar sobre isso. Quanto mais adiante as garotas seguiam na estrada, mais os lobos ficavam para trás. Finalmente, Mary Ann já não conseguia vê-los.

— Está bem. O que foi aquilo? - Perguntou Penny, ofegante apesar de não ter feito qualquer esforço físico.

— Eu... Eu não sei. — mentiu Mary Ann.

Caramba! Ela tinha destruído tudo? Provavelmente. Agora as bruxas saberiam que ela tinha estado lá, observando. Qual era a chance de aquela feiticeira estar de volta na cidade amanhã?

A garota suspirou, tentando não se desesperar. Depois ela daria um jeito de descobrir. Depois de contar a Riley, a Aden e a Victoria o que tinha feito e depois de receber um sermão por ser tão idiota, é claro.

Penny estava certa. Aquilo era um saco.

Nove



COM A CABEÇA ERGUIDA, Victoria passou com Aden por uma longa (realmente longa) fila de vampiros bem vestidos. O garoto viu togas de veludo negro envolvendo o corpo das mulheres, jóias de todas as cores costuradas junto ao tecido e, no caso dos homens, camisas de e calças sociais. Havia um perfume doce invadindo o ar, um aroma que se tornava mais intenso, conforme Aden caminhava em direção à plataforma de onde faria o discurso, onde um enorme trono de ébano o esperava. Um aroma que, por sorte, anulava o perfume de Aden.

Em cada centímetro do trono, havia símbolos estranhos entalhados, símbolos que pareciam emanar poder. Um poder que envolvia Aden enquanto ele se sentava, um poder que então o mantinha ali, como se algemas o prendessem pelos punhos e tornozelos.

Victoria colocou-se à direita de Aden, enquanto Riley posicionou-se do lado esquerdo. Então, a fila de vampiros começou a se mover na direção do grupo. Apresentações e mais apresentações foram feitas. Homens, mulheres, jovens, idosos. Nomes e rostos demais para serem memorizados, especialmente na condição confusa em que Aden se encontrava.

Alguns o olhavam com esperança, outros com desdém. Alguns preferiam olhar para a enorme tapeçaria que se dependurava na parede de atrás do garoto. Ele não precisava se virar para saber o que havia estampado lá; aquela imagem estava para sempre gravada em sua mente. Vlad, o Empalador, cruelmente lutava contra uma multidão furiosa e decidida. Eles seguravam tridentes; o vampiro empunhava uma enorme espada. Nas laterais da tapeçaria, havia o desenho de inúmeras lanças, cada uma com uma cabeça humana fincada na ponta. Era aquilo que aqueles vampiros esperariam de Aden?

Provavelmente. Ele deveria se importar, pensou. No entanto, ele não se importava com nada.

Conforme as apresentações continuaram, ele se viu abafando as vozes e estudando o ambiente. Mesmo sem Elijah, Julian e Caleb *opinando* sobre tudo, o tempo todo, Aden ainda se sentia distraído, incapaz de se concentrar. Um enorme tapete vermelho se estendia do tablado até portas duplas que se erguiam imponentes na frente do local. Os mesmos símbolos confusos que decoravam o trono também podiam ser vistos no tapete.

Não havia lâmpadas ali, apenas candelabros cuidadosamente planejados, produzindo chamas de um dourado brilhante das quais surgiam fitas de fumaça negra. Por mais estranho que possa parecer, dos dois lados do salão havia degraus de pedra (como se fossem arquibancadas), divididos apenas pelas quatro colunas redondas que se elevavam até o teto abobadado. Os enormes degraus chegavam até uma plataforma onde se encontravam guardas uniformizados, ostentando espadas presas à lateral do corpo.

Humanos estavam sentados nessas arquibancadas. Aden sabia que eles eram humanos porque havia variação na tonalidade da pele dessas pessoas, de ligeiramente bronzeado ao mais escuro dos moços. Além do mais, a expressão facial não tinha a perfeição dos traços dos vampiros. Os humanos também usavam togas, embora sem jóias ornamentais e sem mangas. Aquilo facilitava o acesso aos pontos de pulso, pensou Aden. E o garoto não precisava perguntar-lhes se eles gostariam de estar ali. Eles encaravam os vampiros com uma saudade muito clara no olhar.

Escravos de sangue, Aden então pensou. Victoria certa vez havia lhe contado que os humanos rapidamente se viciavam na mordida dos vampiros. Na ocasião, Aden não acreditou. Todavia, agora acreditava. Ela o tinha mordido duas vezes e cada uma dessas vezes foi... O paraíso. Os dentes de Victoria produziam algum tipo de composto químico, algum tipo de droga que, primeiro, anestesiava a pele humana e, depois, queimava o sangue com doçura.

— E, por fim — disse Victoria, ao lado dele, trazendo os pensamentos roto de volta para o presente — fico feliz de apresentá-lo às minhas irmãs.

Eles já tinham chegado ao fim da fila? Quanto tempo ele ficara estudando o local?

— A primeira — ela continuou — é a Princesa Stephanie.

Uma bela jovem loura deu um passo para frente e inclinou a cabeça para cumprimentá-lo. Como as outras, Stephanie também vestia uma toga. Entretanto, quando ela se levantou e empurrou o tecido dos ombros, a peça ruidosamente caiu no chão, caindo aos pés da vampira. Ela levantou a cabeça, praticamente desafiando Aden a desaprová-la.

Pelo menos ela tinha outras peças de roupa sob a toga. Agora ela exibia uma camiseta preta com um arco-íris cravejado de jóias no centro (com as quais, por sinal, a maquiagem combinava perfeitamente), calças *jeans* pretas e botas vermelhas e brilhantes que atingiam a altura dos joelhos.

Quando ele não disse nada sobre a mudança de roupas, Stephanie relaxou.

Enquanto Stephanie mascava um chiclete, os olhos verdes percorreram Aden.

— Fofo. — ela anunciou — E, ah, queridinho, você emana uma vibração poderosa, não é mesmo? Essa energia me faz querer tocar em você.

Com os dentes, aposto.

— Ah, obrigado. — respondeu Aden. Todos os demais haviam apenas dito “Majestade” ou simplesmente não tinham dito nada. Bem, aqueles dos quais o garoto conseguia se lembrar.

— Por favor, não se sinta ofendida, mas peço para que você... Não. — Continuou Aden.

Ela sorriu, o mais evasiva possível.

— Foi você quem derrotou Dimitri, não?

— Parece que sim.

Enquanto punhos batiam e lâminas cortavam, Aden não sabia que era isso que o esperava caso vencesse. Se soubesse... Não, pensou. Independentemente de qualquer coisa, ele teria feito o que fez. Seus instintos tinham assumido o controle e tudo o que ele queria era acabar com a pessoa que queria acabar com Riley e com Mary Ann. E também queria destruir o cara que tinha como plano se casar com Victoria.

Stephanie arqueou a sobrancelha.

— Então, garoto humano, como você planeja nos governar?

Garoto humano. Aden deu de ombros; ele já tinha sido chamado de coisas piores.

— Sinceramente, não sei.

Ela deu outro sorriso.

— Sinceridade. Gosto disso. É algo... Diferente.

Vlad tinha mentido para suas filhas? Sobre o quê?

— Então, ouça. — disse ela. — Eu realmente gostaria de... Fazer um brinde à sua vitória, O que você acha de...

Victoria ficou tensa, até mesmo agarrou os braços de Aden como um gesto de proteção. Riley, que estava do outro lado do garoto, apenas a conteve com um sorriso.

— Nós não bebemos sangue do nosso rei. — disse Victoria, com dureza na voz.

O quê? Ela planejava brindar a vitória de Aden usando o pescoço à do garoto como uma caixa de suco?

Stephanie jogou os braços para cima.

— Nunca?

— Exatamente. — respondeu Riley.

Com lábios escarlates inclinados para baixo, e o lábio inferior ligeiramente para fora. Os ombros de Stephanie se soltaram.

— Está bem, então, mas tenho outras perguntas para nosso futuro rei. Como...

— Agora não é hora para isso, e você sabe muito bem. — interrompeu gentilmente Riley. — Até mais tarde, princesa.

Um momento se passou em silêncio. E mais um momento.

— Está bem, mas vou perguntar em breve. São perguntas *importantes*.

Riley não recuou: — Tenho certeza de que são. Mas, por enquanto, logo.

Ofendida, Stephanie pegou a toga que tinha jogado no chão, deu volta e saiu da sala, batendo a porta.

Só havia mais uma pessoa na fila. A outra irmã de Victoria, pensou Aden. Um rosto delicado que, de alguma forma, parecia-lhe familiar. Victoria a fez se aproximar.

— Esta é a Princesa Lauren.

A vampira, com cabelos louro-claros e olhos de cristal, inclinou a cabeça para cumprimentá-lo. Como Stephanie, Lauren dispensou o robe tradicional, mas, diferentemente da irmã, ela vestia um top justo couro preto e calças que faziam uma combinação perfeita. Em volta dos pulsos, Lauren ostentava um arame farpado como pulseira e, junto ao corpo, havia armas presas.

— Então você é Aden Stone, o humano de quem tanto ouvi. Admito que você exerça uma atração, como Stephanie disse, mas não chega nem aos pés do meu pai.

Aden inclinou a cabeça em agradecimento.

— Obrigado.

— Isso não foi um elogio, seu idiota.

Ele deu de ombros.

Lauren estreitou os olhos.

— Assim como minha irmã, também tenho algumas perguntas, humano. Mas, diferente dela, eu espero... Não, eu *exijo* respostas ainda esta noite.

— Rei. — gritou Riley. — “Minha majestade”. É assim que você deve tratá-lo de agora em diante.

Lauren levantou o queixo, embora sem desviar a atenção de Aden.

— Daqui a treze dias, passarei a tratá-lo como rei. Até lá... — Por um momento, Aden pensou que ela poderia estar considerando tirar uma daquelas lâminas e jogar contra o coração dele. E então, o suor frio brotou na pele. Apunhalado, não! Outra vez, não! Porém, Lauren ficou parada e disse:

— Além do mais, decidi não segui-lo.

Riley desceu do tablado e ficou frente a frente com ela, nariz com nariz.

— Isso é um desafio?

De cima das arquibancadas, os guardas com as espadas pareciam prontos pra atacar. Se o ataque seria contra Aden, contra Riley ou contra Lauren, isso era impossível saber.

— Já chega! — Disse Aden, sem saber o que mais deveria fazer. — Eu não sou rei. Eu não quero ser rei! — No entanto, algo precisava ser feito. — Discutiremos sobre isso mais tarde. Por enquanto, por mais que esteja feliz em conhecer um membro da família de Victoria, as apresentações chegaram ao fim. Você pode ir.

Aquilo soava suficientemente majestoso?

Surpreendentemente, sim. Com um tenso aceno de cabeça e um olhar assassino, Lauren deu meia volta e saiu da sala. Ela também bateu a porta.

Aden então percebeu que os humanos também já não estavam mais ali. O garoto não os ouviu sair, mas, de alguma forma, eles tinham silenciosamente desaparecido.

— E agora? — Perguntou, levantando-se. A tontura o invadiu e ele precisou segurar no braço do trono para conseguir permanecer de pé. Há quanto tempo ele estava sentado?

— Há uma recepção preparada para você. — disse Victoria, passando a mão sobre a sobranalha de Aden, uma carícia gentil, quente. — Você está bem?

Não. Sim. Talvez.

— Que horas são?

— Quase três.

Então fazia quatro horas que ele estava ali. E, em três horas, ele precisaria “acordar” e se arrumar para ir à escola.

— Preciso voltar para o rancho logo. Temos aula amanhã e não quero faltar outra vez.

Aden sabia que Victoria podia dar um jeito nas coisas usando aquela voz, fazendo todos pensarem que ele estava lá quando, na verdade, não estava. Porém ele queria ir. Ele tinha lutado para poder freqüentar a escola e não perderia a oportunidade de aprender, de se tornar uma pessoa melhor.

É... Aden provavelmente dormiria durante todas as aulas, porque, já agora ele lutava contra os bocejos. Mas, ainda assim, ele iria. Talvez o conteúdo das aulas entrasse em seu subconsciente.

— Só mais um pouco e eu o levarei para casa. — Victoria apoiou as mãos sobre os ombros de Aden antes de levá-las à nuca do garoto. Ela se recostou sobre ele. — Prometo.

Ela planejava beijá-lo? Eles já tinham se beijado antes, mas eram beijos suaves e não muito demorados. Aden queria mais. Apesar de sua condição, ele sabia que queria mais... Agora. Ele queria a língua de Victoria, o sabor de Victoria, os dentes de Victoria.

Um minuto se passou, e mais um, mas tudo o que ela fez foi abraçá-lo. Aden tentou não demonstrar a decepção. Pelo menos ela se importava com algo agora, ele brincou.

— Este lugar inteiro é um estereótipo, você sabia? — Disse o garoto, tentando se distrair. — Tudo é preto. Essas roupas. O fator assombramento.

— Meu pai amava os estereótipos. Adorava brincar com eles.

O pai dela. Havia algo que Aden sabia sobre aquele homem, ele pensou, algo que ele precisava contar para ela... Mas, novamente, ele não conseguiu pensar em nada. — Por que ele gostava de brincar com eles?

O ombro de Victoria se levantou com delicadeza.

— As pessoas que nos vêem, pensam que somos apenas humanos fingindo sermos vampiros. Somos considerados estranhos, mas não somos considerados uma ameaça.

Ele entendia. Os estranhos eram evitados, deixados de lado. Ameaças eram perseguidas, eliminadas.

— O mesmo poderia ser dito de você neste exato momento, Aden Stone. — disse Victoria em tom de brincadeira. — Muitas pessoas o consideram estranho, mas não uma ameaça.

— E como você sabe disso?

— Ninguém tentou matá-lo.

— É verdade. — concordou Aden, sorrindo.

— E estou orgulhosa de você, você sabe disso. — elogiou Victoria, com a voz rouca, e o olhar pousando nos lábios e no pescoço do garoto.

Ela estava com sede? Por favor...

Riley tossiu.

Eles o ignoraram.

Os elogios sempre foram um fator raro na vida de Aden e, portanto, ele absorveu as doces palavras de Victoria. Nas instituições por onde ele passara, os médicos apenas o questionavam (tanto ele, quanto os demais pacientes) e estavam sempre envolvidos em seus próprios problemas. Nos lares adotivos, nem os pais bem-intencionados, nem aqueles que não

se importavam sabiam como lidar com ele, até mesmo chegavam a temê-lo. No rancho, os outros garotos inicialmente o ridicularizaram.

— Você não sente vergonha por eu ser um humano fraco? — Ele perguntou a Victoria. Porque Aden sabia que, mesmo se ela não admitisse, era assim que aquele povo o via. Era assim que aquele povo provavelmente o veria para sempre.

Ela respondeu com outra pergunta:

— Você não sente vergonha por eu ser um espírito maligno sedento por sangue? — Enquanto Victoria falava, o olhar voltou à veia pulsando no pescoço de Aden. Ela lambeu os lábios.

— E seu espírito maligno está com sede agora?

— Não. — resmungou a vampira, deixando os braços caírem. Ela deu um passo para trás, aumentando a distância entre eles.

— Mentirosa. — disse Aden, mas sem forçá-la. Victoria se recusava a beber dele porque não queria transformá-lo em um escravo de sangue.

Ele entendia, mas detestava pensar que aquela boca linda poderia tocar outra pessoa.

Eles não discutiriam sobre isso agora, de qualquer forma. Não havia tempo.

— Venha. — Determinada, a vampira estendeu a mão. — A festa o espera.

De mãos dadas com Victoria, Aden permitiu que ela o guiasse pelo tapete. Riley os seguia alguns passos atrás. Quanto mais próximo da porta eles chegavam, mais barulho Aden ouvia. No entanto, quando passaram pelos grossos arcos de metal, ele percebeu que não havia ninguém no corredor. Havia apenas estátuas de alabastro de animais e de pessoas, e baús intrinsecamente esculpidos, todos abertos e vazios. Para que seria aquilo?

Entretanto, um pouco adiante, depois de atravessarem outra porta, havia um salão de baile repleto de vampiros, de seus lobisomens seguranças e de humanos. Os vampiros conversavam e davam risada; os lobos, na forma animal, rondavam pelo local; e os humanos estavam novamente pelos cantos, ansiosos à espera de uma convocação.

As paredes eram feitas de paralelepípedos pretos e a monotonia apenas era quebrada pelos grandes espelhos ovais. Mais uma vez, a única fonte de luz era o brilho dourado dos candelabros. Acima, o teto parecia um... Aden franziu a testa. É claro. Uma teia de aranha. No centro da teia dependurava-se um lustre. E aquele lustre tinha pernas que se alongavam, como se uma aranha caminhasse pelo teto.

Alguém o avistou e as conversas foram interrompidas. O silêncio repentino interrompeu o olhar convidativo de Aden. Todas as cabeças se viraram para ele. Aden apoiava-se desconfortavelmente em um pé e depois no outro. Vários minutos (uma eternidade) se passaram. Ninguém se movia ou falava. Todos apenas o observavam, julgando, analisando.

Ele devia fazer alguma coisa? Devia dizer alguma coisa?

Aqueles vampiros só tinham sido governados por Vlad, ele se lembrou. Eles tinham tanta idéia de como as coisas seriam quanto ele. Não que governá-los fosse algo que estivesse nos planos de Aden. O garoto daria um jeito de se livrar disso. Logo.

— Ele está pronto para ver? Para saber? — Alguém murmurou. As conversas recomeçaram, o volume aumentava rapidamente. Ele pensava ter ouvido palavras como besta — talvez tenha sido festa — e aglomerados. Talvez entediados.

— Devemos esperar até depois da coroação? — Outro perguntou.

— Esperar para ver o quê? — Aden perguntou a Victoria com o canto da boca.

Ela se movia desconfortavelmente, assim como ele, e murmurou:

— Eles querem contar para você que... Eles querem que você saiba que... Ah, isso é complicado. Eu esperava nunca ter de falar com você sobre isso, mas ficou decidido que, como rei, você precisa saber.

— Saber o quê?

— Que nós não estamos... Sozinhos.

Literalmente? Porque ele poderia ter concluído isso sozinho. Parecia claro que eles não estavam na mesma sintonia.

— Você quer explicar do que você está falando?

— Não.

— Então explique mesmo sem querer.

Ela suspirou.

— Existe... Algo com a gente.

Certo. Está bem. Hora de tentar outra estratégia: — Se vou... Governar as coisas... — Deus, ele não conseguia acreditar que estava dizendo aquilo, nem mesmo apenas para conseguir respostas. —... Eu preciso saber de tudo. Então, vamos tentar outra vez. O que é esse algo está com vocês?

Círculos rosados brotaram nas bochechas de Victoria.

— Isso é tão constrangedor e pode ser que você saia correndo, gritando para longe de mim quando descobrir.

— Eu já vi você se alimentar e não sai correndo e gritando.

— É. Mas isso é pior.

Ele não desistiu.

— Eu juro. Nada poderia me fazer correr de você. — disse Aden, apertando a mão de Victoria. — E você sabe que gosto de você do jeito que é.

— Bem, apegue-se a esse pensamento. — Victoria olhou para os próprios pés e deu um chute, como se estivesse mexendo uma pedra invisível. — Primeiro, você deve saber que, apesar dos ornamentos conhecidos que vê aqui, tudo o que você pensava saber sobre vampiros, tudo o que viu nos livros e nos filmes, não está nem perto da realidade.

— Não me diga. — disse ele, com indiferença.

Ela arregalou os olhos.

— Você poderia levar as coisas a sério?

— Vou levar as coisas a sério se você se acalmar.

Victoria colocou a ponta da língua rosada para fora e a deslizou sobre os lábios, deixando um brilho úmido. Obviamente, ela não se acalmou.

— Se você insiste em saber...

— Eu insisto.

— Então aqui está. A verdade. Nós somos... Mais que vampiros que chupam sangue. — Ela levantou a cabeça, adotando um ar de teimosa como as irmãs tinham feito antes, Victoria praticamente o desafiou a protestar. — Pronto. Agora você sabe.

— Quase nada. Explique.

Novamente, ela lambeu os lábios, a vibração teimosa estava abrindo espaço para uma energia tensa.

— Aden...

— Victoria. Apenas diga o que você tem a dizer. Vamos.

Os ombros da vampira cederam, como se ela tivesse sido derrotada.

— Está bem. Somos mais que chupadores de sangue porque temos... Temos monstros vivendo dentro de nós.

Monstros?

— Ainda não entendi.

— Somos possuídos... Espere. — Ela sacudiu a cabeça. Os cabelos negros dançavam sobre os ombros. — Vou explicar de outra forma. Mas, primeiro, a boa notícia.

Urna tática para protelar, Aden sabia, mas não a impediu.

— Os desenhos que você vê na parede... Bem, nós os queimamos em pele. Todos nós.

—Você tem essas marcas?

Ele tinha nadado com ela, ele a tinha visto com pouquíssima roupa, e não se lembrava de ter visto aquelas marcas nela. E ele tinha olhado. Muito.

— Sim, eu tenho.

— Onde? E por quê?

— No meu peito. Porque elas são... Proteções.

Aden ignorou a primeira parte da resposta de Victoria porque, sim, ele queria olhar para a parte do corpo em questão. O garoto se concentrou, entretanto, na segunda parte. “Proteções?” Aden culpava os remédios por sua incapacidade de reunir todas as peças desse quebra-cabeça insano.

— Como eu disse, todos nós temos um monstro em nosso interior e monstros são verdadeiras bestas, dignas dos piores pesadelos. Os humanos provavelmente comparariam nossa condição aos casos de possessão demoníaca. E essas proteções em nossa pele mantêm esses monstros contidos dentro de nós e quietos, em vez de permitir que eles andem por aí. — Agora ela apertou a mão dele. — Acredite, você realmente não quer ver uma dessas criaturas. Elas são bestiais, brutais, elas desejam a morte daqueles de quem bebemos. Tudo o que conhecem é a destruição.

Aden ficou em silêncio por um momento, tentando absorver as palavras de Victoria.

— Como vocês os atraíram? E você tem um desse dentro de você?

Quando ela começou a responder, cinco homens deram um passo adiante, formando uma meia-lua em volta de Aden, todos observando, com expectativa, o garoto. Eles seguravam taças adornadas com jóias. Um líquido vermelho e denso serpenteava dentro. Sangue, sem dúvida. Aden sentia o cheiro forte de cobre.

— Estou certa de que você se lembra do conselho. — disse Victoria, soando aliviada pelo fato de a conversa sobre monstros ter ficado para trás.

Não mesmo.

— É claro.

Ele olhou diretamente nos olhos dela, silenciosamente dizendo que voltariam a discutir o assunto dos monstros. Muito em breve. Então, ele se virou para os... Homens do conselho. Aden supunha que esse devia ser o nome deles. Todos eram mais velhos, quase idênticos um ao outro, grisalhos, musculosos e com a pele quase sem linhas de expressão. Além disso, suas presas eram visíveis e se apoiavam sobre os lábios.

Estariam eles com fome? De Aden? Se o garoto estivesse totalmente consciente, talvez sentisse medo. Ele jamais conseguiria se defender de cinco vampiros determinados de uma só vez. É claro que o garoto tinha as adagas presas ao sapato, como de costume, mas elas seriam inúteis contra aquelas criaturas.

A única arma útil que ele tinha era o anel de Vlad. Ah, claro. Ele olhou para a mão direita e viu a opala brilhando contra a luz. Aden subitamente se sentiu grato a Riley, pelo fato de o mutante ter insistido para que ele colocasse aquele anel.

— Agora que Victoria falou sobre as bestas, vamos falar sobre assuntos mais urgentes. — disse um dos homens do conselho. Antes que Aden pudesse perguntar o que poderia ser mais urgente que aquelas bestas, o homem continuou. — Há muitos assuntos que precisamos decidir.

— Um deles é onde você vai morar. — disse outro homem. — Aqui ou com os seus humanos?

Os outros logo se juntaram, bombardeando Aden com perguntas com a mesma rapidez que Thomas o tinha bombardeado anteriormente.

— E se você ficar com os seus humanos, como nós faremos para convocá-lo quando precisarmos de você?

— Além disso, você precisa ser apresentado aos nossos aliados. Para quando posso marcar o encontro?

— E você também precisa escolher uma rainha.

— E você...

— Esperem um pouco, ele precisa processar as informações! — Exclamou Riley, silenciando-os.

Aden se surpreendeu quando os homens imediatamente abaixaram a cabeça, concordando. Dois deles chegaram até mesmo a se desculpar. Riley era um segurança, e não um príncipe ou um vampiro, mas, ainda assim eles o obedeciam sem repreender. Muito interessante.

— Então, a resposta para as perguntas de vocês. — Começou. — Vou viver no Rancho D&M, exatamente como antes. — explicou Aden enquanto todos os olhares voltavam novamente para ele. Ele passou o dedo sobre o anel. — Conhecerei os aliados em algum momento da semana — afinal, esta semana estava reservada para as bruxas — Mas terá de ser depois do meu horário de aula. Apenas me avisem quando e estarei lá. — Ou aqui. Em qualquer lugar. E quem seriam esses aliados? Até onde Aden sabia, os vampiros e os lobisomens guerreavam contra *todo mundo*. — Quanto à rainha... Minha rainha será Victoria. — Não havia dúvida quanto a isso. Não que ele estivesse pronto para se casar. Não que ele fosse ser rei por muito tempo.

Mais uma vez, Victoria apertou a mão de Aden.

Todos os cinco homens do conselho franziram a testa para ele.

— Você não pode simplesmente escolher a princesa Victoria. Você precisa passar um tempo com as outras vampiras. — disse um deles.

— Não preciso passar tempo com elas. Não vou mudar de opinião. — respondeu o garoto.

— Reclamações surgirão. — disse outro, irritado.

Aden deu de ombros.

— Eu não me importo.

— Os pais de filhas elegíveis irão se rebelar, pois eles desejam ter uma chance, no mínimo, de criar uma aliança com a Casa Real. Você não quer causar uma rebelião logo no início do seu reinado, não é mesmo? — Perguntou um terceiro.

— Não, mas eu...

— Ótimo, ótimo. Então, chegamos a um acordo.

Todos os cinco levantaram suas taças, agora sorrindo.

Aden sacudiu a cabeça.

— Eu não entendo. Qual é o acordo?

— Você vai conhecer as outras vampiras para que os pais delas não se rebelem.

Aden levou a mão até os olhos e os apertou.

— Não. — insistiu. — Não vou.

Os homens murmuraram entre si por vários minutos antes de acenarem com a cabeça e encararem Aden. A determinação deles era palpável.

— Chegamos a um acordo. — propôs o mais alto deles. — Você conhecerá apenas cinco vampiras, dentre as quais obviamente não estará Victoria, cada uma delas escolhida por um membro do conselho. Você terá um rendez-vous com cada uma delas e, no dia da sua coroação, nomeará sua escolhida. Essa escolhida será a rainha.

Ah, e agora? *Rendez-vous* era sinônimo de encontro amoroso, ele suspeitou, e isso ele não queria. E com *cinco*?

— Ele está de acordo com a proposta. — disse Victoria, sem revelar qualquer traço de emoção.

Aden abriu a boca para negar a afirmação da vampira, mas os homens se afastaram, dando tapinhas um nas costas do outro como se tivessem feito um bom trabalho.

— Aden. — ela o censurou.

Os olhos apertados do garoto a encararam: — Eu não me importo com o que você disse a eles. Não vou me encontrar com ninguém.

Victoria era a única garota que Aden queria. A única com quem ele a única que desejava.

O rosto da vampira estava pálido, da mesma forma como antes, quando ela chegara ao rancho. No entanto, dessa vez ele duvidava de que ela estava “exagerando” para parecer mais humana. Essa definitivamente não era uma situação de “Há-há, vamos provocar”.

— Eles estavam certos. — Ela soltou a mão do garoto, cortando qualquer tipo de contato. — Se você se recusar a encontrá-las, as famílias vão reclamar, e as reclamações acabarão se transformando em agitação. E a agitação em perigo. E você já está encarando perigos suficientes.

Ela estava tentando protegê-lo novamente? Ou para ela não havia problema algum em ele sair com outras garotas? Porque ele poderia espancar qualquer garoto que olhasse para ela. Até o cara virar pó. E, então, ele cuspiria nesse pó. E jogaria tudo na privada e daria descarga.

— Eu prefiro ter que lidar com o perigo. — disse ele, rangendo os dentes.

— Bem, eu não.

A expressão de Victoria continuava implacável; seu tom de voz, apático.

— Não ligo.

Ela estava mentalmente empurrando Aden, afastando-o, ele percebeu. Em um momento, ela o confortava. No momento seguinte, parecia ter terminado o relacionamento. E ele não gostava daquilo. Fosse o bem dele ou não.

— Isso precisa ser feito, Aden.

— Não.Eu...

— Ótimo. Uma discussão de casal. Em vez disso, devemos nos unir. — Disse Riley, dando um empurrão em Aden. —Vamos deixar as brigas para depois.

Aden e Victoria trocaram olhares furiosos por um momento. Então, ela balançou a cabeça de forma dura, um pouco contrariada, e o garoto fez a mesma coisa. Porém, o assunto não tinha chegado ao fim. De forma alguma. Ele não sairia com as outras vampiras, e ela ainda desculparia por ter agido como se não se importasse, a não ser que não estivesse fingindo. Talvez os vampiros não vissem problemas namorar mais de uma pessoa.

O que Aden não sabia.

Afinal, Victoria o tinha beijado enquanto ainda estava comprometida com Dmitri. No entanto, ela detestava Dmitri e nunca quis nada com ele. Ainda assim. Se esse fosse o caso, talvez ela estivesse saindo também com outra pessoa. E, se esse fosse o caso, ele não saberia o fazer. O que fazer além de se envolver em uma briga séria.

— Conversaremos sobre isso mais tarde. — disse ele em voz baixa e feroz antes de se afastar dela.

Novamente, ela concordou com a cabeça, embora contrariada.

Em silêncio, eles se juntaram aos outros convidados. Várias mãos tocavam em Aden. Alguém empurrou uma taça na direção dele, e ele a pegou antes que o objeto caísse e se estilhaçasse. *Não vá se esquecer do que tem aí dentro e beber acidentalmente.*

— Estou sentindo o cheiro de... Elfo? — Alguém resmungou de repente. Aden congelou. Victoria e Riley chegavam mais perto dele.

Narinas começaram a se dilatar. Muitos vampiros começaram a se encolher, amedrontados. Novamente, o salão ficou em silêncio e os olhares se voltaram para Aden. Porém, dessa vez, aqueles olhares estavam cheios de ódio e terror.

Ótimo, o efeito da colônia estava acabando.

Os vampiros começaram a se aproximar do garoto até que ele e seus amigos estivessem enclausurados em um círculo minúsculo. Riley estava rígido, pronto para atacar. Victoria finalmente demonstrava alguma emoção: medo. Enfim os outros lobos passaram através da multidão e se uniram a Riley no círculo, encarando os vampiros, rosnando para que eles mantivessem distância.

Apoio inabalável e condicional. Para mim. Que estranho. Um vampiro de cabelos escuros que aparentava ter a mesma idade de Aden finalmente deu um passo adiante. Ele ignorou os lobos, seu olhar frio se fixou em Aden. — Você já é um traidor que anda por aí brincando com nossos inimigos?

Aden riu. Ele não pôde se conter. Se escapar de repetidas tentativas de assassinato pudesse ser classificado como “brincar”, então, sim, ele estava por aí brincando.

— Como você se atreve a rir? — Ofegou o vampiro.

— Como você se atreve a questionar o seu líder? — Retrucou Riley.

O vampiro endireitou os ombros e ergueu a cabeça. Embora falasse, seu olhar não desviou de Aden.

— Vou verbalizar o que a maioria de nós está pensando. Ele é fraco demais para nos governar. Qualquer um nesta sala poderia escravizá-lo em questão de minutos.

Finalmente. As ameaças que Aden estava esperando.

— Qualquer um nesta sala pode tentar.

Palavras corajosas, palavras insensatas, mas, acima de tudo, palavras sinceras. Ele perderia, sem dúvida, mas lutaria até o fim. Ele sempre agiu assim.

— Nossos inimigos presumirão que somos tão fracos quanto você, nos atacam. — continuou o acusador. — Você não devia ter aceitado essa posição.

Aceitado? Há-há! Aquela posição havia sido empurrada para ele. Aden definitivamente não a queria, mas agora não era hora de tentar encontrar outra pessoa. Eles presumiriam que ele teria feito isso porque era “fraco.”

— Pelo que ouvi dizer, elfos e fadas protegem os humanos. Talvez esses mesmos elfos e fadas queiram se aliar a vocês, agora que vocês estão sendo governados por um desses humanos fracos que eles tanto adoram.

Não que ele fosse governar aqueles vampiros, ele fez questão de lembrar. Mais uma vez. Deus, ele estava se enterrando cada vez mais fundo apenas para conseguir sair disso tudo com o mínimo de dignidade. O oponente persistiu:

— E os duendes? Você sabe lidar com eles?

— Sim. Assim como Vlad fez quando enviou lobos para a floresta para lutar contra eles.

— E como você pode mandar os lobos lutarem contra os duendes quando você mesmo nunca lutou contra eles? Isso me cheira covardia. Murmúrios irromperam. O círculo estava se fechando. Saliva pingava dos dentes ainda expostos dos lobos.

Finalmente, o jovem vampiro acenou bruscamente com a cabeça e retornou à multidão. Mais uma vez, os vampiros retomaram as conversas e o círculo se dissipou. Crise evitada. Pensou Aden e, logo em seguida, o alívio o iludiu. Quanto tempo essa trégua velada duraria?

Dez



PELA PRIMEIRA VEZ, RILEY NÃO PASSOU para pegar Mary Ann e acompanhá-la até o colégio.

Ela já sabia sobre a noite anterior? Estava bravo com ela?

Será que ele tinha sido ferido na mansão dos vampiros?

Queimação no estômago.

Quando Mary Ann percebeu que Riley não viria, Penny já tinha saído. O que lhe deixava duas opções. Caminhar sozinha, perder grande parte da primeira aula e ganhar uma falta ou permitir que seu pai a levasse de carro e receber apenas um aviso por estar atrasada. Quaisquer alternativas prometia tortura mental absoluta.

Mary Ann sempre acordava com as galinhas. Se não estivesse dez minutos adiantada, a garota já se considerava atrasada. No entanto, tentar conversar com seu pai... Blé! Ele não conseguiria se conter e perguntaria como estavam as coisas com Riley. Ela não teria uma resposta. Pelo menos não agora. Então, ele se sentiria obrigado a mencionar sexo, preservativos e DSTs. Outra vez. Ela queimaria até se reduza cinzas, tamanha seria sua vergonha. E, se fosse assim, Mary Ann estaria para sempre atrasada para a aula. Afinal, ela estaria *morta*.

No final, ela decidiu caminhar. O pai da garota não tentou detê-la, mas, pelo contrário, tudo o que ele fez foi jogar uma maçã em sua enquanto ela voava para fora da porta. Mary Ann ainda não sentia fome e, portanto, assim que deixou a vizinhança, deu um jeito de se livrar da fruta vermelha brilhante. Um vira-lata apreciaria a maçã. Muito melhor que vomitar apenas por pensar em dar uma mordida naquela fruta.

Se não voltasse a ter apetite logo, ela acabaria precisando conversar com alguém sobre isso.

Suspirando, a garota apertou o passo. Ela se manteve nas principais, o que reduziria pelo menos dez minutos em seu tempo de caminhada. Desde que Riley invadira sua vida, ela tinha parado de tomar esse caminho.

Onde você está, Riley? Você está bem? Como teria Aden lidado com as apresentações? Alguém o teria atacado?

Mary Ann detestava o fato de ter sido deixada para trás. Da próxima vez, ela estava disposta a... *A quê?* Pensou, com indiferença. Exigir que eles a levassem ou ignorá-los? A chorar sozinha em seu quarto?

O estacionamento da escola estava lotado quando ela chegou, mas não havia ninguém na frente do prédio e os corredores estavam vazios. O que significava que o segundo sinal já havia tocado há algum tempo. Antes de chegar ao portão principal, ela parou. Franziu a testa. Algo quente e poderoso flutuava à sua volta, invadindo as narinas e a boca e deslizando delicadamente em direção à barriga.

Que delícia! Ela fechou os olhos por um momento, sentindo aquele prazer. Não havia motivo algum para se alimentar quando ela podia experimentar isso. A cada vez que inalava, Mary Ann sentia mais forte, mais feliz, melhor. Foi então que a garota lembrou que tinha tido a mesma sensação na noite anterior e o medo tomou a dela.

A bruxa estava por perto.

Mary Ann engoliu em seco e deu meia volta, fechando as mãos, exatamente como Aden a tinha ensinado. Seu olhar se lançou por toda a volta. A luz do sol brilhava forte, aqueles pássaros idiotas cantavam lá em cima.

A grama amarelada se estendia diante de Mary Ann, interrompida por um enorme carvalho. Talvez ela estivesse enganada. Talvez ela estivesse errada e...

A bruxa saiu de trás do tronco e os olhares das duas se encontraram, vidrados, conflitantes. O coração de Mary Ann retumbou no peito. Nesta manhã, a bruxa vestia uma camiseta vermelha lisa e calças *jeans*. Longos cabelos louros se encaracolavam sobre os ombros, descendo até a cintura. A pele bronzeada absorvia a luz brilhante que formava um anel em volta dela.

— Eu estava esperando por você. — Uma voz musical, embora ainda cada em fúria.

Todos os instintos de Mary Ann a mandavam correr. Da última vez em que a garota conversara com aquela mulher, ela tinha recebido uma maldição de morte. Ainda assim, Mary Ann se recusou a correr. Ela queria fazer perguntas a uma feiticeira e agora teria essa oportunidade. Sem precisar recorrer ao sequestro.

— Por quê?

— Não, não. Você não é aquela que terá respostas. Eu as terei. Por você estava me espiando ontem à noite?

Mary Ann ajeitou os ombros e levantou a cabeça. Hora de ser um pouco corajosa, custasse o que custasse.

— Você jogou um feitiço de morte em mim. Por que não a espiaria?

Um brilho de admiração se acendeu nos olhos da bruxa.

— É verdade.

— E, sim, eu terei respostas. Você ordenou que meu amigo fosse a um encontro, mas nunca lhe disse nem quando, nem onde esse encontro acontecerá. Passe-me essas informações e eu direi a ele.

Por favor, por favor, por favor.

— Eu não tenho a informação que você procura.

A bruxa não deu um passo, mas a distância entre elas subitamente diminuiu pela metade.

Mary Ann ergueu um pouco mais a cabeça.

— Você está mentindo.

— Estou?

Sim, ela só podia estar mentindo.

— Você *deseja* a nossa morte?

— Talvez.

— Por quê?

— Você é amiga de uma vampira e de um lobisomem, e ambos são inimigos do meu povo. E de um garoto que nos atrai com um poder que nunca tínhamos visto antes. Então, pergunto o mesmo... Por que não desejaria a sua morte?

Mary Ann rangeu os dentes ao perceber que sua própria estratégia estava sendo usada contra ela. Hora de uma nova tática, ela supôs. A garota se forçou a adotar uma expressão transparente, uma voz suave.

— Qual é o seu nome?

— Marie.

Mary Ann se surpreendeu com o fato de a resposta ter sido dada de forma tão simples.

— Bem, Marie, você devia saber que faremos tudo para continuarmos vivos.

— Assim como eu. — Marie inclinou a cabeça para o lado, observando Mary Ann de forma mais intensa. — Você sabe o que você é, Mary Ann Gray?

Ouvir a bruxa pronunciar seu nome sem que ela nunca o tivesse dito garota ficar paralisada.

— Eu? — A garota riu. Ela simplesmente não conseguiu se conter. — Sou uma humana. Uma humana comum de todas as formas.

— Não. Você é algo mais. Posso sentir você se alimentando de mim.

Mary Ann arregalou os olhos, horrorizada.

— Me *alimentando* de você? Você só pode estar brincando. Eu *não* sou vampira.

— Eu não disse que você era. Mas você está tentando sugar minha energia e não vou permitir que isso aconteça.

A cada palavra, a voz de Marie se tornava mais afiada.

Sugá-la? Que... Ah, sim. “Sugar” deve significar “neutralizar” na língua das bruxas.

— Eu não neutralizo habilidades naturais. Portanto, você devia ser capaz de...

— Você está fazendo isso de propósito? Está fingindo não me entender— Eu não disse nada sobre neutralizar. Você está sugando minha força vital como um vácuo, tentando tirar tudo e deixar apenas uma carcaça para trás.

— Não. Eu não estou fazendo isso.

— Se você continuar mentindo para mim, vou lançar um feitiço da verdade sobre você. — disse a bruxa com uma voz cortante. — Nunca mais vai conseguir mentir sobre nada para ninguém. Nunca mais.

Ela realmente podia fazer aquilo? Mary Ann sentiu uma onda de frustração e de impotência. E, juntamente com aquelas emoções, mais daquele delicioso poder fluía através do corpo, preenchendo completamente. Acalmando-a de alguma forma.

— Ouça, eu não estou mentindo. Não estou... Sugando nada.

— Talvez, então, você ainda não tenha percebido o que você é. — Marie estreitou os olhos enquanto caminhava para trás, em direção as flores. Estranho. Ela estava pálida agora, com seu lindo bronzeado provavelmente sumindo. — Se você voltar à cidade, vou entender que você foi até lá para colocar um ponto final nisso tudo.

Quer dizer, colocar um ponto final na briga entre elas.

— Você estará entendendo corretamente.

Cale a boca. Cale a boca antes que ela ataque!

No entanto, Mary Ann não poderia se calar. Ela não estava mais disposta a ser o ponto fraco do grupo.

Marie desapareceu atrás dos arbustos e das folhas, e Mary Ann deu meia volta, correndo rapidamente em direção ao interior do prédio. Em direção a um lugar seguro. O que Marie queria dizer com “talvez você ainda não tenha percebido o que você é”?

Talvez Riley soubesse. Ele tinha escolhido um cronograma de aulas compatível com o horário de Mary Ann. Portanto, se o mutante viesse à escola hoje, a garota conseguiria conversar com ele durante as aulas.

De repente, o sinal da segunda aula tocou.

As portas rapidamente se abriram e os alunos correram para o corredor. As portas dos armários rangeram, abrindo-se, e, com pancadas, fechando-se. Mary Ann tinha que atravessar muito rapidamente a multidão. Ótimo. Ela tinha perdido toda a primeira aula e tinha uma prova amanhã. Ótimo. O Sr. Klien, se tivesse vindo para a escola depois de se entregar tanto àquela festa na noite anterior, tinha feito uma revisão hoje. Sem aquela revisão, Mary Ann seria reprovada.

A escola não era algo fácil para Mary Ann. Ela tinha de estudar como uma louca, como uma escrava, para sempre tirar A. Porém, a garota não andava se dedicando nas últimas semanas. Sua atenção estava voltada demais para... Bem, sobreviver. Na última prova, tinha

tirado B. Sua primeira nota B. E na última prova surpresa? Um redondo D. Outra estréia que realmente não a agradava.

A garota ainda não tinha contado ao pai. Quando contasse, ele enlouqueceria. Ele enlouqueceria se ela contasse. Mary Ann continuava dizendo a si mesma que era melhor que seu pai não soubesse. Ela já tinha problemas demais com os quais lidar. Além do mais, ela se sairia na próxima prova e a média final não seria afetada.

Ah, a quem ela estava tentando enganar? Enquanto seus colegas seguiam para a próxima aula, Mary Ann finalmente admitiu a verdade. Ela tinha contado ao pai porque não queria encarar um sermão, talvez mesmo um castigo. E, ah, talvez Marie tivesse realmente jogado um feitiço dela. Agora ela não conseguia mentir nem para si mesma.

— Oi, Mary Ann. — Brittany Buchanan caminhava rapidamente pelo corredor, sorrindo e levando um papel.

Os cabelos de Brittany, ruivos e na altura do queixo, despertavam inveja em todas as garotas do colégio. Bem, em todas exceto em sua irmã gêmea. O cabelo de Brianna era exatamente da mesma cor, só que um pouco mais longo.

— Ainda bem que a encontrei. Riley me pediu para tomar essas notas de química para você. — Continuou Brittany.

— Riley está aqui? — Perguntou Mary Ann, pegando o papel.

— Sim. — a ruiva suspirou de maneira sonhadora. — Quase desmaiei quando ele falou comigo. A voz daquele garoto é *profunda*.

Ainda bem que Riley estava lá. Se ele estava no colégio, era porque estava bem.

— Onde ele está? — E por que ele mesmo não tinha ido entregar as anotações? Por que ele não passou para buscá-la hoje de manhã?

— Não sei. Mas, ah, vocês dois estão, tipo... Namorando? Por que... — Brittany mordeu o lábio inferior.

— Sim. — *Mãos ao alto!* — Estamos namorando.

Ela esperava que sim. Depois da noite passada, entretanto, ele poderia ter mudado de idéia. Mary Ann andava tão segura de si mesma, tão idiota. Talvez ela tivesse estragado tudo. Agora as bruxas estavam até mesmo visitando a escola.

— Obrigada pelas anotações. Vou ficar devendo. Valeu mesmo. — Respondeu Mary Ann.

— Não se preocupe. Como recompensa, se Riley tiver um irmão, você poderia, não sei, tipo... Apresentar-me. — Brittany começou a morder o lábio outra vez.

— Ele tem dois. — E ambos estavam lidando com as próprias maldições, ela se lembrou. Qualquer pessoa que eles achassem atraente os acharia feios. Qualquer pessoa por quem eles não se sentissem atraídos os acharia lindos. — Vou ver se eles estão... Disponíveis.

— Valeu! — Uma Brittany sorridente voltou a caminhar com passos bruscos.

Mary Ann correu até seu armário, jogou a mochila lá dentro e pegou o livro e o fichário. Agora os corredores estavam quase vazios, o sinal devia tocar em menos de um minuto. Tempo demais tagarelando, ela pensou, e agora ela tinha de correr por todo o colégio.

Enquanto Mary Ann corria para dobrar o corredor, uma porta se abriu inesperadamente à sua frente. Ela tropeçou enquanto desviava (ou tentava desviar). Um braço se estendeu, dedos rudes envolveram-lhe o pulso e puxaram-na para dentro da sala escura. Assim que ela entrou, a porta foi fechada, deixando-a trancafiada com seu seqüestrador.

O livro caiu no chão. Droga! Ela poderia tê-lo usado como arma. Faça alguma coisa. Rápido! Lutando contra o pânico, tremendo, Mary Ann atacou, batendo a mão contra o nariz do agressor, exatamente como Aden a tinha ensinado.

Ele uivou.

Mary Ann desviou olhar, precisando de um momento para se acalmar. Foi nesse momento que ela percebeu que eles estavam em um almoxarifado. O cheiro de desinfetante saturava o ar. Produtos de limpeza estavam enfileirados nas prateleiras.

Inspiração profunda. Expiração. Finalmente, Mary Ann tremia menos e seu coração batia menos acelerado.

— Por que você está tão preocupado? — Ela perguntou, sem voltar o olhar para ele.

— Não estou.

Ela correu a língua sobre os dentes. Alguém realmente estava precisando de um feitiço da verdade, e esse alguém não era ela.

— Então onde você estava esta manhã? Eu esperei.

E como ela esperou. Ah, Deus. Será que ele ouviu o tom de lamento na voz dele. Mary Ann se acalmou ao reconhecer aquele uivo. Seu coração golpeava as costelas.

— Riley?

— Acho que você quebrou o meu nariz. — disse ele, embora soasse como se estivesse brincando.

No entanto, as brincadeiras não durariam muito. Riley acendeu a luz, espantando a escuridão, e Mary Ann pôde ver que a expressão do mutante estava esculpida em violência. Os olhos de Riley estavam apertados; os lábios, empurrados para trás; os dentes, à mostra. O sangue que escorria daquele nariz não ajudava muito.

— Desculpe. Mas você... Você me assustou!

O segundo sinal tocou. Mary Ann sentiu vontade de soltar um palavrão.

— Não se desculpe. — disse Riley. — Sinta-se orgulhosa. E sinto muito se a assustei.

Ele não soava como alguém que estivesse se desculpendo. Pelo contrário, a voz do garoto parecia tão violenta quanto à expressão do rosto.

— Depois da festa dos vampiros, tive de acompanhar Aden até a casa dele. Como houve um pouquinho de rejeição por parte dos novos súditos, tive medo de que alguém o seguisse e tentasse fazer alguma coisa contra ele, então acabei acampando do lado de fora da janela dele, a noite toda e agora de manhã.

Mary Ann levou as mãos até a garganta enquanto seu olhar novamente se encontrou com o de Riley.

— E eles fizeram isso? Quero dizer, tentaram fazer alguma coisa?

— Não.

— Então ele está bem?

— Bem, mas cansado. Ele ainda vê o fantasma do elfo e, por causa disso, teve problemas para dormir.

Cansado e sendo visitado por um fantasma definitivamente era bem melhor que fatalmente ferido.

— Onde ele está agora?

— Aqui.

— Com Victoria — disse ela, acenando com a cabeça. A exposição de um fato, não de uma pergunta. Aqueles dois estavam sempre juntos.

— Não. Victoria não veio hoje.

— Por quê? Ela foi ferida?

E por que Riley não estava com ela? Geralmente ele não desgrudava da vampira. Protegê-la era sua primeira prioridade.

Espasmos de ciúme invadiram Mary Ann, seguidos por espasmos de culpa. O relacionamento de Riley com Victoria não deveria incomodá-la. Eles eram princesa e guardacostas. Se Victoria se ferisse, Riley seria punido. Talvez morto.

Ou talvez as coisas fossem diferentes agora, sob o governo de Aden.

— Fisicamente ela está bem. — esclareceu Riley. — Os homens do conselho querem que ela fique longe de Aden, para que ele possa conhecer outras vampiras.

Como é que é?

— E ela aceitou isso?

Os lábios de Riley estremeeceram.

— Você tem de perguntar a ela.

— Se Aden é o rei, como esses conselheiros podem dizer o que Vic— tona deve ou não fazer. Ele não permitiria isso.

Ou permitiria?

— Aden não mora em nossa terra. Ele é novo por lá e ninguém sabe o que pensar dele. Todos estão procurando os homens do conselho para obter respostas e, nesse momento, eles estão oferecendo seu apoio a Aden. Não queremos que isso mude, por isso vamos atender aos desejos deles. Além do mais, negá-los seria sinônimo de causar agitação entre as pessoas. E essas agitações seriam perigosas para Aden.

Ainda assim. Ter de ver seu namorado sair com outras garotas? Tortura absoluta. Pensar em Riley com outra... As mãos de Mary Ann se apertaram, e as unhas cortavam a pele.

— Bem, você poderia ter me ligado. Para me avisar que você não ia me buscar.

Riley passou a mão nos cabelos negros; qualquer sinal de bom humor agora desaparecia. A fúria voltou, tornando sua expressão obscura.

— Não, não podia. Eu teria gritado!

— Você está gritando agora!

E sem nenhum motivo justo, ela diria.

— É. — disse ele, ainda com aquela fúria que agora se misturava com mais algum sentimento. Com algo grave e rouco. As pálpebras do mutante cerraram-se levemente enquanto ele passava a ponta do dedo pela parte alta do nariz de Mary Ann. — Mas agora podemos nos beijar e recompensar.

Até mesmo a voz de Riley tinha se tornado arrastada. *Sim, por favor.*

— Em primeiro lugar; por que você teria gritado? — Claramente alguém tinha contado para Riley o que ela tinha feito, mas ela queria ouvi-lo admitir antes de confessar. — Em segundo lugar, não podemos nos beijar.

Ela se distanciou dele sem parar até que atingisse a porta. Quanto mais próximos eles estavam, mais inebriante aquele cheiro selvagem se tornava. Quanto mais próximos eles estavam, melhor ela conseguia sentir o calor que radiava dele. Quanto mais próximos eles estavam, mais próximo ela queria estar.

— Preciso ir para a aula.

— Na verdade, você terá de esquecer a aula. Estamos conversando agora.

Uh-oh. As palavras ecoavam ao redor dela. Uma ameaça.

— Eu não posso continuar deixando meus estudos de lado, Riley. Está bem, tudo bem em perder a aula de geometria que tenho agora, mas qualquer outra aula depois dessa? Não. Como você sabe, não sou boa em espanhol e preciso de toda a ajuda possível.

— Eu dou uma aula de reforço para você mais tarde. Sí?

Até parece. Como se eles fossem dar atenção aos livros se estivessem sozinhos no quarto dela.

No. As únicas outras palavras em espanhol das quais ela se lembrava naquele momento eram: *no hay tenedor limpio, tenemos que lavar la.* Não há nenhum garfo limpo, temos que lavá-los.

Nada que fosse muito aplicável aqui.

— Bem, não iremos para a aula até discutirmos algumas coisas. Em outras palavras, você foi para a cidade ontem à noite. — disse ele, com o maxilar fechado.

E lá estava. A confissão. Ela engoliu em seco.

— Sim.

— Sozinha.

— Sim. Como você descobriu?

— Meus irmãos. Eles a seguiram.

Os dois lobos que seguiram o carro de Penny. É claro. Ela devia ter adivinhado.

— Eles disseram que você se encontrou com uma bruxa. Mary Ann, responda, por que você se arriscou desse jeito.

Você não é o ponto fraco. Você é um ponto muito fraco.

— Seus irmãos também contaram que eu fiquei no carro? Eles contaram que Penny e eu voltamos antes que Marie nos alcançasse.

As narinas de Riley se dilataram.

— Você sabe o nome dela agora!

— Uh-oh!

— Você conversou com ela. — Aquilo, novamente, não era uma pergunta.

— Sim. — admitiu a garota brandamente.

Riley se apoiou pesadamente na parede atrás de Mary Ann, deixando-a entre os braços. Ele tinha feito aquilo ontem, no caminho para a escola, e ela adorou. Afinal, ele a beijara. Agora, entretanto, ele apenas olhava para ela como se quisesse sufocá-la. O mais curioso é que, ainda assim, Mary Ann adorava tudo aquilo. Ela só precisava ficar na ponta dos pés para que ela pudesse dar um beijo nele.

— Uma bruxa não precisa estar perto de você para amaldiçoá-la, Mary Ann. — Se Riley tinha alguma idéia de para onde os pensamentos da garota estavam indo, ele não demonstrou. — A bruxa só precisa vê-la. Você estava se arriscando desde o momento em que saiu de casa. Você não se lembra do que eu disse sobre feitiçaria?

— Lembro. — disse ela, concordando com a cabeça.

— Então me diga.

Um tremor deslizou por toda a espinha dela.

— Quando um feitiço é lançado, ele se torna vivo, passa a existir apenas para cumprir com seu objetivo. É impossível quebrá-lo. Sempre será. Até mesmo para a bruxa que o lançou.

Conforme Mary Ann falava, o olhar de Riley desceu e se fixou nos lábios dela. A tensão tinha deixado o mutante antes que ele voltasse à atenção para o rosto de Mary Ann.

— Muito bem. — ele resmungou. — E o que aconteceria se um tipo diferente de feitiço de morte fosse lançado contra você?

— Eu morreria duas vezes? — Perguntou Mary Ann, indiferente.

— Sim, espertinha. É exatamente isso que aconteceria. E em nenhuma das vezes a sensação seria agradável.

Mary Ann nunca tinha visto Riley tão feroz, tão grosso, mas planejava enfrentá-lo exatamente como tinha enfrentado Marie. Isso era muito importante.

— Quer saber? — Disse a garota, apoiando as palmas das mãos no peito dele, O coração de Riley retumbava de forma irregular, assim como o dela. — Esse é um risco que estou disposta a correr. Sou parte da nossa equipe e vou ajudar da forma que eu puder. Por que razão eu estar em perigo é diferente de você estar em perigo?

Os olhos de Riley se estreitaram, formando fendas cheias de perigo, mesmo quando o corpo dele se aproximava do corpo dela.

— Eu posso me curar.

— Eu também!

Não da morte!

Aqueles da espécie de Riley podiam ressuscitar? Duvido, ela sentiu vontade de gritar.

Mary Ann ficou parada. Espere. Ele tinha ressuscitado. Ela se lembrou da noite em que ele lhe contara sobre a maldição de seus irmãos. Ele também devia ter sido vítima daquele feitiço, ter se tornado horroroso para qualquer pessoa que o desejasse. Porém, para ele, o feitiço tinha chegado ao fim. Ele tinha morrido e a versão da medicina moderna dos lobisomens o tinha trazido de volta. A medicina moderna poderia trazê-la de volta também, ela pensou, querendo provocar o mutante.

Mesmo assim. Pensar na morte dele a deixava completamente amedrontada. Ela não podia perdê-lo. Ela precisava dele.

Mary Ann deslizou a mão pelo pescoço de Riley e suavizou o tom voz.

— Não vou discutir com você sobre isso, Riley. Fui até a cidade, sim, mas não me arrependo. Marie estará lá esta noite, e eu sei onde. — Completou a garota.

Marie tinha ameaçado Mary Ann, além de dizer para que ela não voltasse lá. O que significava que Marie iria querer saber se Mary Ann a obedecesse. O que significava que Marie provavelmente estaria por h. observando, esperando.

— Podemos capturá-la.

— Não, não podemos. — Ele apoiou as mãos na cintura da garota, prendendo-a exatamente onde ela estava. — Agora ela vai estar preparada. Entraremos em uma emboscada.

Mary Ann sacudiu a cabeça, recusando-se a desistir.

— Ela acredita que me alertou para que eu ficasse longe, que me intimidou.

A garota contou a ele uma parte da conversa que teve com a bruxa, mas não comentou nada sobre o momento em que a feitiçeira afirmou que Mary Ann queria se alimentar dela (Mary Ann, afinal, não tinha entendido aquilo e, mesmo que entendesse, não compartilharia detalhes com ninguém. Além do mais, embora tivesse considerado conversar com Riley sobre “o que ela era”, de acordo com as palavras de Marie, acabou não tocando nesse assunto. Agora não era a hora certa.).

— Ela vai estar desprotegida. — Disse a garota.

— É o que você acha. — disse Riley, segurando Mary Ann mais forte.

Verdade.

— Mesmo se você estiver certo, ainda teremos vantagem. Estaremos preparados para uma armadilha. De qualquer forma, descobriremos esta noite. E, Riley, nem pense em me deixar para trás.

— Farei o que deve ser feito, Mary Ann.

Finalmente, ela ficou na ponta dos pés e o beijou. Riley não respondeu e a garota tentou fazer de conta que aquilo não importava.

— Eu também. E adivinhe o quê? Eu mudei de idéia. Estou indo para a segunda aula.

Com essas palavras, Mary Ann deu meia-volta e abriu a porta. Sem protestar, Riley a soltou. Ela caminhou pelo corredor sem olhar para trás.

Onze



VÁ EM FRENTE. JOGUE ESSE DIA na privada e dê descarga, pensou Aden, enquanto ele e Shannon voltavam da escola.

De um lado, o motor dos carros zunia, do outro, as árvores estendiam-se. Hoje eles foram pelas estradas principais, e não pela floresta. Riley tinha insistido que Aden fizesse isso, e concordar era a única forma de se livrar do lobo.

Durante todo o dia, o garoto estava cansado demais para ouvir o que professores diziam. Ele não tinha idéia do que tinha sido discutido nas aulas. Mesmo se ele tivesse tentado prestar atenção, as almas, depois de saírem do torpor causado pelos remédios, estavam tagarelas demais para permitirem que ele se concentrasse. Elas queriam saber o que tinha acontecido durante o encontro com os vampiros, mas Aden não teve oportunidade de responder. Cada vez mais elas perguntavam (e, por sinal, elas *ainda* estavam perguntando) até que ele chegou a ponto de querer (e, por sinal, ele *ainda* queria) bater com a cabeça contra uma parede.

O fato de Riley e de Mary Ann não terem tido vontade de conversar com ele depois do almoço era, provavelmente, algo positivo. Na verdade, Mary Ann não tinha conversado com ninguém durante o almoço. Ela tinha se sentado à mesa, sem sequer tocar na comida que estava a sua frente, franzindo a testa para todos que passavam. Aden poderia perguntar o que havia de errado, mas tentar manter uma conversa não parecia ser urna opção inteligente. Especialmente, porque ela parecia pronta para jogar alguma coisa contra a cabeça de Riley quando o lobo anunciou que acompanharia Aden, e não a namorada até a casa. Mas Aden recusou a companhia, sacudindo firmemente a cabeça. Ter um amigo ao seu lado, claro, divertido. Mas uma babá? Não, obrigado.

Para a surpresa do garoto, Riley aceitou sua exigência após alguns poucos protestos sem entusiasmo. Afinal, o lobo estaria livre para ir com Mary Ann. Esperançosamente, eles resolveriam seus problemas antes da meia-noite, quando o grupo deveria se encontrar e seguir para a cidade, onde caçariam e seqüestriariam uma bruxa.

Aden ainda estava inseguro a respeito disso. Seqüestrar? Mesmo?

Novamente, não houve uma oportunidade para discussão. Não apenas por conta das almas, mas também porque havia toda uma platéia ali. E agora ele precisava se apressar de volta ao rancho, para que Dan pudesse levá-lo até o consultório do Dr. Hennessy para uma sessão de emergência.

— Que saco! — Pestanejou Aden.

— O-o quê? — Perguntou Shannon, lançando um olhar para o amigo.

A pergunta bateu contra o resto dos ruídos dentro da cabeça dele, e Aden levou um momento para decifrá-la.

— Minha consulta com o médico. Não quero ir.

Se aquele médico idiota forçar mais algum remédio goela abaixo, eu vou me matar com um tiro, resmungou Caleb.

Boa sorte com isso, respondeu Julian, indiferente. *Eu acho que nunca disse, mas tenho o sonho de ver uma alma sem corpo segurar uma arma.*

Bem, com ou sem corpo, talvez todos nós venhamos a desejar uma oportunidade de atirar contra nós mesmos depois da sessão de hoje, disse Elijah.

— Você sabe de alguma coisa? — Perguntou Aden.

As previsões de Elijah nunca falhavam, O que aquela alma via que iria acontecer, acontecia. Em geral, ele só sabia quando as pessoas morreriam, embora nos últimos tempos, cada vez com mais frequência, ele previa outras. Coisas assustadoras. Como sangue fluindo como se fosse um rio.

— Sa-sabe do quê? — Perguntou Shannon.

Dessa vez, Aden não precisou de uma pausa para decifrar as palavras. As diferentes conversas finalmente se alinhavam, tornavam-se claras.

— Desculpe. — o garoto disse a Shannon, com as bochechas enrubescendo. — Quero dizer, hoje foi um dia bem ruim... O silêncio de Mary Ann, o mau humor de Riley e, como já mencionei, a visita ao médico.

— Pois é. O que vo-você teve ontem, cara? Eu nunca ti-tinha visto você daquele jeito.

Aden queria confessar. Ele queria confiar plenamente em Shannon. Queria mesmo. Porém, era impossível prever a reação de seu amigo a vampiros, lobisomens e fantasmas, o que significava que ele não podia dizer nada. Se Shannon contasse a Dan, o dono do rancho D&M acharia que Aden era louco (mais do que já achava) e o mandaria para um reformatório ou para outra instituição. Para que ele “obtivesse ajuda”.

— Estresse. — respondeu Aden, e deixou as coisas assim. De certa forma, aquilo era verdade.

— E-entendo. Às vezes a vi-vida parece pesada demais.

— Você está passando por problemas?

Aden sabia que os outros garotos gostavam de provocar Shannon por ele ser gago e que isso deixava seu amigo extremamente constrangido.

— E se eu di-dissesse que eu... eu... — Shannon esfregou a mão na nuca, sentindo-se claramente desconfortável. Ele gaguejava mais agora. O que significava que as emoções estavam alteradas. — Me-meus pais, eles sempre souberam que e-eu era di-diferente e... — Shannon juntou os lábios e ficou mudo.

— Qual é? — Aden segurou o braço do colega e o levou para a mata, como se eles deixassem a civilização para trás.

Sim, o garoto tinha dito a Riley que seguiria pelas estradas principais. Não, ele não se sentia culpado. Quando um amigo precisa de você, você deve dar atenção.

— Não se preocupe, cara. Você pode me contar qualquer coisa. Confie em mim. — completou.

Aden tinha sido diferente a vida toda. Ele ouvia vozes, falava com pessoas que supostamente não estavam ali. E agora evocava criaturas de contos de fadas e de filmes de terror.

— Está bem, mas eu nã-não sou diferente como você. — O terror encobriu a expressão de Shannon. — Si-Sinto muito. Eu não quis ofender. Eu só... — Shannon expirou um ar trêmulo. — Eu nu-nunca disse a ninguém e... e... não, não é e-exatamente verdade, ma-mas...

Um garoto que Aden não conhecia saiu de trás da árvore.

Aden e Shannon rapidamente cortaram o assunto.

Outro garoto que ele não conhecia saiu de trás de um tronco logo ao lado. Ambos estavam à vontade, aparentemente desarmados. O primeiro tinha cabelos e pele claros e olhos verde-claros. Vários tons de castanho e de dourado coloriam o cabelo do outro garoto e os mesmos tons estampavam os olhos. Ambos eram altos, ultrapassando um metro e oitenta de Aden. Eles eram levemente musculosos e usavam camisetas e calças aparentemente leves.

Outra briga, não, resmungou Caleb.

Aden estendeu o braço para pegar as adagas.

— Riley nos enviou, Majestade. — disse o mais branco, com uma voz profunda e rouca, levantando a mão para cumprimentar. — Somos os irmãos mais velhos dele. Fique feliz por não estar conhecendo os irmãos novos. Eu sou Nathan.

— Maxwell. — disse o outro, acenando com a cabeça.

Graças a Deus, disse Julian depois de um suspiro aliviado. *Lobisomens*.

O terror invadiu novamente a expressão de Shannon, embora Aden suspeitasse que aquilo estivesse acontecendo porque o garoto quase confessado seu segredo, seja lá qual fosse ele, com estranhos por perto.

— Prazer em conhecê-los. — respondeu Aden.

Shannon lançou um olhar estranho para Aden.

— Ma-majestade?

— Apelido. — murmurou. Para os garotos novos, ele disse: — Prefiro Aden.

Eles consentiram enquanto endireitavam o corpo, adotando posições mais confortáveis.

— Por que vocês estão aqui?

Outras babás?

Maxwell acenou com o braço, apontando para frente.

— Para que você chegue até sua casa com segurança, é claro. Caso você se desvie do caminho combinado.

De qualquer forma, Aden não se sentiria culpado, ele disse a si mesmo enquanto avançava, levando Shannon com ele. Não havia nada que ele pudesse dizer como réplica, não agora. Riley, entretanto, levaria uma bronca mais tarde.

Eu queria que Riley tivesse mandado uma garota para nos guardar, disse Caleb.

Há coisas mais importantes que garotas nessa vida, reprovou Elijah.

Aponte uma.

Um momento se passou em silêncio.

Caleb riu. *Está vendo?*

A lista é tão grande que eu poderia perder-me em meio a ela, resmungou o sensitivo.

Até parece, respondeu Julian. Sua risada se misturava à de Caleb.

— Pessoal, por favor!

Shannon lançou outro olhar torto e Aden acenou para os seguranças, tentando fingir que estava falando com eles.

Foi mal, disse Caleb, arrependido. *Foi mal, mesmo. Eu só... Estou com saudade de Victoria, eu acho.*

Aden também sentia saudade dela. Fosse ela um monstro ou qualquer outra coisa, seja lá o que ela queria dizer com aquilo. Ele ainda não sabia por completo. O exemplo de possessão demoníaca que ela dera não deixava as coisas claras para o garoto. Ela se transformava em uma besta verdadeira ou apenas exibia qualidades bestiais? De qualquer forma, ela tinha se sentido humilhada ao contar.

Será que Victoria não percebia que ele se importaria incondicionalmente com ela? Ela não percebia que isso, seja lá o que *isso* fosse, a tornava mais capaz de compreendê-lo e as diferenças que ele trazia consigo, além de provar ainda mais que eles pertenciam um ao outro?

Ele não ia, mesmo, sair com aquelas outras garotas. Isso simplesmente não aconteceria, independentemente de Victoria aceitar ou não a idéia.

Os novatos não voltaram a falar, nem mesmo quando o grupo chegou ao limite da floresta e o rancho apareceu logo adiante. Eles simplesmente recuaram e logo desapareceram em meio à floresta. De qualquer forma. Aden não teve oportunidade de perguntar a Shannon sobre o problema do garoto. Ryder e Seth estavam na entrada da propriedade, fumando.

Quando Shannon os viu, parou repentinamente. Porém, dessa vez, uma cor invadiu seu rosto. Ele estava... Corado? É mesmo? Por quê?

Aden se aproximou ainda mais.

— Por que vocês não estão lá dentro?

Normalmente, eles estavam realizando suas tarefas a essa hora do dia.

— O Thomas não veio hoje, outra vez. — disse Seth, encolhendo os ombros. O garoto levantou o cigarro até a boca e tragou. Os punhos dele viraram e Aden teve uma visão completa de uma cobra com presas ali tatuada.

— Fizemos nossas tarefas mais cedo e fechamos o dia.

E então escaparam para fumar. Dan se irritaria se os visse inalando esses “rolinhos de câncer”, como o dono do rancho D&M chamava os cigarros.

— Quer? — Perguntou Ryder, pegando o cigarro e o oferecendo a Aden.

— Não, obrigado.

Shannon finalmente se aproximou, embora continuasse de fora daquele meio círculo.

— O-onde está Dan?

Ryder imediatamente olhou para baixo. Ele devolveu o cigarro para Seth, e passou a mão pelos cabelos.

— Ele precisou sair para ver as vacas ou algo assim e disse que voltaria logo.

Talvez Aden tivesse sorte e Dan chegasse tarde demais para levá-lo ao consultório do Dr. Hennessy.

Como se você realmente tivesse tanta sorte assim.

Shannon apontou para o cigarro, acenando com a mão.

— E-então talvez vocês devessem apagar isso.

Ryder levantou a cabeça, e os olhos se estreitaram.

— Talvez você devesse vir aqui me fazer apagá-lo.

— O-obrigado pelo convite, eu passo sem. Quer dizer, por que perderia me-meio tempo?

Shannon fechou as mãos e a imagem chamou a atenção de Aden. Como se aquilo fosse importante. Como se aquilo fosse... Mudar a vida de alguém. Por quê?

— Você já está cheirando a cinzeiro.

A tensão se instalava entre eles, densa e palpável. Em geral, eles se davam bem. Entretanto, algo havia claramente mudado.

— Então... Uh, o que Dan fará a respeito de Thomas? — Perguntou Aden, na esperança de dissipar toda aquela raiva. O garoto afastou as inquietações. Não havia tempo para pensar sobre elas agora.

Seth encolheu os ombros.

— Ele tentou telefonar para Thomas, mas outra pessoa atendeu, uma tal de Srta. Brendal. Ela disse ser irmã dele e que ele tinha desaparecido. E também disse que passaria por aqui mais tarde para conversar conosco. Agora cruzemos os dedos para que ela seja boazuda.

A culpa consumia Aden. Culpa e medo. A Srta. Brendal. Ela afirmava ser irmã de Thomas. Se essa mulher tivesse dito a verdade, ela era uma fada. O que significava que outro inimigo dos vampiros estava a caminho do rancho. Para fazer perguntas. Aden seria forçado a matar outra pessoa? Dessa vez, uma mulher? Ele encolheu os ombros. *Por favor, Deus, não!*

Um pouco adiante, as pedras começaram a se esfregar e Aden viu a caminhonete de Dan entrando na enorme garagem. Não. O garoto realmente não tinha tanta sorte. Seu estômago resmungou.

Seth jogou o cigarro no chão e o amassou com o sapato. Ryder pegou urna latinha minúscula de desodorante no bolso e passou para todos. Shannon tossiu e ficou olhando, mas não protestou.

— Melhor eu sair fora. — finalmente disse Aden, lutando contra o temor e marchando adiante.

Quando teve certeza de que o vento não levaria sua voz de volta aos outros, ele murmurou: — Elijah, vamos sair ilesos disso?

Silêncio.

Aden ficou tenso, tropeçou.

Você, talvez, finalmente disse o sensitivo. Quanto a nós, bem, isso eu já não sei.



— Fale sobre as vozes, Aden.

— Eu não ouço mais as vozes, Dr. Hennessy.

— Você está mentindo para mim, Aden, e eu não gosto de mentirosos. Fale. Sobre as vozes.

— Eu não ouço mais as vozes, Dr. Hennessy.

A mesma conversa já se repetia entre eles por mais de uma hora. Aden estava cansado e lutava contra o sono, olhando para um teto branco com luzes fracas, deitado na poltrona reclinável felpuda. Suas pálpebras estavam pesadas; mantê-las abertas era uma tarefa difícil. Aquela música suave que tocava ao fundo não ajudava muito. O Dr. Hennessy estava sentado atrás dele, com papéis fazendo barulho o tempo todo, mas até isso tinha um efeito calmante.

Te-dioso, disse Caleb, bocejando.

Um saco, concordou Julian.

Permaneçam de sobreaviso, por favor, pediu Elijah, embora até ele soasse. Eu não confio nesse homem.

E sempre estou de sobreaviso, retrucou Caleb.

Dessa vez, foi Julian quem bocejou. Você é um mentiroso e esse médico de araque é intrometido. Isso não é uma boa combinação.

Aden concordou.

—... E, como você sabe, eu li alguns relatórios dos seus outros médicos.

Ótimo. Ele tinha perdido o fio da meada.

—E...?

— E, quando era mais jovem, você disse a vários deles que essas vozes são almas e que essas almas tinham poderes especiais.

— Eu menti. — Ele não contaria a verdade ao Dr. Hennessy. Não mesmo! Isso apenas lhe renderia mais alguns remédios, mais sessões como essa. — Ninguém tem poderes especiais. — Afirmou veementemente o garoto.

— Então você admite que existem almas? Elas só não têm habilidades de outro mundo?

O médico rangeu os dentes.

— Não, eu não disse isso.

—Você está me dizendo que uma das almas não pode mais viajar no tempo?

Aden enrijeceu o corpo. Eve era a viajante do tempo que às vezes o enviava de volta a uma versão mais jovem dele mesmo. Uma palavra errada e ele mudaria o futuro, às vezes retornando para uma realidade diferente daquela que deixara para trás.

Ele pensava que não podia viajar no tempo agora que Eve tinha partido e, além disso, tinha medo demais para tentar fazer esse tipo de viagem. As conseqüências eram grandes demais, e Aden estava feliz com sua vida atual.

Bem, com a maior parte dela.

— Aden. — chamou o médico.

— Viajar no tempo não passa de mitologia. — foi tudo o que o garoto respondeu.

— Tão mítico quanto prever quando outras pessoas vão morrer?

— Sim. — resmungou o garoto. — Onde o senhor está tentando chegar com isso, Dr. Hennessy?

— Ah, perdão, garoto. Eu posso ter dado a impressão de que você tem liberdade para questionar, mas não. Eu pergunto. Você responde.

O punhos de Aden se fecharam, O garoto tivera muitos médicos ao longo dos anos, mas esse era, de longe, o pior. Embora fosse muito condescendente, Aden não conseguia parar de se perguntar se aquele homem tinha alguma formação.

— Melhor ainda, o que você acha, então, de eu simplesmente não dizer nada?

— Tudo bem com isso também. — respondeu prontamente o Dr. Hennessy, como se fosse isso que ele queria o tempo todo, deixando Aden extremamente surpreso. — O silêncio é melhor que as suas mentiras.

Isso era o que eles veriam.

Os minutos se passavam, nenhuma palavra era dita. Logo, as pálpebras de Aden ficaram ainda mais pesadas. O teto começou a embaçar, tornando-se um enorme borrão branco. O garoto rapidamente piscou olhos, tentando ficar alerta, mas aquela música suave tocando aos fundos... Ele pensou ter conhecido a melodia. "Hush Little Baby". Que música estranha para pacientes já bem crescidinhos. Porém, até mesmo vozes se aquietaram, ouvindo, caindo...

— Você está exausto, Aden.

— Sim. — ele se viu respondendo em meio a um mar negro. Negro? Sim. Pensou. Ele estava flutuando, o branco tinha ficado para trás, a escuridão o envolvia. Então talvez as pálpebras tivessem se fechado para sempre. Ele tentou abri-las, mas estavam coladas.

— Você está relaxado.

— Sim.

E ele estava perdido. Perdido, ainda flutuando. Sem cuidados. Sem segredos, sem problemas. Apenas... Liberdade.

O Dr. Hennessy fez outra pergunta, mas Aden não conseguiu entender as palavras. Elas pareciam atrapalhadas demais. Estranho, então, era o fato de ele ter respondido. O que tinha dito, entretanto, ele não sabia. Outra vez, estranho. E, de qualquer forma, ele não se importava. Tanta paz.

Aquilo era o paraíso, ele pensou. Todo aquele negro. Tão tranquilo. Tão quieto. Ele queria ficar ali para sempre. Talvez Victoria pudesse acompanhá-lo. Sim. Isso seria ótimo. Só os dois, flutuando e relaxando.

Victoria.

Ele franziu a testa, Aqui estava uma preocupação. Uma preocupação da qual ele gostava. Pensar nela fez o mar se partir, abrindo uma linha bem fina, um pouco de luz passava por ali, em direção à consciência de Aden. Onde ela estava? O que estaria fazendo? Quando ele voltaria a vê-la? Esta noite, ele esperava. Eles deveriam se encontrar, não deveriam? Mas, e se ela não fosse, como não fora à escola?

Aden logo percebeu que estava falando outra vez, mas, novamente, as palavras não eram claras para ele.

Ele precisava sair daquele lugar escuro. Victoria não podia ir ali.

Não havia portas, apenas uma linha bastante fina para a passagem. Espere. Se não havia portas, como ele tinha entrado aqui? E como sairia

Um leve ataque de pânico fez a linha se abrir e o branco invadia aquele mar negro sem fim. Outra preocupação. Essa Aden detestava, mas ele ainda não queria pensar nisso. Aquilo não era certo. Algo estava errado.

Aden.

A voz o chamou, ecoando. Aparentemente conhecida, pensou ele, pânico surgindo. Quem estava aqui? Ele não conseguia diferenciar perguntas de respostas.

Aden.

Seu nome tinha sido dito de forma mais insistente dessa vez. Talvez... Elijah?

Aden!

Sim, sim. Era Elijah. O que Elijah estava fazendo aqui? Como Elijah tinha se juntado a ele?

ADEN!

— O quê? — Aden se viu murmurando e, dessa vez, conseguiu ouvir a própria voz ricocheteando dentro do crânio. Era como se o cérebro estivesse sendo martelado e aquilo o abalava completamente.

Aden, você precisa acordar. Acho que ele hipnotizou você.

— O quê?!

As pálpebras de Aden abriram-se de assalto, praticamente se rasgando. Seu olhar vagava violentamente. O Dr. Hennessy estava sentado na ponta da poltrona, com uma mão apoiada do lado do joelho de Aden, e a outra segurando um gravador de voz. O corpo do médico estava inclinado para frente, segurando o gravador a poucos centímetros da boca do garoto.

Havia algo... Estranho no médico naquele momento. Sob o exterior humano comum daquele homem, Aden viu algo agradável, quase cintilante. Algo... Belo. Como se o homem tivesse cabelos mais longos, cheios. Claros como flocos de neve. Como se ele tivesse olhos de um castanho brilhante e não aqueles olhos apáticos e sem vida. E lábios bastante carnudos.

O estômago do garoto virou. Ele não estava se sentindo atraído pelo médico.

Instintivamente, Aden empurrou o homem, que caiu da cadeira e bateu contra o chão, irritado. Que diabos!?

— O que você pensa que está fazendo? — Perguntou o médico.

O Dr. Hennessy se levantou com toda a dignidade que lhe restava. Ele ainda segurava o gravador, mas rapidamente enfiou o pequeno aparelho preto no bolso do jaleco, ajeitou os óculos sobre o nariz e alisou as fibras das roupas.

— Acho que já tivemos o suficiente para uma sessão. O Sr. Reeves está esperando por você lá na frente.

A bÍlis subiu até a garganta de Aden, queimando como ácido.

O que eu disse? O que eu contei a esse homem? Ele tinha que dar um jeito de pegar aquele gravador.

Aquilo realmente era perfeito, não? Sua lista de afazeres crescia a cada dia.

O Dr. Hennessy percebera a direção que os pensamentos Aden tinham tomado, pois caminhou até sua mesa e apertou um botão no telefone.

— Pois não? — Uma voz feminina no alto-falante.

— Por favor, avise o Sr. Reeves que Aden já terminou a sessão. Ele já pode levar o garoto.

Muito bem. Os olhos de Aden se estreitaram enquanto ele se sentava. Não havia nada que ele pudesse fazer. Pelo menos nada que pudesse ser discreto. De qualquer forma, ele voltaria. E pegaria aquele gravador. Custe o que custasse.

Doze



NO RANCHO, ADEN COMEU um sanduíche. Ou cinco. Depois, tomou banho enquanto o Sr. Thomas permaneceu atrás do boxe, gritando com ele. O garoto estava com os braços apoiados no boxe, o jato de água quente o atingia diretamente no rosto. Ele tentava não se importar com o fato de seu primeiro banho acompanhado ser, na verdade, com outro homem.

—Você está com o cheiro da minha irmã. — rosnou o elfo fantasma. —Por onde você andou?

Então era isso. A Srta. Brendal estava dizendo a verdade.

— Conte-me sobre ela. Sobre a sua irmã. — Será que ela atacava primeiro e fazia perguntas depois? E será que ela andava observando Aden clandestinamente? Ele não tinha passado muito tempo com outra fada ou elfo além do príncipe. Pelo menos, não que ele soubesse.

—Você não vai tocar nela! Está ouvindo? Eu mato você primeiro.

— Entendi. Só sei que vai ser difícil para você levar a cabo essa ameaça, já que está morto e tal.

Aden não devia encorajar uma conversa, mas ele realmente esperava que Thomas aceitasse a situação e ficasse quieto. — E só para deixar registrado, não tenho planos de ferir sua irmã.

Houve uma pausa carregada. Momentânea, como sempre.

— Eu quero ir embora. Por que não consigo ir embora?

— Para sair deste mundo, você precisa fazer, agora que está morto, o que se arrepende de não ter feito enquanto estava vivo. — disse Aden, virando-se. Disso ele sabia, já que foi assim que perdera a doce e maternal Eve.

Thomas cruzou os braços.

— Meu último desejo era matar você.

— Então, acho que estamos presos um ao outro porque você não pode usar as mãos para pegar uma arma.

Aden fechou o registro, a pressão da água diminuiu até que nada mais caísse. Ele saiu do boxe e pegou uma toalha.

Thomas continuou resmungando, mas Aden facilmente deixou de ouvi-lo. E isso não era efeito de nenhuma medicação.

No caminho para casa, Dan disse para ele continuar tomando os comprimidos novos, apenas para prevenir outro susto como o de ontem. Ele chegou a acompanhar Aden até o quarto e a observar enquanto o garoto colocava o pequeno tablete branco na boca e o engolir. Obviamente, assim que Dan saiu, Aden cuspiu o comprimido no lixo. O garoto devia estar ficando cada vez melhor em separar as “distrações” em diferentes compartimentos, como tinha feito com Shannon hoje na floresta. Ou talvez ele apenas estivesse distraído demais para ouvir.

O que será que o Dr. Hennessy tinha feito com ele? Aden tinha começado a comentar sobre a hipnose forçada com Dan, mas teve de mudar de idéia quando o dono do rancho D&M colocou em prática a Operação Tome Seus Remédios.

Franzindo a testa, Aden se abaixou e depois prendeu a toalha em cintura. Ele caminhou pelo corredor até o quarto. O local estava vazio. Onde estava Shannon? Aden ouviu alguns resmungos vindos de outros quartos, alguns deles com raiva, mas as portas estavam fechadas e ele não conseguia distinguir quem estava brigando com quem. A essa hora, os garotos costumavam fechar os quartos e se divertiam com seus colegas.

Suspirando, Aden vestiu a calça jeans e uma camiseta lisa.

— Vai sair outra vez? — Gritou Thomas, exigindo a atenção do garoto. O fantasma andava de um lado para o outro do quarto. — Onde você está indo? Você não pode me deixar aqui!

Vista algo mais sexy, disse Caleb. *Nós vamos ver Victoria.*

Deixe ele em paz, retrucou Elijah. *Temos coisas mais importantes com que nos preocupar. É sério. Ultimamente ninguém tem falado sobre os pais de Aden. Quando vamos começar a procurar por eles? Encontrá-los seria bom para todos nós.*

Os pais de Aden. Ele tinha conseguido andar pela Rua do Esquecimento durante dias e aquela observação de Elijah era como ser jogado sente de um ônibus em movimento.

Eles o tinham abandonado ainda bebê e nunca mais procuraram por ele. Por isso, Aden os detestava.

Enfim. O garoto precisava conversar com eles. Mais cedo, e não mais tarde. Talvez eles soubessem por que Aden era como era. Talvez houvesse outra pessoa como Aden na família.

E, mais que isso, ele poderia procurar mais informações sobre Elijah, Caleb e Julian. Informações como quem eles eram, quais eram seus últimos desejos. E, então, Aden poderia libertá-los. Isso é, se as almas ainda quisessem ir embora.

Você está ansioso para ir embora ou algo assim? Perguntou Julian ao sensitivo.

Aden temia essa conversa, temia demais as respostas.

Sim. Não. Não sei. Só estou curioso para saber quem eu era. Talvez, como Eve, eu conhecia os pais de Aden. Talvez eu tenha feito algo maravilhoso com a minha vida. Saber seria... Legal. E, no mínimo, quanto mais descobrirmos sobre as habilidades de Aden, mais bem equipados estaremos para ajudá-lo a lidar com tudo que está acontecendo ultimamente.

Bem, eu estou com fome, disse Caleb. Aden suspeitou que isso acontecesse porque a alma estava com tanto medo quanto ele. *Por favor, veja se a Sra. Reeves tem alguns sanduíches a mais na cozinha.*

— Só um minuto. — respondeu Aden enquanto colocava os sapatos

— Eu fiz uma pergunta. — rosnou Thomas. — Onde você está indo? Responda desta vez!

— E se eu não quiser? Você vai me estapear? — Perguntou Aden com uma voz indolente.

As dobradiças rangeram e Shannon entrou no quarto. Ele parou, olhando Aden de cima a baixo.

— Legal. — dizendo isso, enrubescou, assim como tinha feito mais cedo. — E-eu não q-quis...

— Eu sei. — disse Aden, rindo. — Não se preocupe.

Thomas, o abelhudo, estava parado e em silêncio.

— Fi-fico feliz por tê-lo encontrado. — Shannon fechou a porta, deixando os dois para dentro, e se apoiou contra a madeira, com cabeça para trás e os olhos fechados. Ele suspirou, demonstrando cansaço.

— Algum problema? — Perguntou Aden.

Lentamente, as pálpebras de Shannon se abriram. Os olhos verdes brilhavam apreensivos.

— E-eu preciso contar u-uma coisa. Você pré-precisa saber e manter...

— Sim, eu sei. — Os segredos podiam devorá-lo. A prova: Aden atualmente estava cheio de feridas. — Pode contar. Seja lá o que for, não vou julgá-lo. Eu não tenho esse direito e você

sabe disso. — Aden encostou o quadril contra a lateral da escrivaninha e cruzou os braços. Ele lançou um olhar sobre Thomas, que ainda estava ouvindo, e decidiu dar continuidade à conversa.

— Eu sou Aden, o Louco, lembra?

— Vo-você não é louco.

— Obrigado.

Shannon expirou.

— So-somos colegas de quarto e, se vo-você descobrir mais tarde, vai ficar i-irritado. E aí vai que-querer me matar.

Parece sério. Você acha..., rosnou Caleb. *Você acha que ele deu em cima da nossa garota, a Victoria?*

Nem. Eu aposto que ele matou o último colega de quarto dele, respondeu Julian.

— Diga! — Aden não queria gritar, mas só de pensar em Shannon e Victoria juntos era suficiente para que ele perdesse o controle da voz.

— E-eu so-sou gay. — disse Shannon, e as palavras foram pronunciadas com vergonha e remorso e todo tipo de culpa.

Gay. Aden piscou. Era só isso? Sério?

— Tudo bem.

— Tu-tudo bem?

— Sim.

— Mas... Vo-você não está o-ouvindo? Eu sou homossexual, esquisito.

Aden virou os olhos.

— Nem. Cara, você é um saco às vezes, mas eu não diria que você é esquisito.

— Vo-você sabe do que eu estou falando? — Gritou Shannon.

— Então ainda é cedo para fazer piada?

Isso lhe rendeu uma carranca.

— Shannon... Falando sério. Você é gay, não é doente. Tudo bem. Eu não ligo.

A carranca desapareceu, dando lugar à surpresa.

— Mas nós dividimos o quarto.

— E daí? Você está com medo de eu tentar abusar de você?

O amigo esboçou um leve sorriso e parecia ter perdido cinco quilos de tensão.

— Vo-você realmente me aceita assim?

— Sim, tudo bem.

— Obrigado.

— E eu sou a única pessoa que sabe disso? — Perguntou Aden. — Quer que eu mantenha em segredo?

— Ryder tam-também sabe.

Hoje, na floresta, aquele rubor, a incapacidade de Ryder de olhar para Shannon... Ah! Agora tudo fazia sentido.

Shannon olhou para baixo, expirou novamente e então bateu a cabeça contra a porta uma vez, duas vezes.

— E-eu achei que ele também era, ma-mas, não. Ele não jo-joga no mesmo time.

Embora Shannon realmente tivesse esperança.

— E você ser gay é o motivo pelo qual seus pais expulsaram você de casa? — Perguntou Aden.

Shannon consentiu com a cabeça.

— Pa-parte do motivo. E-eles ouviram falar do rancho de Dan e telefonaram pa-para cá. Eu es-estava começando a dar problemas, roubar lo-lojas, beber, esse ti-tipo de coisa. E as opções e-eram aqui ou a rua. Eu vim para cá.

— Você fez uma ótima escolha.
Outro sorriso começava a brotar.
— Eu também acho.

Eles ouviram algumas batidas hesitantes na janela. Thomas inspirou, chiando. Shannon se ajeitou e Aden virou o corpo. Lá, atrás do vidro, estava uma vampira loira. A irmã de Victoria, a irmã que gostava de mascar chicletes.

Franzindo a testa, preocupado, Aden foi até a janela e a abriu o mais rápido possível. O ar frio soprava para o lado de dentro.

— Stephanie?
Ela estourou uma bola. A luz da lua a banhava, iluminando a palidez daquela pele.
— A única e exclusiva.

Outra princesa vampira da descendência de Vlad.

— Ela deve morrer.

Thomas correu na direção da janela, com intenção clara de atacar. No entanto, ele bateu violentamente contra o mesmo muro invisível que Aden tinha encontrado no mundo do elfo. Quando percebeu que estava trancafiado, Thomas passou a bater as mãos contra aquela muralha.

Aden fez esforços para se concentrar na vampira.

— O que você está fazendo aqui? Há algo de errado com Victoria?

— Fisicamente, não, mas eu fui uma das escolhidas para sair com você. Portanto, sim, há algo errado com ela, mentalmente falando.

Ele não gostou nada de ouvir aquilo.

— Leve-me até ela. Eu preciso...

— Devagar, cowboy. Ela vai ficar bem.

Bem. Bem não era bom o suficiente.

—Você vai me levar até ela, de qualquer forma. E, para sua informação, não vou sair com você.

— Porque você só quer a Vic. Está bem, está bem, eu sei. — Stephanie virou os olhos, apoiou as mãos no vidro e se inclinou na direção dele, dizendo discretamente: — Eu também sei que ela gosta de você e que ela não quer estranhas dando em cima do garoto dela. Especialmente porque ela desconfia que algumas das vampiras vão mordê-lo e escravizá-lo. Por isso, aqui estou eu. Escolhida, e sem pestanejar.

Nesse momento, a garota abriu os braços e se virou, permitindo que Aden visse totalmente o top vermelho brilhante e a minissaia microscópica.

— Eu! — Continuou Stephanie — Eu e toda a minha glória! Sabia que você tem muita sorte? Lauren e eu fomos prometidas a outros, mas, com a morte de Vlad, os acordos ficaram no passado, e você tem chance comigo. E talvez você deva revogar esse seu pedido, poderoso rei, porque se eu levar você até ela agora, serei tirada da lista. E é melhor para todo mundo que eu permaneça nela.

O estômago de Aden virava como se estivesse dando centenas de pequenos nós.

— Então todas as cinco garotas foram escolhidas?

— Sim. E permita-me dizer... O conselho não queria que você saísse com outras filhas de Vlad. Porém, a maioria das outras garotas basicamente foi forçada a concordar em vê-lo. Desculpe, mas essa é a verdade, já que você é humano. Ainda assim, os pais delas querem fazer parte da Família Real. E, como eu me voluntariei... A propósito, eu conheci todas as garotas da lista e, portanto, retiro o que eu disse. Você não tem nem um pingo de sorte.

— Eu nem tinha me dado conta disso. — respondeu Aden, indiferente.

Ela riu, e aquele riso tinha um timbre musical. Aquele era o tipo de risada que ele queria tirar de Victoria, pelo menos uma vez por dia. Logo, pensou ele melancolicamente antes de

sentir todos os tipos de culpa. Victoria era perfeita exatamente como ela era. A vampira era inteligente e dedicada e entendia Aden e o passado dele. Sem fazer julgamentos. Apenas aceitando. E ele não se importava em se dedicar para obter um daqueles lindos sorrisos que ela dava. Até gostava de fazer isso. Ficava orgulhoso e entusiasmado, toda vez que recebia um sorriso. Porém, ela merecia ser feliz o tempo todo, e agora ele provavelmente estava fazendo ela se sentir infeliz.

Pelo menos, ele achava que estava.

Mais culpa o invadiu. O garoto não devia querer fazê-la sentir ciúme. Mas preferia de longe o ciúme à indiferença que ela tinha demonstrado na mansão dos vampiros.

— Você não vai me convidar para entrar? — Perguntou Stephanie.

Aden olhou para trás. Shannon ainda estava encostado na porta, com uma expressão de curiosidade. Thomas ainda estava batendo contra aquele muro invisível.

— Na verdade, — disse Aden, virando-se de volta para Stephanie. — Vou acompanhar você aí fora. De qualquer forma, ele teria que sair para se encontrar com Riley, Victoria e Mary Ann na floresta. Em... Duas horas, percebeu o garoto ao olhar o relógio. Havia um tempo ainda. Não que Aden não gostasse de Stephanie, mas ele se sentia desconfortável naquela situação.

— Shannon... — Disse ele, e logo foi cortado.

— Está bem, já co-conheço o esquema. Vá. Vou dar cobertura Pa-para você.

— Obrigado.

Enquanto Aden colocava suas adagas no estojo e as escondia nos tornozelos, Stephanie disse: — Não esqueça o anel.

O anel de Vlad. É claro. O garoto tirou a opala da gaveta onde a tinha enfiado depois de voltar da mansão dos vampiros, deslizou o metal no dedo e pulou a janela. Deus, como estava frio! Tão frio que uma leve neblina se formava diante dele toda vez que expirava.

Aden e Stephanie caminhavam lado a lado em direção à floresta, mas, pouco antes de chegarem à fileira de árvores, a vampira o segurou pelo braço e o fez parar.

— Há duendes e lobos por aí. — Ainda enquanto ela falava, um uivo invadiu o ar. O uivo foi logo seguido por um ruído estridente, um som que nenhum humano poderia ter produzido. Ele se encolheu.

— Aonde temos de ir? — Perguntou o garoto.

— Agiremos como se estivéssemos apaixonados e essa coisa toda, e ficaremos sentados aqui, sob as estrelas. Tenho de relatar como foi, sabe, então temos de fazer isso parecer real.

Sorrindo, ela mexeu o braço, apontando para o pé dele.

—Veja.

Ao olhar para baixo, ele encontrou uma manta preta, aberta e macia como veludo. Então. Eles realmente agiriam “como se estivessem apaixonados e essa coisa toda”. Suspirando, Aden abaixou e se deitou, olhando para o céu, onde estrelas brilhavam como diamantes.

Stephanie se deitou ao lado dele.

— Então, sobre o que você quer conversar?

Aposto que ela é doce, disse Caleb.

Você vai nos enfiar em encrenca, gritou Elijah.

— Quero conversar sobre Victoria.

Ela bufou.

— Estou surpresa. Não me diga. Bem, o que você quer saber?

—Você aceita meu relacionamento com ela?

— Por que não aceitaria? Você é um fofo.

Um elogio. Surpreendente.

— Está bem, mas sua outra irmã me detesta.

— Sim, ela de fato detesta você. Detesta tanto quanto detesta espinha.

Aden sorriu, ele realmente não pôde se conter.

— Obrigado por poupar meus sentimentos.

— Sem problemas.

—Você é... Diferente — Disse Aden. Ele colocou as mãos sob a cabeça. Esperando aquecê-las. —Você não é como os outros vampiros.

— Eu sei. Isso não é ótimo? — Perguntou Stephanie, cutucando Aden com o ombro. Ela exalava um calor que o envolvia.

O garoto abriu um largo sorriso.

—Victoria disse que você costumava fugir.

— Sim. Toda vez que eu tinha uma oportunidade.

—Você não tinha medo do seu pai? — Perguntou Aden

— É claro que eu tinha. Todos nós tínhamos. Ele acreditava que punir era a única forma de treinar alguém. E aquele homem pensava que treinamento era a única forma de fazer de nós, o exército invencível, um o qual ele sempre sonhou enquanto era humano. Mas Lauren era favorita, a principal preocupação dele. Ela é uma completa guerreira, por isso, a maior parte da atenção do meu pai era direcionada a ela. Eu, eu era... Desinteressada demais, acho que essa seria a palavra. Mas ele queria ver minha mãe feliz. As mulheres eram o ponto fraco dele... Não que ele admitisse isso. Ele não admitia qualquer fraqueza. De qualquer forma, com relação a mim, ele lavou as mãos, nem chegou a dar um lobo para tomar conta de mim... Simplesmente me deixou sob os cuidados de minha querida mãe.

Ela falava como se o abandono do pai não a importasse, como se o homem tivesse feito um favor a ela.

— E quanto a Victoria?

— O que tem ela?

— Ele também lavou as mãos?

— Não somos filhas da mesma mãe e ele não se importava em fazer a mãe dela feliz. Então, não, ele não lavou as mãos. — Stephanie rolou para o lado, olhou para Aden e colocou as mãos sob a bochecha antes de continuar. — Ele a forçava para ser outra Lauren. Se ela desse risada, era punida. Se discordasse dele, ela era o quê? Punida.

Não era de se espantar que Victoria fosse tão séria. Não era de se espantar que ela raramente se permitia relaxar. De repente, Aden se sentiu feliz por aquele homem estar morto.

Alguma coisa nesse pensamento o perturbava, fazendo a penugem da nuca arrepiar e o cérebro latejar. Toda vez que ele pensava sobre Vlad, ele se sentia assim. Por quê?

— E quais são os seus planos para nós? — Perguntou Stephanie. — Para todos os vampiros?

— Encontrar um novo rei para vocês. — ele respondeu com sinceridade. — Antes disso, honestamente, não sei.

Ela arregalou os olhos. No rosto de Stephanie, uma confusão pura.

— Você não quer ser rei? Você está falando sério?

— Sério.

— Isso é... Quero dizer... Uau! Quem não quer governar os melhores vampiros do planeta?

— Eu.

Ela estourou mais uma bola de chiclete.

— Isso é sábio da sua parte, eu acho. Quero dizer... Você é só um humano. Porém, enquanto isso, se você chegar a ser coroado, tenho algumas sugestões.

— Espere aí. Ajude-me a lembrar. Quando essa coroação vai acontecer?

— Em doze dias, meu amigo. Em doze longos, longos dias.

Longos? Quando o tempo estava passando tão rápida e impiedosamente a ponto de ele mal poder acompanhar? Enfim. Quando tivesse enfrentado as bruxas, ele teria... Mais ou menos uma semana para encontrar seu substituto. Aquilo parecia possível. Ele esperava.

— Enquanto isso, você é o homem que está no poder, portanto, sua palavra é soberana. Você vai ouvir minhas sugestões ou não?

—Vamos lá, diga.

— Em primeiro, togas pretas nunca mais. Você não teve um ataque quando tirei a minha, não disse nada sobre minhas vestimentas serem impróprias agora e eu fico feliz com isso. De qualquer forma, precisamos de cores. Muitas, muitas cores. Não apenas eu, mas todos nós. Porém, todos têm medo de serem punidos se agirem sem aprovação.

— Cores. Combinado.

Aden sabia que Victoria secretamente adorava cor-de-rosa.

Stephanie aplaudiu.

— Excelente. Vou espalhar isso quando voltar. Agora, a segunda sugestão. — Outro daqueles ruídos estridentes, só que, dessa vez, mais perto. Aden se sentou. Stephanie também. — Ah, talvez devêssemos levar nossa manta para mais perto do rancho.

Um terceiro ruído ecoou, agora ainda mais perto. Eles ficaram de pé, mas não antes que Aden pegasse suas adagas. A poucos metros dali, folhas e arbustos sacudiram. Enquanto ele entrava na frente de Stephanie, um homem pequeno e deformado surgiu em meio ao matagal, caminhando na direção de Aden, como se fosse puxado por uma corda invisível.

— Duende. — grunhiu Stephanie.

Então não era um homem. A criatura disforme batia no joelho de Aden. Ela tinha orelhas pontiagudas, pele amarela e olhos de um vermelho fogo. Pior ainda, os dentes eram como espadas afiadas. Embora vestisse roupas, o material era cortado em tiras, deixando à vista um buraco onde o coração deveria estar.

Ótimo. Não era apenas um duende. Era um duende morto.

—Julian. — murmurou Aden. Se aquela alma estivesse próxima de um cadáver, aquele cadáver se levantava. Sempre. E, então, obviamente, o morto recém-acordado atacava Aden, faminto por carne humana. Mais uma vez, sempre.

Foi mal.

Aden já tinha lutado centenas de vezes contra cadáveres e sabia que cortar a cabeça era a única forma de detê-los. No entanto, ele nunca tinha lutado contra uma criatura não humana antes. A decapitação funcionaria dessa vez? Aparentemente, o garoto teria que descobrir.

Quando a criatura se aproximou, Aden apontou uma das adagas na direção da garganta daquela coisa. Porém, antes que a arma pudesse tocá-lo, o duende abaixou e mordeu o joelho do garoto.

Aden gritou, o fogo instantaneamente passou a queimar a perna e a espalhar. A adrenalina invadiu o corpo, rapidamente apagando as chamas e fazendo ele se recuperar. Com um soco na criatura, Aden deslocou os dentes dela (e também rasgando a própria calça e a própria carne durante o processo) e fazendo o novo amiguinho voar para o lado.

O duende ficou ali por um momento, mastigando o pedaço de pele ensanguentada de Aden, com olhos vermelhos extasiados (além de famintos por muito mais). O garoto se abaixou e golpeou, usando ambas as adagas, cruzando os braços como tesouras. O duende rolou do chão, desviando-se do golpe, rápido, muito rápido, escapando do choque fatal.

Pegue ele, torcia Julian.

Você dá conta, disse Caleb. Eu acho.

Continue firme, acrescentou Elijah. Se você conseguir prendê-lo...

O duende saltou na direção do garoto. Aden girou e a criatura passou por ele, caindo no chão antes de pular de volta nos pés deles. Aden cambaleou para frente, diminuindo a distância, as adagas estavam novamente levantadas. Dessa vez, daria certo. Nada o impediria.

Ou talvez impediria.

Um lobo negro surgiu em meio às árvores, pulando sobre Aden, e atingindo o duende, mastigando o tronco da criatura. Isso, entretanto, não acalmou o pequeno demônio. A criatura arranhava e mordia, furiosa, faminta, sem se importar com a dor. Os cadáveres nunca se importavam. Talvez eles simplesmente não sentissem nada.

O lobo arranhava o rosto do duende. A carne chiava, queimando, e sangue negro espirrava.

— Isso não vai fazer essa criatura parar. — gritou Aden, correndo na direção deles.

O lobo lançou um olhar irritado para o garoto. A pelagem, marrom escura e amarelada, estava emaranhada na região da cara do animal, e dos olhos estava quase fechado de tão inchado. Um rosnado de aviso o ecoou.

Fique longe.

Aquela voz masculina e dura reverberou na cabeça do garoto. Uma voz desconhecida... Talvez.

— O segure.

Embora Aden suspeitasse que o lobo, seja lá quem ele fosse, o atacaria por conta da interferência, ele levantou a adaga e golpeou. Finalmente. Sucesso. A cabeça do duende se desprende do corpo e rolou. O corpo se contraiu e finalmente ficou paralisado.

Aden estava tremendo enquanto os braços caíram pesadamente nas laterais do corpo.

— Bom trabalho, garotos. — disse Stephanie, pulando em direção a eles. — Por um minuto, cheguei a pensar que ele nos destruiria.

Antes de encarar Stephanie, o lobo virou os olhos azul-claros para Aden. Nathan, o garoto logo percebeu. O irmão de Riley. Um momento se passou em silêncio.

Ela ficou pálida, sacudiu a cabeça.

— Não.

O lobo soltou outro grunhido.

Um passo, dois, ela recuou.

— Mas eu devia estar aqui. Os homens do conselho me disseram para...

Mais silêncio. Outro grunhido.

— Está bem. — gritou a vampira antes de desaparecer. Em um momento, ela estava ali; no momento seguinte, já não estava mais.

Certo. O que tinha acabado de acontecer?

Nathan virou seu olhar furioso para Aden. *Eu matei aquela coisa, mas ele voltou a tomar vida em poucos minutos. Como?*

O lobo falava dentro da cabeça, de sua cabeça, o garoto logo percebeu. Aden não gostava de barulho extra, mas não reclamaria.

— Eu fiz isso. — ele admitiu. — Eu acordo os mortos, mas só quando estou perto deles — Aden rapidamente acrescentou. — Portanto, se existirem outros duendes mortos esta noite na floresta, eu me livraria deles rapidamente se fosse você.

Nathan balançou a cabeça, concordando. Obrigado. *Por proteger a princesa.* O elogio foi dito a contragosto.

— Sem problema. Mas, ei... O que você disse para fazer que ela fosse embora?

Aden sabia que o lobo tinha dito alguma coisa. Só não entendia porque os vampiros continuavam obedecendo aos lobos quando supostamente eram eles que estavam no controle.

Você verá, Majestade, que os lobos são as criaturas mais temidas por aqui. Até mesmo por seus aliados. Agora, por favor, saia daqui. É melhor termos precaução. Dizendo isso, Nathan saltou e foi embora.

De repente, a voz de Riley ecoou ao redor dele:

— Ele está certo. Nossas garras produzem o mesmo *je la nune* existente em seu anel. É por isso que os vampiros tomam tanto cuidado para não nos irritar. É também por isso que tentamos não usar nossas garras em outras criaturas. Tentar é a palavra-chave. Não queremos que eles coloquem as mãos no veneno.

Aden deu meia-volta. Certamente Riley, Victoria e Mary Ann estavam andando em sua direção. Os três franziam a testa. Riley com urgência, Mary Ann com medo e Victoria com... Preocupação?

— E, ainda assim, vocês trabalham para eles. — disse Aden.

— Sim. — respondeu Riley, sem oferecer mais explicações. — Agora vamos. — o lobo encerrou o assunto antes que Aden pudesse perguntar o por que. — Chega de descanso. Temos trabalho a fazer, e não se trata de seqüestrar uma bruxa. Lauren já caçou uma.

Treze



VICTORIA TELETRANSPORTOU TODOS ELES até onde a bruxa estava sendo mantida. Primeiro, Mary Ann, que implorava para ser deixada para trás em vez de ser “arremessada pelo mundo como uma boneca de pano”. Depois Riley. Aden ficou por último.

Quando ela estendeu o braço para segurar na mão dele, o garoto se afastou. Seu joelho ralado gritava em protesto, mas ele não se permitiu mostrar que estava sentindo dor.

— Antes, quero conversar com você. — disse ele.

Conversar? Beijar primeiro e conversar depois! Implorou Caleb.

Dê ao garoto um tempo para respirar, rebateu Elijah.

Aden o teria agradecido por apoiar a causa, mas o sensitivo terminou com: *para que, assim, ele possa contar a ela sobre o Dr. Hennessy.*

Não, caramba! Esse assunto era um grande estraga prazeres, e eles certamente tinham coisas mais importantes para discutir. Problemas de relacionamento.

— Não estamos seguros aqui. — disse ela.

Atrás dele, em meio às árvores, um lobo uivou. Nathan, avisando que eles estavam realmente protegidos? Que não havia corpos de mortos por ali? Aden esperava que sim, mas, mesmo que não fosse, mesmo que o uivo tivesse como objetivo fazê-lo correr porque outros cadáveres logo se levantariam, ele não se importava. Aquilo era importante demais. Ele lutaria contra tudo e contra todos para ter a oportunidade de finalmente conversar isso com Victoria.

— Nós vamos ficar bem.

— Bem, não há tempo para isso. — disse ela, fazendo um sinal com as mãos para que ele chegasse mais perto.

Concordo com Caleb. Beije Victoria. Gritou Julian.

Teimoso, Aden recostou-se no tronco de uma árvore e cruzou os braços. O movimento, por menor que tivesse sido, era como se um parafuso de agonia fervente entrasse no joelho. O garoto tinha sido mordido por um cadáver, algo que já lhe havia acontecido centenas de vezes antes, portanto, ele sabia que aquilo era apenas o começo. Esse cadáver era um duende, claro, mas a saliva de cadáveres, independentemente da fonte, era a mesma. Saliva. E aquele veneno já estava no corpo, queimando-o por dentro.

Amanhã, ele vai desejar estar morto. Outra vez.

Aden quase riu. Será que ele nunca teria férias?

— Aden. — a voz de Victoria o trouxe de volta daqueles mórbidos pensamentos.

— É claro que temos tempo para conversar. Os outros, Mary Ann e Riley vão fazer perguntas para a bruxa, eles não precisam de nós para isso.

Os olhos de Victoria se estreitaram, e ela levantou a cabeça.

— Está bem. Vamos conversar. Por que não começo?

A vampira também cruzou os braços. A luz dourada da lua se derramava sobre ela, iluminando a pele perfeita. Aqueles olhos azuis elétricos perfuravam Aden enquanto aqueles lábios de *bad girl* o convidavam. E era de se surpreender que as almas quisessem que ele a beijassem primeiro e conversassem depois.

Linda.

— Conte-me sobre o seu encontro com minha irmã. — ela disse em tom de ordem.

Ai! Eu devia mesmo ter esperado que ela começasse por aí, pensou ele.

— Eu nem chamaria de encontro. Nós conversamos sobre possíveis mudanças para beneficiar o seu povo. Como cor-de-rosa se tornar o novo preto. E depois conversamos sobre você. — Ou teriam conversado, se o duende não tivesse aparecido — E sobre o quanto eu... Amo você.

Pronto. Ele tinha dito aquilo. Ditas aquelas palavras. Se havia um momento certo para dizê-las, esse momento era agora.

—Você é corajosa e atenciosa. — continuou. —Você me enxerga como um igual, não como um empecilho. Eu simplesmente me sinto melhor quando estou com você. Melhor comigo mesmo, melhor em relação a tudo.

Victoria ficou boquiaberta.

—Você me ama?

— Sim. Amo. Eu amo você. — ele repetiu. — Você não precisa dizer que me ama. Eu vou entender se você ainda não estiver pronta.

Sim, ele entenderia, mas certamente gostaria de ouvir aquelas palavras.

A expressão de Victoria se abrandou e ela olhou para baixo, com as mãos nervosas se apertando. Havia, agora, um resplendor rosado nas bochechas. Estaria ela tímida com a confissão ou apenas teria se alimentado recentemente? Se fosse a segunda opção, de quem ela teria bebido?

O ciúme foi um golpe no coração de Aden. *Você precisa parar de se importar com isso, ele disse a si mesmo. Ela é uma vampira e precisa fazer isso para sobreviver.*

— Eu... Eu também amo você, Aden.

Graças a Deus. Qualquer sinal de ciúme ficou para trás. Ela o amava. Ela realmente o amava.

— Diga outra vez.

Nunca ninguém havia dito aquilo para ele. Ninguém.

— Eu também amo você. Muito. Você é forte e leal, e eu acho que você me entende melhor que eu mesma consigo me entender. Então, sim, eu amo você. — disse a vampira novamente.

Ele jamais se cansaria de ouvir aquelas palavras.

— E justamente porque eu amo tanto você... — Continuou Victoria. suavemente. — Que preciso dizer que as outras garotas não vão querer que você apenas converse com elas. Ou melhor, os pais delas não vão querer apenas isso. Vocês terão que viver um romance. Quero dizer, você com as garotas, não com os pais delas. Meu Deus, estou bagunçando tudo... O que estou tentando dizer é que não há outra saída. Você precisa enfrentar um encontro de verdade com elas.

— Não. Não preciso. Eu posso recusar vê-las.

Simple assim. Ele a amava e ela o amava.

Não, ele jamais se cansaria dessas palavras.

— Não pode. Eu já disse. Isso causará problemas para você. Problemas graves.

— Eu não ligo. Você é mais importante.

Os cílios de Victoria se levantaram e, por um momento, havia esperança nos olhos. Porém, ela logo apagou esses traços, mostrando a Aden algo que mais parecia um vazio. O vazio que ele desprezava.

— Na verdade, não sou. Para todos os efeitos, você é o rei agora. Você é a única pessoa importante para o meu povo.

O pai dela a criara para acreditar nisso? Que o rei era a única pessoa que importava? Aden queria matar aquele desgraçado outra vez.

Outra vez? Como se uma segunda morte fosse possível? Aden franziu as sobrancelhas.

—Veja bem, Victoria, não tenho muito tempo e não quero desperdiçar o pouco tempo que me resta brigando com você. Especialmente agora.

Ela passou a língua pelo dente ultra-afiado.

— Foi o que eu disse. Mas aí você disse que nós tínhamos que...

— Eu quis dizer enquanto vivos. — ele interrompeu. — Não esta noite.

A observação deixou Victoria séria. Ela sabia que a vida de Aden logo chegaria ao fim.

— Ah.

— De qualquer forma, seu povo precisa de um novo rei, e eu encontrarei esse novo rei para eles.

Talvez... Riley?

Sim, Riley... Os vampiros estavam dispostos a deixar Aden, um humano, governá-los, então, por que não estariam abertos a serem governados por um lobo? Um lobo que eles já obedeciam, O garoto acenou com a cabeça, gostando daquilo em que pensava. Gostando muito. Era realmente o plano perfeito. Porém... Mais uma vez, o pensamento de desistir do título... Enervou-o, e aquilo não fazia sentido.

Aden forçou a mente a se concentrar no assunto em questão. Ele tinha lutado por este momento; não poderia se permitir distrações e acabar arruinando tudo.

— Como eu disse, não quero desperdiçar o tempo que me resta brigando com você. E não quero desperdiçá-lo sendo excluído por razões que não entendo.

Victoria permaneceu em silêncio, observando o garoto, buscando por... Buscando pelo quê? Aden não sabia. Finalmente, a vampira sorriu.

— O que você quer saber? Eu posso falar, posso explicar.

— Quais são seus sentimentos agora? A respeito de eu me encontrar com outras garotas?

Caleb riu. *Cara! Você parece uma menininha... Querendo discutir o relacionamento e coisas assim.*

Sair com apenas uma, disse Julian à outra alma. *Soe como uma garota para conquistar a garota. Você não sabia disso? Achei que você fosse o especialista.*

Victoria deixou os braços caírem e passou as mãos sobre as coxas.

— Bem, eu estou... Furiosa.

Com ele?

—Você não soa furiosa. Você não parece furiosa.

Ela ergueu um pouco mais a cabeça.

— Estou escondendo meus sentimentos, como diz Stephanie.

— Então se expresse. Você vai se sentir melhor, tenho certeza.

Ai, caramba. Ele devia estar repetindo o que algum de seus médicos disse.

Ela sacudiu a cabeça violentamente e os cabelos negros fizeram aquela dança em volta dos ombros.

— Isso é perigoso demais.

— Perigoso para quem?

— Para você.

— Como assim? —A não ser que... —A besta dentro de você...

Agora ela engoliu em seco, deu dois passos para trás.

— O que tem ela?

— Você acha que ela vai me ferir se você se expressar? É isso?

— Não. Eu tenho as proteções. — disse ela, embora sem muita convicção. — De qualquer forma, eu não me arrisco com minha besta. Nenhum vampiro se arrisca.

— Então todos os vampiros levam consigo uma besta?

— Sim.

— E, com os anos, alguns vampiros perderam controle de suas bestas? — Perguntou Aden.

— Sim. Isso é... Horrível. Os danos são... Não existem palavras para escrever os horrores que ocorrem.

Certo. Pelo menos um mistério estava resolvido. Apesar das oposições e da confiança, o medo de Victoria deixava claro que ela temia o que achava que aquele monstro enigmático poderia fazer com Aden.

— Conte-me sobre essas bestas. Sobre por que você as teme e sobre porque eu também devo temê-las.

Ela estava com a cabeça um pouco mais levantada. Se levantasse um pouco mais, logo estaria olhando para as estrelas.

—Você tem certeza de que quer saber?

Por que ela achava que eles não poderiam continuar juntos depois que Aden soubesse? Bobinha. Havia apenas uma maneira de provar que ela estava errada.

— Sim, tenho certeza.

— Está bem, então. Nós não somos mutantes como os lobos. Não passamos de uma forma a outra. — a voz de Victoria soava fria e monótona. — Mas a besta sai, sim, de nós; uma entidade separada, e quanto mais essa entidade permanecer fora de nossos corpos, mais concreta ela se torna... E o corpo do monstro se materializa e... A corrente que nos mantinha interligados se desfaz e morre.

— Mas isso não seria bom? Ficar livre da besta?

— Bom para nós? — Ela riu sem achar graça, e o som dessa risada não a nada agradável. — Não. Conforme se materializa, ela se fortalece, e nós nos tornamos alvo do que antes costumava ser nosso lado negro. Afinal, elas nos culpam por aprisioná-las dentro de nós. Ninguém está seguro. E você precisa saber que minha besta tem batido em minha cabeça desde que eu o conheci, e mais alto sempre que estamos juntos, querendo você.

Bom (e assustador) saber. Porém, Aden não permitiria que o medo o impedisse de ficar perto de Victoria, de provar que ele podia lidar com qualquer coisa que a afligisse. Mesmo que isso significasse fazer o papel do Príncipe Encantado e matar o dragão. Literalmente.

— E essa besta, ela conversa com você? — Perguntou Aden.

— Não. Em geral, ela fica quieta. E nunca usa palavras. Não as palavras como eu e você usamos, pelo menos, mas ela ruge às vezes e, quando eu estou com fome, posso sentir a sede que ela tem por sangue. Ultimamente, andamos com muita fome.

A mente de Aden dava voltas. Como os vampiros tinham trazido aquelas criaturas para dentro deles? Victoria provavelmente tinha nascido assim. Ela era produto de uma união de vampiros e não uma humana transformada com sangue contaminado, como tinha acontecido com Vlad e alguns de seus seguidores.

Uma transformação que ninguém mais tinha conseguido repetir nos anos que se seguiram.

Seriam essas bestas o motivo pelo qual ele tinha se transformado (e sobrevivido à transformação), enquanto outros, por séculos, não conseguiram?

— Eu assustei você? Por isso o silêncio? — Perguntou Victoria, friamente.

— Longe disso. — Eles tinham mais em comum do que nunca, Aden percebeu. Ela sabia o que era lutar contra barulhos existentes na própria cabeça. Ela sabia o que era o medo de perder o controle. — De qualquer forma, precisamos deixar uma coisa clara.

Victoria piscou os olhos na direção dele, surpresa. Aden nunca tinha usado uma voz tão feroz com ela.

Ele realmente ia fazer isso? Estava mesmo decidido a tomar este caminho?

Victoria o tinha ajudado a se aceitar. Aden faria o mesmo por ela.

Portanto, sim, ele faria isso.

— Eu sou seu rei? — Ele exigiu saber. Por enquanto, pelo menos.

Caleb gritou, entusiasmado. *Uhh, baby, estou adorando isso!*

Cuidado, ou o monstro dela pode devorar você, avisou Julian. *Sacou, cara?*

Foi mal. Estou cego.

Victoria franziu a testa, confusa.

— Sim, você sabe que é.

— E você deve fazer o que eu mandar... Certo?

— Sim.

A resposta foi dada com os dentes cerrados, como se passasse através de um moedor de carnes. Victoria claramente sabia o que ele planejava dizer na seqüência.

— Então, como rei, ordeno que você expresse seus sentimentos. Aqui. Agora. Deixe-os sair.

Inicialmente, ela não reagiu. Depois, disse:

—Você se arrependerá por ter dado essa ordem.

Então, assustada, Victoria gritou. Um grito demorado e alto, tão alto, que Aden tinha certeza de que seus tímpanos estavam sangrando, mas ele não se permitiu demonstrar medo, o garoto não queria desencorajá-la.

Quando o grito cessou, Victoria estava tremendo. Ela observou os arredores com olhos selvagens antes de marchar até uma pedra enorme e redonda, e levantá-la nos braços, como se aquilo não pesasse mais que uma bolinha de gude. Um segundo depois, a pedra foi arremessada pela floresta e se chocou com um tronco de árvore. O tronco quebrou e a copa da árvore despencou no chão.

Aden continuou em silêncio, mas, ah... Talvez aquilo realmente não tivesse sido boa idéia. Alguém (Dan, provavelmente) ouviria o barulho e viria atirando naquela direção. Aden não conseguiria explicar aquilo, não mesmo.

Meu Deus, disse Julian. *Quanta força.*

Acho que devíamos, não sei... Correr rápido pra caramba? E só uma idéia para, não sei... Salvar nossas vidas. Sugeriu Caleb.

Elijah estava tão silencioso quanto Aden.

Furiosa, Victoria se virou para a árvore na frente dela e deu um soco.

— Eu não posso salvá-lo. — Outro soco. —Você vai morrer. Vai me deixar. Aquelas garotas... Elas são bonitas e inteligentes. E se você gostar mais delas? Você diz que me ama agora, mas ainda não se encontrou com elas. Aquelas vampiras poderiam encantá-lo. Elas são mais... Humanas que eu. E se elas ferirem você? Eu terei de matar. Eu vou matar aquelas vampiras. Você é meu!

—Você está certa a respeito de uma coisa. Eu sou seu. Não vou mudar de opinião quanto a isso. Não me importo com quão encantadoras elas possam ser, com quão humanas elas possam parecer. É você que eu amo.

Ou ela não o ouviu, ou não acreditou no que ele disse. Os socos não diminuíram. Essa árvore se partiu, exatamente como a outra, e a copa também despencou. Então, os brilhantes olhos azuis de Victoria finalmente pararam em Aden.

Aden, ouça o que estou dizendo. Corra! Por favor! Era a primeira vez que Caleb implorava. *E se ela usar toda essa ira contra o seu 'júnior'? Poderíamos perder nossa parte preferida do corpo!*

Victoria tremia cada vez mais, o ar entrava e saía, serrando a boca e provavelmente queimando os pulmões. Ela caminhou na direção de Aden, lentamente, ameaçadoramente. As mãos da vampira não estavam cortadas ou sangrando, nem mesmo depois de tantas pancadas contra os caules das árvores, ele percebeu. Não estavam sequer feridas.

— Aden. — ela rosnava com uma voz que ele não reconhecia. Uma voz dividida, como se duas pessoas falassem de uma vez. Rouca. Embravecida. Poderosa. A besta?

O garoto manteve o rosto sem expressões, mas não pôde evitar que calafrios de medo deslizassem pela espinha. Ele tinha pedido, exigido isso. Agora teria que aceitar a parte ruim que vem junto com a parte boa.

— Sim?

Victoria quisesse quebrá-lo ao meio, assim como fizera com as árvores. Aden permitiria. Ele não se defenderia. Não, o garoto não estava disposto a correr o risco de feri-la.

— Você não devia ter ordenado isso.

Um, dois passos ameaçadores. Ela continuava se aproximando. Mais perto... Ainda mais perto.

Aden arregalou os olhos. O que isso... Poderia significar? Era só ser. Victoria estava bem próxima dele e havia algo se levando sobre os ombros da vampira. Algo monstruoso. Ele engoliu seco. Um esboço de asas brilhantes nascia nas costas de Victoria, encobrindo-lhe a cabeça. Ele avistou um focinho longo com narizes gigantes, escamas negras e olhos que certamente veria durante anos em seus piores pesadelos. Inundando aqueles olhos, havia fogo. Chamas alaranjadas e douradas que crepitavam a promessa de uma morte dolorosa.

O demônio tentou alcançar Aden, com garras estendidas. Não de forma ameaçadora, percebeu o garoto assustado, mas... Uma súplica? Não, isso seria impossível.

Certo. Aden esperava ser cortado ao meio quando Victoria se aproximou dele, o que ele não esperava, era que sua namorada seguraria seu pulso e o puxaria para junto do calor de seu corpo. O garoto expirou aliviado enquanto o mundo ao redor desaparecia, enquanto os pés buscavam apoio sólido, enquanto a mente procurava por uma explicação. Aquilo estava mesmo acontecendo?

De repente, um carro se materializou em volta dele. Aden estava ao volante, Victoria ao seu lado, no banco do passageiro. Ela ainda tremia e várias vezes, a besta, que ainda estava empoleirada sobre os ombros da vampira, tentava alcançá-lo. As garras faziam barulho ao cortarem o ar. O que aconteceria se a criatura se solidificasse como Victoria havia avisado?

— Ah, acho que suas proteções se desgastaram. — disse Aden. Dentro dele, as almas gritavam, preocupadas.

Sem dizer uma palavra, Victoria tirou a blusa e o sutiã, deixando o torso nu. Aden ficou boquiaberto. Meu Deus! No peito da vampira, sobre o coração, havia duas pequenas tatuagens compostas por círculos, uma preta, outra vermelha. Os olhos dele poderiam observar para sempre.

Caleb desmaiou.

Elijah e Julian só conseguiram respirar com dificuldade.

— Não. Elas ainda estão aqui. — A voz da vampira continuava duplicada. — Agora, beijeme. — ela exigiu, passando pelo câmbio e se ajeitando sobre o colo do garoto. As coxas estavam apertadas, e havia pouco espaço entre Victoria e o volante, mas ele adorava aquilo. Os joelhos da vampira pressionavam a cintura de Aden enquanto ela passava-lhe a mão pelos cabelos. Unhas arranhavam-lhe o couro cabeludo.

Os lábios de Victoria esmagavam os de Aden. A língua da vampira, que o garoto recebeu com todo o coração, entrou em sua boca. Quente, acentuada. Ele a envolveu nos braços, apoiando as mãos nos ombros, descendo-as pelas costas dela. Tanto calor... A pele de Victoria estava tão quente quanto à língua. E Aden queria ser queimado.

O beijo continuou até que Aden apenas conseguisse respirar Victoria. Até que o gosto dela, algo como cereja, fosse tudo o que ele sentia. Até que ela rugisse. Os gemidos da vampira, doces e leves, misturavam-se com os bramidos de Aden. A janela do carro há muito tempo estava embaçada.

Como uma bênção, Elijah e Julian estavam quietos, sem oferecer qualquer dica “útil” sobre como deixar a situação mais prazerosa para ela, sem dizer que tudo que ele fazia estava errado. Eles provavelmente estavam tão impressionados quanto Aden. Tão perdidos quanto Aden.

—Você está com sede? — Ele conseguiu dizer enquanto a vampira beijava-lhe o queixo, o pescoço e parava para lambe o ponto onde o sangue pulsava. Ele abriu os olhos e percebeu que a besta já não estava visível.

— Não.

Mais uma lambida naquele ponto. Espasmos de ciúme voltaram.

— De quem você bebeu?

— De ninguém. Tenho bebido de bolsas de sangue.

A tensão foi embora. Boa, boa garota. Victoria sabia quanto Aden detestava que aqueles lábios (aqueles lábios maravilhosos, suaves, cheios de prazer) tocassem em outras pessoas.

— Não deve ser tão gostoso quanto sangue fresco.

— Não é. — Palavras quase ininteligíveis.

— Então comece a beber de mim.

Por favor.

— Quero que você esteja comigo porque me ama, e não porque é viciado em minhas mordidas.

Bem, ele não podia culpá-la por isso. Ser desejado por quem ele era e não pelo que fazia era uma coisa rara e maravilhosa. Ele sabia bem disso, afinal, já tinha estado do outro lado da moeda. Durante toda a vida, Aden fora rejeitado por conta do que podia fazer. Quem ele era nunca tinha sido levado em consideração.

— Mais beijos. — disse ela.

Como se ele fosse brigar por conta desse pedido. Os lábios se encontraram novamente e ele se perdeu mais uma vez, com as mãos vagando, explorando. As mãos de Victoria faziam a mesma coisa e Aden pensou que talvez, pela primeira vez, ele sentia o gosto do paraíso.

Logo ela se distanciou, ainda tremendo, com os lábios brilhando, dando fim ao beijo.

— Eu... Eu estou calma agora. Posso sentir minha besta dentro de mim. Precisamos parar.

A cabeça de Aden caiu contra o encosto do banco enquanto ele encarava Victoria. Todos os pontos do corpo onde havia pulso saltavam fortemente. O sangue derretia nas veias, queimando tudo o que tocava, e os pulmões há tempos já haviam ardido e se tornado cinzas.

—Você me beijou para se acalmar? — Ele perguntou.

Hesitante, ela concordou com a cabeça.

Parte dele queria ficar zangado. A outra parte queria apenas se sentir feliz por aquilo ter acontecido.

— Bem, precisamos fazer você se expressar com mais frequência. — disse Aden, tentando aliviar o clima.

Um sorriso escapou de Victoria, que cobriu a boca com a mão, como se não conseguisse acreditar que tinha visto humor em um assunto tão apavorante.

Aden não se importou. Na verdade, o garoto encheu o peito com orgulho. Ele tinha conseguido. Tinha feito Victoria rir novamente, exatamente como ele queria. E era isso que ele queria que acontecesse mais vezes. Isso e os beijos.

— E por que você nos teletransportou para este carro? — Ele perguntou, acenando com a mão. — Não precisávamos dele, precisávamos?

— Riley e eu sempre mantemos um carro por perto, por precaução. Mas, não, não precisávamos. Eu só queria um pouco de privacidade.

— Garota esperta! — Aden estendeu as mãos e segurou o rosto dela.

— Não me deixe de lado novamente. Está bem? Acho que já provei que sou capaz de lidar com sua besta.

— Não farei mais isso. — Ela o segurou pela camiseta, com a expressão obscurecendo. O coração do garoto saltava quando ela o tocou. — Mas, Aden, você tem de sair com aquelas garotas para manter a paz, e isso vai me deixar furiosa.

— Talvez você devesse não me dizer isso. Eu gosto da sua fúria.

Outra risada preencheu o carro.

— Aja de forma séria.

— Estou agindo. Não sou seu pai. Não quero que você tenha medo de expressar seus pensamentos e seus sentimentos. Além do mais, não tenho medo da sua besta. — Parte de Aden, aliás, ainda achava que aquele monstro tinha gostado dele, que queria afagá-lo, ou então ser afagado por ele. O que era uma loucura.

— E escute. — continuou ele. — Você tem minha palavra. Não vou fazer nada com aquelas vampiras. Você é a única que eu quero.

Victoria deslizou o dedo pelo nariz de Aden.

— Como você consegue ser tão maravilhoso, Haden Stone?

Ele gostava do som de seu nome completo nos lábios de Victoria.

— Você que é maravilhosa. Agora coloque suas roupas e vamos encontrar Riley. Ele provavelmente está preocupado com você.

Ela virou os olhos, voltou para o banco do passageiro e colocou a blusa.

— Ultimamente, a preocupação dele é você.

Ter perdido o peso dela sobre o corpo, o calor que ela emanava e a visão da pele nua da vampira fez Aden lamentar. Ele só conseguia falar porque se concentrou intensamente.

— Riley precisa que alguém lhe dê um bom chute no traseiro e, se ele não se cuidar, vou acabar fazendo isso.

— Por favor. Você gosta dele. Você sabe que gosta.

Finalmente, Caleb acordou. *O que aconteceu? O que eu perdi?*

Cara! Você perdeu o Santo Graal do Sex Shop. A admiração permeava voz de Julian. Eu não queria perder um minuto.

Caleb resmungou.

Aden sentiu mais uma pontada de ciúme.

— Galera, por favor. Ela é minha.

— As almas? — Perguntou Victoria, sorrindo.

Ele concordou com a cabeça.

— Eu estava pensando — disse ela, batendo uma unha sem ponta e pintada de prata no queixo. Bem, não era exatamente prata, mas da cor do metal do anel de opala. Assim, ela poderia encostar o dedo no *je la nune* sem se ferir. — As proteções que tenho mantêm meu monstro isolado. E se tatuássemos proteções em você? Isso poderia manter as almas caladas.

Por um momento, só por um momento, ele se sentiu tentado. Ter Victoria toda só para ele, beijá-la assim sem qualquer interferência sempre...

As almas imediatamente começaram a protestar.

— Não. — disse ele. — Obrigado por oferecer, mas gosto delas e não quero causar mal algum a elas.

As almas se acalmaram, mas apenas ligeiramente.

Talvez seja hora de arrumar uma nova namorada, bufou Elijah.

Victoria voltou a bater a unha no queixo.

— Talvez, então, possamos protegê-lo contra as bruxas. Não podemos protegê-lo de todos os feitiços, você não tem pele suficiente para tantas tatuagens, mas podemos dar conta dos mais básicos, dos mais perigosos. E poderíamos fazer isso com Mary Ann também.

Ninguém pode ser protegido de um feitiço que já foi lançado, obviamente, mas depois do encontro, quando a ameaça do feitiço de morte deixar de existir, podemos protegê-la contra outro feitiço de morte. Até lá, será melhor protegê-la contra outras maldições.

Dan faria um escândalo se Aden chegasse em casa coberto de tatuagens. E o pai de Mary Ann provavelmente teria um ataque cardíaco se ela tatuasse qualquer coisa, até mesmo algo inocente como uma rosa.

— Pensaremos sobre isso depois, mas, por que você não está protegida contra feitiços? E por que Riley também não está?

Aden estendeu o braço e pegou na mão de Victória.

— Alguns vampiros são protegidos, mas nós raramente vemos bruxas. Então, não nos preocupamos tanto. Na maior parte do tempo, não as vemos e elas não nos vêem. E os lobos não podem ser protegidos. A pele na forma animal não mantém a tinta, então, seria um desperdício. Assim que eles se transformam, as proteções desaparecem. Acredito que, para o encontro, poderíamos proteger Riley contra alguns feitiços, já que ele estará na forma humana. Eu conheço Riley e sei que ele vai querer ir com você.

Aden levantou a mão de Victoria e beijou o pulso.

— Não entendo por que Riley não assume o poder no clã dos vampiros. Ele seria um excelente rei.

E... Lá estava. A faísca de raiva que sempre acompanhava as conversas sobre a coroação de um novo rei. Sério. Que inferno!

— Os lobos são mais leais que qualquer outra raça. A necessidade de proteger é intrínseca a eles.

— Bem, governar é apenas outra forma de proteger. Porém, conversaremos sobre isso mais tarde. Por enquanto, vamos tomar conta dele pela primeira vez. O que você acha? — Aden estava lutando contra a necessidade de puxá-la de volta para seu colo. Se ficassem aqui, ele a beijaria outra vez. Certamente. — Aquela bruxa deve estar tendo ataques com ele.

Victoria concordou e, um momento depois, o mundo em volta deles desapareceu.



Um chalé deserto, a milhas de distância da cidade. De tudo. Cheia de lobos, uma vampira e armas. Além de uma bruxa com olhos vedados e presa a uma cadeira no centro de um quarto que, de outro modo, estaria vazio. Não era Marie, percebeu Mary Ann logo que eles chegaram. O cabelo dessa bruxa era curto demais e de um louro escuro demais. A garota não estava certa se devia se sentir aliviada ou perturbada com aquilo.

Riley tinha imediatamente começado o interrogatório, que se deu mais ou menos assim:

Riley: Em que lugar deve acontecer o encontro entre as bruxas e Aden Stone?

Bruxa: Vá se danar.

Riley: Talvez mais tarde. E o encontro?

Bruxa: Morra.

Riley: Já morri uma vez. Agora, decida entre conversar ou perder uma parte do corpo.

Bruxa: Posso escolher um dedo?

Riley: Claro. Depois que eu cortar a mão.

Bruxa: Escute aqui, seu vira-lata sarnento... As bruxas anciãs estarão aqui a qualquer momento. Elas planejavam entrar em contato com você. Depois disso que você fez, bem, tenho certeza de que seu convite se perderá nos correios.

Com isso, a frustração preencheu a sala. A culpa preencheu Mary Ann. Aquilo tinha sido idéia dela, mas estava causando mais mal que bem.

A mesma troca fútil se repetiu três outras vezes.

— Deixem que eu tento. — disse por fim Lauren, movendo-se para trás da bruxa, apoiando as mãos nos ombros dela. As presas da vampira estavam maiores do que em um momento atrás e havia tanta fome nos olhos que aquilo chegou a ferir Mary Ann. Naquele momento, a garota estava disposta a estender o braço e deixar Lauren se saciar. Ninguém devia sentir tanta fome.

Porém, Mary Ann se lembrou das palavras de Victoria. Palavras pronunciadas ainda ontem, embora uma eternidade parecesse ter se passado desde então. O sangue das bruxas era como uma droga para os vampiros. Se Lauren provasse da bruxa, ninguém conseguiria fazê-la parar. E, então, Victoria, quando chegasse (onde estaria ela? O que estaria fazendo?) provavelmente também participaria do banquete.

— Só vou dar uma beliscada. — disse Lauren, palavras agora incompreensíveis. — Só vou beber um pouquinho. E aí ela vai começar a falar. Eu juro.

— Não! — Gritou Riley. Mary Ann pensou ter visto a bruxa recuar.

Foi então que Victoria e Aden finalmente apareceram. Ambos corados, os lábios inchados e vermelhos, brilhando.

Ah. Eles estavam se beijando.

Diferentemente de Mary Ann e Riley, pensou a garota, sentindo-se mal. Eles mal se falavam desde a discussão no almoxarifado. Aliás, eles mal se olhavam.

Durante aquela meia hora em que estavam ali, Riley tinha prestado mais atenção em Lauren que em Mary Ann. Por conta disso, a garota que talvez o mutante gostasse da crescente distância entre eles. E, ah aquilo queimava. Lauren era bastante forte e completamente segura. Além disso, ela estava carregada de armas e sabia muito bem o usá-las. Lauren era feroz, corajosa, confiante, capaz de se cuidar. Diferentemente de Mary Ann.

Ela já tinha perdido Riley? Raiva e impotência, tristeza e aflição, tudo isso misturado invadiu a garota. Com o aumento das emoções, uma brisa aquecida e doce a acariciou. Mary Ann inspirava e expirava, aquela brisa flutuava até os pulmões, penetrando as veias, acalmando todo o corpo. Exatamente como ocorrera naquela noite na cidade, exatamente como ocorrera hoje de manhã, com Marie, Mary Ann acolheu bem a sensação. E o sabor... Sabor de doce. Coberto de açúcar, espumante, efervescente. Riley contou a Aden e a Victoria o que estava acontecendo enquanto forçava Lauren a se distanciar da feiticeira.

— Use sua voz para fazê-la falar. — Aden sugeriu a Victoria, — Aquela voz poderosa, sabe? — E, logo em seguida, — Cale a boca, Caleb! Não estou brincando. Ela não vai tirar a blusa.

Quem era... Ah! Uma das almas. Caleb queria ver quem tirar a roupa?

— Os comandos de voz não funcionam com as bruxas. — respondeu Victoria. Ela caminhou até Aden, abraçando-o apertado, como se não agüentasse ficar separada dele. — A magia delas impede isso.

Magia. Sim. Esse era o gosto que Mary Ann sentia, ela se deu conta. Magia era sinônimo de poder e aquilo que a envolvia tinha uma sensação inebriante de poder. A garota fechou os olhos e saboreou. Sentiu mais daquele calor, mais daquela doçura, ambos a estavam consumindo.

Mary Ann não precisava de Riley, ela pensou. Aquela coisa. Aquilo era tudo de que ela precisava. Aquela coisa a alimentava. Aquela coisa a completava. Caramba, aquela coisa não

mudava de opinião. Como ela fazia para absorver aquela magia, Mary Ann não sabia. E também não se importava. Contanto que aquilo nunca acabasse, ela estaria feliz.

— Certo, vou perguntar, mas, depois disso, você precisará se acalmar. — disse Aden, suspirando.

Ele ainda estava falando com Victoria? Ou com uma das almas?

— Você, alguma vez, conheceu um cara chamado Caleb? — Disse Aden olhando para a bruxa.

— Não. — respondeu irreverente. — Eu deveria conhecer?

— Você, alguma vez, conheceu um cara que era capaz de possuir o corpo de outras pessoas? Um cara que morreu pouco mais de dezesseis anos atrás?

Uma pausa, carregada de tensão.

— Quem é você? O garoto que nos chamou? Não negue, eu consigo sentir sua atração. Por que você quer saber sobre o possuidor?

De repente, Aden parecia entusiasmado e nervoso.

— Então você o conhecia?

— Eu não disse isso. — ela gritou. — Agora revele o que quero saber.

— Primeiro, vamos esclarecer algumas de suas afirmações. O chamado foi um acidente. Eu não queria...

Antes que ele pudesse terminar a frase, a bruxa rosnou. E aquele era um rosnado mais intimidador que qualquer barulho que os mutantes faziam.

— É você que está se alimentando com o meu poder agora? Diga! Eu exijo saber! E eu exijo que você pare agora ou, assim que eu me vou amaldiçoá-lo. Vou amaldiçoar cada centímetro da sua pele. Está me ouvindo? Pare!

Todos na sala ficaram parados. Alguém arfou em meio ao horror.

— Alimentando com o seu poder? — Disse Lauren, franzindo a testa. — Ninguém se atreveria. Não há sugadores entre nós. Se houvesse, já teríamos matado o transgressor.

Sugadores? Matar?

Alimentando... A mesma palavra que Marie tinha usado. Não *neutralizando*, mas *alimentando*. Sugando como um aspirador de pó.

Mary Ann mordeu o lábio inferior. Eu, não. Não pode ser eu. Mas... Aquele calor, aquela doçura. Aquela magia a preenchendo, consumindo. Se for eu, eles vão querer me matar? Por quê?

Agora trêmula, ela deu um passo para trás e bateu contra uma parede sólida. Ela se virou, com os olhos arregalados, e percebeu que Riley estava atrás dela. Quando ele tinha ido parar lá? Ela nunca tinha visto o lobisomem sair do lado de Lauren. Ele franzia a testa, feroz, quase vibrando em meio a tanta fúria. Com ela? Porque ele pensava que ela era um... Uma Sugadora? Mary Ann quase nem conseguia se lembrar da palavra. Seja lá o que... Seja lá o que isso fosse, os vampiros os matavam e as bruxas os detestavam. Portanto, não, Mary Ann não podia ser algo assim. Ela simplesmente não podia.

— Victoria. — disse Riley, com uma voz forte. Seu olhar duro não desviou de Mary Ann. Um olhar que ele nunca tinha lançado sobre a garota antes. Um olhar que, em geral, ele reservava para aqueles que traíam as pessoas que ele amava. — Veja se você consegue conversar com a bruxa. Mary Ann e eu precisamos de um intervalo.

Riley não deu a Mary Ann uma chance de protestar. Ele simplesmente segurou seu punho e a arrastou para o lado de fora do chalé.

Quatorze



DAR FRIO, CHEIRANDO A TERRA E a pinho, envolveu Mary Ann, expulsando aquela deliciosa sensação de calor e poder. As luzes artificiais foram substituídas pela luz da lua, suave e branda, a única fonte de iluminação. Quando Riley soltou a garota e ficou cara a cara com ela, o mutante estava carrancudo. Mary Ann fechou a gola de seu agasalho. Os olhos verdes do mutante brilhavam perigosamente.

— O que está acontecendo? — Perguntou a garota.

Um segundo depois, o rosto dele estava praticamente grudado ao dela, com o nariz deles pressionados um no outro, e a respiração de Riley passava pelo rosto de Mary Ann.

— Estive observando você. Por um minuto, parecia que você estava comendo e saboreando uma barra de chocolate. — Riley dizia aquelas palavras com um tom de acusação. Ele não disse “você estava se alimentando com a magia dela, não estava?”, mas, de alguma forma, essas palavras ecoaram entre eles.

Mary Ann engoliu em seco, lutando para se acalmar.

— E?

— E... Você não tem se alimentado ultimamente. Não tem, mesmo.

— Como é que você sabe o que como ou deixo de comer? Você não tem andado comigo.

Não mostre que você está chateada. Agora não é hora para isso.

As pupilas de Riley se dilataram antes de se contraírem, formando uma linha bastante fina.

— Eu consigo sentir cheiro de comida, Mary Ann. O cheiro dos alimentos exala pelos poros humanos. E você não tem esse cheiro há vários dias. — Ele esperou que ela negasse. Ela não negou. — Inicialmente, pensei que você estava muito nervosa por conta do feitiço de morte. Afinal, também consigo sentir o cheiro do nervosismo. Depois, acabei ficando bravo por você ter ido até a cidade e acabei me esquecendo de perguntar sobre sua alimentação. Mas, agora eu me lembrei. Quer me dizer por que diabos você não tem se alimentado?

— Eu... Eu ando sem fome ultimamente. — Era verdade. — Como você, eu também achei que isso era fruto do nervosismo. Ainda acho. Quer dizer, eu não posso... Eu não... — Cale a boca, você está falando demais! — O que há de tão errado em ser uma Su-sugadora? Não é pior que ser alguém que neutraliza poderes, é?

Riley mordeu os dentes, evidenciando os músculos do maxilar.

— Quando você comeu pela última vez? — Perguntou o mutante, ignorando a pergunta.

Mary Ann engoliu em seco novamente.

— Eu... Talvez no dia em que as bruxas nos amaldiçoaram. Não sei.

A garota sussurrava essas palavras, palavras que saíam cobertas por vergonha e culpa. Você não tem motivos para se sentir envergonhada ou culpada, ela disse a si mesma. Afinal, Mary Ann não tinha feito nada errado.

Riley arregalou os olhos enquanto se endireitou, ficando totalmente ereto, já sem tocar em Mary Ann.

— Você tem bebido água?

— Não.

— Os humanos não conseguem viver muito tempo sem água, Mary Ann.

— Eu vou tomar um litro de água assim que chegar em casa.

—Você tem se sentido fraca?

Tremendo, dessa vez por conta do frio, por conta de um ataque de pavor, ela sacudiu a cabeça, negando. Vários fios de cabelos bateram contra as bochechas.

— Não. De qualquer forma, isso não é grande coisa. — ela logo acrescentou.— Tenho vivido de adrenalina.

— Isso não manteria a fome distante por tanto tempo.

— Pessoas que fazem dieta conseguem passar muito tempo sem se alimentar.

—Você está fazendo dieta?

Ele tinha perguntas para tudo.

— Não-não, mas isso não quer dizer nada.

—Você não está com fome? Nem mesmo agora?

— Não.

As pupilas de Riley voltaram a fazer aquele movimento de se dilatarem e encolherem.

—Você gostou de estar perto da bruxa, não é mesmo? Você se sentiu aquecida e segura.

— Si-sim. — Pare de gaguejar. — Há algo de errado comigo? Quero dizer, não há nada de errado comigo. Eu...

— Sim, há algo de errado com você. — Ele esfregou a mão no rosto, deixando marcas vermelhas. —Você estava se alimentando de magia, o que significa que você é uma Sugadora.

O horror na voz de Riley fez o estômago de Mary Ann virar.

— Vou perguntar novamente. O que há de tão errado em ser uma Su-sugadora?

—Tudo! Pelas leis dos vampiros, por todas as leis do outro mundo, tenho a obrigação de matar todos os Sugadores que encontrar. Todos nós temos essa obrigação.

Mary Ann deu um passo para trás. Riley, matá-la? Não, nunca, ela disse a si mesma. Ela não! Eles estavam namorando. Pelo amor de Deus!

—Você não pode sair por aí matando as pessoas. Além do mais, porque você teria que matar uma Su-sugadora? — E por que ela tinha tanta dificuldade para dizer essa palavra? — E eu não sou isso. Você não pode ter certeza de que sou isso.

Os olhos de Riley brilharam, como se um fósforo se acendesse dentro deles.

— Havia um Sugador naquela sala, Mary Ann. As bruxas são sempre as primeiras a percebê-los, porque a sobrevivência delas depende da eliminação desses seres. O Sugador não poderia ser Victoria, nem Lauren. Elas podem ter sede de sangue de bruxas, como todos os vampiros, mas há uma grande diferença entre beber o sangue de uma veia e a tragar montes de energia. Além do mais, vivo com elas há muito tempo e eu já teria descoberto. Isso significa que a única outra opção seria Aden. Porém, ele recentemente comeu um sanduíche de manteiga de amendoim e geléia, e, portanto, também não entraria na lista de opções. Quem sobra, Mary Ann? Vamos, diga!

Distância. De repente, ela precisava de distância dele. Toda aquela repulsa... Todo aquele ódio... Ambos radiavam de Riley. Ela cambaleou para trás, mas não tentou correr, apesar de ele tê-la ameaçado. Ao se distanciar, ela pôde respirar sem sentir o cheiro carregado e ardente de Riley, sem se sentir estigmatizada por ele. O lobisomem estava pensando coisas erradas sobre ela. Ele só podia estar pensando coisas erradas.

— O que exatamente é um Sugador?

Pronto. Ela tinha dito a palavra sem gaguejar. Eles chegariam a uma conclusão juntos e perceberiam que ela era a mesma pessoa de sempre.

Riley começou a andar de um lado para o outro.

— Eu já não disse? E alguém que vive da energia de outras pessoas.

Aquilo não soava tão terrível.

— Posso ver sua aura e sei o que você está pensando, mas, escute o que tenho a dizer. Os Sugadores se alimentam apenas com a energia que roubam. Sem ela, eles enfraquecem e morrem. Mas, enquanto sugam, eles matam. E, se isso não parece ruim o suficiente, o apetite por magia cresce a cada vez que eles se alimentam.

Ela ia matar pessoas? Não. Não, não, não. No entanto, ela não conseguiu bloquear o próximo pensamento. Sua mãe. Sua mãe tinha morrido no momento em que ela nascera. Mary Ann tinha sugado a força da própria mãe. Meu Deus. Mesmo antes de as bruxas e de Riley começarem a jogar acusações contra ela, Mary Ann tinha usado a mesma palavra para descrever o que tinha feito à sua mãe. Sugar.

Teria ela sido uma Sugadora durante toda a vida?

— Em breve a magia não será suficiente. Em breve, você passará a sugar os vampiros e não vai demorar muito para que eles também já não a alimentem. — Riley começou a caminhar mais rapidamente, os pés batiam contra o chão. — E, logo depois, você sugará a energia dos lobisomens e eles perderão a habilidade de se transformar. E, em seguida, você sugará os humanos. Depois dos humanos, a natureza. Você destruirá tudo e todos.

— Eu nunca faria isso! — Ela gritou. Então, os ombros cederam. Mary Ann tinha matado a própria mãe. Ela seria capaz de tudo. *Pare! Não pense isso. No passado, você ingeria alimentos. Comida de verdade.* Riley disse que os Sugadores vivem de energia. — É impossível que eu seja uma Sugadora. Deve haver outra explicação.

Sem que seus passos diminuíssem, Riley lançou um olhar ameaçador para ela.

—Você faria isso, sim. Não é que você queira fazer, mas acabará fazendo. Os Sugadores não conseguem se conter e certamente não conseguem parar. Como eu disse, se não fizerem isso, eles enfraquecem e morrem.

Ele estava dizendo que ela era, aparentemente, um parasita. Um assassino. Prendendo-se aos seres vivos como se eles fossem um barril de cerveja, bebendo até secar. A boca de Mary Ann secou e o coração passava pequenos intervalos sem bater.

—Você está errado. Minha mãe... Eu comia...

A expressão de Riley se tornou mais calma.

—Você não matou sua mãe. Eu não sei a razão de ela ter enfraquecido depois do seu nascimento, mas você não teve nada a ver com isso. — Ele não soava convencido. — Essa coisa de sugar, isso provavelmente surgiu durante o seu primeiro encontro com o outro mundo.

— Não é verdade. — Ela sacudiu a cabeça desesperadamente, mais daqueles fios serpentearam contra o rosto em pânico. — Eu namorei o Tucker e foi você quem me disse que parte dele era demoníaca. Eu fiz ele se sentir melhor, e não pior.

Prova de que ela não poderia ser uma Sugadora, certo?

Riley parou e passou a mão pela nuca.

— E aí você conheceu Aden. E vocês dois convocaram todos nós a virem para cá. E aí você foi amaldiçoada e recebeu sua primeira dose de magia.

Todos os argumentos eram fortes e irrefutáveis.

— E o que acontece se eu for uma? — Não diga isso. Você não pode ser, independentemente das evidências. — Quero dizer, o que acontece se eu for uma Sugadora?

— Eu não sei. — Riley se abaixou e pegou uma pedra pequena e redonda. Em seguida, ele jogou essa pedra na direção das árvores. Um galho se partiu; um barulho ecoou.

Tudo o que ela conseguia fazer era observá-lo com um olhar triste. — Você e Lauren disseram que vocês... Matam Sugadores.

— Sim, nós os matamos. — ele respondeu com uma voz morta. Tão morta quanto ela logo estaria?

Zonza só de pensar em tudo aquilo, Mary Ann cambaleou para trás. A mão voou na direção do pescoço.

—Você me mataria?

— Não. — Ele virou na direção dela, com punhos fechados e narinas dilatadas pela força da respiração. — E também não deixarei que nenhuma outra pessoa faça algum mal a você. Por Deus, Mary Ann. Não acredito que você pensaria isso de mim.

Certo, certo. Ele estava certo. Ela liberou o ar que estava preso nos pulmões.

— Isso é novidade para mim, Riley, e, além do mais, nos últimos tempos nós não estamos passando por nossos melhores momentos, não é mesmo?

A fúria do garoto se diluiu e a expressão se suavizou.

— Não, não estamos.

Ouvi-lo concordar era como levar um tapa, embora ela tivesse sido a primeira a dizer aquilo.

— Então você quer... Terminar? Quer dizer... Se é que nós estávamos namorando. — Talvez ele apenas estivesse brincando. Ah, Deus. Ela queria vomitar.

— Estávamos namorando. — disse ele, agora duro e inflexível.

Estávamos, foi o que ele disse. O sangue de Mary Ann resfriou. Era como se pequenos cristais de gelo tivessem se formado nas veias.

— E agora não estamos mais? — Aquela voz de garota carente tinha mesmo que pertencer a ela?

— Estamos namorando, Mary Ann. — Riley jogou a cabeça para trás e olhou para o céu estrelado. — Só estamos passando por um momento complicado.

Estamos namorando. Certo, sim, aquilo era bom. Muito bom. O alívio que invadiu Mary Ann era praticamente palpável. E, então, Riley acrescentou:

— Quer dizer, pelo menos acho que estamos.

O alívio foi sugado para fora do corpo da garota.

Sugado. Uma escolha lexical infeliz, ela pensou, rindo sem achar graça. Porque, se aquilo que ele tinha dito antes sobre Sugadores destruírem... Se aquilo fosse verdade, isso significaria... Não. Não. Não! Ela não se aventuraria por essa linha de pensamento. Como um hipocondríaco, tudo o que ela iria fazer era se convencer de que os “sintomas” eram reais.

Riley caminhou até a escada da varanda e se sentou, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Se você realmente for uma Sugadora, irá matar todas as pessoas que amo. — Ele devia estar lendo a aura dela, devia ter percebido a direção dos pensamentos da garota. — Caramba, um dia você vai me matar.

Um pânico absoluto tomou conta de Mary Ann, só de pensar na morte de Riley. Só de pensar que ela causaria a morte de Riley.

— Eu jamais conseguiria ferir você. Nunca!

—Você não teria a intenção de me ferir, mas... — O garoto apoiou a cabeça na mão que estava levantada. — Que saco! Não acredito que isso esteja acontecendo.

— Isso não pode ser verdade, Riley. Quero dizer, tudo está acontecendo tão rápido. Eu estava bem, eu, comigo mesma, há apenas poucos dias. — Agora tudo estava desmoronando, deixando apenas ruínas em volta dela.

Ele riu sem achar graça, exatamente como ela tinha feito.

— É o mundo, Mary Ann. Tudo muda em um piscar de olhos.

Não mudava assim. Não para ela.

Não, não é verdade, ela pensou logo em seguida. Ela conheceu Aden e, em questão de segundos, todo o seu mundo mudou. Ela descobriu que Tucker a tinha traído com Penny e, em questão de segundos, todo o seu mundo mudou. Ela descobriu a verdade sobre sua mãe e, em questão de segundos, todo o seu mundo mudou.

Ela conheceu Riley e, em questão de segundos... Ah! Como seu mundo mudou!

— Há alguma forma de conter isso? De reverter essa situação? — Ela resmungou. — Quer dizer, se for verdade.

— Não.— O tom inflexível de Riley não deixou espaço para dúvidas ou discussões.

Ainda assim, Mary Ann persistiu.

— Você já tentou?

— Sim.

— E?

— E os Sugadores morreram.

— Como?

— Por meio dos experimentos. — Riley levantou a cabeça e olhou rapidamente para trás. Ele endureceu, suspirou.

— Agora não é hora para discutirmos isso.

Ela não poderia terminar a conversa com um tom tão ruim.

— Não quero entrar ainda. — Ela não poderia fingir que tudo estava bem. Não quando lágrimas queimavam os olhos, não quando ela tremia tanto que poderia estar tendo um ataque epilético.

— E, na verdade, não podemos ter certeza sobre o que está acontecendo comigo.

Mary Ann decidiu que, ao chegar em casa, comeria mais do que seu estômago aguentasse. Isso provaria sua inocência. Certo?

— Sim. — respondeu Riley, embora não soasse convencido. — E eu também não quero entrar. Então, vamos conversar sobre outra coisa. Eu perguntei a Aden, mas agora vou perguntar a você. Por que você pediu par ele dar aulas de autodefesa para você? Por que você não pediu para mim?

Isso importava? Agora? Pensou ela.

No entanto, em vez de protestar, ela aceitou a mudança de assunto como uma corda de salvamento. Aquilo era normal. Aquilo deixava claro que ele ainda se importava com ela.

Ela poderia ter mentido, poupado os sentimentos já esfaqueados de se ferirem ainda mais, mas Mary Ann não fez isso.

— Escolhi Aden porque eu sabia que não prestaria atenção se você me ensinasse. Eu iria querer colocar as mãos em você ou que você colocasse as mãos em mim. Eu iria querer beijá-lo. Eu não prestaria atenção ao que você estivesse dizendo.

Parte da tensão saiu do corpo de Riley, e ele riu com o canto da boca.

— Então tudo bem. Você fez a escolha certa.

Ela também relaxou um pouco. Aquele sorriso, tão sincero... Ele não a presenteava com um sorriso daqueles já havia algum tempo. Tempo que parecia uma eternidade. No entanto, aquele sorriso também a chateava, pois ela se lembrou de algo que queria desesperadamente perguntar a ele.

— Responda uma pergunta para mim.

— Está bem.

Você tem certeza de que quer fazer isso? Você sabe que provavelmente terá de dar adeus a esse bom humor. Sim. Ela precisava; ela precisava saber.

— E quanto a você e Lauren?

Sim. Adeus, bom humor. Riley deixou para trás qualquer sinal de bom humor e fechou a expressão novamente.

— Por que você está perguntando isso?

Essa resposta era suficiente.

— Apenas diga o que nós dois sabemos que você vai dizer.

Por favor, não.

Um músculo abaixo do olho de Riley se repuxou.

— Lauren e eu éramos namorados.

Exatamente como ela suspeitava, mas, ainda assim, a notícia era devastadora. Como ela, supostamente uma Sugadora, conseguiria competir com uma vampira tão forte e tão perfeita? A resposta era bastante simples: competir seria impossível.

— Há quanto tempo vocês terminaram?

Por favor, diga que já faz anos.

— Não vamos entrar nesse assunto, Mary Ann.

— Diga.

Ele suspirou.

— Nós terminamos antes de eu chegar aqui em Crossroads. Lauren e eu nunca deveríamos ter namorado. Vlad a prometeu para outro homem.

Estômago revirando.

— Então sou a garota temporária que serve para consolar você depois que terminou um relacionamento?

Riley mostrou os dentes para ela, puro instinto de lobo.

— Mary Ann, você estava namorando Tucker quando cheguei aqui. Eu deveria perguntar se eu sou o garoto que serve para consolar você.

Fazia sentido. Certo, ela podia deixar de lado esse medo de estar sendo usada como um objeto para consolar Riley. Mary Ann caminhou até o mutante e se sentou ao lado dele.

— Por que vocês terminaram?

Os olhos verdes de Riley prenderam a garota naquele lugar.

—Você quer mesmo saber?

Ah, Deus, não.

— Sim.

— Eu não gostava de vê-la em perigo, e ela sempre estava procurando situações perigosas.

Exatamente como Mary Ann tinha feito quando fora sozinha à cidade. Com a diferença que Mary Ann era humana, tinha a pele vulnerável. O simples fato de cruzar a rua a colocaria em perigo. Na verdade, ela nunca se sentiu tão próxima da morte quanto naquela noite. Naquela noite, era como se esperanças e sonhos se tornassem cinzas.

—Você ainda sente alguma coisa por Lauren? — Perguntou suavemente.

— Não.

Uma resposta rápida demais? Deus, ela detestava isso. Detestava estar em dúvida. Detestava Lauren, embora a vampira não tivesse sido nada além de agradável com ela. E com “agradável” ela queria dizer que a vampira não a tinha esfaqueado.

Você ainda sente alguma coisa por mim? Ela queria perguntar, mas não perguntou. Não conseguiria. A resposta poderia ser o último prego em seu caixão. Ele diria que sim, mas ela ouviria apenas o “mas” que certamente haveria em sua resposta. Ela sabia que ouviria.

— Bem, o fator perigo é algo que você terá de superar, Riley. — disse Mary Ann, como se eles ainda estivessem juntos e se não houvesse um enorme e pesado “talvez” no ar. — Você não pode ser aquele que vai sempre salvar todos. Você não pode fazer tudo sozinho. Você precisa aceitar ajuda. Às vezes, essa é a única forma de realizar o trabalho.

— Eu sei. Mas isso não significa que eu tenha de gostar disso. — ele resmungou.

Pelo menos ele não negou por completo o que ela disse. Isso era um progresso, certo?

— Agora preciso que você me prometa que não contará a ninguém, e eu quero dizer ninguém, nem a Aden, nem a Victoria, sobre essa coisa de sugar. — ele ordenou. — Não até eu encontrar uma forma de corrigir o problema ou reverter o que está acontecendo.

Mas ele conseguiria? Ele já tinha admitido que os Sugadores morriam quando outras pessoas tentavam “revertê-los”

Não, não é verdade. Ele tinha dito que os Sugadores morriam durante *experimentos*.

— Certo? — Ele insistiu.

Hora de consentir. Mary Ann ficou de pé, incapaz de permanecer sentada mais um minuto sequer. Depois, apoiou-se em um pé, e então em outro, torcendo a bainha do agasalho.

— Não vou comentar nada. — Ela se mantinha de costas para ele. — Mas... tem uma pessoa que já sabe.

Um farfalhar de roupas. Mãos fortes foram colocadas sobre os ombros de Mary Ann e ela virou. Riley pulou para se levantar e, Deus, ele realmente parecia pronto para assassinar alguém.

— Quem?

Dia. Diga logo.

— A bruxa. Marie. Aquela que vi na cidade. Aquela que... Apareceu na frente da escola hoje de manhã e me disse que conseguia sentir que eu estava me alimentando com a energia dela.

Pupilas dilatadas, comprimidas. Dilatadas, comprimidas. Como se pulsassem.

— Por que você não me contou? Caramba, Mary Ann. Eu poderia ter ido à caça dela.

E ter feito o que com ela?

— Na hora, não sabia do que ela estava falando.

— Ela poderia ter matado você. — Riley relaxou tão rapidamente quanto tinha explodido. Ele inclinou a cabeça para o lado, pensativo.

— Por que ela não matou você?

— Não sei. Ela não ficou ali explicando a linha de raciocínio dela.

O tempo de vários batimentos do coração se passou em silêncio. Então...

— Alguém está ficando bastante respondona. — dito de forma apática, sem qualquer calor.

— Achei que você gostasse das minhas palavras. — respondeu Mary Ann enquanto chutava uma pedra com a ponta do tênis.

Por favor, ainda goste das minhas palavras.

Riley riu e aquele som aqueceu Mary Ann.

— Eu gosto.

Graças a Deus. Os joelhos da garota quase se dobraram e poderiam ter se dobrado se ele não a abraçasse pela cintura, segurando o corpo dela bem próximo ao dele.

— Sabe o que eu quero? — Perguntou Riley, suavemente.

Mary Ann levantou o olhar, que se encontrou com o dele. Ela tremeu.

— Diga.

— Sair com você. Sair de verdade. Só você e eu. Sem guerras, sem caças, sem busca por respostas. Só nós dois e a oportunidade de nos conhecermos melhor.

Sim, por favor.

— Eu adoraria. — respondeu a garota, com a voz trêmula.

— Assim que dermos um jeito nas bruxas, faremos isso.

No final da frase, Riley soava deprimido, como se achasse que fazer aquilo fosse impossível. Como se um deles fosse estar morto quando isso acontecesse.

Talvez Riley não percebesse que ele estava matando Mary Ann com aquilo. Levando-a em uma direção e depois em outra. Aumentando as esperanças da garota e, logo em seguida, reduzindo essas esperanças a pó.

— Não. Depois das bruxas, teremos que começar a buscar pelos pais de Aden.

Um lembrete para Riley, para ela mesma. Aden ainda era um amigo e eles ainda tinham uma missão.

— Não. — Riley sacudiu a cabeça. — Aden ainda não terá tempo para procurar pelos pais. Ele precisará ir à reunião com os vampiros, precisará aprovar leis, emitir punições. Só depois ele poderá se concentrar na busca pelos pais.

— Se for assim, ele também terá de abandonar a escola. — disse Mary Ann. E ela também teria que fazer isso.

— Não. As coisas logo vão se acalmar.

— E aí talvez nós pudéssemos sair pela segunda vez.

Dedos cruzados. Sinceramente, nada tinha se acertado entre eles. Tinha? Eles poderiam estar namorando, poderiam não estar. Ela poderia ser uma Sugadora, poderia não ser. Dedos cruzados também para essa questão.

Ele riu, embora o riso não fosse muito mais seguro que as últimas palavras que ele havia dito.

A porta atrás deles rangeu e Riley soltou Mary Ann, virando-se para trás. Victoria e Aden saíram do chalé. Ambos com expressões sombrias. Aden chegava a parecer doente. Sua pele tinha um tom esverdeado e havia ferimentos no rosto. E ele mancava, arrastando uma perna atrás da outra, como se dobrar os joelhos lhe causasse dor. Talvez causasse dor. Certamente causava dor. A calça jeans do garoto estava rasgada e com manchas de sangue ressecado.

—Você está bem? — Perguntou Mary Ann.

— Sim, bem.

— Eu fiz a mesma pergunta e ele me deu a mesma resposta. — disse Victoria.

Aden sorriu e, por um momento, parecia muito melhor.

— Porque é verdade. Eu estou, estou bem... Eu só estou cansado.

— Logo você estará em casa, eu juro, Majestade. E então, a bruxa disse alguma coisa para vocês? — Perguntou Riley. Ele não soltou Mary Ann, mas agora estava ao lado dela.

— Não. Vamos deixá-la amarrada durante o resto da noite. — respondeu Victoria. — Talvez o tédio a faça se sentir mais interessada em conversar com a gente amanhã.

Porém, eles já estavam correndo contra o tempo. A semana que as bruxas haviam dado para que Aden fosse àquele maldito encontro já estava chegando ao fim.

— Mas, e agora?

— Agora vamos espalhar a notícia de que temos uma bruxa. — disse Riley, impiedoso. — Se elas quiserem recuperar essa feiticeira, terão de convocar uma reunião oficial.

— Elas vão nos amaldiçoar. — disse Victoria.

— Elas já amaldiçoaram. Por isso, você vai fazer o que eu sugeri e espalhar a notícia.

Victoria, Aden e Mary Ann consentiram, um de cada vez.

— E, quanto à hoje, vamos para casa, descansar. — Riley olhou para Mary Ann. Com os olhos tão austeros quanto à voz. — Em breve a verdadeira batalha terá início.

Quinze



TUCKER PERMANECEU ESCONDIDO por um bom tempo, encoberto por suas ilusões de árvores, escuridão e pássaros da noite. Por sorte, ninguém no chalé tinha notado sua presença.

E, assim, ele assistiu... E ouviu...

Tucker tinha recebido ordens para seguir Aden, o que era fácil para ele, já que conseguia, de alguma forma, sentir onde o garoto estava. E Tucker tinha sentido. E seguido. Apesar de Mary Ann estar quase sempre com Aden, e aquilo deliciar Tucker, também o frustrava.

Quando Aden e Mary Ann estavam juntos, Tucker perdia sua habilidade de criar ilusões e era forçado a se esconder por meios comuns. Ele se perguntava que diabos estava fazendo seguindo os dois, observando-os e ouvindo seus segredos, quando deveria estar protegendo-os. Ah, sim, havia uma pequena parte de Tucker que queria proteger as duas pessoas responsáveis por salvar sua terrível vida. E ele se detestava por fazer aquilo que estava fazendo, jurava que não voltaria a espioná-los e ia embora. Porém, quanto mais Tucker se distanciava, mais ele ouvia a voz de Vlad, sussurrando em meio à distância, ordenando que ele seguisse Aden. Diante do comando, Tucker voltava a espionar o garoto. Se Mary Ann não estivesse por ali, o desejo que Tucker tinha de agradar seu rei voltava a crescer. Ele observava, ouvia e esperava. Uma vontade de ferir o garoto surgia, crescia.

Por sorte, esse não era o caso esta noite.

Esta noite, Mary Ann estava com o outro garoto: Riley. Quando esses dois estavam juntos, Tucker conseguia criar suas ilusões. Por algum motivo. Então, ao saber que Aden estava lá dentro, Tucker devia ter entrado também. E poderia ter feito isso, ninguém ficaria sabendo. Mesmo quando Aden estava com Mary Ann, ele conseguia criar ilusões se Riley estivesse por perto. Porém, Tucker preferiu ficar ali fora. Por Mary Ann. Determinado a protegê-la da raiva do outro garoto.

Enquanto os observava, ele pôde perceber que se sentia feliz por Mary Ann ter um novo namorado. Ela merecia ser feliz. Ela merecia receber amor. Ela era a luz para a escuridão de Tucker, pureza onde ele era contaminado. Ele nunca foi o cara certo para ela, mas, caramba, por que eles não podiam continuar sendo amigos?

E por que Penny não podia ser um pouco mais parecida com Mary Ann?

Penny. Às vezes, quando estava calmo e perto de Mary Ann, Tucker se sentia feliz por eles estarem esperando um filho, embora mais freqüentemente ele negasse as responsabilidades. Penny ficaria melhor sem ele. Diferentemente de Mary Ann, ela não fazia Tucker se sentir melhor consigo mesmo, com suas ações, com seu futuro. Ele seria um pai terrível.

Sem Mary Ann, Tucker queria ferir aqueles que estavam ao seu redor. Penny, sim, e provavelmente o bebê também.

O garoto, siga o garoto...

Conforme o comando de Vlad invadia a cabeça, Tucker rangia os dentes. Como aquele vampiro conseguia sempre saber o que Tucker estava fazendo? Como aquele vampiro conseguia exercer sobre ele um controle tão ininterrupto?

Frustrado, bravo, temendo o que estava por vir, Tucker endireitou o corpo, incapaz de fazer outra coisa, e caminhou em direção ao sul, em direção ao Rancho D&M, onde Aden vivia. Era para lá que a princesa vampira, Victoria, tinha levado o garoto quando, em um piscar de olhos, eles desapareceram. Como sempre, Tucker sentiu uma força que o empurrava naquela direção.

Até agora, Tucker não tinha muito para relatar a Vlad. Aden tinha ficado doente, Aden tinha ido à escola. Aden tinha retornado à fortaleza dos vampiros, onde fora tratado como realeza.

A última informação deixou Vlad furioso. Tão furioso que Tucker chegou a temer pela própria vida. Como consequência da raiva do antigo rei, mãos invisíveis envolveram o pescoço de Tucker; sufocando-o. Porém, finalmente o vampiro o soltou e o enviou de volta às atividades de espionagem.

Qual seria o objetivo maior do vampiro? O garoto se perguntava. Por que ele estava usando Tucker dessa forma? Por que simplesmente não exigia ter o trono de volta? E por que Tucker se importava?

Quanto mais ele se distanciava de Mary Ann, mais a resposta se solidificava na mente. Não, ele não se importava. Ele simplesmente fazia o que mandavam.



O veneno do duende atacava Aden sem piedade, transformando o sangue em lava, os órgãos em cinzas e a pele em um enorme vergão. Ele queimava, ele coçava, ele vomitava uma gosma preta várias e várias vezes. Graças a Deus que ele tinha convencido Victoria a deixá-lo. A vampira protestou, mas o garoto sorriu com ares de “estou bem” e conseguiu convencê-la de que tudo estava bem.

Já passei por isso, pensou ele, em meio à fraqueza, embora nunca tivesse passado por uma reação tão intensa. Sim, aquilo era pior que qualquer envenenamento por cadáver que ele tinha encarado. Dessa vez, até as almas tinham sido afetadas. Elas gemiam na cabeça dele, às vezes gritavam; sempre palavras incoerentes.

Exceto Elijah. *Morte*. Gritou o sensitivo. *Sangue. Tanto sangue. Ela morre. Não podemos deixá-la morrer*.

— Quem? — A palavra era como ácido na garganta de Aden.

Ele morre, também. Tantas mortes.

— Quem morre? — Aden perguntou de forma mais insistente.

Elijah continuou como se não tivesse ouvido a pergunta. Talvez não tivesse. Talvez simplesmente não soubesse a resposta. *Não. NÃO! Todos eles morrem. Todos. Guerra. Parar a guerra. Precisamos parar a guerra*.

Qual guerra? Se aquilo fosse uma profecia...

Durante todo esse tempo, o fantasma de Thomas continuava colado em Aden, marchando, gritando, acusando. Thomas queria sair, ele dizia. Sua família estaria procurando por ele e enfim descobriria o que acontecera. E, quando isso acontecesse, Aden finalmente conheceria o verdadeiro sofrimento. Blá, blá, blá.

— A-Aden. Vo-você está bem, cara?

Ainda era difícil distinguir o que era real naquele mar de ruídos, mas o garoto estava cada vez melhor nisso e sabia que agora havia alguém no quarto com ele. As pálpebras,

pesadas, esforçaram—se para se abrir e, em meio a uma bruma, ele viu Shannon de pé do lado da cama.

— Po-possa descolar alguma coisa pa-para você? — Shannon estendeu a mão e sentiu a testa do amigo.

No momento do contato, todo o corpo de Aden sacudiu com um pico de eletricidade, o fazendo perder controle da própria realidade. A mente consciente de Aden passou dele para o amigo e, de repente, ele estava vendo o mundo por meio dos olhos de Shannon. Assustador, estranho. Deitado na cama e, um segundo depois, de pé. A dor ainda percorria seu corpo. Ele continuava gemendo.

O estômago de Aden se rebelou na nova posição vertical, forçando-o a se debruçar e vomitar. Outra vez. Por sorte, alguém tinha deixado uma pequena lata de lixo metálica ali. Dan, talvez. Aden tinha a impressão de que se lembrava de ver Dan passando por ali algumas vezes para ver como ele estava.

— Saia. — ele conseguiu gemer para Caleb. Aden queria sair do corpo de Shannon.

A única resposta foi outro gemido.

Normalmente, as almas conseguiam manter controle. Caleb decidia quem e quando possuir. Às vezes, até mesmo Aden tinha controle. Se Caleb não quisesse possuir alguém e Aden realmente se esforçasse, o garoto conseguia entrar em outro corpo. Dessa vez, nenhum deles tinham controle, mas, ainda assim, tinham feito uma possessão.

Ele tentava sair do corpo de Shannon, como tinha feito com todos outros, mas algo o mantinha preso, amarrado ali, incapaz de se mover. Parado. Mais e mais ele tentava.

Finalmente, fraco, exausto, ainda mais dolorido, Aden desistiu e caiu de volta na cama. Ele não conseguia ouvir os pensamentos de Shannon; portanto, Aden provavelmente também estava no controle da mente do amigo. O que significava que Shannon não se lembraria do que estava acontecendo.

Ele esperava.

Deus, o que ele faria?

Quanto tempo o garoto passou deitado ali, contorcendo-se, isso ele não sabia. O tempo era gigantesco, infinito. Até que a verdadeira diversão começou.

Aden também perdeu controle da realidade de Shannon e, quando voltou a abrir os olhos, viu-se no corpo de um garotinho. Shannon, ele percebeu ao observar a cor escura dos braços. Uma versão mais jovem de Shannon.

No fim das contas, ele não tinha perdido o controle da realidade de Shannon. Mesmo se não tivesse notado as diferenças físicas, ele saberia. No fundo, de alguma forma, Aden sentia a realidade. Ele tinha viajado no tempo, até o passado de Shannon.

Aquilo não deveria ser possível. Não sem Eve, e certamente não na vida de outra pessoa. Antes, Aden sempre tinha viajado até momentos passados da própria vida. Agora, ele estava vendo e sentindo o que Shannon via e sentia. Pelo menos a dor física tinha ficado para trás e as almas estavam quietas.

Ele estava sentando em um balanço, indo para frente e para trás, pés minúsculos com sandálias batiam contra as pedras. As mãos pequeninas agarravam as correntes metálicas nas laterais, O sol, brilhando forte, era seu único companheiro.

— E-ei, Sh-Sh-Shannon. — zombou uma criança a poucos metros dali. Várias outras crianças se agruparam em torno dele, rindo, os garotos estavam do lado de fora de um colégio, durante o intervalo, Aden instintivamente sabia.

Havia um escorregador, um carrossel e um trepa-trepa, mas nenhum dos garotos parecia se importar com os brinquedos. Eles estavam completamente concentrados em Shannon.

— Minha mãe diz que você é esquisito assim porque sua mãe é branca e seu pai é negro. — disse o garoto mais alto, arremessando uma pedra na direção de Shannon.

A pedra bateu contra o estômago dele, e aquilo causou dor. Ele mantinha os olhos voltados para o chão. Ignore-os, eles vão acabar indo *embora*, era o que dizia sua mãe. No entanto, ele sabia que aqueles garotos não iriam embora. Nunca foram. A não ser quando a Sra. Snodgrass percebia e gritava, mas ela estava ocupada tirando a grama do cabelo de Karen Fisher. Portanto, seria melhor fazer o pedido a uma estrela cadente e torcer para ter sorte.

Outra pedra acertou Shannon, dessa vez na perna. Ele sentiu a ferroadada, mas, novamente, não reagiu.

—Você tem nome de menina, Gaguinho. Sabia?

Mais risadas faziam Shannon tremer por dentro. Não que ele deixasse aqueles garotos saberem disso.

Aden queria pular, jogar aquelas crianças contra o chão, mesmo elas sendo jovem como eram. E poderia ter feito isso. Ele ainda estava no controle do corpo. Porém, mudar o passado era mudar o futuro, e nem sempre para melhor. Na verdade, nunca era para melhor. Então ele sentou ali, inundado pelo constrangimento de Shannon e por um sentimento desprezível de solidão, esperando que fosse aquilo que o amigo tinha feito.

Todavia, a cena logo mudou. O playground desapareceu e tijolos vermelhos o envolveram. Os muros eram cobertos por pichações e, um pouco distante dali, ele ouviu sirenes de polícia gritando.

Fumaça fluía diante de seu corpo. Ele tossiu. Balançou a mão na frente do nariz e só então percebeu que havia um cigarro na outra mão.

— E então? — Perguntou outra pessoa. — O que você acha? Aden enfocou o olhar. Havia um garoto na frente dele. Provavelmente entre quatorze e quinze anos de idade, e também filmando. Como Shannon, ele era negro, embora com a pele mais escura, e, diferentemente de Shannon, os olhos do garoto eram castanhos.

Ele era bonito, pensou Shannon, embora não fizesse exatamente seu tipo; ainda assim, eles mantinham encontros secretos há três semanas. O que tornava Tyler tão interessante era o fato de que ele era primeiro garoto que Shannon conheceu, que admitia livremente gostar de outros garotos.

A maioria das pessoas aceitava Tyler. Algumas, entretanto, não. Como seu pai, por exemplo. O garoto sempre estava ferido. Mas ele não tentava esconder o fato de que era gay, ou de que tinha um lado feminino.

Até mesmo se sentia orgulhoso por isso, de uma boca com gloss e uma camiseta pink bem justa a unhas dos pés pintadas de vermelho.

Shannon ainda não tinha dito a ninguém sobre suas preferências. Seu pai não tinha idéia daquilo, graças a Deus, mas sua mãe... Ela devia ter suspeitado. Distraída como era, ela sempre o apresentava a garotas e então o questionava sem piedade. *O que ele tinha achado delas? Por que não as convidava para sair?*

— Shannon, volte para a Terra. — disse Tyler, rindo. — Você está me ouvindo?

— Ah, desculpa. O que você disse?

O senso de humor de Tyler desapareceu em um piscar de olhos.

—Veja bem. Como já repeti um milhão de vezes, eu disse que estou cansado de fugir. E dessa vez não vou deixar que você finja que não sabe do que estou falando. Então, ou você gosta de mim, ou não gosta. O que você me diz?

— Eu... — Aden rapidamente se calou. Ele não sabia o que Shannon tinha respondido. Tudo o que ele sentia era o pânico invadindo o corpo

— Diga alguma coisa!

— Eu... Eu... — E aquilo já não importava. A cena mudou novamente e, dessa vez, ele estava de pé, no centro de uma quadra de basquete ao ar livre. Havia garotos suados por toda a sua volta, dando tapinhas em suas costas e comentando sobre o ótimo trabalho que ele tinha feito.

Diante deles, no chão, estava um garoto inconsciente. Tyler. Ele reconheceu o rosto, embora estivesse inchado, ensangüentado e espancado. As mãos de Shannon latejavam. Aden as observou. A pele dos dedos estava rasgada. Por dentes. Dentes de Tyler.

Ele tinha sido agredido por Tyler? Por quê?

Culpa e vergonha o bombardearam. Remorso. Dor. Aversão a si mesmo.

A cena mudou outra vez, emoções caíram como as folhas de uma árvore. Agora ele estava dentro de casa, sentado no sofá. Fotos abundantes. Fotos dele. De um homem negro mais velho e de uma mulher branca. Os pais, ele pensou.

As bochechas coçavam, então ele levou a mão trêmula até elas. As mãos de Shannon estavam aquecidas e molhadas. De lágrimas? Alguém estava diante dele, andando, gritando. Por que Shannon tinha batido em Tyler?

Não, Aden se deu conta enquanto os pensamentos e os sentimentos de Shannon invadiam sua consciência. Porque Shannon tinha finalmente dito a verdade a seus pais. Ele era gay. Ele odiava ter feito o que tinha feito a Tyler. Queria poder voltar no tempo, parar de tratar o namorado daquela forma, como se ele fosse lixo. Como se ele fosse motivo de vergonha.

Seu pai gritava cada vez mais. Aquilo estava errado. Aquilo era um pecado. A mãe ajudava o pai, gritando histericamente por se sentir tão constrangida. Por que ele não podia ser normal?

Aden e Shannon eram muito mais parecidos do que pensavam. Shannon tinha sido chamado de estranho durante toda a vida, sido rejeitado pelos pais, rejeitado pelo sistema, indesejado por todos. Um lixo. Um motivo de vergonha.

— Shannon? — A voz masculina gritou de um túnel negro e enorme, então, alguém o sacudia. — Você também está doente?

Jogado de volta no presente, Aden piscou os olhos. Claridade demais queimava, lágrimas se formavam. Ele se viu em seu quarto, ainda na cama, novamente se contorcendo de dor. As almas gritavam em sua cabeça. Dan o encarava de cima, franzindo a testa, preocupado.

— Você está queimando. — O ar que Dan suspirou passou pelo rosto de Aden; até aquilo doía. — Isso significa que, seja lá o que for que Aden tem, é contagioso. — Dan olhou em volta. — Onde está Aden? Você quer que eu chame um médico?

Vários segundos se passaram enquanto o garoto, ainda zozinho, entendia os fatos. Ele ainda estava dentro do corpo de Shannon. Então, o que Dan queria saber era onde “Aden” estava. — Não. — ele conseguiu resmungar. — Aden está... Bem. Na escola. Eu também vou melhorar. — Em seguida, o garoto fechou os olhos outra vez e se virou para o lado. — Por favor, saia.

— Está bem, vou sair, mas descanse. Logo vou vir aqui outra vez para ver como você está e vou aproveitar para trazer um pouco da sopa de galinha com *noodles* que Meg está preparando.

Meg. A doce e bela esposa de Dan. Passos ecoaram, uma porta rangeu. Abrindo. Fechando.

Tantas mortes. Resmungou Elijah.

Meu Deus. Isso outra vez? Não! O vidente disse mais alguma coisa, mas outra voz logo se misturou à dele, chamando a atenção de Aden.

— Shannon. Onde está Aden? — Foi a pergunta.

Victoria, ele pensou. Mais uma vez, ele se esforçou para abrir os olhos. As luzes agora estavam apagadas e as cortinas, fechadas. O quarto estava banhado pela escuridão. Aden se

virou, deixando o rosto para cima. Como Dan, Victoria estava de pé ao lado da cama, encarando-o de cima.

Thomas estava ao lado dela, assistindo, escutando.

Quando a vampira estendeu a mão, Aden recuou.

— Não toque em mim.

A dor perturbou a expressão de Victoria, que apoiou o braço do lado de Aden. — Por quê? O que há de errado?

— Sou Aden. Aden. Preso. Se Victoria encostasse nele, ele acabaria possuindo também o corpo da vampira; levando Shannon com ele? Isso não tinha acontecido com Dan. É claro que Aden queria as mãos de Victoria tocando seu corpo, sempre, mas ele não estava disposto a arriscar.

Primeiro, ela pareceu confusa. Depois, assustada. — Eu sabia! Eu não devia ter deixado você. Eu sabia que você estava doente, eu só... Queria que você descansasse e estava com medo de que você não descansasse se eu ficasse aqui e, ah, Deus, agora estou falando demais. Sinto muito. Vou trazer Mary Ann, tudo bem? Vou deixar você sozinho, mas por pouco tempo.

Mary Ann. Perfeito. Ela neutralizava as habilidades. — Sim.

Talvez, talvez a presença dela o forcesse a sair do corpo de Shannon. Se não...

Deus. Ele estaria preso. Para sempre.



Mary Ann estava na cama, debatendo-se contra a aquecida, macia e estranhamente grande almofada térmica. A garota nunca tinha dormido de forma tão profunda e com tanta paz antes. Talvez porque esse fosse seu primeiro sono “verdadeiro” em um bom tempo e, portanto seu corpo realmente precisasse de algo drástico. Ou talvez porque esse pudesse ser seu último sono.

Não. Espere aí. Esse tipo de pensamento não fazia sentido algum. Ela teria ficado assustada, acordada a noite toda, virando-se de um lado para outro e se perguntando se realmente era uma Sugadora, se Riley tinha terminado com ela, se, depois dos últimos acontecimentos, as bruxas viriam atrás dela.

Agora, o virar-se de um lado para outro começava. O que ela faria? Como iria... Espere aí outra vez. Independentemente de como ela se movia, a almofada térmica continuava presa à lateral de seu corpo. Que estranho! Ainda mais estranho era o fato de ela não ter um cobertor. Ela tinha? Seus olhos se abriram subitamente.

Havia um lobo enorme e negro em sua cama.

Mary Ann se assustou, coração acelerava descontroladamente.

Shh. Sou eu. Está tudo bem.

As palavras reverberaram dentro da cabeça dela, profundas e roucas e familiares.

— Riley? — Mary Ann disse o nome mais alto do que planejava. Ela esfregou os olhos, espantando o sono, e olhou para o lobo. As luzes estavam apagadas e o sol ainda não tinha se levantado completamente, portanto, os detalhes eram confusos.

O mutante estava esticado ao lado da garota, a pelagem negra e o olhos verdes brilhavam.

— Riley. — disse ela, dessa vez, em tom de declaração.

O único e exclusivo.

— O que você está fazendo aqui?

E, mais importante, a aparência dela estava muito ruim? Mary Ann se observou. Ela vestia uma blusinha azul e os lençóis se amontoavam na cintura, cobrindo a parte inferior do corpo, impedindo que o mutante visse suas pernas magras e nuas. A garota passou a mão pelos cabelos. Alguns nós, mas nada excessivamente terrível.

Pode ser que você seja uma Sugadora e que aquela bruxa, Marie, suspeite disso. Agora você não vai mais dormir sozinha. Não mesmo!

Então ele se importava com ela. Ele ainda se importava. E ele tinha dito “*pode ser que você seja uma Sugadora*”, o que representava uma melhora desde a última conversa, quando ele afirmou sem rodeios que ela o mataria. Mary Ann esboçou um sorriso.

— Então você passou a noite toda aqui? — Protegendo-a.

Sim. Eu voltei logo depois de acompanhar Aden e Victoria até em casa.

— Fico feliz. E obrigada.

É um prazer.

Os olhares se encontraram e, durante um momento aquecido, ele a observava como fazia desde o início, antes das bruxas e da questão Sugadora, como se ela fosse importante, como se ela importasse mais que qualquer coisa no mundo. Uma garota poderia se acostumar a isso.

Alargando o sorriso, Mary Ann caiu de volta no colchão e desejou que tivesse acordado mais cedo.

— Riley, agora que nós dois estamos despertos, deveríamos conversar sobre a noite passada. Nós dois dissemos coisas que...

De repente, a porta do quarto se abriu violentamente e o pai da garota voou para dentro do quarto, carrancudo.

— O que está acontecendo, Mary Ann?

— Pai!

Em pânico, pega em flagrante, ela se sacudiu, levantando-se, puxando o lençol.

— O que você está fazendo?

— Você gritou o nome daquele garoto. Eu pensei que... — O olhar de Morris Gray pousou em Riley. O homem ficou parado, o terror escurecia seus olhos. Ele ainda estava de pijama, urna camisa de flanela e calças, então devia ter corrido direto da cama para lá.

— Mary Ann, querida, escute. Levante-se lentamente. Nada de movimentos bruscos, está bem? Quero que você se movimente devagar até aqui atrás, está bem? Faça isso logo, querida.

Meu Deus! Aquilo definitivamente não estava acontecendo.

— Pai. O... Ah... O cachorro é inofensivo, eu juro.

A maior mentira!

Para provar que era inofensivo, Riley lambeu a mão de Mary Ann. Arrepios brotaram na pele da garota e o calor invadiu as bochechas. Ela não queria que seu pai percebesse que o cachorro a estava deixando “Ligada”.

— Como você sabe que esse sarnento é inofensivo? — O pai da garota detestava animais desde sempre porque tinha medo. — E por que você não está se distanciando dele e vindo em minha direção? Não quero assustá-la, mas ele poderia triturar seu rosto, querida.

Riley enrijeceu o corpo.

— Eu sei... Que ele é inofensivo, eu sei. — disse ela. — Ele não vai me machucar. Ele é meu... Animal de estimação. — Por favor, não fique nervoso, Riley, ela pensou, embora soubesse que ele não conseguia ouvir seus pensamentos. — Ele tem sido durante as últimas semanas.

Os olhos azuis do pai de Mary Ann se arregalaram, pânico e medo abriram caminho para a confusão.

— Não. Não, isso é impossível. Eu ficaria sabendo.

— Sim, sim. Está vendo? — Ela envolveu o corpo volumoso de Riley com um braço e afundou o rosto naquele pescoço macio, abraçando-o bem apertado.

— Não. — insistiu o pai da garota, sacudindo a cabeça. — Você teria me dito. Eu saberia.

Ah, pai. Tem tantas coisas que você não sabe. Ela se endireitou, o coração ainda martelava contra as costelas.

— Eu sei que você tem essa fobia desenfreada de animais, por isso o mantive escondido. Mas, está vendo? Ele é educado. Ele não causa problemas. Eu juro.

Morris Gray estava novamente sacudindo a cabeça antes que a última palavra saísse da boca de sua filha.

— Essa coisa poderia comê-la no café da manhã, Mary Ann. Quero que ele saia. Agora. Sêrio?

— Pai, por favor. Por favor, deixe-o ficar aqui comigo. — disse ela, fazendo lágrimas se formarem nos olhos. Exagerando? Talvez. Mas ela precisava que seu pai aceitasse. Assim, Riley poderia entrar e sair livremente. Não haveria mais motivos para se esconder. Na verdade, ela devia ter pensado nisso antes.

— Ele me faz feliz. Desde... Você sabe. Desde o que aconteceu entre nós. — Lembrá-lo da briga que ocorrera entre eles era um golpe baixo, mas Mary Ann estava desesperada.

Finalmente, seu pai cedeu.

— Talvez ele não tenha tomado todas as vacinas.

Ele não tinha dito “sim”, mas ela sabia. A vitória seria dela. Mary Ann queria rir, bater palmas e dançar.

— Eu mesma cuidarei de levá-lo ao veterinário.

Uma pausa. Um suspiro. Ele beliscou a área entre os olhos.

— Você o chamou de Riley.

Uh-oh.

— Sim.

— Então você batizou seu animal de estimação com o nome do seu namorado?

— Uh, sim.

— Por que você fez isso?

Será que ele estava estudando todas as motivações psicológicas daquela situação?

— Só me pareceu... Apropriado. Ambos me protegem.

Pronto. Uma verdade.

O pai de Mary Ann amoleceu um pouco mais.

— E Riley sabe disso?

— Sim, e ele aprova. Ele disse que se sentiu lisonjeado.

— Isso só prova que ele é estranho e que você não devia andar com ele.

— Essa é sua opinião profissional? — Perguntou a garota, enfaticamente.

Ele permaneceu em silêncio por um longo período.

— Não posso acreditar nisso. Um vira-lata sarnento em casa durante esse tempo todo. Está bem. Continue com ele. Mas se ele sujar o tapete, pode dizer adeus.

Ela apertou os lábios para evitar o sorriso.

— Entendido.

O pai de Mary Ann deu meia volta e então olhou para trás.

— E se ele rosnar para você, uma vez que seja, adeus. Ele parece selvagem.

Eu sou, disse Riley dentro da cabeça dela.

Não ria, ela disse a si mesma.

O homem parou próximo da porta.

— Onde isso aí fica quando você está na escola?

Isso aí. Que ótimo.

— Lá fora.

—Você pode estar trazendo pulgas para casa, Mary Ann.

Não. Risos.

— Ele é limpo, pai. Eu juro. Mas se eu vir uma pulga sequer, dou um bom banho nele.

Isso poderia ser interessante, disse Riley.

— E obrigada. — ela acrescentou. — Por tudo.

— Sem problemas.

O pai da garota saiu e fechou a porta, deixando-a sozinha com Riley.

Finalmente, permitindo-se demonstrar o quanto estava se divertindo, Mary Ann voltou a se deitar e abraçou seu vira-lata sarnento.

Dezesseis



SUJAR O TAPETE. ROSNOU Riley. Até parece.

Mary Ann continuava rindo até que lágrimas descessem pelas maçãs do rosto. Tudo parecia envolver tanto terror e tanta suspeita, corridas e esperas, tanto tempo apreensivos pelo que iria acontecer e por quais seriam os resultados que a garota se sentiu um pouco estranha em encontrar humor naquilo, mas ela não pôde se conter. Na verdade, ela não queria se conter.

Riley não ajudava. *Pulgas. Sarnento. Outro rosnado. Vamos ver o que vai pensar de mim quando eu mastigar o joelho dele.*

— Nada disso. — disse ela em meio aos risos — Ou você será expulso.

Riley rosnou novamente, mas agora relaxou contra o colchão, cona o corpo dela.

Meu pêlo é macio, caramba.

Mary Ann finalmente se acalmou, embora ainda tivesse um sorriso largo e inegável.

— Muito macio.

Ele suspirou. *Agora volte a dormir. Você precisa descansar o máximo que puder.*

A garota queria protestar. Queria mesmo. Porém, enquanto estava deitada ali, acariciando-o, escutando-o ronronar uma aprovação, o calor e a maciez de Riley funcionavam como uma droga para Mary Ann, levando-a a escuridão como nada mais poderia levá-la. As preocupações derretiam, desapareciam, deixando apenas uma sensação de alegria.

Mary Ann *tinha sentido falta disso*. E saber que ele estaria aqui quando ela acordasse...

Quando a garota voltou a abrir os olhos, bocejando, Riley ainda estava ao seu lado. Está vendo? Ainda ao lado dela. Mary Ann puxou o celular, que estava sobre o criado-mudo, e olhou o relógio. Sua testa franziu. Ela tinha mais quinze minutos antes de se levantar e tomar banho para ir à escola. Mary Ann queria poder ter uma hora. Ela e Riley ainda não tinham conversado.

Bem, fazer o quê? Não tinha muito o que fazer. Ela iria saborear aqueles quinze minutos como se fossem os últimos de sua vida. Com a luz forte da manhã, entretanto, todas as preocupações de Mary Ann voltaram, inundando a mente. A noite anterior passava várias e várias vezes na cabeça.

Estamos namorando, ele tinha dito. *Pelo menos acho que estamos.*

Ai!

Um dia você irá matar todas as pessoas que eu amo, ele acrescentou. *Caramba, um dia você vai me matar.*

Duas vezes “Ai”!

Não, ela não iria saborear. Um dia, se ela fosse uma Sugadora, como ele suspeitava, ela poderia acabar levando Riley à morte. Matar o garoto que tinha trazido vida para ela, que a tinha tirado daquele mundinho seguro que ela tinha criado para si mesma, onde ela nunca sentia nada de verdade, mas apenas operava em piloto automático. Ela não deixaria isso acontecer. Não mesmo!

Se Mary Ann tivesse de deixar Riley e todas as outras pessoas que conhecia e amava, ela faria isso. Mas... Um “mas” enorme. Isso não significava que a garota não estava disposta a fazer tudo o que estivesse dentro do seu alcance para provar que ela não era uma Sugadora.

Ou fazer o que fosse necessário para voltar a ser o que era antes de se tornar uma Sugadora, se fosse uma.

Com fome? Perguntou Riley, risonho.

A voz do lobo deslizava para dentro da mente dela, tão quente quanto seu corpo. Mary Ann olhou em volta. O estômago estava vazio, mas não doía e nem reclamava.

— Não. — ela admitiu, embora quisesse muito mentir.

Suspirando, o lobo pulou da cama e caminhou até o banheiro para se transformar novamente em humano e vestir as roupas que escondia. Essa não era a primeira vez que ele tinha ficado no quarto de Mary Ann. E, se tudo corresse como o planejado, também não seria a última. Enquanto Riley se arrumava, a garota correu até a porta e a trancou. Logo em seguida, sentou-se no canto da cama para vê-lo sair.

Não precisou esperar muito. A porta do banheiro abriu poucos minutos depois e Riley saiu vestindo calças jeans. E nada além de calças *jeans*. Ela prendeu a respiração ao vê-lo. Tão bronzeado, tão definido e musculoso. Ele era o que se poderia chamar de “o sonho, em carne e osso de todas as garotas”. É sério! Você praticamente precisava mostrar o RG para tocar naquele tanquinho.

Talvez por isso ele exalasse aquela vibração inegável de *bad boy*.

E ele é meu, pensou Mary Ann, orgulhosa.

Talvez. Por enquanto.

Ajustando os ombros, recusando-se a cair em depressão, a garota empurrou-se para fora da cama.

— Vou demorar só um minuto.

— Está bem.

Riley caminhou até a cama e Mary Ann foi até o banheiro. Ela rapidamente escovou os dentes e fez o que precisava ser feito. Havia círculos escuros em volta dos olhos, apesar do repouso tranquilo durante a noite. Além disso, as bochechas estavam um pouco afundadas.

Não pela primeira vez, ela se pegou desejando que fosse bonita como Victoria. Ou como Lauren. Mary Ann fechou a expressão. Lauren, que tinha namorado e só recentemente terminado com Riley. Lauren, que provavelmente beijava melhor, definitivamente era mais forte, extremamente mais confiante e, acima de tudo, não mataria Riley e aqueles que ele amava.

A auto-estima de Mary Ann voltou a despencar.

Sentindo repulsa de si mesma, a garota voltou para o quarto. Novamente, Riley estava reclinado na cama e ela se ajeitou ao lado dele, descansando a cabeça em seus ombros. Ele era tão quente quanto quando estava coberto de pêlo. Ele é meu, Mary Ann pensou novamente, enquanto o coração de Riley batia contra a têmpora dela. A têmpora dela. Não a de Lauren. Não a de nenhuma outra pessoa.

Talvez.

Ela enrijeceu o corpo. “Talvez”, novamente. A palavra era como um câncer em seu cérebro, consumindo-a, destruindo-a. Quanto mais tempo ela passava com ele, mais se sentia apaixonada. Isso era fato. Outro fato? Quanto mais ela se apaixonava por ele, mais difícil seria deixá-lo, se, em último caso, precisasse fazer isso para salvá-lo. E, sim, ela o deixaria com o propósito de salvá-lo.

— Algum problema? — Riley tinha passado um braço por debaixo do corpo dela, e esse braço agora a envolvia. Com a ponta dos dedos, o mutante acariciava a sobrancelha de Mary Ann.

— Só estou pensando. — ela respondeu.

— Sobre?

— Se sou uma Sugadora. Quando teremos certeza? Como saberemos ao certo?

Riley suspirou e, como era de se esperar, ignorou as perguntas.

— Ouça, eu não devia ter gritado com você ontem à noite. Eu estava furioso e preocupado com a minha família. Mas você também é minha família e eu sinto muito. Eu não devia ter tratado você daquela forma.

—Você não precisa se desculpar. — Isso era verdade, mas, sim, ela gostava de ouvir aquelas palavras vindas direto da boca dele. — Estamos falando de um assunto sério e perigoso. E se algo estivesse ameaçando meu pai — *ou você* —, eu teria reagido da mesma forma.

— De qualquer forma — ele deu um leve beijo na bochecha dela. — assim que deixei você em casa e fui acompanhar Victoria e Aden... Pensar em você em perigo me fez suar e xingar e praticamente enfiei aqueles dois no quarto deles para que pudesse voltar logo para você. E a propósito, continuarei dormindo aqui todas as noites, até quando as bruxas já não forem uma ameaça para você.

Que cara doce! — Só não suje o tapete. — ela satirizou.

Ele simulou um rosnado. — Engraçadinha.

De repente, um pensamento passou pela cabeça de Mary Ann, fazendo-a franzir a testa. —Você costuma se esconder quando ouve meu pai. Por que não se escondeu dessa vez?

Riley encolheu os ombros. O movimento fez a cabeça de Mary balançar para cima e para baixo. — Eu queria que ele me visse. Quero poder entrar e sair quando for necessário sem precisar temer que ele atirasse em mim quando me visse.

— Esperto.

— Genial. — disse Riley.

O garoto, então, fez uma careta.

— E... Voltando ao assunto em questão, fiz algumas perguntas poucos minutos atrás e você me ignorou. Eu realmente gostaria que você me respondesse. Então. Em primeiro lugar, quando teremos certeza de que sou uma Sugadora?

— Na verdade, não vamos voltar a esse assunto. Vamos esquecer essa coisa de Sugadora por enquanto.

— Não, eu não posso fazer isso. — Não quando Riley podia estar em perigo. — Por favor, responda.

O garoto suspirou novamente, o ar quente arrepiava os fios de cabelos mais finos de Mary Ann e os empurrava contra as sobrancelhas. —A comida a deixa enjoada porque seu corpo não precisa mais dela ou simplesmente não quer comer. Você passará a sentir necessidade de estar próxima das bruxas e de outras criaturas. Você passará a conhecê-las, o que elas são, o que elas podem fazer, antes mesmo de vê-las.

Estômago revirando... Nada daquilo a ajudava. Ela já tinha começado a sentir quando essas criaturas estavam por perto. Ela sabia que Marie estava na cidade antes de vê-la. E, sim, ela adoraria sentir aquele ataque de magia outra vez. Tinha necessidade daquilo, como Riley dissera.

— Se acontecer alguma dessas coisas, conte para mim.

Ela faria mais que apenas contar. Ela mostraria para ele. Mary Ann se levantou da cama e caminhou até a escrivaninha.

— O que você está fazendo?

— Descobrindo.

Talvez Mary Ann devesse ter esperado até que estivesse sozinha, mas Riley precisava saber tanto quanto ela sabia. Tremendo, ela tirou um doce da primeira gaveta, na qual havia pacotes de castanhas e de chocolates. Era a gaveta em que ela armazenava guloseimas emergenciais para quando passava horas estudando. A garota abriu o pacote, virou-se para Riley, que estava tenso e ansioso, e deu uma mordida.

O comum era que ela fechasse os olhos e se deliciassem com a doçura do chocolate. Dessa vez, o alimento era como cinzas na boca. Mary Ann sentiu o estômago protestar, quase revirar, mas ela conseguiu, ela se esforçou e engoliu. E engolir aquilo era como engolir um pedaço de carvão.

Primeiro, ela sentiu remorso. Depois, o enjôo de que Riley havia falado, um enjôo forte, que a consumia, que atacava cada centímetro do corpo. A bilis subiu, queimando a garganta. A qualquer momento ela iria... Com os olhos arregalados, ela correu até o banheiro, curvou o corpo e vomitou no vaso sanitário. Vomitou mais e mais.

Quando seu estômago finalmente estava vazio, Mary Ann escovou os dentes. Uma vez. Duas vezes. E então bochechou o enxaguante bucal por vários minutos, até que toda a sua boca formigasse por conta do álcool. Durante todo esse tempo, a tremedeira aumentava.

Não. Não, não, não.

— Está melhor? — Perguntou Riley quando ela entrou no quarto.

— Estou bem.

— Pode ser nervosismo.

— É...

Mas Mary Ann sabia. No fundo, ela sabia. E Riley também. Talvez eles não quisessem encarar os fatos, talvez quisessem negar com toda a alma da própria existência, mas era impossível. Não dava mais. Aquela rota era diferente agora. Ela tinha mudado.

Ela era uma Sugadora.

Quase em transe, Mary Ann voltou para a cama e buscou seu lugar ao lado de Riley. Ela precisaria deixá-lo. Se não fizesse isso, um dia ela o acabaria ferindo. Essa seria a última vez em que ela estaria assim com ele?

— Tenho certeza de que é nervosismo. Uma profecia que se realizou. — disse o garoto, agora com a voz desprovida de emoção. — Eu disse que sentiria enjôo, por isso você sentiu.

Ele sempre era o realista, e ela, a sonhadora. Porém, agora parecia que os papéis tinham se invertido.

— Riley. — disse ela, suavemente.

— Não. — ele interrompeu, como se suspeitasse para onde a garota levaria a conversa. — Já falamos sobre esse assunto. Agora podemos falar de outra coisa. — Ele beijou novamente a bochecha de Mary Ann. — Quero que você saiba que, ontem, quando disse que talvez estivéssemos namorando, eu ainda estava assustado. Eu não queria ter dito aquilo e agora quero chutar meu próprio traseiro. Estamos namorando. Então nem pense em sair com outro cara. Você é minha e eu não quero e nem vou dividir você com ninguém.

Palavras mais doces jamais tinham sido ditas e Mary Ann poderia estar voando em meio às nuvens, perdida em felicidade. Porém, as únicas palavras que a garota se viu dizendo foram: — Riley... Eu não sei. Quer dizer...

— Ah, não. Não, caramba. — Riley virou o corpo, prendendo Mary Ann na cama, jogando seu peso sobre o corpo dela. Ele era pesado, mas aquele peso não era desagradável. Ela gostava daquilo, gostava de tê-lo ali. — Você está querendo terminar?

Não. — Sim. — Deus! Ela não conseguia acreditar que tinha acabado de dizer aquilo. Riley era tudo para ela e, ainda assim, ela era perigosa para ele. Mary Ann não arriscaria a vida do garoto, nem mesmo para mantê-lo ao seu lado, mesmo que isso fosse a coisa que ela mais desejasse no mundo.

— As coisas são um pouco mais complicadas, é verdade, mas isso não significa que acabou.

Lágrimas queimavam os olhos de Mary Ann, brotando, transbordando. Pare com isso. Pare de falar. Não faça isso. — A... Acabou. — Se existisse outra saída... E talvez existisse. Ela a encontraria, conforme tinha planejado. Pesquisas, experiências. Não importava o quê.

Porém, até lá, nada de Riley. Nada de alimentar seu vício de estar ao lado dele. Nada de contemplá-lo, esperá-lo, apoiar-se nele, precisar dele.

Os olhos do garoto se estreitaram. — Se é assim, então você não vai se importar em tomar aulas de autodefesa comigo.

E ele colocar as mãos nela? Como ela resistiria àquele garoto?

— Isso meio que destrói o propósito do que estou tentando fazer. *Protegê-lo, pelo menos uma vez.*

— E o que você está tentando...

— Mary Ann. — chamou o pai da garota no andar de baixo. A voz ecoava pelas paredes e os interrompeu. — Está acordada?

— Estou — ela gritou de volta.

— O café da manhã estará pronto em vinte minutos.

— Obrigada.

— De nada.

Ela se contorceu, afastando-se de Riley, e se levantou, mantendo-se de costas para ele. — Acho melhor você ir. Preciso me trocar.

Ele se sentou. — Vou sair, mas volto para acompanhá-la até a escola. A não ser que você queira matar aula e ir até a cidade para encontrar outra bruxa. Quanto mais moeda de troca tivermos, em melhor posição estaremos.

Riley estava pedindo para que ela o ajudasse agora, em vez de tentar deixá-la para trás para mantê-la segura. Surtiu efeito. Ele precisava saber o quanto aquilo a afetava. — Não posso. Tenho uma prova de química e não posso faltar. — Não que um boletim perfeito fosse fazer alguma diferença na vida após a morte, mas parte dela queria fingir que essa era uma semana comum.

— Está bem, eu...

De repente, Victoria apareceu no meio do quarto, e Mary Ann engoliu em seco, jogando a mão contra o coração. A princesa vampira estava mais pálida que o normal, com uma enorme preocupação claramente estampada no rosto.

—Você precisa vir comigo. — ela disse a Mary Ann. — Aden está preso no corpo de Shannon e não consegue sair.

Mary Ann já tinha visto Aden entrar em um corpo (uma vez o garoto havia possuído o corpo de Riley quando o mutante estava na forma de lobo) e aquela visão a tinha assustado até a alma. Agora ele tinha possuído o corpo de Shannon?

—Vou me vestir e encontro você no rancho.

— Não. Isso vai demorar demais. Eu vou teletransportar você.

Mary Ann sufocou um gemido.

— Está bem. Mas precisarei driblar meu pai e convencê-lo de que estou indo para a escola. — Enfim, esqueça a prova de química. — Vou encontrá-la no portal, na saída da rua.

—Vou com vocês. — disse Riley, levantando-se.

Victoria negou com a cabeça, inflexível. —Você não pode ir. Você impede Mary Ann de usar a habilidade de neutralizar. Você precisa ficar para trás.

Teimoso, ele disse:

—Vou levá-la até a saída da rua, então, e vocês podem me deixar lá.

Depois de consentir apressadamente, Victoria desapareceu.

Mary Ann ficou em silêncio enquanto puxava um agasalho e uma calça jeans de seu guarda-roupa. Ela continuou em silêncio enquanto se vestia no banheiro. Quando terminou, pegou os livros e a mochila. Ainda em silêncio. Riley já tinha tirado a calça (onde ele a teria guardado?) e se transformado em lobo.

Juntos, eles desceram correndo as escadas em direção à cozinha. O cheiro de ovos e bacon invadia o ar. Mary Ann não ficou com água na boca. Seu estômago não ameaçou virar, todavia. Já era um progresso.

— Pai. — disse a garota, cumprimentando.

Ele se virou, avistou Riley e ficou congelado. O rosto do homem estava estampado com repulsa e terror. Havia linhas de tensão em volta dos olhos, como se ele não tivesse dormido depois que deixara o quarto de Mary Ann.— Meu Deus! Eu não tinha percebido como essa coisa aí é grande.

—Desculpa, pai, mas não tenho tempo para tomar café da manhã. Eu tinha me esquecido de que queria chegar mais cedo hoje para estudar para minha prova de química.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Você quase não tem comido ultimamente. Não pense que não percebi. Pelo menos leve um pedaço de bacon. Bacon é bom para a memória.

Ela não queria discutir, por isso pegou o pedaço de bacon que o pai lhe passou.

— Obrigada.

— Quer uma carona?

— Nem. — Casual demais? — Preciso oxigenar o cérebro e tal.

— Boa sorte, querida.

— Obrigada. Amo você.

Dizendo isso, ela passou pela porta e correu até o fim da rua, Riley mantinha o ritmo ao lado dela.

Engraçado. No caminho até lá, ela podia jurar ter visto Tucker, acompanhando, mas Riley não pareceu perceber nada (e Riley percebia tudo), então, ela se convenceu de que estava vendo coisas.

Além do mais, mesmo se Tucker estivesse ali, mesmo se ele a estivesse seguindo, ela não tinha tempo para parar e interrogá-lo. Aden precisava dela. Mary Ann rezava para que pudesse ajudá-lo. Rezava para que não prejudicasse ainda mais seu amigo.

Dezessete



DUAS VOZES CHAMAVAM POR ADEN. Ambas femininas. Ambas alarmadas.

— Tente algo diferente.

— Como o quê? Já tentei de tudo. Gritar, sacudir, dar tapas.

— Ele está dentro desse corpo. Tire ele daí agora.

— O que você quer que eu faça? Enfie a mão pelo peito dele?

— Sim.

— Você é um saco! Como Aden consegue aguentar você? Mas tudo bem, vou fazer isso. Vou tentar.

Naquele momento, Aden estava dentro do corpo de Shannon, viajando pela mente e pelas memórias do amigo, revivendo um passado tão doloroso e solitário quanto seu próprio passado havia sido. No momento seguinte, ele estava do lado de Mary Ann, descansando as mãos sobre as mãos dela.

A garota tremia enquanto o rosto brilhava por causa da transpiração, com olhos vidrados em meio ao choque e à fadiga.

— Vocês viram isso? — Arfou a garota. — Viram? Eu não consigo acreditar que acabei de fazer isso. Digam que vocês viram o que aconteceu!

— O que aconteceu? — Resmungou Aden. Deus, ele sentia dores. Cada centímetro do corpo doía como se ele tivesse sido atingido por um taco de basebol. Ou talvez por uma bola de boliche.

Victoria foi até o outro lado de Aden. A vampira ainda estava boquiaberta, parecendo tão impressionada quanto Mary Ann.

— Você está bem. Você vai ficar bem agora.

Ela estava tentando convencê-lo? Ou estaria tentando convencer a si mesma?

— O que aconteceu? — Aden perguntou novamente.

— Ela... Mary Ann enfiou a mão no peito de Shannon. Puxou você para fora. Num primeiro momento, você parecia um fantasma, não estava totalmente materializado. Aí, logo depois, você estava aqui. Eu nunca... Nunca vi nada assim.

Algun dano colateral? Aden observou. O joelho era o que mais doía e o corpo estava tremendo. No entanto, o garoto não estava vomitando e nem paralisado. O efeito do veneno já tinha passado. Graças a Deus. Ele quase entrou em colapso, aliviado.

Elijah, Caleb e Julian já não estavam gemendo ou tagarelando frases incoerentes. Os três estavam quietos. Os três estavam lá, Aden podia perceber, mas quietos como se estivessem exaustos depois de toda aquela provação. Como se estivessem precisando de repouso.

Apesar da presença de Mary Ann, Thomas ainda estava por ali. Havia apenas um esboço da imagem do elfo, mas Aden ainda conseguia vê-lo. Thomas estava sentado na cadeira da escrivaninha, braços cruzados e expressão teimosa. Ainda assim, o elfo não conseguia esconder o interesse que se estampava nos olhos. Ele observava e analisava todos os detalhes.

Estranho. Riley não estava ali. Mary Ann deveria ter neutralizado completamente todas as habilidades de Aden. Por que isso não tinha acontecido?

— A... A-Aden — Shannon lentamente se sentou e correu os olhos pelo quarto. O garoto esfregou os olhos com dedos trêmulos. — O-o que aconteceu? Eu e-estava de pé na sua frente. Não estava? Como eu vi-vim parar na cama?

Então ele não sabia que Aden tinha estado em sua mente. Graças a Deus por isso também.

—Você desmaiou. — foi à única coisa que o cérebro confuso de Aden conseguiu criar de forma impulsiva naquele momento.

— De-desmaiei? Por quê? — Shannon olhou para o relógio, sacudiu a cabeça e esfregou os olhos. — Sã-são nove e quinze. Como assim nove e quinze? Eu te-tentei acordar às seis e meia. Eu devia estar na escola. Dro-droga! Estou atrasado. Dan va-vai ficar louco, ele...

— Ele acha que você está doente. — Aden se lembrou de que Dan os tinha visitado e também do que tinha dito o dono do rancho D&M. — E você estava. Por alguns momentos.

Shannon se acalmou, focou o olhar nas garotas e franziu a testa.

— O que vocês estão fa-fazendo aqui? E quando vocês entraram? Nossa, isso é es-estranho. Eu nunca tinha des-desmaiado antes. Eu nunca me a-atrasei assim.

— Shannon. — disse Victoria. De repente, a voz da vampira tinha se tornado carregada, dividida... Poderosa.

A voz. Aden estendeu a mão e agarrou o pulso de Victoria. Quando a vampira focou o olhar nele, o garoto sacudiu a cabeça, negando.

— Não faça isso. — Shannon tinha se sentido desprotegido e sem ninguém durante toda a vida e Aden não queria piorar aquilo, independentemente se seu amigo perceberia ou não o que estava acontecendo.

Embora estivesse claramente confusa, Victoria concordou.

— Shannon, você se sente disposto para ir à escola? — Perguntou Aden.

— Si-sim. Eu me si-sinto bem. Exceto por ter perdido a hora.

—Você ainda pode ir, se quiser.

Uma sobrançelha escura se levantou.

—Você vai?

Aden negou com a cabeça.

— Sim, mas não agora. — Do jeito que as coisas estavam, ele não conseguiria prestar atenção nas aulas tão cedo. — Ainda não estou cem por cento.

— Está be-bem. Entendi. — Shannon inclinou a cabeça para o lado. — Mas talvez, um dia, você conte seus se-segredos para mim. Até mais tarde. — acrescentou Shannon antes que Aden pudesse responder. Com movimentos lentos, o garoto se levantou, inclinou o corpo e pegou a mochila. Então, seguiu para fora do quarto, para fora do alojamento. Batendo a porta ao sair.

Então Shannon suspeitava que alguma coisa estava acontecendo.

Guarde essa preocupação para mais tarde. Aden olhou para baixo, observando a si mesmo. Tudo o que ele tinha sobre o corpo era uma samba-canção e suor. O joelho estava coberto com sangue ressecado, e a pele ainda cortada, pálida, com um tom acinzentado. Certo.

—Vocês poderiam ficar por aqui enquanto tomo um banho?

— É claro. — disse Victoria.

— Está bem. — concordou Mary Ann. Ela olhava para as mãos, colocando-as sob a luz. — Mas, primeiro, você poderia nos contar, por cima mesmo, o que aconteceu aqui? Só algumas informações para que possamos entender as coisas antes de matar você.

— Eu... Viajei no tempo, no passado de Shannon. — Aden pegou algumas roupas. Uma camiseta cinza, sem estampa, e calças jeans.

— Essa era a habilidade de Eve. — disse Victoria. — E não sua.

— Eu sei. Talvez, não sei, talvez quando ela se foi, de alguma forma a habilidade dela ficou comigo. Ou talvez ela até mesmo tenha me dado essa habilidade... Um último presente, para o caso de eu vir a precisar corrigir um erro.

— Ou talvez você tenha viajado tanto no tempo que seu corpo simplesmente aprendeu a fazer isso sem ela. — disse Mary Ann. — Você já ouviu falar de memória muscular, não ouviu? Quando um movimento é repetido múltiplas vezes, uma memória muscular de longo prazo é criada para aquela atividade específica e logo a pessoa pode realizá-la sem qualquer esforço consciente.

Aquilo fazia sentido. Tanto quanto qualquer coisa na vida de Aden fazia sentido naqueles dias.

— Mary Ann, você é genial.

Ela sorriu.

— Eu sei.

Aden correu para o banheiro, onde apressadamente tomou banho e se vestiu. Quando voltou ao quarto, Riley já estava lá, sentado na beirada da cama, duro, claramente desconfortável. Mary Ann estava o mais distante possível do mutante, apoiada contra a porta do guarda-roupa e olhando para qualquer coisa que não fosse o lobo. Claramente, fosse lá o que os atormentava ontem, aquilo ainda precisava ser solucionado.

O único motivo que os poderia ter feito brigar era a aula de auto-defesa. Riley ainda estava fazendo birra? Oh, céus!

Victoria estava sentada diante da escrivaninha, calma novamente. Thomas tinha se deslocado até a janela e sua imagem já não era um esboço, mas uma figura clara e brilhante como de costume.

— Ah, que bom que você voltou. Eu encontrei isso. — disse Victoria enquanto passava uma folha de papel para Aden. — É para você, de Dan. Não se preocupe. Ele não tem idéia de onde estávamos. Eu tomei conta disso.

O garoto olhou para baixo e leu.

Aden,

Você tem outra sessão com o Dr. Hennessy na tarde de hoje. Desculpe-me por avisar na última hora, mas ele só telefonou para dizer isso hoje de manhã. Pensei que você estava doente, então disse que seria impossível. Logo depois encontrei Shannon, que estava melhor e indo para a escola. Ele me disse que você também estava melhor e que já estava no colégio, por isso, telefonei para o médico. Fico feliz por você estar melhor. Espero que cumpra seus deveres depois das aulas.

Além disso, contratei uma nova tutora e ela vem jantar com a gente para conhecer vocês. Mas isso será depois da sua sessão de terapia, então, não precisa se preocupar. Mesmo sabendo que ela não será sua tutora, eu gostaria que você participasse do jantar para ajudar a dar as boas-vindas.

Dan

Ótimo. Mais Dr. Hennessy. E outra tutora? Aden lançou um olhar para Thomas. Seria essa nova tutora uma fada? Ou mesmo o prenúncio da morte que Thomas havia prometido? Aden supunha que descobriria essa noite. Ele amassou o papel e o jogou na lata de lixo.

— Então, o que aconteceu com você? — Perguntou Mary Ann, e o garoto sabia o que ela queria. — Todos os detalhes dessa vez.

— Era uma vez um duende que mordeu minha perna... — Aden contou tudo, exceto o que tinha descoberto sobre o passado de Shannon. Aquilo, afinal, era um segredo de seu amigo. Ele já não se importava com o fato de Thomas estar ali, escutando. De qualquer forma, o cara não podia fazer nada com aquilo que viesse a descobrir.

— Sinto muito por não tê-lo protegido, Majestade. — disse Riley, levantando-se e arqueando o corpo. — Assumo total responsabilidade por sua dor.

— Eu não sou seu rei. — A negação saiu automaticamente da boca de Aden. — E a responsabilidade é minha.

— Obrigado pela exoneração, Majestade — Que tom mais rígido, formal... Irritante. — Prometo que nada desse tipo voltará a acontecer.

Aden virou os olhos.

— Você é um idiota, Riley.

Victoria envolveu Aden nos braços e apoiou a cabeça do garoto em seu ombro, o corpo dela estava quente como fogo.

— Você tem se ferido demais ultimamente. Não é de se espantar que Elijah ache que você morrerá em breve.

— O quê? — A pergunta explodiu na boca de Riley.

— Ops! — Disse Victoria, fazendo uma careta. — Desculpe.

— Parece que preciso contar outra história que também não é um conto de fadas. Suspirando, o garoto começou a contar a profecia de Elijah. Que em breve Aden morreria em uma rua escura, com uma faca no coração. Embora tentasse, ele não podia evitar o medo que saía junto a voz.

— Ah, Aden. — disse Mary Ann com lágrimas nos olhos. — Eu já sabia, mas ainda assim... Isso é...

— Você sabia? Sabia e não me contou? Obrigado por me manter atualizado, querida.

Riley praticamente exalava cinismo em meio à sua raiva.

— Em primeiro lugar, faz pouco tempo que fiquei sabendo. E, em segundo lugar, estávamos com a cabeça em outros problemas — ela levantou a voz. — Eu pretendia contar depois que esse final de semana infernal chegasse ao fim.

O lobo aceitou a explicação, concordando duramente com a cabeça.

— Aden, você não vai se ferir enquanto eu estiver observando, isso eu juro.

— Obrigado.

Mais tarde, Aden diria a Riley que nada poderia ser feito. E sim, ele já tinha planejado tentar fazer alguma coisa sozinho, ainda planejava fazer alguma coisa sozinho, mas não queria aumentar as expectativas do mutante.

Mas, mais tarde. Sempre mais tarde. Como Mary Ann havia dito, eles já tinham assuntos suficientes com que se preocupar durante aquele final de semana infernal.

— Então, quais são os planos para hoje? — Perguntou Aden, mudando de assunto. Ele levou Victoria até a cama, ajudou a vampira a se sentar e a ajeitou no colo. Depois de tudo o que havia enfrentado, o garoto estava pronto para deixá-la ir embora. Felizmente, ela o abraçou, sem preocupar com quem estava por ali.

— Vamos para a escola. — disse Riley, ainda lutando contra as emoções. — Meus irmãos estão avisando todas as criaturas na cidade que temos uma bruxa em nosso poder. O que

significa que o show deve começar esta noite. Aproveitem hoje para atualizar todas as matérias. Amanhã pode ser que vocês estejam com muita... Dor.

Em outras palavras, haveria uma briga. Ótimo. Para piorar, não havia nada que eles pudessem fazer agora. Exceto esperar. E ter esperança. E fazer orações.



Durante todo o dia, Aden esperava que uma bruxa surgisse em qualquer lugar e o atacasse. Se não uma bruxa, então alguma outra coisa, qualquer coisa. Um duende enfurecido, talvez, ou um vampiro com alguma acusação. Até mesmo uma fada tentando arrancar sua cabeça

Em vez disso, ele chegou à escola em tempo para almoçar, comeu, assistiu às três aulas que vieram logo depois e boom, era isso. Fim das aulas, hora de ir para casa. Nada aconteceu.

Aden quase se sentia decepcionado com a ausência de lutas. Apenas mais dois dias antes que o feitiço de morte acometesse seus amigos. Aquilo era muito pouco tempo para qualquer um se sentir à vontade. Um ano seria muito pouco tempo. Ele tinha de fazer alguma coisa.

Victoria o acompanhou no caminho de volta para casa. Quando o deixou no rancho, a vampira estava tão silenciosa e distraída quanto ele.

No quarto, Aden encontrou outra nota de Dan, lembrando-o de suas atividades. E isso incluía a sessão de terapia. Como se ele fosse esquecer. Aden foi até o celeiro para limpar os estábulos e alimentar os cavalos. Ele adorava cavalos e detestava o fato de não andar passando muito tempo com eles na última semana. Às vezes, como recompensa especial por bom comportamento, Dan deixava Aden e os outros garotos andarem a cavalo.

As almas também adoravam os eqüinos e conversavam delicadamente com os belos animais enquanto Aden trabalhava. E, sim, fazer as coisas normais parecia estranho. Agir normalmente, com os outros garotos trabalhando junto com ele. RJ, o ruivo, zoava Seth. E Shannon e Ryder e Terry e Brian. O garoto faria dezoito anos na semana seguinte, e, logo depois, seria a vez de Terry. Aden os ouviu conversando sobre arrumar um lugar para se mudarem. Dan tinha pedido para que os dois ficassem ali, continuassem os estudos, mas eles estavam decididos a pegar o certificado de conclusão do colegial e ficarem “livres”.

Entretanto, o que era liberdade? No passado, Aden pensava conhecer a resposta: estar sozinho, sem as almas, ser capaz de fazer tudo o que quisesse, independentemente das conseqüências. Mas agora ele tinha amigos, uma namorada e tudo o que o garoto fazia os afetava. As conseqüências importavam.

Ninguém que amasse poderia ser livre. E a vida não valia a pena sem amor. Liberdade? As pessoas davam valor demais a ela, Aden preferia ter Victoria, Mary Ann, Riley, e até mesmo as almas.

Então como você vai salvá-los das bruxas? O pensamento era do próprio Aden, as almas ainda conversavam com os cavalos como se eles fossem bebês. E talvez os animais pudessem ouvi-las, pois estavam mais calmos que o habitual, mesmo com toda aquela atividade no celeiro. Aden desejava poder limpar a mente, mas simplesmente não conseguia.

O garoto suspirou. Uma vez lançados, feitiços tomam vida própria, ele sabia. Portanto, era impossível deter a magia que já tinha sido desencadeada, nem mesmo ameaçando a bruxa que eles tinham seqüestrado.

Inferno! Talvez eles devessem libertá-la como gesto de boa vontade. Riley daria um escândalo, é claro, mas o mutante faria o que Aden mandasse. Afinal, o garoto era o rei dos vampiros.

Sim. Rei, O título era dele e... Aden sacudiu a cabeça, quebrando essa linha de pensamento. Ele não era rei, não queria ser rei. Ponto final.

Quando o celeiro estava limpo, os outros garotos marcharam para dentro do alojamento para tomarem banho, vestirem-se e se prepararem para o jantar com a nova tutora. Seth ficou para trás, virou-se e gritou:

— Aden, e aí, mano? Você vai vir também ou o quê?

Aden nunca se cansava de admirar com como as coisas estavam diferentes agora. Há apenas poucas semanas, o próprio Seth tratava Aden como se ele fosse um leproso.

— Em um minuto. — ele respondeu. Havia apenas um boxe no banheiro, então haveria fila para o banho. Ele preferia passar o tempo ali fora. Além do mais, Aden gostava da idéia de ir para a terapia coberto de esterco de cavalo.

Seth ficou parado. Apoiou os braços contra a porta do celeiro, mantendo-se de costas para Aden.

— Posso fazer uma pergunta?

— É claro. — respondeu Aden, deixando o temor vazar com a voz. Apoiando o rastelo no chão e se inclinando contra o longo e fino cabo. — Pergunte.

— Ouvi Shannon comentar com Ryder que garotas estão visitando seu quarto durante altas horas da noite.

Certo. Não era um assunto tão terrível.

— Apenas duas garotas. Sim.

Seth deu meia volta, esboçando um sorriso no canto dos lábios.

— Você está saindo com as duas?

— Só com uma. Mas a outra já tem namorado também.

E Riley vai arrancar suas tripas se você chegar perto dela.

— Ah. — Seth soltou os ombros. — Talvez você pudesse convidar outras e, sei lá, apresentar para a gente.

Aden quase sorriu.

— Talvez na próxima semana.

— Sério?

— Sério. Eu conheço uma garota. Stephanie. Muito bonita. E ela tem quatro amigas que eu tenho certeza de que também são lindas. — Não havia maneira melhor de se livrar de seus encontros indesejados do que empurrar as garotas para outros caras. — Eu ainda não as conheci, mas sei que você vai adorar essas meninas.

— Isso seria ótimo. — Seth deu um sorriso de despedida para Aden e rumou a passos largos.

— Finalmente estamos sozinhos. — disse uma voz feminina vinda de trás do garoto.

Aden rapidamente deu meia-volta enquanto um dos cavalos relinchava. Uma garota desconhecida estava do outro lado do celeiro. Ela usava uma blusinha vermelha e calças jeans preta que se ajustavam às formas das pernas. As garotas de Crossroads High vestiam roupas parecidas todos os dias, mas, naquela garota em especial, as peças pareciam estranhas, fora de lugar e desconfortáveis.

Aden estudou as outras características da estranha. Ela tinha cabelos castanhos na altura dos ombros e olhos escuros que, nos cantos, faziam um contorno para cima. Sua pele era pálida e ela estava sorrindo. Aquele não era um sorriso feliz. Duas presas afiadas cutucavam o inferior, revelando o tipo de predadora que ela era.

Por favor, diga que essa garota é o seu próximo encontro, disse Caleb, finalmente se dignando a falar com Aden.

O próximo encontro? Aden tentou não reclamar.

Ela parecia mais velha que Victoria, pelo menos dez anos mais velha, mas ele supunha que, mesmo assim, ela era jovem para os padrões dos vampiros. Eles envelheciam muito, muito mais lentamente do que os humanos e, quanto mais velho fosse um vampiro, menos sua pele poderia tolerar os raios do sol sem queimar. Victoria tinha “apenas” oitenta e poucos anos (isso ainda o fazia rir, pois ele se lembrava uma situação em que a provocara afirmando que ela poderia ser Vicky, sua avó), e ela ainda podia andar por aí livremente.

—Vejo que você está olhando para minhas roupas. Stephanie disse que agora as cores são aceitáveis e que, na verdade, você preferia cores. O que você acha?

A vampira deu uma volta, mantendo o olhar obscuro o máximo tempo possível em Aden.

—Você está bonita. — disse ele. E era verdade. Ela estava bonita. Só não fazia o tipo dele.

— Qual é o seu nome?

— Draven.

Um nome diferente e bonito.

— Sou Aden Stone.

— Eu sei. — Ela caminhou (ou melhor, flutuou) na direção dele com movimentos graciosos. Enquanto Draven passava, os cavalos se agitavam, mas a vampira não deu atenção aos animais.

—Já nos conhecemos. Você não lembra? — Ela curvou os lábios vermelhos brilhantes. — Eu estava lá na noite em que você conheceu cada membro do meu... Do nosso povo. Você disse que estava muito feliz em me conhecer.

Ai!

— Ah, agora eu me lembro. — mentiu Aden. Fisionomias demais, nomes demais. *Ninguém se sobressaiu.* E, na verdade, ele tinha dito aquilo para todos eles.

Diga que ela é linda e que você nunca se esquecerá de alguém como ela, aconselhou Caleb.

Não estamos vadiando por aí à procura de garotas, advertiu Julian. *Nós já temos uma namorada.*

Na verdade, eu já tenho uma namorada, pensou Aden, mas eles não conseguiram ouvi-lo.

— Estou aqui porque todo rei precisa de uma rainha e, portanto, você precisa encontrar alguém. E vou ser sincera. Inicialmente, resisti à idéia de estar presa a um humano, mas agora acho que eu seria a rainha perfeita. — A voz dela se tornava rouca, e o olhar se fixava no pulso, na base do pescoço dele. — Ainda sinto aquela força que vem de você, e acho essa força... Excitante.

Ele gostou de quando Victoria lhe tinha dito isso. Já Draven? Não tanto.

Sortudo, disse Caleb. *Ela é linda e ela quer você!*

— Na verdade...

Draven estendeu a mão e passou a ponta de um dedo quente e pálido pelo maxilar do garoto.

—Você virá a descobrir que eu combino muito mais com você que Victoria. Eu... — Ela acrescentou, inclinando completamente o corpo na direção dele e fungando — Farei qualquer coisa que você pedir. *Qualquer coisa.*

Aden não era bobo. Ele sabia exatamente o que ela estava insinuando. E as almas também sabiam.

Eu ficaria com ela! Disse Caleb.

Você também vai fazer com que sejamos esfaqueados e assassinados, mais cedo ou mais tarde. Na verdade, mais cedo, e não mais tarde, resmungou Elijah. *Ela tem fome de energia. Uma devoradora de humanos.*

Melhor ainda.

Cara! Julian estalou a língua, repreendendo. Você era um perverso na outra vida? Eu já disse, nós temos Victoria. Não precisamos dessa vampira aí para estragar nosso prazer. Você se lembra daquelas árvores que Victoria destruiu? Se flertarmos com essa garota, ela vai fazer aquilo com a nossa cabeça.

Nós? Era Aden quem tinha Victoria, e eles precisavam começar a serem lembrados disso.

— É legal da sua parte oferecer. — disse Aden a Draven e, então, tossiu. Tão desconfortável. — Quero dizer, oferecer-se para fazer qualquer coisa, mas, ah, nada desse tipo será necessário.

Acho que agora eu odeio você, resmungou Caleb.

Você devia agradecê-lo, disse Elijah, suspirando.

Os olhos de Draven se apertaram, os cílios se uniram lentamente.

— Bem, se você mudar de idéia... A oferta não vence com o tempo. Agora, o que poderíamos fazer durante nosso encontro, hum? — Um hálito quente passou pelo rosto de Aden, fazendo-o dar um passo para trás. — Sei que os humanos gostam de sair para jantar. Poderíamos comer. — A atenção da vampira voltou ao pulso de Aden e ela riu. — Ou... Eu poderia.

— Eu prefiro não ser o prato principal, obrigado. Nem a sobremesa. — o garoto logo acrescentou, antes que Draven sugerisse. A vampira delicadamente encolheu o ombro.

— Então podemos aproveitar para nos conhecermos melhor. — As palavras foram praticamente sussurradas. — Afinal de contas, é para isso que estou aqui.

Ela não podia ser mais direta. A repulsa de Elijah era clara. *Ela quer ser rainha, nada mais. Se casar com ela, você não vai passar de picadinho de Aden quando ela terminar de destruir você.*

— Pois é. Eu cheguei a essa conclusão sozinho. — ele murmurou. Em primeiro lugar, Aden não se casaria com ninguém. Nem mesmo com Victoria. Ainda não. Ele só tinha dezesseis anos. Bem, quase dezessete. Em segundo lugar... Bem, ele percebeu que não tinha um segundo argumento.

— Que conclusão? — Perguntou Draven com as sobrancelhas franzidas, confusa.

Isso acontecia com todo mundo... Bem-vinda ao grupo, querida.

— Ah... Ah... Nada. Escute. — Ele recuou mais alguns passos, posicionando-se fora da zona de perigo. — Para o nosso encontro, podemos sentar aqui, no feno... — Ele apontou um espaço vazio — e conversarmos sobre alguma lei que você gostaria que fosse revista.

Leve. Inocente.

O ranger dos dentes de Draven ecoou nas paredes de madeira.

— Sentar no feno e conversar sobre leis não é nada romântico.

— Eu nunca prometi que seria romântico. — Deus, ele queria que aquilo chegasse ao fim logo. Será que Victoria sabia que Draven estava lá? Se soubesse, será que ela estava sufocando os sentimentos? Parte dele certamente esperava que sim. Fazer Victoria expressar seus sentimentos era divertido.

—Você ficou olhando as estrelas com Stephanie. — A irritação emanava de Draven. — Quando se encontrou com os homens do conselho, ela exaltou as qualidades de tal passatempo. Agora quero olhar as estrelas.

As candidatas estavam realmente relatando seus “encontros” com ele. Que constrangedor!

— O céu ainda está claro agora. Se quiser olhar as estrelas, terá de voltar hoje à noite. — disse ele, sabendo muito bem que não estaria disponível. Primeiro: terapia. Depois: jantar. Então, ele iria para a cidade com os amigos. Caçar. — E você não está autorizada a beber de nenhum dos humanos aqui. E isso é uma... Ordem. Do seu rei.

Aceitando o papel do soberano? Perguntou Elijah.

Não. Sim. Droga. Aquele era um momento de desespero. Aden só tinha dito o que era necessário.

Draven ficou boquiaberta, mesmo enquanto abaixava a cabeça aceitando a ordem.

— Não farei mal a seus amigos, Majestade. Sua Majestade tem minha palavra.

— Obrigado.

— Porém, não posso voltar hoje à noite. Talvez você não saiba disso, mas há guardas o tempo todo vigiando nossa casa, Todos nós nos revezamos para proteger o que é nosso. Esta noite, da meia-noite às seis da manhã, eu preciso patrulhar o terreno. A não ser que você me libere das minhas obrigações...

Draven estendeu a mão e passou a ponta do dedo pelo ombro de Aden. Ela estava outra vez próxima suficiente para tocar no garoto, embora ele não a tivesse visto se mover.

Aden precisou arquear as costas para evitar mais contato.

— Sinto muito, mas não posso fazer isso. Não seria justo com os outros.

Imparcialidade, sim, essa era uma característica dele.

A vampira largou os braços ao lado do corpo.

— Tudo bem. — disse ela, com a voz dura. — Então vamos adiar nosso encontro.

Não se ele pudesse evitar que o encontro ocorresse.

— Ótimo. Mal posso esperar.

Posso esperar sim, para sempre.

— Até mais.

Draven deu meia-volta e flutuou para fora do celeiro, deixando Aden sozinho com uma súbita sensação de morte.

Dezoito



ALGUMAS HORAS MAIS CEDO...

O dia passou de forma confusa para Mary Ann, aulas, provas e amigos não passavam de um fenômeno insignificante em sua mente. Riley a tinha ignorado, embora os dois tivessem as mesmas aulas. Aquilo era mais que um fenômeno insignificante, mas não chegava a deixar a garota chateada.

Havia apenas mais dois dias antes que o feitiço de morte lançado pelas bruxas tivesse efeito. Se o feitiço tivesse efeito. No que dizia respeito à sua saúde, a garota ainda se sentia bem. E, ainda assim, ela nunca tinha se sentido tão desamparada. Ou mais desesperada. “E se” era um refrão constante na cabeça de Mary Ann. E se ela fosse dormir daqui a dois dias e nunca mais acordasse? E se seu coração simplesmente parasse de bater? E se ela fosse atropelada por um carro?

Se Mary Ann tivesse que caçar cada uma das bruxas da região e exigir que elas convocassem um encontro oficial, ela faria isso. E ela iria... Ei. Espere. Os olhos da garota arregalaram enquanto sua mente girava. Talvez ela pudesse fazer isso. E se ela usasse sua... Aptidão de perceber magia para encontrar as bruxas, mais ou menos como seguir a própria estrada de tijolos amarelos e forçar as feiticeiras a irem até o mesmo lugar?

Finalmente um “e se” de que ela gostava.

No entanto, valia à pena induzir as bruxas a convocarem uma reunião? Ou ela apenas conquistaria a ira de algumas mulheres bastante poderosas?

Valia à pena tentar, ela pensou. E, além disso, ela já tinha conquistado à ira daquelas mulheres. Então, a próxima pergunta era: por onde começar? Aden estaria ocupado durante a maior parte do entardecer. Ele teria um encontro com o terapeuta e um jantar no Rancho D&M. Entretanto, Riley, Victoria e até mesmo Lauren poderiam ajudá-la. Eles já tinham feito planos de se encontrar, mas, se Mary Ann desse início sozinha a esse plano, ela poderia encontrar as bruxas, chamar seus amigos e, então, eles poderiam aprisionar a bruxa. É claro que Victoria e Lauren poderiam se perguntar como exatamente Mary Ann tinha sido capaz de perceber a presença das feiticeiras. E Riley tinha pedido para que ela não comentasse com ninguém sobre aquela nova habilidade. Por razões bastante óbvias.

Droga. Então Victoria e Lauren não eram opções. Mary Ann teria de contar com Riley. Apenas Riley. A garota sentiu o estômago se apertar. Riley estava claramente nervoso com ela outra vez. Afinal, ela não tinha lhe contado sobre o possível assassinato de Aden. E tinha terminado com ele, estava decidida, e não mudaria de idéia. O que não significava que eles tinham que ficar distantes um do outro. Não significava que eles não poderiam se tratar com cordialidade. Eles poderiam trabalhar juntos, amigavelmente, para salvar a própria vida, não poderiam? Sim. Sim, eles poderiam. E, da próxima vez que o visse, ela lhe diria isso. Até mesmo gritaria com ele se fosse necessário.

Riley tinha ordenado que seus irmãos (o lobo branco e o lobo dourado que tinham seguido Mary Ann e Penny naquela noite) acompanhassem Mary Ann até em casa depois das aulas. Logo em seguida, o lobo havia desaparecido. Para onde ele tinha ido, isso Mary Ann não

sabia. Ela chegou a perguntar para os irmãos, mas eles a ignoravam, apenas permaneciam a seu lado.

Agora Mary Ann pisava dentro de casa, fechando a porta antes que os dois lobos entrassem correndo. Seu pai mal podia tolerar Riley. A garota não podia, de forma alguma, apresentar dois outros lobos a Morris Gray. Lobos que, por sinal, ela nem sequer conhecia. Lobos que claramente não queriam que ela os conhecesse.

— Quantos anos vocês têm? — Ela perguntou depois de não conseguir descobrir por onde Riley andava.

Silêncio.

— Vocês são filhos dos mesmos pais de Riley?

Silêncio.

— Vocês estão tensos por conta da maldição de morte que foi lançada sobre ele?

Outra vez, nada.

Finalmente, ela desistiu também disso. Seu relacionamento com o irmão daqueles lobos tinha chegado ao fim — *sério, não chore* — então, era óbvio que eles a detestavam e não queriam manter relacionamento algum com ela.

Mary Ann suspirou. Seu pai ainda estava no trabalho, a casa, vazia. Ela subiu correndo pelas escadas, passou pelo corredor e entrou no quarto. Todas as cores salpicadas pelo cômodo se misturavam e criavam uma bruma clara como um arco-íris. Em geral, a garota encontrava conforto naquilo. Hoje, não exatamente.

Ela tirou o celular da mochila e se sentou na cadeira da escrivaninha. Você vai mesmo fazer isso? Um momento se passou antes que ela concordasse com a cabeça. Sim, sim. Mary Ann faria aquilo. Não havia outra saída. Pouco antes de ela terminar de digitar com violência a primeira palavra da mensagem de texto, o telefone de casa tocou. Franzindo a testa, ela se inclinou na direção do aparelho que estava sobre a escrivaninha e olhou no identificador de chamadas. Penny.

Embora se sentisse atormentada, Mary Ann atendeu.

— Alô.

— Oi! Você correu para fora da escola hoje antes que eu pudesse conversar com você.

— Desculpa. Eu só... — O quê? Dizer a verdade não era uma opção.

— Eu quase não vejo você nos últimos dias. Exceto quando você escapa de casa. E é por isso que estou telefonando.

Havia tanta alegria na voz de Penny. Mary Ann não tinha dúvida de sobre o que a amiga estava pensando.

— Não posso escapar outra vez. — ela mentiu, e se detestou por ter feito aquilo. A sinceridade era digna de apreço, mas Mary Ann não queria que Penny se envolvesse com a caça desta noite. — Preciso descansar.

— Isso era verdade.

Ela precisava descansar, embora não fosse fazer isso.

— Ah. Bem, que chato, porque ouvi dizer que uma galera enorme vai aparecer na cidade hoje à noite.

— Isso não é seguro. — resmungou Mary Ann.

— As coisas divertidas nunca são seguras.

— Você vai?

— Nem. Se você for ficar em casa, não. O bebê...

— Você está enjoada?

— Um pouco. Mas não é só aquele enjoado matinal. É um enjoado também durante a noite. E ouça só essa: acho que vi Tucker hoje.

Mary Ann se endireitou, levantou a orelha.

— Eu também. Quer dizer, ontem... Mas eu não tinha certeza.

— Sei como é. Ele estava ali perto das árvores quando saí do colégio. Não que ele tenha se importado e vindo conversar comigo, aquele maldito! E ele foi embora tão rápido que não estou nem certa de se era ele mesmo ou não.

O que Tucker estava fazendo? Espiando? Depois de sobreviver a um ataque de vampiros, ele prometeu que se comportaria.

— Só... Tome cuidado, está bem?

— Vou ficar atenta. Amo você, Mary *Anti*.

— Eu também amo você, Penn.

Enquanto desligava, Mary Ann espiou, com o canto do olho, outro de seus doces. Sua boca não se encheu de água, mas ela se viu rasgando a embalagem, levantando o chocolate e segurando-o diante do nariz, cheirando. Nem sequer uma pontada de fome, nada de água sua boca.

Ela não se alimentava há quase uma semana. Bem, exceto aquela barra de Snickers que tentou comer de manhã. Mas aquilo não contava, afinal, ela vomitou imediatamente. Na frente de Riley. Que humilhante! *A opinião dele não importa. Você não pode ter aquele garoto.*

Não chore.

Ela engoliu o nó na garganta, deixou a barra de chocolate de lado e pegou novamente o celular. Com dedos trêmulos, Mary Ann digitou o resto da mensagem de texto para Riley. Ele raramente usava o celular, mas a garota não se preocuparia com isso. Seria culpa dele se ele não recebesse aquela mensagem.

Em 2 horas, vou sair para caçar bruxas. Venha comigo, ou não. A escolha é sua. De qualquer forma, vou sair sem os outros.

De uma forma ou de outra, a garota tinha tentado entrar em contato com Riley e precisava sair antes que seu pai chegasse. Assim, ela poderia deixar uma nota (estudando com amigos, volto mais tarde) e não precisaria enfrentar a Inquisição Espanhola.

Você vai mesmo fazer isso?

Sim, ela pensou novamente. Ela faria aquilo. Embora tremesse cada vez mais, Mary Ann apertou “enviar”.



Aden estava novamente deitado no divã do Dr. Hennessy, na mesma sala com luz fraca, e com a mesma música tranquila tocando ao fundo. O médico esperava... Ansioso por respostas...

— Você tomou seu medicamento hoje? — Perguntou o médico.

— Sim — mentiu o garoto.

— Se tomou, então por que suas pupilas não estão dilatadas?

— Não sei. Não fui eu quem estudei medicamentos.

Boa! Disse Caleb, mentalmente cumprimentando Aden.

Julian riu.

Comporte-se, alertou Elijah. *Precisamos ser cuidadosos.*

— Você gosta das almas, Aden? É por isso que recusa minha ajuda?

Ajuda? Sei! Dessa vez, o garoto optou por ser honesto com o homem.

— Na verdade, Dr. Hennessy, não gosto de você.

— Entendo.

Aquele médico, ótimo como era, pareceu não se importar.

— O que você fez comigo da última vez que estive aqui?

— O que sempre faço. Conversei. Escutei.

Até parece.

— E você planeja conversar e ouvir outra vez hoje?

— É claro, O Sr. Reeves está muito feliz com o seu progresso. Ele me disse que agora você está se dando bem com os outros garotos do rancho. Ele também comentou que você está fazendo as lições de casa e que está até mesmo impressionando seus professores. Mas ele também me contou que você ainda está falando sozinho. E tanto eu quanto você sabemos a razão disso, Aden. Não é mesmo?

O corpo de Aden ficou tenso, muito embora aquele divã macio praticamente implorasse para o garoto relaxar.

— Não me diga. — Aden precisaria agir logo. Ele não poderia arriscar ser “absorvido” novamente. E o médico provavelmente faria isso ou coisa pior.

— Já conheci outros como você antes, você sabe disso.

— Loucos?

— Não. A... Como é que você se chamava? Um imã.

E Aden pensava que estava tenso antes. Ele nunca tinha dito ao Dr. Hennessy que se via como um imã para o sobrenatural, embora tivesse pensado isso. Aden tinha dito a Mary Ann e aos outros, mas nenhum deles teria contado ao médico. O que significava que o Dr. Hennessy havia forçado o garoto a fazer confissões enquanto estava inconsciente.

O que mais ele teria descoberto?

Ainda não. Continue firme. Ele queria reunir o máximo de informação possível antes de agir.

—Você não tem mentiras para me contar? Nem se parece com você, Aden.

—Você mencionou que já conheceu outros...

— Sim.

— Quem? Quando? O que eles podiam fazer?

Se ele acreditava no Dr. Hennessy? Claro que não.

Entretanto, as mentiras poderiam ser descartadas, as informações verificadas. Ou não.

Ótimo. Mantenha esse homem falando, disse Elijah.

— O que você sabe sobre seus pais? — Perguntou o médico, em vez de responder à pergunta de Aden.

Não muito. Ele sabia que, no passado, eles tinham vivido perto do pai e da mãe de Mary Ann. Que a mãe de Mary Ann estava grávida ao mesmo tempo em que a mãe dele. Que ele e Mary Ann tinham nascido no mesmo dia, no mesmo hospital. Que a mãe de sua amiga tinha morrido imediatamente após ter dado à luz e que ele, de alguma forma, puxou a alma daquela mulher para sua cabeça... Junto com várias outras pessoas que provavelmente tinham também morrido no hospital.

— Nada. — o garoto finalmente respondeu.

O Dr. Hennessy suspirou.

—Talvez um dia você confie em mim.

Em uníssono, as almas urraram.

Não mesmo!

— E quanto aos outros? Eles confiavam em você? — Questionou o garoto.

Novamente, o médico evitou a pergunta.

— É hora de relaxar Aden, de deixar todos os problemas desaparecerem.

Sutil. Claramente não havia mais conversa. Bem, então, finalmente era hora de Aden agir, embora tivesse obtido muito poucas informações. Ele se endireitou e jogou as pernas sobre a lateral do divã.

— Deite outra vez, Aden.

— Em um minuto.

Caleb. Disse Aden dentro da mente, torcendo para que, dessa vez, a alma conseguisse ouvi-lo em meio ao fluxo constante de tagarelice. *Esteja* pronto. Aden diminuiu a distância que havia entre ele e o médico e, enquanto o garoto tocava na pele fria do pulso do terapeuta, os olhos do Dr. Hennessy (agora um arco-íris de cores, uma bela máscara mais uma vez aparecendo sob aquela expressão plena) arregalaram.

Caleb entrou em ação.

Aden gemeu de dor enquanto seu corpo se transformava de massa sólida em névoa imaterial, essa névoa invadia o corpo do Dr. Hennessy e assumia o controle daquele corpo e daquela mente, o garoto sempre ficava impressionado quando aquilo acontecia.

— Obrigado. — disse Aden, falando com a voz anasalada do médico.

Sem problemas, respondeu Caleb, sentindo-se orgulhoso pelo feito.

Aden observou. O corpo do terapeuta era frio, vazio e faminto... Tão faminto. Porém, sob o frio, o vazio e a fome, havia uma corrente de poder, um poder não natural, brilhando como aquela máscara estranha e clara. Às vezes Aden podia ver sob o rosto do médico.

O Dr. Hennessy não era humano.

Então, o que ele era?

Resolva esse mistério mais tarde. Aden olhou para o relógio na parede. Faltavam trinta e três minutos antes do final da sessão. Ele precisa trabalhar. O garoto olhou os arquivos, mas apenas alguns estavam sobre a mesa. Nenhum deles era o de Aden. Ainda assim, as notas rabiscadas pelo médico ainda eram bastante interessantes:

*Mais que humano, mas sem poder.
Completamente humano, mas poderia ser útil.
Tem mais calor que os outros. Motivos?
Interligado.*

O que aquilo significava? O que tudo aquilo significava? Os armários estavam trancados. Aden tentou arrombá-los, abrir uma fresta para que conseguisse ler os outros arquivos. Quando percebeu que isso seria impossível, procurou uma chave.

A mesa estava limpa, organizada, com poucos papéis sobre ela. Todos irrelevantes. Dentro das gavetas, não havia nada além de clipes de papel, elásticos de borracha e canetas. Nada de fotos, nenhuma nota pessoal. Nenhuma bebida alcoólica. Nada de lanchinhos. E, obviamente, nenhuma chave. Ele caminhou até a estante. Para sua surpresa, encontrou algumas gavetas escondidas na parte de baixo. Dentro delas? Equipamentos de tatuagem, por mais incrível que pareça. Tudo: agulhas, tintas, luvas...

Aden se assegurou de devolver tudo exatamente onde estava, para que o médico não suspeitasse do que o garoto tinha feito. O terapeuta talvez até suspeitasse, mas jamais encontraria provas.

Você precisa conseguir acesso aqueles armários, disse Julian. *Aquele gravador de voz que ele enfiou debaixo do seu nariz pode estar lá.*

— Eu sei. Elijah? Alguma idéia?

Desculpe. Tive um branco.

Tentando não se afogar em uma onda de frustração, Aden voltou até a mesa e jogou o corpo na cadeira. Se ele não pudesse colocar as mãos nos arquivos e no gravador, talvez ainda

conseguisse acesso à informação que desejava viajando para o passado. Afinal de contas, ele ainda tinha essa habilidade.

No entanto, era Eve quem programava o tempo. Ela só precisava visualizar uma cena e então era capaz de transportar o garoto para lá. Com Shannon, Aden não tivera controle algum. Ele apenas passava rapidamente de uma situação a outra, puxado por uma corrente invisível. Mesmo assim. Ele tentaria.

— Preparem-se, rapazes. Vou tentar voltar para a última sessão e enxergar pelos olhos dele.

Eu não gosto nada dessa idéia, resmungou Elijah.

Você dá conta, cara, disse Caleb.

Julian suspirou. Que Deus nos ajude.

Aden fechou os olhos, limpou a mente, inspirou profundamente... Expirou... Lentamente. Ele se concentrou no passado, pintando a tela escura da mente com imagens de sua última visita ao consultório. Ele estava no divã, deitado, olhando para o teto. O Dr. Hennessy estava atrás dele.

Um ataque de vertigem fez o coração de Aden acelerar. Ele continuou. A música suave tocava, tocava até agora. A escuridão o tinha engolido por completo.

A pele do garoto formigava, a vertigem se espalhava, tornava-se mais forte e, de repente, ele se viu caindo, caindo em alta velocidade em um poço sem fim, os braços descontroladamente procuravam por algum tipo de âncora. Era isso. Ele estava viajando no tempo. Ele estava no controle.

Quando Aden se acalmou, quando a vertigem diminuiu, ele lentamente abriu os olhos. Ainda calmo, ele via apenas... Um vazio. Algo como uma televisão fora do ar? Não havia escritório, não havia mesa, não havia divã. No mínimo, esperava-se que ele tivesse visto a si mesmo deitado.

Aden franziu a testa. Fechou os olhos, sacudiu a cabeça e, então, olhou novamente. Outra vez, tudo o que ele viu foi aquele mesmo vazio, aquela mesma imagem chiada.

O que está acontecendo? Perguntou Julian, que soava realmente assustado.

Não estou vendo nada. É como quando Mary Ann está com você, disse Caleb com a voz trêmula.

Tenho um mau pressentimento com relação a isso, disse Elijah. Algo está errado aqui.

— Eu sei. — Mas o quê? Aden fechou as mãos, a resposta o iludia. Ele não conseguia imaginar outra cena, afinal, não conhecia mais detalhes sobre a vida do Dr. Hennessy. E não havia fotos na sala, então ele não podia estudá-las com o objetivo de utilizá-las como guia.

Sem saber o que fazer, o garoto preferiu voltar para o presente. Conforme a escuridão desaparecia, Aden começava a ver o consultório pelos olhos do médico. Nada tinha mudado. Ele ainda estava sentado à mesa, alguns papéis à sua volta. Cambaleando, tudo o que ele podia fazer era olhar para o relógio, esperando o tempo passar. Quando a sessão chegou ao fim, Aden voltou à cadeira e fez o médico se sentar. Então, o garoto saiu daquele corpo, voltando à sua forma sólida e pulando no divã. Esperando. Temendo.

Houve um momento de silêncio.

O Dr. Hennessy sabia apenas que o tempo teria decorrido. Ele não sabia o que tinha acontecido durante aqueles minutos que faltaram.

— Deu a hora — Aden bateu os dentes.

— Bem, certamente tivemos uma sessão produtiva hoje, não é mesmo? — Disse o médico, como sempre, sem emoção. Enquanto se levantava, suas roupas farfalharam. Passos suaves ecoaram e, então, o médico estava diante de Aden, encarando-o com as mãos na cintura. — Antes de você sair, preciso dar um aviso. Se você voltar a invadir meu corpo e minha mente, vou tirar essas almas de dentro de você. Uma a uma. Está me entendendo?

Aden e as almas não tiveram tempo de entrar em pânico. O mundo inteiro agora parecia cair naquele mar negro.

Dezenove



NO MEIO DA FLORESTA, COM ÁRVORES se espalhando por toda a volta, com o sol se pondo rapidamente, com um vento frio soprando constantemente, Mary Ann era pura adrenalina. Riley e seus irmãos formavam um triângulo, cada um em uma extremidade, na frente e nas laterais da garota. Os lobos tinham chegado bem na hora e acompanhado Mary Ann até aqui. Longe da civilização.

Ela tinha passado cada minuto daquelas duas horas tentando pesquisar sobre sugadores, poderes mágicos (novamente) e todos os tipos de fenômenos paranormais. Duas horas que agora pareciam perdidas. Mary Ann não tinha descoberto nada. Porém, a garota tinha esperança de que isso mudaria agora que ela estava com os lobos. Não que eles lhe tivessem dado muitas informações; não que eles a tivessem ajudado muito. Mais uma vez, os mutantes tinham caminhado ao lado dela, em silêncio.

Agora Mary Ann os estudava, procurando por um ponto fraco. Uma palavra poderia descrever todos eles: lindos. Nathan era todo branco, da pele à pelagem, com olhos de um azul tão claro que chegavam a parecer misteriosos. Riley era alto e musculoso, e sua expressão dura que dizia: "farei qualquer coisa, é, até mesmo apunhalar você". Maxwell era mais bronzeado... Uma variação dourada de Riley.

Eles definitivamente eram guerreiros, daqueles que pareciam comer pedaços de vidro no café da manhã e o primeiro que aparecesse na frente como sobremesa.

— Então, não vamos caçar bruxas? — Perguntou a garota. A essa altura, qualquer outra atividade parecia estranha e desnecessária. Ela pensava que Riley tinha entendido isso e, por esse motivo, estava tão surpresa em ver seus irmãos. Teria ele contado aos outros dois o que ela era, ou melhor, o que ela poderia ser? Riley ainda não tinha aceitado a verdade.

— Caçar? — Finalmente algo saía de um dos irmãos. A voz de Nathan era grave e rouca, e definitivamente fazia Mary Ann ter calafrios.

—Vamos ensinar como você pode se defender. — disse Riley. — A caça às bruxas pode ficar para mais tarde.

— E permita-me repetir: acho isso uma idiotice. — acrescentou Nathan.

— Ela é humana. — Maxwell, o outro irmão, tinha uma voz muito mais forte, muito mais decidida. — Ela também é muito frágil. Nós... Não.

—Vamos logo. — Riley rosnou para eles.

Mary Ann teria se encolhido assustada com aquele tom de voz. No entanto, aquelas palavras não eram direcionadas a ela, então, Mary Ann se sentiu encorajada. Além do mais, Riley nunca tinha estado mais sexy. Ele se vestia inteiramente de preto e estava com cortes no antebraço, como se recentemente tivesse lutado contra alguma criatura que tivesse garras.

O joelho de Mary Ann bambeou só de pensar na cena. Ela queria jogar os braços em volta de seu lobinho e abraçá-lo para sempre e se deleitar em meio a toda aquela... Força.

Vocês terminaram, lembra?

Não chore.

Nathan sacudiu a cabeça.

— Ela é sua, Ry, e nós sabemos como você é. Se ela sair ferida...

—Vou me comportar. — outro rosnado de Riley. — Só não arranhem e nem mordam a garota.

Mary Ann percebeu que ele não os tinha corrigido quando eles disseram “ela é sua”. Bem, ela tampouco os corrigiria. Naquele exato momento, ela se sentia exatamente como o queijo na ratoeira.

—Vocês estão certos. Aprender a lutar é importante. — ela começou. — Mas, neste momento, há coisas ainda mais import...

— Não. Não há. — Disse Riley, cortando a fala da garota sem olhar para ela. — Ensinem Mary Ann a se defender de lobos e de vampiros. Tudo o que vocês conseguirem ensinar nas próximas duas horas. Depois, ela e eu seguiremos nosso caminho.

Mary Ann engoliu em seco quando percebeu o que estava acontecendo. Mais que salvá-la do feitiço de morte, ele queria que ela aprendesse a se defender de lobos e vampiros. O que significava que Riley achava que eles logo perceberiam que ela era uma Sugadora. O que significava que Riley pensava que eles tentariam matá-la. Doloroso. Ele queria que ela estivesse preparada, que fosse capaz de se defender.

Mais tarde, eles tentariam puni-lo por isso?

Um tremor invadiu o corpo de Mary Ann, e aquelas lágrimas contra as quais ela lutava queimaram-lhe os olhos. A garota tinha tomado a decisão certa quando colocou um ponto final no relacionamento. Ela não estava disposta a feri-lo. Nunca. Nem mesmo acidentalmente. Nem mesmo depois que ela... Morresse.

Veja o que ele tinha feito, o que ele estava fazendo neste momento para protegê-la. Ele merecia mais que ela poderia oferecer.

— Está bem. — suspirou Maxwell.

— Claro. Por que não? — Nathan encolheu os ombros.

Quanto entusiasmo. Mas não importava. Mary Ann prestaria atenção e aprenderia. Ela nunca mais iria ter uma oportunidade como essa.

— Você não... Você não vai ajudar seus irmãos? — Ela perguntou a Riley, enrubescendo por ter gaguejado.

Ele não desviou o olhar para ela, continuou observando os outros lobos enquanto sacudiu a cabeça firmemente, negando. Mary Ann se lembrou do que tinha dito a Riley, que se ele a ensinasse como lutar, acabaria colocando as mãos nela. E se ele colocasse as mãos nela, ela iria querer colocar as mãos nele e beijá-lo em vez de aprender o que ele tinha para ensinar. Ele lembrava? Ele não queria os lábios dela junto aos seus?

Deus! Ela queria que ele a desejasse, queria continuar com ele.

Nem se atreva a chorar.

Quantas vezes ela ainda teria que se dar essa ordem?

—Vamos. — disse Riley, afastando-se do grupo. Ele se encostou a uma árvore, empurrando as costas contra o largo tronco e cruzando os braços, O garoto tinha uma expressão obscura, atormentada.

— Não interfira. — disse Maxwell a Riley, com o dedo no peito do irmão.

Nathan bufou.

— Como se ele fosse obedecer. Ele sempre faz o que quer. Você sabe disso.

Mary Ann balançou a cabeça e ambos os irmãos se focaram nela. Uh—oh! Toda aquela intensidade... Direcionada para ela. Um na frente, outro atrás. Por que mesmo ela tinha concordado com isso?

— Está pronta, garotinha?

—Vai chorar como um bebê se formos um pouco duros?

Ambos a estavam provocando. Num primeiro momento. Mary Ann ficou enfurecida. Então, ela se lembrou do que Aden lhe tinha dito. Quando estiver lutando, emoções podem

arruiná-la. Emoções a fariam parecer um idiota, mantinham-na distraída. Era preciso manter-se distante. Era preciso fazer o que fosse necessário para sobreviver.

Não sinto nada. Só nervosismo. Droga! Ela ergueu a cabeça, fingindo, no mínimo, estar calma.

— Não vou chorar se vocês não chorarem.

Os olhos dos dois lobos brilharam com ares de surpresa, e Maxwell parecia até mesmo lutar contra um sorriso.

— Força. — disse ele. — Vamos ver em quanto tempo podemos acabar com você.

Em um piscar de olhos, eles estavam sobre ela, jogaram-na contra o chão, como uma boneca, dentes longos e afiados agora estavam no pescoço dela. Mary Ann estava muito assustada e aterrorizada para se mover ou até mesmo para pará-los. Os lobos a tinham atacado de forma tão rápida que os olhos dela nem mesmo conseguiram acompanhá-los.

Lentamente, os lobos se afastaram, encarando-a de cima. Algo a ser notado: eles não tinham mastigado o rosto de Mary Ann.

— Temos um grande desafio. — resmungou Nathan, oferecendo a mão para ajudá-la.

Os joelhos da garota quase entraram em colapso quando ela tentou dividir o peso do corpo.

— Vampiros e lobos são muito mais rápidos que qualquer humano que você possa imaginar. — disse Maxwell. — E está bastante claro para nós que você é muito mais lenta.

— E... Pois é... Eu também cheguei a essa conclusão. Obrigada.

Os dois riram.

— Os vampiros querem o seu sangue e, embora eles não precisem se afundar em seu pescoço para conseguir a bebida, é isso o que eles preferem. É mais difícil para os humanos afastá-los dessa forma. Além do mais, isso enfraquece a vítima mais rapidamente.

— Então você está me dizendo que, basicamente, somos como vacas para eles. — constatou Mary Ann, com certa indiferença.

— A diferença é que vocês matam as vacas. Os vampiros apenas bebem e dispensam. O alimento continua respirando depois que eles terminam a refeição. — Nathan deu de ombros — Na maior parte das vezes.

Na maior parte das vezes. Que acréscimo interessante. Mary Ann apertou os lábios enquanto se lembrava de uma exceção para esse “na maioria das vezes”. Ela tinha visto vários vampiros torturarem e matarem um garoto chamado Ozzie. Eles tinham prendido o garoto em uma mesa, assim como fizeram com Tucker, e o usado como aperitivo durante a festa. Até que a vida escoasse para fora dele.

Ou os lobos leram a mente de Mary Ann, ou a expressão no rosto da garota a denunciou.

— É, ouvimos falar. — disse Maxwell. — Assim como acontece com os humanos, há vampiros bons e vampiros maus. E lobos bons e lobos maus também.

— E, por falar nisso, os lobos não se alimentam de humanos. — Nathan desenvolvia a lição. — Se um lobo atacar você, ele só quer sua morte. E as garras de um lobo podem acabar com você em segundos. Por isso, quando lutar contra um mutante, seu principal objetivo deve ser evitar que eles a cortem.

— Eu jamais teria chegado a essa conclusão. — disse a garota, virando os olhos. — E como exatamente eu devo fazer isso?

— Nós mostraremos, Tente ficar de pé.

Durante cada minuto das duas horas que Riley lhes atribuiu, os dois lobos trabalharam com Mary Ann. Eles a jogaram contra o chão, eles a jogaram contra as árvores. Ela perdeu a respiração, quase quebrou o pulso e certamente torceu o tornozelo. Ainda assim, a garota persistia. Ainda assim, ela os fez continuar vindo até ela.

Mary Ann aprendeu muito com os lobos. Principalmente que ela não conseguiria se esconder deles. O olfato dos mutantes era vinte vezes mais aguçado que dos humanos. A audição, quarenta vezes mais precisa. E, além disso, eles gostavam de quando a vítima corria. Ela se tornava um jogo, um prêmio, e o coração dos lobos acelerava com aquele desafio, a necessidade de vencê-lo se intensificava.

Se uma matilha se aproximasse, ela devia se lembrar de que os lobos eram bastante presos ao território e que eles se organizavam de uma forma bastante eficaz. Sempre havia um líder. Sempre. Esse líder controlava as ações dos demais. Se ela conseguisse derrotar o líder, conseguiria derrotar a matilha. A não ser, é claro, que o líder dissesse aos demais para atacá-la.

Sinais de aviso de um ataque iminente: os pelos arrepiavam. Os dentes eram expostos e depois vinha o rosnado.

Toda vez que Maxwell e Nathan demonstravam isso, como humanos e como lobos, o medo, de Mary Ann crescia um pouco mais. Eles farejavam aquele medo, e isso aumentava seus níveis de fome, aumentando também a vantagem que eles tinham sobre ela. Mary Ann precisaria aprender a controlar suas reações físicas, precisava aprender a não demonstrar medo, como Aden já lhe tinha dito.

Como? Esconder uma expressão era possível. Entretanto, era impossível impedir que o coração acelerasse.

Todavia, a garota agora sabia que aqueles focinhos eram sensíveis, mais sensíveis que o nariz dos humanos. Portanto, se ela pudesse acertá-los no focinho, certamente ganharia alguns segundos preciosos para encontrar uma arma. Um galho, uma pedra, qualquer instrumento ajudaria.

Se eles conseguissem atacá-la e jogá-la contra o chão enquanto ela fizesse isso, Mary Ann teria que conseguir acertar o pescoço dos lobos com um soco bem firme antes que eles rasgassem sua garganta. Além disso, era melhor enfiar a mão na boca dos lobos para manter os dentes deles ocupados com a mão e com os dedos dela, em vez de permitir que eles mordessem seu pescoço. Afinal, se eles atacassem o pescoço, não havia dúvida: ela estaria morta. Por outro lado, ela conseguiria viver sem a mão.

Se houvesse água por perto, ela devia pular. Os lobos tinham dificuldades para lutar na água. Conseguiram, mas preferiam outros locais. E, se ela tivesse sorte, os mutantes a deixariam de lado e passariam a buscar uma presa mais fácil por ali.

Ao final, Mary Ann estava suada, suja e, sim, sangrando. Isso para não mencionar a gratidão pelo céu estar escuro. Os garotos não a tinham ferido, como Riley ordenara, mas as pedras e as cascas de árvores, sim. Algumas vezes, de canto de olho, Mary Ann tinha visto Riley andar na direção dela, mas ele logo se lembrava do acordo e voltava a seu posto. E continuava apenas observando,

Maxwell e Nathan estavam, para dizer o mínimo, tão suados e sujos quanto Mary Ann.

— Bom trabalho, humana. — Maxwell deu tapinhas no ombro de Mary Ann, fazendo a garota quase cair para frente. Rindo, Maxwell a segurou e a ajudou a recuperar a força.

— Eu estava esperando que você fosse implorar por misericórdia depois de cinco minutos.

Dizendo isso, os dois saíram, roupas voavam enquanto eles se despiam, deixando-a sozinha com Riley. Uivos logos surgiram.

— Encontre a gente na cidade. — gritou Riley. — Dentro de uma hora.

Mais uivos.

Fechado?

—Vamos. — disse Riley para ela — É hora de sair da floresta. Os duendes vão começar a aparecer.

Juntos, eles correram até o carro que Riley tinha escondido no limite da floresta e entraram no veículo. Não demorou até que o coração de Mary Ann batesse em consonância com o motor ligado do carro. Consequência de todos aqueles exercícios? Sim, mas estar tão perto de seu agora ex-namorado também ajudava.

Não chore.

— Seus irmãos sabem de mim? — Perguntou a garota, mesmo sabendo a resposta.

— Não. E não contaremos nada.

— Eles não vão perceber que há algo de diferente em mim se eu levar a gente direto a uma bruxa? Quero dizer...

Riley já estava negando com a cabeça.

— Confie em mim. Eu vou ficar com os créditos se encontrarmos uma bruxa. Se encontrarmos. Então, não se preocupe. Agora vamos para a mansão dos vampiros.

— Acho melhor eu ir para casa, tomar um banho e me trocar primeiro. — disse a garota, bastante preocupada com sua aparência. Ela estava parecendo uma andarilha.

— Por quê? Você já vai se sujar outra vez.

— Na mansão?

— Na cidade. É para lá que vamos logo depois. Caçar, lembra? Se eu não for com você, você vai acabar indo sozinha de qualquer jeito. Acredite, eu recebi seu ultimato.

Ela não se desculparia por isso. Suas intenções eram bastante nobres.

— Enfim... — Continuou Riley, já não tão mal-humorado. — Você não pode ir para casa.

Era verdade, O pai de Mary Ann estava lá e acabaria fazendo perguntas que ela não estava preparada para responder e pensaria coisas que ela não queria que ele pensasse. O que você estava fazendo? Por onde andou? Alguém machucou você. Você foi forçada a fazer... coisas? Então, ele acabaria envolvendo a polícia nisso. Não, obrigada.

— E por que vamos até a mansão? — Ela perguntou.

— Quero levar você até Victoria e colocar um pouco do sangue dela no seu corpo. Desculpe?

— Ah, não. Não, não, não. Não vou beber o sangue de ninguém.

Mary Ann sacudiu a cabeça, negando enfaticamente.

— O sangue vai deixar você mais forte, Mary Ann. E curar suas feridas.

Em seu assento, ela sacudia para frente e para trás com o solavanco dos pneus.

— Isso também vai me forçar a ver o mundo pelos olhos dela. E eu já tenho problemas suficientes vendo o mundo com meus próprios olhos.

— O efeito só dura por algumas horas.

— Eu não me importo. Não estou com tantas feridas assim para justificar isso.

Riley apertou as mãos ao volante. Se Mary Ann não o estivesse observando tão de perto, talvez ela não tivesse notado a reação significativa.

— Certo, mas isso poderia atenuar sua nova habilidade. Obrigada por me lembrar.

— Você tem certeza? Porque talvez isso intensifique as habilidades como o feitiço acabou intensificando. E você não está cem por cento seguro de que sou uma Sugadora, lembra? — Ela rapidamente acrescentou.

Riley passou a mão pela nuca.

— Está bem.

O lobo manobrou o carro para fora da grama, levando-o até bem próximo de uma estrada de terra. Então, virou o veículo e seguiu na direção oposta.

— Nada de sangue.

— Obrigada.

— Guarde os seus agradecimentos. Eu sei que você quer terminar comigo e isso está influenciando a forma como você reage às minhas sugestões úteis, mas você precisa...

— Espere aí? Eu quero? Não. Não mesmo. — Mary Ann não permitiria que Riley acreditasse que ele não significava nada para ela. Ele era tudo. — Eu só não quero machucar você, Riley.

— E eu não quero machucar você. — Ele estendeu a mão e segurou a mão de Mary Ann, os dedos se entrelaçaram. A pele de Riley era quente e calejada. — Então, aqui está a real: temos dois dias. Dois dias antes de a maldição começar a surtir efeito. E eu não quero passar esses dias brigando com você.

Oh, Deus! Ela nunca tinha visto a situação por esse ângulo. Dois dias, sim, ela tinha se dado conta. E detestava isso. No entanto, como ela passaria esses dias? Aproveitando-os ou se entregando às angústias? Não. Mary Ann não tinha dúvida.

— Eu também não quero. — ela admitiu.

Riley levou a mão de Mary Ann até sua boca e deu um leve beijo, quente, suave, deixando até a língua sair para prová-la rapidamente. Arrepios se espalharam pelo corpo da garota.

— Ótimo, porque quero estar com você enquanto enfrentamos isso. Depois você pode terminar comigo se ainda quiser. Só não espere que eu goste disso ou que me distancie de você tranquilamente.

Mais dois dias com ele, desfrutando em vez de se arrepender pelo que poderia ter sido. Mary Ann não conseguiu resistir, mesmo sabendo que cada minuto que passava com Riley, como namorados, aprofundaria sua ligação com ele. Mesmo sabendo que ter terminado com ele pela primeira vez quase a matou e que fazer isso outra vez acabaria de vez com ela. Mary Ann não estava ferindo o mutante fisicamente, não estava destruindo seu lado lobo... Ainda. Não haveria problema algum em passar mais dois dias com ele.

E aquilo não era um convite para que o Universo provasse que ela estava errada.

— Está bem. Sim. — Com essas palavras, Mary Ann tirou um peso dos ombros e, de repente, era como se ela pesasse cinco quilos a menos. — Eu também quero ficar com você.

Riley expirou aliviado.

— Bem, então já posso matar meus irmãos por terem causado esses ferimentos em você.

Mary Ann riu. Ela estava tão feliz que poderia ter explodido.

— Não, não pode. Você pediu para que eles me treinassem.

— E eu disse a eles para que tomassem cuidado com você.

— Como conseguiria aprender alguma coisa se eles me tratassem como uma bonequinha de porcelana?

— Não significa que eu tenha que gostar disso. — resmungou Riley.

Que cara doce!

Sorrindo, Mary Ann voltou sua atenção para o lado de fora do carro. Como a lua já tinha aparecido, um radiante brilho prateado caía sobre a floresta e a poeira se espalhava em meio àquela luz como se fosse glitter. As árvores começavam a se tornar escassas e as construções começavam a aparecer. A garota viu aquele brilho e aquele glitter se espalharem em meio às casas, criando uma aura assustadoramente bela. Será que era aquilo que Riley enxergava em volta dos seres humanos? Então ela viu o lixo espalhado pelas ruas e todo aquele brilho desapareceu.

Riley estacionou entre um posto de gasolina e uma lavanderia, as sombras projetadas pelos dois prédios escondiam o carro. As calçadas e as lojas estavam vazias, como se todos tivessem ido mais cedo para casa. Para se preparem para a festa sobre a qual Penny havia comentado?

Riley abriu a porta, mas, em vez de sair, continuou ali, olhando para ela.

— Se sentir a presença de alguma bruxa...

— Direi imediatamente. Eu juro.

Riley concordou com a cabeça e demonstrou gratidão. Depois, saiu do carro e caminhou até o lado de Mary Ann antes que ela tivesse tempo de abrir a porta. Ele abriu a porta para ela e estendeu a mão para ajudá-la a se levantar e a sair. A mãe do garoto ficaria orgulha com aquelas boas maneiras. E tanta doçura. Tudo isso junto em um mesmo pacote com aparência de bad-boy.

Como Mary Ann conseguiu terminar com ele? Por um segundo, que fosse. Garota idiota!

É, mas foi pela sobrevivência dele.

Ah, sim.

O ar agora estava mais frio, um gelo, mas Riley passou um braço em volta do pescoço de Mary Ann, mantendo a garota encostada no corpo dele, recebendo seu calor delicioso enquanto eles exploravam o lugar. Ótimo. Mary Ann não sentia nenhuma magia por ali e, a cada passo, ela se tornava um pouco mais fraca. Seu corpo tremia, O que havia de errado com ela?

— Ainda está com frio? — Perguntou Riley.

— Não. — o estômago de Mary Ann virou, extremamente vazio e pronto para começar a reclamar. Ela estava, ela se atreveria pensar que estava... Com fome? Sim. Sim, ela estava com fome. Mary Ann parou e sorriu.

— Riley, você não vai acreditar nisso, mas... Eu estou com fome. Na verdade, estou *morrendo* de fome.

Ele não parecia tão animado quanto ela. O garoto arqueou uma sobrancelha enquanto perguntava:

— Fome de comida?

— É claro!

Porém, Mary Ann pensou em uma fatia de sua pizza de queijo favorita e agora seu estômago doía como se ela estivesse com cólicas. Ela pensou em *lo mein* de carne, prato da última refeição “de verdade” que se lembrava de ter feito junto com pai, e a cólica deu lugar a dores pontiagudas. Não desista. Ela pensou em sopa de galinha com macarrão, o que sua mãe lhe dava quando ela estava doente, mas as dores persistiam.

Ela pensou em magia, invadindo o corpo, passando por ela, consumindo-a, linhas de calor e de poder se entrelaçando dentro dela, formando uma manta de serenidade e de força. Nesse momento, seu estômago se acalmou. Assim. Instantaneamente.

Ah... Não.

A esperança morreu, transformou-se de vez em cinzas. Mary Ann tinha se dado conta dos fatos antes, mas agora ela conhecia a verdade como a palma de sua mão. Ela era uma Sugadora, e seria inútil fingir que não ou se apegar a falsas esperanças. Ela se alimentava de magia. Ela destruíu.

— Não. — sussurrou a garota, a tristeza substituiu sua alegria. — Não é de comida.

Riley apertou o braço em volta dela e a beijou na têmpora, um gesto demonstrando que ele ainda gostava dela, apesar de tudo. Em seguida, os dois voltaram a caminhar juntos. Continuaram explorando, silenciosos. Mary Ann tentava não se preocupar. Como ela imaginava, as lojas estavam vazias. Inclusive o restaurante drive-thru que costumava ficar aberto até no Dia de Natal.

— Esse silêncio é estranho. — ela finalmente disse.

— É verdade. Sentiu alguma coisa?

— Ainda não.

Não havia sequer um sopro de magia por ali e, a cada minuto que passava, a fome de Mary Ann se tornava mais intensa. Ela precisava...

Alguns minutos depois, os irmãos de Riley se juntaram a eles, na forma humana e novamente vestidos. Felizmente, Riley não os ameaçou nem os puniu, como havia dito que

faria. Tudo o que o lobo fez foi puxar Mary Ann, deixando a garota ainda mais próxima de seu corpo, distraíndo-a daquela fome atormentadora.

— Vi vários carros no caminho para cá. — comentou Nathan.

— Todos com jovens, nenhum adulto. — acrescentou Maxwell.

E como era de se esperar, logo os pneus cantaram e jovens saíam de vários veículos. Latas de cerveja imediatamente tiniam. Alguém aumentou o volume do rádio, deixando o som o mais alto que podia. Em pouco tempo, risadas e gritos e assobios e conversas ecoavam.

Parecia que a festa tinha oficialmente começado, mas todos os que participavam eram humanos. Não havia sequer uma criatura sobrenatural entre eles. A frustração consumia Mary Ann quando uma hora se passou, e então mais uma hora. Algumas pessoas dançavam, outras davam uns amassos, uma briga, muitas bebidas e até mesmo uma fogueira, bem ali, no meio da cidade. A polícia não apareceu, e os poucos adultos que chegaram se juntaram à festa em vez de tentar pôr um ponto final em tudo aquilo.

Penny acabaria descobrindo que sua amiga estava lá e isso geraria sérios problemas. No entanto, nada podia ser feito a esse respeito.

Mary Ann observava e esperava, novamente consciente da fome que fazia o estômago doer. Ela continuava enfraquecendo, tremendo. Talvez vir até aqui não tivesse sido tão boa idéia. Aliás, ela tinha aberto a boca exatamente para pedir que Riley a levasse para casa, quando Brittany Buchanan a viu e correu em sua direção. Britt não cambaleava, graças a Deus. Com o humor que estava, Mary Ann achava que não conseguiria aguentar os sentimentalismos e os gaguejos de um barril de cerveja humano.

— Podemos conversar? — Perguntou a garota, nervosamente puxando Mary Ann para longe de Riley antes que ela pudesse responder.

Ele continuou segurando Mary Ann, que lançou um olhar de “vou ficar bem” e, então, cochichou:

— Se a coisa ficar feia, dou um tapa nela.

O garoto lutou contra um sorriso irônico, concordou com a cabeça e finalmente a soltou. Porém, o olhar dele observava todos os movimentos de Mary Ann.

— Há algo errado?

Britt sacudiu a cabeça, negando. Quando elas estavam do outro lado da fogueira, onde algumas pessoas dançavam, a garota se aproximou e disse:

— Em primeiro lugar, o que você estava fazendo? Rolando na terra? — Brittany sorriu para que as palavras soassem menos agressivas. — Mas não preciso perguntar com quem você estava rolando, não é mesmo? Enfim. Não é para isso que arrastei você até aqui. Diga-me... Quem é aquele bonitão ali? Ele está disponível?

Ah. Uma paixonite!

— Qual?

— Aquele que se parece com um floco de neve enorme.

— Ele é Nathan, irmão de Riley. — Longe do calor, a tremedeira de Mary Ann se intensificava. — Até onde sei, ele está solteiro.

Os olhos de Britt se arregalaram.

— É mesmo? Apresente esse garoto para mim! Por favor! Você prometeu, lembra? Ai, que emoção! — Ela batia palma e pulava. — Faça isso agora ou vou morrer.

— Certo, venha comigo. — Mary Ann caminhou de volta até o grupo de mutantes e fez as apresentações. Nathan quase não prestou atenção. Maxwell, no entanto, ofereceu um aperto de mão e sorriu para Brittany, um sorriso malicioso que poderia tê-la feito se derreter.

Porém, Brittany não queria nada com ele. Sua atenção estava voltada para Nathan que, por sinal, não poderia ter sido mais grosseiro. Durante a maior parte do tempo, ele

simplesmente a ignorou. Quando finalmente se dignou a falar com ela, adotou um tom de voz frio e frases curtas.

—Você é um *borderline* idiota, sabia? — Maxwell murmurou para o irmão.

— Só *borderline*? Eu devo ter outros transtornos também. — respondeu Nathan, sem expressar arrependimento.

Mary Ann queria bater nele, e assim teria feito se Riley não tivesse percebido as intenções da garota e segurado seu punho.

Brittany finalmente desistiu.

— Já vi que nossa conversa foi completamente desnecessária, Mary Ann, mas obrigada por ter me apresentado a ele.

Ao dizer isso, Brittany caminhou de volta até seu grupo de amigos.

Maxwell deu um soco no braço de Nathan. E ele mostrou o dedo do meio para Maxwell. Os dois caminharam em sentidos opostos.

Riley puxou Mary Ann para frente dele e encostou o corpo da garota contra o seu. Mais calor. A fome desaparecia conforme ela experimentava aquilo. Hmm... Ela suspeitava que não teria muitos outros momentos como aquele e que, portanto, teria de aproveitá-los enquanto podia.

— Seu irmão. — disse ela, sacudindo a cabeça.

— O feitiço. — Riley cochichou na orelha da garota.

— O quê?

— Lembra? Quando um dos meus irmãos se sentir atraído por uma garota, ela o achará feio. Quando meus irmãos não se sentirem atraídos por uma garota, ela os verá como eles são de verdade.

Ah. Pobres garotos. Isso significava que Maxwell tinha se interessado por Brittany; Nathan, não.

A única forma de os garotos quebrarem o feitiço era morrer. Como os humanos, todavia, os lobos nem sempre eram capazes de ressuscitar. Portanto, matá-los apenas para melhorar a vida amorosa... Bem, isso não funcionaria. O risco (a morte permanente) não valia a recompensa.

—Além do mais, Nathan não namoraria uma humana. Nunca. — Riley continuou explicando. — É por isso que todas as garotas aqui olham para Nathan como se ele fosse um doce. Elas querem o que instintivamente sabem que não podem ter.

— Algumas estão olhando para Maxwell assim. — disse a garota, estranhamente defendendo o lobo dourado. — E para você também, é claro.

— As que estão olhando para Max não fazem o tipo dele e, portanto, não conseguem vê-lo como ele é verdadeiramente. E não percebi ninguém olhando para mim além de você.

Mary Ann passou os dedos pelos braços de Riley, desejando que eles estivessem sozinhos para que ela pudesse dizer como ele era lindo, por dentro e por fora, e então beijá-lo, sentir aquele gosto, aproveitar ao máximo o tempo que eles tinham juntos.

— Podemos ir? — Perguntou Mary Ann, fazendo tudo o que podia para não soar esperançosa. Afinal de contas, eles tinham uma missão. Uma missão muito importante, por sinal.

O suspiro de Riley despenteou o cabelo da garota.

— É. As bruxas vão ficar longe daqui. Elas sabiam que viríamos.

Mary Ann não se sentia culpada por aquilo. Não muito.

— Por que elas não vêm brigar com a gente?

— Não sei. Talvez elas estejam planejando alguma coisa. Talvez estejam procurando pela amiga que raptamos.

Mary Ann enrijeceu o corpo, embora não quisesse ter feito aquilo. E se elas conseguissem encontrar a feiticeira sequestrada? O que aconteceria se o grupo da garota perdesse sua única moeda de barganha?

Nada de muito bom, certamente.

— Não se preocupe. — disse Riley. — Elas não vão encontrá-la. Diferentemente dos lobos, elas não conseguem seguir pistas.

Lentamente, Mary Ann relaxou. *Não há nada mais que você possa fazer aqui. Divirta-se, pelo menos uma vez na vida. Antes que seja tarde demais.* Ela se virou, ainda nos braços de Riley, ficou na ponta dos pés e beijou os lábios do garoto. Suave, doce... Mas não o suficiente.

— Riley...

Ele a puxou o mais perto que podia. De repente, a respiração do garoto se tornou intensa conforme o ar entrava e saía pela boca.

—Vamos para um lugar mais íntimo. — disse ele, com a voz rouca.

— Sim. — ela respondeu, derretendo como se fosse manteiga, exatamente como Brittany. —Vamos.

Vinte



—... DISSE QUE VOCÊ FICARIA MEIO ZONZO por causa dos remédios, mas estou um pouco preocupado. Você está bem?

A voz de Dan se arrastava através de um túnel longo e escuro. Um túnel elástico, O garoto abriu os olhos. Um momento se passou antes que ele conseguisse se orientar e perceber que estava na caminhonete de Dan, lojas ficavam para trás, e uma festa acontecia do lado de fora.

— Aden? — Chamou Dan.

— O quê? Desculpa.

— Você está bem?

— Sim. Claro. — O garoto esfregou as têmporas; depois, os olhos. Como ele tinha ido parar na caminhonete? A última coisa de que ele se lembrava era de ter andado pelo consultório do Dr. Hennessy, o sol se punha, mas ainda estava claro, e o ar fresco. Depois disso ele tinha...

Aden franziu a testa. Ele não se lembrava. Agora, a lua estava alta e dourada.

Sobre o que eles tinham conversado? Quanto tempo tinha se passado?

O garoto franziu a testa mais intensamente. Ele tampouco se lembrava disso.

Remédios, Dan tinha dito. Teria o Dr. Hennessy medicado o garoto sem que ele soubesse?

— Olá. — murmurou Aden bem baixinho. — Estão por aí?

Presente.

Sim.

Aqui.

Nada de remédios, então. Se o Dr. Hennessy tivesse foçado algum medicamento em Aden, as almas seriam incapazes de se comunicar com o garoto. Ele queria perguntar se elas se lembravam do que tinha acontecido, mas não podia. Não enquanto Dan estivesse por aqui.

— Nós saímos do consultório agora?

— Sim. Você estava bastante zonzo, então esperei o máximo que pude antes de sair com você, caso você precisasse de cuidados médicos. — Havia compaixão na voz de Dan. Claramente, ele supunha que o garoto estava acordando. — Temos um jantar com a nova tutora e já estamos um pouco atrasados. Então, eu finalmente dei no pé.

Nada daquilo fazia sentido. Ele subitamente se lembrou de estar sentado em uma cadeira, cheio de medo, mas decidido. E mais nada.

— Se você achar que precisa faltar dó colégio amanhã, eu entenderei. — Disse Dan.

— Não. Eu vou ficar bem. — ele esperava. Aden ainda precisava caçar bruxas. — O Dr. Hennessy disse mais alguma coisa?

— Só que ele sentia muito por você ter tido aquela reação adversa à terapia. Bem, isso e que você não estava tomando seu remédio direito. É verdade?

Aden detestava mentir para Dan, embora precisasse fazer isso o tempo todo. Dessa vez, no entanto, ele não esconderia os fatos.

— Sim, é verdade.

— Por quê? Você não quer melhorar?

Surpreendentemente, não havia fúria na pergunta.

— Não sou louco. Não preciso melhorar.

Dan olhou torto para Aden. Dan, com seus trinta e poucos anos, cabelos cor de areia e olhos castanhos, olhos que mais frequentemente encaravam Aden com carinho e compreensão. Naquele momento, a fúria que o garoto esperava dominou aquele olhar.

— Você ainda fala sozinho. É claro que não está melhor. Você precisa melhorar se quiser minha ajuda para se livrar dos remédios.

Dan o ajudaria? Lá no fundo, onde todas as traições e rejeições que o garoto recebera durante toda a vida, putrefaziavam incapazes de serem curadas, ele simplesmente não conseguia acreditar que aquilo seria possível. No entanto, eles logo descobririam a verdade.

— Quer saber o motivo? Está bem. Aqueles medicamentos me deixam cansado, confuso. Quando tomo os remédios, não consigo pensar direito, ou, melhor dizendo, simplesmente não consigo pensar. Eles me deixam idiota e já tenho problemas suficientes com os quais lidar. Não preciso acrescentar decisões ruins e xingamentos péssimos a essa mistura. E, sim, eu sou xingado. “Retardado” é a palavra que está no topo da lista.

Vários segundos se passaram em silêncio, um silêncio que parecia durar uma eternidade.

— Bem, então está certo. Conversaremos com o médico para ver se ele pode trocar os seus remédios.

Assim? Aquilo era... Aquilo era... Ainda inacreditável, O garoto decidiu ir um pouco além.

— Eu não gosto do Dr. Hennessy, Dan. Ele me dá medo, e eu preferiria que você não falasse com ele sobre mim. Que vocês não falassem nada.

Dan lançou um olhar cuidados para o garoto.

— Dá medo? Como?

— Não sei. Eu não gosto do jeito que ele olha para mim.

A imobilidade atenta de um predador tomou conta de Dan.

— Ele já tocou em você, Aden? De alguma maneira imprópria?

— Não. — respondeu o garoto.

Dan relaxou.

— Bem, mais ou menos. — acrescentou Aden enquanto se lembrava da forma como Hennessy tinha se apoiado na beirada da poltrona, segurando aquele gravador. — Ah, sei lá. Eu só não me sinto... Seguro com ele.

— E eu não gosto nada disso. Não gosto, mesmo, e não vou tolerar. Vou conversar com sua assistente-social e arrumar um novo médico. Mas vou ser sincero. Vivemos em uma cidade bem pequena e já estamos quase sem opções. Aliás, me lembro de ter visto a lista em outra ocasião e só havia mais um nome. O doutor Morris Gray.

O pai de Mary Ann. Aden sentiu um aperto no estômago, mesmo sabendo que Dan realmente queria ajudá-lo. O Dr. Gray tinha sido seu médico anos atrás. Eles dois se lembravam disso e de como o médico tinha expulsado Aden de seu consultório depois que o garoto admitiu ser capaz de viajar no tempo. Exatamente o que a mãe de Mary Ann afirmava fazer. Gray pensou que Aden tivesse roubado e lido seus diários sobre a história da esposa dele e, por isso, explodiu.

O Dr. Gray ainda pensava isso, pois não queria admitir a verdade, que sua esposa não era louca, que ele a tinha medicado sem motivos, que ela tinha morrido porque ninguém a tinha ouvido, porque ninguém a tinha ajudado. Portanto, Aden e o Dr. Gray definitivamente não se davam bem.

— Não. — disse Aden, sacudindo a cabeça.

— Não importa. O Dr. Gray já nos recusou porque tem muitos pacientes.

Até parece.

— Talvez pudéssemos achar outro médico na cidade.

— Demora quase trinta minutos só para ir até lá e não temos tempo para isso, mas prometo que vou pensar sobre o assunto. Alguma coisa será feita. Não quero que você se sinta desconfortável. Está bem?

— Certo.

Aquilo era mais do que Aden esperava, um sonho se tornando realidade. O adulto responsável por cuidar dele tinha acabado de provar que... Realmente cuidava dele. Como um dia podia ter começado tão terrível e terminar tão bem?

Quando eles finalmente chegaram ao rancho, Aden pulou para fora da caminhonete.

— Quero lavar o rosto antes de jantar. — disse o garoto e, depois de obter a aprovação de Dan, caminhou até o quarto.

O alojamento estava vazio, os garotos já estavam na casa principal. Aden se trancou no banheiro, feliz com Dan, com o apoio inesperado, com o fato de que nunca teria que ver o Dr. Hennessy novamente.

Na pia, ele abriu a torneira até que a água quente saísse e encharcasse as mãos.

— Pessoal. — cochichou com as almas. Uma a uma, elas responderam. — Vocês se lembram do que aconteceu naquele consultório?

Não, disse Caleb. Eu me sinto como se estivesse em um buraco negro agora e isso está afetando seriamente meu interesse sexual.

Quem se importa com seu interesse sexual? Eu mal consigo lembrar que dia é hoje, comentou Julian.

É como se minha memória tivesse sido apagada, disse Elijah. *E eu não gosto nada disso.*

O que, então, tinha acontecido com eles durante aqueles minutos dentro da mente de Hennessy? Espere aí! Ele tinha invadido a mente de Hennessy?

Mesmo enquanto a pergunta se formava, era como se alguém tivesse jogado detergente na memória de Aden e então esfregado. Ele franziu a testa ao ver seu reflexo pálido no espelho, tentando reviver os últimos cinco minutos. Nada. A última hora. Ainda nada. Gotículas de água espirravam nas mãos, mas, de repente, ele mal conseguia se lembrar de ter caminhado até o banheiro, muito menos de ter aberto a torneira.

Aden franziu ainda mais a testa.

— O que estamos fazendo aqui?

Higiene, disse Caleb, com um “dã!” implícito. *Precisamos conhecer a nova tutora.*

— Ah, sim. — Aden sacudiu a cabeça, tentando espantar a sensação de mal—estar.

—Vamos lá resolver isso.



Novamente, Tucker se viu encolhido na cripta subterrânea, com poeira no nariz, escuridão ao seu redor e um frio úmido ainda o afogando. Dessa vez, ele tremia. Não porque estivesse fraco (Tucker estava fisicamente mais forte agora do que estivera da outra vez), mas porque podia sentir a ameaça invadindo o ar. Uma ameaça espessa como sangue. Amarga, como borracha queimando.

O que o esperava? Nada bom, certamente. E por quê? Ele tinha seguido todas as ordens. Tinha observado Aden. Sim, manteve a guarda. Sim, ele tinha desviado do curso algumas vezes, espionando, em vez de Aden, Mary Ann, assegurando-se de que ela chegaria onde queria chegar sem enfrentar problemas. Porém, ele sempre voltava a seguir Aden. Sempre.

— Não estou feliz com você, garoto.

Aquela voz suave vinha de poucos metros de distância, embora Tucker não conseguisse enxergar quem estava falando. Ele se virou de forma muito mais violenta que se Vlad tivesse gritado.

— Sin... Sinto muito. Estou tentando. Por favor, não me puna.

Tucker não conseguia se convencer a ficar de pé e correr, não importa o quanto tentasse. Deus, e como ele queria. No entanto, ele também queria agradar aquele homem, aquele rei deposto. Essa necessidade era como uma parte do corpo, como os pulmões ou o coração. Nesse exato momento, Vlad queria que ele ficasse parado.

— Punir? Talvez. Você não está se empenhando como devia.

— Você também não está fazendo seu melhor. — ele murmurou antes de conseguir se conter. Logo em seguida, Tucker se encolheu, esperando uma retaliação violenta.

— Estou em processo de cura, seu idiota. Meu povo não pode me ver assim.

— É claro, é claro.

— Tenho perguntas e você irá respondê-las. Como aquele humano, Aden, está governando meu povo? Por que eles estão seguindo as ordens daquele garoto? Como ele ainda está vivo? — Cada pergunta era dita de forma mais rápida do que a anterior.

— Eu não... Eu não tenho idéia...

Mas ele tinha. De tudo o que Tucker tinha testemunhado, apenas uma resposta fazia sentido.

— Responda!

Vlad gritou e Tucker percebeu que estava errado. Nada era pior que ouvir aquele vampiro gritar uma desaprovação. As ondas de fúria profunda eram como línguas de fogo, lambendo, banquetando-se. Tucker engoliu em seco. Assim como parte dele queria correr, outra parte queria conter as próximas palavras.

Uma parte do garoto não aguentou e cedeu. Pela auto-preservação.

— Os lobos protegem Aden.

— Os lobos. — O silêncio se instalou. Um silêncio grosso, pesado. Um silêncio angustiante, que fazia suar. Porém, finalmente, abençoadamente, Vlad voltou a falar.

— Continue observando esse garoto. Tenho de pensar em muitas coisas.

Não era uma ordem para matar e, ainda assim, Tucker sentia uma onda nauseante de morte no ar. Essa ordem final viria. Disso, ele não tinha dúvida alguma.



O jantar estava horrível.

Ah, a comida estava boa (afinal, Meg Reeves era uma excelente cozinheira) e Aden se acabou na carne de panela com batatas. E aquela sala, a sala de jantar “formal”, era muito legal. Aden nunca tinha se sentido mais como parte de uma família que quando estava aqui. Havia algo naquela mesa quadrada e enorme que Dan tinha feito com as próprias mãos, nos papéis de parede estampados com cerejas e carriolas (por incrível que pareça!), e no armário que guardava as porcelanas favoritas de Meg. Uma casa de verdade devia ter um aspecto assim.

Porém, a nova “tutora”... Aden deu de ombros. Ou talvez tenha tremido. A palavra “gostosa” parecia não ser boa suficiente para descrevê-la. No entanto, a palavra “fada” fazia

isso muito bem. Thomas estava certo. A família do elfo tinha vindo procurar por ele. A nova tutora não era nada mais, nada menos do que a Srta. Brendal, sua irmã.

Aden tinha imediatamente percebido como a situação era perigosa, mas não conseguiu deixar o local. Fazer isso pareceria suspeito demais. Então ele ficou ali, sentado. E comeu. E fingiu ser tão normal quanto os outros.

Todos os garotos estavam em volta dele. Shannon e Ryder, que sentavam um de frente para o outro, recusavam-se a trocar olhares, estavam quietos demais. Seth estava encostado na parte de trás da cadeira com o braço descansando no encosto traseiro, o olhar dizia “vem cá”. RJ, Terry e Brian estavam boquiabertos e abismados. Dan sentava em uma ponta da mesa e a bela Meg na outra. Eles também pareciam estar sob o encanto da fada, ouvindo de forma extasiada cada palavra como se aquela criatura fosse salvar o mundo.

Até mesmo as almas a ouviam, poetizando excessivamente sobre o rosto e sobre o corpo de Brendal. Infelizmente, Aden queria fazer parte daquele grupo.

A Srta. Brendal estava sentada na frente de Aden e, sim, ela era linda. Provavelmente, a maior perfeição física que o garoto já tinha visto. Ela tinha olhos grandes e brilhantes que, de alguma forma, o garoto achava familiar. No entanto, os cabelos compridos, louros e em cachos não lhe eram familiares. Ele achava que não. Aquela pele era tão dourada e luminosa que a fada poderia ter engolido o sol. E ela tinha cheiro de jasmim e madressilva.

Aden adorava jasmim e madressilva mais que qualquer coisa. Ele também adorava Brendal.

Aden fechou as mãos. Ele tinha que parar de pensar dessa maneira, mas não sabia como. Muito embora soubesse o que Brendal era, o garoto se sentia mais atraído por ela a cada segundo... Tinha a necessidade de protegê-la... Caramba, até mesmo de deitar a cabeça nos pés dela, só para estar perto. Afagá-la, beijá-la... Adorá-la. E isso era perigoso (para não dizer “constrangedor”). Tanto para Victoria, quanto para ele. Essa mulher, essa fada adorável, essa...

Ela era uma inimiga. Ela teria vontade de matar Aden assim que soubesse o que aconteceu com Thomas.

Um fato que Thomas adorava trazer à tona, várias e várias vezes. O fantasma estava atrás da irmã, desesperadamente, tentando atrair a atenção dela, dando gritos fantasmagóricos o mais alto que podia, chutando a mesa, as cadeiras, puxando o cabelo de Brendal e, quando nada disso funcionava, gritando ameaças para Aden.

— Minha irmã vai vingar a minha morte. Eu tenho certeza disso.

Atrás daquela cena encantadora estava Victoria. Ela tinha chegado havia pouco tempo no rancho para esperar no quarto de Aden até o final do jantar, querendo conversar com o garoto. Sobre o quê? Isso ele não sabia. No entanto, ela logo avistou Brendal, e aí a coisa mudou de figura, muito embora, ou talvez porque, fadas detestassem vampiros e preferissem matá-los à primeira vista. E Aden tinha a honra duvidosa de ser o rei dos vampiros. Victoria caminhou pelo lado de fora da casa, na direção da janela que havia na frente de Aden. Só ele conseguia vê-la, ela se misturava muito bem em meio à noite, mas aquilo não melhorava a sensação de morte do garoto.

— Espero que todos estejam prontos para a sobremesa — disse Meg, levantando—se. Ela era uma mulher pequena, com traços delicados e cabelos que pareciam não conseguir se decidir entre o castanho e o louro.

— Sempre estou pronto para as sobremesas que você prepara — disse Dan, dando um sorriso caloroso. Eles se amavam, e o peito de Aden apertava toda vez que o garoto os via juntos.

— Só um minuto. — Também sorrindo, Meg saiu em direção à cozinha.

—Você está o tempo todo olhando sobre o meu ombro, Aden. —Até a voz de Brendal era bonita, suave, musical. — Por quê? — Ela virou o corpo para olhar para trás, e Victoria rapidamente saiu do campo de visão de Aden.

Quase. Quase! Aden se forçou a olhar para o tampo da mesa. Ele estava certo de que, agora, todos estavam olhando para ele e esperava não enrubescer. Aden enrubescceu.

Tudo bem. Era melhor que eles olhassem para ele que para a janela. O garoto não tinha percebido que estava sendo tão óbvio.

— Olhar sobre o seu ombro é crime?

Uma pausa. Teria a aspereza de Aden a assustado?

— Prefiro que meus alunos me olhem direto nos olhos.

Ela preferia? Preferia, mesmo?

— Eu não sou seu aluno.

—Você poderia ser — disse a fada, inclinando o corpo para frente e tentando alcançar a mão de Aden.

Ele puxou as mãos e as colocou sobre as pernas, antes que houvesse qualquer contato físico.

— Estou feliz na Crossroads High.

— E você está lá há mais de um mês?

— Sim.

—Então você não passou muito tempo com o Sr.Thomas? Thomas se ajoelhou ao lado dela, suplicando.

— *Estou bem aqui. Enxergue-me. Por favor, me enxergue!* — Ele soava como se fosse chorar, o que fez com que Aden precisasse limpar a garganta para desfazer o nó que ali se formava.

— Aden. — disse Dan. — Por favor, responda à pergunta da Srta. Brendal.

Ele tinha ficado sentado ali em silêncio? O que ela tinha perguntado? Ah, sim...

— Correto. — Ele rezava para que sua resposta não fosse uma placa de neon denunciando sua culpa. — Não passei muito tempo com o Sr. Thomas. — *Só a meia hora que precisei para matá-lo.*

Meia hora necessária, disse Elijah. Aden piscou. Em geral, as almas não conseguiam ouvir os pensamentos do garoto. Ou Elijah tinha adivinhado? Não, Aden percebeu logo depois. O assunto denunciava o jovem.

E, e aí nós nos tornamos “os caras”, disse Caleb. *Deus pode ter criado o mundo em seis dias, mas nós poderíamos ter feito isso em cinco!*

Não brinque com isso, gritou Julian.

Quem está brincando?

Aden detestava quando eles discutiam, mas isso ainda era melhor que quando eles viravam poetas.

Meg voltou com uma bandeja enorme cheia de brownies. Primeiro, ela serviu Dan e Brendal e, então, colocou as guloseimas no centro da mesa para os garotos. Todos se atiraram como cães famintos que tinham acabado de ver um osso suculento.

— Agora que estamos mais à vontade, gostaria de fazer algumas perguntas pessoais. — anunciou Brendal. Ela colocou o brownie no prato.

— Quero ter certeza de que minhas aulas estarão de acordo com as necessidades de vocês, Tendo isso em vista, gostaria de saber o que todos vocês achavam do Sr.Thomas.

— Não tivemos tempo de conhecê-lo direito. — disse Seth.

Brendal não se desanimou.

— Então digam: o que vocês acham que poderia ter acontecido com ele?

— Se ele está desaparecido, você não devia fazer essa pergunta para a polícia? — Perguntou Ryder.

Um momento se passou em silêncio e, naqueles segundos, quaisquer resistências que os garotos poderiam sustentar desapareceram. Até que a última migalha de brownie fosse consumida, eles, e até mesmo Dan e Meg, especulariam sobre o desaparecimento repentino de Thomas. Abdução alienígena foi mencionada. A necessidade de um recomeço, também. Assassinato (Aden tentou não se contorcer na cadeira) e até mesmo um possível acidente de carro foram discutidos.

— Diga a ela que estou aqui, Aden. — pediu Thomas, dirigindo-se ao garoto sem hostilidade pela primeira vez desde que Brenda tinha entrado na sala. Os olhares de Thomas e de Aden se encontraram, confrontaram-se. — Por favor.

O garoto quase desabou. Aquele “por favor”... Não posso, ele projetou.

—Você me deve isso. — a ira retornava à voz de Thomas.

Aden negou com a cabeça.

Ainda assim, Thomas persistiu:

— Pode ser que ela consiga me salvar.

Para que você possa matar minha namorada? Não. Agora não. Talvez depois que eles enfrentassem as bruxas e somente se Thomas jurasse deixar de lado seu desejo de se vingar contra a família real. Até lá, nenhum acordo seria feito. Então, Aden desviou o olhar, silenciosamente pondo um fim à conversa. O elfo começou a gritar novamente, rosnando, andando de um lado para o outro. A culpa voltava a brotar no peito do garoto.

— Aden? — Chamou Dan, atraindo a atenção do garoto. —Você concorda, então, com a sugestão da Srta. Brendal?

— Sugestão?

Aden só podia imaginar o que ela queria. Sua cabeça em uma bandeja de prata? Seu coração em uma caixa de presente? Como ela seduziria todos com seus encantos, Aden duvidava que qualquer um ali hesitaria em fazer o que fosse necessário para agradá-la.

Ele observou o rosto dos garotos. Todos olhavam para ele com inveja. Todos, exceto Shannon e Ryder. Mais cedo, eles lutavam com todas as forças para não olharem um para o outro. Agora, entretanto, eles pareciam participar de uma competição para ver quem conseguia encarar o outro por mais tempo. Ambos com os olhos estreitados, ambos com lábios encolhidos demonstrando desgosto.

Aden levou seu olhar até a janela, mas Victoria já não estava lá.

— Claro. — disse o garoto, finalmente, suor brotava em sua testa. — Estou... de acordo.

— Ótimo. — Dan se levantou, deixando a cadeira deslizar para trás. Todos, exceto Aden, fizeram a mesma coisa. Os garotos observaram Brendal demoradamente antes de saírem da casa principal em direção ao alojamento. Seth até mesmo mexia as sobancelhas para ela. Dan caminhou até Meg e colocou os braços sobre os ombros dela. Eles esperaram, olhando para Aden com expectativa.

O que ele devia fazer?

— Então, podemos ir? — Brendal perguntou com aquela voz musical ao garoto.

—Ah... Claro. —Talvez ele devesse ter recusado a “sugestão”.

Ela caminhou na direção da porta da frente. Aden continuou onde estava por vários segundos, olhando pela janela. De repente, Victoria reapareceu e colocou a mão no vidro. Se Aden não estivesse enganado, alguém, uma mulher, estava atrás dela.

Outra daquelas candidatas? Provavelmente.

Ótimo.

— Você vai precisar de uma jaqueta. — disse Dan, fazendo Aden se movimentar.

O garoto se levantou.

— Eu vou ficar bem.

Aden então caminhou até Brendal, que segurava a porta aberta para ele. Saber que ela poderia atacá-lo ajudava o garoto a ignorar aquela fascinação anormal que a fada criava.

Thomas o seguiu em silêncio, mas desapareceu assim que o garoto pisou do lado de fora da varanda. Por algum motivo, ele só se tornava visível (e audível) no rancho e no alojamento, e não do lado de fora em meio à natureza.

O ar frio e úmido soprava em volta de Aden, rasgando sua pele. *Devia ter aceitado aquela jaqueta.* A lua estava parcialmente obscurecida por nuvens e não havia nenhuma estrela à vista. Os insetos permaneciam assustadoramente quietos.

— Começaremos nosso passeio naquele pasto distante. — disse ela.

Ah, um passeio. Isso ele podia fazer.

— Não sei por que você teria interesse em ver um estábulo, cavalos e vacas a essa hora da noite, mas vamos lá. — A não ser, é claro, que ela simplesmente quisesse ficar sozinha com Aden. — Eu mostro o caminho. — O garoto discretamente murmurou uma oração para que Victoria não os seguisse.

Aposto dez contos que essa mulher vai tentar pegar agente. E não é no bom sentido! Disse Caleb.

Você nem tem dez contos, Julian o lembrou.

O Aden paga.

— Se meu objetivo fosse ver o rancho, eu teria escolhido um dos outros garotos. — disse Brendal quando eles começaram a caminhar.

— Eu imaginei. — Os Fae tinham sede de poder, Victoria tinha dito ao garoto. Eles amavam os humanos. No entanto, esse amor desaparecia quando os humanos começavam a mostrar sinais de possuírem poderes próprios. Aden exibia sinais de poder. Teria ela percebido esses sinais? Ou teria ela descoberto quem ele era e o que tinha feito?

Não. Ela provavelmente só tinha se sentido atraída por ele naquele momento. Sem Mary Ann por perto, todos eles, todas essas criaturas do outro mundo certamente se sentiam atraídas por Aden. Algumas o tinham chamado de farol na noite; outras, de uma corrente que os puxava sem dó nem piedade. E como tinha possuído o corpo de Thomas, o garoto agora sabia como era o interior de fadas e de elfos. Frio como o de um cadáver. Ainda assim, quando Thomas e Riley brigaram, Aden tinha atraído calor para dentro de si. Um calor delicioso. Seria por isso que eles tinham fome de poder? Poder era sinônimo de calor?

—Você adivinhou e, ainda assim, veio comigo.

— Não sou covarde.

Brendal e ele chegaram ao fim do pasto, onde uma cerca de madeira e arame impedia que os animais saíssem dos campos que havia ali em volta. Apesar da escuridão, Aden não tinha problemas para enxergar porque Brendal agora brilhava. Como assim? Ela só *podia ter engolido o sol.*

—Você sabe o que sou, Aden? — Ela perguntou, agora sem qualquer sinal de emoção em sua voz. Brendal se virou para ele. Seu vestido, branco e com balanço, algo que as garotas provavelmente usavam para cobrir o biquíni quando iam à praia, dançava sobre os tornozelos. — Você não comentou sobre meu brilho.

Mentir ou não mentir? Por que não dizer a verdade? Ele então pensou. Pelo menos aqui. Ele sabia melhor do que ninguém como era difícil separar mentiras e verdades quando elas estavam interligadas.

— Eu sei. — disse ele, sentando-se na parte mais alta da cerca, como se estivesse se sentindo à vontade, como se essa conversa não fosse grande coisa. Um desdém casual, em vez de medo, faria Brendal se sentir menos poderosa.

Estaria Victoria por ali? Aden não conseguia vê-la.

Brendal balançou a cabeça, demonstrando satisfação.

— Certo. Isso significa que podemos deixar as formalidades de lado. A última informação que meu irmão enviou era a de que você era o motivo pelo qual estávamos aqui. Ele disse que foi você quem nos convocou. Portanto, aqui estamos. Por quê? Por que você queria que viéssemos até aqui?

Cuidado. Um aviso de todas as almas.

— Eu não queria. Eu não quero. — disse ele. — Convocar vocês foi um acidente.

A fada arqueou as sobrancelhas perfeitas.

— De qualquer forma, esse acidente convocou também muitas outras criaturas. Nossos inimigos. Inimigos de toda a humanidade.

— Sim.

Ele poderia argumentar que, de qualquer forma, os vampiros não eram inimigos dos humanos. Eles se alimentavam de humanos, sim, mas os humanos se alimentavam de animais. Qual era a diferença?

E, não, ele não estava se chamando de animal. Esse era apenas o ciclo da vida.

— Você esperava começar uma guerra? Nós e aquelas criaturas não ficamos lado a lado há séculos e, da última vez que isso aconteceu, nossa população, a população de todos nós, diminuiu consideravelmente.

— Eu juro que não quero dar início a uma guerra. Especialmente aqui. Porém, assim como você, não posso fazer nada a respeito de quem sou e do que posso fazer.

Ela inclinou a cabeça para o lado e o observou atentamente. Aquele olhar inabalável e aquela voz sem emoção eram familiares. Lembravam... O Dr. Hennessy. Os olhos do garoto se arregalaram enquanto um pensamento bastante repugnante brotou. Seria o médico também um elfo?

— O que exatamente você pode fazer? — Perguntou Brendal.

Aden deu de ombros, tentando se mostrar falsamente negligente.

— Eu faço essas criaturas pintarem por aqui. Sem usar papel nem lápis de cor.

— E isso é tudo?

— Sim.

— Então você deve morrer. — disse ela, sem fazer esforço algum. — Somente quando você morrer essa força deixará de existir.

Aden não desceu da cerca, não tentou fugir. Em primeiro lugar, ele não sabia o que ela podia fazer, em termos de habilidades. E, em segundo lugar, não queria que aquela fada soubesse que ela o tinha assustado, embora sua mente reprisasse várias e várias vezes a cena de sua morte sendo apunhalado.

—Você não me vai matar. — disse ele, apoiando-se mais na ousadia que no bom senso ou que em qualquer certeza.

— Não, não vou. — ela respondeu, surpreendendo-o. — De qualquer forma, Aden, onde está meu irmão? E não minta para mim. Tenho mais séculos de vida do que você seria capaz de imaginar. Sei quando meus humanos mentem.

Os humanos *dela*?

Uh-oh, disse Caleb. *Território perigoso.*

Vá com cuidado, sugeriu Elijah. *Suas próximas palavras são extremamente importantes.*

Porque poderiam ser suas últimas? Sim, ele supôs. De acordo com o que Aden sabia, Brendal poderia teletransportá-lo até a cidade e esfaqueá-lo, criando a visão que Elijah tivera de seus últimos minutos de vida. Ou, melhor dizendo, de sua morte.

Mas ela é uma gata, não é? Continuou Caleb.

Prefiro garotas com cabelos escuros, esclareceu Julian.

Agora não, pessoal, Aden queria gritar. Ele precisava se concentrar, manter as emoções distantes.

— Aden? — Chamou Brendal. — Meu irmão não teria ido embora sem antes entrar em contato com nosso povo, sem antes entrar em contato comigo. Mas ele desapareceu. O que significa que algo aconteceu com ele. Portanto, vou perguntar novamente. Onde está meu irmão?

Ele queria contar. A verdade estava lá, brotando na garganta, ameaçando a se espalhar. Tudo o que ele precisava fazer era abrir a boca. Brendal ficaria sabendo da verdade e Aden se sentiria melhor. A culpa ficaria para trás.

O garoto franziu a testa em meio à confusão. Aqueles eram pensamentos dele? Em certo nível, pareciam ser. Aquela culpa... Mas, em outro nível, pareciam pensamentos de outra pessoa. Eram mais suaves. Quase como a voz musical da fada, como uma música na cabeça.

— Diga. — ela falou suavemente. Seus olhos, de um castanho tão profundo, eram hipnóticos, giravam como se ali se formasse um espiral e então, estranhamente, começaram a bilhar de diferentes cores. Era possível se perder naqueles olhos.

Olhos bastante parecidos com os de Victoria, porém mais escuros.

Victoria.

Aden conseguiu se livrar daquele feitiço que Brendal tinha lançado e então percebeu que tinha descido da cerca, se aproximado dela e agora estava com os braços apoiados nos ombros dela, segurando aqueles cabelos louros.

Ah, inferno, não! Ele estava prestes a beijá-la?

Olhando torto, Aden largou os braços ao lado do corpo e recuou.

Brendal franziu a testa.

— Ouça, não sei onde seu irmão está. Ele estava aqui e depois desapareceu.

— Você está mentindo. — ela respondeu e, novamente, não havia emoção nenhuma na voz.

De alguma forma, aquilo tudo deixava Brendal ainda mais perigosa.

— Aden. — uma voz masculina o chamou de repente. Dan. — É hora de estudar. Srta. Brendal, sei que entende que os estudos dele são importantes. Obrigado por ter vindo e por conversar com a gente. Voltaremos a nos ver amanhã de manhã.

Obviamente Victoria tinha feito Dan aparecer para espantar a fada.

Brendal encarou Aden por alguns instantes. A expressão da fada era tão apática quanto seu tom de voz. Logo depois, ela concordou com a cabeça.

— Voltaremos a conversar, Aden. Isso eu prometo.

Aden fazia a mala enquanto Victoria e Stephanie (a vampira que estava ao lado de Victoria na janela) convenciam os outros garotos e também Dan e Meg de que ele estaria ali, dormindo, e de que eles o veriam na manhã seguinte, antes do horário do colégio.

Na verdade, Aden passaria o resto da noite na mansão dos vampiros.

Quando as irmãs voltaram, ele estava pronto, do lado de fora do alojamento, com a mala na mão, as almas tagarelavam alegremente sobre o caminho que os eventos tinham tomado.

— Nunca pensei que veria o dia em que Victoria quebraria as regras. — disse Stephanie, rindo. — Um motivo digno de celebração. De verdade.

— Quais regras? — Perguntou Aden, estendendo a mão que estava livre.

Victoria entrelaçou os dedos com os do garoto. Como de costume. A pele da vampira estava quente, um forno, e o calor corria diretamente na direção de Aden.

— Teoricamente, eu não deveria estar perto de você enquanto você sai com as outras pretendentes. Então você terá de ficar em meu quarto, quieto.

Stephanie riu outra vez.

— Por isso fiquei tão surpresa quando ela me trouxe até aqui, como um reforço para caso a fada ficasse louca de raiva. Mas, melhor eu que Lauren, não é mesmo? Lauren teria atacado primeiro e perguntado depois. — Uma pausa. — Vocês já não precisam de mim, certo? Então vou dar no pé. Pode ser? Estou com fome e ouvi dizer que tem uma festa acontecendo na cidade.

— Está certo. — respondeu Victoria, a palavra humana soava estranha quando dita naquela voz solene e formal.

— Até mais.

Stephanie desapareceu.

Aden olhou para Victoria.

— Os vampiros que vivem na mansão não vão sentir o cheiro do meu sangue ou sentir essa força que emana? — Ele realmente não queria causar problemas para ela.

— Há outros humanos lá. Seu cheiro vai se misturar com o deles. Quanto à força, não sei. Riley e Mary Ann estão lá. Talvez ela neutralize isso.

Mesmo sabendo que Riley neutralizava o efeito neutralizante de Mary Ann?

— Vale a pena tentar. — disse Aden. Ele tinha ido duas vezes à mansão, mas nunca tinha entrado no quarto de Victoria. E o garoto queria ver aquele quarto. Desesperadamente. E, se ela criasse algum problema, bem, ele era o rei e iria simplesmente...

Espere aí, Aden era o rei. Ele acabava de se lembrar. Sem reservas ou dúvidas.

No entanto, ele ainda estava decidido a fazer o que devia ser feito, a arrumar um novo rei. Certo?

— Pronto? — Perguntou Victoria, soltando a mão do garoto para envolver os braços em volta da cintura dele.

Ele perdeu a linha de pensamento. Deus, sentir Victoria era bom demais.

— Pronto.

A vampira passou a língua pelos lábios. Seu olhar caiu sobre a veia que pulsava no pescoço de Aden.

— Primeiro... Um beijo? Foi para isso que vim aqui. Quero dizer, antes. Para dar um beijo em você,

Esse deve ser o melhor dia da minha vida, anunciou Caleb.

— Será um prazer. — Aden ignorou Caleb e encostou os lábios nos de Victoria; ela inclinou a cabeça e imediatamente abriu a boca, deixando a língua do garoto deslizar para dentro de sua boca. Saboreando. Explorando. O calor e a eletricidade o faziam sentir como se ele tivesse enfiado o dedo dentro de um soquete de luz. Cada célula brilhavam e se tornava viva.

— Mais. — ela sussurrou.

Eles forçaram o corpo um contra o outro. Ela era tão suave. Durante todo o tempo, ela sussurrava, pedindo para que ele chegasse mais perto. O sangue de Aden se acelerou nas veias, queimando-o, reduzindo os órgãos a cinzas e transformando-o em um novo ser.

Um ser que poderia voar, ele pensou enquanto os pés deixavam de sentir o apoio sólido. Victoria agarrava os cabelos do garoto, as unhas arranhavam o couro cabeludo. Ele adorava, precisava de mais daquilo e, portanto, não se importava com os arranhões.

— Quero morder você. — disse ela, soando embriagada. Palavras quase incompreensíveis.

— Sim.

Aden não hesitou. Ele adorava quando ela o mordia, O garoto poderia se transformar em um escravo de sangue, ele sabia, mas, novamente, não se importava. Aden amava aquela garota. Estava disposto a se transformar em qualquer coisa que ela precisasse que ele fosse.

— Eu não deveria fazer isso.

— Por favor, morda.

Ela o beijou na bochecha, no maxilar e, então, no pescoço. A língua de Victoria chicoteava a pele do garoto. Sim. Isso era o que ele sonhava, até mesmo antes de conhecê-la. Apenas estar com ela, dar e receber assim. Beijar e beijar e beijar, para sempre.

— Tem certeza?

— Morda. Por favor.

Os dentes de Victoria afundaram nas veias dele, pontiagudos e insistentes. Não houve dor. Aquela boca, aquela língua, aqueles dentes... Alguma coisa produzia uma droga, um composto químico que fazia a pele do garoto adormecer antes. E, em seguida, aquela coisa se espalhava pelo corpo dele, acariciando-o de dentro para fora. Sim. Sim.

Ele ficou com os olhos entreabertos e então percebeu que já não estava ao ar livre. Quatro paredes o cercavam. Pintadas de branco. Tudo naquele quarto era branco. Havia uma enorme cama de dossel com um tecido branco caindo da parte superior. Na penteadeira, havia um vaso com rosas brancas, que emprestavam seu aroma ao ambiente. Não havia cômoda, mas um computador e um videogame, embora nenhum deles parecesse ter sido usado sequer uma vez, estavam empoeirados demais.

— Isso é tão bom. — ela murmurou. —Tão... —Victoria se afastou de Aden, ofegante — Perigoso.

Uma gota de sangue escorreu pelo pescoço do garoto, que sentiu o líquido aquecido descer, mas não limpou.

— Eu gosto disso. — Aden a lembrou. Ele também soava embriagado.

Victoria limpou a boca com a parte de trás da mão.

— Eu gosto demais disso. Da próxima vez, você precisa dizer “não”.

— Eu nunca quero dizer “não” para você.

Enquanto Aden falava, uma letargia invadia seu corpo. Perda de sangue combinada com todas aquelas noites em claro, com toda a tensão, com todas as preocupações, todas as batalhas, os beijos embriagantes. De repente, tudo isso o acometeu, fazendo os joelhos dele estremecerem.

Victoria correu até ele, envolvendo-o nos braços e o segurando de pé. Ela o ajudou a caminhar até a cama. Aden caiu no colchão com os olhos já quase fechados.

— Durma. — disse ela. — Eu vou cuidar de você.

O garoto acreditava nela e, portanto, obedeceu. E adormeceu.

Vinte e Um



ESTOU NA CAMA COM RILEY. E não é com Riley na forma de lobo, pensou Mary Ann. Irrefletidamente. Ele estava na forma humana e eles estavam juntos novamente. Por enquanto. E, em menos de dois dias, eles poderiam morrer. Naquele momento, tudo era inocente. Os dois estavam vestidos, não estavam se beijando. Estavam apenas abraçados. Mary Ann descansava a cabeça no peito dele, o coração do garoto batia contra seu ouvido, a mão dele acariciava as costas dela. Eles conversavam. Ou tinham conversado.

Agora, permaneciam em silêncio. O quarto de Riley ficava do lado do quarto de Victoria, e eles ouviram quando a vampira retornou. Com Aden. Puderam ouvir uma conversa curta, abafada e, depois, um silêncio absoluto. Um silêncio que invadia este quarto, trazendo, com ele, tensão.

Tensão sexual. Consciência.

Mary Ann tentou se distrair e não pensar sobre o que estaria acontecendo no quarto ao lado. E sobre o que poderia acontecer aqui. Ela estudou o santuário de Riley, um lugar de relaxamento e de conforto absolutos. Videogames, um computador, poltronas acolchoadas, um tapete para relaxar. A única coisa que lembrava Mary Ann que este lugar não pertencia a um humano bilionário entediado tentando se distrair era a parede cheia de armas. Facas de todas as formas e de todos os tamanhos cobriam cada centímetro. Parecia claro que Riley levava muito a sério sua tarefa de proteger.

— Há quanto tempo você é segurança de Victoria? — Perguntou Mary Ann.

— Desde que ela nasceu.

— Há bastante tempo.

— Não neste mundo.

Verdade.

— O que você fazia antes disso?

— Treinava, na maior parte do tempo. Quando um lobo recebe um dever, ele morre com esse dever. Portanto, um lobo só recebe uma tarefa durante a vida. Victoria foi a minha.

— Então vocês estão ligados um ao outro?

Riley expirou, fazendo vários fios do cabelo de Mary Ann se agitarem.

— Não é bem assim. Se ela morrer, isso significa que falhei em minhas obrigações. O que significa que também mereço morrer.

Eles o matariam?

— Não!

— Sim. — Riley levou os dedos até os braços de Mary Ann, acariciando-os. — Ninguém voltaria a confiar em mim e eu sentiria muita vergonha. Acredite, é preferível morrer.

As carícias do garoto quase a distraíram.

— Mas você é mais forte que os vampiros. Você pode matá-los com essa coisa líquida que tem nas patas. Eu ouvi você comentar com Aden.

— Isso não torna a honra menos importante.

Mary Ann apertou a camiseta de Riley nas mãos, amarrotando o tecido, temendo soltar.

— Você já pensou em deixar os vampiros?

— Não. Nós não somos escravos. Não somos nem mesmo servos. Mas Vlad nos trouxe a este mundo e, no passado, os vampiros foram nossos guardiões. Como poderíamos não devolver o favor?

Lealdade excessiva. Exatamente como Victoria tinha dito.

— Mas você defende vampiros, e Aden não é um vampiro. Ainda assim, você toma conta dele. Você ainda faria isso se os vampiros se virassem contra Aden?

Vários momentos de silêncio seguiram a pergunta. Então:

— Vi pessoas viverem e morrerem durante séculos e já vi o caos que se alastra por falta de regras e de liderança. Vlad criou nossas regras. Se alguém fosse mais forte que ele, tomaria seu lugar. Dmitri fez isso. Então, Aden se mostrou mais forte que Dmitri. Isso significa que Aden, independentemente de suas origens, é adequado para liderar os vampiros e também os lobos. Eu vou defender Aden como sempre defendi Victoria.

Até o último suspiro, pensou Mary Ann. Teria ele oferecido a mesma lealdade às suas antigas namoradas? E por que ela subitamente quis espancar essas ex-namoradas até que elas sangrassem? Em geral, a violência não era a primeira escolha da garota. Nem a segunda. Nem terceira.

— Quantas garotas você já namorou? — Perguntou Mary Ann.

Riley aceitou com facilidade a mudança de assunto

— Várias.

— Incontáveis?

Ele suspirou, incomodado, como se a garota lhe tivesse perguntado quão gordo o traseiro dela ficava naquela calça jeans.

— Você sabe que estou vivo há muito tempo, não é mesmo?

— Sim. — Mas Mary Ann ainda precisava saber quantas garotas tinham ganhado o coração dele. Se não soubesse, ela poderia ficar para sempre imaginando, poderia sempre sentir como se estivesse em um palco, em um concurso de beleza em pleno andamento, com as ex-namoradas de Riley em volta dela, apontando e rindo. Bobagem, mas era verdade. Especialmente porque Riley e ela não sobreviveriam depois do feitiço das bruxas. — Diga pelo menos um número aproximado.

Os carinhos suaves desaparecem.

— Pensei que não iríamos brigar.

— Não vamos.

— Se eu responder, acabaremos brigando.

Então ele não conseguia nem dizer o número aproximado. Caramba

— Você já amou?

— Não.

E eu? Ela queria perguntar, mas se conteve.

— Quanto tempo seus relacionamentos costumam durar?

— Alguns mais que outros. — respondeu o mutante, sendo cuidadoso.

O que significava que com algumas das garotas ele não teve um relacionamento? Só um *affaire* rápido?

— Você terminou com elas, ou elas terminaram com você?

Riley rosnou.

— Você está me matando com isso, sabia?

Ela estava se matando. No entanto, talvez, talvez ela estivesse fazendo isso, insistindo para obter respostas, para que fosse mais fácil deixá-lo quando a hora chegasse. Mary Ann poderia dizer a si mesma que tinha sido mais uma em um grupo de outras mil. Outra temporária que não significava muito. Isso doeria nela, acabaria com ela, mas, no final, ela

conseguiria se curar. Não é mesmo? A garota não tentaria ir atrás dele e começar algo outra vez. Ela se manteria segura.

— Por favor, responda.

A camiseta de Riley rasgou onde Mary Ann a apertava. Um a um, ela forçou os dedos a soltarem o tecido.

Ele suspirou novamente.

— Na maior parte das vezes, eu terminei com elas.

— Entendo. Por quê?

— Por diferentes motivos.

Como... Cansar-se delas? Ficar entediado?

— Sei que você namorou Lauren e você já me disse, logo que nos conhecemos, que já namorou uma bruxa e que foi essa bruxa que amaldiçoou você e seus irmãos, mas que você morreu logo depois e, ao ressuscitar, ficou livre do feitiço. Você me disse como as coisas terminaram com Lauren e posso imaginar porque o namoro com a bruxa chegou ao fim.

— Espere. E não morri logo depois do feitiço. Só alguns anos depois. Eu fui apunhalado na lateral do corpo e sangrei muito. Victoria me deu um pouco de seu sangue, e isso ajudou a me trazer de volta. Mas, enfim, fiquei sem namorar durante aqueles anos em que ninguém me queria. Então, acho que posso dizer que fiquei meio louco algum tempo depois, quando as garotas começaram a olhar para mim outra vez.

—Você está tentando me dizer que virou um galinha, Riley?

Ele se afogou em uma risada.

— Talvez. Isso decepciona você?

— Não. — Ele era quem ele era, mas Mary Ann estava preocupada. As respostas de Riley não a estavam convencendo de nada. Ela não tentava se distanciar. — Então você dormiu com várias garotas?

Todos os músculos do corpo do garoto enrijeceram. Sob a bochecha de Mary Ann, o coração de Riley batia fora de controle.

— Com algumas.

— Com Lauren?

As mãos de Riley se desprenderam completamente de Mary Ann. Ele esfregou o rosto.

— Não vou falar sobre isso. Da mesma forma como nunca conversaria com outras pessoas sobre o que você e eu fazemos.

Então a resposta era sim. Mary Ann se sentiu enciumada, é claro, e de repente estava tão constrangida que queria gritar. Lauren era linda perfeita, forte. E Mary Ann era o quê? Imperfeita de todas as formas perigosas para a saúde dele, para o bem-estar dele.

— Sou sua primeira humana? Quero dizer, sua primeira namorada humana?

— Sim.

Ela era uma novidade, então?

— Sei o que você está pensando. — ele continuou, rolando sobre ela. O peso de Riley a prendia na cama e ela... Gostava daquilo. — Sua aura está de uma cor muito triste, muito depressiva. Você acha que significa menos para mim que todas as outras. Que você, de alguma forma, é menos.

A opinião dele não devia importar. Se eles sobrevivessem ao feitiço.

Mary Ann não pensaria o contrário, afinal, ela terminaria com ele, ela pensou. *Vocês vão conseguir.*

— Digamos que... Eu não sei o que exatamente você vê em mim.

— Já falamos sobre isso. Vejo sua beleza...

Riley beijou a orelha de Mary Ann, suavemente, docemente.

A garota ficou arrepiada.

— A beleza desaparece com o tempo.

— Vejo sua inteligência.

Outro beijo, dessa vez no queixo.

Mais arrepio.

— Eu poderia perder a sanidade.

E a garota provavelmente estava próxima de perder a sanidade, até mesmo agora.

—Vejo sua coragem.

Outro beijo, mais um, mais um, mais um, dessa vez no lábio inferior.

Arrepio... Arrepio...

— Várias garotas são corajosas.

— Vejo um par de olhos castanhos que enxergam o mundo com uma mistura invejável de inocência e otimismo. Esses mesmos olhos, quando apontados para mim, se tornam suaves e aquecidos ao mesmo tempo, a inocência se mistura com malícia. E isso mexe comigo. — Riley beijou os lábios de Mary Ann. A língua do garoto deslizava para fora, saboreando rapidamente. — E o que você vê em mim?

As palavras dele... Eram entorpecedoras, deliciosas. De repente, pareciam tão necessárias quanto o ar. Independentemente do que o futuro reservasse.

Os olhares de Riley e de Mary Ann se perderam. O lobo apoiou as mãos na cama, ao lado do rosto da garota, prendendo-a, esperando.

O oxigênio de alguma forma escorria nos pulmões de Mary Ann.

—Vejo o garoto mais lindo do mundo. — ela respondeu e, então, beijou o maxilar de Riley.

Ele sacudiu a cabeça.

— Alguém certa vez me disse que a beleza desaparece.

Então o jogo tinha virado, não é mesmo? Mary Ann quase sorriu.

—Vejo o senso de humor mais aguçado que já encontrei.

Ela beijou o queixo de Riley.

— Humor é algo subjetivo.

— Vejo força.

Ela o beijou logo abaixo do lábio.

— Um ferimento na coluna e me torno inválido.

— Vejo... Um garoto que entraria mil vezes na frente do meu inimigo, morrendo mil vezes se isso fosse necessário, para evitar que eu sofresse o mais leve dos arranhões. — Verdade. — Vejo um garoto que sabe do que preciso antes de eu mesma saber, e que sente prazer em me oferecer isso. — Verdade, outra vez.

Mary Ann deu um beijo suave nos lábios de Riley.

O garoto não tinha se prolongado nos beijos que dera em Mary Ann, mas ela, sim. A garota beijou outra vez, e outra vez, até que Riley abrisse a boca e ela também, até que a língua dos dois estivessem se entrelaçando, explorando-se uma à outra, O corpo do lobo pesava sobre Mary Ann, mas ela não sentia desconforto. Na verdade, tê-lo ali era bom. As mãos da garota tinham espaço para deslizar pelas costas dele. Massageando-o, apertando-o.

As mãos dele também. Elas vagavam. E logo os dois estavam sem camisa, pele com pele aquecida. Nunca nada fora tão bom. O gosto de Riley estava na boca dela, no sangue dela, aquecendo-a ainda mais. As mãos do garoto eram, ao mesmo tempo, quentes, suaves e pesadas.

Logo o casal estava gemendo, ela engolindo a respiração dele e ele engolindo a respiração dela. Mary Ann o agarrava, já não se contentando com massageá-lo e apertá-lo. Se Riley fosse humano, ela teria medo de o estar ferindo. No entanto, o lobo parecia gostar de

tudo o que a garota fazia, de cada novo e inexperiente toque. Afinal, ele constantemente murmurava palavras de aprovação.

Logo os dedos do garoto tocaram na cintura da calça jeans de Mary Ann. Ela sentiu cócegas e se viu arqueando o corpo, buscando mais. Porém, Riley ficou tenso. E, dessa vez, não era demonstrando aprovação, mas... Dor?

— Precisamos parar. — disse o garoto com uma voz rouca.

Ele também os tinha contido da outra vez. Dessa vez, Mary Ann teve vontade de gritar.

— Por quê?

— É sua primeira vez.

— Eu sei.

— Mas não quero que você fique comigo porque está com medo de morrer.

— Não estou.

De fato, Mary Ann estava com medo. No entanto, esse não era o único motivo pelo qual ela estava com ele, fazendo isso.

Os olhos de Riley estavam sérios, assustados.

— Mary Ann, ainda hoje de manhã você tinha terminado comigo.

— Para salvar você. Eu não quero ferir você.

Ele pressionou a testa contra a dela. Os dois suavam, tremiam.

— Ah, sim. Você vai me matar esta noite e um dia irei receber uma medalha por isso. Você não tem idéia de como isso é difícil para mim. — Riley bufou, como se o que tinha acabado de dizer fosse uma piada. — Ouça, sua primeira vez deve ser por amor. Apenas por amor.

— A sua foi?

— Não, e justamente por isso, reconheço a importância do amor.

Riley rolou para fora do corpo dela, mas não cortou totalmente o contato. Ele a puxou para o lado e a garota novamente apoiou a cabeça sobre o coração dele. Aquele órgão pulsava descontroladamente, e, de alguma forma, aquilo a acalmava. Riley a desejava e parar aquilo tinha sido difícil para ele.

Porém, ele tinha parado. Nenhum outro garoto teria feito aquilo. Mary Ann sabia disso, e esse era mais um dos motivos pelos quais ela era tão profundamente apaixonava por ele. Apesar de, neste momento, seu corpo estar extremamente frustrado com o lobo.

— Quero que você tenha certeza. — disse ele com a voz rouca. — Com relação a mim, com relação a nós. Não quero que um dia você olhe para trás e se arrependa. Não quero que você deseje que as coisas tivessem sido diferentes. Quero que aquilo que fazemos um com o outro não esteja ligado a nenhum outro motivo que não seja apenas nós dois.

Porém, e se Mary Ann nunca chegasse a esse ponto? Ela suspirou e beijou o peito de Riley. De um jeito ou de outro, ele queria o melhor para ela, aquele garoto doce.

— Obrigada.

— Gostaria de dizer que é um prazer, mas... Sinto como se estivesse morrendo.

Ela riu.

— É culpa sua, e não minha.

— Não. A culpa é totalmente sua. Agora vamos dormir um pouco. — Riley abraçou forte Mary Ann por alguns instantes. — Está bem?

— Está bem.

— Ótimo. Porque amanhã teremos um dia bem longo.

Ela não queria pensar sobre amanhã, o dia antes de o feitiço entrar em ação. Dormir, no entanto, seria impossível. O corpo de Mary Ann estava dolorido, era impossível ficar parada. Ela precisava de alguma coisa, mas não sabia o quê. E depois, minutos mais tarde, talvez horas

mais tarde, seu estômago começou a doer, torcer, doer como se ela tivesse cólica, tão terrivelmente vazio. Como o que acontecera na cidade. Mas multiplicado por mil.

Fome... Fome.

— O que há de errado, querida? — Perguntou Riley, preocupado. Mary Ann não achava que ele tivesse dormido, pois o corpo do garoto em nenhum momento esteve realmente relaxado. Ele ajustava o corpo ao dela toda vez que ela se mexia, tentando deixá-la mais à vontade.

— Eu... Eu não sei. — respondeu Mary Ann. Mentira. Ela tentou levantar a cabeça, olhar para ele, mas não tinha força. Um tremor escorregava e deslizava por toda a espinha da garota e vibrava nos membros. — Não consigo mais me mexer. E meu corpo dói. — Meu Deus! O pânico se instalou. — Riley, não consigo me mexer! Estou paralisada!

— Não se preocupe. Vou dar um jeito nisso.

Riley levantou da cama e, logo depois, ajudou Mary Ann a fazer a mesma coisa. Ela não tinha força para fazer nada. O mutante teve até mesmo que puxar o cabelo dela para fora da blusa.

— Eu estou morrendo? Já? — Tanta... Fome... Ela pensou que teria mais tempo. Fome... Mary Ann deixou escapar um gemido. — Riley!

— Calma. Fique calma. Eu vou cuidar de você. — disse ele, relaxando o corpo dela no canto da cama e depois o apoiando. — Vou fazer você se sentir melhor.

Riley caminhou até a porta que ligava seu quarto ao de Victoria

O que ele estava fazendo? Mary Ann se importava? Não. Ela deixou escapar mais um gemido. FOME.

Ninguém atendeu. Riley voltou a bater. Finalmente, a porta se abriu e Victoria, franzindo, fuzilou o mutante com o olhar.

— Você é a centésima pessoa a bater na minha porta. Eu sei que você sentiu a presença de Aden. Eles também sentiram. Mas, para evitar levantes, não menti para ninguém. Portanto, espero que você esteja preparado. Mas amanhã, e não esta noite. — ela resmungou. — Agora à noite, ele está tentando dormir. Na verdade, eu mandei Aden dormir. Enfrentaremos as consequências amanhã de manhã porque não quero que ele seja perturbado.

— Terminou?

Victoria se irritou com ele.

— Não vou mandá-lo para casa, Riley.

— Não pedi para você fazer isso. Aliás, estou feliz por você estar lutando pelo que quer. Agora, chega de falar de você. Preciso que você nos leve até o chalé.

O chalé, onde a bruxa era mantida refém. Mary Ann começava a entender. Riley ia levá-la para se alimentar. Ela queria protestar, mas também queria se sentir melhor. A garota nunca tinha se sentido tão fraca, nunca tinha se sentido tão impotente.

— Todos nós? — Victoria olhou para sua cama e para Aden, que lá dormia. — Por quê?

— Só Mary Ann e eu. E porque eu estou pedindo. Deixe-nos lá e volte para nos buscar em uma hora. Pode ser? Na verdade, durante essa hora, vá até a casa de Mary Ann e convença o pai dela de que ela está passando a noite lá e que também estará lá amanhã de manhã. Assim ele não vai ficar preocupado.

— Por que você quer ir até o chalé? — Perguntou novamente a vampira, lançando um olhar para Mary Ann.

Faminta, morrendo, assustada, agonizando...

— Preciso que você confie em mim. — disse Riley à vampira. — Da mesma forma que tantas vezes confiei em você.

Victoria concordou sem hesitar.

— Tudo bem. Sim, é claro. Quem vai primeiro?

— Eu vou, mas seja cuidadosa com Mary Ann. Ela está... Doente.

Um segundo depois, os dois desapareceram. Mary Ann só conseguia ficar ali, sentada. Até sua mente começava a doer. Logo depois, Victoria estava lá, segurando a mão da garota, a cama desaparecia. Mary Ann flutuava, girava, parava e, logo depois, tudo começava outra vez. Finalmente, o chão apareceu. Ela queria vomitar, mas não havia nada no estômago. A garota acabou só tendo ânsia, o que intensificou a dor no corpo.

— O que há de errado com ela? — Perguntou Victoria.

— Como disse, ela está doente.

— E você acha que a bruxa vai lançar um feitiço para curar Mary Ann? Eu posso assegurar que...

— Obrigado pela ajuda. Agora, volte para Aden. — disse Riley, segurando a namorada nos braços. — Por favor. — Mary Ann se sentia flutuando outra vez, mas agora havia um apoio. Riley, forte, maravilhoso. — Vá. Estou falando sério, Vic.

Victoria rosnou, mas logo desapareceu.

— O que está acontecendo? — Perguntou uma voz conhecida. A bruxa. De repente, o calor e a magia invadiram Mary Ann, diminuindo a fome, a dor. Ela suspirou em êxtase, consumindo cada molécula que podia. Sim. Sim. Era disso que ela precisava, era isso que ela não conseguiria viver sem. Os membros da garota se fortalecerem, o corpo se tornava novamente seu.

— Sugadora! — Gritou a bruxa. — Não. Não! Vá embora! Vá embora daqui!

— Bem. — disse Riley, de maneira seca. — Se algum de nós ainda tinha alguma dúvida, agora temos a prova.

Vinte e Dois



ADEN ACORDOU MAIS LÚCIDO que nunca, mas também um pouco irritado. Ele estava na fortaleza dos vampiros, lembrava-se de ter sido trazido para cá, de ter beijado Victoria, de tê-la alimentado, de tê-la amado, mas agora estava sozinho na enorme cama da vampira e não havia sinal algum de que ela teria estado ali. Não ter Victoria era sinônimo de não ter os beijos ou as mordidas.

Pelo menos ele não estava agitado nem enfrentava uma abstinência das mordidas da vampira. Portanto, ele não tinha se tornado um escravo de sangue na noite anterior.

Aden se sentou e olhou em volta. O quarto era tão branco que chegava a impressionar e o garoto podia imaginar por que Victoria tinha escolhido uma cor tão clara. O pai da vampira se mantinha fiel ao estereótipo do “sou-um-cara-malvado”: negro, negro e mais negro. As cores, algo que Victoria adorava, não eram permitidas e, portanto, a vampira tinha feito o melhor que podia: escolher o oposto daquilo que seu pai queria.

Uma rebeldia pequena, porém tão maravilhosamente notável. No fundo, Victoria não queria ser como o pai. Aqui, na privacidade de seu quarto, a vampira se permitia ser ela mesma.

Este lugar me dá arrepios, disse Caleb.

— Por quê? — Aden olhou para baixo, para o próprio corpo. Ele ainda usava calça jeans e camiseta, mas seus sapatos, meias e adagas haviam sido tirados. Por Victoria? Teria ela passado as mãos por todo o corpo dele? Aden desejava ter estado acordado para ver aquilo.

Porque não tem garotas más.

Aden riu. Aquele era o Caleb de sempre.

Ah, eu gosto daqui, disse Julian. Se trouxéssemos as roupas de Aden e colocássemos elas no closet, esse lugar pareceria mais uma casa que o rancho.

— E por que você diz isso? — Aden perguntou enquanto o olhar se desviava para o closet em questão. A entrada era escura, escura demais para que ele conseguisse ver o que havia lá dentro. Provavelmente togas negras e mais togas negras.

É praticamente como se estivéssemos presos no meio de um livro em branco. Como se não houvesse nada além de páginas em branco.

O que significa que podemos escrever a história como quisermos. E, de qualquer forma, você não está vendo este quarto como ele será um dia, disse Elijah. Há cores, tantas cores, tão bonitas.

Isso fez Aden sorrir.

— E eu estarei aqui?

Elijah não respondeu.

Aden aceitou o silêncio como um “não” e disse adeus ao bom humor que nele começava a brotar. Como ele poderia ter se esquecido. Mesmo por um segundo, que iria morrer? Não quero morrer, pensou o garoto.

No passado, Aden simplesmente aceitava sua morte pendente como um fato. Então, ele fora apunhalado no coração para salvar Thomas da dor. Agora ele começava a ter pensamentos loucos pela primeira vez, a despeito de como o mundo o via. Pensamentos sobre mudar seu futuro, embora ele soubesse que isso apenas tornaria sua morte ainda pior.

Havia algo pior que ser apunhalado no coração?

Sim, e assistir à morte de seus amigos estava no topo da lista. Lembrar—se disso o deixava sóbrio. Ele tinha trabalho a fazer.

— Você descobriu onde será o encontro com as bruxas, Elijah?

Não.

— Caleb, você parece gostar delas, embora ninguém mais goste. Você sabe onde será o encontro? — Aden começava a se sentir culpado por não ter feito mais, por não ter lutado mais.

Bem que eu queria saber, cara, mas não tenho informação nenhuma.

Faltava um dia, amanhã. Apesar disso, Aden não tinha feito nenhum progresso. Seis dias tinham se passado e o garoto não tinha descoberto nada. Sim, ele andou ocupado lutando contra o veneno daquele duende, encontrando-se com os vampiros e morrendo. Duas vezes. No entanto, quando o assunto era a segurança de seus amigos, não havia desculpa para qualquer resultado insatisfatório.

A porta abriu e, então, Victoria apareceu na entrada do quarto, vestindo uma blusinha cor-de-rosa e uma minissaia azul. Seus cabelos negros chegavam à cintura, fitas verdes brilhantes se contorciam entre os fios. Ela nunca estivera tão humana. Ou tão bonita.

— Preparei o seu café da manhã. — disse ela, sorrindo enquanto se aproximava de Aden. Victoria fechou a porta com o pé, afinal, as mãos estavam ocupadas com a bandeja. — Nunca cozinhei antes, mas uma das escravas de sangue me ajudou. Espero que você goste do resultado. — Ela soava insegura, nervosa.

O peito do garoto voltou a se contrair.

— Obrigado. Tenho certeza de que vou adorar. — E, mesmo se ele não gostasse, ela nunca saberia.

Ainda sorrindo, ela acabou de se aproximar e se sentou no canto da cama, equilibrando a bandeja no colo de Aden.

— Detesto precisar apressá-lo, mas estão esperando por você lá embaixo. Não consegui manter seu paradeiro secreto. Todos perceberam sua presença e, já que você está por aqui, os homens do conselho querem que você presida a reunião matinal.

O cheiro de panquecas, salsichas e molho abraçou o nariz de Aderi deixando o garoto com água na boca.

— Não temos tempo para uma reunião do conselho. — Não que ele planejasse ir à escola. Aquele era um dia de semana? Aden não conseguia se lembrar. De qualquer forma, eles tinham de tirar respostas daquela bruxa. Não havia mais tempo.

— A reunião só vai durar uma hora e seria melhor que você fosse. Eles decidiram não me punir por quebrar as regras e sair para vê-lo, já que estavam desesperados para conversar com você. Se você não for, acabará sendo perseguido ou até mesmo caçado. Se for, podemos sair sem causar incidentes quando a reunião acabar.

Uma recompensa justa.

— O que eles esperam de mim? — Aden mordeu uma panqueca e perdeu a linha de pensamento. Elas estavam salgadas demais e cruas no meio, mas ele não se permitiu demonstrar qualquer sinal de insatisfação. Em vez disso, o garoto mastigou e engoliu.

— E então? — Perguntou Victoria, hesitante.

— Uma delícia. — respondeu Aden, sorrindo.

A vampira esboçou um sorriso.

— Fico feliz. E o que você achou do meu visual? — Ela se levantou e rodopiou. — Peguei tudo emprestado de Stephanie.

— Você está perfeita.

E realmente estava.

O sorriso de Victoria ficou mais largo conforme ela se sentava novamente ao lado de Aden, encostando os lábios junto aos dele. Todo aquele calor e aquela delicadeza.

—Você está nervosa? — Perguntou o garoto com uma voz mais rouca do que o planejado. — Com o encontro?

Ela nem precisou perguntar de qual encontro ele estava falando. Eles já não estavam mais discutindo sobre o conselho. Victoria concordou.

— Ainda há pouco, Riley me contou que foi até a cidade ontem à noite e que não havia bruxas por lá. Nenhuma. Se elas deixaram Crossroads, isso significa que nos deixaram aqui para que morramos.

Aden repuxou os lábios e pensou sobre aquele dia na floresta, quando as bruxas apareceram em volta dele, de Victoria, de Riley e de Mary Ann. Aden lembrou das palavras das bruxas: Faremos uma reunião dentro de uma semana. — disse uma delas — Quando nossas anciãs chegarem. Você vai participar dessa reunião, humano. Se não aparecer, as pessoas que estão dentro deste círculo vão morrer. Não duvide de mim.

— Eu sou o único que precisa ir. — disse Aden, após engolir um pedaço do ovo poché. — Mas elas estavam esperando as bruxas anciãs chegarem. A feiticeira que capturamos nos disse que as mais velhas devem chegar a qualquer hora. Talvez elas finalmente estejam aqui. — Ele arregalou os olhos. — Talvez... Talvez não precisemos procurá-las. Pode ser que elas me encontrem.

— É o que espero. De qualquer forma, as destruirei se elas fizerem um arranhãozinho que seja em você. Mas não podemos apostar nossas esperanças nisso. Se estivermos errados...

Todo mundo que Aden amava morreria. As esperanças do garoto se afundaram. O que, então, ele poderia fazer? Como conseguiria chegar à informação que procurava? Enquanto ele acabava de comer, assegurando-se de gemer e grunhir algumas vezes em uma tentativa de demonstrar que aquela comida era o paraíso, as almas discutiam idéias.

Em grande parte, elas debatiam a possibilidade de possuir o corpo da bruxa capturada, fazê-la ir até a cidade e gritar até que suas amigas aparecessem. Nada mal, mas aquilo poderia acabar só fazendo que Aden fosse levado para a cadeia por perturbar a ordem pública ou alguma coisa do tipo.

Porém, a possessão... Na verdade, isso poderia funcionar.

—Aqui está o que iremos fazer. — disse o garoto, decidido. — Quando eu terminar a reunião com seu povo, preciso que você me leve até a bruxa. Vou entrar no corpo dela e tentar viajar no tempo, pela vida dela até a semana passada e os dias que se seguiram, para ver se ela conversou com alguém sobre nós.

Os olhos azuis de Victoria se arregalaram, elétricos.

— Isso é brilhante!

— Obrigado.

A única coisa que ele pedia a Deus era que não fosse parar em um lugar vazio, como acontecera com o médico não humano.

Espere. O quê? Vazio? Quando ele tinha entrado na cabeça do Dr. Hennessy?

— Antes de encarar a bruxa, você precisa de proteção. — disse Victoria, trazendo Aden de volta à realidade. — E talvez eu acrescente proteção extra também ao meu corpo. Eu acho que já disse que, ultimamente, a besta que há dentro de mim anda querendo mais liberdade que nunca. Desde que nos beijamos no carro... — Ela se arrepiou, depois encolheu os ombros — Eu quase não consigo aguentar os rugidos em minha cabeça. E o medo que vem com esses rugidos... E se ela sair? E se ela se materializar? E se ela atacar você, como parece que está querendo fazer?

— Não acho que ela fará isso. — disse Aden. — Quero dizer, acho que ela não vai me atacar. — O garoto só saberia ao certo se enfrentasse a besta. Ele só se lembrava de que

aquela coisa tentou alcançá-lo, mas como se fosse fazer carícias e não dar pancadas. No entanto, Aden poderia estar errado. Ele certamente já tinha se enganado. — Vamos deixar para nos preocuparmos com isso depois, está bem?

—Você está certo. Venha. Vou levá-lo até a reunião e, enquanto você estiver lá, tomarei conta de tudo o que vamos precisar para nos protegemos.

Aden e os homens do conselho se sentaram em uma sala escura. Paredes pretas, mesa de metal preta, cadeiras pretas, teto abobadado preto com um lustre de cristal preto. A única decoração por ali eram alguns símbolos estranhos. Proteções. Elas cobriam todas as superfícies lisas do cômodo.

Todos os olhares se focavam em Aden. Alguns desses olhares encaravam intensamente o pulso que palpitava no pescoço do garoto. Alguns dos vampiros chegavam a lambar os lábios. Ele estava quase com medo de que eles fizessem uma pausa para o café e que seu sangue fosse o único alimento disponível.

Des-con-for-tá-vel, disse Caleb.

Talvez, tipo... Não sei, faça alguma coisa, resmungou Julian.

Elijah suspirou. *Quero ir embora. Não gosto disso.*

Aden limpou a garganta.

Vários dos homens sacudiram a cabeça e se concentraram.

— Temos muito o que discutir hoje, portanto, vamos começar. Primeira ordem do dia. — disse um deles. Aden tinha dificuldades para saber quem era quem e de forma alguma conseguiria lembrar nomes.

— Muitos desafios surgiram. — Completou o vampiro.

— Desafios? — Perguntou Aden.

Com a pergunta, uma conversa teve início ao redor do garoto, como se ele sequer estivesse ali.

— Vários membros de nossa elite querem desafiá-lo pelo controle da coroa.

— E eu estou surpreso por eles não terem cortado a garganta desse garoto enquanto ele dormia.

— Eles acham que subterfúgios não são necessários, que esse menino é fraco demais para vencê-los. É claro que eles descobrirão que as coisas não vão ser bem assim.

— Qualquer um que seja forte suficiente para matar o homem que matou Vlad merece nosso respeito. Porém, acho que a recusa para lançar um ataque sorrateiro tem como base o desejo de ver toda uma congregação testemunhar a derrota do novo rei. Essa confiança é idiota, na minha opinião, e eles merecem o que terão.

— E não se esqueça dos lobos. A elite quer agir com honra para não enervar os lobos.

Ótimo, mas Aden não podia se preocupar com nada disso agora.

— Oi, pessoal. Vocês perceberam a minha presença? Eu estou aqui e apreciaria se vocês conversassem comigo e não sobre mim. — Quando eles concordaram, envergonhados, Aden acrescentou: — Obrigado. Agora fico feliz em poder solucionar seus problemas.

— Estamos ao seu lado, Majestade.

— Fico agradecido. Por favor, diga àqueles que me menosprezam que aceito o desafio. Mais tarde. Estabeleceremos datas para... Daqui duas semanas? — Ele esperava que até lá já tivesse dado conta das bruxas e escolhido um substituto. Depois disso, os desafiadores que lutassem entre eles.

O pensamento trouxe consigo uma onda de ódio. Um substituto? Não, não!

Aden deixou a emoção idiota e o pensamento bobo de lado.

O que você está fazendo? Perguntou Elijah.

Caleb ficou boquiaberto. *Você vai mesmo lutar contra eles?*

— Excelente. Não duvidamos, nem mesmo por um minuto, que Sua Majestade levaria suas atividades a sério. — Todos os homens consentiram com a cabeça e um deles bateu com um martelo, um martelo preto, obviamente, na mesa. — Próxima ordem.

— O uso de cores. — disse alguém que parecia bastante desagradado. — Recebemos reclamações.

— Por que Sua Majestade autorizou a incorporação de... Cores tão humanas? Não que eu queira questionar seus julgamentos, mas, como Sua Majestade pode ver, temos tradições.

Os olhos dos homens voaram para Aden. Eles pareciam sérios, nervosos.

— Eu *sou* humano. — o garoto os lembrou.

Murmúrios de “como se pudéssemos nos esquecer disso” invadiram o ambiente.

— Talvez, se limitássemos o uso de cores para os ambientes pessoais...

— E roupas. — concluiu Aden enquanto a imagem de Victoria de blusinha cor-de-rosa brotava em sua mente.

Um suspiro, algumas cabeças concordavam.

— De acordo. — disse o homem com o martelo que, então, acrescentou — Concluído. — e bateu o martelo na mesa. — Próxima ordem. O namoro.

Outra vez surgiram murmúrios, mas, dessa vez, Aden não conseguiu distinguir as palavras. Victoria não tinha exagerado. Com a velocidade com que as coisas caminhavam, essa reunião não duraria mais que uma hora.

Então, Aden ouviu as palavras “sua escolhida” e seu corpo enrijeceu.

— Sua Majestade não deu oportunidades suficientes às garotas e, ainda assim, dividiu o quarto com a Princesa Victoria ontem à noite.

— Não preciso dar oportunidades às outras. — Aden segurou a beirada da mesa. — Eu sei o que quero. Deixei isso claro desde o início.

— E por que Sua Majestade não pode simplesmente casar com todas — Alguém sugeriu. —Vlad tinha muitas esposas.

O cara tem razão, Ad, disse Caleb. *Você devia considerar.*

Quero espancar você, murmurou Julian.

Pessoal, interferiu Elijah. *Deixem Aden responder.*

A resposta era simples. Porque, em primeiro lugar, Aden não queria as outras garotas e porque, em segundo lugar, Victoria ficaria louca. Embora o lado Neanderthal do garoto ainda gostasse da idéia de imaginar a vampira com ciúme, ele não a faria passar por isso.

— Não sou Vlad. — respondeu. — Desejo apenas uma.

Você está arruinando tudo! Disse Caleb, de mau humor.

— Além do mais, Victoria e eu não vamos nos casar. — Ainda. — Somos jovens demais.

Mais murmúrios. Dessa vez, ele não teve problemas para discernir o que estava sendo dito.

Difícil. Teimoso. E, ainda assim, embora eles o estivessem chamando por nomes desagradáveis, os vampiros continuavam respeitosos. O mínimo que ele podia fazer era devolver esse respeito.

— Além do mais, não posso receber vampiras no rancho onde vivem meus amigos, eles descobrirão a verdade, e eu acho que vocês não querem que isso aconteça. Vocês já fizeram muito para se manter escondidos.

— Mas nós podemos matar seus amigos.

Simples. Fácil.

— Não! — Ele gritou, esquecendo-se de todo o respeito. — Não haverá nenhuma morte e isso não é negociável.

Mais suspiros.

— Por que, então, não propomos uma barganha? Sua Majestade verá as mulheres que escolhemos, pelo menos uma vez cada, mas fará isso apenas enquanto estiver aqui na mansão. Que tal?

— Isso pode não ser um problema, considerando os desafios que estão por vir — apontou Aden, tentando ganhar tempo.

— É verdade.

— De qualquer forma, Majestade, precisamos oferecer às pessoas esperança de uma futura aliança.

Ele esfregou a mão no rosto. Deus, ele queria brigar agora, mas, quanto mais cedo saísse da reunião, mais cedo poderia explorar o cérebro da bruxa.

— Negócio fechado. — disse ele. — Conhecerei as garotas aqui. Um encontro para cada uma.

— Feito. — O martelo bateu. Boom. — Próxima ordem.

Eles falaram sobre uma contenda envolvendo um escravo de sangue e Aden precisou decidir quem ganharia os direitos de tal escravo de sangue. Eles falaram sobre alguns vampiros que queriam voltar para a Romênia e Aden precisou decidir se aquilo era aceitável. Eles falavam sobre uma futura negociação de paz com outra casta de vampiros. Vampiros liderados por alguém que eles chamavam de Maria, a Sanguinária. Aden reconheceu o nome de seus livros de História, mas não tinha certeza se os vampiros estavam falando da mesma pessoa. Poderia ser que sim, mas ele não queria perguntar e demonstrar ignorância.

Ele teria que viajar para a Inglaterra para participar desse encontro. Aparentemente, Maria, a Sanguinária, e sua casta podiam, também, sentir a força que ele emanava, embora, por qualquer que fosse o motivo, não tivessem viajado até Oklahoma para encontrar a fonte daquela energia. No entanto, eles estavam tão curiosos a respeito de Aden que procuraram obter informações com o conselho de Vlad.

— Poderia ser uma cilada. — alertou um dos homens do conselho.

— Ou outra tentativa de controlar nosso povo.

Pois é. Além de serem inimigos de praticamente todas as outras raças, os vampiros também estavam em guerra entre eles. Que divertido!

— Nós o protegeremos. Ou, melhor dizendo, os lobos o protegerão. Eles estão o tempo todo atrás dele. — Havia um certo descontentamento na voz do homem.

— Está sendo difícil manter nossos dentes longe dele. Não podemos esperar que Maria, a Sanguinária, se esforce para não mordê-lo. Ela é cruel!

— Pessoal. — disse Aden, interrompendo o debate. — Eu tenho aula. Não posso sair daqui antes do verão, então, discutiremos a viagem para a Inglaterra mais adiante.

— Você poderia deixar o colégio. Afinal, temos tutores. — disse um deles.

— Não. Sinto muito. — Nem mesmo eles o convenceriam a abandonar Crossroads High. E como ele poderia fazer as malas e ir para outro país quando até mesmo fugir e vir para cá era um problema? E, além de tudo, Aden recentemente tinha passado por alguns encontros com “tutores”. Veja como bem as coisas terminaram. — Verão ou nunca. — E, se ele fosse, levaria Victoria e Riley com ele.

Ou talvez Riley ficasse. Mary Ann ficaria chateada se ficasse sem o namorado, mesmo se fosse apenas por um curto período de tempo. E Aden detestava pensar em deixá-la chateada.

Mais murmúrios ressoaram, porém, um a um, os homens do conselho concordaram.

Próxima ordem. Muitos escravos de sangue tinham desaparecido. Ninguém sabia onde eles estavam. Os vampiros estavam nervosos e famintos, e exigindo novos escravos. Para obtê-los, era necessária a autorização de Aden.

— Por ora, eles podem se alimentar, mas não estão autorizados a matar. Podem se alimentar, mas não podem transformá-los em escravos.

Por causa de Victoria, Aden sabia que se os vampiros bebessem apenas uma ou duas vezes o sangue de um humano, esse humano podia continuar vivendo sem se tornar viciado na mordida do vampiro, como tinha acontecido com ele. Se o vampiro bebesse mais do que isso, entretanto, as coisas se tornavam incertas.

Embora os homens do conselho estivessem desapontados, eles chamaram a próxima ordem do dia. A força sobrenatural (ou “zunido”) de Aden. Enquanto os vampiros falavam sobre como se sentiam atraídos por ele, mais e mais seus olhares permaneciam fixos no pescoço do garoto. Ele teria de dar fim àquela coisa zunindo, eles enfatizaram, como se estivessem presos nessas palavras e não conseguissem continuar a conversa. Talvez estivessem hipnotizados.

— Não consigo pôr um ponto final nisso. — respondeu Aden enquanto mudava de posição, nervoso.

As almas permaneciam inquietas em sua mente, tão nervosas quanto ele estava. Especialmente Elijah. O sensitivo começava a murmurar sobre “sangue” e “morte”, e esses murmúrios eram, de alguma forma, familiares. Como se Aden já os tivesse ouvido antes. Onde? Quando?

— A força se torna mais forte conforme passamos mais tempo com ele, não é mesmo? — Alguém perguntou.

— Sim. Ou talvez isso ocorra porque estamos famintos.

— Vocês acham que ele tem qual gosto?

— Nirvana.

Finalmente o silêncio se instalou. Um silêncio total e absoluto. Teria a reunião chegado ao fim? Aden olhou em volta. Todos os olhares estavam novamente apontados para ele, olhares perfurantes, olhos estreitos. Então, o silêncio foi quebrado quando lábios foram lambidos e a respiração saiu de narinas dilatadas. Alguns dos homens do conselho cravavam suas unhas no tampo da mesa, como se tentassem se conter.

Eles queriam devorá-lo, mas lutavam contra essa necessidade.

O que o garoto devia fazer? Levantar e correr? Ou apenas ficar aqui, onde estava, até que eles se controlassem? Isso é, se aqueles vampiros conseguissem se controlar. Ele devia gritar por Victoria? Não, Aden não queria colocá-la na linha de fogo, era melhor evitar. Além do mais, ele precisava aprender a lidar com aquele povo, afinal, ele os governaria.

Não. Esse pensamento outra vez? Não. Ele não os governaria.

Lentamente, Aden se levantou. Os homens do conselho se levantaram junto com o garoto, sem nunca desviarem o olhar. *Não demonstre medo.*

— Tenho muitas coisas para fazer. Vou deixá-los agora. — disse.

Nenhuma resposta.

Aden deu a volta na cadeira sem nunca se virar de costas para os vampiros. Um passo. Dois passos. Ele se distanciou. Lentamente, suavemente, como se não se importasse com nada. No entanto, eles eram predadores. E o garoto era a presa. E, conforme ele se distanciava, os vampiros perdiam o controle.

Com um grito, o homem que estava mais próximo se lançou contra Aden. E essa era a licença que os outros precisavam para seguirem o exemplo. Os vampiros, com aqueles dentes afiados, voaram na direção do garoto.

Vinte e Três



POR FORÇA DO HÁBITO, Aden puxou as adagas antes que o primeiro o alcançasse. É claro que trazer uma adaga a uma briga vampiros era como levar uma pluma para uma luta de boxe. Inútil. Ele golpeou, empurrou a arma contra o peito do oponente, mas tudo o que o metal fez foi entortar. Sim... Inútil.

Os dois punhos de Aden foram golpeados. As adagas voaram, deslizando pelo chão. Dentes afundaram nos ombros do garoto, e aquilo ardeu. Um dos vampiros se teletransportou até atrás de Aden e mais dentes afundaram, dessa vez na base do pescoço. A adrenalina corria pelo corpo dele, oferecendo-lhe força. Foi então que o garoto conseguiu empurrar os vampiros para longe, jogando-os para o lado. No entanto, cada vez que ele se livrava de um vampiro, dois outros apareciam. Logo eles estavam por toda a volta, tentando empurrar Aden para baixo, com dentes mais pontiagudos do que qualquer coisa que ele poderia imaginar. Diferentemente de quando Victoria mordera, agora não havia prazer algum. Apenas dor. Uma dor flamejante, agonizante.

O garoto devia ter esperado por isso, devia ter se preparado para isso. Entretanto, diversas outras preocupações o tinham consumido e, sinceramente, Aden tinha se tornado negligente. Ele já tinha estado aqui antes e ninguém o atacara. E, caramba, ele era o rei! Aqueles súditos não deviam tratá-lo dessa forma.

Os vampiros eram pesados, as mãos deles vagavam por Aden. Eles eram como tubarões que tinham sentido o cheiro de sangue, E mordiam, e se debatiam na tentativa de arrancar pedaços do garoto. Finalmente, conseguiram colocar Aden de joelhos. Quando o garoto caiu contra o chão duro e frio, o ar saiu dos pulmões. Uma onda de vertigem passou pelo corpo dele.

Lute! Rosnou Elijah.

— Estou lutando! — Aden deu um chute, fez alguém voar. — Mas o que mais posso fazer?

Você tem o anel. Use o anel.

O anel. É claro! Aden puxou a mão que, por sinal, estava entre os dentes de um dos homens do conselho. O anel brilhou contra a luz. Com a ponta do polegar, o garoto afastou a opala e, então, sacudiu o braço, fazendo o líquido voar em todas as direções.

A carne chiava. Os vampiros berravam, soltando o garoto para cobrirem com as mãos o rosto que agora queimava. Aden se arrastou até conseguir levantar, ofegando, suando, determinado a alcançar a porta na maior velocidade que os pés conseguissem correr.

No entanto, o garoto viu as bestas, as bestas das quais os vampiros eram protegidos, saindo do corpo deles. De todos. Tudo o que ele via eram contornos dessas feras, mas, ainda assim, elas eram suficientemente visíveis para que Aden conseguisse enxergar asas se abrindo, olhos brilhantes e vermelhos, focinhos escorrendo... Alguma coisa. Veneno? Ácido? Aden ficou parado.

Aquelas bestas o avistaram e, como acontecera quando ele estava com Victoria, elas tentaram alcançá-lo, demonstrando desespero para senti-lo. Ele deveria ter ficado apavorado. Bem, mais apavorado. Porém, de alguma forma, aqueles olhos flamejantes o acalmavam. Talvez por projetarem ameaça. As bestas eram quase como cachorrinhos (certamente

cachorrinhos demoníacos), que apenas queriam receber atenção, passear de vez em quando e receber carinho atrás das orelhas. Estranho. E, muito provavelmente, errado.

E hora de cair fora! Rosnou Caleb.

É sério, cara. Caleb bateu no crânio de Aden. *Agora não é hora de ficar aí parado.*

Corra! Ordenou Elijah.

Tarde demais. A hesitação lhe custaria. E seria caro. Embora os vampiros sangrassem, com feridas abertas, sua carne que derreteria, a dor começava a ficar para trás. Eles voltavam os olhares para Aden enquanto se endireitavam, caminhando na direção do garoto. Dentes mastigavam, bocas provavelmente salivavam por mais sangue. Aden levantou o anel para ameaçá-los, mas não havia mais líquido ali dentro. Ele tinha usado tudo, até a última gota.

Pior ainda, seu braço tremia, com feridas perfuradas em toda a extensão. As ações do garoto apenas espalhavam o cheiro de sangue na direção dos vampiros. Eles fechavam os olhos, sentindo o cheiro com prazer... Até que sentir o cheiro já não fosse suficiente. Até que quisessem mais.

O coração de Aden martelava no peito, e os vampiros sibilavam. A agitação atingia um novo nível. Novamente, alguém voou na direção do garoto. Novamente, os outros logo seguiram o exemplo. Mais dentes afundaram na carne de Aden. Mais ardência, mais queimação.

O garoto lutou com toda a força que possuía. Ele chutou. Ele golpeou. Até chegou a morder, mas nada rasgava aquela pele dura dos vampiros. Nada se mostrava suficientemente forte para empurrá-los para longe.

Abaixe-se, abaixe-se e dê golpes baixos. Lá estava Caleb outra vez.

E, sim, Caleb estava certo. Aden enganchou os dedos na ferida aberta de um dos vampiros e puxou. Mais um gemido e o vampiro se afastou. Juntamente com o gemido, Aden pensou ter ouvido... Um berro? E mais um, e mais outro.

Sim, berros. Tantos berros que eles reverberavam pelas paredes. E então os vampiros eram puxados para longe do garoto, não um a um, mas todos de uma só vez. Houve rosnados, houve dentes mastigando, houve gritos. Tudo se misturava em uma trilha sonora do horror.

Que diabos estava acontecendo?

Aden se sentou, pretendendo se arrastar para fora dali. Ao ver o q se passava, o garoto congelou. As bestas tinham se materializado. Victoria dissera que elas precisavam de tempo para fazer aquilo, mas, de alguma forma, de alguma maneira, elas tinham se materializado em um piscar de olhos. As escamas delas eram iridescentes; os dentes, sabres de marfim. Elas cheiravam a enxofre, ovo podre, e as pontas das asas eram como adagas.

Nem mesmo aquelas bestas conseguiam penetrar a pele dos vampiros. No entanto, elas conseguiam segurá-los na enorme boca que tinham e sacudi-los. Provavelmente quebrando ossos, esfarelado crânios. Todos os vampiros gritavam de dor.

A porta dupla, alta, se abriu e vários outros vampiros correram para dentro da câmara. Quando viram o que estava acontecendo, no entanto, ficaram paralisados, pasmos em meio a tanto terror.

— As bestas!

— O que vamos fazer?

— Isso nunca aconteceu antes!

— Parem! — Gritou Aden. — Por favor!

Todas as bestas pararam e olharam para ele. Os corpos foram deixados, chocando-se contra o chão. Os vampiros não se levantaram, mas encolheram o corpo, gritando. Uma das bestas urrou, o que fez que os vampiros que tinham acabado de chegar ali recuassem, encostassem-se contra a parede. Aden continuou onde estava.

Todas as bestas se aproximaram dele.

Victoria voou até a câmara, gritando o nome do garoto. Aden não se afastou da criatura que estava diante dele, mas estendeu os braços sinalizando para que a vampira ficasse parada, para que ela não tentasse passar por ele e lutar para defendê-lo. Obviamente Victoria o ignorou e jogou o corpo contra o dele.

Dessa vez, todas as bestas urraram.

A vampira agarrou Aden, tentando colocá-lo ao seu lado para poder teletransportá-lo.

— Elas vão matar você. Precisamos ir embora.

— Não. — disse ele. — Não. Saia de perto de mim, Victoria.

— Não!

Mais empurrões.

Mais urros.

— Por favor, Aden. — Um medo absoluto permeava a voz da vampira.

— Saia de perto de mim. Agora! As bestas não vão me ferir. — Ele esperava. — Elas estão me protegendo. — Outra vez, ele esperava. Independentemente do que acontecesse, ele não queria Victoria na linha de fogo.

Um momento se passou em silêncio antes que ela tirasse as mãos do garoto e ele deixasse de sentir aquele calor. Sem dizer sequer mais uma palavra, Aden forçou as pernas pesadas e feridas a caminharem adiante. A besta mais próxima a ele emitiu outro urro, bateu as asas. As outras se movimentaram, algumas delas indo até as laterais de Aden, outras atrás dele, formando uma muralha de fúria e de ameaça.

O que você está fazendo? Julian exigia saber.

Corra! Implorou Caleb.

Eu... Eu não vejo nada, declarou Elijah. *Não sei o que você deve fazer. E não gosto disso. Eu não gosto nada disso.*

Aden seguiu adiante.

— Eu estava certo. — disse o garoto, gentilmente. — Vocês estavam me protegendo, não estavam?

Nenhuma resposta.

Será que elas conseguiam entender?

— Por que vocês fariam isso?

A besta que estava diante de Aden dobrou as asas e se agachou, colocando o rosto a centímetros de distância do rosto do garoto. A respiração úmida raspava aquelas narinas pretas e enormes, para dentro e para fora. Aquela boca, pingando, com dentes protuberantes, cutucou o braço de Aden.

Por um instante, o medo deixou o garoto petrificado. Então, ele percebeu que não havia nenhuma ferida nova no corpo, nenhuma nova ferroadada. Só agora ele se dava conta.

—Você quer que eu faça carinho em você, não é mesmo, garotão?

Novamente, nenhuma resposta. Mesmo assim, Aden estendeu a mão. Embora quase tivesse certeza de que estava fazendo a coisa certa, o garoto estremeceu. Ele acariciou a região atrás da orelha da besta. Em vez de dentes afiados, feridas, dores ou a perda de um dos membros, o que Aden recebeu foi um ronronar de aprovação da fera.

As outras se aproximaram, garras arranhavam o chão conforme se sentavam nos pés de Aden, desejando que o garoto tocasse nelas.

— Não estou entendendo. — ele murmurou.

Eu também não, disse Julian, espantado.

Mas, cara, a gente é demais! Adivinhe quem? Caleb, agindo como um pavão que abria a cauda.

Eu nunca imaginei que isso pudesse acontecer! Exclamou Elijah, impressionado.

Por que aquelas criaturas gostavam de Aden? Por que o tinham protegido dos vampiros dentro dos quais viviam? Não fazia sentido.

Aden só conseguiu imaginar que elas deviam gostar da força que ele emanava, daquela vibração estranha que ele emitia, daquela vibração que atraía vampiros, bruxas, fadas, elfos e duendes para Crossroads. No entanto, todas essas últimas criaturas detestavam aquela energia. Era por isso que as bruxas queriam convocar uma reunião. Para decidir o que fariam com ele. Era por isso que Thomas e depois Brendal tinham ido para o rancho: para salvar tanto eles mesmos quanto “seus” humanos da maldade de Aden.

— Aden? — A voz de Victoria era suave. A vampira tentava voltar para o lado do garoto.

Várias daquelas bestas chiaram e gritaram para ela.

— Não. — disse Aden para as bestas, parando de acariciá-las. — Ela é amiga. Ele não sabia o que essa repreensão poderia causar, mas tudo o que as feras fizeram foi choramingar um lamento. Além, é claro, de cutucar o braço do garoto, pedindo mais carinho.

Aden acariciou as bestas, dizendo: — Victoria, aproxime-se lentamente.

Ele não poderia permitir que aquelas criaturas ameaçassem a vampira ou tentassem feri-la de alguma forma. Nunca.

Aden pôde ouvir os passos suaves de Victoria. Mais uma vez, as bestas chiaram e gritaram para ela. Elas enrijeceram o corpo, levantaram as escamas, quase como se colocassem uma armadura, preparando-se para o ataque.

— Parem. — disse Aden para ela e para as bestas.

Os passos cessaram. As criaturas se acalmaram.

— Mais um passo.

Ela obedeceu, e mais daqueles chiados ecoaram.

— Pare.

Novamente, ela obedeceu. Novamente, as criaturas se acalmaram. Aden suspirou. Eles teriam que tentar isso em outra ocasião. As bestas simplesmente não estavam prontas para aceitar ninguém, e o garoto não seria capaz de contê-las se elas resolvessem atacar.

— Como coloco as bestas de volta dentro dos vampiros? — Perguntou Aden, ainda acariciando-as.

— Elas se materializaram agora. — explicou a vampira com voz trêmula. — Não precisam voltar.

Nunca?

— Mas eles podem voltar?

— Podem, mas eu só vi isso acontecer uma vez. Em geral, o vampiros que as hospedam já estão mortos quando elas atingem esse ponto.

— Os homens do conselho estão...

— Não. Eles estão vivos — disse Victoria. — Sentindo dores, com osso quebrados, mas vivos. Eles vão se curar.

Aden olhou diretamente nos olhos da besta que estava diante dele.

— Preciso que vocês voltem para o lugar de onde vieram — ele disse. O garoto não podia permitir que elas ficassem soltas por aí, assustando as pessoas. Devorando as pessoas.

Isso lhe rendeu um grunhido de escárnio.

Elas entenderam, pensou o garoto, sentindo-se confiante.

— Preciso que vocês retornem. — ele repetiu com mais firmeza.

Dessa vez, a besta sacudiu a cabeça, demonstrando reprovção.

— Por favor. Eu me sinto grato por vocês terem ajudado, mas aqueles homens, eles também estão me ajudando. Não posso visitar esta casa sem eles. Portanto, se vocês não voltarem para dentro deles, precisarei ir embora e nunca mais poderei voltar. Por outro lado,

se vocês retornarem, posso conversar com eles sobre aquelas proteções, posso ver se eles deixam vocês saírem para vir me visitar.

Aden estava fazendo uma aposta. Aquelas criaturas se importavam com ele? O garoto não tinha certeza. Elas queriam passar mais tempo com ele? Ele também não tinha certeza. No entanto, essa era a única moeda de troca que ele tinha.

As feras o encararam por um bom tempo, olhos se estreitavam, narinas dilatavam. As bestas estavam claramente zangadas, mas pelo menos não o atacaram. Por fim, queixando-se, elas se levantaram, uma de cada vez. Aos poucos, suas cores desapareceram e o cheiro de enxofre se dissipou. Então, elas novamente não eram nada além de esboços, como se fossem fantasmas.

Impressionante. Aqueles esboços flutuaram na direção dos vampiros, que ainda se contorciam, e desapareceram dentro deles, como se tivessem sido sugados por um aspirador de pó. Aden assistiu a tudo com olhos arregalados.

Incrível.

O garoto ouviu uma comoção atrás dele e se virou. Victoria corria para alcançá-lo. Quando chegou até Aden, a vampira jogou os braços em volta dele. O impacto quase esmagou os pulmões do garoto. Enquanto lutava para respirar, ele a abraçou bem apertado. Os outros vampiros que tinham entrado na câmara estavam brancos como giz, murmurando e olhando para ele com uma mistura estranha de horror; admiração e descrença.

— Como você fez isso? — Alguém finalmente lhe perguntou.

Eu estou me fazendo a mesma pergunta, disse Elijah.

— Nunca vi nada disse tipo... — Disse outro.

— As bestas foram domesticadas. Realmente domesticas.

Domesticador de bestas. Esse devia ser seu novo apelido, disse Caleb, com uma respiração pesada.

Um vampiro enorme e corpulento, com cabelos vermelhos, deu um passo adiante e abaixou a cabeça. Ele até mesmo se abaixou e se apoiou em um joelho.

— Majestade, não sei se já lhe disseram sobre meu desafio, mas eu humildemente retiro o que disse.

Um segundo vampiro ecoou as mesmas palavras e os mesmos gestos, seguindo por um terceiro, por um quarto vampiro.

— Bom. Muito bom. — respondeu Aden, sem saber o que mais dizer. — Victoria e eu vamos nos retirar um pouco, tudo bem?

— Sim, sim.

— É claro.

— Por favor, aproveite esse tempo, Majestade.

— Faça como quiser. Esta casa é sua.

Embora estivesse tremendo, Aden entrelaçou os dedos aos de Victoria e permitiu que ela o guiasse para fora da câmara e em direção ao quarto, no andar de cima. Agora havia fitas verdes e cor-de-rosa preso no corrimão, ele percebeu. Parecia claro que as pessoas estavam levando a lei das cores a sério. No entanto, com a insistência do conselho de que aquelas mudanças fossem limitadas aos ambientes privados e vestimentas, ele se perguntava por quanto tempo aquelas fitas ficariam por ali.

Riley e Mary Ann os esperavam no andar de cima. Eles estavam sentados na beirada da cama de Victoria, silenciosos, sem olharem um para o outro.

Quando a porta se fechou, deixando todos dentro do quarto, a vampira se aproximou de Aden. Os olhos dela provavelmente estavam tão arregalados quanto os dele.

— Aquilo foi *incrível*. Como você conseguiu fazer isso?

— Fazer o quê? — Perguntou Riley, franzindo a testa.

Victoria contou o que tinha acontecido. O lobo, pálido, levantou-se e sacudiu a cabeça.

— Eu devia estar lá. Sinto muito por não estar, sinto muito por você ter sido atacado. Eu...

— Não foi nada demais. — disse Aden, tentando permanecer de pé sem vacilar. — Eu consegui controlar a situação. — Em grande parte.

— Está tudo bem com você? — Perguntou Mary Ann. — Parece que você estava em um ringue de boxe... E brincando com facas ao mesmo tempo.

Pela primeira vez, Victoria lançou um olhar atento sobre Aden. Ela franziu a testa.

— Mary Ann está certa. Suas roupas estão rasgadas e sua pele está destruída com essas mordidas e você... Seu cheiro está divino. — A voz da vampira se tornou mais grave, rouca em meio ao desejo. — Posso dar um pouco do meu sangue para você? Para ajudar a curar?

— Não, obrigado. — Ele não queria ver o mundo pelos olhos dela. Não que se importasse com isso. Na verdade, ele até gostava (quando não via o mundo pelos olhos de Dmitri também). — Você conseguiu descolar o equipamento para fazer as tatuagens?

Ela afirmou com a cabeça, esforçando-se para deixar de focar sua atenção exclusivamente em Aden. Então, ela apontou para a penteadeira. Espalhados por toda a superfície estavam alguns tubos, frascos e agulhas.

— Se você não se importar, — disse a vampira, agora delicada. — Riley fará as tatuagens. Vai doer e, bem, não quero causar dores em você.

Eles compartilharam um sorriso e Aden se afundou na cadeira em frente à penteadeira.

— Eu não me importo. — Afinal, ele também não causaria dor a ela.

— O fato de eu estar morrendo de vontade de fazer isso afeta negativamente meu caráter? — Riley caminhou até a penteadeira e puxou uma segunda cadeira na frente de Aden. O lobisomem segurou o equipamento. — Quantas proteções você quer?

— De quantas eu preciso?

— O máximo que você aguentar. Se eu estivesse no seu lugar, cobriria meu corpo com elas. Porém, como você sabe, essas tatuagens são permanentes. Com os vampiros, elas desaparecem conforme a pele se cura do *je la nune* que temos que colocar nas agulhas para conseguirmos deixar marcas neles. Com os humanos, não acontece a mesma coisa. E não, não vou usar nem uma gota de *je la nune* em você.

— E essa tinta é mágica ou algo do tipo? — Questionou Aden.

— Não. Os desenhos é que são feitiços. Bem, anti-feitiços. Você verá algumas linhas entrecruzadas, mas, na verdade, essas linhas são uma série de palavras.

Legal.

— De qualquer forma, seja cuidadoso ao escolher. Elas ficarão com você para sempre. — continuou Riley.

Aden ponderou as opções.

— Não temos muito tempo, então, você tem duas horas. Que tal? Faça o máximo que puder nesse tempo.

— Seis. Eu consigo fazer seis.

— Parece bastante para um período tão curto de tempo.

— Eu faço isso a, tipo, um século. Sou muito bom nisso. Contra o que você quer se proteger? Controle mental? Feiura? Dor? Morte? Algum feitiço de que você imagina que possa vir a ser vítima? Impotência. Amor. Ódio. Raiva. Ah, e teremos de fazer uma proteção para fechar as suas proteções, para que elas não sejam danificadas com, bem, a não ser que elas... Deixe pra lá, isso não é importante agora, mas, enfim... Acho que isso significa que só temos tempo para outras cinco.

— Espere aí. Retome esse “deixe pra lá”. — disse Aden.

Riley suspirou.

— As proteções podem ser cobertas com mais tinta. Isso anula o poder delas. Aden arqueou a sobancelha. Por que alguém iria querer anular uma proteção?

— Existe alguma proteção que possa me manter vivo para sempre?

— Sim e não. É uma proteção estranha e não temos tempo para discutir sobre ela. O que posso fazer é uma tatuagem que o protegerá de um feitiço de morte.

O tom auto-recriminatório de Riley perdurou por um bom tempo depois que as palavras foram ditas.

— É possível proteger Mary Ann e Victoria com uma tatuagem dessas? — Victoria já tinha respondido a essa pergunta, mas obter uma segunda opinião não faria mal a ninguém.

— Não. Eu poderia tatuar a proteção nelas, mas, assim que eu terminasse, a proteção queimaria até desaparecer, tornando-se inútil, uma vez que elas já foram amaldiçoadas.

Que pena.

— Está bem. Então, façamos o seguinte: você tem uma hora para trabalhar comigo, ou seja, você fará três tatuagens em mim. Depois, quero que você proteja Mary Ann contra algumas coisas.

— Tatuagens? Não sei... — Disse Mary Ann, nervosa, sacudindo a cabeça. — Meu pai me mataria.

Ninguém apontou o óbvio. Era preciso estar vivo para ser morto por alguém.

Riley concordou novamente, para sorte de Aden. Ela precisava ser protegida e, portanto, seria protegida. Ponto final. Isso seria uma preocupação a menos para todos eles. Mary Ann se daria conta daquilo e acabaria concordando, Aden tinha certeza. Riley levantou um equipamento prateado, parecido com um revólver.

— Então, além da proteção para guardar suas proteções, do que mais você gostaria, Majestade?

— Uma contra feitiços de morte, como você disse. — Não havia dúvida. E Aden estava tentado a se proteger do ódio. E se as bruxas enfeitiçassem e ele passasse a achar que odiava os amigos? E se elas comessem um feitiço de raiva e ele ferisse seus amigos em um ataque de violência. Entretanto, ele finalmente pediu: — Proteja minha mente.

— Ótimo. Começaremos com essa. Até agora, as bruxas querem que esteja vivo. Se tentassem capturá-lo, elas provavelmente tentariam extrair informações da sua cabeça. Como você vai ter essa proteção, elas não vão conseguir fazer nada desse tipo. Agora, tire a camiseta.

Lançando um olhar rápido para Victoria, que o observava, Aden obedeceu. Riley levantou o aparelho na altura do peito e começou a trabalhar.

Havia uma ardência constante, mas nada que Aden não conseguisse suportar. Aliás, ele poderia até mesmo tirar um cochilo. E fez isso. O garoto fechou os olhos, permitindo que sua mente viajasse. Até ouvir Riley pestanejar.

Aden abriu os olhos, subitamente percebendo a queimadura no peito e o cheiro de carne chamuscada que saturava o ar. Ele olhou para baixo. Havia uma tatuagem em seu peito, mas um raio estalava na superfície, extraíndo a cor, fazendo um vapor subir.

— Você já foi amaldiçoado. — disse Riley com uma voz grave. — Por que você não me contou?

Como assim?

— Não fui. Acredite, eu me lembraria de algo desse tipo.

— Bem, a única outra coisa que causaria esse tipo de reação seria você ter uma proteção que evitasse que eu o protegesse.

— Acho que eu também me lembraria disso. — No entanto, havia uma sensação irritante no fundo da mente de Aden, um mar de escuridão, de vazio. — Mas pode ser que eu esteja passando por problemas de memória. Quer dizer, eu estava pensando que tinha encontrado

um vazio na mente do Dr. Hennessy ontem, embora eu não consiga lembrar-me de ter entrado na cabeça dele.

— Problemas de memória, uh? — Riley franziu a testa, colocou o equipamento de lado e se levantou. — Tire a roupa. Toda a roupa.

Aden engasgou com a própria saliva.

— Como assim?! — Tirar a camisa era uma coisa. Tirar tudo era bem diferente.

— Você me ouviu. Tire. Vou verificar se você tem alguma proteção.

Nós não vamos fazer strip-tease, esbravejou Julian.

Não há nada de errado em mostrar um pouco de pele, disse Caleb.

— Acho que eu teria percebido se...

Riley sacudiu a cabeça tão severamente que chegou a interromper Aden.

— Não necessariamente. Aden ainda persistiu.

— As garotas...

— Vão ficar de costas. Pare de enrolar. Você não tem nada que eu não tenha visto antes, bebezão.

Aden olhou para as garotas, garantindo que elas ficassem de costas. Então, suspirando e enrubescendo, tirou a roupa. Riley o analisou. Franziu a testa novamente. Emitiu um murmúrio no fundo da garganta.

— Caramba. — disse ele, enquanto Aden se vestia apressadamente. — Nada de proteções.

— Você verificou em todas as partes? — Perguntou Victoria. Querendo dizer até... Lá? As bochechas de Aden queimavam.

— Sim, eu verifiquei tudo. De qualquer forma, há alguns outros lugares que preciso olhar.

Riley analisou atrás das orelhas, as linhas do couro cabeludo, sob os braços. Ainda nada. Com um empurrão nos ombros, Aden caiu de volta na cadeira. Riley se sentou ali e levantou os pés de Aden, depois o outro. Bingo! Pensou Aden, pois Riley sacudia a cabeça e estudava ambos os pés como se escondessem os segredos do universo.

— Como? — Perguntou Aden. — Eu teria descoberto depois, mesmo e no estivesse consciente durante o processo. — Ele descobriria, certo? — Eu sentiria dores ao caminhar.

— Não. Você foi protegido duas vezes, e uma dessas proteções previne dores no pé. Quando você acordou, já não sentia nada.

Meu Deus! Havia mesmo proteção para tudo.

— Você falou que uma é para dores no pé. E a outra, é para quê?

— Para prevenir que você seja protegido contra manipulação mental. O que significa que, seja lá quem foi que fez isso, queria que sua mente ficasse vulnerável. Queria controlar você. Provavelmente controlou ou controla você. E se você está tendo problemas de memória relacionados ao médico, é grande a probabilidade de que foi ele quem tatuou essa proteção.

Aden ficou chocado. Chocado e furioso. Como Hennessy tem conseguido fazer aquilo? E, além do mais...

— Por que ele faria isso? O que ele queria que eu fizesse?

— Faremos uma visita ao seu médico amanhã, e aí descobriremos.

Se eles ainda estivessem vivos. Embora Riley não tivesse acrescentado essa frase, todos a pensaram.

— Por enquanto, vou desfazer essa proteção. Vou cobrir as palavras. Depois, vou fazer uma tatuagem contra manipulação. E só depois vou colocar uma proteção para fechar as proteções. Assim, ele não conseguirá desfazer nosso trabalho, como estamos desfazendo o trabalho dele. Mas, um aviso. Nem todos querem a tatuagem que protegem as outras, porque todas as proteções que você fizer agora, assim como todas que vier a fazer no futuro, são

permanentes. E se algum dia uma tatuagem for feita sem o seu consentimento... Enfim, no seu caso, nas nossas circunstâncias, vale a pena arriscar.

— Obrigado. — Aden ainda estava paralisado com aquele choque, ainda queimava com a raiva. A sensação dupla trazia o caos para dentro de sua mente. As almas agora estavam igualmente paralisadas e irritadas, exigindo respostas. — Ainda haverá tempo para a proteção contra a morte?

—Vamos fazer dar tempo. De qualquer forma, vou deixar a proteção contra dor no pé aqui.Você vai precisar dela.

Dizendo isso, Riley voltou ao trabalho.

Vinte e Quatro



TUCKER TINHA NOTÍCIAS PARA COMPARTILHAR. Notícias que ele sabia que Vlad detestaria saber, mas que, mesmo assim, ele compartilharia. Precisava compartilhá-las. Seu sangue vibrava com uma necessidade contra a qual o garoto não conseguia lutar.

Por que você está fazendo isso? Pare! Gritava sua mente.

Na verdade, ele não conseguia parar. Aquela necessidade era forte demais. Tucker voou pelo gramado bem cuidado do vampiro, deixando bonsais para trás, contornando roseiras negras. No meio da propriedade, havia um enorme anel de cimento dividido em redemoinhos, de modo criar um desenho intrincado. Quase como um daqueles círculos nas plantações que ele certa vez tinha visto em um programa de televisão. Uma força elétrica estranha emanava daquilo, e os pássaros e os insetos ficavam o mais longe que podiam. *Exatamente como eu gostaria de ficar.*

Como tinha feito outras mil vezes antes, Tucker ficou no centro daquele anel, passando despercebido por alguns vampiros que realizavam trabalhos por ali, trabalhos como tirar ervas daninhas, cavar buracos. A única coisa que esses vampiros viram foi a luz dourada do sol que envolvia Tucker, afinal, essa era a imagem que o garoto projetava para eles.

Talvez, entretanto, os vampiros sentissem cheiro dele, pois todos eles ergueram o corpo e farejaram o ar.

Corra. Tucker colocou os pés em duas ranhuras que havia no cimento. Quando os calcanhares bateram contra essas ranhuras, os redemoinhos começaram a girar. Girando, entrelaçando-se, separando, misturando. Tucker continuava projetando a luz do sol, um brilho forte... Mais forte... Até que os vampiros tiveram de olhar para outro lugar.

O centro do redemoinho, onde o garoto estava, começou a descer, lentamente, bem lentamente, levando-o até um local mais abaixo da superfície, em meio à escuridão. Ninguém conseguiria ver o buraco que ficou para trás, ele se assegurou disso. Por um momento, enquanto a luz do sol iluminava a cova que havia logo abaixo, Tucker viu o que o esperava.

Cadáveres se espalhavam pelo chão duro. Aliás, quando a base de metal terminou de descer, um daqueles corpos foi esfaqueado, os ossos estalavam. O cheiro... Metálico, como se o sangue tivesse espirrado. Podre, como se os corpos já estivessem se decompondo.

Tucker queria vomitar. Seria esse o destino que o esperava?

Provavelmente.

No entanto, aquilo não o impediu de entrar no local. Sem o peso do garoto, a plataforma subiu, mais e mais alto, finalmente fechando o círculo acima. A escuridão o envolvia. Como aquele lugar era escuro Tucker lembrou que, quando estivesse pronto para retornar, tudo o que ele precisaria fazer era encostar as palmas das mãos nas ranhuras da parede e o anel se abriria novamente. Até lá...

— Quem são essas pessoas? — Murmurou Tucker.

Vlad, sempre acordado, ouviu o garoto chegar.

— Eram escravos irrelevantes que viveram além de sua utilidade. E você irá liquidá-los.

— A voz do vampiro estava mais forte e muito menos rouca do que estivera durante os outros encontros com Tucker.

— Essa visão que tenho deles é ofensiva para mim.

— É claro. — Tucker nem considerou rejeitar.

— E você me trará outros.

— Sim. — Como ele faria isso?

Você vai dar um jeito. Você quer deixar esse homem satisfeito. Você precisa deixar esse homem satisfeito.

— Então, por que você está aqui? Eu ainda não o chamei.

Não faça isso. Lá estava o outro lado de Tucker lutando, querendo viver uma vida melhor, uma vida mais pacata, pensando que as coisas poderiam ser diferentes, fingindo que não tinha usado seu poder de ilusão para aterrorizar uma família inocente na noite anterior, fazendo-os pensar que estavam cobertos de aranhas, fingindo que não sorria enquanto aquelas pessoas gritavam.

Esse sempre tinha sido o truque favorito de Tucker.

— E então?

— Eu... Eu trago notícias.

Ele contou a Vlad o que tinha visto quando lançou mão de ilusões para entrar na mansão. O ataque dos vampiros contra Aden. Bestas horríveis saindo daqueles vampiros, protegendo Aden. Aden acariciando as bestas, acalmando-as. Pedindo para que elas voltassem para seus hospedeiros, assistindo enquanto elas obedeciam.

— Como ele não morreu antes de elas aparecerem? — Perguntou Vlad e, como de costume, seu tom de voz leve era entorpecente e assustador.

Tucker engoliu em seco.

— Aden espirrou algum tipo de líquido no rosto dos vampiros.

Era possível ouvir os tecidos farfalharem.

— Líquido? De um anel?

Vlad já não fingia estar calmo, Agora, o vampiro soava furioso.

— Si-sim.

— E como ele ganhou a lealdade das bestas?

— Eu não sei. Ninguém entendeu.

Antes que a última palavra saísse da boca de Tucker, Vlad estava gritando, o vampiro devia estar andando de um lado para o outro, arrebentando pedras e as jogando contra as paredes, pois Tucker ouviu o choque de pedra contra pedra e sentiu um estrondo vindo da terra enquanto tudo o que havia à sua volta sacudia e quebrava.

O garoto tentou tapar os ouvidos, mas era tarde demais, O sangue quente escorria. Aquele grito estridente atingira seus tímpanos. Uma dor aguda explodiu na cabeça antes de se espalhar por todo o resto do corpo.

Pela primeira vez, o desejo de fugir foi mais forte que o de agradar, e Tucker cambaleou até a parede, tateando na tentativa de encontrar as ranhuras. No entanto, uma mão forte apertou o ombro do garoto fazendo-o parar.



Talvez esse seja seu último dia na Terra, pensou Mary Ann, que, em seguida, se repreendeu por ter uma perspectiva tão mórbida. Agora que tinha se alimentado, sugado energia da bruxa, a garota se sentia melhor, mais forte que nunca. Ela não poderia simplesmente cair morta. Ela esperava. No entanto, Mary Ann também sentia culpa quando se

lembrava de que a bruxa tinha xingado e gritado com ela. A garota então ficou apática, em silêncio.

Como eu pude ter feito isso com ela?

E como ela conseguiria voltar ao chalé? Entretanto, ela retornaria, assim que Riley terminasse de tatuá-la. Aden planejava possuir o corpo da bruxa e tentar viajar no tempo, até algum momento no passado. Talvez... Talvez Mary Ann ficasse do lado de fora enquanto eles tentavam fazer isso. Dessa forma, ela não sugaria mais nada daquela pobre mulher.

Sim. Sim, era exatamente isso que ela faria. Estava decidido. Victoria simplesmente acabaria supondo que Mary Ann era uma covarde, uma garotinha com medo de encarar uma criatura tão poderosa, mesmo tendo sido protegida.

As proteções. Saco! Mary Ann franziu a testa. Diferentemente de Aden, a garota não queria aquelas tatuagens no peito. Ela não queria precisar vê-las todos os dias, saber que elas eram permanentes, que elas eram parte de seu corpo para sempre.

Para isso, a garota tinha tirado a blusa (enrubescendo como uma louca e feliz por estar usando sutiã, muito embora o mutante já tivesse visto tudo na noite anterior) e se virado de costas para Riley. E, Deus! Tatuagens eram doloridas. Doíam como se alguém jogasse fogo diretamente em sua corrente sanguínea.

— Pronto. — finalmente disse Riley. Ele soava satisfeito.

Mary Ann se levantou, agarrou a blusa e caminhou até o espelho de corpo inteiro que havia em um dos cantos. Contorcendo-se, ela conseguiu ver duas tatuagens lindamente elaboradas. Uma a protegia de manipulação mental, exatamente como Aden escolhera, e a outra a protegia contra ferimentos mortais. Pelo menos contra ferimentos mortais físicos.

Essa segunda não seria de grande utilidade se, por exemplo, o coração de Mary Ann parasse de bater por conta do feitiço de morte, mas Riley insistira para que ela fizesse essa tatuagem, então, ela fez. E a proteção não tinha queimado e desaparecido, portanto, era certo que o feitiço não causaria a morte da garota por meio de um ferimento físico (como uma apunhalada, por exemplo).

Aparentemente, para proteções dessa grandeza, a tatuagem precisava ser maior. Portanto, a segunda proteção se estendia de uma omoplata à outra. Deus, o pai de Mary Ann ia morrer. Depois que ele a matasse, é claro.

Ela vestiu a blusa, estremecendo com a dor aguda causada toda vez que o tecido tocava em sua pele sensível.

— Pronta? — Perguntou Victoria, enquanto estendia a mão delicada.

Mary Ann assentiu e entrelaçou os dedos com os da vampira. Um segundo depois, Victoria as teletransportou até o lado de fora do chalé. Então, a vampira desapareceu sem dizer uma palavra. Retornou alguns segundos depois com Aden, desapareceu novamente e, em questão de mais alguns segundos, trouxe Riley. Victoria estava cada vez melhor nesse negócio de teletransporte.

— Vamos dar um jeito nisso. — disse Aden. A sensação de urgência do garoto se espalhava como um vírus. Todos, exceto Mary Ann, correram na direção da escada.

— Vou ficar aqui fora. — anunciou a garota.

Eles pararam, olharam para ela.

Mary Ann estudou Aden e não pôde evitar se perguntar se essa seria uma das últimas vezes que o veria. *Você precisa parar de pensar assim.* Ele era um garoto lindo. Seus cabelos eram naturalmente loiros, mas ele tingia-os de preto. Seus olhos eram multicoloridos, azuis, verdes, acinzentados e castanhos, cada um representando uma das almas, além, é claro do próprio Aden. E quando aquelas cores se misturavam, aqueles olhos se tornavam completamente negros.

Ele era tão alto e musculoso quanto Riley. Mas Riley tinha uma beleza rude e perigosa, enquanto Aden tinha a beleza de um modelo. Os cílios eram longos e projetavam sombras espetadas sobre as maçãs do rosto. Os lábios eram perfeitamente rosados e tinham uma aparência suave.

— Está tudo bem? — Perguntou Aden, franzindo a testa, preocupado.

Mary Ann amava aquele garoto como um irmão e, quando ela deixasse esse grupo, sentiria uma saudade terrível dele.

— Eu só acho que é melhor ficar aqui fora. — disse ela.

Riley, por sua vez, acrescentou:

— Mary Ann não está se sentindo bem.

Eles trocaram sorrisos, embora ninguém ali estivesse se divertindo com a situação. Na noite anterior, depois que Riley concluía de vez que Mary Ann era uma Sugadora, o lobo ficou em silêncio. Ele segurou a garota enquanto ela absorvia o poder da bruxa, fortalecendo-se. Mais tarde, depois que Victoria os levou de volta para o quarto na mansão dos vampiros, Riley voltou para a cama com Mary Ann. Ainda sem dizer sequer uma palavra. Ela tampouco falou.

A garota duvidava de que ela ou Riley tivessem dormido. Tudo o que eles tinham feito era permanecer deitados um nos braços do outro, reconhecendo que seu tempo juntos chegaria ao fim um dia.

Depois de suspirar, Mary Ann voltou sua atenção a Aden. Ela deu um passo para frente, estendeu a mão e apertou a mão de seu amigo. A pele do garoto estava aquecida, calejada.

— Boa sorte. — disse ela. — E tome cuidado.

Ele apertou os dedos dela.

— Pode deixar.

— Há um minuto você estava se sentindo bem. — disse Victoria, franzindo a testa. — Você está... Com medo? Não precisa ter medo. Você está protegida agora.

— Somente contra algumas coisas.

— Ah. — Victoria sacudiu a cabeça, os cabelos longos balançavam em volta dos ombros. Ela era uma bela garota, a combinação perfeita para Aden, o garoto perfeito. Pálida, pele sem uma manchinha sequer, lábios do mais profundo vermelho. Olhos azuis como safiras. Não era de se surpreender que Aden tinha se apaixonado tão rápido e intensamente por ela. — Entendi. — completou a vampira.

Mas ela não entendeu. Era como se cada centímetro do rosto de Victoria estivesse estampado com a palavra “covarde”, exatamente como Mary Ann sabia que iria acontecer. Tudo bem. Aquilo era melhor do que a vampira descobrir a verdade... E tentar matar Mary Ann.

Tantas ameaças de morte, ela pensou. E o fato de a garota não sair correndo ou gritar por ajuda provava o quanto ela tinha evoluído.

Victoria e Aden deram meia-volta e entraram no chalé. Riley continuou ao lado de Mary Ann por mais alguns minutos, observando o outro casal desaparecer.

— Eu vou ficar bem. — ela o assegurou.

— Eu sei.

Essa era a primeira vez que Riley tinha falado diretamente com Mary Ann, hoje e ela sentiu prazer em ouvir aquela voz.

— Você está nervosa? — Perguntou o mutante. — Nervosa com amanhã?

Ela optou por não mentir para ele.

— Sim. Mas, ainda assim, isso tudo nem parece verdade. Você entende? Eu estou bem. Estou me sentindo bem. Como vou morrer?

— Eu sei. — ele disse outra vez. — Eu me arrependo por nós não... Não termos ficado juntos ontem à noite.

Mary Ann também se arrependia. E ela se arrependia de tantas outras coisas. Ela devia ter passado mais tempo com o pai. Devia tê-lo perdoado antes por ele ter mentido sobre a mãe dela. Ele não conseguiria se recuperar se também perdesse a filha. Ficaria sozinho, sem ninguém para tomar conta dele.

Mary Ann não poderia deixar seu pai dessa forma. Ele poderia se culpar, atormentado pelo pensamento de que poderia ter feito alguma coisa para salvá-la.

— Eu estava tentando fazer a coisa certa. — disse Riley, trazendo a garota de volta para o presente. — Por você.

— Eu sei. — dessa vez foi ela quem disse isso. — Tivemos uma semana intensa, não é?

— Certamente tivemos.

— E sinto muito, sinto muito mesmo. Você não estaria nesta situação se não fosse por mim.

Se ela não tivesse conhecido Aden, não teria conhecido Riley. E, se não tivesse conhecido Riley, não teria passado cada minuto de seu tempo livre com ele, prendendo-se um ao outro, cada vez mais juntos, mudando o curso da vida do lobinho.

— Ei. Não fale assim. A única coisa da qual não me arrependo é de ter conhecido você. — disse ele, rispidamente. — Eu jamais me arrependeria disso.

Para ser sincera, ela também não se arrependia. Riley era a melhor coisa que tinha acontecido em sua vida. Independentemente de como as coisas terminassem, ela não poderia se arrepender de tê-lo conhecido.

De dentro do chalé, a bruxa esbravejava. Pelo menos ela tinha se recuperado suficientemente para esbravejar depois que Mary Ann sugou sua energia.

Riley suspirou, cansado.

— É melhor que eu entre.

— Está bem. Eu estarei aqui.

Ele inclinou o corpo e beijou os lábios da garota. Depois, deu os passos que faltavam para entrar na cabana, deixando-a sozinha. De repente se sentindo tão cansada quanto Riley parecia estar, ela se sentou no primeiro degrau, apoiando os cotovelos nos joelhos e o queixo nas mãos erguidas.

O sol brilhava, jogando raios de um alaranjado dourado na linha de visão de Mary Ann. O ar estava mais aquecido do que estivera nas últimas semanas. Ela... Os pensamentos da garota deram uma pausa enquanto, um pouco distante, pernas se arrastavam e esmagavam as delicadas folhas que caíam das árvores. Mary Ann endireitou o corpo, focou o olhar. Ela logo pode ver um rosto conhecido. Um garoto. Um jogador de futebol americano. Tucker, seu ex-namorado. Ela ergueu a mão e acenou brevemente.

Mary Ann estava de pé antes que percebesse que tinha se movimentando, abrindo e fechando a boca, o coração acelerava. Ela correu em direção a Tucker, torcendo para que ele não fugisse. Quanto mais perto a garota chegava, mais claramente o via, o garoto estava tão pálido que ela conseguia ver os traços azuis de suas veias sob a pele. Quando os dois namoravam, ele tinha um bronzeado lindo. Agora seu rosto estava abatido, como se ele tivesse perdido peso. Os cabelos cor de areia agora estavam completamente embaraçados e as roupas, amarrotadas e manchadas, estavam mal ajustadas no corpo. Rasgadas, como se ele tivesse recentemente se metido em uma briga.

Quando Mary Ann estava prestes a chegar próximo de Tucker, ela viu as cicatrizes. Pequenas, redondas, uma ao lado da outra. Dentadas. De vampiros. Elas tinham cicatrizado rápido. Rápido demais. Já não havia nenhuma crosta, como normalmente haveria. Afinal, pouquíssimo tempo tinha se passado desde que ele tinha sido servido como entrada no Baile dos Vampiros para que os ferimentos já tivessem cicatrizado. No pescoço, nos braços e até no

rosto de Tucker. Não, espere. Havia uma mordida recente, ainda sangrando, no pescoço do garoto.

Não fazia muito tempo desde o momento em que Mary Ann odiou aquele garoto por tê-la traído. Depois, ela o viu preso a uma mesa, próximo da morte. O ódio desapareceu, abrindo caminho para a pena e para o medo. Neste momento, pena e medo se intensificavam.

—Tucker. — disse ela. — Como você nos encontrou? E o que você está fazendo aqui? Você devia estar no hospital.

— Não, não, eu preciso dar um aviso. — Ele a agarrou pelo pulso e a puxou para dentro da floresta, tão para dentro da floresta que as árvores os escondiam de quem estava no chalé. Tucker se virou para Mary Ann, abrindo a boca para falar. Ele ficou parado, fechou os olhos, fechou a boca. Levantou os cantos dos lábios formando um sorriso.

— Paz. Eu tinha me esquecido de como me sinto bem quando estou perto de você.

Ela agarrou os ombros do garoto e o sacudiu.

— O que está acontecendo,Tucker? De que você precisa me avisar?

— Só... Me dê um minuto. — Ele continuava com os olhos fechados. — Por favor. Eu não pensei que voltaria a vê-la sozinha, mas aqui está você. E aqui estou eu. E isso é melhor do que eu poderia imaginar.

Tucker irradiava uma felicidade tão intensa que Mary Ann não poderia contradizer o que ele tinha acabado de afirmar. Então, ela ficou ali, em silêncio, tremendo com a força da curiosidade e do medo. Um minuto se passou. Dois minutos. Três, quatro. Uma eternidade.

Finalmente, abençoadamente, Tucker abriu os olhos e, logo em seguida, franziu a testa.

— Eu não devia estar aqui. — disse o garoto. — Ele provavelmente vai me punir. — Neste momento,Tucker riu, embora não achasse nenhuma graça. — Provavelmente? Ele vai me destruir, sem dúvida alguma.

— Quem, Tucker? Fale comigo!

Ele abriu a boca.

—Vim até aqui. Eu posso contar para você, certo? É... — Um raio da luz do sol bateu contra o rosto do garoto, iluminando as bolsas escuras sob seus olhos, fazendo-o parecer um morto-vivo, — É... Vlad. — A voz de Tucker soava como um sussurro de tortura.

—Vlad? — Mary Ann franziu a testa, confusa. —Vlad está morto. Tucker sacudiu a cabeça, negando.

— Não está mais. Vlad está bem vivo. Ele entrou em contato comigo enquanto eu estava no hospital.

—Tipo... Ele telefonou?

— Não. Dentro da minha cabeça. Ele fez contato e eu fui até ele. Não consegui me conter. Ele está debaixo do chão, em uma cripta atrás da mansão dos vampiros.

—Tucker, eu...

— Não! Escute. Ele queria que eu observasse Aden, que eu relatasse tudo o que Aden estava fazendo. E eu... Eu fiz isso. Faço. Farei. Vlad está zangado agora, Mary Ann. Muito, muito zangado. E toda essa raiva está direcionada a Aden, por ter se atrevido a tomar o trono dele. — O olhar de Tucker se tornou obscuro. — Eu não sei o que Vlad vai fazer com Aden e também não sei o que ele vai ordenar que eu faça, mas você deve saber que vou fazer seja lá o que ele mandar. Eu não vou conseguir me conter.

— Isso é... Isso é...

— Verdade.

As implicações disso eram enormes. Realmente enormes. E assustadoras. Demais, pensou a garota, quase mais do que seu estado de espírito fragilizado poderia aguentar.

—Você precisa contar aos outros o que está acontecendo. Eles vão...

— Não. Não. — Ele sacudiu o corpo, fazendo Mary Ann soltá-lo, recuando. — Não vou chegar perto deles. Pelo menos não enquanto eles puderem me ver.

— Tucker, por favor. Eles não vão machucar você. — Ela não permitiria isso. — Você precisa contar a eles tudo o que Vlad contou a você. Tudo o que ele pediu para que você fizesse e tudo o que você contou a ele.

— Não. — Ele sacudiu a cabeça novamente. — Você não entende. Quando estou com você, eu me sinto uma pessoa boa. Normal. Feliz. Eu consigo me controlar. Mas, quando estou com os outros, eu... Eu simplesmente não consigo. Eu faço coisas ruins.

— Eu vou estar junto com você. Não vou sair do seu lado. Eu juro!

— Não importa. Não quando você está com eles.

— Tucker. Por favor.

— Sinto muito, Mary Ann. Sinto muito, mesmo. Você foi avisada.

Tucker deu meia-volta e correu o mais rápido que pôde.

Vinte e Cinco



ADEN ESTAVA DIANTE DA BRUXA. Ela estava sentada na mesma cadeira de antes, mas tinha conseguido se arrastar até o outro lado da sala, onde gritava alguma coisa sobre uma Sugadora. A feiticeira estava com uma venda nos olhos, porém, dessa vez era uma venda de uma cor diferente daquela que ela usava antes. Será que ela tinha conseguido destruir a outra? Por que outro motivo alguém teria trocado as vendas?

As cordas que a prendiam também eram diferentes. Ela teria tentando escapar? Quase conseguido?

A bruxa estava mais pálida do que antes, sua pele quase... Amarela. As bochechas estavam afundadas. Seus cabelos pareciam quebradiços, como se os fios tivessem perdido o brilho e secado a ponto de ficarem parecidos com feno. Antes, ela emanava poder. Agora... Não tanto. Ela poderia se passar por uma humana.

Os lobos tinham cuidado dela, levado alimento, esse tipo de coisa.

Porém, ela se sentia desconfortável. Na verdade, ela se sentia desprezível. E Aden se sentia mal com aquilo. Ele realmente se sentia mal. O garoto não queria ver a bruxa sofrendo, chateada, cadavérica, incerta, assustada, mas, acima de tudo, ele não gostava da possibilidade de seus amigos morrerem por causa dela e por causa da espécie dela

— Não estou aqui para machucar você. — disse Aden, gentilmente. — Não vou sugar nada de você.

A respiração ofegante da bruxa ecoava entre eles.

—Você é o Convocador. — Até a voz dela estava diferente. Mais fraca. Mais rouca.

— Sim. — Se ele pudesse domar as bruxas com a mesma facilidade que domava as bestas sedentas por carne humana, nada disso teria sido necessário. —Você está com tanto medo de sugarem o quê?

Não mexa com ela, instruiu Elijah. *Apenas faça o seu trabalho.*

— Seu sangue? — Ele se viu acrescentando.

Duuuh. Dito com uma voz apática.

— Como se você não soubesse que alguém entre vocês pode e...

Riley entrou na sala e escorou na porta, resmungando.

— Cale a boca, bruxa. Nós demos uma chance para você fazer sua parte. Você recusou. Agora você tem que suportar o que for feito para você.

Caleb, extremamente agitado desde que vira a bruxa fraca daquele jeito, rondava pela cabeça de Aden, bufando, ofegando, e agora rosnando para o lobo.

Ela pode falar se ela quiser falar! Aden, cara, você não pode deixar a bruxa desse jeito. Você precisa salvá-la.

Como assim? Perguntou Julian. *Salvá-la?*

Olhe para ela. Ela está doente. Ela precisa de ajuda. Eu sei que ajudei a criar esse plano, mas isso foi antes de eu a ver nessas condições.

— Nós vamos salvá-la. — murmurou Aden. — Depois.

Então vamos acabar logo com isso. Ele olhou para cima, Victoria estava do outro lado, atrás da bruxa.

— Pronta? — Perguntou Aden, apenas fazendo sinais com a boca, sem usar a voz.

Victoria assentiu com a cabeça, ela estava com uma expressão nervosa.

— Salvar quem? — A bruxa exigia saber. — Eu? Bem, o fato de vocês me salvarem não vai fazer vocês se salvarem. Não depois de tudo o que vocês fizeram.

Aden! Você não toleraria esse tipo de coisa se quem estivesse amarrada ali fosse sua namorada vampira, disse Caleb, recusando-se a desistir. *Deixe a bruxa ir embora. Agora. Por favor.*

Por que você se importa tanto com essa bruxa? Perguntou Elijah. *E até mesmo com as outras. Desde que elas apareceram e lançaram aquele feitiço, você está tão interessado por elas quanto elas se interessam por Aden.*

Não sei, foi a resposta agonizante. *Eu só sei que não quero que ela sofra.*

Aden suspeitou que as bruxas fossem parte do passado de Caleb. Além disso, aquela feiticeira tinha ficado totalmente tensa quando ele falou sobre um cara que conseguia possuir corpos.

— Talvez possamos descobrir. — disse o garoto. Afinal, de certa forma ele precisava da cooperação de Caleb para conseguir realizar o que tinha em mente. E Aden tinha prometido descobrir quem as almas tinham sido durante a vida delas. Ele prometeu ajudá-las a descobrir seus últimos desejos, a libertá-las, mesmo que ele fosse sentir uma saudade imensa daqueles amigos, mesmo se ele agora quisesse mantê-los ali, na cabeça.

— Quando estivermos lá dentro, buscaremos informações sobre você.

— Lá dentro? — Perguntou a bruxa, lutando contra as cordas que a prendiam. — O que você está planejando? Que diabos você está planejando? Se você me ferir, minhas irmãs vão atrás de você e vão amaldiçoá-lo com dor, com uma dor terrível. Elas também vão amaldiçoar sua família. Está me ouvindo?

A cadeira sacudia, mexendo de um lado para o outro, de acordo com os movimentos da bruxa.

— Eu já disse, não vou ferir você. — disse Aden. No entanto, ela já tinha ameaçado puni-lo independentemente do que acontecesse, então, a nova ameaça não fazia sentido algum.

Não estou seguro quanto a isso, disse Caleb. *E se a gente alterar o passado dela? E se essa mudança destruir esta bruxa?*

— Seremos cuidadosos, mas vamos ter que fazer isso.

Tic-tac, o prazo está chegando, sabia? Não temos outra saída.

Uma pausa e, então: *está bem. Faça isso. Mas não cause nenhum tipo de mal a ela.*

Aden se ofendeu com o comentário: — Como se eu fosse fazer isso. — Não de propósito. — Você me conhece.

— Conhece? — Gritou a bruxa.

Hora de agir. Aden estendeu a mão e retirou a venda dos olhos da feiticeira. Ela piscou contra a luz clara, os olhos lacrimejaram, o nariz estava enrugado e os lábios franzidos. Aden segurou o queixo da mulher e a forçou a olhar para o rosto dele.

— Relaxe.

Assim que os olhares se encontraram, Caleb tomou controle da situação. O corpo de Aden se dissolveu e entrou no da bruxa. Ele esperava sentir dor, estava preparado para isso, mas não houve nem mesmo um sinal de desconforto. Talvez depois de tudo o que tinha acontecido com ele, seu limiar de dor tivesse se expandido. Ou talvez Caleb estivesse ficando melhor naquilo. Talvez Caleb tivesse feito tudo o que podia para evitar que Aden sentisse dor, porque, se o garoto sentisse alguma dor, a bruxa também sentiria no momento em que eles se ligaram a ela, estivesse ela ciente da ligação ou não.

Agora, enxergando pelos olhos da feiticeira, Aden observou o local. Os pulsos e os tornozelos estavam feridos e cortados por terem lutado contra a corda que a prendia. Os músculos estavam endurecidos.

— Solte. — disse a Riley. A estranheza de falar com a voz de outra pessoa era algo que sempre o assustava.

Franzindo a testa, Riley caminhou até a bruxa e, com as garras cada vez mais afiadas, rasgou as cordas. Aden levou as mãos até o colo e massageou os punhos. Quando os pés estavam livres, ele se levantou. As pernas estavam tão fracas que ele quase caiu. No entanto, o garoto conseguiu ficar de pé e caminhar pelo cômodo, aumentando o fluxo de sangue.

A feiticeira não saberia que ele tinha feito aquilo por ela, mas, mesmo assim, se sentiria melhor.

— Obrigado.

Enquanto caminhava, Aden deixou sua mente viajar pela mente da bruxa, todo o mundo em volta desaparecia. Diferentemente do que tinha acontecido com o Dr. Hennessy, dessa vez Aden não viu um ambiente vazio. Ele via... Espere. Ele pensou outra vez naquilo. Vazio. Ele só podia ter entrado na mente do Dr. Hennessy. Caso contrário, não estaria pensando sobre o que tinha acontecido lá. Por quanto tempo ele teria ficado? Por que não conseguia se lembrar?

Não pense nisso agora.

Aden voltou sua atenção à bruxa. Porém, diferentemente de quando ele estava na mente de Shannon, dessa vez ele não via cenas da vida da feiticeira. Ele via... Caixas? Havia milhares de caixas espalhadas por um mar de branco, cada uma com uma trava prateada bem grossa.

Ele franziu a testa enquanto segurava uma dessas travas entre os dedos. Um choque elétrico passou por seu corpo, fazendo-o estremecer.

— O que causaria esse tipo de reação?

Proteções, disse Caleb, mais confiante do que nunca. *Ela também tem proteções. As memórias dessa bruxa estão nas caixas, e as caixas são protegidas contra invasores.*

— Como você sabe? — Perguntou Aden.

Não sei como sei. Só sei que sei.

Bem, Aden precisava entrar naquelas caixas. Cada proteção só podia fazer uma coisa, então qual proteção (ou quais proteções) ela tinha e como, exatamente, a feiticeira era protegida? Havia apenas uma forma de descobrir.

Aden observou o quarto até encontrar Riley, que novamente estava escorado contra a porta.

— Preciso que você saia — disse Aden.

O lobo sacudiu a cabeça, negando.

— Isso seria...

— O melhor a se fazer. — ele interrompeu. — Ela está protegida, por isso não consigo chegar às memórias dela. Então teremos que ver quais proteções ela tem e não acho que ela iria gostar que um homem fizesse isso.

Ah, não, disse Caleb. *Você não vai tirar a roupa dela.*

Em geral, era Caleb quem estava sempre implorando por um strip-tease.

— Vamos tirar uma peça por vez, está bem?

— Se eu me retirar, não conseguirei proteger você.

— Não se preocupe com isso. Vá. — Aden apontou para a saída.

— Tudo bem. Mas se ela de alguma forma descobrir o que você está fazendo e bagunçar a sua mente, ninguém vai poder dizer que foi culpa minha.

O lobo abriu a porta violentamente, pisou do lado de fora e, então, fechou-a com um chute.

— De qualquer forma, se isso acontecesse, você não conseguiria me ajudar. — gritou Aden. — Victoria, verifique o corpo.

— Sim. — Ela deslizou na direção dele, tão graciosa quanto uma bailarina.

Aden fechou os olhos. Victoria tirou as roupas da bruxa, uma peça de cada vez, analisando. No início, os movimentos da vampira eram rápidos e eficientes. Então, tornaram-se lentos... E mais lentos... Letárgicos.

— Eu nunca tinha observado uma bruxa com tanta atenção. — disse ela, com a voz pesada. — Em geral, eu evito-as. Não sei por quê. Seu cheiro...

— Ruim?

— Não. — Victoria tinha terminado a busca, mas apertou os braços de Aden, segurando-o onde estava. — É bom. Tãããããã bom!

Aden reconheceu aquele tom. Era o mesmo que o conselheiro tinha usado antes de voar na direção dele e mastigar suas veias.

Alerta vermelho, Elijah subitamente anunciou.

— Eu sei. — Aden abriu os olhos e empurrou Victória para longe. Ele correu até o outro canto do cômodo vazio. Quando ela tentou segui-lo, o garoto sacudiu a cabeça.

— Fique aí.

Os olhos da vampira estavam vidrados, suas presas maiores que nunca.

— Só uma mordidinha. — ela implorou. — Vou fazer você se sentir bem. Você vai gostar.

— Riley. — ele gritou.

Um segundo depois, o lobo entrou no cômodo. Ele claramente não estava longe. — Então você chegou à conclusão de que precisa de mim?

— Temos um pequeno... Problema.

Victoria estava agachada, pronta para pular.

— Que... — Riley percebeu o que estava acontecendo e segurou a vampira pelo braço, mantendo-a onde estava. — Ah, não. Você não vai fazer isso. — Ela lutava contra o lobo. — Há bolsas de sangue no outro quarto. Aden, Victoria vai se alimentar e vai ficar bem. Voltaremos logo. — disse Riley, levando a vampira nos braços para fora dali.

Vários minutos se passaram. Aden esperou, desejando poder ser aquele que alimentaria Victoria, aquele que a deixaria calma. No entanto, ele não estava pronto para deixar o corpo da bruxa, e a vampira não poderia beber o sangue da feiticeira. Ele se lembrava do que Victoria tinha dito sobre como as bruxas seduziam, sobre como aquele sangue era viciante. E Aden não gostava nem de pensar em ver Victoria letárgica como um usuário de drogas.

Quando os dois finalmente retornaram, uma Victoria mais calma caminhava ao lado de Riley. O lobo fechou a porta e ficou ali, mas a vampira continuava se movimentando, cuidadosa para manter distância de Aden. Ela se escorou contra a parede do outro lado do cômodo, suas bochechas estavam rosadas.

— Sinto muito por aquilo. — ela murmurou.

— Não se preocupe com isso. — disse Aden, feliz por vê-la serena novamente. — Você poderia me dizer quais proteções ela tem?

Victoria concordou.

— As proteções dela são minúsculas. Na verdade, nunca vi proteções tão pequenas. Eu até acharia que elas são inúteis, mas, quando você passa o dedo sobre aquelas tatuagens, é possível sentir o poder.

— Quantas ela tem?

— Nove. Duas são apenas cosméticas, servem para evitar que alguém jogue um feitiço que a deixe feia. Uma é para guardar as proteções, para que ninguém tatue algo por cima e acabe com os efeitos ou os altere.

Que bruxa esperta! Apesar de Riley ter dito que nem todo mundo escolhia ter aquela proteção.

— Uma para protegê-la de ferimentos mortais, uma para protegê-la de agressões mentais... E provavelmente é essa tatuagem que está impedindo seu progresso. Uma para

ancorá-la a este mundo, acho que para evitar que ela seja levada por uma fada para outra dimensão. Uma contra veneno de duendes, uma para protegê-la contra as mentiras sedutoras dos homens e uma para evitar que ela espalhe segredos. O que significa que ela não nos contaria o que queríamos saber, nem mesmo se ela quisesse fazer isso.

Riley segurou uma mecha dos próprios cabelos, soltou os fios e então os segurou novamente.

— Devíamos ter pensado em procurar as proteções antes.

Ele estava certo.

— Em nossa defesa, posso dizer que tivemos que pensar em muitas outras coisas.

— E normalmente evitamos bruxas. — disse Victoria. — Nunca passamos tempo com elas por vontade própria. Como saberíamos o que fazer?

Bom argumento.

— Está bem, então. Ela não pode contar os segredos e a mente dela está protegida de agressões. Eu não queria agredi-la, mas ela não saberia disso. Embora ela não saiba que estou aqui, dentro dela, é provável que a mente dela me veja como algo estranho e, portanto, como uma ameaça.

— Você consegue se esconder dela? — Perguntou Riley.

— Não sei, mas vale a pena tentar. — Talvez, se a bruxa estivesse consciente mas não soubesse que Aden estava por ali, aquela mente ficaria mais relaxada. Talvez aquelas caixas se abrissem sozinhas. — Aqui, amarre.

Não estou gostando nada disso, resmungou Caleb.

Aden também não gostava, mas não havia outra saída.

Ele se jogou na cadeira, esticando os braços para trás pulsos estivessem juntos. Em menos de um minuto, Riley já o tinha amarrado. Sim. Desconfortável. Pobre bruxa.

Você jura que vai libertá-la depois disso? Perguntou Caleb, com uma respiração trêmula.

Depois disso, eles não precisariam mais dela.

— Sim o quê? — Perguntou Riley. Depois, o mutante sacudiu a cabeça. — Ah, deixa pra lá, você não estava falando comigo. — Pois é, o lobo estava aprendendo.

— Coloque a venda em meus olhos. E sim, dessa vez estou falando com você.

Riley fez o que lhe foi dito e, de repente, a escuridão abraçava Aden.

— Vou tentar desaparecer na mente dela. Espero que ela não saiba que estou por aqui. Tentem mantê-la falando, distraída. E, se ela não conversar com vocês, conversem com ela. Tentem dizer coisas que instiguem as memórias do feitiço de morte.

A bruxa não poderia contar segredos, mas Aden logo descobriria se ela podia ou não pensar neles enquanto alguém ouvia o que ela tinha a dizer.

— Preciso que vocês fiquem em silêncio agora. — disse o garoto.

— E, não, não estou falando com você, nem com Victoria. — Ele não queria que a feiticeira escutasse as almas. — Por favor.

Está bem, disse Elijah, suspirando.

Claro, concordou Julian.

Certo, resmungou Caleb. *Mas só porque quero ver a bruxa livre.*

Aden inspirou, segurou o ar... Segurou o ar... Então, expirou bem lentamente. Enquanto fazia isso, o garoto se jogou em um canto obscuro da mente da bruxa. Ele poderia ter ido para a parte de trás, mas quando ela gradualmente observasse os arredores, poderia ter tempo de perceber que havia algo errado. Da forma como Aden se posicionou ele poderia ser mais rápido. O garoto estava lá, na frente e no centro, e então, já não estava mais.

— Então? — Insistiu a bruxa, como se a conversa nunca tivesse cessado. — Conhece o quê?

Ótimo. Ela não lembrava que Aden tinha tirado a venda, olhado nos olhos dela e desaparecido.

— Já chega. — disse Riley. — Diga o seu nome.

Que lobo incoerente, ela pensou. E Aden quase gritou. Ele podia ouvi-la, e ela não parecia perceber que ele estava ah.

— Pensei que você não me queria ouvir falar.

Riley manteve uma conversa constante, mas Aden o ignorava, concentrando-se na bruxa. *Blá, bla', blá*, era o que ela pensava agora. *Para onde foi o Convocador? Não consigo mais sentir a força que ele emana. Se ele foi embora... Que ódio! Preciso ir embora daqui e levá-lo comigo. As bruxas vão ficar irritadas. Não acredito que fui pega. Vampiros idiotas. Vou ser vítima de piadinhas por causa disso para sempre. Pode ser que eu não consiga morrer por meios físicos, mas acabarei morrendo de vergonha.*

Nada útil até agora.

Aden concentrou sua atenção no vasto mar que havia diante de si. As caixas tinham desaparecido; as memórias que estavam dentro delas agora flutuavam livremente. Havia tantas, cada uma delas era como uma tela de IV, ele não sabia em qual se concentrar. Se escolhesse a memória errada, o garoto temia desperdiçar horas. Horas perdidas, sem descobrir nada. No entanto, ele acreditava que aquilo era melhor que esperar sem fazer nada.

Aden observou rapidamente as imagens diante de si até que vislumbrou a bruxa loura que tinha falado com ele na floresta na semana anterior. Aquela que tinha feito Caleb reagir de forma tão intensa. Aquela que tinha lançado o feitiço que levaria os amigos do garoto à morte.

Quando a viu, ele automaticamente estendeu a mão. Assim que tocou na tela, a tontura invadiu sua mente, jogando-o contra um redemoinho surpreendente, fazendo-o girar descontroladamente, empurando-o para longe, como se fosse uma boneca de pano. E quando ele pensou que não poderia suportar mais, ele enrijeceu. Ou melhor, seu corpo enrijeceu.

O garoto fechou os olhos, balançou a cabeça.

— Ei, você está bem? — Uma voz feminina perguntou. Uma voz conhecida.

No fundo da mente de Aden, Caleb choramingou.

— Quietos.

Lentamente, o jovem abriu os olhos. A bruxa loura estava diante dele, com toda aquela beleza pálida. Os cabelos dela desciam até a cintura, levemente ondulados. A pele não tinha nenhuma falha, os olhos eram de um azul-marinho profundo e os lábios tinham a cor de uma ameixa. A bruxa parecia ter por volta de vinte anos de idade.

Ela usava o mesmo manto vermelho que tinha usado aquele dia na floresta. Aden também estava com a mesma roupa. Eles estavam do lado de fora de um prédio que parecia uma capela, feito de tijolos brancos e com um telhado pontiagudo que parecia se elevar até o céu. Roseiras cobriam a frente da construção, abraçando as laterais de escadas que levavam a uma varanda que circundava todo o prédio. O ar estava quente e úmido, com os aromas do verão.

— Então?

Aden esperou um momento, tentando decidir qual seria a melhor forma de responder. Ele não queria mudar o passado e, por consequência, alterar o futuro, mas não podia permanecer em silêncio como fizera quando estava na cabeça de seu amigo. Shannon tinha vergonha por ser gago e frequentemente ignorava aqueles que o cercavam; Aden pressentia que essa bruxa sarcástica não era assim.

— O que estávamos discutindo? — Ele perguntou com aquela voz feminina.

A loura virou os olhos.

— Veja bem, sei que você tem medo de ser punida. Você contou àquele humano sobre os seus poderes e agora precisamos nos mudar antes que comece a caça às bruxas. Porém...

Ela continuou falando, mas Aden a ignorou. Essa não era a memória que o garoto procurava. Ele fechou os olhos e se imaginou novamente dentro da cabeça da bruxa. Aden não sabia se isso funcionaria, e ele... Outro redemoinho, seu corpo era novamente jogado de um lado para o outro e, de repente, ele estava de volta lá, de volta àquele canto obscuro, com as pequenas televisões flutuando diante dos olhos.

Graças a Deus.

Ele estava ficando bom naquilo.

Esse cara não vai calar a boca? Pensava a bruxa.

Riley continuava tagarelando sobre o certo e o errado, sobre a vida e a morte, sobre como tudo o que ele queria fazer era proteger seus amigos e que, para fazer isso, teria de levar Aden até aquele encontro, mas que não poderia levá-lo se não soubesse onde o encontro aconteceria. A voz do mutante estava áspera e Aden estava curioso por saber quanto tempo tinha se passado.

Outra vez, o garoto ignorou o lobo. Ele voltou a observar as telas até vislumbrar a loura. Novamente, Aden estendeu a mão.

Vinte e Seis



A CENA NA QUAL ADEN SE VIU em seguida era bastante diferente da primeira. A noite caíra e ele agora estava no centro de um círculo, cercado por bruxas vestindo mantos vermelhos. Garoava, e o garoto estava ensopado. A lua estava alta, o ar tão frio que uma fumaça se formava diante do nariz toda vez que ele expirava. Mesmo assim, ele não sentia frio. Uma fogueira estalava no meio do círculo, emanando calor para o garoto.

Sua pele formigava, a pelagem fina em sua nuca arrepiava. Aden olhou em volta.

A loura estava na frente dele. Ela disse alguma coisa em uma língua que o garoto não conseguiu entender, mas que fez com que as mulheres do lado dele tentassem alcançar suas mãos. Aquilo o assustava, mas não se permitiu fugir.

Todos, exceto Aden, começaram a murmurar algo. Ele ouvia. Agora todas elas falavam naquela língua estranha. Elas deviam estar rogando um feitiço, pensou ele, mas um feitiço de quê?

Caleb repetiu as palavras. Acho que... Acho que elas estão pedindo proteção para as forças obscuras.

Se Aden tinha alguma dúvida de que Caleb tinha algum tipo de afinidade com as bruxas, essa dúvida agora desaparecia.

— Alguém está ameaçando nosso poder. — disse a loura. Ela olhou para o círculo e, em seguida, recuou na direção de Aden, fixando o olhar nele... — Jennifer, por que você não está entoando? — Ela perguntou.

Finalmente o nome da bruxa. Jennifer. Tão, tão... Humano.

Em vez de responder, Aden se distanciou da memória e retornou à mente de Jennifer, novamente sentindo apenas um desconforto mínimo, novamente vendo aquelas telas de TV. Elas se movimentavam de um lado para o outro.

Teria o erro de Aden modificado alguma coisa no futuro?

Ele olhou em volta. Riley engolia um copo d'água e Victoria falava sobre seu desejo de salvar os humanos. Graças a Deus. Nada tinha mudado. Como não havia uma janela sequer naquele quarto, Aden não pôde determinar que horas eram. Ele tentaria mais uma ou duas vezes e, então, deixaria o corpo da bruxa. Com ou sem as informações.

Escolha com cuidado, aconselhou Elijah.

Talvez sentindo alguma coisa? O medo envolvia a voz da alma. Além do mais, Elijah não falaria se não houvesse motivos, afinal, também estava com medo de alertar Jennifer.

Aden queria pedir para que Caleb o ajudasse, mas não fez isso. Ele não arriscaria. Tantas telas passavam por ele, algumas mostravam Jennifer ainda criança, algumas a mostravam com um garoto, obviamente apaixonados, em outras elas estava chorando.

Então o garoto viu o inesperado, O Dr. Hennessy. Aden parou de respirar e estendeu a mão antes de se dar conta do que estava fazendo, entrando em uma nova cena. Zonzo por um momento, piscou os olhos e se sentiu melhor. Dessa vez, ele se viu exatamente na mesma floresta que cruzava todos os dias. No entanto, a bruxa loura e o Dr. Hennessy estavam ao seu lado.

Novamente, era noite e a lua estava alta, o ar, glacial. Aden pode ouvir o uivo de vários lobos que estavam um pouco distantes dali.

A bruxa loura ficou tensa.

— Não se preocupe com os lobos. — disse o Dr. Hennessy. — Eles não conseguem ver nem sentir nossa presença.

Por que será que isso acontecia? Um feitiço? Que tipo de poder o médico possuía?

— Então, o que você veio fazer aqui? — Perguntou a loura ao médico.

Tão linda, disse Caleb. E minha, eu acho. Precisamos falar com ela, Aden. Por favor.

Shh! Repreendeu o garoto, mas não sabia se a alma o tinha ouvido ou não. *Você quer chamar a atenção de Jennifer?*

Agora não é hora de conversar, Caleb, Elijah lembrou o colega, talvez percebendo os pensamentos de Aden. O sensitivo estava mais ligado ao garoto que os demais.

Nunca é hora de conversar.

— A mesma coisa que você, tenho certeza. — respondeu o Dr. Hennessy, embora sua voz soasse diferente, mais suave, mais feminina. — Vocês também devem ter sentido aquela explosão de poder, Marie, e, depois, a atração do que quer que seja que anda por aqui.

Marie. Outro nome. Essa conversa deve ter acontecido logo que eles chegaram a Oklahoma, quando ainda não conheciam Aden e a fonte daquela “atração”

— Sim. — respondeu Marie. — Sentimos. Você está me dizendo que não foi você quem causou essa força para nos atrair para uma emboscada?

— É claro que estou dizendo isso. Somos aliadas. A não ser que você queira nos atrair para uma emboscada. Para mim, isso se parece com magia negra.

— Como você sabe, nós não trabalhamos com as forças negras.

— Então somos aliadas.

A tensão diminuiu.

— Ótimo. Porém, tenho certeza de que você não convocou esse encontro para admitir que somos aliados. E você poderia tirar essa máscara? Você fica horrorosa com ela e eu já não aguento olhar para você nem mais um segundo.

O Dr. Hennessy franziu a testa.

— Artifícios são necessários.

— Com os humanos, sim, mas não com a gente.

— Está bem.

Uma luz branca vazava pelos poros do médico, brilhando... Brilhando... Antes de explodir em uma cachoeira de faíscas. Quando as faíscas desapareceram, tudo o que Aden conseguiu fazer foi ficar boquiaberto. Agora era a Srta. Brendal quem estava no lugar do Dr. Hennessy.

Eles eram apenas um? A mesma pessoa?

Eu acabei de ver o que estou achando que acabei de ver? Perguntou Caleb.

Eu nunca suspeitei, Elijah tomou fôlego

Eu estou... Eu estou... Julian nem mesmo conseguia terminar o pensamento.

Por que, então, Brendal veio ao rancho sem disfarce depois de ter fingido ser o médico? Será que Dan tinha dito ao “Dr. Hennessy” que encontraria um novo médico para Aden? Impossível, afinal, o convite para o jantar tinha acontecido antes de Dan cogitar essa hipótese. Aquilo era... Aquilo era... Estranho demais. Ele... Ela... Era uma fada.

— Melhor assim. E obrigada. — disse Marie.

Brendal encolheu os ombros. Seu olhar esbarrou em Aden e ela levantou uma sobrancelha.

— Sim, sou bonita, mas não há motivos para você ficar me encarando.

— Desculpe.

Aden olhou para os pés. Ele usava sandálias e um manto e as unhas dos pés estavam pintadas de verde neon. Que diabos... Ah, sim. Ele estava no corpo de Jennifer.

Marie cutucou o ombro do garoto e ele então levantou o olhar. Ela franzia a testa para ele, com um olhar de “o que está acontecendo com você”?

— Então, o que vocês pretendem fazer com essa força? — Perguntou Brendal, trazendo de volta o assunto que importava.

— Conte os seus planos primeiro. — disse Marie.

Brendal encolheu os ombros novamente.

— Muito bem. Primeiro, precisamos descobrir a fonte. É um humano? Alguma coisa que os humanos produziram? Alguma coisa que foi encontrada debaixo da terra? — Ela fechou os olhos por um momento, inspirou profundamente. Ela nunca hesitava. — Estamos próximos dessa fonte, seja lá o que ela for. Posso senti-la mais forte do que nunca.

Aden tentava não se encolher de medo.

— Eu também. — comentou Marie.

— Eu também. — ecoou Aden, só para não contrariar.

— E depois, vamos nos livrar dela, é claro. — disse a fada.

— Ou, em vez disso, poderíamos mantê-la. — sugeriu Marie.

Brendal piscou os olhos, confusa.

— E por que iríamos querer mantê-la?

À esquerda de Aden, arbustos e folhas sacudiram. Logo em seguida, vários duendes saíram de trás das plantas, movendo aquelas perninhas curtas com mais agilidade do que o garoto pensava ser possível. Eles sorriam diabolicamente, sorrisos que declaravam que tudo aquilo era um jogo. Sangue pingava no canto da boca daquelas criaturas. Dois lobos corriam atrás deles, pulando pelo ar e batendo contra as costas dos duendes, jogando-os violentamente de cara no chão.

Um segundo depois, gritos agudos, rosnados, latidos e pedidos de ajuda irromperam. Então, silêncio.

Como Brendal havia garantido, nem os duendes, nem os lobos percebiam a presença do trio.

Aden observou, horrorizado. Ele não reconheceu os lobos. O garoto sabia que eles estavam fazendo a coisa certa, protegendo as pessoas... Mas... Toda aquela violência.

Brendal e Marie continuaram caminhando, despreocupadas. Quando perceberam que Aden tinha ficado para trás, apenas assistindo a cena, elas se viraram. Franzindo a testa novamente, Marie acenou com a mão. Ele se apressou para alcançá-las e, então, o grupo continuou caminhando junto.

— Essa é uma oportunidade rara. — continuou Marie, como se nunca tivesse sido interrompida. — Vamos supor que a força venha de um humano, e não de um objeto inanimado. E eu acredito que seja isso, pois estamos sendo atraídas para direções diferentes o tempo todo, em geral nas mesmas horas do dia. O poder necessário para fazer algo assim deve ser enorme. E é aí que está a oportunidade. Porque não fomos apenas nós que fomos atraídas para cá, mas também os vampiros e aqueles amigos peludos deles.

— Se capturarmos esse humano, podemos usar esse poder estranho em nosso favor e arrastar nossos inimigos para emboscadas. Quer dizer... Pense em como seria. Se promovermos um massacre contra os vampiros e os lobos, já não teremos de nos preocupar em sermos usados como banco de sangue ou como armário de medicamento. E você protegerá os humanos contra aqueles carrapatos gigantes que tanto desprezamos.

Carrapatos. Aden fechou os punhos. Victoria não era um carrapato!

— Nenhum de nossos povos tem fama de compartilhar, Marie. Você sabe disso — disse Brendal. — Como poderíamos dividir esse humano? Se é que o que estamos procurando é um humano.

—Vamos elaborar um plano de custódia. Qualquer coisa é melhor do que destruir alguém ou alguma coisa com tanto poder.

Certo. Ela não queria destruí-lo. Era bom saber disso. E finalmente uma informação que ele poderia usar.

— A não ser que essa coisa poderosa possa ser usada contra nós. — disse a fada.

Marie suspirou.

— É verdade.

— Bem, continuaremos procurando e voltaremos a nos reunir quando encontrarmos. Enquanto isso, devemos continuar informando uns aos outros de nosso progresso. Combinado? — Perguntou Brendal.

— Combinado.

Silêncio. Um silêncio expectante, por sinal.

Brendal lançou um olhar para Aden.

— Sua aprendiz está quieta. Não tem nada a dizer, garota?

Novamente, Aden se viu recuando. Ele não conseguia pensar em uma resposta para dar à fada e não queria mudar demais o futuro. Portanto, ele se imaginou de volta na cabeça de Jennifer. Dessa vez, quando chegou ao canto obscuro, o garoto percebeu que as telas não estavam mais flutuando e que as caixas haviam retornado.

Por quê? Ele tinha se entregado? Ou ele tinha alterado o futuro?

Com um suspiro, Aden saiu da escuridão.

Quem está aí? Perguntou Jennifer imediatamente.

Sem responder, ele esticou um braço para fora do corpo da bruxa, depois o outro, depois uma perna, depois a outra, até que finalmente estava diante dela, suando, tremendo. Os joelhos do garoto não suportaram e ele caiu, deixando o corpo no nível dos olhos de Jennifer. Ou, mais especificamente, no nível da venda de Jennifer. Possuir outros corpos sempre o enfraquecia, mas a fraqueza nunca havia chegado tão rápido. Ele devia ter ficado tempo demais no corpo da bruxa.

— O que você fez comigo? — Gritou Jennifer. — Você é o motivo pelo qual eu apaguei, não é? Porque aconteceu outra vez. Responda!

Apagar. Era o que acontecia com ela quando Aden trocava de cenas. Então ele tinha mudado o futuro. Tinha deixado a bruxa irritada e feito com que ela se perguntasse o que ele tinha feito com ela.

Ela está viva e está bem, disse Caleb, aliviado. *Bom trabalho, Team Aden!*

— Graças a Deus! — Victoria inspirou, subitamente atrás dele, envolvendo-o nos braços, o calor invadia o corpo do garoto, fortalecendo-o. — Achemos que você não voltaria.

— Quanto tempo se passou?

— Cerca de seis horas.

Ele arregalou os olhos. Tudo isso? O dia estava acabando, restava pouquíssimo tempo.

— Me ajude a levantar. — pediu Aden, demonstrando uma sensação de urgência.

Victoria se levantou e o arrastou com ela, mais forte do que se poderia imaginar que uma garota tão delicada seria. Ela envolveu a cintura de Aden com um braço e o grupo saiu da sala, deixando a bruxa ainda gritando, para trás. Eles se arrastaram até outro cômodo no final do corredor. Lá, havia um sofá e uma cadeira, ambos vazios.

— Onde está Riley? — Perguntou Aden, enquanto se jogava no sofá.

— Ele e Mary Ann foram buscar algo para comer. — Victoria se ajeitou do lado do garoto. — Então, o que você descobriu?

Ele deu de ombros, desapontado.

— Descobri que tenho menos sorte do que eu imaginava. O Dr Hennessy não apenas me hipnotizou e tatuou aquelas proteções em mim, mas ele é ela, e ela é uma fada. Não é ótimo?

Ela e as bruxas estão trabalhando juntas, planejando me usar para colocar os vampiros e os lobos em uma armadilha para que, assim, ambas as raças sejam massacradas.

— Nossa! É muita coisa para absorver.

— Eu sei. E sinto muito por jogar todas essas informações assim. Mas por que eles não acabaram comigo? As bruxas e as fadas já sabem que sou a fonte dessa força, e elas já tiveram oportunidade de me matar.

— Talvez porque você estava protegido pelos vampiros e pelos lobos.

— Talvez.

— E... O que vamos fazer com relação ao encontro?

Eu tenho uma idéia excelente, disse Caleb. *A melhor idéia do mundo. Se eu fosse você, escutaria o que tenho a dizer.*

Elijah esbravejou. *Eu sei o que você vai dizer. Não escute, Aden.*

Agora eu estou tenso, gritou Julian.

Caleb esboçou o plano. Depois, foi Aden quem esbravejou. É claro que Caleb achava que aquele plano era uma idéia de ouro, afinal ele gostava das bruxas. Entretanto, a alma não estava usando o cérebro, mas os hormônios. Todavia, Aden não conseguia pensar em nada mais interessante para se livrar da maldição.

— Eu vou me entregar. — disse Aden, decidido. Caleb cumprimentou o companheiro.

Eu disse que era a melhor opção.

Victoria suspirou e sacudiu a cabeça. Seus cabelos negros batiam contra as maçãs do rosto.

— Não. Isso é perigoso e insensato, e...

— A única saída. Eu sou o único que precisa ir ao encontro. Se fingirmos libertar Jennifer, ela pode...

— Jennifer? — Interrompeu Victoria com uma pontada de raiva. — Quem é Jennifer?

— Nossa querida refém. — Ele apontou para a porta inclinando o queixo. — Enfim, se a libertarmos, ela provavelmente vai querer me capturar e me levar até as amigas dela. Eu estarei com elas. Elas farão perguntas. Isso é sinônimo de um encontro, certo?

Victoria mordeu o lábio inferior.

— Elas poderiam decidir que vão destruir você, independentemente de suas origens.

Esse era um risco que ele estava disposto a correr. Por ela. Pelos outros. Aden estendeu as mãos até o maxilar de Victoria. Como sempre, ela estava quente, tão quente, e tão delicada.

— Já estamos atrasados.

E a idéia é fantástica, mas enfim...

Victoria se entregou ao toque de Aden.

— Veja bem, não estou disposta a arriscar sua vida. Vou permitir que ela me capture também e assim...

Aden negou com a cabeça antes que a vampira pudesse terminar a frase.

— Bruxas e vampiros são uma péssima mistura, você sabe muito bem disso. Sinto muito por ter de dizer isso, mas é mais provável que ela me leve se você não estiver lá. E temos que fazer isso antes que Riley volte.

Do jeito que o lobo protegia seu rei, ele também insistiria em ir com Aden. Isso é, se Riley “permitisse” que Aden fosse, o que o garoto duvidava.

Acima de tudo, no entanto, Aden se lembrou da conversa que tinha acabado de acontecer. As bruxas e as fadas queriam destruir os vampiros e os lobos. Ele não deixaria Victoria e Riley se tornarem as primeiras vítimas.

— Você é o meu rei. — disse Victoria, apertando a camiseta de Aden. — Portanto, não posso impedi-lo se você insiste em fazer isso, mas você precisa...

— Eu não sou seu rei. — disse ele. — Eu sou seu namorado.

Ela lançou um olhar suplicando para que ele entendesse.

— E eu quero que meu namorado continue vivo.

Aden amoleceu, por dentro e por fora.

— Vou morrer logo. Nós dois sabemos disso. — Ele soltou os dedos de Victoria de sua camiseta e deslizou as mãos da vampira para baixo, acima da ferida do lado direito de suas costelas. Ele tinha aquelas feridas na visão de Elijah. Em pouco tempo, elas cicatrizariam. Logo depois, Aden estaria morto.

No entanto, nada de medo. O garoto não permitiria que Victoria visse o medo que ele sentia só de pensar em ser apunhalado. Ele apenas permitiria que ela visse sua disposição de fazer o que fosse necessário para proteger seus amigos.

— Há uma diferença entre saber que você pode morrer logo e dar sorte ao azar. — ela gritou.

— Ouça. São feridas, não são cicatrizes. Ainda não. Ainda tenho um tempinho. O que significa que as bruxas não vão me matar.

Uma mentira. Elas poderiam mantê-lo por semanas, meses, tempo suficiente para que as feridas se transformassem em cicatrizes, e então matá-lo. No entanto, ele não queria que Victoria ficasse preocupada durante todo o tempo em que ele estivesse ausente.

A vampira suspirou enquanto absorvia as palavras que Aden acabara de dizer, e ele reconheceu o exato segundo em que ela aceitou sua alegação; a esperança brilhou nas íris da vampira, fazendo-as acenderem como dois sóis nascendo sobre o oceano.

— Se você vai fazer isso, precisa de mais proteções. — disse ela, aproximando-se. — Isso é inegociável.

— Se com “inegociável” você quer dizer que deveríamos negociar, então, sim, concordo. Não há tempo para mais proteções, querida.

Victoria fechou a cara.

— Então tenho de deixar você ir com a bruxa e esperar que tudo termine bem?

Sim, mas ele não afirmaria aquilo em voz alta.

— Você toma conta para que ninguém perceba minha ausência no rancho? Victoria ficou ainda mais carrancuda, mas concordou.

— Obrigado. — disse o garoto. E caso você tenha se esquecido, eu te amo.

Aden, então, a beijou, sentindo o gosto de Victoria, profunda e completamente, como se essa fosse a última vez em que eles fossem fazer isso. E talvez fosse. Os dedos da vampira se entrelaçavam nos cabelos do garoto. Ela inclinou a cabeça de Aden para conseguir ter ainda mais contato. Em certo ponto, ele chegou a pensar que sentia um gosto de sangue (talvez ele tivesse acidentalmente cortado a língua nas presas de Victoria), mas nem mesmo isso o acalmava. Aliás, eles ficaram assim, juntos, beijando-se, as almas estavam quietas, até que a porta da frente se abriu e passos ressoaram.

Eles se separaram e Aden vislumbrou os irmãos de Riley ali perto, sorrindo.

— Está bem. — disse Aden, levantando-se. Ele cambaleou, ainda fraco, mas não caiu.

Victoria ficou ao lado dele e ajeitou a blusa rosa.

— Olá, rapazes.

— Nunca pensei que veria Victoria limpar as amídalas. E você? — Maxwell perguntou a Nathan.

Nathan latiu uma risada.

— Isso não foi limpar as amídalas. Isso foi quase desentupir amídalas.

Aden enrubesceu.

— Chega. — Ele se virou para Victoria, puxando-a para perto para um abraço final. — Distraia esses dois. — Aden cochichou no ouvido da vampira. — Enquanto isso, saio com Jennifer.

Ela beijou a lateral do rosto do garoto antes de se distanciar, mantendo a mão no braço dele o máximo de tempo que podia. Quando estava diante dos lobos, que ainda sorriam como hienas, Victoria olhou para Maxwell.

— Segure minha mão.

— O quê? Você quer desentupir as amídalas outra vez? É claro, sou fácil.

Ele apertou os dedos estendidos da vampira.

Um segundo depois, os dois desapareceram. Nathan olhou em volta, franzindo a testa. Então, Victoria reapareceu, sozinha, e segurou o braço do outro lobo antes que ele pudesse detê-la. Em seguida, eles também desapareceram, deixando Aden sozinho.

Agora! Ordenou Caleb. *Você precisa agir agora.*

Aden, pense melhor sobre isso, aconselhou Elijah.

— O tempo para pensar acabou. Vou fazer o que tem de ser feito e ponto final.

Com a cabeça erguida, Aden atravessou o corredor novamente, em direção ao cômodo onde estava a bruxa, respirou fundo e virou a maçaneta.

Vinte e Sete



MARY ANN MORDIA O LÁBIO INFERIOR enquanto olhava para Riley. Um Riley fumegante, um Riley que soltava fogo pelas ventas. Ela estava novamente no quarto do lobo, na mansão dos vampiros, na beirada da mesma cama macia, com a porta fechada, havia passos ecoando do lado de fora. Mary Ann duvidava de que alguém entraria, mesmo se ela gritasse. No entanto, ela não gritaria. Riley não iria feri-la. De qualquer forma, seria bom ter alguma companhia naquele momento. O lobo caminhava na frente dela, uma visão intimidadora.

— Deixe-me entender. — disse o mutante, medindo cada palavra. — Tucker estava na floresta. Do lado de fora do chalé. Você o viu. Ele acenou com a mão. E... Você... Foi. — A última palavra proferida com descrença.

— Correto.

— Você conversou com ele.

— Sim.

— Você estava perto dele.

— Ele não me feriria. Não assim. — ela acrescentou antes que Riley pudesse lembrá-la da angústia mental que Tucker lhe havia causado e das lágrimas que ela havia chorado por causa dele.

— Você não sabe do que ele é capaz, Mary Ann. Ele é um demônio.

— Parte demônio. — E o pai do filho da melhor amiga dela. Se Mary Ann decidisse ajudar Penny e ser parte da vida do bebê, então Tucker também seria parte da vida de Mary Ann, afinal, ela estaria lá para ajudar a amiga. Riley precisava entender isso agora. — E ele fica calmo quando está perto de mim. Você sabe disso.

— E aí, — continuou Riley, como se Mary Ann sequer tivesse falado. — você esperou algumas horas para me contar o que aconteceu.

— Sim, outra vez.

Ela tinha dado tempo para Tucker escapar. Riley era um lobo, um rastreador por natureza, e poderia facilmente ter encontrado o garoto. Eles teriam brigado, e não havia tempo para brigas. Então, quando Mary Ann estava certa de que algum tempo tinha se passado, ela pediu licença para Victoria, dizendo que estava com fome, e puxou Riley para fora do chalé para informá-lo. Ele devia tê-la agradecido pelo fato de ela contar, mas, em vez disso, a trouxe para cá para gritar com ela.

Riley passou a mão no rosto.

— Por que ainda me importo com a sua segurança se você vai sair por aí se enfiando em situações perigosas?

— Porque você gosta de mim.

Até que esse inferno com as bruxas chegasse ao fim. Quando isso acontecesse, eles teriam grandes problemas com os quais se preocupar.

Ou não. Ela ainda planejava deixá-lo. Um nó se formou na garganta de Mary Ann.

Riley parou e suspirou enquanto a raiva deixava seu corpo.

— Você está certa. Eu realmente gosto de você. Muito embora em momentos como esse, eu não tenha certeza de que gosto de gostar de você. Mas, conte para mim, o que Tucker disse sobre Vlad?

Isso ela podia fazer.

— Ele falou que o antigo rei dos vampiros está vivo e bem, e vivendo em uma cripta subterrânea atrás dessa mansão dos vampiros. E esse antigo rei dos vampiros ordenou que Tucker nos observasse e relatasse suas descobertas e está muito nervoso por outra pessoa estar governando seu povo.

— Sim, Vlad realmente estaria enfurecido, mas ele não poderia ter sobrevivido depois que todo o corpo dele foi intoxicado com o *je la nune*. Ninguém sobreviveria.

— Como você sabe?

— Já vi outros morrerem dessa forma.

Aquilo era... Culpa escurecendo os olhos verdes de Riley? Ele tinha assassinado outros daquela forma? O fato de Mary Ann não se incomodar com essa possibilidade mostrava como ela estava imergindo naquele mundo paralelo.

— Talvez ele tenha se curado. Você uma vez me disse que Vlad era o mais forte de vocês e que os vampiros esperavam que ele se recuperasse de alguma forma. Estou falando sério. É por isso que Aden ainda não foi oficialmente coroado.

— Em primeiro lugar, se Vlad estivesse vivo, ele teria vindo até nós. — Riley inclinou a cabeça para o lado. — A não ser que ele esteja fraco demais, mas... Não. Não. Ele não teria enviado um garoto para nos espionar. Em segundo lugar, ele também recebeu um golpe de estaca. Talvez pudesse ter se recuperado de uma das agressões, mas não das duas. Ainda mais estando tão debilitado. — Um segundo depois, ele acrescentou. — Meu Deus, não acredito que estou discutindo isso com uma humana. Vlad me mataria por muito menos.

— Bem, há um cara novo no poder e eu tenho a sensação de que ele diria para que você me contasse o que quero saber. Então, voltando ao assunto, eu pensei que a pele dos vampiros não pudesse ser penetrada. Como Vlad recebeu um golpe de estaca?

Riley franziu a testa, hesitou, mas finalmente disse:

— Você ouviu quando eu disse a Aden que, quando vamos tatuar proteções nos vampiros, temos de preparar a agulha com *je la nune*? É isso que permite que a tinta penetre. O mesmo vale para as estacas. Você cobre a ponta com *je la nune* e dá um golpe no coração. O veneno derrete a pele e intoxica o órgão.

— Talvez ele consiga se curar de ferimentos severos mais rapidamente que os outros.

Riley ficou ali um bom tempo, com a cabeça inclinada, silencioso, pensativo, ameaçador. Finalmente, ele suspirou e estendeu a mão.

— Só há uma maneira de verificar isso.

A garota sacudiu a cabeça, já sabendo o que ele planejava.

— Fique à vontade para ir sozinho.

— Não mesmo! Vamos verificar a cripta.

Mary Ann arregalou os olhos.

— Um vampiro sem seu trono, um vampiro muito vivo, muito faminto, muito furioso pode estar lá embaixo. Isso é perigoso e não posso me meter em perigo. Lembra?

— Você é minha substituta e muito capacitada, por sinal. Agora, vamos. — Ele acenou com os dedos. — Depois, voltaremos para o chalé e descobriremos se Aden saiu do corpo da bruxa e se ele tem algo a nos contar.

E se ele não tivesse saído do corpo da bruxa? Ela queria perguntar, mas permaneceu em silêncio. O tempo estava passando, e não havia nenhuma solução em vista. Mary Ann tentava não permitir que seus nervos tomassem conta dela, não se permitir pensar sobre quão significativo o dia de amanhã seria. Não havia melhor forma de se distrair que fazer uma visita ao velho Vlad. Um homem que, no passado, gostava de extrair cabeças de humanos e exibi-las em lanças.

Agora trêmula, Mary Ann segurou a mão de Riley, e ele a ajudou a se levantar. Por que ele queria que ela fosse com ele? O motivo verdadeiro, e não essa besteira de “ser capacitada” que ele tinha declamado. Riley era, em primeiro lugar, um protetor. E, em segundo lugar, um galanteador. Porque ele ainda não acreditava que Vlad estava vivo? Porque ele queria provar para ela que Tucker estava mentindo?

Em vez de levar Mary Ann para fora do quarto, Riley soltou a mão da garota. Como assim? Agora ela devia andar atrás dele, como um bom ser humano inferior? Ela não estava decepcionada, embora estivesse muito decepcionada. Porém, o garoto não saiu. Ele foi até o guarda-roupa e pegou um casaco. Depois, vestiu-o em Mary Ann e puxou os cabelos dela para fora. Certo, agora ela não estava mesmo decepcionada.

Riley alcançou a mão da garota.

— Apenas fique atrás de mim e faça o que eu disser, quando eu disser. Entendeu?

— Entendi. Mas não sou nenhuma idiota quando o assunto é minha segurança.

— Não vamos discutir agora.

Engraçadinho.

Eles caminharam pelo corredor. Sair do quarto de Riley e entrar em um corredor totalmente escuro era um pouco estranho, mas ela logo se acostumou com o ambiente sombrio. As paredes eram negras, janelas eram negras, a tapeçaria exibia cenas de violência e havia círculos (ou melhor, proteções) entalhados em *tudo*.

— Você acha que Tucker está planejando uma emboscada para nós? — Mesmo enquanto fazia a pergunta, Mary Ann deduziu qual seria a resposta de Riley. Se o lobo pensasse que isso era uma possibilidade, ele a levaria até lá. A não ser que quisesse que ela visse a “maldade” de Tucker em primeira mão. Ela quase não conseguiu evitar virar os olhos. — Deixe pra lá. Não responda. Apenas ouça. Eu quero sobreviver. Não vou fazer nada para me colocar diante de perigos desnecessários.

— Ótimo. Porque sua sobrevivência também é meu objetivo.

Está vendo? Um protetor.

Duas vampiras, ambas lindas, de repente apareceram no corredor. Elas diminuíram os passos, olhando com atenção para Riley, praticamente comendo-o com os olhos. Aquilo sempre acontecia também na escola, com as garotas humanas. Ele era lindo demais para passar despercebido.

O mutante acenou para elas com a mão livre. Aparentemente, elas interpretaram aquele sinal como um convite para conversar, pois foram atraídas como mísseis guiados por calor e quase nem olharam para Mary Ann.

— Riley. — disse a morena com uma voz pesada que demonstrava familiaridade.

A ruiva apenas sorriu, movendo os cílios como se estivesse flertando.

Não estou com ciúme e nem nervosa. De verdade. Afinal, o tempo de Mary Ann com Riley estava chegando ao fim. Então por que ela repentinamente desejou ter em mãos um balde de veneno de vampiros e uma estaca?

— Estamos com um pouco de pressa, garotas, então... — Riley tentou evitá-las, puxando Mary Ann com ele, mas a morena pulou no meio do caminho.

— Não tão rápido, lobo. Preciso falar de negócios com você.

— Draven. — disse Riley, suspirando. — Agora não, por favor.

Draven. Um nome bonito, mas libertino. Combinava com a dona dele. Ela era delicada como um anjo, mas, ainda assim, havia algo... Um quê de depravação em seus olhos. Um quê de frieza e calculismo.

— Vou tomar apenas um segundo. — continuou a vampira. — E é você quem está desperdiçando tempo agora.

Ele concordou com a cabeça, contrariado, e segurou Mary Ann mais forte.

— Está bem. O que você quer?

A vampira levantou a cabeça, cheia de atitude e autoconfiança.

— Como você sabe, fui uma das mulheres escolhidas para seduzir o novo rei.

Riley consentiu com a cabeça, desconfiado dessa vez.

— O que você provavelmente não sabe é que lancei um desafio.

— Você quer ser o novo “rei”? — Riley riu, relaxando de repente. — Boa sorte. Agora se você me dá...

— Na verdade, não. Não quero ser o “rei”. — Ela sorriu, embora não achasse graça em nada. Um sorriso de pura satisfação. — Fui até o conselho e desafiei Victoria. Para ver quem terá os direitos sobre Haden Stone.

— O quê? — A pergunta foi uma mistura de rugido e ofego.

Por que Riley estava tão furioso e assustado? Aden era rei e jamais permitiria que outra garota tivesse “direitos” sobre ele.

Draven ergueu um pouco mais a cabeça.

— Qualquer desafio pode ser lançado a qualquer pessoa, a qualquer momento, Você sabe muito bem disso. Se um desafio não é aceito, o desafiante automaticamente recebe o prêmio.

— Eu devo proteger a princesa. — rosnou Riley. — O que significa que o seu desafio é direcionado a mim. E eu aceito. Você e eu vamos...

— Não, não. — Agora rindo, Draven sacudiu a cabeça. — Não é assim que as nossas leis funcionam e você sabe muito bem disso. Se *Victoria* aceitar, ela deve lutar comigo. E você, o guardião dela, não tem direito de interferir.

Um músculo se repuxou sob o olho de Riley. Eles estavam entrando um território perigoso, embora Draven parecesse não se importar.

— Aden vai mudar a lei. — declarou Riley.

— Ele pode fazer isso, sim. Depois que meu desafio for realizado. Caso contrário, todos saberão que eu propus um desafio e que Victoria se recusou a aceitá-lo. Todos vão saber que Aden pertence a mim e então, Victoria será condenada por nosso povo.

Condenada, O que será que isso significava na terminologia vampiresca? Mary Ann queria perguntar, mas segurou a língua. Ela não sabia como exatamente funcionava o protocolo para pedir esclarecimentos a uma vampira vadia. E se Mary Ann pensava que Riley estava furioso antes, ela não tinha idéia de quão profundamente ele era capaz de sentir essa emoção. O lobo emanava enormes ondas de raiva, praticamente palpáveis, cortantes, que chegavam a aquecer o ar em volta deles.

— Avisarei Victoria. — disse Riley, rangendo os dentes. — Ela vai aceitar. O combate acontecerá na próxima semana.

Pela primeira vez, Draven franziu a testa.

— Eu queria resolver isso ainda hoje.

— Não. Você terá de esperar até a próxima semana. Se não puder aceitar essa condição, você terá de se considerar derrotada. O rei pode escolher o momento da batalha, e ele provavelmente vai querer muito assistir. Eu sei disso. E sei também que ele não estará disponível até a próxima semana.

— Está bem. Fechado. — Enquanto olhava para Mary Ann com desprezo, Draven inclinou a cabeça com uma presunção tão forte quanto a fúria de Riley. — Até lá.

As duas vampiras saíram flutuando, conversando e rindo, como se a bomba que elas tinham acabado de jogar em Riley fosse insignificante, sem consequências.

— Victoria sabe lutar bem? — Mary Ann perguntou discretamente enquanto Riley a colocava em movimento outra vez.

— Sim. Eu mesmo a treinei.

— E Draven?

— Sim. Infelizmente, eu também a treinei.

— Quem é melhor?

Riley rangeu os dentes.

Mary Ann entendeu que isso significava que Draven era melhor lutadora. O estômago da garota se contorceu.

— O que vai acontecer se Draven vencer? Com Aden? Com Victoria?

— Elas não vão lutar até a morte, mas até uma delas aceitar a derrota. A vitoriosa será possuidora de Aden.

— Possuidora? Como? Ele é o rei.

— Sim, mas ele também é humano e essa é a brecha que Draven está usando. Nunca tivemos um rei humano antes e nossas leis relacionadas a humanos foram criadas tendo os escravos de sangue em mente. E os escravos de sangue podem ser passados de um vampiro para outro, como cartões de basebol. Aden terá que mudar a lei, mas Draven estava certa. Ele não pode fazer isso até que o desafio seja realizado. Caso contrário, Victoria parecerá fraca.

— E será condenada. Mas o que exatamente significa “ser condenada”?

— Significa que todos enxergarão Victoria como uma presa fácil e a desafiarão até tomarem tudo o que ela tem. Pelo resto da vida eterna dela, até que ela não tenha mais nada. Nem guardião, nem roupas. Nem quarto, nem mobília. Nem comida. Até que ela seja forçada a sobreviver por conta própria.

Os vampiros e os lobos realmente viviam em uma realidade cruel.

— E o que acontece se Draven perder? Parece injusto que, se Victoria perder, ela irá perder tudo o que tem, além de perder Aden. E se Draven perder...

— Ela se tornará propriedade de Victoria. Essa é a razão pela qual os desafios não são lançados com frequência. Ninguém quer arriscar esse resultado.

Então Draven estava extremamente confiante de que venceria. Ótimo. Mais uma coisa com que se preocupar.

—Vamos, apresse-se. Temos uma tarefa a cumprir.

Eles finalmente chegaram ao final da escada caracol. Durante o percurso, cruzaram com vários vampiros, em grupos de dois ou três. Todos esses grupos falavam sobre Aden e sobre o fato de ele ter amansado as bestas. Eles estavam claramente surpresos, chocados e um pouco assustados. Felizmente, entretanto, ninguém mais parou para conversar com Riley.

Do lado de fora, o ar estava mais frio do que estivera durante a manhã e uma bruma sombria umedecia o cabelo de Mary Ann. Ela imediatamente se sentiu grata por Riley ter pegado aquele casaco. Não havia nenhum lobo e nenhum vampiro ali fora. Frio e úmido demais para eles? Riley não estava de casaco. Tudo o que ele usava era uma camiseta feita de um tecido fino, mas, mesmo assim, não tremia. Ou será que os lobos e os vampiros estavam ocupados demais? Se fosse esse o caso, o que eles estavam fazendo? E, a propósito, o que será que eles faziam durante o dia?

Talvez Mary Ann nunca descobrisse.

Você não ia pensar nisso, lembra? No entanto, nada mais parecia relevante.

Mary Ann suspirou. Se ela só tivesse um dia de vida, não queria passar esse dia fazendo aquilo, ela se deu conta. Visitando uma cripta. Procurando por um rei vampiro que possivelmente estava morto, ou que possivelmente estava vivo. Caçando bruxas. Ela queria estar de volta na cairia com Riley. Ela queria voltar para casa, ver o pai e dar-lhe um abraço bem forte e demorado. Victoria o tinha convencido de que eles tinham estado juntos recentemente. No entanto, isso não era verdade, e Mary Ann sentia saudade dele.

Se Aden não tivesse alcançado nenhum progresso com a bruxa, Mary Ann faria isso. Nessa ordem.

— Você não vai morrer amanhã — disse Riley.

— Como você sabe? Ah, deixe pra lá.

Ele tinha lido a aura da garota novamente.

Riley parou no centro de um círculo enorme e confuso, e colocou o pé em... Ranhuras do concreto? O lobo a puxou contra ele e o calor de seu corpo aqueceu Mary Ann. Então, ele envolveu a cintura da garota com um braço e apoiou o queixo sobre a cabeça dela.

Quando o chão começou a se mover, ela grunhiu, em apuros.

— Estou com você. — disse Riley, acalmando-a. — Vamos descer e começar a girar em alguns segundos. Apenas segure em mim.

— Girar? — Mary Ann engoliu em seco, imaginando-se girando em um chapéu mexicano, como fazia nos parques de diversão quando mais jovem. Porém, dessa vez ela não estava presa a um assento.

— Devagar, eu prometo.

A garota se acalmou. E logo eles começaram a girar lentamente e a descer. Descer em uma enorme fenda que se formava enquanto o concreto ou o metal ou seja lá o que fosse que havia ali embaixo, começava a se rearranjar debaixo dos pés deles. Mary Ann inspirou aquele ar. Quanto mais desciam, mais o cheiro de poeira e de moedas antigas saturava o ar.

— Esse cheiro... Eu podia ter apostado... Não acredito... Humanos mortos — Riley finalmente concluiu com uma voz circunspecta. — E bem recentemente. — Rápido, mas delicadamente, ele conduziu Mary Ann para trás de seu corpo, mas não antes que ela visse garras despontando das cutículas dele. Riley estava se preparando para atacar. — É tarde demais para levar você de volta. Por isso, quando chegarmos lá embaixo, vou empurrá-la contra uma parede. Não saia de lá, está bem? Você não vai conseguir ver nada, então não vai saber onde está pisando.

— Mas você vai conseguir ver? — Ela perguntou com a voz trêmula.

— Sim.

Eles sentiram a base que os sustentava tremer quando finalmente alcançaram o chão, abalando os nervos de Mary Ann. Toda aquela escuridão que Riley prometera os envolveu instantaneamente. As mãos fortes do lobo a agarraram e a empurraram para trás, até que a garota se encostou em uma parede dura e fria. Então, o conforto das mãos do mutante desapareceu e Mary Ann ficou sozinha. Com a escuridão.

Ela ouviu gotas de água, pés se arrastando, um xingamento frustrado de Riley. Na verdade, ela também ouviu vários outros palavrões, o que fez seus tremores se intensificarem. Será que Vlad, se realmente estivesse vivo, atacaria um de seus lobos favoritos? Tucker teria realmente armado uma cilada para Riley? Tucker jamais feriria Mary Ann, ela tinha certeza disso, mas ele sempre foi um lutador e, portanto, essa cortesia talvez não se estendesse ao namorado da garota.

Um choque de pedra contra pedra, seguido por outro xingamento de Riley, arrastou Mary Ann para fora de seus pensamentos.

— Ele se foi. — grasnou Riley. — Vlad não está mais aqui. A não ser que seu corpo tenha sido levado, o que ninguém faria. Ele está por aí. E como Tucker disse, é provável que esteja planejando destruir Aden.

Vinte e Oito



ADEN DISSE A SI MESMO algumas palavras de encorajamento enquanto puxava a bruxa, Jennifer, em meio à floresta enevoadada. *Isso vai dar certo. Seus amigos serão salvos. Você vai vencer.*

Ela estava vedada, com os braços ainda presos para trás. Jennifer exigia saber o que Aden estava fazendo com ela. Até agora, ele a tinha ignorado, mas finalmente eles chagavam a um local tão distante do chalé que ninguém, nem mesmo alguém com a audição supersônica de um lobo, poderia captar a conversa.

— O que estou fazendo? — Aden começou a responder, ainda se movendo para frente. — Estou libertando você.

— Eu não acredito em você. — ela tropeçou sobre um galho, apoiando-se exclusivamente no garoto. — Se fosse isso, você cortaria a corda. Sério. Sua Sugadora usou a maior parte dos meus poderes, por isso estou quase inútil agora. Você não precisa se preocupar com a possibilidade de eu amaldiçoá-lo, nem com nada desse tipo.

— Você já falou sobre isso antes, sobre a Sugadora, mas, como eu disse, não sei o que é isso.

Ela riu sem achar graça.

— Enfim. Apenas me desamarre, por favor. Depois cada um seguirá o seu caminho e fingiremos que isso nunca aconteceu.

Até parece. Ela jamais se esqueceria daquilo. Aden tampouco.

É agora ou nunca, disse Caleb, decidido.

Ele está certo. Este é o momento. Elijah soava sério.

Com um suspiro, Aden parou. Jennifer não percebeu e esbarrou contra o garoto, tropeçando. Mais uma vez, foi Aden quem evitou que ela caísse. Por um momento, o garoto apenas ficou ali, observando-a, sentindo o desespero daquela bruxa. Se ele fizesse isso, não haveria retorno. *Você não quer um retorno.* Ela se tornaria perigosa, iria querer uma revanche contra aqueles que a enganaram.

Porém, ele também poderia ser levado para a cova do leão...

Preparado para a ameaça de magia, Aden tirou a venda da bruxa e rapidamente se moveu para trás dela para cortar as cordas com uma de suas adagas. Instantaneamente, ela girou na direção dele. Mais uma vez, o garoto se preparou, esperando um feitiço ou, no mínimo dos mínimos, um soco. Alguma coisa. Tudo o que ela fez foi recuar, piscando, franzindo a testa.

O que ele faria se ela corresse dele? Sem levá-lo junto com ela?

— Por que você fez isso? — Ela perguntou. — Você achou mesmo que uma boa ação me faria revelar informações sobre o encontro? Adivinhe só. Não haverá um encontro. Não por enquanto. Não depois de tudo o que vocês fizeram comigo. E os seus amigos já podem se considerar mortos, humano.

Ela jogava as palavras contra ele como se fossem armas.

Não ouça o que ela diz, avisou Elijah.

Aden piscou, surpreso.

— Você acha que eles vão ficar bem?

— Não acabei de dizer que não? — Ela respondeu.

Não quero mentir para você, Ad, por isso não me faça essa pergunta. Tudo o que você precisa saber é que Jennifer vai levar você com ela. Isso eu posso garantir.

Como se Aden pudesse não pensar sobre aquilo.

— Preciso perguntar. Eles vão ficar bem?

— Você vai continuar me fazendo essa pergunta? — Gritou Jennifer.

Ignore Elijah e implore o perdão da bruxa, pediu Caleb. Se você for bom com ela, ela vai garantir o encontro. Eu sei que vai.

Não ouça o que ele diz, Ad, disse Julian. Caleb está envolvido demais. Não está sendo objetivo.

Cale a boca! Gritou Caleb, mais nervoso do que Aden jamais o vira. *Eu sei o que estou dizendo.*

Os conselhos, as opiniões e as sugestões conflitantes deixavam o garoto extremamente nervoso.

— Apenas diga o que você sabe, Elijah!

— Quem é Elijah?

Um suspiro.

Você se lembra de quando estávamos naquele encontro dos vampiros e eu falei sobre sangue e morte? Quando eu disse aquelas coisas, não estava falando do ataque dos homens do conselho. Eu estava falando sobre isso, com as bruxas. E os seus amigos... Eu vi seus amigos caídos no chão. Todos os três. Mary Ann, Victoria e Riley, todos cobertos em vermelho.

— Não. — disse Aden, sacudindo a cabeça, negando. — Não.

— Não o quê? O que está acontecendo?

Eu não contei antes porque, como Caleb, você não é nada objetivo nesse assunto. Você teria tentado mudar as coisas, e fazer isso tornaria a situação pior para você.

— Eu não me importo comigo! Eu só me importo com eles!

Jennifer disse mais alguma coisa, mas Aden não conseguiu entender as palavras, ele estava concentrado demais no que Elijah dizia.

Eu sei. Mas eu me importo com você. Sempre me importei com você.

Sim. Sim, disse Caleb subitamente. E havia um tom de alegria em sua voz. *Finalmente.*

Você quer que eles morram? Gritou Julian.

Não. Veja bem.

Tremendo, com a respiração pesada e com o coração martelando brutalmente, Aden se retirou da conversa detestável e confusa e então percebeu que agora estava de pé em meio a um círculo de bruxas. Assustado, ele se virou. Elas vestiam seus mantos de cerimônia. Com as mãos unidas, as feiticeiras fechavam o círculo na direção do garoto, Jennifer estava sorrindo, percebeu Aden.

Elijah gemeu.

— Muito bem, Convocador, nós nos encontramos outra vez. Você pensou que nós não o encontraríamos? — Disse a loura de quem ele se lembrava. Aquela que estava nas memórias de Jennifer. Marie. — Estávamos apenas esperando até que você tirasse a refém do chalé. Havia proteções demais lá, evitando até mesmo que colocássemos nossos pés naquela propriedade.

— Olá, bruxa. *Como* você nos encontrou? — Perguntou o garoto, o mais calmo que conseguia.

— Magia, naturalmente. — disse Marie, presunçosamente. — Diversas vezes, durante os últimos meses, nossa amiga agiu de forma estranha. Completamente diferente do que ela é. E, depois, quando vim questioná-la, ela não tinha idéia do que eu estava falando. Ela sofreu pequenos apagões, e, por conta disso, começamos a temer que ela sofresse esses apagões

quando não estivéssemos por perto para protegê-la. Então lançamos um feitiço para que pudéssemos saber onde ela estava e o disfarçamos como se fosse uma proteção.

Uma daquelas proteções “cosméticas”, ele supôs. E, além disso, ele tinha possuído o corpo dela. Ele tinha feito isso para encontrar as bruxas, portanto, missão cumprida.

— Espertas. — foi tudo o que Aden disse.

— Somos, não é mesmo? E agora que matei sua curiosidade, responda uma pergunta.

Ele balançou a cabeça uma vez, concordando. Agora não era hora de comportamentos difíceis.

Caleb quase ronronava. *A voz dela... É tão doce.*

— Com quem você estava falando há alguns instantes?

Dessa vez, não havia porque mentir a respeito das almas.

— Com as três almas que tenho dentro da minha cabeça.

Ela arqueou as sobrancelhas, confusa.

— Pessoas vivem dentro da sua cabeça?

Aí estava a oportunidade.

— Faça qualquer pergunta e eu responderei. — Isso poderia ser considerado uma reunião, certo? O que significava que seus amigos...

A bruxa riu.

— Já sei o que você está pensando. Você está achando que isso é nossa reunião. Receio que não seja, Convocador. Uma reunião deve ser declarada oficialmente. E, como Jennifer já lhe disse, nosso encontro não acontecerá. Não por enquanto. Suas ações revelaram exatamente de qual lado você está.

—Você vai convocar uma reunião oficial! — Ele gritou, dando passos para frente. Até que seus pés ficaram grudados no chão, impedindo que ele se movimentasse.

Que diabos... A resposta logo surgiu. *Maldita magia*, pensou Aden sombriamente.

Os olhos de Jennifer se abriram quando ela entrou na conversa.

— Nós devíamos ter matado seus amigos em vez de apenas amaldiçoá-los, mas pensamos em usá-los para controlar você. Agora estou vendo uma falha em nossa lógica. Uma de suas amigas é uma Sugadora, e Sugadores devem ser eliminados o mais rapidamente possível. Um deles é um lobo, e os lobos protegem nossos maiores inimigos. E a outra é uma vampira, e vampiros são nossos maiores inimigos. Todos os três merecem morrer.

— Quantas vezes eu tenho de dizer isso? Eu não conheço nenhuma Sugadora. Eu nem mesmo sei o que é uma Sugadora, a não ser que você esteja falando dos vampiros que bebem até a última gota, mas isso também não aconteceu. Portanto, não há Sugadora nenhuma. — Aden queria chutar o próprio traseiro por não ter pedido mais detalhes a Victoria. — Quanto ao lobo e à vampira, eles não querem seu mal, nem agora, nem enquanto você estava aqui. Conte a elas, Jennifer. Você não foi forçada a alimentar ninguém.

— Já chega! — Gritou Marie — Eles não beberam o sangue de Jennifer. Dessa vez. Ainda somos como drogas para eles, e viciados não são seres dignos de confiança. Agora, silêncio, humano. Irmãs, vamos levá-lo a um lugar mais... Privado.

Um segundo depois, o cântico das bruxas invadiu o ar. Aden tentou argumentar, mas elas o ignoraram. E não importava mais. O mundo do garoto começou a girar, dançar ao som de uma batida que ele não reconhecia. Girando, girando, cores se misturavam, escurecendo, aquela escuridão o estava consumindo, cegando-o, jogando-o de um lado para o outro, como se ele estivesse preso em uma máquina de lavar roupas. As almas gritavam e aqueles gritos contínuos eram ensurdecedores.

Então, repentinamente, Aden parou. As almas ficaram em silêncio.

Pontos brancos surgiam em meio à escuridão e as cores logo apareceram, os pés do garoto ainda estavam presos, mas agora em outro ambiente. Ele estava dentro de uma...

Caverna? As paredes ao redor eram compostas por terra, pedras alaranjadas e douradas e barro. Ali por perto havia uma cachoeira. O garoto podia ouvir a correnteza e a queda da água; o ar estava frio e úmido.

As bruxas soltaram os braços na lateral do corpo e, em seguida, subiram nos pedregulhos. Todas, exceto uma. Marie se aproximou de Aden, uma nuvem perfumada a acompanhava. Caleb ronronou.

Sem dizer uma palavra, ela segurou as mãos de Aden e as ergueu até acima da cabeça do garoto. Ele queria pegar as adagas, mas não fez isso.

Ele precisava da cooperação, e não da fúria, das bruxas.

— O que você está fazendo? — Perguntou o garoto.

—Tomando as precauções.

Enquanto ela falava, alguma coisa fresca e suave envolveu os pulsos de Aden. Franzindo a testa, ele olhou para cima. Hera brotava no teto da caverna, caindo em sua direção e prendendo suas mãos. Ele rangeu os molares enquanto tentava se libertar. A planta o prendia com força.

— Nós tomamos nosso poder da Mãe Terra. — explicou a feiticeira. —Você tem sorte por estar protegido. Caso contrário, faríamos coisas muito piores com você. — Ela riu ao perceber que a expressão de Aden se tornou carregada. — Ah, e sem olhar eu consigo saber contra o que você está protegido. Todas nós conseguimos. Podemos sentir o poder que suas proteções emanam — Ela se recuou e se sentou em uma pedra, como as demais bruxas estavam.

— E o que você planeja fazer comigo?

— Suas ações vão determinar isso.

— Qual é! Ajude-me a sair daqui. Quais ações? O que vocês querem de mim? — O olhar de Aden deslizou sobre as mulheres, parando apenas quando uma delas, a única que estava de pé e vestindo um manto preto, saiu de um canto escuro e tirou o capuz.

Aquele rosto era a materialização da beleza. Sua pele brilhava como se tivesse sido mergulhada em um pote de mel, os olhos eram como ébano líquido. Com apenas um olhar, ela seduziria, hipnotizaria, faria Aden fazer o que quer que ela quisesse, doesse o quanto doesse.

Não que ele fosse sucumbir.

— Olá, Aden. — disse calmamente a senhorita Brendal.

Ele não tinha percebido a presença de Brendal no círculo até agora. O que significava que ela estava esperando ali. Esperando para atacar.

— Dr. Hennessy. — disse Aden, com o maxilar tão apertado que as palavras quase não conseguiam escapar. — Gostaria de dizer que estou surpreso, mas prefiro não mentir. Sei que você detesta mentiras.

As pupilas da fada queimaram por alguns instantes.

— Então você sabia que eu não era quem fingia ser. Como?

— Por que você não invade minha cabeça outra vez e tenta descobrir?

Ela passou a língua por aqueles dentes brancos e perfeitos.

— Eu observei a sua mente, sim, mas tudo o que encontrei foi um mar de barulhos. Vozes e mais vozes, uma se sobrepondo à outra, discutindo os assuntos mais idiotas. Assuntos com os quais, não me importava nem um pouco. Mas não consegui encontrar nenhuma evidência do meu irmão, Thomas. Onde ele está, Aden? Eu sei que você sabe.

Agora é sua chance, disse Elijah. *Barganhe.*

Espere aí? Como assim? Barganhar com o quê? Perguntou Caleb.

Aden sabia.

— Convença as bruxas a convocarem uma reunião oficial, e eu contarei à você onde ele está. — disse Aden.

Brendal encarou cada uma das bruxas. Todas elas sacudiram a cabeça, negando a possibilidade.

—Aden. — disse ela, agora a doçura já tinha desaparecido de sua voz.

—Você não vai se dar bem se eu me enfurecer.

Ele fez o melhor que podia para dar os ombros com os braços presos.

— Por quê? Você vai se transformar em um monstro gigante e verde?

A respiração de Brendal chiou entre seus lábios.

— Eu já imaginava que você era teimoso. Porém, você está me subestimando. Vou me retirar, mas não precisa chorar muito, pois eu retornarei. Com os seus amigos.

Uma ameaça deliberada. Aden queria gritar com ela. Ele queria lutar contra aquelas amarras. No entanto, não fez nada disso. Demonstrar emoção em qualquer batalha era sinônimo de derrota. Não era isso que ele tinha ensinado a Mary Ann? E nessa batalha, a mais importante de sua vida, ele precisava de todas as vantagens possíveis. Se ele tivesse um ataque agora, acabaria perdendo o pequeno poder de barganha que tinha.

— Você tem algo mais a me dizer? — Perguntou Brendal.

— Sim. Boa sorte com a sua busca.

— Muito bem. — Ela caminhou para trás, encarando-o com aqueles olhos estreitos até desaparecer. Em um momento, ela estava lá e no outro, já não estava mais.

Ela tinha entrado no outro plano, ele supôs. Para capturar, talvez torturar, seus amigos. Eles sabem se cuidar, reassegurou Aden para si mesmo.

Permita que eu tome o controle, implorou Caleb. *Deixe que eu fale com as bruxas por você.*

Ah, não! Aden podia permitir que as almas assumissem o controle de seu corpo. No entanto, elas não podiam fazer isso sem que fossem autorizadas. Ele já tinha permitido que Eve o controlasse, e foi assim que ela passou o último dia de sua “vida” com a filha. Todavia, Caleb estava preocupado demais com as feiticeiras. Ele poderia colocar o bem-estar das bruxas no mesmo nível em que Aden colocava o de Victoria. Isso é, acima do bem-estar de Mary Ann e Riley. E isso Aden não podia permitir.

— Convoquem o encontro oficial. — disse ele, ignorando a alma. — E farei qualquer coisa que vocês quiserem. Se vocês não convocarem a reunião oficial, não responderei a mais nada.

Aden, por favor, insistiu Caleb.

— Sinto muito.

E ele realmente sentia. Aden detestava o fato de Caleb querer tanto uma coisa e não conseguir conquistá-la. Ele detestava ver Caleb implorar.

Foco, Aden,foco, disse Julian.

Sim. O garoto piscou os olhos, limpando a mente. As bruxas esta sem capuz e o observavam, curiosas.

— Você tem almas presas na sua cabeça. — disse Marie.

— Sim, tenho almas dentro da minha cabeça.

Ele já tinha admitido, agora não havia motivos para negar.

— E uma vez você me perguntou se eu conhecia um homem que era capaz de possuir outros corpos. Alguém que morreu há dezesseis anos. Seria ele, esse possuidor de corpos, uma das almas? — Gritou Jennifer.

Aden! Conte a ela! Pode ser que ela tenha me conhecido. Talvez ela possa dizer algo sobre o meu passado.

A culpa tomou conta de Aden. O garoto ignorou o pedido. Ele precisava se manter no jogo.

— Convoquem oficialmente a reunião e eu contarei.

Ela riu sem achar graça.

— Nós não estamos tão interessadas a esse ponto.

O-o quê??? Caleb esbravejava com a afronta de Aden.

— Aposto que podemos tirar as almas da sua cabeça e darmos um corpo para elas. — Marie passou o dedo pelo queixo — Assim, ele mesmo pode responder as nossas perguntas.

Aden tentou esconder o medo.

— E onde você arrumaria esses corpos?

— Pessoas morrem o tempo todo. Se você reanimar um cadáver fresco com uma alma nova...

— Como? Foi o corpo que morreu e não a alma. A alma apenas foi para o outro lado. — Disso ele sabia. — Reanimar um corpo não é a mesma coisa que curar um corpo. — Certo? — O que significa que uma nova alma não conseguiria fazer um cadáver sem vida funcionar.

— A magia pode fazer muitas coisas. — foi tudo o que ela disse.

Sim, Caleb se apressou em dizer. *Sim. Deixe a bruxa tentar.*

Não! Disseram Elijah e Julian em uníssono.

Não seria tão fácil, acrescentou Elijah. *Nunca é. Vai haver alguma emboscada, eu tenho certeza!*

Caleb rosnou sua frustração.

— Se você sente minhas proteções, sabe que minha mente não pode ser manipulada. — disse Aden. — Portanto, a mente das almas também não pode ser manipulada.

Ou podia?

Ela arqueou uma das sobrancelhas, fazendo-se parecer superior.

— Eu não preciso da sua cooperação. Só preciso da cooperação dele.

Ela estava blefando. Ela só podia estar blefando.

Desconfortável, Aden jogou o peso do corpo de um pé para o outro. Seu braço já quase não tinha sangue e agora as mãos estavam frias, os ombros formigavam.

— Se você pode fazer esse tipo de coisa, por que ainda não fez? Por que, então, está sentada aí?

A sobrelha da bruxa voltou para o lugar certo, criando uma linha suave.

— Neste momento, temos coisas mais importantes para cuidar.

Sim. Ela estava blefando.

— Seu currículo está ficando cada vez maior. — disse ela, de repente, como se eles estivessem sentados um diante do outro em uma entrevista de emprego.

Aden deu corda para o assunto.

— O que você quer dizer?

— Primeiro, rei dos vampiros, agora, assassino de bestas.

Como ela sabia disso?

— Eu não assassinei as bestas.

— Domesticador, então. Domesticador de bestas. — Exatamente o mesmo apelido que Caleb tinha sugerido. — Como você fez aquilo?

Para que ela queria saber? Para aprender como derrotar as bestas?

— Oficialize esse encontro como uma reunião e eu contarei.

A resposta de Aden seria “eu não sei”; afinal, essa era a verdade. No entanto, ela não precisava saber disso agora.

—Você quer salvar os seus amigos? — Jennifer entrou novamente na conversa. — Ótimo. Renuncie o trono dos vampiros e nos faça um juramento de sangue, afirmando que você continuará conosco, servindo e ajudando o nosso lado.

Faça isso, disse Caleb.

Não, repetiram Elijah e Julian em uníssono.

— Sinto muito.

Servi-las e ajudá-las era sinônimo de ferir os vampiros, ele tinha certeza absoluta disso. Se não fosse assim, ele teria concordado sem hesitar.

— Então você não se importa tanto quanto pensávamos que você se importava com os outros, com os enfeitiçados. — disse Marie.

— Não é verdade. — ele rangeu os dentes. — Eu me importo com eles. Muito mais que você possa imaginar. Se eu der o que vocês querem, vocês fariam um voto de sangue de que nunca mais causariam mal aos vampiros e aos lobos?

— Não. É claro que não. Nenhuma de nós faria isso.

As outras bruxas riram de Aden por ele ter se atrevido a sugerir algo desse tipo. A risada mais alta era a de Jennifer.

— Se você não vai nos ajudar, Aden, isso significa que você vai trabalhar contra nós, ajudando eles. E, se é assim, você nunca mais vai sair desta caverna.

Então elas também o matariam, era isso o que ela estava dizendo. Antes que pudesse ser ameaçado diretamente, o garoto mudou de estratégia. Se conseguisse fragilizar a bruxa, o mínimo que fosse, ele ganharia vantagem. Talvez.

— A alma, essa alma que é capaz de possuir corpos, o que ele era para vocês? Para qualquer uma de vocês? — Aden questionou.

Caleb se manteve em um silêncio arrepiante, esperando.

Marie deu de ombros, mas um brilho vulnerável se acendeu em seus olhos.

— Ele era... Tudo e nada — disse a bruxa. Então, ela sacudiu a cabeça, nervosa. — E agora nós vamos deixar você aqui. — Acrescentou a feiticeira, levantando-se. — Chegamos a um impasse e você precisa de tempo para pensar. E talvez você devesse levar em consideração o fato de que eu podia, e devia, ter matado você e sua amiga Mary Ann alguns dias atrás, mas não fiz isso. Eu deixei a garota ir embora. Por você. E me arrependo desde que fiz isso, mas agora minha misericórdia acabou. Quanto mais você resiste a nós, menos quero que você seja feliz.

Espere. O quê?

— Você nunca me quis ver feliz. Agora convoque oficialmente a reunião. — ele exigiu, entrando em pânico.

As outras bruxas se levantaram.

— Da mesma forma que você me deixou amarrada, nós deixaremos você amarrado — disse Jennifer. — Talvez o isolamento solte sua língua.

— Eu ordeno que vocês fiquem. Eu ordeno que convoquem o encontro! Uma a uma, elas caminharam para fora da caverna, em silêncio. Jennifer o observou até o último segundo possível. Marie parou na entrada escura e olhou para trás, para Aden.

— Quando o relógio bater meia-noite, seus amigos vão morrer. Sinto muito, sinto muito mesmo, mas, durante uma guerra, sempre há vítimas. Você sabe o que precisa fazer para salvá-las.

Dizendo isso, ela também o deixou.

Aden gritou várias e várias vezes para que ela convocasse a reunião oficial; várias e várias vezes ele implorou, embora estivesse sozinho. Sua voz ecoava nas paredes da caverna, desdenhando-o. O garoto gritou até ficar rouco. E sacudiu a hera até que havia em seu corpo sangrasse.

A planta não cedeu, e as bruxas não voltaram.

Vinte e Nove



MAIS UM CHAMADO.

Tucker tentou resistir. Tentou com todas as suas forças. No entanto, a voz de Vlad o chamava. *Venha até mim.* E os pés do garoto se moveram antes que ele pudesse perceber ter dado um único passo.

Ele pulou do telhado da casa em que sua mãe vivia com seu padrasto. O impacto abalou todo o corpo dele. Tucker observava o irmão de seis anos de idade brincar na garoa gelada, nariz molhado, casaco ensopado, as mãos tremiam enquanto ele conversava com um amigo invisível.

Tucker quase apareceu duas vezes. No entanto, nas duas vezes ele se convenceu de que Ethan estava melhor sem ele e, portanto, manteve-se escondido. Agora ele caminhava para longe dali, sentindo o vazio doer onde seu coração devia estar. Ele concluiu que nunca mais voltaria. Ethan era plenamente bom, plenamente correto, e teria um futuro brilhante. Tucker nunca tinha causado nada além de dor àquele garoto.

Já estava na hora de eles se separarem de uma vez por todas.

A dor se intensificava. Será melhor assim.

Tucker limpou a mente enquanto corria para fora da vizinhança, em direção à cidade, onde parecia que todo mundo que ele conhecia passava todo o tempo participando de festas. Alguns garotos dirigiam por ali, jogando garrafas de cerveja contra os prédios. Outros estavam nas ruas, dançando no ritmo de uma música que ninguém mais ouvia. Entre eles, havia uma linda mulher, uma mulher com longos cabelos louros e uma pele tão clara que chegava a brilhar.

Ela olhava nos olhos de um dos garotos, dizia algumas palavras e o jovem sacudia a cabeça, negando. Então, ela falava novamente e, dessa vez, o jovem soltava os ombros, abaixava a cabeça e depois se abaixava e limpava a bagunça. Em seguida, a loura ia até outra pessoa.

A noite tinha caído havia muito tempo. Os mitos sobre os vampiros e a luz do sol não eram exatamente verdadeiros, Tucker sabia, afinal, Victoria podia ficar em ambientes externos o dia todo sem sofrer quaisquer consequências. Vlad, no entanto... Viraria cinzas? Era o que o garoto desejava.

Venha até mim.

Já estou mais próximo, pensou Tucker. Sentindo-se amedrontado. Sentindo-se feliz, Vlad já não estava na cripta. Ele estava por aqui, na cidade. Escondido.

Tucker dobrou a esquina da lavanderia local, mas tudo o que viu foi uma caixa de papelão. Ele franziu a testa. Parou. O garoto sabia, exatamente como sempre parecia saber, precisamente onde Vlad estava. Tucker inclinou o corpo e olhou dentro da caixa. Sim, lá estava Vlad com um humano morto sobre o colo, com sangue escorrendo pelo queixo.

A maior parte do corpo do rei ainda estava carbonizada, ainda escura por conta da pele morta, mas manchas de pele pálida e lisa eram visíveis.

— Da próxima vez que você me fizer esperar, vou me alimentar de você. — disse o vampiro, calmamente. — Entendeu?

Um tremor atravessou Tucker e seu olhar logo se direcionou ao homem morto, de quem o pescoço estava rasgado como se um animal selvagem o tivesse usado como banquete. Uma forma dolorosa de morrer. Vlad tinha se aumentado de Tucker durante a última visita, sim, mas apenas brevemente. E apenas como um aviso. Se aquilo já fora infernal... O garoto encolheu os ombros e todos aqueles ferimentos já cicatrizados pulsaram.

— E então? O que mais você descobriu?

— As bruxas levaram o garoto. — Tucker tinha visto as mulheres aparecerem repentinamente ao redor de Aden. Ele podia ter ajudado. Talvez.

Ele queria ajudar. Mais ou menos. No entanto, ele não permitiu que a ilusão que o escondia desaparecesse, sua necessidade de agradar Vlad ainda era forte demais para ser negada. Mesmo naquele momento.

O vampiro soltou uma gargalhada que fez seu corpo se curvar em um ataque de tosse. Quando se acalmou, Vlad empurrou os lábios para trás, dentes afiados e vermelhos brilhavam.

— Vá até elas, mas não permita que elas saibam que você está lá.

Até as bruxas?

— Como vou encontrá-las? Elas desapareceram.

— Você consegue sentir a força de Aden pulsando, não consegue? Todos nós sentimos.

Relutante, Tucker concordou. Palavras mais verdadeiras nunca tinham sido ditas. No dia em que o garoto conheceu Aden, ele temeu, bem, estar se sentindo atraído por Aden. Como se estivesse virando gay, apesar de sempre ter preferido garotas. Ele tinha vontade de estar perto daquele filho da mãe, embora Aden não o acalmasse como Mary Ann. De qualquer forma, Aden mexia com Tucker e algumas vezes até fazia que ele quisesse ser pior

— Ótimo. Agora sua tarefa mais importante. Você vai matar Aden. Você vai apunhalar o garoto, bem no coração, assim como fazem as bruxas.

— Eu... Eu não posso.

— Você pode. Ouça com atenção. Eu vou dizer como...



Mary Ann estava com medo. Com muito, muito medo. Aparentemente, Aden tinha sequestrado a bruxa e ninguém sabia onde eles estavam. Victoria contara a Riley o que tinha acontecido, o que Aden tinha planejado, e depois se teletransportou para longe antes que o lobo pudesse gritar com ela. Ou contar à vampira que o pai dela ainda estava vivo. Aonde teria ido a princesa? Ajudar Aden?

E Deus, como ela reagiria à notícia sobre seu pai? Mary Ann nunca conhecera Vlad e ainda assim estava quase descontrolada. Depois de descobrirem a verdade, Mary Ann e Riley buscaram pistas, mas não encontraram sinal algum do vampiro.

Riley estava perturbado. Mary Ann nunca o tinha visto tão nervoso. O novo rei dos vampiros (Aden ainda era o rei agora que Vlad estava andando por aí?) e a princesa estiveram (estavam) em perigo e ele não os estava protegendo. Pelo menos o lobo e seus irmãos ainda podiam sentir a pulsação de Aden. Bem, contanto que Mary Ann não estivesse por perto. Quando Mary Ann estava com eles e Riley estava ao lado dela, os lobos ainda conseguiam sentir a vibração, porém, bem mais fraca. Então, eles agora saíam para procurar Aden. Sem ela.

A garota pensou em usar o tempo que tinha para procurar Victoria, mas, não. A idéia foi rapidamente descartada. Por onde ela começaria a busca? Ela não poderia ir sozinha até a

mansão dos vampiros ou ficar andando de carro pela cidade, as únicas coisas que poderiam ser feitas. Não seria produtivo.

Então, aqui estava Mary Ann. Em casa. Riley a tinha levado de carro e a deixado lá depois de lhe dar o mais rápido e o mais distraído dos beijos. Ela tinha passado a última hora com seu pai, abraçando-o como se quisesse lhe dizer o quanto ela o amava. Ele tinha dado risada e brincado com ela. Parecia que eles tinham voltado no tempo, antes de ela descobrir sobre sua mãe. A voz de vodu de Victoria tinha funcionado, afinal, ele não a interrogou sobre onde ela andava.

Entretanto, o nervosismo de Mary Ann aumentava conforme cada minuto corria. Aden estava bem? Riley e Victoria estavam bem? Esta era sua última noite de vida?

— Você está distraída outra vez. — disse o pai da garota com um sorriso paciente.

Eles estavam sentados à mesa da cozinha, jogando baralho. Entre todas as opções, escolheram Batalha. Ela olhou para baixo, pegou uma carta e a descartou. Um oito de copas. A carta de seu pai era um três de diamante. Mary Ann ganhou o par.

— Quer conversar sobre o que se passa em sua mente?

— Estou bem. — mentiu a garota.

Ela detestava precisar fazer isso, mas não queria se abrir. O pai de Mary Ann não acreditava em nada paranormal, nem mesmo quando as evidências estavam bem diante do nariz, e a garota não queria brigar. Ou passar por uma sessão de terapia.

— Problemas com Riley? — Ele insistiu.

Riley, seu doce Riley. O garoto com quem ela ficaria por mais um dia. Depois, eles não voltariam a se falar. Nesse momento, o coração de Mary Ann deu solavancos em seu peito.

— Pai, o que você faz quando sabe que não faz bem à pessoa que você ama?

Ele olhou para a filha por um momento e então suspirou, e deixou as cartas de lado. Morris Gray apoiou os cotovelos na mesa e observou a intensidade de Mary Ann.

— Eu não tinha percebido que você e Riley já estavam no estágio “eu te amo.”

As bochechas de Mary Ann enrubesceram.

— Nós não dissemos isso um ao outro, não.

Ele relaxou um pouco.

— Então por que ele não é bom para você, querida? — Ele perguntou, delicadamente.

Mary Ann se contorceu desconfortavelmente na cadeira. Ela não podia dizer a seu pai que a situação era, na verdade, o oposto. Que ela não fazia bem a Riley. Ele não acreditaria.

— O que você diria a uma paciente que lhe fizesse essa pergunta?

O canto dos lábios do homem se contorceu.

— Já entendi o que você está fazendo. Você está se esquivando. Eu ensinei direitinho a você. Por isso está me perguntando o que eu faria com uma paciente que se recusa a dividir todos os detalhes comigo? Ela consentiu com a cabeça.

Mais um suspiro.

— Eu diria para ela fazer a si mesma uma pergunta muito importante. Essa pessoa a feriria, emocional ou fisicamente?

Ele ainda entendia a situação como sendo o contrário, mas a resposta era sim. Mary Ann também deixou as cartas de lado. Então ela estava certa quando terminou o relacionamento com Riley. Estava errada quando permitiu que o relacionamento fosse restabelecido. Todavia, ela não podia se arrepender de suas ações. A garota tivera uma noite gloriosa ao lado do lobo e poderia morrer sem arrependimentos. No geral.

Morrer. Ela engoliu o nó na garganta.

— Se a resposta for sim, eu sempre aconselho meus pacientes a terminarem o relacionamento. — Ele inclinou o corpo e segurou a mão de Mary Ann. — Sempre. E, agora, preciso pegar minha espingarda? O que aquele garoto fez para você?

Mary Ann riu.

—Você odeia armas e, por isso, não tem uma. Além do mais, Riley não me machucou nem nada disso. Aliás, ele jamais faria algo assim. Ele é muito protetor. — *E eu preciso protegê-lo também.*

— Qual é o problema, então? Você pode me contar. Você sabe que é seguro me contar as coisas.

Outra risada, mas, dessa vez, forçada.

— Isso pode ser verdade para os seus pacientes, mas não é o caso comigo. — Mary Ann entendia a situação. Ela era filha do Dr. Morris Gray. *Tudo* era pessoal. — Mas, enfim, — disse ela, rapidamente mudando de assunto. — Eu estava pensando... Se você soubesse que tem apenas mais um dia de vida, o que você gostaria de fazer?

— Você está pensando em me matar?

Mary Ann virou os olhos.

— Estou falando sério.

—Você nunca esteve tão mórbida, mas acho que consigo entrar no jogo. — Ele a soltou e levou os dedos até o queixo. — Eu pagaria um seguro de vida mais alto, tomaria as providências para garantir que você recebesse todos os cuidados adequados e então passaria o resto do meu tempo aqui, com você.

Os olhos de Mary Ann encheram de lágrimas, queimando.

— Obrigada.

— E eu iria querer contar uma verdade para você, já que aprendi minha lição sobre manter segredos.

A mente da garota ficou paralisada ao ouvir aquela palavra... Segredos. Ela congelou. Até mesmo seu coração deixou de bater brevemente enquanto o pânico se espalhava sobre ela.

—O...o quê?

— Bem, eu conheci uma pessoa. — disse ele enquanto o enrubescer manchava suas bochechas.

Mary Ann arregalou os olhos.

— Ah, é? Quem? Quando? Onde? Quero detalhes!

Ele riu.

— Tantas perguntas de uma só vez. Sim, é verdade. Eu a conheci ontem, no supermercado. E eu, bem... Eu a convidei para sair.

— Pai!

— Eu não saio com ninguém há tempos, mas não pude me conter. Ela é tão inteligente e... Bonita.

Mary Ann estava... Contente. Seu pai merecia ser feliz. Especialmente se ela... Se ela... Não, ela não podia pensar assim. Ele apenas merecia ser feliz.

—Você não está me dando detalhes. Sobre o que vocês conversaram? Como ela é? Aonde você vai levá-la?

A campainha tocou e os dois pularam.

O pai da garota sorriu timidamente.

— Continuaremos essa conversa daqui a pouco.Vou atender.

Ele se levantou da cadeira e andou na direção da porta enquanto Mary Ann recolhia as cartas, impressionada com o rumo dos acontecimentos. Seu pai. Saindo com uma mulher. Ah, ele tinha saído com uma ou duas mulheres ao longo dos anos, mas nada sério. E ele nunca tinha ficado contente assim. Das outras vezes, ele não tinha mostrado tanto interesse.

Alguns segundos depois, ela ouviu uma voz feminina e uma risada. A risada de seu pai, e aquele som era bastante doce. O que estava acontecendo lá?

— Mary Ann. — ele gritou. —Venha aqui, querida.

A garota caminhou até a sala, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans. Logo ela estava na sala colorida que sua mãe tinha planejado. Olhando para seu pai, que estava com um belo sorriso e dizendo algo para uma mulher loura e linda, vestindo uma blusa de seda branca e uma saia rodada também branca. Ela tinha uma pele perfeita, quase perfeita demais. Os traços eram tão perfeitos que chegava a doer o coração. Seria essa a beleza misteriosa do mercado?

Mary Ann limpou a garganta.

Morris olhava para a mulher radiando tanto entusiasmo que ela teve que desviar o olhar.

— Mary Ann, esta é a mulher de quem eu estava falando. A mulher arqueou a cabeça, cumprimentando a garota, embora nunca tenha desviado o olhar do pai. Ela acariciava a bochecha do homem como se ele fosse seu cachorrinho de estimação preferido.

— Mary Ann. Ouvi muito a seu respeito.

Em uma conversa no supermercado? Não seja ridícula. Aquilo era bom.

— Prazer em conhecê-la. — disse a garota.

Finalmente, a mulher se virou e olhou para Mary Ann. A garota arfou, horrorizada. Aqueles olhos... Brilhando, enormes e castanhos, velando o resplendor de uma pele excessivamente perfeita. Aquilo não era um humano.

Aquilo era uma fada.

— Deixe meu pai em paz. — gritou a garota. — Ele não fez nada...

— Mary Ann. — disse ele, claramente assustado e decepcionado com o comportamento da filha. — Não é assim que você...

— Seja obediente e vá para o seu quarto. — a fada disse para ele. — Fique lá, independentemente do que você ouvir.

— É claro. — disse o homem, saindo sem dizer mais nada, indo para o andar de cima sem olhar para trás.

O coração de Mary Ann ameaçava saltar do peito. Ela queria correr, mas continuou onde estava. A garota protegeria seu pai, independentemente do que precisasse fazer. Porém, a realidade é que ela nunca tinha enfrentado uma fada antes. Tudo o que ela sabia era o que Riley e Victoria tinham lhe contado.

Diferentemente dos vampiros, as fadas não podiam controlar as pessoas com a voz, mas os humanos se tornavam tão encantados por elas que, em geral, obedeciam suas ordens sem questionar. Fadas tinham sede de poder e não gostavam de ninguém que fosse mais forte que elas. Elas eram frias, uma pedra de gelo por dentro, embora desejassem desesperadamente receber algum tipo calor.

Apesar de tudo isso, ou talvez por conta de tudo isso, elas se consideravam protetoras dos seres humanos. Mary Ann era um ser humano. Talvez. Com sua habilidade...

A garota abriu a boca. Para dizer o quê? Bem, isso ela não sabia.

— Não grite por seu namorado. — disse a fada, franzindo a testa. — Neste momento, os lobos estão ocupados lutando contra um bando de duendes. Tenho certeza disso. E, se gritar, tudo o que você vai fazer é distraí-los. Você quer ter o sangue deles nas mãos?

Mary Ann engoliu em seco.

— Eu não ia gritar. — Ela não era uma covarde. Não mais. — O que você está fazendo aqui? Quem é você? O que você quer?

A fada sorriu enquanto Mary Ann falava, embora aquela expressão não tivesse nenhum sinal de contentamento.

— Eu me chamo Brendal e, quanto ao motivo de estar aqui, acho que é bastante óbvio. Quero que você me siga.

— Por quê?

— As respostas virão mais tarde.

— Duvido. Você veio atrás do meu pai para chegar até mim?

— É claro. Nós fazemos o que é necessário.

Brendal falava sem um pinga de remorso. Vadia! A raiva se desencadeou.

— Agora venha. — disse a fada, apontando para onde a garota devia ir.

Mary Ann levantou a cabeça. Ela não sentia nenhuma obrigação de fazer o que a fada queria. Porque ela não neutralizava os poderes daquela criatura? Talvez. Porém, a garota não os estava neutralizando por completo, já que seu pai subira as escadas sob o comando de Brendal. *Lembre-se do que Victoria disse. Sua habilidade não funciona contra os poderes naturais dos outros.*

— Acho que vou ficar aqui. Obrigada.

Aqueles olhos escuros se estreitaram.

— Você quer respostas? Tudo bem. Quero que você me siga porque quero usar você em algo. Você repele, enquanto seu amigo, Aden, atrai. Você apaga, ao passo que ele aumenta. Você também é uma arma, embora muito provavelmente não tenha se dado conta disso.

— Você terá de fazer melhor que isso para me convencer.

— Ele os atrai, você acaba com eles.

Até parece.

— E com quem eu supostamente devo acabar?

— Com o inimigo, é claro.

Para as fadas, os vampiros e os lobos eram o inimigo.

— É por isso que você está aqui? Você acha mesmo que vou ajudar você?

— Não, não é me ajudar. — Brendal caminhou para a esquerda, aumentando a distância entre elas, passando a mão sobre os estimados bibelôs. — Você quer ajudar seu amigo Aden, não quer?

O estômago de Mary Ann virou, doendo.

— Do que você está falando?

— As bruxas estão com ele, e elas não estão felizes. E, sim, eu sei sobre a reunião e também sei que é muito provável que você morra amanhã. Aden ama você, mas ele está se recusando a dar às bruxas o que elas querem até que elas convoquem uma reunião oficial, para que ele possa salvar a sua vida. Ele também se recusa a me dar o que quero.

Não reaja. Não se atreva a reagir.

— E o que você quer?

— Saber o que aconteceu com meu irmão. Estou disposta a fazer qualquer coisa para descobrir. Qualquer coisa. Até mesmo... Trair meus aliados.

Ela estava mesmo dizendo o que Mary Ann achava que ela estava dizendo? Que ela trairia as bruxas em troca de informações sobre seu irmão? Isso ajudaria a garota a resgatar Aden?

— É por isso que você vai comigo, Mary Ann.

Mary Ann sacudiu a cabeça, negando. Ela não podia se permitir concordar com aquele ser.

— Não. Eu já disse que vou ficar aqui.

Brendal arqueou uma de suas sobrancelhas douradas, sempre parecendo aceitar calmamente.

— Se eu dissesse para o seu pai matar Aden, ele o mataria. E ainda se sentiria feliz. Sua habilidade de neutralizar minha influência pode contê-lo, você sabia? Eu sei que é isso que você está pensando, mas posso chamar outros da minha espécie. Eles podem arrastar você para longe. E aí...

Por uma fração de segundo, Mary Ann considerou voar contra a fada, um golpe de fúria, unhas enterrando, dentes rasgando. Ninguém ameaçaria seu pai. Ninguém. No entanto, a

promessa de Brendal, de convocar outros, conteve a garota. Lutar um contra um era possível. Mais que isso, incerto.

— Como exatamente você espera que eu a ajude?

A frustração brotava, a primeira emoção verdadeira a surgir no belo rosto da fada.

— Eu já disse. Venha comigo. Você vai enfraquecer as bruxas enquanto eu pego o garoto.

— E isso é tudo?

— Sim.

Ela sabia que Mary Ann podia sugar a energia das bruxas? Ou apenas falava isso por que a garota era capaz de neutralizar habilidades?

— E o que você vai fazer com Aden?

— Assim que ele me disser o que quero saber, eu o libertarei.

Ou então ela tentaria matá-lo. Porque Mary Ann conhecia a resposta que a fada estava procurando e sabia que aquele ser faérico não gostaria do que viria a descobrir. Seu irmão estava morto, e Aden era o causador de tal morte.

— Você o libertará? Independentemente de qual for a resposta?

Ela consentiu com a cabeça.

— Independentemente.

— Por que devo confiar em você?

— Você tem alguma outra escolha?

Deus, ela queria que Riley estivesse ali para dizer se as fadas mantinham ou não suas palavras.

— E com relação ao encontro das bruxas?

O ar de triunfo substituiu a frustração da fada.

— Não posso forçá-las a convocar uma reunião oficial.

Pelo menos ela tinha sido sincera. Com relação a isso.

— Está bem. Vou ajudar. Depois disso...

Trinta



O BEIJO NO SOFÁ, QUANDO ELE SENTIU o gosto de sangue. Não era o seu próprio sangue, Aden percebia agora. Era o de Victoria. Ela lhe tinha dado algumas, mas suficientes, gotas. Acidentalmente? De propósito? Agora ele estava dentro da cabeça da vampira, ouvindo os pensamentos dela, vendo o mundo pelos olhos dela. Sentindo a dor dela.

E, ah! Como ela sentia dor! Havia uma queimadura no peito de Victoria, pouco acima de onde seu coração batia, como se a pele tivesse sido marcada a fogo. No entanto, ela não parecia nem perceber.

A vampira estava diante de Riley, os olhos cortavam a escuridão. Eles estavam na floresta, lobos e duendes lutavam por toda a volta. Rosnados e gritos e comandos e gemidos de agonia preenchiam o ar.

—... O encontrei. — ela estava dizendo. — Ele está em uma caverna em outro estado.

Riley enxugou o sangue que escorria na testa.

— Eu sei. Nós também conseguimos senti-lo. Só que não podemos sair dessa floresta antes de darmos um jeito nesse bando de duendes. Caso contrário, eles irão atrás dos humanos.

— Bem, preciso de alguns de vocês para me seguirem até a caverna... Depois que eles voltarem para a mansão e reunirem o máximo de guerreiros vampiros que conseguirem.

Riley sacudiu a cabeça.

— Você vai levar lobos e vampiros, mas não vai entrar sozinha na caverna.

Teimoso. Como sempre.

— Eu posso me movimentar mais rápido que vocês. — Para provar isso, ela agarrou um duende que passava por ali pelo pescoço, mordeu a criatura e sugou até que ele secasse em poucos segundos. O corpo caiu enquanto Victoria tentava não tremer por ter bebido até a última gota de sangue. Sangue de duendes sempre tinha gosto de bÍlis. —Vocês só farão que eu demore mais. E Aden pode estar... Ferido.

— Você vai ser distraída pelas bruxas, Victoria. — o olhar de Riley estava aguçado. — Você sabe que isso vai acontecer. E aí você vai acabar fazendo mais mal do que bem.

Não. Ela não faria. Aden era sua prioridade.

— Como você pôde ver, eu acabei de me alimentar. Não estou com fome e estou desperdiçando meu precioso tempo com essa conversa. Só estou aqui para pedir que você não deixe nem os lobos nem os vampiros entrarem na caverna enquanto eu estiver lá. Eles vão acabar arruinando tudo. Está bem? Eles só devem lutar contra as bruxas do lado de fora.

Agora Riley franziu a testa, a desconfiança dançava em seus olhos.

— Por quê? O que eles vão arruinar? O que você está planejando?

O que é necessário. Ela não disse as palavras em voz alta.

— De qualquer forma, preciso que você me ouça. Seu pai...

Está morto. Ela já sabia.

— Adeus, Riley. — disse a vampira, ficando na ponta dos pés para beijar a bochecha do lobo. Então, antes que o mutante pudesse segurá-la, Victoria se teletransportou. O chão abandonou os pés da vampira, o vento bateu contra seus cabelos e ela girou... Girou... A

escuridão se aproximava, os sons desapareciam. Quando Victoria chegou ao seu novo destino, a escuridão abriu caminho para raios de luz e sua respiração trêmula desfez o silêncio.

De repente, Aden estava olhando para si mesmo.

— Aden. — a voz de Victoria acariciava os ouvidos do garoto. — Aden. Acorde.

Um golpe pontiagudo bateu contra a bochecha dele, e mais um golpe, enquanto o garoto observava Victoria dar tapas em seu rosto. Lentamente, ele abriu os olhos. A caverna parecia estar coberta de parafina. Ele piscou mais uma, mais duas vezes. Sua imagem desaparecia, dando lugar à de Victoria.

Ela estava aqui. Com ele.

— Vá embora. — resmungou Aden. Se elas a encontrarem... — Agora.

— Shhh. — Victoria puxou a hera em volta dos pulsos do garoto, mas quando ela finalmente conseguiu cortar um ramo, outro rapidamente cresceu no lugar. — A reunião foi oficializada?

— Não. — Admitir isso o deixava envergonhado. — Que horas são?

— Quase meia-noite. A verdadeira contagem regressiva começou. — Parada, Victoria continuava puxando e rasgando a hera. — Se eles não nos tivessem mantido ocupados, eu teria vindo antes.

— Deixe-me aqui e tente fazer as bruxas voltarem para me encontrar. É o único jeito.

— Não. Se não fizer isso agora, posso não... Posso...

Morrer, ela terminou a frase para si mesma.

— E você vai ficar preso. — ela murmurou, ainda cortando a hera. — Não posso permitir que isso aconteça.

Ele não podia falhar. Não podia falhar. Não iria falhar.

— Você sabe onde estão as bruxas?

O que você está planejando? Perguntou Caleb, falando pela primeira vez no que parecia ser uma eternidade.

Aden o ignorou. Quando o assunto era as bruxas, aquela alma não tinha um pinga de objetividade.

Com um chiado de frustração, Victoria segurou a planta, puxou-a e cortou a raiz com os dentes. Os braços de Aden caíram pesadamente nas laterais do corpo enquanto a vampira jogava os ramos no chão.

— E as bruxas? — Perguntou novamente o garoto, tentando sentir os ombros.

Você não está pensando em ferir as bruxas, está? Perguntou Caleb.

E se ele estiver? A irritação pulsava em Julian. *E se for, elas ou nós?*

Pessoal, vocês precisam... Começou Elijah, apenas para ser interrompido.

— Não aguentou ficar longe de mim, princesa, e decidiu me procurar? — Perguntou Jennifer. — Fico emocionada, de verdade.

— É mesmo. Obrigada por se juntar a nós. — Disse Marie. — Agora não vou precisar me preocupar em enviar um convite impresso para as festividades desta noite.

As bruxas tinham voltado.

Ao ouvir a voz de Jennifer, Victoria deu meia-volta, estendendo os braços de modo a formar um escudo na frente de Aden. Ele a empurrou para trás de seu corpo. As bruxas o queriam vivo, já quanto a Victoria, não se poderia dizer que as feiticeiras queriam a mesma coisa. Quando ela tentou voltar para frente de Aden, ele não permitiu, apertando o punho da vampira.

— Você acha que não percebemos o momento exato em que pisou em nossas terras, sua carrapata? — Disse Marie. Uma a uma, as bruxas marcharam até as pedras, tomando seus lugares em volta do garoto. Elas ainda vestiam mantos vermelhos. — Agora podemos assistir à sua morte e festejar por saber que teremos uma inimiga sanguessuga a menos.

— Não. — esbravejou Aden. Apesar do frio, o suor brotava em sua pele. — Convoquem a reunião. Agora.

Marie consentiu com a cabeça como se tivesse intenção de obedecer.

— Farei isso. Assim que você me der seu voto de lealdade.

— E trocar uma sentença de morte por outra? Não.

Ela acenou com a cabeça, mais uma vez parecendo complacente.

— Então você tomou o problema para si, Haden Stone. Eu esperava que a situação não chegasse a esse ponto, mas... Você não vai nos ajudar e, por isso, deve morrer com seus amigos. Irmãs?

Braços se estenderam, dedos se entrelaçaram, fechando o círculo.

Atrás dele, Victoria estava tensa.

— Quando eu der o sinal, abaixe. — murmurou a vampira. — Eu cuido das bruxas.

Não! Gritou Caleb.

É a única saída, disse Elijah. *Como Julian disse, é, ou as bruxas, ou nós.*

Então somos nós! Elas que se danem.

Aden ignorou as almas. Em menos de um segundo, o garoto já tinha entendido qual era o plano de Victoria e queria vomitar. A dor no peito da vampira... Ela tinha desfeito sua proteção. Victoria libertaria seu monstro, faria com que ele matasse as bruxas para proteger Aden. Porém, ao fazer isso, ela também mataria todas as chances de obrigar as bruxas a convocarem a reunião.

Victoria tinha planejando morrer, mas ela também pretendia levar aqueles que ameaçavam seu povo e Aden com ela.

Ele precisava detê-la. Precisava salvá-la. Quão boa seria sua vida sem ela?

— Parem! — Gritou uma voz suave antes que ele conseguisse pensar em um plano.

Brendal caminhou para dentro da caverna. Uma Mary Ann bastante amedrontada a acompanhava. Não. Não! Aden resmungava em voz baixa. Ela também? Não. Não aqui. Não agora que o monstro de Victoria estava tão próximo de ser libertado.

A vampira suspirou. As repercussões também a atingiam.

— Não faça isso. — ele murmurou. — Por favor.

— Que ótimo. Agora só falta o lobo. — disse Marie. O tom da feiticeira era otimista, mas seu rosto era quase... Cruel. Definitivamente assombroso. — Tenho certeza de que ele está a caminho. Aonde essa carrapata vai, ele vai atrás.

— Não vi nenhum sinal de lobos lá fora. — disse Brendal.

— Mas eles vão aparecer, então, fique alerta. Por enquanto, leve a garota para fora. — Marie acenou para a entrada da caverna com uma mão que repentinamente começou a tremer. Ela olhou para essa mão e franziu a testa. — Leve a garota, agora.

— Eu sinto como se... Como se eu estivesse... — Começou a dizer outra bruxa, esfregando a mão no peito como se sentisse dor.

— Meus poderes estão...

— Sugadora! — Disseram as bruxas em uníssono, e naquelas vozes havia tanto terror que Aden chegou a contrair os músculos. Apenas Marie e Jennifer não pareciam surpresas.

— Tire essa garota daqui e a segure até que o feitiço comece a surtir efeito! — Gritou Marie. O uivo de um lobo ecoou pela caverna; a bruxa ficou tensa. — Conforme previsto, os lobos chegaram.

Brendal sacudiu a cabeça.

— Acho que não vou fazer isso. Quer dizer, acho que não vou levar a garota para o lado de fora.

— Do que você está falando?

— Mary Ann. — gritou Victoria, de repente. — Corra!

Não, não, não! O sinal. Aden se jogou contra o chão enquanto Caleb gritava uma negação carregada de tortura. A besta que vivia no interior do corpo de Victoria voou, urrando.

Mary Ann gritou, mas correu conforme a vampira havia mandado, diminuindo o passo somente quando Brendal a segurou pela camiseta. A garota deu meia volta e bateu a mão contra o nariz da fada. Houve um gemido enquanto sangue escorria. Brendal soltou Mary Ann e a garota correu para longe.

Depois disso, Aden não conseguiu mais vê-la. As bruxas correram para a saída, mas a besta as atacava, dentes brilhantes pingando sangue, urros. A fera atacava, as feiticeiras recuavam. Aquela criatura não as deixava ir muito longe antes de atingi-las com a cauda e com as asas. Tanta força... As bruxas se jogavam contra as paredes da caverna, o corpo delas se cobria de terra.

A maior parte das feiticeiras devia estar protegida contra ferimentos físicos, pois nenhum corte aparecia no corpo delas, nem mesmo quando aqueles dentes, afiados como lâminas, mordiam a pele. Porém, elas gritavam como se sentissem os ferimentos que estariam sendo feitos no corpo. Algumas bruxas, todavia, não estavam protegidas. Elas sangravam. E sangravam. Aden pulou e ficou de pé. Victoria, trêmula, apoiou-se no garoto, tentando se controlar, murmurando: — É tão bom. Só um gole. Só um golinho.

Primeiro o que era prioridade.

— Não mate as bruxas. Por favor. — disse Aden à besta. Ele precisava delas.

Por favor, ecoou Caleb.

Aqueles olhos escuros e enormes acenderam na direção do garoto. Eles irradiavam algo que parecia ser fome e raiva. Raiva contra o tratamento que as feiticeiras tinham dado a Aden. Naquele momento, o garoto praticamente podia ouvir os pensamentos da besta. As bruxas eram uma ameaça para ele e todas as ameaças deviam ser eliminadas.

— Por favor. — repetiu Aden. O garoto recebeu um assentimento quase imperceptível. — Obrigado.

Então foi a vez de Victoria. Aden a fez recuar até uma parede e a empurrou para um canto. A besta tinha passado quase um século dentro dela, ainda assim, Victoria não tinha controle algum sobre aquela criatura e, portanto, a fera poderia ser considerada outra ameaça. Aden não estava disposto a arriscar.

O garoto olhou para Victoria, viu que os olhos da vampira estavam iluminados, vidrados, focando em algo que estava atrás dele. Ela lambeu os lábios várias vezes, como se já provasse da doçura que tanto queria. Ele devia tentar alimentá-la com seu próprio sangue, ou isso só faria aquela vontade aumentar?

—Victoria. — Aden sacudiu a cabeça. — Preciso que você fique aqui. Está me entendendo?

A vampira não respondeu. Ela continuava olhando para o que estava atrás do garoto, para o sangue.

Ele a beijou, um beijo forte e rápido, mas suficiente para ganhar a atenção da vampira. Ela piscou para ele.

— Aden?

— Fique aqui. — ele ordenou. — Entendeu?

Aden se movimentou, esquivando-se de uma bruxa frenética após outra. Alguém segurou seu braço e sacudiu, fazendo com que ele tropeçasse para o lado, o garoto conseguiu se soltar e agachou, continuou procurando... Observando... Lá estava. Marie.

O pânico tomava conta das feições da feiticeira, que guiava suas irmãs para longe do perigo. A bruxa se aproximava dele... Quase lá...

Aden pulou na direção de Marie, empurrou-a para baixo e rolou por cima de seu corpo, prendendo-a contra o chão irregular.

Cuidado, implorou Caleb.

Marie lutava, mas Aden conseguiu segurá-la.

— Convoque a reunião oficial.

— Não! — O pânico diminuiu, e Marie segurou o queixo do garoto, forçando-o a olhar diretamente em seus olhos. — Ouça bem, Haden Stone. Você me ama, Você quer me obedecer. — A feiticeira emanava poder, um poder que crescia, espalhava-se, envolvia-o. — Sim, você me ama tanto!

Sim, disse Caleb. *Sim*.

Um feitiço. Percebeu Aden. Ela estava lançando um feitiço, o desejo de amá-la e adorá-la de repente invadia o garoto. Impossível. Ele estava protegido contra manipulação mental. Não estava? Ou ele estava sentindo... O amor que Caleb tinha por ela? A necessidade que Caleb tinha de obedecê-la? Ou seria o amor uma emoção vinda do coração e não da mente, e, portanto, ele poderia sentir o que ela quisesse?

Alguém tentava, fisicamente, fazer ele se concentrar em si mesmo. Victoria, ele pensou. Aden reconhecia o calor das mãos da vampira. Ainda assim, o garoto resistia. Caleb murmurava sobre como Marie estava certa, sobre como tudo ficaria bem se eles fizessem o que ela desejava.

— Aden!

A voz, tão familiar, tão adorada, lembrou Aden de que ele tinha uma missão a cumprir. Alguma coisa ligada a seus amigos. Os amigos! Sim. Ele precisava salvá-los.

Aden deu um empurrão mental em Caleb e, então, a necessidade de satisfazer Marie desapareceu. Em seguida, o garoto olhou para a bruxa.

— Convoque a reunião. Agora! Faça isso e a besta irá sossegar.

— Escute bem. — Ela virou os olhos, trazendo Caleb de volta à superfície, atraindo-o, capturando os dois em sua armadilha, suplicando para que Aden obedecesse, para que ele deixasse de lado seus propósitos uma segunda vez. — Você me ama. Você deseja... — Marie gritou quando a besta a segurou pelo braço e a arremessou no ar.

Quando a feiticeira caiu contra o chão, houve uma forte pancada. Ela lutava para respirar. O olhar de Aden continuou preso a ela. Amar... Obedecer...

— Aden. — chamou Victoria, sacudindo-o. — Aden! Ouça o que digo. Ouça o que eu digo! Você precisa lutar.

Marie conseguiu se levantar e se sustentou sobre as pernas trêmulas. Ela levantou os braços, os olhos estavam apertados, ainda apontados para o garoto.

— Você me ama. Você vai me obedecer.

Amar, obedecer, disse Caleb.

— Ela está ferindo Aden. — Victoria gritou para a besta e, um segundo depois, Marie estava gritando novamente, sendo jogada contra outra parede. Ainda, a bruxa se levantou mais uma vez, pronta para concluir o feitiço.



Do lado de fora, sob a luz da lua, Mary Ann cambaleava. Havia um... Um dragão na caverna. Um dragão de verdade. *Eu não devia ter corrido*, pensou a garota, mas a necessidade de fugir era instintiva. Mary Ann tinha entrado em pânico. E obedeceu Victoria sem hesitar. Talvez, entretanto, ela não estivesse mais segura aqui fora. Outra guerra estava sendo travada.

Minutos antes, tudo o que havia nesse cânion rochoso era uma profunda calma; agora, vampiros e alguns lobos lutavam contra mais fadas e elfos do que Mary Ann seria capaz de contar. E essas fadas e elfos eram cruéis. Eles podiam não ter o *je la nune*, mas lutavam com espadas, arrancavam pelos, tentavam atingir os olhos, as orelhas e a boca dos vampiros. Sangue jorrava por todos os lados.

Riley estava por ali. Mary Ann sabia que Riley estava por ali. Ele teria seguido Victoria. Então, onde exatamente estava o mutante? Se ele estivesse ferido, ela iria...

Atrás dela, um grito de fúria e, então, um forte peso a empurrou contra o chão. Antes de cair, a garota percebeu que Brendal a tinha seguido. Então, Mary Ann atingiu o chão, perdeu o ar e a linha de pensamento.

— Você não pode fugir. — gritou a fada, puxando-a pela camiseta até que Mary Ann se levantasse. — Você precisa convencer Aden a me contar o que aconteceu com meu irmão.

A meia-noite logo chegaria e então estaria decido quem era o vencedor (e o perdedor) desta batalha. Por bem ou por mal. Se Mary Ann morresse, essa mulher nunca descobriria a verdade sobre seu irmão. Se a situação fosse inversa, se fosse o irmão de Mary Ann que estivesse desaparecido, a garota estaria tão decidida e desesperada por encontrar respostas quanto Brendal estava.

— Seu irmão... Seu irmão está morto. — disse Mary Ann com uma voz sussurrada, ainda lutando para conseguir respirar. A garota tentou não se encolher em consequência do medo que sentiu quando alguém gritou atrás dela. Choque. Descrença. Raiva. Todas as três emoções estampavam o belo rosto de Brendal. A fada sacudiu a cabeça, aqueles cabelos claros batiam contra as bochechas pálidas.

— Não.

— Sim. Ele está. Sinto muito.

A fada estreitou os olhos.

— Então onde está o corpo dele?

— Não sei.

— E quem sabe?

— Por favor. — pediu Mary Ann. — Diga ao seu povo para que eles deixem os lobos em paz.

— Quem sabe?! — Enquanto falava, a fada sacudia Mary Ann com tanta força que a garota podia sentir o cérebro batendo contra o crânio. — O garoto? O lobo? A vampira?

Novamente, Mary Ann ignorou a pergunta. Ela tinha dado uma resposta à fada, mas não estava disposta a condenar seus amigos.

— Você me contaria a troca de salvar sua própria vida? — Brendal colocou a mão para trás e, quando aquela mão surgiu novamente, ela segurava uma adaga. A fada segurou a ponta da arma contra o pescoço de Mary Ann, cortando a pele da garota, queimando. Não era suficiente para matar, era apenas suficiente para ferir.

Lute. Você sabe lutar.

Porém, quando Mary Ann se moveu para arrebentar o nariz da fada com a cabeça, a adaga entrou mais profundamente. A garota congelou, trêmula, suando frio. Ela estava mais forte do que nunca, é verdade, e tinha recebido treinamento para lutar; mas aquilo, aquilo ela não sabia como combater.

Um uivo se espalhou pelo ar, uma mancha negra surgiu no canto do olho de Mary Ann e, então, Brendal voou para o lado, para longe da garota. Riley, na forma de lobo, pousou sobre a fada, fazendo seu melhor para dominá-la. O alívio de Mary Ann não durou muito. Riley não teve muita sorte, seus movimentos se tornavam cada vez mais lentos, cada vez mais fracos.

Estaria ele sendo sugado? Estaria Brendal, de alguma forma, deixando-o mais fraco?

Eu sou a Sugadora, pensou Mary Ann sombriamente. Se alguém ali fosse enfraquecer, esse alguém seria a fada. Decidida, ela se levantou e cambaleou até os corpos que ainda combatiam. Riley deve ter sentido alguém se aproximar, pois ele olhou para trás e rosnou. Quando percebeu que era Mary Ann, ele voltou a atenção a Brendal.

— Segure-a o mais forte que você conseguir.

Enquanto Riley jogava todo o seu peso na oponente, prendendo-a contra o chão, Mary Ann se agachou e colocou a mão no pescoço da fada, onde sua veia pulsava. Nas outras ocasiões, a garota não tinha tocado na bruxa para sugar energia, mas ela tinha tanta fome que a sucção tinha sido involuntária. Dessa vez, ela suspeitou que seria necessário usar a força.

Mary Ann fechou os olhos, tentou limpar a mente. Um pensamento indesejado surgiu. Se ela fizesse isso, todos saberiam quem ela era. Seu segredo se tornaria público. Ela estaria marcada para morrer. Bem, mais do que já estava. Não apenas pelas fadas, mas também pelos lobos e pelos vampiros.

Outro pensamento se formou. Se Mary Ann não fizesse isso, Riley acabaria ferido. E, além do mais, ela talvez nem sobrevivesse àquela noite, de uma forma ou de outra. O que, então, ela tinha a perder?

Finalmente, a garota conseguiu se livrar de todos os pensamentos. *Estou com fome*, ela disse a si mesma. *Muita fome*.

Mary Ann esperou. O calor permanecia longe, fora de alcance.

Estou morrendo de fome. Preciso da energia dessa fada.

Outra vez, nada.

Hora de se reorganizar. Até agora, a habilidade só tinha funcionado com as bruxas. Riley tinha dito que Mary Ann começaria com as bruxas, mas que sua necessidade se expandiria para fadas e, depois, para todos os tipos de criaturas. Talvez ainda fosse cedo demais para se alimentar de outra raça.

Não. Não. Ela conseguiria fazer isso. Ela precisava fazer isso. Mary Ann manteve toda a sua concentração na fada. A pele de Brendal era suave. Seu pulso era forte, tão forte quanto um tambor. Uma música. Mary Ann ouvia aquela música, permitindo que as batidas tocassem dentro de sua mente, absorvendo-as em seu sangue.

Brendal se sacudia, tentando se libertar.

O calor pelo qual Mary Ann ansiava logo surgiu, invadindo-a e... Ah! Aquilo era ótimo. Como estar em um chalé, com neve em toda a volta e, ainda assim, tendo um fogo queimando bem diante dela, acalmando-a.

No entanto, a música se tornou mais lenta. Mary Ann franziu a testa. Ela ainda não tinha terminado e agora a melodia não era mais tão bela. Faltava alguma coisa. E, logo em seguida, o calor também desapareceu. Ela queria mais daquele calor. Precisava de mais daquele calor.

Chega. Você precisa se afastar, Mary Ann, ou acabará matando a fada. E eu sei que você não quer matá-la.

A voz de Riley gritou dentro da cabeça da garota, acordando-a daquele transe. Mary Ann tirou a mão da fada, piscou uma ou duas vezes e abriu os olhos. Brendal continuava deitada, sem movimentos, quase sem conseguir respirar, mas, felizmente, viva.

Mary Ann tinha conseguido. Tinha mesmo conseguido. Ela tinha sugado a energia da fada.

Você consegue sugar os outros? Perguntou Riley. *Só o suficiente para enfraquecê-los?*

Tremendo, a garota observou a batalha, que ainda continuava. A maior parte dos lobos estava tão sem energia quanto Riley. As fadas, por sua vez, pareciam mais fortes que nunca. Mary Ann sentia vergonha por conta da pequena chama de alegria que havia se acendido em seu peito. Não porque ela queria ajudar, mas porque ela queria ouvir mais daquela música, porque queria sentir mais daquele calor.

— Posso tentar.

Trinta e Um



VICTORIA FICOU DIANTE DE ADEN e o beijou, exatamente como ele tinha feito com ela. A vampira estava lá, nos braços do garoto, exatamente como ele gostava. Com o toque dos lábios quentes e suaves de Victoria, Aden recuperou a razão. As súplicas de Caleb foram ignoradas, o controle que a bruxa exercia sobre o garoto foi quebrado. Antes que Aden pudesse agradecer a vampira, entretanto, ela pulou para longe dele... Voando na direção de Marie.

— O que você está...

As duas se chocaram e rolaram no chão em um emaranhamento de braços e pernas. A pele de Victoria não podia ser cortada, portanto, Aden não se preocupava com ela. Ainda, o garoto se aproximou da besta, que havia se posicionado na entrada, mantendo todos do lado de dentro, e levantou a mão como se fosse acariciá-la. Aquela criatura (ela precisava de um nome. Chomper, talvez?) inspirava e bufava pelas narinas, claramente agitada por conta de toda aquela violência.

—Você poderia, por favor, enfileirar as bruxas na parede para mim?

O silêncio se instalou por um momento. Ninguém se movia, ninguém respirava. Todos esperavam para ver o que aconteceria. Finalmente, a besta abaixou a cabeça e começou a pegar as bruxas com a boca, às vezes várias de uma só vez, e jogá-las contra a parede. Aquelas que ainda estavam conscientes tentavam correr para longe, mas a fera rosnava diante do rosto delas e elas retornavam “voluntariamente” para a parede.

Finalmente, só restava Marie. A briga entre ela e Victoria não tinha diminuído o ritmo. Nem estava mais gentil. Unhas arranhavam, dentes mordiam, punhos socavam e pés chutavam.

Quando a besta se moveu na direção de Marie, Aden disse:

— Não, ela não. Não até eu afastar a vampira, está bem?

Chomper bufou enquanto consentia com a cabeça.

— Bom garoto. — disse Aden. — Vou fazer muito carinho em você quando tudo isso acabar.

A língua de Chomper rolou para fora da boca, vermelha e molhada, enquanto a criatura abanava o rabo.

Aden se virou para as garotas, ainda brigando. Elas rolavam no chão, seus socos estavam cada vez mais fortes (nariz, garganta, estômago) e seus chutes cada vez mais cruéis. Não havia puxões de cabelo ou tapas. Aquilo era uma briga realmente violenta e, ao que tudo indicava, elas lutariam até a morte. Sem que uma gota de sangue caísse, já que nenhuma delas sangrava.

Qual seria a melhor maneira de separar uma bruxa e uma vampira?

Caleb tagarelava, mas Aden tentava não se permitir ser distraído.

— Victoria, pare. Por favor.

Um momento se passou antes de a vampira reagir. Então, ela se jogou para longe e se prendeu à parede, com os braços abertos e as unhas enterradas nas rochas, como se elas fossem a única coisa que mantinham a vampira ali.

Marie deu meia volta, encarando Aden.

— Não temos mais muito tempo. — ela provocou.

Aden ergueu a cabeça, recusando-se a recuar.

— Então não há muito tempo para nenhum de nós, porque vou arrastar vocês para o túmulo junto comigo.

— Você vai tentar.

— Eu vou conseguir.

— É mesmo? E quanto a ela? — Sorrindo, Marie ergueu a mão e balançou os dedos, mostrando um anel bem parecido com aquele que Victoria sempre usava.

Aden percebeu o que estava prestes a acontecer, e seu estômago virou.

Victoria se jogou para a direita, distanciando-se da bruxa, mesmo enquanto Aden projetou o corpo na tentativa de protegê-la, fazendo o líquido cair sobre ele, mas o garoto não foi rápido o suficiente, e cada gota daquele veneno atingiu Victoria. Rosto, pescoço, braço e lateral do corpo. A vampira imediatamente caiu, gritando de dor, com as roupas e a pele chamuscando.

Aden mudou de direção e deu um golpe em Marie. Eles rolaram até que o garoto estivesse por cima dela, prendendo-a com as pernas e a segurando contra o chão. Ele estava tão nervoso que poderia espancar aquela bruxa. Poderia. No entanto, Aden nunca tinha batido em uma mulher antes e não queria fazer isso agora. Então, ele se levantou e abriu caminho.

— Pegue ela. — o garoto conseguiu gritar enquanto rangia os dentes.

Chomper pegou a feiticeira e a jogou contra a parede. Ela soltou uma lufada de ar em um gemido dolorido.

— Segure-a no chão.

A besta foi novamente na direção da bruxa, prendendo-a contra chão, da mesma forma como Aden tinha feito, mas usando os dentes em vez de as pernas.

Ela lutou contra a fera.

— Solte-me!

Aden correu até Victoria. Em seguida, o garoto pegou o corpo trêmulo da vampira nos braços e levou o pulso até a boca dela. Victoria imediatamente mordeu, sugando o sangue.

— Convoque a reunião. — disse Aden à bruxa.

— Por que você não vem até aqui e pede na minha cara? — Esbravejou Marie.

Para que ela pudesse jogar outro daqueles encantos? Até parece.

Faça o que ela diz, implorou Caleb. Precisamos fazer o que ela diz.

Caleb! Cara! Impossível. Deixe Aden em paz. Essa bruxa é péssima, resmungou Julian.

Não, ela não é!

Julian insultou Caleb.

Ele está sob o efeito do encanto, explicou Elijah. Exatamente como Aden estava. A diferença é que Caleb ainda não conseguiu se libertar. Vocês não vão conseguir ter uma conversa produtiva até ele conseguir se libertar.

Victoria já tremia menos e, então, soltou os dentes do punho de Aden. Com a mão livre, o garoto tirou os cabelos do rosto da vampira. Agora ele passou a tremer mais enquanto o efeito da mordida começava a lhe causar tonturas.

— Acho que vou ficar por aqui. — disse Aden. Os olhos de Victoria estavam fechados e ela respirava pesadamente. A vampira irradiava tensão, apesar de não estar gritando. — Agora convoque a reunião, Marie, ou vou deixar a besta acabar com você. E se você estiver protegida contra a morte, vai viver no estômago dela, provavelmente deteriorando com o ácido. Sempre com dor, sem que a morte nunca a alivie.

— Não estou nem aí! Você está me ouvindo? Eu não estou nem aí. Eu poderia convocar uma reunião oficial, você está certo quanto a isso. Não preciso de nossas irmãs mais velhas. Porém, seus amigos precisam morrer. E assim será. À meia-noite. Eles são perigosos. Eles são demoníacos. Eles vão morrer.

Ela não cederia e, se estivesse dizendo a verdade, eles morreriam em poucos minutos. Só restaria a Aden forçá-la a fazer o que ele queria. E só havia uma forma de fazer isso.

O garoto apoiou Victoria contra o chão e se levantou. Depois, aproximou-se de Chomper.

— Independentemente do que acontecer, continue segurando a bruxa. — disse Aden, acariciando a besta, que concordou com a cabeça.

O que você está fazendo? Perguntou Caleb. *Não machuque Marie. Por favor, não machuque Marie. Nós amamos essa bruxa.*

— Só há uma forma de chegarmos a um final feliz para todos, Caleb.

Pelo menos era o que Aden esperava.

Possessão?

— Sim. — Ele a forçaria a convocar a reunião. E ele torcia para que seu plano funcionasse. — E enquanto estivermos lá, procuraremos nas memórias por lembranças do seu passado. Assim está bom para você?

Se era necessário barganhar com a alma, então Aden barganharia.

Você não vai forçá-la a fazer nada que seja prejudicial para ela?

— Eu não dei um soco nela quando tive a chance, dei?

Está bem, então. Sim.

— O que você está fazendo? — Marie lutava com mais forças agora. — Pare. Não chegue perto de mim!

— Achei que você quisesse que eu me aproximasse. — Aden agachou, segurou o pulso da bruxa e fechou os olhos para não ser enfeitiçado. Ele gritou enquanto se transformava em uma bruma e tentava entrar no corpo de Marie. No entanto, havia algum tipo de bloqueio no corpo dela, um bloqueio que o manteve distante.

Uma proteção.

Caramba! Aden se materializou novamente.

— Parece que teremos de feri-la. — disse o garoto, suspirando. — Mas é para salvá-la, Caleb. — ele acrescentou antes que a alma pudesse protestar.

Não!

Desesperado, mas sem se deixar intimidar, Aden fez uma busca pelas bruxas. O garoto confiscou todos os anéis que encontrou (apenas quatro) e caminhou novamente na direção de Marie.

— Diga qual proteção devo desfazer ou então destruirei todas. — Um juramento. — E vai doer, Marie, você sabe que vai doer.

Aden...

Ela viu os anéis na mão do garoto e se calou, o pânico invadiu os olhos da bruxa. Pânico e medo. Ele faria aquilo, ela tinha que entender que ele *realmente* faria aquilo. Aden não queria, mas, se fosse necessário...

— Não. — disse ela. — Eu... Eu não vou falar. Não posso falar! Tente entender.

Havia uma proteção tatuada no punho de Marie.

— Eu não tenho tempo para entender.

Aden segurou o braço da feiticeira e pingou algumas gotas de *je la nune* sobre a tatuagem. Marie gritou, seu corpo arqueava enquanto a dor tomava conta dela. O cheiro de carne queimando subiu.

Ele tentou possuí-la novamente, mas encontrou o mesmo bloqueio. *Firme.*

— Mais uma chance, Marie. Não vou parar até que todas elas desapareçam.

— Se eu... Convocar a reunião... Você jura nos libertar? Vivas.

— Sim. — disseram Aden e Caleb ao mesmo tempo, embora o garoto não se atrevesse a esperar que ela fizesse isso. Ainda. — Se você jurar que não vai lançar nenhum feitiço quando sair daqui.

— Eu juro. — ela cerrou os dentes.

Graças a Deus. Graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus. Pode ser que isso funcione. Pode ser que as coisas deem certo.

— Então convoque uma reunião oficial, e juro por minha vida e por minha morte que você e suas irmãs sairão livres dessa caverna.

— Ninguém pode nos seguir.

— Eu juro que ninguém as seguirá.

Marie expirou o ar que tinha nos pulmões enquanto a cabeça caía contra o chão. Ela olhou para o céu, lágrimas caíram dos olhos. Se ela quisesse desperdiçar tempo, esperar até que fosse tarde demais...

— Faça isso agora! Ou eu vou pingar mais *je la nune* em você.

Aden pegou o outro braço da bruxa, expondo a proteção que ali estava tatuada.

Ela fechou os olhos.

— Eu considero... Essa reunião... Oficial.

Ele esperou por vários segundos e nada aconteceu. Aden não estava certo do que esperar, mas certamente não esperava isso.

— É tudo? Isso é tudo o que você tem de fazer? Tudo o que você tem a dizer?

— Sim.

— Meus amigos estão salvos?

— Sim, garoto maldito.

Aden caiu de joelhos. Graças a Deus. Seus amigos estavam salvos. Eles finalmente estavam salvos, livres do feitiço. Aden ficou daquele jeito por uma eternidade, tremendo, deleitando-se, aliviado, chocado, paralisado, entusiasmado, paralisado e enjoado. Eles quase perderam a guerra. Então, o garoto finalmente aceitou a abençoada vitória.

Outra batalha, outra vitória. No entanto, dessa vez tudo parecia melhor. Eles estavam salvos.

— Pode soltá-la agora. — disse Aden a Chomper. A besta imediatamente obedeceu. — Você poderia, por favor, olhar a vampira enquanto tomo conta das bruxas?

A fera consentiu e então flutuou na direção de Victoria, mostrando os dentes para as bruxas, uma forma de aviso.

— Carregue as que não conseguem andar sozinhas e me siga. — disse Aden à mulher que quase destruiu todos que ele amava. Sem esperar por uma resposta, o garoto se levantou e cambaleou até a entrada da caverna. Passos logo ecoaram atrás dele, alguns se arrastando, pesados na maioria das vezes. Aden se contorceu por um enorme corredor, mas finalmente chegou do lado de fora.

O que o garoto viu o deixou novamente assustado. Ele parou e as bruxas esbarraram em suas costas. Ali fora, havia fadas espalhadas pelo chão. Lobos e vampiros estavam ao redor delas, todos encarando Riley, em sua forma de lobo, que estava na frente de Mary Ann e rosnando. Ele estava... Protegendo a garota? De seu próprio povo?

Enquanto isso, Mary Ann estava pálida e com a mão sobre o estômago, como se sentisse dor.

— Aden. — disse ela em um gemido.

Todos os olhos se viraram para ele. Os vampiros se ajoelharam. As bruxas ficaram boquiabertas e todas deram um passo para trás.

Ele descobriria o que estava acontecendo em um minuto.

— Deixem as bruxas passarem. Não olhem para elas. Não toquem nelas. Não as sigam. Apenas permitam que elas passem.

Aden esperou até que os vampiros e os lobos consentissem antes de abrir caminho.

Embora hesitantes, as bruxas marcharam, levando consigo suas irmãs inconscientes. Os vampiros se dividiram, formando um caminho, e Aden soltou um ar que nem tinha se dado conta de que estava segurando. Ninguém estendeu a mão, ninguém tentou parar as mulheres vestidas em seus mantos.

Agora aos amigos.

— Riley, leve Mary Ann para casa.

A garota estava claramente se sentindo mal e precisando descansar.

— Mas Majestade... — Disse um vampiro coberto de sangue enquanto se levantava. — Ela é uma Sugadora. Ela precisa ser morta.

Alguém teria de explicar aquela coisa de Sugadora, e logo. Mas, por enquanto, Aden se preocupou em esclarecer:

— Não me importo com o que ela seja. Ninguém vai tocar nela e ninguém vai segui-la. Riley, leve Mary Ann para casa como eu disse. Agora!

O lobo se movimentou para trás de Mary Ann e a cutucou para que ela andasse. Novamente, os vampiros e os lobos seguiram o comando de Aden, embora todos estivessem tensos e claramente ansiosos para agir. Mais do que estavam quando as bruxas passaram.

Uma obediência tão cega...

Em um momento repentino de lucidez, Aden se deu conta de que aquele era seu povo. E ele... Ele era o rei. Sim. Sim. O título pareceu certo, incrivelmente certo. Ele havia ganhado o título com sua vitória. Mais do que isso, ele tinha, de alguma forma, domado as bestas que viviam dentro dos vampiros. Ele era o rei e não lutaria mais contra isso.

— O restante de vocês... Fique aqui. Não se mexam. — Aden se virou e caminhou de volta até a caverna. Chomper e Victoria estavam exatamente onde o garoto os havia deixado, mas agora a vampira estava sentada.

— Está melhor?

Aden se agachou do lado de Victoria e apoiou as mãos em seu rosto. Ele gentilmente moveu a cabeça da vampira para a esquerda e para a direita, prestando atenção naquela pele. As queimaduras já estavam desaparecendo.

— Melhor. — Aqueles olhos azuis, tão azuis, o olhavam com preocupação. — E você?

— Estou bem.

— Estou tão contente! — Victoria jogou os braços em volta de Aden, dando beijinhos em todo o rosto do garoto.

Chomper bufou para lembrar Aden de sua presença. Sorrindo, o garoto estendeu a mão e acariciou atrás da orelha de seu novo protetor. Tanta coisa poderia ter dado errado essa noite, ele pensou. Ele poderia ter perdido todos aqueles que amava, porém, com a ajuda daquela criatura, tudo terminou bem.

Melhor que bem.

Depois de convencerem Chomper, relutante, a voltar para dentro do corpo de Victoria (de onde ele poderia proteger melhor os dois, explicou Aden), o garoto e a vampira caminharam para fora da caverna, de mãos dadas. Dessa vez, ele não se surpreendeu ao perceber que suas ordens tinham sido obedecidas. Os vampiros e os lobos continuavam imóveis.

Aden olhou para Victoria e ela olhou para ele. Eles dividiram um sorriso, felizes por estarem vivos, felizes um com o outro.

— Sou o rei. — disse ele.

— Sim. — ela concordou. — Você é.

Aden encarou um público que o esperava.

—Voltem para casa. Descansem. Estou orgulhoso de todos vocês.

Na próxima semana, depois que ele tivesse descansado, Aden convocaria uma reunião. As coisas seriam diferentes de agora em diante. Conforme eles começaram a se teletransportar, desaparecendo, Victoria disse:

— Agora vou levar você para casa.

Um momento depois, Aden estava em seu quarto. Shannon roncava baixo na parte de cima do beliche. Aden olhou para o amigo. *Vou viver por aqui mais um tempo*, ele pensou, *antes de me mudar para a mansão os vampiros com Victoria*. A mansão dos vampiros, de onde ele governaria, conforme esperado. No entanto, havia algumas coisas que ele precisava fazer primeiro. Pelos garotos. Por Dan. Ele queria garantir que eles estariam seguros, para sempre seguros.

Aden não viu Thomas e se perguntava por onde o elfo andaria.

— Vá para casa e descanse também. Porque amanhã... — Disse o garoto, dando um beijo suave nos lábios de Victoria. — Amanhã vamos sair para namorar.

Ela sorriu lentamente.

— Isso é uma ordem do meu soberano?

— Isso é um convite do garoto que ama você.

— Então eu aceito.



— Você precisa ir, Mary Ann. — disse Riley, enfiando as roupas da garota em uma bolsa, várias peças de uma vez. Mesmo enquanto ela puxava as roupas para fora da bolsa. — E, eu vou com você.

— Não vou deixar meu pai. E não, você não vai.

— É a única saída. Se você estiver aqui com seu pai, ele acabará sendo morto para que eles consigam chegar até você. Agora todo mundo sabe o que você é. Aden mandou os vampiros e os lobos deixarem você em paz, mas ele não tem poder sobre as bruxas ou sobre as fadas. E elas vão querer muito destruir você. Especialmente depois desta noite. Então, só para que você saiba, não vou mesmo ficar para trás. Eu quero proteger você.

Riley estava certo a respeito do perigo. Mary Ann sabia que ele estava certo. E isso não tornava a situação mais fácil.

— Eu não posso simplesmente ir embora.

— Deixe um bilhete para o seu pai. — continuou Riley, como se não houvesse dúvidas quanto ao curso de ação de Mary Ann. — Diga adeus. Essa é a única forma de salvá-lo.

Salvá-lo. Nada mais poderia tê-la colocado em ação. Os olhos de Mary Ann se encheram de lágrimas, mas ela parou de tentar evitar que Riley arrumasse a bolsa e caminhou até a escrivaninha. A garota escreveu um bilhete para o pai, dizendo que o amava, mas que precisava ficar longe por algum tempo e que telefonaria assim que pudesse.

Ele ficaria perturbado e se culparia. Deus, naquele minuto ela detestou.

— Mala feita. — disse Riley, decidido.

— Meu pai... Ele ainda está no quarto. A fada ordenou que ele ficasse lá, independentemente do que ouvisse. Acho que ele passou a noite toda lá.

Menos de meia hora tinha se passado desde que Mary Ann tinha chegado em casa, mas a garota já tinha verificado como seu pai estava duas vezes. Em ambas as situações, ele não a

ouviu, não percebeu a presença da garota, apenas continuava sentado no canto da cama com olhos vidrados.

— Vou falar com Victoria e pedir para que ela o liberte da imposição da fada. Alguma outra coisa?

— Sim. Ninguém sabe que Vlad ainda está vivo, O que vai acontecer com Aden quando todos descobrirem? Você precisa ficar aqui e protegê-lo. Ou você perdeu a lealdade que tinha por ele?

Riley fechou os olhos, os cílios se fundiram, mas Mary Ann ainda podia ver a forma como as pupilas do mutante se expandiam e se retraíam.

— Não, não perdi a lealdade por Aden. E nenhuma outra pessoa perderá essa lealdade. Acredite, ele já se mostrou ser mais do que valente quando domou as bestas. E nosso povo preferiria encarar a fúria de Vlad a encarar a fúria de Aden. Ele vai ficar bem. Agora, vamos.

Engolindo em seco, Mary Ann se levantou e encarou Riley. Dizer adeus a seu pai não era a única coisa difícil que ela tinha de fazer.

— Não. — murmurou Mary Ann. Então, falou mais firmemente: — Não, eu já disse. Eu vou sozinha.

— Não! Não, caramba, não! — Riley jogou a bolsa sobre o ombro — Vamos. Juntos.

— Ou vou sozinha, ou fico aqui. — Ela não permitiria que Riley desistisse de tudo por ela, não quando esse ato faria ele morrer. Se não por ela, pelas pessoas que ele deixou para trás. Protegê-la após a batalha com as fadas era explicável, afinal, ela tinha resolvido o problema, derrotado o adversário. Ele tinha se sentido grato. E, ainda assim, os outros tinham vaiado e rosnado para Riley como se ele fosse o inimigo.

Eles o teriam matado bem ali se Aden não tivesse saído da caverna e ordenado que recuassem.

No entanto, eles o perdoariam e o aceitariam de volta no grupo. A não ser que Riley escolhesse Mary Ann outra vez em vez de escolher ficar com seus parentes. Então eles o caçariam, assim como caçariam a garota.

— Eu não estou brincando, Riley. Se eu ficar e Aden for ferido, vou culpar você. Você precisa me deixar ir sozinha.

— E para onde você vai? — Bravejou o mutante.

Mary Ann não sabia, mas, mesmo que soubesse, não diria.

— É melhor que eu mantenha isso em segredo.

Ele rangeu os dentes.

— Por nós dois. — ela acrescentou, tendo que lutar contra mais uma onda de lágrimas. É melhor assim. Não se esqueça.

— Está bem. — disse o lobo com os dedos das mãos pálidos enquanto segurava a alça da bolsa. — Faça isso. Vá.

— Eu vou. — As palavras a sufocavam enquanto ela soltava os dedos de Riley da bolsa e apoiava o náilon pesado no ombro. — Então, acho que é hora do adeus. — Mary Ann se virou antes que as lágrimas comesçassem a cair e caminhou para fora do quarto. Então, a garota parou no corredor. Ela não podia sair assim. Não podia terminar as coisas dessa forma.

Rapidamente, retornou, parando diante de um Riley carrancudo, agarrando-o pela nuca e trazendo a boca do lobo até a sua. O beijo foi rápido, intenso, e a provocou com o gosto selvagem do lobinho, com a força inabalável daquele corpo. Segundos se passaram e ela desejou que aqueles segundos fossem a eternidade. Era isso. O fim, o último beijo dos dois. Ela guardaria o momento e o garoto cru sua memória.

E precisaria disso.

Com um gemido, Mary Ann o soltou e deu meia-volta. Ela correu para fora da casa, na direção da luz do sol.

A garota jogou a bolsa no carro que Riley roubara na noite passada, lembrando-se de como ele tinha dirigido rápido pelas estradas, levando-a do Texas a Oklahoma em tempo recorde. Então ela dirigiu, apenas dirigiu. Sem nunca parar de chorar.



Aden não disse nada sobre seus planos a Dan ou aos outros garotos enquanto tomavam café da manhã e discutiam sobre a Srta. Brendal e sobre como ela tinha desaparecido exatamente da mesma forma como o Sr. Thomas desaparecera. E sobre o fato de Dan querer deixar os tutores totalmente de lado e tentar matricular os outros garotos na Crossroads High, junto com Aden e Shannon.

Todos eles estavam entusiasmados, é claro.

O garoto não disse nada enquanto pegava os livros e a mochila. As almas continuavam tagarelando em sua cabeça: Caleb fazia planos para voltar a encontrar as bruxas, Julian se divertia apontando as falhas em cada uma das idéias de Caleb e Elijah tentava entender porque via mais desordem do que nunca no futuro. Aden os ignorava, ainda nas alturas. Até mesmo Shannon e os outros garotos comentaram sobre como ele parecia feliz, sobre como estava de bom humor.

Aden ainda não sabia o que diria para eles, nem como diria. No entanto, ele não se preocuparia com isso agora. Depois de tudo o que tinha acontecido, tudo o que o garoto queria fazer era desfrutar o dia. E a noite, é claro, quando teria o primeiro encontro romântico “oficial” com Victoria. Ele sorriu. Franziu a testa. A noite nunca chegaria?

No colégio, o dia passava com uma lentidão agonizante, as aulas eram uma tortura absoluta, Apesar do fato de ele estar livre. Livre do feitiço das bruxas e das consequências de tal feitiço. Victoria faltou às aulas, assim como Mary Ann e Riley. Entretanto, Aden não estava preocupado. Eles precisavam descansar. Caramba, ele também precisava de um descanso, mas queria agradar a Dan.

Depois das aulas, o garoto correu para cumprir suas tarefas domésticas. Ou para tentar cumpri-las. Finalmente ele terminou de descascar o milho e de cuidar do estábulo e foi tomar banho. Enquanto a lua começava a aparecer no céu, o garoto vestiu suas melhores roupas: calça jeans e uma camiseta preta. Ele queria levar flores para Victoria, mas não tinha dinheiro e não queria destruir o jardim de Meg.

Aden teria que dar apenas seu coração a Victoria. Outra vez.

Como o garoto não tinha carro e nem permissão para namorar enquanto vivesse no rancho (Dan dizia que garotas e problemas eram sinônimos, já que elas faziam os garotos deixarem os estudos e o trabalho duro de lado), Victoria precisou ir buscá-lo e convencer todos de que Aden estava ali com eles.

E, Deus, muito embora as feridas ainda estivessem cicatrizando e houvesse algumas casquinhas em seu braço, Victoria estava linda! Como estava linda! Ela estava com um suéter azul bem justo e uma minissaia bem clara e bem curta. As cores transformavam a Garota Vampira em um Pedacinho do Paraíso. Os cabelos caíam pelas costas em ondas de seda negra e tudo o que Aden queria fazer era encontrar um canto escuro e passar os dedos por eles.

O casal pulou a janela do quarto de Aden e caminhou de mãos dadas para fora do rancho.

—Você gostou? — Perguntou a vampira. Ela soltou a mão de Aden e deu uma volta na frente dele. — Eu peguei emprestado da Stephanie, é claro. E, por falar na minha família, as

garotas chegaram à conclusão de que você não é “nada mal”. E estou repetindo as palavras delas. Você acalmou as bestas que existem dentro delas, venceu as bruxas e deixou as fadas de joelhos.

— Eu *adorei*. — ele corrigiu. Um pouco distante dali, uma coruja piou. — E diga às suas irmãs que elas também não são nada mal.

Eles dividiram um sorriso. Nos últimos tempos, os dois andavam compartilhando muitos sorrisos, pensou Aden, orgulhoso. Pouco a pouco, Victoria deixava para trás aquele lado sério e sombrio.

— Então... O que vamos fazer? — Perguntou a vampira. — Não consigo acreditar que não temos um feitiço de morte pairando sobre nós ou duendes contra quem lutar.

— Sei como é.

Naquela noite, havia apenas os dois, saindo e se divertindo.

— Quer ir para a cidade? Quero dizer, outra cidade, onde ninguém sabe quem somos. Talvez possamos assistir a um filme? — Perguntou Aden.

O que as garotas gostavam de fazer? O garoto nunca tinha tido um encontro romântico antes.

— Eu adoraria! — Ela segurou a mão dele e, num momento depois, o mundo derreteu, um vento surgiu e tudo o que estava em volta desapareceu. Ele piscou e pronto. Seus pés se apoiaram no chão, os prédios subitamente se elevaram em volta.

Aden riu.

— Você está ficando boa nisso.

— É, eu sei.

Como ela soava humana. Como soava doce. Aden olhou em volta. Eles estavam em um beco escuro. Havia uma rua com calçadas movimentadas a alguns metros dali. E, a poucos metros dessa rua, havia uma avenida ainda mais movimentada.

— Onde estamos?

— Em Tulsa. Não é muito longe de casa, mas também não é assim tão perto.

— Perfeito.

Aden, chamou Elijah. Volte para casa. Você precisa ir embora.

— Eu vou ficar bem.

— É claro que vai, mas, em vez de irmos ao cinema, o que você acha de irmos a uma discoteca? — Perguntou Victoria, sem saber que o garoto estava, na verdade, conversando com uma das almas. Entretanto, ele não a corrigiu.

— Acho que isso é... Possível. — Aden não sabia se dançava bem, nunca tinha dançado. Mas, por Victoria, ele tentaria. E ele poderia abraçá-la bem apertado, o que era ainda melhor.

Aden, por favor.

Uma noite, pensou o garoto. Isso era tudo o que ele queria.

— Amanhã. — respondeu.

— As almas? — Perguntou Victoria, dessa vez percebendo com quem o garoto falava.

— Sim.

— Eles serão nosso próximo projeto. — A pele quente de Victoria encostava em Aden enquanto eles caminhavam pela rua, juntando-se à multidão. — Não acredito que estamos fazendo isso. Quer dizer, eu amo você, mas isso parece tão... Superficial.

— Superficialidade. É disso que precisamos desesperadamente neste momento.

Está ouvindo, Elijah? Eu preciso disso.

— É verdade. Então, adivinhe só! — Empolgada demais para esperar, Victoria soltou a mão de Aden e pulou na frente dele, respondendo antes que ele pudesse tentar adivinhar. — Eu sei uma piada de humanos.

— Ah, é. — Ele empurrou vários fios de cabelo para trás do ouvido da garota. — Conte. — De canto de olho, Aden observou um movimento entranho e franziu a testa. Uma lata de lixo tinha se deslocado alguns centímetros sozinha? Certamente não. Certamente ele estava se tornando um paranóico, procurando por um perigo em cada sombra.

— Era uma vez um garoto que... — Victoria também franziu e olhou para onde os olhos de Aden apontavam. — O que é isso?

Aden. Aden, saia daí agora!

Um segundo depois, Tucker parecia surgir do nada, subitamente se posicionando diante de Aden, lágrimas descenderam por seu rosto.

— Que diabos...

A multidão e os carros desapareceram, Victoria também, deixando Aden em uma rua deserta. Uma rua deserta que ele tinha visto em inúmeras visões. Uma rua que ele temia encontrar. Que ele esperava evitar.

Aden recuou, preparando-se para lutar. Tucker fez a mesma coisa.

— Sinto muito. Muito, muito mesmo. — disse o demônio. — Ele me disse que você estaria aqui. Por que você tinha que estar aqui?

Antes que a última palavra saísse da boca de Tucker, antes que Aden pudesse partir para a ofensiva, uma dor aguda conhecida, detestada, temida, esperada, invadiu seu corpo, cortando ossos, músculos... Órgão. Cada batimento de seu coração fazia a ferida se tornar maior. Mais profunda.

O mesmo batimento do coração que o matinha vivo agora o estava matando.

Tucker fugiu, seus passos ressoaram.

A dor explodiu, tão pontiaguda quanto a lâmina. Aden olhou para baixo, viu o punho da arma pingando gotas vermelhas. Ele suspirou em meio ao sangramento e ouviu Victoria gritar seu nome. Onde ela estava? Aden ainda não conseguia vê-la. Ele estava sozinho. Ele morreria sozinho.

Nem mesmo um dia. Ele não teve nem mesmo um dia de descanso. Até Deus teve um dia para descansar. Pensamentos estranhos, ele meditou.

—Valeu a pena. — disse o garoto, esperando que Victoria pudesse ouvi-lo, onde quer que ela estivesse. Ela valia tudo, qualquer coisa. Aden não trocava os momentos que passara ao lado de sua vampira por nada.

A rua deserta cintilou, desapareceu. A rua movimentada ressurgia.

Ah, Aden, disse Elijah.

Caleb e Julian gritavam negações.

Então ele não estava sozinho. Ele tinha as almas. Fazia sentido. Eles tinham começado a vida juntos e agora chegariam ao fim também juntos.

Ali, Deus. Fim. O fim. Era o fim. Conforme essa palavra ecoava em sua cabeça, Aden percebeu que não estava pronto para partir. No entanto, a dor logo o arrastou... Ele estava caindo... Como uma mortalha, um cobertor negro o envolvia em uma maré de calor...

Ele já não sabia de mais nada.

Alguém deve ter dado choques elétricos no cérebro do garoto, afinal, ele subitamente sentiu espasmos por todo o corpo. E dor, tanta dor. Dor demais. A mortalha negra rapidamente o envolvia, graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus. No entanto, o choque elétrico o puxava para fora dela... O processo se repetiu diversas vezes.

— ... Salvá-lo. — Victória implorava a alguém. — Você precisa salvá-lo!

— Ele está gravemente ferido. — disse uma voz desconhecida. — E você já deu para ele todo o sangue que poderia perder. Se der mais uma gota, vocês dois vão morrer.

— Ele não vai morrer. — gritou a vampira. — Não podemos deixar que ele morra! Ele é o nosso rei!

Estou aqui, Aden tentava dizer à vampira, mas não conseguia forçar sua boca a se mover. As almas estão comigo, ele pensou. Afinal, o garoto podia ouvi-las gritando, embora elas também não conseguissem formar uma única palavra.

Era isso? O fim?

Fim. Palavra familiar.

— Tente transformá-lo. — disse Victoria de forma impulsiva. — Drene o corpo dele por completo e então preencha novamente com o que resta do meu sangue.

Um suspiro, cansado e triste.

— Já tentamos isso com outros, princesa. Você sabe. Nenhuma tentativa desde que Vlad se tornou rei foi bem-sucedida.

— Eu não me importo.

— Em alguns desses casos, o doador também morreu.

— Eu sei! Faça isso logo! Não há outra saída e tenho que tentar. Eu tenho que tentar. — repetiu a vampira, chorando.

Não, Aden queria gritar. Não arrisque sua vida, Victoria.

Qualquer coisa, menos isso.

O desconhecido suspirou novamente.

— Está bem. Ele é todo seu. Mas esteja ciente de que... Quando o seu povo descobrir que ele está fraco, e eles vão descobrir porque não conseguiremos manter esse segredo por muito tempo, haverá uma luta pela coroa. Não importa quão digno do trono Aden tenha se mostrado ser, sempre haverá aqueles que têm fome de poder. Os concorrentes tentarão atingi-lo enquanto puderem.

— Primeiro eles terão de encontrá-lo. E, quando ele voltar, e ele vai voltar, tenho certeza de que todos os que se atreveram a lançar um desafio serão punidos. Severamente punidos.

Uma batida ecoou. E várias outras batidas fortes. Passos. Uma arfada.

— Riley? — Disse Victoria.

— O que aconteceu com ele? Que diabos aconteceu com ele?

— Fique longe. Não toque nele. Estou transformando ele. Apenas fique aqui e mantenha todos calmos. Vou levar Aden para longe.

— Transformando? Longe? Victoria, você não pode fazer isso.

— Posso e vou. Fique longe!

Uma pausa.

— Está bem, está certo. Vou ficar longe. Mas há uma coisa que preciso contar para você. Algumas coisas, na verdade. E não posso ficar aqui por muito tempo. Mary Ann fugiu e eu a segui para ter certeza de que ela foi para um lugar seguro. Só voltei aqui para falar com você. Preciso voltar para onde ela está antes que ela decida ir para outro lugar e eu a perca de vista. Então, escute. Você foi desafiada por Draven pelos direitos de Aden. Seu pai está vivo e...

— Um desafio? Não! Não agora! E Mary Ann está bem... E... E o que você quer dizer com meu pai estar vivo? Riley, ele não pode estar vivo. Ele não pode estar vivo! Ele vai ferir Aden e vai... Não! Eu não deixarei que meu pai faça isso!

Então, o silêncio. Flutuando. A escuridão. Depois, Aden sentiu como se seu pescoço estivesse sendo rasgado e, dessa vez, conseguiu fazer sua boca se movimentar. Ele gritou.

Ele se debateu, ele lutou, ele ficou paralisado. Nada, Aden não tinha mais nada.

A mortalha, aquela mortalha abençoada. A mortalha o cobria e o protegia... Deslizando por seu corpo... Frio, tão frio...

Maldita mortalha... Ele a puxou de volta.

... Calor, tão calor...

Ele a afastou... Melhor, mas não por muito tempo. Deslizando novamente...

— Frio, tão frio.

Ele a puxou.

— Calor, tão calor.

Ele empurrou o mais forte que conseguiu. Chutou. Sem mortalha. Não havia mais mortalha.

... Dor, tanta dor...

— Dor, tanta dor.

O tempo era um oceano infinito de mudanças. Aden foi levado pelas ondas, arrastado até a superfície. Lutou. Foi empurrado de volta. Foi levado outra vez... Frio, tão frio... E ele se perguntava... Calor, tão calor... Se algum dia encontraria o caminho de volta para casa. Casa, onde era sua casa? A resposta o iludia. Excesso de tagarelices, incoerências, aborrecimentos. A dor havia voltado. Mas a mortalha, não. Obrigado, Deus, a mortalha não.

O oceano desapareceu em um piscar de olhos. Aden viu uma caverna. Agora ele detestava cavernas. Ele viu a si mesmo, como estava doente, pálido, e sofrendo. O suor pingava de seu corpo, lavando o sangue que o cobria. Ele viu Victoria, pálida e doente, deitada ao seu lado, debatendo-se, gemendo, e ouviu os pensamentos da vampira, todos os pensamentos que ela teve durante a vida, e esses pensamentos eram tão altos que ele não conseguia suportá-los, não podia distingui-los. Havia memórias demais na cabeça de Aden, as memórias dela, as memórias dele, a dor dela, a dor dele, mais do que possivelmente caberia ali. E, se nada acontecesse logo, ele explodiria, explodiria em milhares de pedaços que nunca mais seriam reunidos.

Aden queria a mortalha outra vez.

Então um silêncio se instalou. Calma. Silêncio e calma vieram, mas não duraram muito. Um pouco distante, ele ouviu um rugido. Não, o rugido não estava distante. Mais alto... Mais alto... Mais próximo... Tão próximo. Dentro dele. O rugido estava dentro dele, preenchendo-o, quase rasgando seus poros. Pelo menos a tagarelice tinha chegado ao fim. Quente... Ele estava mais quente do que antes. Ardente, causticante, reduzindo-se a cinzas. Tomando forma novamente, tecendo tudo junto novamente, mais forte, mais pesado, ainda mais quente.

— Aden.

Onde estava o frio? Ele queria que o frio voltasse.

— Aden, por favor, abra os olhos.

Aquela voz se misturava ao rugido.

A boca do garoto estava seca como amianto, com a gengiva e a língua inchadas, e os lábios feridos. Ele tinha a sensação de que seus músculos e ossos tinham sido espancados com um taco de beisebol.

— Aden!

Os olhos do garoto se abriram por vontade própria. Ele tremia, ainda suado. Uma Victoria pálida pairava sobre ele, os cabelos negros caíam como uma cortina ao redor de seu rosto. Havia bolsas escuras sob os olhos da vampira, olhos vidrados, doloridos. E ela tapava as orelhas com as mãos, encolhendo-se.

Aquilo era um sonho? Ou ele tinha morrido e ido para o paraíso? Não, Aden não poderia ter ido para o paraíso. Ele ainda ouvia aquele rugido assustador, ainda se sentia como se estivesse pegando fogo, agredido e ferido.

— Aden. — ela gemeu.

Ele se levantou. A vertigem o atingiu e, logo depois, desapareceu. A dor o atingiu. E permaneceu.

— O que há de errado? — As palavras saíram ininteligíveis entre dentes que ele não reconheceu. Entre... Presas? Ele passou a língua pelos incisivos. Não, nada de presas. Ele não sabia exatamente o que aquilo significava. Não sabia o que havia de errado com ele ou o que tinha acontecido.

Bem, ele sabia que Victoria lhe tinha dado um pouco de sangue. Sabia que ela tinha tentado transformar o garoto em vampiro para salvá-lo. Aden não tinha se esquecido da conversa que ouvira. No entanto, não sabia muito mais que isso. Como ele estava vivo se a transformação não tinha acontecido?

Aden queria perguntar.

— As almas. — disse Victoria antes que ele pudesse questioná-la. — As almas estão comigo. Dentro de mim. Conversando. Por que elas não ficam em silêncio? E você...Você... Eu acho que você está com minha besta.

Victoria teve um colapso, como se apenas tivesse conseguido manter suas forças para fazer essa confissão antes de cair nos braços de Aden.

Incapaz de processar o que tinha ouvido, ele a segurou, abraçou-a bem apertado. O cérebro do garoto ainda não estava funcionando direito, seus pensamentos se estilhaçavam em fragmentos breves e a fadiga o invadia. Aden se deitou, levando Victoria com ele.

Eles estavam vivos. Esse pensamento era claro. Seja lá o que tivesse acontecido com os dois, eles estavam vivos. O resto poderia ser compreendido mais tarde. E, independentemente das mudanças pelas quais ele tinha passado, independentemente do que eles fariam depois, eles obteriam sucesso. Disso, Aden não duvidava. Eles tinham derrotado as bruxas e acabado com o feitiço de morte. Eles superariam isso também. Ele e Victoria tinham um ao outro e isso era tudo o que importava.

— Não me solte. — disse Victoria, deitada contra o peito dele.

Aden estava surpreso por ela ter acordado. Surpreso e feliz.

— Não vou soltar. Nunca vou soltar.

Sim, eles tinham um ao outro, eles sempre teriam um ao outro. E conseguiriam enfrentar o que estava por vir.

Ele esperava.

Glossário de personagens e termos

Brian: morador do D&M.

Bestas: seres demoníacos que habitam o interior dos vampiros.

Brianna Buchanan: amiga de Mary Ann, irmã de Brittany.

Brittany Buchanan: amiga de Mary Ann, irmã de Brianna.

Bruxas: lançadoras de feitiços capazes de produzir magia.

Caleb: alma presa na cabeça de Aden. Pode possuir outros corpos.

Dan Reeves: dono do Rancho D&M.

Dmitri: noivo falecido de Victoria.

Dr. Hennessy: novo terapeuta de Aden.

Dr. Morris Gray: pai de Mary Ann.

Draven: vampira escolhida para sair com Aden.

Duendes: criaturas pequenas, famintas por carne.

Elijah: alma presa na cabeça de Aden, capaz de prever o futuro.

Escravos de sangue: humanos viciados na mordida dos vampiros.

Eve: alma que já esteve presa na cabeça de Aden. Podia viajar no tempo. Mãe de Mary Ann.

Elfo: masculino de fada. Protegem os humanos e são inimigos dos vampiros.

Fadas: protetoras dos humanos, inimigas dos vampiros.

Haden Stone: conhecido como Aden. Um humano que atrai o sobrenatural e que tem três almas presas em sua cabeça.

***je la nune*:** líquido venenoso que pode ser fatal para os vampiros.

Jennifer: uma bruxa.

Julian: alma presa na cabeça de Aden. É capaz de levantar os mortos.

Lauren: princesa—vampira. Irmã mais velha de Victoria.

Maria, a Sanguinária: rainha de um clã de vampiros, rivais do clã de Vlad.

Marie: uma bruxa.

Mary Ann Gray: humana. Repele o sobrenatural.

Maxwefl: lobisomem mutante. Irmão amaldiçoado de Riley.

Meg Reeves: esposa de Dan.

Nathan: lobisomem mutante. Irmão amaldiçoado de Riley.

Ozzie: ex-morador do D&M. Falecido.

Penny Parks: está grávida de Tucker. Melhor amiga de Mary Ann.

Rancho D&M: casa de recuperação para adolescentes desobedientes.

Riley: lobisomem mutante, guardião de Victoria.

RJ: morador do D&M.

Ryder: morador do D&M.

Sr. Hayward: professor de Anatomia na Crossroads High.

Sr. Klien: professor de Química na Crossroads High.

Sr. Thomas: príncipe elfo, fantasma.

Sta. Brendal: princesa fada, irmã do senhor Thomas.

Seth: morador do D&M.

Shane Weston: adolescente humano, amigo de Tucker.

Shannon Ross: colega de quarto de Aden.

Stephanie: princesa-vampira, irmã mais velha de Victoria.

Sugador(a): humano que se alimenta de habilidades sobrenaturais e, por fim, destrói aqueles que as possuem.

Terry: morador do D&M

Tucker Harbor: ex-namorado de Mary Ann. Parcialmente demônio e capaz de criar ilusões.

Vampiros: aqueles que se alimentam do sangue humano e têm um demônio preso dentro deles.

Victoria: princesa vampira.

Vlad, o Empalador: antigo rei do clã dos vampiros vindos da Romênia.

Gena Showalter



Gena Showalter nasceu em 1975 em Oklahoma, nos EUA. Ela sempre acreditou no amor. Uma leitora ávida de romance, ela decidiu tentar escrever suas próprias histórias e agora é uma das autoras de romances sensuais paranormais mais aclamada no mundo todo. Suas histórias sensuais tem uma mistura de perigo, humor e sexo perversamente quente, uma combinação que com certeza vai te encantar. Ela vendeu seu primeiro livro aos 27 anos, já publicou mais de 27 títulos e é autora consagrada e Best Seller.

<http://members.genashowalter.com/>



Sanctuary of Souls

"Asylum of the ones whose souls
are buried in the dark sanctuary"



Email: sanctuary_of_souls@live.com

Orkut: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=111675904>